



LEON URIS

*Mila 18*

# DADOS DE COPYRIGHT

---

## **SOBRE A OBRA PRESENTE:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

---

## **SOBRE A EQUIPE X LIVROS:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

---

**"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."**

---

**LEON URIS**

**MILA 18**

1961

TÍTULO: Mila 18  
AUTOR: URIS, Leon  
LOCAL DA PUBLICAÇÃO: Lisboa  
EDITORA: Publicações Europa-América  
Data da publicação: Maio de 1962  
GÉNERO: Romance  
CLASSIFICAÇÃO: Estados Unidos – Século XX — Ficção  
COLECÇÃO: Século XX n.º 46  
DIGITALIZADO E CORRIGIDO POR:  
Aventino de Jesus Teixeira Gonçalves  
Novembro de 2004

Obras publicadas na Coleção *SÉCULO XX*:

- 1 — *A Centelha da Vida*, Erich-Maria Remarque
- 2 — *Tempo para Amar e Tempo para Morrer*, Erich-Maria Remarque
- 3 — *08/15 — A Caserna*, Hans Hellmut Kirst
- 4 — *Filho de Ladrão*, Manuel Rojas
- 5 — *08/15 — A Guerra*, Hans Helmut Kirst
- 6 — *O Denunciante*, Liam O'Flaherty
- 7 — *08/15 — A Derrota*, Hans Hellmut Kirst
- 8 — *Uma Mulher em Berlim*, Christine Garnier
- 9 — *Trabalho sem Esperança*, Kamala Markandaya
- 10 — *Fim de Semana em Zuydcoote*, Robert Merle
- 11 — *A Oeste Nada de Novo*, Erich-Maria Remarque
- 12 — *Um Rapaz de Florença*, Vasco Pratolini
- 13 — *A Meta*, Yves Gibeau
- 14 — *A Barca dos Sete Lemes*, Alves Redol
- 15 — *Deus Dorme em Masúria*, Hans Hellmut Kirst
- 16 — *Chora, Terra bem Amada!*, Alan Paton
- 17 — *Nem só de Pão Vive o Homem*, Vladimir Dudintsev
- 18 — *Um Intimo Furor*, Kamala Markandaya
- 19 — *A Náusea*, Jean-Paul Sartre
- 20 — *2455 — Cela da Morte*, Caryl Chessman
- 21 — *Fontamara*, Ignazio Silone
- 22 — *Uma Família de Atenas*, André Kedros ;
- 23 — *Era a Madrugada*, Emmanuel Robles
- 24 — *Vinho e Pão*, Ignazio Silone
- 25 — *Entre o Pavor e a Esperança*, Loys Masson
- 26 — *A Pousada da Sexta Felicidade*, Alan Burgess f
- 27 — *A Morte é o Meu Ofício*, Robert Merle
- 28 — *Condenado em Nome da Lei*, Caryl Chessman
- 29 — *Gabriela, Cravo e Canela*, Jorge Amado
- 30 — *De Víbora na Mão*, Hervé Bazin
- 31 — *A Face da Justiça*, Caryl Chessman
- 32 — *O Último Justo*, André Schwarz Bart

- 33 — *O Garoto Era Um Assassino*, Caryl Chessman
- 34 — *Desenraizados*, Erich-Maria Remarque
- 35 — *Exodus*, Leon Uris
- 36 — *A Felicidade não Se Compra*, Hans Hellmut Kirst
- 37 — *Sentinela Inútil*, René Hardy
- 38 — *A Ponte*, Manfred Gregor
- 39 — *Terra de Nod*, Judith Navarro
- 40 — *Infortúnio de Amar*, Claude Roy
- 41 — *Um Silêncio de Desejo*, Kamala Markandaya
- 42 — *A Última viagem do «Port Polis»*, André Kedros
- 43 — *Esteiros*, Soeiro Pereira Gomes
- 44 — *Esmeralda*, Stratis Myrivilis
- 45 — *Jantar Mundano*, Claude Mauriac
- 46 — *Mila 18*, Leon Uris

*Este romance foi traduzido da edição original americana com o título Mila 18.*

*Tradução de H. Silva Letra.*

*Copyright by Leon Uris.*

*Todos os direitos reservados para a língua portuguesa por Publicações Europa-América, Ltda.*

*Este livro é dedicado a ANTEK-ITZHAK ZUCKERMAN, ZIVIAH LUBETKIN e o todos os outros que participaram, num momento imortal, na luta pela liberdade e dignidade humanas, e particularmente ao DR. ISRAEL I. BLUMENFELD*

*Com exceção das personagens históricas, as figuras são inteiramente produto da imaginação do autor e não têm qualquer relação com pessoas reais.*



# **PARTE I**

# CAPÍTULO I

Entrada do diário

– Agosto, 1939.

Este é o primeiro registo do meu diário. Sinto que a guerra vai estalar dentro das próximas semanas. Se as lições dos três últimos anos podem funcionar como barómetro, algo de terrível acontecerá aos três milhões e quinhentos mil judeus que vivem na Polónia se a Alemanha conseguir invadi-la. Talvez a tensão dos últimos dias me torne dramático. Talvez o meu diário seja completamente desnecessário e não passe de um desperdício de tempo. Como historiador, porém, tenho de satisfazer o impulso de registar tudo o que se passa à minha volta.

*Alexander Brandel*

A chuva do fim do Verão tamborilava nas vidraças das altas janelas que se erguiam do chão até ao teto.

A enorme sala era tipicamente polaca; mobilara-a, sem dúvida, um fidalgo da província, que a utilizara como ninho, para a sua amante de ocasião, aquando das suas vindas a Varsóvia. Toda a evidência de ocupantes femininas havia desaparecido. Era uma sala rígida, masculina e sólida. A ausência, agora, do seu requinte primitivo explicava-se pelo fato de o seu atual inquilino ser um cativo jornalista possuidor de certas características do celibatário, entre elas a negligência.

Christopher de Monti era uma pessoa desordenada, mas nem por isso menos aceitável. A governanta quase tinha prazer em arrumar lhe o quarto, pois ele sabia escolher com gosto primoroso os seus discos, livros, tabaco e licores e possuía um guarda roupa com as melhores etiquetas britânicas.

Num canto, próximo da janela, via-se uma máquina de escrever, uma resma de papel e um cinzeiro repleto de pontas de

cigarros.

A cama de solteiro encontrava-se numa funda alcova que era isolada da sala por meio de uma cortina de veludo. Uma mesinha ao lado da enorme cama tinha em cima um velho modelo de rádio alemão com a forma de vitral. Do rádio evolavam-se as notas tristes do Noturno de Chopin em lá bemol.

Era, aliás, tudo o que, naqueles dias, se conseguia ouvir na Rádio Polskie; Chopin interpretado por Paderewski eram noturnos.

Parecia que a noite ia novamente tombar sobre a Polónia.

Num estado de semi-sonolência, Chris grunhiu e estendeu os braços a todo o comprimento, tentando alcançar Deborah.

Ela já se levantara. Abriu os olhos e perscrutou os cantos mais escuros da alcova. Depois tranquilizou-se ao ouvi-la na sala contígua.

Tateou a mesinha até encontrar um maço de cigarros e depois deixou-se ficar a ver o fumo evolvar-se em lentos círculos, enquanto o noturno vibrava num crescendo. Chris, voltando-se de lado, mirou Deborah por entre uma abertura dos cortinados. O seu corpo seminu estava banhado pelas sombras da noite que caía. Chris adorava vê-la vestir-se.

Ela apoiou um pé na beira de uma cadeira, esticou a perna, calçou as meias e abotoou a blusa e a saia sem esforço aparente. Depois parou em frente do espelho, colocando ganchos no longo cabelo e espetando-os com um rápido gesto nervoso. Ele recordava-se do dia em que, um por um, lhe retirara todos os ganchos do cabelo até vê-lo solto como seda negra. Deborah vestiu a gabardina e abotoou-a, sem dar a perceber que sentia os olhares de Chris, e, com certa brusquidão, dirigiu-se para a porta.

— Deborah!

Ela parou e apoiou a testa contra a porta.

— Deborah!

Retrocedeu para a alcova e sentou-se na beira da cama.

Chris esmagou o cigarro no cinzeiro, rolou pela cama e descansou a cabeça no colo dela. Os olhos de Deborah encheram-se de melancolia. Os seus dedos percorreram o rosto, a boca, o pescoço e os ombros de Chris, que a contemplava.

“Que linda és”, pensou, Era quase bíblica. Um tom verde-escuro de azeitona. Uma Deborah da Bíblia Quando, por fim, ela se pôs de pé, Chris segurou lhe o pulso e ela sentiu que a mão do amante tremia.

— Não podemos continuar assim. É melhor que eu lhe diga tudo.

— Seria a morte dele, Chris.

— E eu? Isto também me mata.

— Por favor!

— Hoje à noite vou falar com ele.

— Oh, meu Deus! Porque é que tem de ser tudo assim?

— Assim será até que sejas minha esposa.

— Não vás falar com ele, Chris, peço-te!

Ele libertou-a.

— É melhor partires — sussurrou. Virando-se na cama, voltou lhe as costas.

— Chris... Chris...

O orgulho mantinha-o silencioso.

— Telefonar-te-ei — disse ela. — Quererás ver-me?

— Bem sabes que quero.

Ergueu-se e vestiu um roupão, enquanto ouvia o som dos passos dela no vestíbulo de mármore. Afastou as cortinas das janelas. A chuva transformara-se numa névoa leve e triste. Deborah apareceu lá em baixo, no Bulevar de Jerusalém. Ergueu os olhos para a janela do quarto de Chris e acenou lhe num gesto rápido; depois atravessou a rua, a correr, dirigindo-se para um grupo de droshkas que aguardavam passageiros. O cavalo afastou-se, dobrou a esquina e perdeu-se de vista.

Chris deixou cair as cortinas, ofuscando a luz que entrava pela janela, dirigiu-se para a cozinha, encheu uma chávena com café que Deborah fizera e, caindo sobre uma cadeira, escondeu o rosto entre as mãos, abalado por esta despedida.

Na telefonia, um locutor divulgava num polaco nervoso o último insucesso diplomático, dos quais havia uma montanha.

## CAPITULO II

Entrada do diário.

Acabamos de saber que a Rússia e a Alemanha estão prestes a anunciar um pacto de não-agressão. Parece impossível que os dois inimigos mais irreduzíveis do planeta, que só pensam em destruir-se mutuamente, tenham chegado a isto. A tática de Hitler tem uma certa lógica. É claro que quer neutralizar a Rússia e evitar por agora a possibilidade de uma guerra em duas frentes (isto é, se a Inglaterra e a França cumprirem os seus deveres para com a Polónia). Creio que Stalin receberá metade da Polónia e que neste preciso momento estamos a ser divididos sobre uma longa e polida mesa algures em Moscovo.

*Alexander Brandel*

Nas embaixadas, departamentos de Estado, chancelarias, ministérios dos negócios estrangeiros, consulados, gabinetes, organismos militares, serviços secretos, agências noticiosas, homens frenéticos reuniam-se em conferências intermináveis, empenhavam-se em jogos de guerra, berravam pelos telefones, amaldiçoavam, rezavam, suplicavam.

Um rasto imenso de tratados não cumpridos estendia-se por toda a parte, qual fila de cadáveres após uma invasão mongol.

Homens de boa vontade pareciam estupefatos com a lógica sinuosa atrás da qual berravam e se pavoneavam milhões de pessoas civilizadas, que mais lembravam histéricos robôs. Aniquilados pelo terror hipnótico dos acessos de ira que revelavam o génio louco de Adolfo Hitler, os homens de boa vontade afundavam-se no atoleiro, incapazes de se libertarem do monstro que tudo consumia.

Os geopolíticos haviam dividido o mundo em áreas de mão-de-obra e de matérias-primas e apresentado um plano que faria

empalidecer de inveja Gengis Khan ou qualquer outro vilão de todas as épocas.

As multidões alemãs congregavam-se com entusiasmo, desferindo brados terríveis :

«Sieg Heil! Sieg Heil! Sieg Heil!” «Lebensraum!” («Espaço vital!”) «Sieg Heil!” E estavam prontas a desempenhar o papel de deuses teutónicos da guerra ao som da música de fogo wagneriana.

«Devemos salvar os Alemães da tirania estrangeira! Um alemão é sempre um alemão!” «Sieg Heil!” A Áustria e a Checoslováquia serviram de teste. Rubro devido às vitórias sem efusão de sangue, com a certeza de que a América, a França e a Inglaterra não entrariam na luta, o cancro nazi alastrava.

«Dantzing é alemão! Queremos o Corredor Polaco! Queremos as fronteiras de 1914! Que cesse o desumano tratamento a que os Alemães estão sujeitos!” «Sieg Heil!” Uma vez mais um mundo indiferente se pôs à parte, enquanto homens de baixa estatura da raça amarela se digladiavam num local chamado Manchúria, uma vez mais a França se pôs a arengar surdamente quando a Alemanha, violando o Tratado de Versalhes, penetrou na Renânia e uma vez mais os homens se entregaram a grandes discussões, que depois abandonaram com alívio, enquanto negros que viviam em choupanas de barro se batiam, armados de lanças, pela sua pátria... um país estranho, cujo nome as crianças usavam nos seus jogos — Abissínia.

Um mundo em marasmo estremecia perante a esterilidade da democracia e a Espanha sofreu a presença de tropas alemãs, italianas e marroquinas.

Agora a Áustria e depois a Checoslováquia; os justos amedrontavam-se e os perversos tornavam-se mais ousados.

Anteriormente os arautos da paz haviam anunciado ao mundo que tinham redigido um programa de paz numa cidade chamada Munique. À medida que se aproximava a hora da Polónia, chegava-se à conclusão de que não havia local algum para onde fugir, de que já não valia a pena falar, de que os tratados eram letra morta.

Em Moscou, um astuto jogador de xadrez sabia que o grande sonho dos aliados era lançar a Rússia e a Alemanha numa luta de

morte. A sua falta de confiança na Inglaterra e na França fora cimentada por décadas seguidas de boicotagem, Ou por duras lições, como quando a República Espanhola fora abandonada e, finalmente, ao não ser a Rússia convidada a assistir às reuniões de Munique.

Hitler, conhecedor da timidez dos aliados, sabendo que as suas evasivas se estenderiam também à Polónia, afinou as suas trombetas de guerra e imediatamente foi acolhido por rufos de tambor e pelo bater surdo das botas dos soldados.

Joseph Stalin não estava menos certo da traição dos aliados. Numa desesperada tentativa para ganhar tempo, entrou em negociações com o seu inimigo. Para assegurar uma vitória fácil, Hitler negociou com Stalin, e os aliados gritaram: «Porco!» E, no meio de tudo isto, uma Polónia orgulhosa e desconfiada, que odiava a Alemanha e a Rússia com o mesmo vigor, pôs fim a todas as esperanças de unidade ao recusar-se a pedir auxílio à Rússia.

Chris enfiou o Fiat pelo bulevar batido pela chuva e contornou a esquina da Rua do Novo Mundo, toda orlada de grandes lojas. Lá fora estava tudo cinzento. Derradeiros transeuntes moviam-se rapidamente junto às paredes e passavam céleres pelas elegantes montras. Perto da Rua Traugutta, onde terminavam as lojas, a Rua do Novo Mundo mudava de nome e passava a ser o Bulevar dos Subúrbios de Cracóvia, por motivos que ninguém conseguia compreender.

Chris dirigiu-se para o semi-envelhecido, semi-elegante, Hotel Bristol. O hotel era um óptimo quartel-general para os jornalistas. Tinha um esplêndido serviço e ficava situado no vértice de um triângulo que envolvia o Hotel Europa, o Ministério dos Negócios Estrangeiros, o palácio presidencial e a Câmara Municipal de Varsóvia. Entre estes pontos de referência havia sempre um constante fluxo de notícias.

Chris deixou o carro junto do porteiro e, atravessando o vestíbulo barulhento, dirigiu-se a um elevador. Otis, aberto, dos tempos da primeira guerra mundial.

No primeiro andar entrou num apartamento em cuja porta se podia ler «Swiss News Agency”.

Ervin Rosenblum, fotógrafo e jornalista e braço direito de Chris, estava diante da mesa de trabalho, coberta de fotografias, telegramas, crônicas e provas.

Chris caminhou até junto da mesa e, sem proferir uma única palavra, agarrou num monte de despachos telegráficos com as últimas notícias. Um a um, deixou-os cair no chão. Ervin Rosenblum era um homem vulgar, com 1,75 m de altura e praticamente cego se não usasse uns óculos de grossas lentes. Enquanto Chris lia, Ervin rebuscava as algibeiras à procura de cigarros.

— Céus! — murmurou Chris. — Não há dúvida de que vai começar bem cedo o tiro aos pombos.

Ervin desistiu das suas pesquisas.

— Fixe bem isto: a Polónia vai lutar — disse.

-Talvez seja melhor não o fazer.

Ervin olhou nervosamente para o relógio.

— Onde diabos estará Susan? Tenho de levar isto para o laboratório. — Agarrou na máquina fotográfica e meteu algumas lâmpadas nos bolsos. — Chris, achas que a Inglaterra e a França serão capazes de nos auxiliar?

Chris, prosseguindo a leitura do noticiário, disse :

— Quando é que tu e Susan se casam?

— Não consigo retê-la o tempo suficiente para lhe perguntar isso. Se não está num orfanato, está numa reunião sionista. Já ouviste falar de alguém que vá a seis reuniões por semana? Só os Judeus podem falar tanto. Se conseguir ficar no conselho executivo, já poderei encontrar-me com ela. Minha mãe quer saber se jantas hoje conosco. Fez um pitéu especial para ti.

— Pitéu especial? Lá estarei numa pausa do trabalho.

Susan Geller entrou nesse momento. Era tão baixa e vulgar como Ervin. Faltava lhe quase tudo o que é belo nas mulheres. Tinha o cabelo liso, atado em carrapito, no alto da nuca, sob o pequeno barrete branco de enfermeira.

As mãos eram grossas e estavam deformadas pelo hábito de erguer doentes e mudar roupas de cama, mas logo que falou toda a fealdade desapareceu. Susan Geller era uma das mais ternas mulheres do mundo.



— Chegaste com meia hora de atraso — disse Ervin a título de saudação.

— Olá, querida — disse Chris.

— Sempre és mais delicado — disse Susan, respondendo a Chris.

Ervin empacotou uma mão-cheia de negativos, filmes, lâmpadas e a máquina fotográfica.

— Deixo-te tudo o resto — disse ele a Chris.

— Podes passar pelo palácio presidencial? Vê se encontras Anton. Talvez nos consiga uma entrevista de cinco minutos com Singly-Rydz. Possivelmente já mudou de cantiga, agora que os Russos e os Alemães fizeram um pacto de não-agressão.

O telefone tocou. Ervin levantou o auscultador com a mão que ficara livre.

— Está?... Um momento. — Cobriu o bocal e disse: Espera lá fora, Susan. Vou já.

Susan e Chris despediram-se num aceno.

— Quem é, Rosy?

— O marido de Deborah — respondeu Ervin, entregando-lhe o telefone.

— Olá, Paul Como vai?

— E como vai você. Chris? Tinha acabado de dizer a Deborah que nós e as crianças sentíamos já muito a sua falta.

— Tenho estado muito ocupado.

— Faço ideia!

— Desculpem-me não vos ter telefonado. Como é que está Deborah?

— Ótima, ótima. Porque não vem jantar conosco amanhã?

O embuste tornava-se insuportável. Sempre que via Deborah e Paul juntos, ou quando pensava que ambos partilhavam o mesmo leito, sentia crescer a náusea que lhe suscitava aquela situação.

— Parece-me impossível, Paul. Tenho de enviar Rosy a Cracóvia e...

Paul Bronski quase segredou :

— É muito importante que venha. É um caso urgente.

Digamos às sete, sim?

Chris ficou alarmado. O tom de voz de Paul lembrava uma ordem. Talvez Paul Bronski estivesse disposto a fazer o que Deborah evitava. Ou talvez tudo isto fosse fantasia.

Eram bons amigos. Porque não havia ele de o convidar para jantar?

Lá estarei — disse Chris.

## CAPÍTULO III

Entrada do diário.

Tenho estudado o procedimento dos alemães residentes na Áustria e na Checoslováquia. Têm tido um trabalhão a minar o ambiente para preparar a entrada dos exércitos alemães. Transformaram Dantzing num inferno. Mas depois do «Anschluss» austríaco cessaram as suas atividades. Na semana passada não houve notícias deles aqui. Isto fará parte do programa? Será a bonança antes da borrasca?

A história ir-se-á repetir?

Todos os rapazes que conheço estão a ser chamados às fileiras. Smigly-Rydz vai-se bater. O temperamento e a história polaca assim o exigem.

*Alexander Brandel.*

— Nós, Polacos, estamos infelizmente colocados entre a Rússia e a Alemanha. O tráfego entre as duas nações tem sido muito ativo”, dizia o Dr. Paul Bronski, diretor da Faculdade de Medicina, perante um auditório extraordinariamente numeroso de estudantes e professores. — Temos sido espezinhados. Já deixámos de existir, mas o nacionalismo polaco gera sempre o patriotismo que nos leva à restauração.

Aplausos espontâneos interromperam o discurso.

— A Polónia está de novo em apuros. Os nossos dois amigos nunca descansam. A situação é tão urgente que já começaram a convocar os cidadãos mais velhos, como este espécime que está diante de vós.

Algumas gargalhadas saudaram a auto-apreciação de Paul. Embora calvo e de ombros descaídos, Paul mantinha ainda uma compleição robusta.

— Apesar do erro dos altos-comandos ao chamarem-me para o Exército, garanto-vos que a Polónia sobreviverá.

Na última fila do auditório, o Dr. Franz Koenig mantinha-se aparentemente tranquilo, encarando o mar de rostos que o contemplavam. A partida de Bronski despertara nele um contentamento que nunca sentira. A sua longa e interminável espera estava prestes a terminar.

— Deixo esta Universidade simultaneamente triste e alegre.

As perspectivas de guerra entristecem-me. Mas estou satisfeito com o que aqui fizemos e feliz porque deixo muitas amizades.

Koenig nem sequer ouviu o resto. Já sabia que em breve todos chorariam. Bronski possuía o condão de pôr tal comoção na voz que nunca deixava de provocar as lágrimas aos ouvintes.

Estavam todos de pé, e lágrimas incontidas rolavam pelos rostos jovens dos estudantes e até pelos rostos enrugados de velhos professores indulgentes, enquanto entoavam hinos escolares e antífonas semelhantes aos hinos escolares e às antífonas que se cantam em todo o mundo.

Olhem para Bronski! Submerso pelo seu adorado público!

Apertando mãos, distribuindo cumprimentos até ao fim. O «amado» Bronski! «A Universidade de Varsóvia sem Paul Bronski não é a Universidade de Varsóvia.» «Não tocaremos no seu gabinete até ao seu regresso.» «O seu gabinete», pensou Koenig. «O seu gabinete!» O Dr. Paul Bronski, o «amado» Paul Bronski, terminara as suas últimas instruções, ditara a sua última carta e despedira-se da chorosa secretária com um abraço afetuoso.

Agora estava só.

Circundou os olhos pela sala. Paredes apaineladas cobertas de troféus que os diretores de Uma Faculdade de Medicina sempre colecionam. Diplomas, medalhas e fotografias de cursos. Um álbum de glórias.

Arrumou os últimos papéis numa pasta de cabedal.

Sobre a secretária só ficara uma fotografia de Deborah e dos filhos. Meteu-a numa gaveta e fechou-a à chave. E era tudo.

Alguém bateu brandamente à porta.

— Entre!

Entrou o Dr. Franz Koenig. O homenzinho de cabelo e bigode grisalhos avançou timidamente até junto da secretária.

Há muito tempo que trabalhamos juntos, Paul. Nem tenho palavras para me exprimir.

Paul Bronski estava divertido. Uma frase magnífica... uma amável troca de palavras. O Dr. Koenig era um homem sem humor que nunca acreditaria que duvidassem da sua sinceridade.

— Franz, recomendo-lhe que utilize o meu gabinete...

— Ninguém o utilizará...

— Oh, não diga isso...

E mais amabilidades... e outra despedida.

Franz Koenig aguardou no seu próprio gabinete que Paul saísse e depois voltou ao gabinete do diretor. Os seus olhos fixaram-se no cadeirão de coiro atrás da secretária de Bronski. Dirigiu-se para ela e tocou-lhe levemente com os dedos. Sim, no dia seguinte fixar-se-ia naquele gabinete e tudo correria pelo melhor.

«O meu cadeirão... diretor da Faculdade! O meu cadeirão.

Sem Bronski, esse fala-barato." Esperara dez anos.

O cargo estivera sempre ocupado por Bronski. Pela primeira vez, em seis décadas, tinha-lhes propiciado preencher o cargo com um graduado da Universidade. E por isso escolheram Bronski. «Contra mim levantou-se uma campanha surda só pelo fato de eu ser alemão. Estavam tão ansiosos de eleger Bronski que até se esqueceram de que ele era judeu." Franz regressou ao seu gabinete, pegou na gabardina, colocou a bengala debaixo do braço e encaminhou-se, trotando, pelo longo corredor. Os estudantes cumprimentaram-no e compuseram as capas à sua passagem.

Aproximou-se dos grandes portões de ferro forjado. Um grupo de alunos bloqueava a passagem. O grupo emudeceu subitamente e depois dissolveu-se, enquanto Franz sentia os olhares dos rapazes incidindo sobre ele.

Como o procedimento dos estudantes era diferente, pensou.

Cessara a vaga indiferença. Era agora um homem que devia ser respeitado, temido até. «Temem-me?" Este pensamento deliciava-o.

A sua própria mulher, polaca e gorda, procedia já de maneira diferente.

Sentia-se feliz. Tentou mesmo assobiar. Chegara, por fim, ao termo de uma longa viagem.

Tal como a grande maioria dos alemães residentes na Polónia, Franz Koenig nascera na Polónia Ocidental, em território outrora ocupado pelas forças alemãs e libertado depois da grande guerra de 1914-1918. Na sua juventude a família mudara-se para Dantzing, localizada num espaço geográfico conhecido pelo nome de Corredor Polaco e que separava a Prússia Oriental do território alemão para que a Polónia tivesse acesso ao mar. Era uma divisória anormal.

Dantzing e o Corredor Polaco, cheios de alemães e de polacos, transformaram-se num espinho para o orgulho alemão e objeto de ameaças e reivindicações.

Franz Koenig provinha de uma família burguesa de comerciantes. Recebera a clássica educação médica em Heidelberg e na Suíça e era um homem verdadeiramente moderado. Embora empolgado pela querela de Dantzing, não se considerava alemão nem polaco, nem qualquer outra coisa, além de bom médico e professor, profissões que ultrapassavam os limites de todas as nacionalidades.

Franz Koenig era o homem adequado para o cargo que ia desempenhar na Universidade de Varsóvia. A rapariga polaca com quem se casara era uma mulher séria. Ele vivia a seu modo, inofensivamente, gozando na intimidade do seu gabinete a boa música e as boas leituras. As ambições matrimoniais da esposa polaca nunca o preocuparam, e ela desistiu, desgostosa, e engordou.

Quando os nazis ascenderam ao poder, Franz Koenig ficou embaraçado com as suas atitudes. Com um arrebatamento raro nele, referiu-se aos «camisas castanhas» das SA apodando-os de «fanfarrões». Sentiu-se feliz por se encontrar em Varsóvia, longe da confusão que reinava na Alemanha.

Mas tudo se modificara.

Passou-se um mês, uma semana, um dia, um momento.

O lugar de diretor da Faculdade de Medicina estava vago. Por antiguidade, competência e devoção, o lugar pertencia lhe.

Antecipando-se à proposta que lhe fariam, e que não passaria de mera rotina, escreveu um discurso pateta, mas adequado, aceitando o lugar. Nunca proferiu o discurso.

Paul Bronski, quinze anos mais novo, fora empossado.

Recordava-se de Kurt Liedendorf, o chefe dos alemães residentes na Polónia, a segredar lhe ao ouvido :

— É um golpe em todos nós, em todos nós, Alemães, Dr. Koenig. E um insulto terrível.

— Disparate... disparate.

-ora talvez o senhor compreenda que o Tratado de Versalhes ;;os diminuiu. Repare... Heidelberg... Genebra.

Um homem de cultura. Também o senhor foi diminuído.

Foi vítima de uma conspiração de judeus. Todos nós, Alemães, fomos vítimas de conspirações judaicas, doutor... Hitler diz...

Conspirações judaicas... Bronski... Conspirações judaicas.

Tudo quanto Franz Koenig ambicionava num mundo que se empenhava em servir bem era ser diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Varsóvia.

— Venha passar a tarde conosco, doutor. Confraternize com o seu povo — dissera lhe Kurt Liedendorf. — Temos um convidado especial acabado de chegar de Berlim.

E o convidado acabado de chegar de Berlim disse lhes :

Talvez os métodos dos nazis sejam duros, mas retificar as injustiças acumuladas sobre o povo alemão é tarefa que exige homens vigorosos. Tudo o que fazemos é justificado porque a intenção de restaurar os direitos alemães também é justificada.

— Ah, doutor — disse Liedendorf -, ainda bem que veio. Sente-se aqui, sente-se aqui.

— Hitler já demonstrou que os Alemães deixaram de ser um povo anónimo. Se o senhor disser que é alemão, não mais será um anónimo qualquer.

Quando regressava das reuniões, olhava para a gorda esposa polaca e para tudo que o cercava. Gente atrasada, ignorância

universal. «Sou alemão”, dizia Franz para consigo próprio, «sou alemão”.

— Dr. Koenig! O senhor devia ponderar no que se passa em Dantzing. Milhares e milhares de alemães batem-se pelo seu Führer. Fazendo saber ao mundo que já não consentimos que nos espezinhem.

Como ele se sentiu orgulhoso com a libertação dos alemães da Áustria e da Checoslováquia!

— Tenho pensado muito neste assunto, Liedendorf.

Adiro à vossa causa.

Caminhou ao longo da orla dos Jardins Saxónia, passando pelos grandes edifícios do Governo, palácios, museus.

Todo este granito e este mármore lhe eram estranhos. As cervejarias, os lares dos seus concidadãos, os Alemães aí sim, aí é que ele pertencia. Aí o Dr. Koenig era um homem respeitado e podia-se falar de grandes coisas sem sombra de vergonha ou de medo.

Parou diante da Praça dos Portões de Ferro, mesmo ao lado dos Jardins Saxónia.

Odores doentios de vegetais semi podres, de aldeões sujos, de galinhas mortas, gritos agudos de vendilhões e mendigos e milhares de carroças que constituíam a mais primitiva forma de comércio.

— Gravatas usadas, como novas!

— Lápis!

— Compre aqui!

Mulheres velhas amontoavam-se no lajedo vendendo ovos, ladrões e carteiristas pululavam nas cercanias e filas inteiras de carrinhos de mão exibiam sapatos velhos para venda e casacos no fio. O ruído dos aros de ferro das carroças ecoava na praça.

Compre aqui!

Judeus barbudos, barbudos Paul Bronskis, tinham discussões intermináveis para poupar meio zloty, tagarelando em yiddish, uma língua que assassinava cruelmente a bela língua alemã.

Um soldado bêbado foi expulso de um café e estatelou-se aos pés de Koenig.



«Bêbado como um polaco — é assim que eles dizem”, pensou Koenig. «Bêbado como um polaco. Que palavras tão apropriadas!” A Polónia inteira desfilara perante ele em duas pequenas praças. O horror de Hitler pelos Eslavos estaria errado? Uma nação com trinta milhões de habitantes e apenas com dois milhões de letrados. Uma nação de senhores feudais e de servos no século XX. Uma nação que adora uma Madona negra, do mesmo modo que os Zulus africanos adoram o deus do Sol!

Era assim a Polónia de Franz Koenig. 5 % de Paris encerrada em habitações de mármore e rodeada de decadência e 95 % de Ucrânia... ignorância abominável.

E o que não conseguiria o bom e industrioso povo alemão com as férteis planícies e os preciosos depósitos minerais da Silésia!

— Compre aqui!

Quem era este aglomerado de gente com uma mentalidade infantil para deter o povo alemão, que contribuía para o enriquecimento do mundo como nenhum outro?

Franz Koenig sabia que, embora os nazis cometessem pequenas injustiças, o resultado final de uma Alemanha maior justificava os meios.

Koenig rodeou a confusão do mercado e entrou no bar de Hans Schultz.

Schultz sorriu :

— Guten Tag, Herr Doktor, Guten Tag.

— Olá, Schultz! Novidades?

Sim, o dr. Liedendorf não pode aparecer por estes dias. Disse que a nossa missão está terminada e que devemos aguardar os resultados.

Koenig esvaziou a caneca de cerveja e acenou a Schultz, que continuava a sorrir.

Pouco depois entrou em casa e pôs o chapéu no bengaleiro e a bengala muito direita logo por baixo. Contemplou a gorda esposa polaca, cuja boca se abria e fechava como se fosse um peixe fora de água, mas não ouviu o que ela disse. Ela afastou-se, as suas carnes estremeando ao sabor dos passos.

Franz visionou-a deitada na cama, que, devido à sua corpulência, acabara por pender para um dos lados, e recordou-se das suas ancas enormes e dos seus flácidos seios.

Koenig dirigiu-se para o seu escritório e fechou a porta.

Ligou o rádio. Agora estava sempre sintonizado para a Emissora Central Alemã.

Um discurso de Hamburgo!

«Nós, Alemães, já não podemos tolerar o odioso tratamento a que estão sujeitos os nossos concidadãos que vivem na Polónia; as mulheres e as crianças alemãs estão à mercê dos vândalos polacos.. os Alemães são agredidos e assassinados!” «Sieg Heil! Sieg Heil! Sieg Heil!” E logo dez mil bocas atroaram os ares cantando Deutschland úber Alles, e o Dr. Franz Koenig cerrou os olhos e as lágrimas caíram lhe pelo rosto, do mesmo modo que haviam deslizado pelos rostos dos seus alunos.

E pediu a Deus que os seus libertadores chegassem o mais cedo possível.

## CAPÍTULO IV

Entrada do diário.

Ótimas notícias! Andrei regressou inesperadamente de licença! O conselho executivo dos sionistas bathyrans tem muitas coisas a tratar e a decidir. A chegada de Andrei permite-nos estar todos juntos.

*Alexander Brandel*

O veículo militar parou antes da ponte norte, onde o Vístula se dirige de Varsóvia para Praga. O capitão Andrei Androwski saltou do caminhão, agradeceu ao condutor e caminhou ao longo do rio, em direção ao subúrbio norte de Zoliborz. Puxou para trás o boné típico dos oficiais dos regimentos ulanos e começou a assobiar enquanto recebia e retribuía os sorrisos e cumprimentos de algumas jovens que por ali passeavam. O capitão Andrei Androwski tinha, de fato, o verdadeiro porte do oficial de cavalaria. As botas brilhavam e o pequeno sabre resplandecia ao sol.

Afastou-se do rio e seguiu por uma álea com altas árvores e pequenas casas de uma zona de habitações da classe média. Andrei reparou numa pedra sobre o passeio e começou a chuta-la com a destreza de um verdadeiro jogador de futebol, exibindo assim os fortes músculos das pernas, que se destacavam sob a fazenda das calças. Deu um pontapé final na pedra, endereçando-a para uma baliza imaginária no fim da rua, e franqueou o portão da casa de Paul Bronski.

— Tio Andrei! — gritou o pequeno Stephan, correndo pelo relvado e lançando-se nos braços do tio.

— Schmendrick!

Fingindo lutar, o enorme oficial de cavalaria deixou-se cair no solo, aparentemente derrotado pelo sobrinho.

Rendeu-se gentilmente, levantou-se depois e ergueu o vencedor aos ombros.

— Como vai o nosso Botory?

— Botory! O melhor, o mais belo e o mais rápido animal de toda a Polónia!

— O que é que ele fez ultimamente, tio Andrei?

Ultimamente? Esta semana... bem, vejamos. Levei-o a Inglaterra, ao Grande Prémio Nacional, e ele correu com tanta rapidez que, ao fender o ar, mais parecia um trovão.

Bem, os Ingleses julgaram que estava a chover, foram abrigar-se e nem sequer viram a corrida. Botory deu quatro voltas à pista e já ia na quinta quando o segundo classificado conseguiu fazer a primeira volta. E os estúpidos dos Ingleses, escondidos nas bancadas, julgaram que Botory chegara à meta em último lugar.

E quem cuidará dele quando o tio se for embora?

— O primeiro-sargento Styka em pessoa.

— Quem me dera montá-lo outra vez! — disse Stephan, recordando o incidente mais emocionante da sua infância.

— E hás de montá-lo, logo que esclareçamos umas coisas.

— Eu poderei saltar com ele?

— Sim, julgo que sim. Isto é, se as grandes altitudes não te estontarem. Quando Batory salta, o mundo, visto lá de cima, parece muito pequeno. Eu próprio nunca mais entrarei com ele em competições de saltos. Batory salta tão alto que os outros cavalos chegam à meta antes de ele tocar no chão.

Andrei dirigiu-se para casa.

— Tio Andrei! — gritou Rachel Bronski. Este encontro não tinha já a emoção do anterior, pois a voz pertencia a uma jovem de 14 anos, cujos cumprimentos se resumiram a um abraço afetuoso.

— Andrei! — gritou Deborah, saindo da cozinha a correr e enxugando as mãos. Deitou os braços em torno do pescoço do irmão. — Meu demónio! Porque não nos disseste que chegarias hoje?

— Eu próprio só o soube ontem à noite. Além disso, quero manter-me afastado de Alexander Brandel, senão ele convoca uma daquelas danadas reuniões.

— E quantos dias ficas por cá?

— Quatro!

— Que maravilha!

Andrei retirou Stephan dos seus ombros como se o garoto não pesasse.

— Que é que me trouxeste? — perguntou Stephan.

— Stephan, tem vergonha — repreendeu a irmã.

Andrei encolheu os ombros e abriu os braços. Stephan começou a pesquisar as algibeiras do tio; desde que se recordava, elas eram um manancial inesgotável. Conseguiu, pelo menos, uma águia dourada da Polónia, insígnia cujas asas abertas ornamentavam o boné militar do tio.

— É para mim? — perguntou apreensivo.

— É tua.

— Oh! — e Stephan saiu a correr, para anunciar aos vizinhos que o famoso tio Andrei estava de volta.

— E isto é para a minha bela sobrinha.

Estraga-los com mimos.

— Ora, ora!

Os dedos da rapariga empenhavam-se em abrir o embrulho.

oh! — disse ela, e correu para o espelho, a pôr um par de travessas de marfim no espesso cabelo negro, muito semelhante ao da mãe.

Estás muito bonita — disse Andrei.

Os rapazes já começam a olhar para ela.

-O quê? Que rapazes?

Deborah riu-se.

Ora, ela não quer ser flor de estufa como a mãe.

Rachel caminhou para o tio, que adorava, e beijou-o no rosto.

— Obrigado, tio Andrei.

E agora a minha recompensa — disse Andrei apontando para o piano.

Rachel tocou. Um estudo cheio de carácter. Andrei ouviu durante momentos e depois Deborah tomou-lhe a mão e levou-o para a cozinha. À porta Andrei parou e disse :

— Toca como um anjo, como tu costumavas tocar.

Deborah mandou sair Zosha, a cozinheira, e pôs água ao lume para o chá. Andrei estiraçou-se num banco e desabotoou o dólma. A

cozinha cheirava bem. Deborah estivera a fazer bolos. Tudo fazia lembrar os velhos tempos no pequeno apartamento da Rua Sliska na véspera do Sabat. Deborah tirou o boné da cabeça de Andrei e correu lhe os dedos pelos cabelos crespos e louros.

— Meu irmãozinho!

Pôs diante dele uma travessa com bolos, os quais já tinham desaparecido quase todos quando lhe serviu o chá. Andrei tomou um grande gole.

— Isto está bom, isto está bom. O sargento Styka faz um péssimo chá. « E como vão as coisas na fronteira?

Andrei encolheu os ombros.

Como vou saber? Ninguém me consulta. Pergunta a Smigly-Rydz.

— Não brinques.

— Já te disse. Vou estar quatro dias em casa e.

— Estamos todos muito preocupados.

— Pronto, está bem. As concentrações de tropas alemãs são muito importantes. Queres saber a minha opinião? Enquanto Hitler conseguir o que pretende por meio de truques, vai tudo muito bem. Mas esse não é o caso da Polónia e pode ser que a situação se agrave.

— Paul foi chamado.

Andrei descruzou as pernas. O nome de Paul Bronski soara lhe como uma nota discordante.

— Oh, que pena — disse rapidamente. — Nem sequer pensava que...

— Nem nenhum de nós — disse Deborah. Dirigiu-se para a mesa da cozinha e começou a bater a massa dos bolos.

— Já viste a Gabriela?

— Vim diretamente para aqui; provavelmente ainda está a trabalhar.

— E porque não vêm jantar hoje conosco?

— Se Brandel não me encontrar primeiro...

— Tenta sempre. Christopher de Monti também vem cá.

— E como vai ele, o querido Chris?

— Desde os inícios da crise que anda muito ocupado.

Há várias semanas que não o vemos — disse ela, batendo furiosamente a massa.

Andrei caminhou para a irmã, obrigou-a a voltar-se agarrando-a pelos ombros e, erguendo lhe o queixo, tentou fitá-la nos olhos. Deborah libertou-se e afastou-se dele.

— Não sonhes coisas entre mim e Chris.

— Só velhos amigos?

— Só velhos amigos.

— Paul sabe?

— Sabe o quê?

— Achas que eu sou idiota?

— Andrei... por favor. Já temos muitas complicações.

Por amor de Deus, não discutas com Paul.

— Mas quem discute com Paul? Ele é que...

— Juro que se vocês voltam a zangar-se...

Andrei acabou de engolir o chá, meteu meia dúzia de bolos no bolso e abotoou o dólma.

Promete-me que esta noite não discutirás com Paul.

Ele vai-se embora. Faz isso por mim.

Andrei resmungou, deu uma pequena palmada nas costas da irmã e disse :

— Até logo.

Andrei Androwski estirou-se indolentemente num banco dos Jardins Lazienki, em frente da Embaixada Americana.

A estátua de Frederic Chopin erguia-se junto dele, coroada de pombos, e o Palácio Belvedere, outrora habitado pelo marechal Pilsudski, estava imerso na verdura. Era um belo local para descansar. Deixou correr o tempo, ocupado com a sua distração favorita, que consistia em despir com os olhos as transeuntes que passavam. Meteu a mão no bolso, encontrou o último bolo que trouxera de casa e comeu-o.

Alguns minutos mais tarde a porta principal da Embaixada abriu-se. Gabriela Rak saiu e caminhou ao longo da Rua Ujazdowska. Andrei alcançou-a antes de ela chegar à primeira esquina. Sentindo-se seguida, Gabriela estugou o passo.

— Minha senhora — disse Andrei — poderia dizer-me o nome da dona do coração do mais arrojado capitão de ulanos?

Ela estacou no meio da rua.

— Andrei! Andrei! — e correu para ele. O polícia sinaleiro ergueu o braço e um mar de automóveis rodeou-os por todos os lados. Travavam ou tocavam as buzinas com a compreensão irritante dos automobilistas sempre que vêem um soldado e a namorada a beijarem-se no meio da rua. Por fim um motorista de táxi menos patriota injuriou-os, obrigando-os a procurar refúgio num banco do jardim.

— Oh, Andrei! — disse ela, descansando a cabeça no peito dele. — Oh, Andrei! — e soluçou.

— Se eu soubesse que ias ficar tão triste, nunca teria voltado.

Ela enxugou os olhos e sorriu contente.

— E quanto tempo te demoras?

— Quatro dias.

— Oh, como estou feliz!

— Estive quase tentado a arranjar outra mulher. Pensei que nunca mais saías da Embaixada.

Gabriela começou a brincar com as enormes mãos de Andrei, que quase faziam duas das dela.

— Estive numa reunião. Não reabriremos a escola americana.

As crianças foram evacuadas para Cracóvia. Alguns funcionários até já partiram.

Andrei resmungou qualquer coisa sobre a cobardia tradicional dos Americanos.

— Não falemos disso — disse ela. — Temos apenas noventa e seis horas e vê o tempo que já desperdiçámos. Não podemos ir para minha casa. Está a ser pintada e tem um cheiro horrível. Não sabia que tu chegavas hoje.

— E se formos para minha casa, Alexander Brandel e o raio do conselho executivo bater-me-ão à porta.

— Arrisquemo-nos — disse Gabriela com um tremor de desejo na voz, que fez que o capitão corresse à esquina em busca de uma droshka.



Dirigiram-se para o norte, passando pelas majestosas vivendas dos novos-ricos, na Avenida dos Marechais. Gabriela cingiu-se a ele, acariciando-lhe o rosto e os ombros.

O apartamento de Andrei ficava na Rua Leszno, num bairro da classe média que separava as vivendas dos ricos dos bairros miseráveis mais ao norte. Subiram as escadas de braço dado. Quando chegaram ao patamar do terceiro andar, Gabriela parou para tomar fôlego.

— Se vier a ter outro namorado, terá de viver num rés-do-chão — disse ela.

Andrei ergueu-a nos braços e pô-la sobre os ombros, como se fosse uma saca de açúcar.

— Deixa-me, deixa-me, meu pateta.

Imitando uma carga de cavalaria, subiu os restantes lances saltando os degraus a dois e dois, empurrou a porta do apartamento, que nunca estava fechada, e ficou parado na soleira, boquiaberto, enquanto Gabriela tentava libertar-se.

Os olhos de Andrei percorriam o apartamento de ponta a ponta. Entrou na cozinha e voltou a pesquisar toda a sala, certificando-se se, de fato, era aquele o seu apartamento.

A casa estava impecavelmente limpa. Durante anos Andrei amontoara livros e jornais por todos os lados.

Sobre a secretária havia sempre um montão de relatórios.

Todas aquelas velharias maravilhosas, toda aquela poeira cuidadosamente preservada, tudo, enfim, que transforma um homem num solteirão, desaparecera.

Andrei abriu a porta da casa de banho. Toalhas lavadas pendiam dos toalheiros.

A cozinha... os pratos sujos todos lavados.

E nas janelas havia cortinas com folhos.

Os meus domínios foram usurpados! — gritou Andrei.

Não! Pior do que isso! Isto é obra de uma mulher!

— Andrei, se não me largas, grito.

Andrei pousou-a no chão.

— Explica-me o que se passou! — disse ele.

— Costumava ficar todas as noites em casa aguardando que Batory surgisse na rua com o meu valente ulano. Só, com os meus dez gatos e as minhas recordações. E vim para aqui, pois sentir-te-ia por toda a parte. Mas quem é que poderia viver no meio de tão grande balbúrdia?!

— Conheço-te muito bem, Gabriela. Estás a tentar modificar-me.

— Oh, com certeza!

Ela correu para ele, e Andrei ergueu-a em peso e beijou-a nos lábios. E por agora nada mais tinham a dizer.

Acordavam ambos da letargia em que haviam estado e aproveitavam cada segundo que passava.

O telefone começou a tocar.

Atingiu-os como se fosse um golpe vibrado por uma faca. Calou-os.

Tocou novamente, — Esse Brandel, esse filho de uma cadela!

E novamente tocou, tocou, tocou.

Gabriela afastou-se dele.

Tem olhos, aquele telefone. Enquanto estiveste fora nem uma única vez soou.

Bem, talvez seja melhor responder.

-Oh, pois claro. Em Varsóvia toda a gente sabe que Andrei Androwski acaba de chegar.

Levantou o auscultador.

— És tu, Brandel, meu filho de uma cadela?

Uma voz branda respondeu da outra extremidade do fio :

— Está visto que sou eu, Andrei. Já chegaste há três horas e vinte minutos. Esqueceste-te assim dos velhos amigos?

— Alex, faz-me um favor: vai para o Inferno — disse ele pousando o auscultador, para logo o erguer e marcar o número de Brandel.

— És tu, Andrei?

— Telefonar-te-ei depois; diz aos do grupo que estou ansioso por vê-los.

— Espero não te ter incomodado. Diverte-te.

Andrei dirigiu-se para a cama, onde Gabriela se recostava, amuada. Percorreu-lhe o cabelo sedoso com os lábios e ela fechou os olhos, revelando tudo o que essa carícia-lhe provocava. Andrei caminhou até à janela e cerrou as cortinas, mergulhando o quarto na penumbra, e depois fechou a porta à chave.

— Não estejas zangada, Gaby. Não sabia que tinhas obras em casa. Teríamos ido para um quarto de hotel. Não estejas zangada.

— Não estou zangada — sussurrou ela.

Deitaram-se, acariciando-se mutuamente.

Subitamente, Gabriela, incapaz de se controlar, gritou :

— Oh, Deus, como tenho sentido a tua falta!

E quase com fúria começaram a despir-se.

O telefone tocou, mas desta vez ninguém atendeu.

## CAPÍTULO V

Entrada do diário.

Acho que escolhi um momento pouco oportuno para telefonar a Andrei. Graças a Deus, a sua ira desaparece tão rapidamente como surge.

Falei hoje com alguns banqueiros. Toda a gente deseja transformar as suas economias em dólares ou em dinheiro sul-americano ou suíço. Propriedades inteiras estão a ser vendidas.

Depois do pacto com a Rússia a Alemanha acusa os Polacos de violações de fronteira e de perseguições aos alemães residentes na Polónia.

E entretanto, porque continuamos surdos aos rogos da França e da Inglaterra para que peçamos auxílio à Rússia?

Ou o nosso estado-maior pensa realmente que podemos defrontar-nos com a Alemanha?

*Alexander Brandel*

O Dr. Paul Bronski encheu o grande sobrescrito castanho com um certo número de papéis importantes e de obrigações financeiras. Tratava-se de um testamento, apólices de seguros, dinheiro em títulos e uma chave do seu cofre forte. Finalmente uma carta lacrada, em cujo sobrescrito se podia ler: «Para ser aberta no caso de eu morrer.» Pôs a carta entre os outros papéis e fechou o grande sobrescrito castanho.

Na sala de jantar, Rachel Bronski auxiliava a já obesa e envelhecida Zosha a dar os últimos retoques na mesa, coberta de porcelanas douradas e de alfaias de prata.

Rachel deu os retoques finais nas flores que ornamentavam o centro.

No seu escritório, Paul Bronski ouvia a B. B. C.

«Numa entrevista realizada em Varsóvia com o marechal polaco Smigly-Rydz, Christopher de Monti, da Swiss News Agency,

diz-nos que a posição da Polónia se mantém inalterável — não há qualquer pacto com a União Soviética.

Posteriormente a B. B. C. confirmou esta política irreduzível numa conferência de imprensa com o ministro polaco dos Negócios Estrangeiros, Beck. A resolução da Polónia pode provocar a guerra.” Deborah, após ter acabado a sua toailete, entrou no escritório. Paul escondeu o sobrescrito, desligou o rádio e sorriu para a mulher. Ao cabo de dezesseis anos de casada, ela não deixara de ser atraente. Nenhum homem poderia desejar esposa melhor.

— Estás bela — disse ele.

Obrigado, querido — respondeu ela. — Paul... por favor, hoje não discutas com Andrei.

— Com Andrei é quase impossível evitar discussões.

— Por favor!

— Eu, por mim, concordo. Que o teu irmão faça o mesmo.

— Peço-te isso por causa das crianças... bem... e, para mais, hoje é uma data especial.

Alguém bateu à porta. Rachel abriu-a e disse :

— Olá, Chris! Entre.

— Cada vez te pareces mais com a tua mãe.

Rachel ruborizou-se :

— Os pais estão no escritório.

Paul e Deborah estavam de pé, na expectativa, olhando para a porta. Deborah evitou os olhos de Chris.

— Há quanto tempo não o via, Chris — disse ela.

Chris fez um aceno com a cabeça e apertou a mão a Bronski. Durante alguns segundos continuou a sentir um certo receio.

— Dão-me licença? — disse Deborah. — Tenho de ver o jantar. Volto já com os cocktails.

Paul ofereceu uma cadeira a Chris e depois voltou para a sua secretária e encheu o cachimbo.

— Ouvi as últimas notícias — disse ele. — Já sei que se encontrou com o velho.

— Parece estranho querer manter-se nesta posição quando lhe resta já pouco tempo.

— A Rússia e a Alemanha são nossos inimigos seculares.

Entre ambos há pouco que escolher. Bem, o Diabo que os carregue! Temos sentido a sua falta, Chris. Como tem passado?

— A correr de cá para lá.

Chris sentiu que a tensão diminuía. Uma recepção calorosa, uma conversa amigável. Ou Paul nada sabia ou era um bom ator e empenhava-se num jogo estranho.

Fosse como fosse, Paul não queria escândalos, e isso era um alívio.

— Parto amanhã — disse Paul abruptamente. — Fui chamado. Ficarei com o comando dos serviços de saúde em Cracóvia, numa missão burocrática. Há tanto tempo que não exerço a profissão que, como cirurgião, não seria útil ao Exército. O caso não constitui problema, pois precisam de pessoal administrativo.

Chris sentiu-se simultaneamente triste e satisfeito com a notícia. Confusos pensamentos ocorreram-lhe ao espírito.

«Ouça Paul», queria dizer-lhe. «Deborah e eu amamo-nos muito. Não planeámos nada... foi um acaso. Só queria que você a libertasse.» Mas pensamentos confusos nunca conseguem exprimir-se.

Seria possível dizer a um homem que vai partir para a guerra: «Quero a tua mulher, e diverte-te na frente?»

E porque é que Bronski era um tipo tão decente? Era isso que dificultava o problema. Bronski era uma pessoa maravilhosa. E, embora Chris desejasse fazer uma cena, esse desejo cedo se desvaneceu.

— Chris, conhecemo-nos há muito tempo. Sabe bem como isto é. Há pessoas com quem se trabalha uma vida inteira, é o caso do Dr. Koenig, e nunca chegamos a conhecê-las.

Por outro lado, há pessoas de quem nos tornamos amigos dez minutos após as conhecermos. Acho que nós pertencemos ao segundo tipo.

— Assim espero, Paul.

— Tenho sido um homem com sorte. Além da minha posição e da minha família, possuo uma fortuna considerável que o meu pai me deixou e que eu aumentei.

Paul colocou o sobrescrito castanho sobre a secretária.

— Se me acontecesse qualquer coisa... — prosseguiu.

— Ora vamos! Deixe-se disso!

— Entre bons amigos não há reservas, Chris. A Polónia não se salva, não é verdade?

— Sim, é verdade!

Segundo creio, embora esteja a antecipar-me aos fatos, vai ser duro para nós. Com os seus conhecimentos, liberdade de ação, e com a Polónia ocupada, está em ótima posição de converter as minhas propriedades em títulos suíços ou americanos.

Chris agarrou o sobrescrito e aquiesceu.

— Está tudo em ordem.

Fique descansado. Um amigo meu parte para Berna na próxima semana. É homem de confiança. Tem alguma preferência nos investimentos?

— As munições alemãs seriam uma colocação segura.

Riram-se ambos.

— O meu banco é bom e conservador. Saberão como proceder — disse Chris.

— Bom... Fica senhor da minha fortuna. Só uma coisa mais. Se me acontecer alguma coisa, encarregar-se-á de levar Deborah e os meus filhos para o estrangeiro.

Chris sentiu a boca seca. Tudo o resto era o que um amigo pode pedir a outro amigo. Mas isto era quase desejar que Deborah ficasse com ele. Chris contemplou os olhos implacáveis de Paul. Tanto quanto neles transparecia.

Paul conduzira o assunto com calma. Escondera bem a dor que tudo lhe causava. Mas não era assim que Paul sempre procedia? Era um homem gentil e obstinado. Não saberia ele o que se passava e não teria já perdoado a Deborah?

Ou talvez Chris estivesse a desdramatizar o assunto. Talvez Paul achasse que a sua amizade era suficientemente profunda para lhe pedir isto.

Nada do que Paul dizia ou fazia dava o mais leve indício do que se passava no seu íntimo.

Chris meteu o sobrescrito no bolso interior do casaco.

Deborah entrou na sala com dois cocktails, para ela e para Paul, e com um martini para Chris.

— Vocês parecem preocupados.

— Chris esteve a explicar-me o significado das últimas notícias.

— Rachel está a tocar piano. Venham até ao vestíbulo.

Ficaram junto do piano. Paul extasiava-se com o extraordinário talento da filha, que tocava a mesma melodia que se ouvia no rádio.

Chris recordou-se novamente do corpo de Deborah, sobre a cama. Paderewski... Chopin... um noturno.

Deborah baixou os olhos enquanto os dedos da filha deslizavam sobre as teclas. E Chris baixou também os olhos.

Paul fitou-os.

— Porque é que não tocas, querida? — disse ele a Deborah.

Ela suspirou e sentou-se ao lado de Rachel. Lá estavam elas, Deborah e Rachel, beleza contra beleza.

A amenidade da cena foi perturbada por grande estrondo à porta. Andrei acabava de chegar. Tivera segunda luta com Stephan e decidira erguer a velha Zosha em peso e dançar com ela no vestíbulo.

Chris! — berrou, dando grandes palmadas nas costas de De Monti, que lhe fizeram entornar metade do martini.

Gabriela, feliz com o seu amante, passava despercebida atrás do grande ulano.

— Continuem a tocar! Continuem a tocar! — ordenou o capitão Androwski. Cumprimentou Paul Bronski de tal modo que não escondia a frieza que existia entre ambos.

As palavras que trocaram eram testemunho de. que apenas se continham por causa de Deborah.

— Ouvi dizer que foste chamado, Paul.

— É verdade. São obrigados a utilizar o refugio.

— Oh, não — replicou Andrei. — Farás boa figura.

Sempre a tens feito.

— Obrigado, Andrei.



Houve muitas exclamações referentes ao arranjo da mesa quando o jantar foi servido. Andrei procurou com a vista algo que ali faltava. A irmã fez-lhe um sinal, zangada, e só então Andrei se sentou.

Foi uma refeição excelente, feita propositadamente para agradar a Andrei. Durante o prato de peixe, e depois no de carne, a conversação fixou-se em torno da época teatral em Varsóvia. As melhores peças, sempre francesas, chegavam tarde a Varsóvia devido à crise. Gabriela afirmou que a própria ópera seria afetada. Rachel esperava que a música não fosse muito prejudicada e Deborah também, pois, se tudo corresse bem, o Conservatório iria permitir que Rachel se estresse numa orquestra de categoria.

A sopa foi servida. Conversavam já sobre as Olimpíadas.

Stephan conhecia todos os resultados. Jesse Owens fora o melhor, mas o tio Andrei, que já jogara na equipa nacional polaca, era muito superior a Jesse Owens e a todos os outros americanos juntos. Onde jogaria Andrei este ano? Tudo dependeria da sua situação no Exército.

Frango corado, carne estufada, iguarias... Chris só então reparou que durante meses e meses não saboreara uma verdadeira refeição judaica. Estava satisfeito por ter sido convidado. Gabriela pediu que lhe dessem as receitas e Deborah prometeu transmitir-lhes pelo telefone. Stephan estava inquieto.

Chá e pudim de arroz. Opiniões sobre a Universidade.

Koenig em diretor? Mas ele não andava metido com os nazis?

Bem, alemão ou não, Koenig era o homem indicado para o lugar.

Conhaque. Rachel auxiliou Zosha a levantar a mesa.

Stephan, que emudecera após a conversa das Olimpíadas, desapareceu.

E então, quando as crianças já se haviam levantado da mesa, o mundo da política.

Durante toda esta conversa Andrei Androwski não pronunciara uma única palavra, — Chris, Gabriela — disse Paul Bronski. -Já todos apreciámos a raiva silenciosa do meu cunhado, o capitão Androwski.

Felizmente não conseguiu estragar o jantar. Peço-vos desculpa pelo seu péssimo procedimento.

— Concordo consigo, Dr. Bronski — disse Gabriela apressadamente. — O teu procedimento é vergonhoso, Andrei.

Andrei, subitamente exposto às atenções gerais, resmungou qualquer coisa que por fim se tornou audível :

— Prometi à minha irmã não discutir. Mantenho a promessa, embora me custe.

— Acho que seria preferível discutires a guardares os teus ressentimentos, como Stephan, e acabares por aborrecer toda a gente — replicou Paul.

— Tu prometeste, Paul: deixa-o em paz — disse Deborah.

-É melhor que ele fale. senão estoira.

— Paul, tu partes de manhã cedo. Hoje não é dia para discussões — implorou Deborah.

— Porquê, querida? Não queres que eu recorde o lar tal qual ele é?

— Sou um homem de palavra — disse Andrei. — Mas também recordo sempre o meu lar tal qual ele era” Sexta-feira à noite, e cá estou eu, sentado à mesa da minha irmã, sem velas acesas nem orações.

— É isso que te aborrece, cunhado?

— É, sim. É o Sabat..

— Há um ano que nos deixámos disso, Andrei.

Oh eu sabia que isto ia acontecer. O que não sabia é que vocês pudessem fazê-lo tão repentinamente. Lembro-me de quando vivíamos nos bairros pobres da Rua Stawkr.

Oh meu Deus! Éramos pobres, mas éramos judeus. E quando a mãe morreu e nos mudámos para o bairro elegante da Rua Sliska fiquei com uma irmã que governava uma família de judeus.

— Andrei, paremos com a conversa — disse Deborah.

Chris e Gabriela sentiram-se envolvidos numa querela da família. Olharam ambos um para o outro, desesperados, quando Andrei se ergueu e arremessou o guardanapo para longe de si..

— Foi o Dr. Bronski quem começou. Não fui eu. Deborah, estive a conversar com Stephan. Nem sequer sabe que é judeu. Que

acontecerá quando tiver treze anos? Ainda bem que o pai e a mãe já morreram, para não verem isto.

Paul Bronski parecia deliciado com a fúria de Andrei.

— Deborah e eu estamos casados há dezesseis anos.

Não é tempo de compreenderes que desejamos viver a nossa vida sem pedir conselhos?

— Paul, chamo-me Andrei Androwski, o único oficial judeu do meu regimento de ulanos, mas todos os meus homens sabem quem sou e o que sou.

— E eu chamo-me Paul Bronski e todos sabem quem sou. Espera um minuto, Andrei. Gosto de explorar o teu sionismo galopante. Mas o sionismo não é o caminho para a minha salvação. Nada me diz.

— E o teu nome? Nada te diz, Paul? Samuel Goldfarb.

Filho de um ferro-velho da Praça Parysowski.

Tens razão, Andrei. A Praça Parysowski nada me diz. Nem a sua miséria, os seus odores e toda aquela lamúria dos que aguardam a vinda do Messias. Só os Judeus são culpados pelos problemas que eles próprios originaram na Polónia, e eu quero viver tranquilamente na minha terra, e não como um inimigo ou um estranho.

— E isso justifica que presidas à União dos Estudantes, esse agrupamento de fascistas que quebram as montras dos livreiros judeus?

— Não concordei com essas ações.

— E também nada fizeste para as impedir. E sabes porquê? Bem, eu digo-te: porque és um covarde.

— Oh, Andrei, como ousas dizer isso? — disse Deborah.

— És tu o covarde, e não eu, Andrei, pois eu tenho coragem suficiente para afirmar que o judaísmo nada representa para mim e nada quero dele. E tu, pelo contrário, vais às reuniões sionistas sem acreditares no que ouves, procurando uma falsa salvação.

As palavras atingiram Andrei como se fossem pedradas.

Paul tocara num problema crucial e Andrei ficou branco, a tremer, e toda a sala se aquietou, aguardando que o rastilho ardesse

e a bomba estoirasse. Mas Andrei falou ainda com alguma tranquilidade e um ligeiro tremor na voz.

— És doido, Paul Bronski. Ser judeu não é um assunto de escolha. E lá virá o dia em que toda a tua lógica cairá por terra. Vai ter um doloroso despertar, porque és judeu, quer queiras, quer não.

— Para com isso! — gritou Deborah. — Esta casa é minha. Nunca mais farás isto se queres voltar cá para veres Stephan e Rachel. Paul é meu marido. Tens de respeitá-lo.

Andrei baixou os olhos.

— Devo ter cuidado com o meu temperamento — disse em voz baixa. — Fiz uma cena em frente dos convidados.

Que me importaria tudo isto se, no fundo, vocês fossem felizes?

— Eu sou feliz — disse Deborah.

— Isso é o que tu dizes, mas os teus olhos mostram outra coisa.

Andrei afastou-se rapidamente da mesa.

— Andrei! — chamou Deborah. — Onde vais?

— Beber, beber à saúde do Dr. Paul Bronski, o rei dos convertidos.

Deborah fez menção de o deter, mas Gabriela, erguendo-se rapidamente da mesa, barrou-lhe a passagem.

— Deixa-o ir, Deborah — disse ela. — Ele está tenso como uma mola de aço. Tu conhece-lo bem. Amanhã virá cá pedir-te desculpa.

A porta da rua bateu com estrondo.

— Chris, por favor, vigie-o — disse Gabriela.

Chris aquiesceu e saiu sem proferir uma palavra.

Quando Chris saiu, Deborah sentou-se, pálida.

Paul Bronski, contente como um rato, tentou tranquilizá-la :

-Não te aflijas tanto, querida.

Deborah contemplou-o com os olhos marejados de lágrimas.

-Ele sabia É isso que me custa. Que meu marido vai partir e eu gostava de acender velas como qualquer judia, e Andrei sabia isso.

A vitória de Paul transformou-se numa derrota inesperada e ele suspirou, dirigindo-se para a porta.

– Paul! disse Deborah secamente. — Leva Gabriela a casa. , Está bem, Deborah. Vamos tomar outra chávena de chá e depois vou procurar o nosso alvoroçado cavaleiro.

E não te preocupes com Andrei. Sabes bem que gosto dele.

E, por vezes, meu Deus, quase vale a pena sofrer.

## CAPÍTULO VI

As atividades revolucionárias de Fryderyck Rak tornaram a sua vida impossível numa Polónia repartida pela Rússia, pela Alemanha e pelo Império Austro-Húngaro.

Exilou-se voluntariamente, como muitos patriotas. Fixou residência em França e em breve era considerado um dos maiores especialistas de engenharia eletrotécnica da Europa.

Depois da guerra, em 1918, quando a Polónia se libertou, Fryderyck Rak regressou a Varsóvia com a mulher e as filhas, Regina e Gabriela. A nova Polónia carecia de muitas coisas. Um século de ocupação estrangeira deixou-a numa situação medieval. Deu-se grande prioridade aos projetos hidroelétricos. Fryderyck Rak era um dos poucos polacos com experiência do assunto.

Não obteve grande fortuna, nem grande fama, mas um POUCO de ambas as coisas. A mais impressionante ação que desempenhou foi a contribuição dada pela sua firma na construção de Gdynia. O Tratado de Versalhes oferecera à nova Polónia um caminho para o mar através do Corredor Polaco. O único porto da época era Dantzing, uma cidade pretensamente «livre», carregada de dinamite político e quase completamente habitada por alemães hostis. O senso comum exigia a construção de um porto de mar polaco, e assim nasceu Gdynia.

No exílio habituara-se a praticar esqui, de que era grande entusiasta. Quando chegavam as primeiras neves de Inverno, levava a família para os Alpes. O médico preveniu-o de que havia pistas para homens com 30 anos e pistas para homens com 50, mas ele, com o seu orgulho polaco, desdenhava do conselho e escolhia as pistas mais perigosas. Morreu com 50 anos, com um colapso cardíaco, no cimo de uma pista traiçoeira, a pista K/49, alcunhada de «assassina», deixando uma viúva com alguns bens e duas filhas.

A Sra. Rak procurou o conforto moral do seu único parente vivo, um irmão que vivia em Chicago. Passado o período da viuvez, compreendeu que tinha poucos motivos para regressar à velha

pátria, pois nunca compartilhara do patriotismo entusiástico de Fryderyk. Regina, a filha mais velha, era uma rapariga vulgar, que ficou satisfeita por desposar um rapaz de origem polaca, cuja família importava carnes fumadas da Polónia, e em breve se transformou numa ativa dona de casa, domiciliada em Evanstor, perto da residência da mãe.

Gabriela, a mais nova, tinha o feitio do pai; independente, apaixonada, egocêntrica. Fryderyk Rak fora um homem liberal e um pai indulgente.

O tio, contudo, aceitara a chefia da família e a proteção da viúva com toda a seriedade. Trouxera da Polónia todas as velhas tradições do tirano familiar. Gabriela realizou-se. Varsóvia e o seu pai eram as suas melhores recordações. Fora escrupulosamente educada numa dispendiosa escola católica, onde, todas as noites, pedia à Virgem Maria que a ajudasse a regressar a Varsóvia.

Logo que atingiu a maioridade e recebeu a sua parte na herança, regressou imediatamente. O seu conhecimento de inglês, francês, alemão e polaco e a educação que recebera na América em breve lhe garantiriam um emprego na Embaixada Americana, onde veio a tornar-se quase indispensável, sendo a única funcionária polaca a ter acesso a documentos confidenciais.

A herança paterna e o emprego franquearam-lhe as portas da alta sociedade, que fazia de Varsóvia o Paris do Oriente. Havia sempre em torno dela um infindável círculo de cultura e de romance. Como Gabriela era uma rapariga extremamente gentil, a sua agenda estava sempre preenchida. Era uma beleza classicamente polaca, de cabelos dourados e brilhantes olhos azuis, mas o rosto pequeno.

Como quase todas as pessoas que viajam, era altamente sofisticada, apreciando os namoros passageiros. Quase todos os meses recebia uma proposta de casamento, em que mal ponderava para logo a rejeitar. Amava a liberdade e aceitava novos conhecimentos com uma certa frieza. Sentia-se satisfeita em Varsóvia. Era a sua terra — sempre fora. Sabia que, mais tarde ou mais cedo, acabaria por encontrar o homem amado, mas a vida era boa e ela não tinha pressa. O seu único passo em falso fora uma

fuga perdoável com um professor, cujos ensinamentos extraescolares eram, contudo, inesquecíveis.

Quando Gabriela saiu de casa de Bronski, começou a procurar Andrei e Chris pelo Bulevar de Jerusalém, sabendo de antemão que, a partir daquela zona, nenhum deles entraria num bar. Fez várias perguntas a alguns arduos e transeuntes, até que lhes apanhou o rasto. Logo que isto aconteceu, apressou-se na procura, pois eles já haviam deixado os seus cartões de visita sob a forma de duas razoáveis zaragatas e de uma violenta disputa.

Entrou no Hotel Bristol e foi direita ao pequeno bar perto da entrada do clube noturno. Uma orquestra sul-americana tocava tangos da última moda. Estava-se em plena fúria do tango. «Talvez», pensou Gabriela, «Andrei não esteja ainda bêbado, e, nesse caso, viremos jantar aqui.

Ele, quando quer, é um ótimo dançarino.” , Habitou a vista à semiobscuridade do local e interpelou um criado com modos autoritários.

— Sim, minha senhora — disse o criado. — Estiveram aqui e saíram há perto de meia hora.

— Em que condições?

— Um pouco tocados. O Sr. De Monti um pouco pior do que o oficial que o acompanhava.

«Bem”, pensou Gabriela, «lá se foram os meus tangos.” — Tem alguma ideia do sítio para onde foram?

— O Sr. De Monti costuma acabar as suas noitadas na Cidade Velha. Diz que gosta de acompanhar a bebida com folclore polaco.

Gabriela parou por momentos no vestíbulo para contemplar a sala de baile. Estava repleta de elegantes oficiais polacos, senhoras vistosas vestidas segundo a última moda parisiense e alguns diplomatas barbudos. Era uma sala com tectos altos e o mogno escuro dos lambris era ornado com pequenos enfeites e flores de um gosto bastante duvidoso.

Espelhos que iam do chão ao teto alternavam com enormes tapeçarias que exibiam heróis polacos montando cavalos brancos e dispondo as tropas em linha de batalha.



O imenso lustre de cristal faiscava e as damas e os cavalheiros circulavam ao ritmo de uma polca. Quando a música cessou, os cavalheiros curvaram-se, beijando as mãos das damas. Algumas responderam com olhares enamorados, semiocultos pelos leques, enquanto outras desviavam a vista, talvez enfasiadas.

Tudo se passava como se Gabriela contemplasse dois séculos totalmente diferentes — o clube noturno e a grande sala de baile. Os últimos acordes da música foram-se desvanecendo à medida que ela se afastava em direção à Cidade Velha. Era já tarde e os últimos frequentadores de teatros e de cinemas vagueavam de braço dado pelas ruas, onde os vendilhões tentavam fazer negócio e as droshkas rolavam transportando casais enamorados.

Gabriela deteve-se por momentos na ponte central. Lá longe, os comboios cruzavam o rio em direção a Praga.

Sentia-se nostálgica. Fora numa noite quente, igual àquela, que encontrara Andrei numa grande e brilhante sala de baile. «Meu Deus», pensou Gabriela, «só passaram dois anos?» Parecia quase impossível recordar os acontecimentos que haviam ocorrido entre a morte do pai e o seu encontro com Andrei. Apenas dois anos...

A 7.ª brigada dos ulanos realizava a sua festa anual no Hotel Europa. Este era o oitavo dos vinte e seis acontecimentos elegantes da saison de Varsóvia. A 7.ª brigada possuía uma longa crónica de cargas de cavalaria que remontavam aos tempos do primeiro rei, Casimiro-o-Grande, na Idade Média. Por isso a festa dos ulanos atraía a melhor sociedade de Varsóvia.

Gabriela Rak, como sempre, estava rodeada por um grande grupo de oficiais subalternos. Eram homens fora de moda, mais pomposos do que os oficiais da 2.ª e da 4.ª brigada e menos divertidos do que os de qualquer outro regimento.

No fim da primeira hora de polcas violentas Gabriela refugiou-se no quarto de toalete para se recompor.

A sua melhor amiga, Martha Thompson, esposa do seu chefe na Embaixada, fumava um cigarro. Martha era uma mulher inteligente e particularmente elegante.

Gabriela estava enfasiada. A saison já lhe dera oito grandes bailes e nem sequer havia a hipótese de um pequeno flirt.

Martha Thompson, pelo contrário, não conseguia esconder o seu entusiasmo :

— Não achas que aquelas grandes botas lhe ficam muito bem? — disse ela.

— Por amor de Deus, Martha. Tem juízo! Nunca vi tantos palermas numa simples brigada.

O mal é teu, Gaby, que afastas sempre as pessoas sérias. És uma menina mimada.

Tenho sentido desejos de esmurrar o crânio de alguns Quando se curvam Para me lambuzarem as mãos.

Eu Por mim, gosto. Olha, menina, vê lá se um dia chegas à conclusão de que todos os homens que interessam já estão casados ou cheios de problemas. Arranja um estúpido e educa-o à tua maneira.

Gabriela sorriu :

— Vamos, Martha, tentemos outra vez.

Respirou fundo e penetrou na sala de baile, acompanhando Martha. Ambas o viram ao mesmo tempo. De fato, todos os olhares convergiram para a porta quando surgiu o tenente Andrei Androwski, símbolo dos oficiais de cavalaria polaca. Após um breve silêncio, que ele saboreou, foi submerso pelas suas admiradoras e cedo descrevia com vivacidade o seu último feito atlético, isto é, a forma como obtivera o campeonato de pesos pesados do exército polaco.

— Não o achas interessante? — perguntou Martha.

Gabriela contemplava-o.

— Quem é ele?

— Nem penses nisso, Gaby! Ainda ninguém conseguiu apanhá-lo.

— Ah, sim?

— Há quem diga que é um monge tibetano que fez voto de castidade. Outros dizem que tem amantes por toda a cidade.

— Mas quem é?

— O tenente Androwski.

— O Tarzan dos ulanos?

Martha suspirou :

— Bem, tenho de voltar para junto do meu marido.

Gabriela reteve-a :

— Pede a Tommy que me apresente ao tenente Androwski.

— Bem, bem. Aposto um chapéu da Madame Phoebe em como não consegues levá-lo a tua casa.

— Falarei contigo depois. Sei bem o que quero.

Quando Thompson apresentou Andrei a Gabriela, ele não se curvou nem lhe beijou a mão. Cumprimentou-a com delicadeza e aguardou as palavras já vulgares: «Então você é o famoso Andrei Androwski?» Mas Gabriela apenas disse :

— Não percebi bem o seu nome.

«Começa com esperteza”, pensou Andrei.

— Mas eu conheço o seu nome, menina Rak; como muitos outros, admiro a obra de seu pai, e por isso o meu nome não interessa. Se quiser, acene-me com os dedos, e eu saberei que é a mim que se dirige.

«Tinha de ser uma noite estúpida”, pensou Gabriela.

«Mas que parvoíce brincar aos salões com estas meninas mimadas”, pensou Andrei.

— Tenho todas as danças livres, tenente.

«Oh meu Deus”, pensou ele. «Esta nem sequer finge e „ faz as coisas sem o auxílio do leque. Bem, vamos a isto!

Não é nada má, um pouco a pender para o magro...” — E o senhor sabe dançar, tenente?

— De fato, sou um excelente dançarino, mas só danço por obrigação.

«Bem! Ele sabe de fato.” — Mas, se é uma coisa que tanto o aborrece, porque veio ao baile?

— Recebi ordens expressas do coronel. Como sabe, cobri a minha brigada de glória.

«Que fanfarrão!” Gabriela estava prestes a afastar-se, mas viu Martha Thompson. Martha fazia sinais a Tommy e cochichava.

Iniciou-se a polca.

— Tenho a certeza de que não terá dificuldade em encontrar par — disse Andrei. — Há por aí muitos papalvos à sua espera.

Quando ele começou a afastar-se, Gabriela, impulsivamente, acenou-lhe e disse :

— Eh!

Andrei dirigiu-se novamente para ela, rodeou-lhe o corpo com um braço e puxou-a para o recinto do baile.

Contudo, não fazia alarde das suas qualidades de dançarino.

Todos os olhares femininos espiavam invejosamente o par.

Gabriela sentia-se furiosa por se ter portado como já centenas de raparigas se haviam portado antes dela. Mas gostava de se sentir nos braços dele. Eram mais belos e acolhedores do que todos os outros braços que durante um ano a haviam apertado. Isto enfurecia-a, pois ele procedia como se ela já estivesse vencida.

O pensamento de ser capaz de vergar este rude conquistador começou a deliciá-la. Que maravilhoso seria atormentá-lo!

Como seria bom acabar a noite dando-lhe todas as esperanças e depois bater-lhe com a porta na cara!

Primeiro ganharia o chapéu a Martha Thompson.

— Gostaria que me levasse a minha casa — disse-lhe ela após algumas danças.

A armadilha foi rápida e total. Quando alguém se empenha num jogo desta natureza e esse alguém é um ulano, é imperdoável falta de cortesia rejeitar um «pedido» de uma senhora.

— Talvez os seus companheiros não gostem — respondeu ele.

— Vim com o Sr. Thompson, da Embaixada Americana, e com a esposa. Sou completamente livre, tenente. Ou será necessário pedir autorização ao seu coronel?

Ele sorriu-se :

— Será uma honra.

Quando, à saída, aguardavam transporte, Thompson ofereceu-lhe uma boleia.

— Está uma noite tão calma! Porque não vamos a pé, tenente?

— Como quiser.

— Então, boa noite. Tommy. Adeus, Martha, e não te esqueças, Na Madame Phoebe amanhã ao meio-dia.

Era tarde e já ninguém andava pelas ruas, exceto dois ou três bêbados. Apenas se ouvia o som dos seus passos.

Subitamente, Gabriela estacou :

— Fui grosseira e estúpida — disse ela — e não devia forçá-lo a trazer-me a casa. Se não se importa, chame uma droshka.

— Nem pensar nisso. Tenho muito gosto em acompanhá-la.

— Não precisa de ser delicado... a batalha já terminou.

— De fato — disse Andrei -, fui um pouco rude. Não me portei decentemente. Mas agora simpatizo mais consigo.

Ofereceu-lhe o braço, que ela aceitou, e atravessaram ambos a rua. Ela exalava um belo perfume e ele sentia-se bem. Assobiou brandamente para esconder os seus sentimentos.

— Eu já sabia que você ia tentar enfiar-me — disse ela. — Observei-o depois de termos dançado. Acho-o muito tímido no fim de contas.

Não quero parecer idiota, mas desconfio que as pessoas esperam que eu proceda de certo modo E de fato você é assim, não é verdade?

— Não, nem sempre. Especialmente nestes bailes...

— Porquê?

— Não interessa.

— Sim, interessa. Diga lá!

— Tenho poucas coisas de comum com os frequentadores de bailes.

— Um famoso ulano como você... Todas essas adoradoras...

— Nada tenho que ver com elas.

— Porquê?

— Não vou estragar-lhe a noite com os meus problemas.

Percorreram o resto da rua em silêncio. Havia ambos chegado a um estranho sentimento de angústia ao descobrirem que se sentiam atraídos um pelo outro, e isso causava-lhes receio. Para Gabriela o jogo havia terminado. Ele portara-se maravilhosamente e já não desejava exasperá-lo, mas sim conhecer mais coisas sobre este homem que num dado momento se dava ares de pavão e logo a seguir parecia tímido como um adolescente.

O apartamento de Gabriela ficava numa velha residência na Praça das Três Cruzes, em frente da Igreja de Santo Alexandre. Parou diante da porta, procurou a chave na mala e entregou-lhe. Andrei abriu a porta e restituiu-lhe a chave.

-: Boa noite, menina Rak — disse ele.

. Apertaram as mãos.

— Tenente Androwski. Fui educada na América, como sabe, e por vezes procedemos de maneira diferente. Julgar-me-ia atrevida se lhe dissesse que gostava de tornar a vê-lo em breve?

Ele retirou a mão de entre as dela e respondeu timidamente :

— Com certeza que não, menina Rak — disse rapidamente e, voltando-lhe as costas, afastou-se.

Gabriela ficou estupefata com as suas próprias palavras e ainda mais estupefata com o procedimento dele.

Subiu as escadas a correr, os olhos rasos de água, confundida, magoada, furiosa.

Um numeroso grupo de americanos havia chegado de Paris. Incluía três congressistas e respectivas esposas e uma junta de conselheiros industriais para um possível empréstimo de capital destinado à construção de uma barragem no rio Warta.

— Precisamos de ajudar este empréstimo a realizar-se — dissera Thompson a Gabriela. — Quando eles chegarem, estarei em Cracóvia. Não se importa de lhes arranjar um itinerário e encarregar-se deles durante dois dias até que eu chegue?

— E quer que eles vejam qualquer local em especial?

— O costume aqui em Varsóvia. Almoço com o embaixador, conferência de imprensa, ópera e teatro. Entretanto faça uma lista para a recepção.

— Fique tranquilo que tudo se fará.

— O assunto é este. Tome cuidado. Mostre-o ao congressista Galinowski, o do grande distrito polaco de Gary.

Mantenha-se junto de Granebrook. Ele fala de mais.

— Tommy, na última vez que tivemos visitas femininas o ministro da Informação arranjou-lhes uma escolta esplêndida.

Porque não experimentamos uma coisa semelhante?

— Como, por exemplo?

Gabriela encolheu os ombros :

— Oh, não sei! Porque não arranjam os desses grandes oficiais dos ulanos? A 7.ª brigada dos ulanos tem perto de uma dúzia que falam inglês.

— Oh, Céus! — lamentou-se Tommy. — Já me custaram um chapéu.

Ligou o telefone interno e falou :

— Mildred! Ligue-me para o comandante-geral da cidadela. Precisamos de uma escolta digna para as senhoras do grupo que chega depois de amanhã. Dê um aspecto importante ao assunto... Fale de um grande empréstimo à Polónia. Veja se consegue obter o tenente Andrei Androwski, da 7.ª brigada dos ulanos. Ponha-o em contacto com a menina Rak. — Desligou o telefone. Gabriela estava muito ruborizada. — Agora passe a tratar-me por Cupido Se Andrei estava lívido de raiva — estava-o certo,,,,, — — não o mostrou. Entrou em contacto com a merak' e recebeu as suas ordens com desenvoltura, fazendo alarde do seu encanto polaco enquanto acompanhou as três idosas americanas. Até conseguiu reprimir-se quando uma das senhoras descobriu que ele fazia parte da seleção nacional de futebol e insistiu para que descalçasse as botas e mostrasse os músculos das pernas.

No fim do terceiro dia, depois de ter conduzido as senhoras aos seus domicílios, foi fazer o seu relatório a menina Rak, na Embaixada.

— Devo dizer-lhe que toda a gente elogiou o meu tacto em matéria de relações públicas. O senhor ofereceu uma nobre contribuição para a construção da barragem do Warta.

— Obrigado — disse Andrei com frieza.

— Com efeito, tenente, as senhoras ficaram tão encantadas com a sua companhia que insistiram em que o senhor fosse com elas a Cracóvia, numa excursão de dois dias, enquanto o comité estuda alguns aspectos do empréstimo.

— Menina Rak — disse Andrei -, acho que estou a impedir uma tremenda experiência aos meus camaradas e gostaria de partilhar este serviço com eles...

— Mas elas insistiram em que fosse o senhor. Não gostaria de ver edificar aquela barragem no Warta?

— Menina Rak! O Diabo leve a barragem e o Warta!

Ofendi o seu orgulho naquela noite e por isso quer obrigar-me a comer o pão que o Diabo amassou. Ganhou e eu perdi. Desde que ando com aquelas damas por Varsóvia a minha brigada já perdeu um jogo importante e o meu cavalo morre de inação. Terá de arranjar outro para este serviço, pois eu poderei ser julgado em conselho de guerra, mas não volto a acompanhá-las.

Isso é uma atitude anti-polonesa.

— Posso voltar para o quartel?

Gabriela sorriu :

Só se me levar a casa.

Desta vez, quando ele lhe devolveu a chave, Gabriela entrou em casa deixando a porta aberta :

— Suba — disse ela.

Andrei seguiu-a até uma pequena mas luxuosa sala.

O luxo pareceu aumentar a sua má disposição. Ela abriu, as janelas altas que davam para a varanda sobre a Praça das Três Cruzes. Andrei parou junto à porta, volteando o chapéu nas mãos.

-Feche a porta e entre. Ninguém lhe morde!

Quando ele chegou à varanda, Gabriela voltou-se para ele com os olhos brilhantes de fúria :

— Tem razão, tenente. Nunca fui tão humilhada.

— Mas já se vingou!

— Não! Não me vinguei!

— Espero que não faça um ponto de honra deste assunto.

— Nunca andei à caça de homens nem nunca fui rejeitada.

— Safa! Você é terrível!

— Fiz lhe compreender que o achava atraente. Gostaria de saber porque é que me trata deste modo.

— Mas eu digo lhe. Não gosto de sítios como a sala de baile do Bristol, nem disto aqui. Nada tenho de comum com isto.

Se calhar, julga que só com o olhar é capaz de conquistar todas as grandes fortunas das meninas casadoiras de Varsóvia!

— Não desejo ser mais do que aquilo que sou!



— E o que é?.

— Sou judeu. Não me sinto inclinado a fazer tudo o que é necessário para chegar a posições que não desejo.

Ou, melhor, sou um judeu convicto. Posso atirar o dardo a maior distância e saltar a cavalo mais alto do que qual— quer outro homem na Polónia. Assim, como vê, há um acordo cavalheiresco entre os ulanos para que não mencionem publicamente os meus antepassados.

— E isso é razão para me tratar deste modo??

— Menina Rak, eu não sei se a sua educação americana é muito liberal, mas na Polónia costuma-se dizer que nós utilizamos meninas católicas nos nossos sacrifícios.

Gabriela voltou para a sala, encostou-se a uma pequena mesa e suspirou fundo :

Bem! Fui eu que lhe pedi. Desculpe-me. Pelo menos já satisfiz o meu orgulho. Pensei que não gostava de mim.

Nem por sombras. Gosto muito de si.

— Sob essa crosta de rudeza o senhor é um homem muito sensível.

— Estou empenhado numa tarefa muito séria. Só dedico metade do meu tempo ao Exército.

— Que espécie de tarefa?

— É coisa que não lhe interessa.

— Talvez me interesse.

— Sou um sionista.

— Oh, sim. Já ouvi falar disso. A redenção da Palestina, ou coisa idêntica.

--Sim, ou coisa idêntica.

— Não se ofenda! E que é que faz?

— Sou o organizador e pertença à direcção de um grupo, o grupo dos Bathyrans.

— Bathyrans? Que nome tão estranho!

— Era o nome de um grupo de guerreiros que Herodes enviou para combater o inimigo... Mas isto não lhe interessa!

— Interessa, pois! E que fazem os Bathyrans?

— Seguimos certos princípios do sionismo, que nos diz que devemos restaurar a velha pátria na Palestina, e temos um orfanato e uma granja nos arredores de Varsóvia. Na granja treinamos os mais novos no amanhã da terra.

Quando tivermos bastante dinheiro, compramos terrenos na Palestina e enviaremos um grupo para lá, para fundar uma colônia.

— E porque é que fazem isso?

A paciência de Andrei esgotou-se :

— Porque, menina Rak, os Polacos não permitem que possuamos as nossas próprias terras e... — Calou-se, para logo prosseguir em voz mais baixa: — Deixemo-nos disto.

Você não dá um vintém pelo sionismo e eu estou a fazer figura de parvo.

— Mas eu tento ser sua amiga!

— Menina Rak: entre o Bulevar de Jerusalém e a Rua Stawkr há perto de trezentas mil pessoas que vivem num mundo de que você nada sabe. Os vossos importantes escritores chamam-lhe o «continente negro». É aí que eu vivo.

Pôs o chapéu e caminhou para a porta.

— Tenente! Mas porque é que tudo isto impede que sejamos amigos?

Andrei retrocedeu lentamente :

— Mas que pretende de mim? Não estou interessado em paixões.

— Mas...

— Deixe-se disso. Sou um pobre diabo, mas não me importo, porque estou empenhado numa tarefa que me satisfaz.

Não sou nem nunca serei uma pessoa importante. Para o que temos de comum, até poderíamos viver em planetas diferentes.

A voz de Gabriela tremia :

— Não percebo porque permito que você me humilhe assim. Você é um presunçoso. Tentamos criar amizades e em contrapartida só encontramos megalómanos.

— Sei perfeitamente o que pensa essa sua cabecinha oca, e vou dizer-lhe como sou presunçoso. Se volta a aborrecer-me,

arranco lhe todo o vestuário que tem sobre o corpo e farei aquilo que você sabe perfeitamente que eu posso fazer.

Ela era pequena, mas a bofetada que lhe aplicou foi ressonante.

Andrei ergueu-a nos braços :

— Se gritar, ponho lhe os olhos negros — disse ele.

Gabriela estava demasiadamente atemorizada para saber se ele brincava ou não. Andrei dirigiu-se para a grande cama coberta de cetim.

— Bem vistas as coisas — disse ele -, será melhor engordar um pouco. É muito magra para que me preocupe consigo.

Atirou-a para cima da cama e saiu.

— Ele fez isso?! — exclamou Martha Thompson.

Gabriela aquiesceu, deitou um pouco de chá na chávena e cortou uma fatia de bolo.

— Menina Rak: entre o Bulevar de Jerusalém e a Rua Stawkr há perto de trezentas mil pessoas que vivem num mundo de que você nada sabe. Os vossos importantes escritores chamam lhe o «continente negro». É aí que eu vivo.

Pôs o chapéu e caminhou para a porta.

— Tenente! Mas porque é que tudo isto impede que sejamos amigos?

Andrei retrocedeu lentamente :

— Mas que pretende de mim? Não estou interessado em paixões.

— Mas...

— Deixe-se disso. Sou um pobre diabo, mas não me importo, porque estou empenhado numa tarefa que me satisfaz.

Não sou nem nunca serei uma pessoa importante. Para o que temos de comum, até poderíamos viver em planetas diferentes.

A voz de Gabriela tremia :

— Não percebo porque permito que você me humilhe assim. Você é um presunçoso. Tentamos criar amizades e em contrapartida só encontramos megalómanos.

— Sei perfeitamente o que pensa essa sua cabecinha oca, e vou dizer lhe como sou presunçoso. Se volta a aborrecer-me,

arranco lhe todo o vestuário que tem sobre o corpo e farei aquilo que você sabe perfeitamente que eu posso fazer.

Ela era pequena, mas a bofetada que lhe aplicou foi ressonante.

Andrei ergueu-a nos braços :

— Se gritar, ponho lhe os olhos negros — disse ele.

Gabriela estava demasiadamente atemorizada para saber se ele brincava ou não. Andrei dirigiu-se para a grande cama coberta de cetim.

— Bem vistas as coisas — disse ele -, será melhor engordar um pouco. É muito magra para que me preocupe consigo.

Atirou-a para cima da cama e saiu.

— Ele fez isso?! — exclamou Martha Thompson, Gabriela aquiesceu, deitou um pouco de chá na chávena e cortou uma fatia de bolo.

— E tu? Que fizeste?

— Eu? Nada. Estava aterrorizada. Nem podes imaginar!

Martha sorveu o chá, trincou o bolo e suspirou :

— Oh, querida, porque é que nunca me aconteceu uma coisa dessas?

Subitamente, Gabriela tirou um lenço da mala, voltou o rosto e começou a soluçar :

— Então, Gabriela? Nunca te vi chorar!

— Não sei o que tenho! Desde que o encontrei que estou assim. Se me olham de soslaio, desato logo a chorar.

— Soluçava ainda mais. — Nunca ninguém me indispôs tanto. Oh, meu Deus, como ele é detestável. Odeio-o.

Martha sentou-se ao lado dela e fez lhe um aceno de simpatia.

— Odeio-o!

— Pois claro! — confortou Martha. — Pois claro!

Gabriela afastou-se e recompôs-se.

— Estou a proceder como uma tonta.

— Bem-vinda sejas a este mundo de loucos. Demoraste muito a juntar-te a nós, mas até que enfim que te decidiste.

Tinha de ser, Gabriela! Passaste a vida a representar!

— Ele é o oposto de tudo quanto conheço. É como um estranho vindo de outras terras.

— Ouve bem o que te diz a velha Martha. Os que prestam já são casados ou são pessoas muito complicadas.

— Complicadas! O mais terrível de tudo isto é que tenho medo de voltar a ser ridicularizada. Fiz tudo exceto lançar-me aos seus pés, mas nessa não caio eu.

— Lá irás! Ou então pede a Tommy que te envie para Cracóvia.

Gabriela sacudiu a cabeça :

— Nunca pensei que uma coisa tão simples pudesse tornar-se tão dolorosa. Desejo tanto vê-lo que até me sinto mal. Não sei o que fazer!

— Bem, querida. Não interessa quem é este tenente Androwski, mas uma coisa é, pela certa: um homem.

Andrei estava deitado sobre a cama, com os pés apoiados na barra de metal. Contemplava o teto, absorto, ignorando Alexander Brandel, que pesquisava papéis sobre a velha mesa redonda no meio do quarto.

— Sou contra a escolha de Brayloff para editor do jornal. É pessoa muito afeta ao ponto de vista dos revisionistas.

Que é que achas?

Andrei resmungou qualquer coisa.

— Ervin Rosenblum era a pessoa ideal. Mas nós não podemos pagar-lhe o que ele ganha lá por fora. Só se o aproveitássemos como conselheiro... Falarei com ele. Agora acerca do assunto Lodz: tens de dar atenção aos seus problemas.

— Alexander calou-se, para depois dizer: — Estou a falar com as paredes. Nem ouviste uma única palavra do que eu disse.

Andrei saltou da cama, meteu as mãos nos bolsos e encostou-se à parede :

— Ouvi, ouvi.

— E então? Que achas?

— O Diabo leve Brayloff, mais o Ervin Rosenblum e toda essa história de Lodz. O Diabo leve todo esse maldito movimento sionista!

— Agora, que já fizeste essa grande proclamação, talvez estejas disposto a dizer-me o que se passa contigo. Há uma semana que é impossível falar-te.

— Tenho estado a pensar que talvez fique no Exército.

Alexander Brandel disfarçou o seu espanto :

— Belo! — disse ele. — Sempre afirmei que serias o primeiro judeu a fazer parte do estado-maior.

— Não estou a gracejar, Alex. Aqui estou eu, com vinte e seis anos, e que sou? Luto por uma causa perdida! Sempre a remar contra a maré... a trabalhar dias inteiros... a viver em quartos como este... Talvez seja parvoíce não aceitar a única oportunidade de vir a ser alguém. Hoje andei por aí a passear. Passeei e pensei. Caminhei pela Rua Stawki, onde vivi em rapaz, e fiquei assustado. Talvez venha a acabar os meus dias por ali. E depois passei pela Avenida dos Marechais e pelo Bulevar de Jerusalém. Seria lá que eu viveria se me decidisse.

— E, enquanto caminhavas, não passaste pela Praça das Três Cruzes e pela Embaixada Americana?

Andrei voltou-se para ele, furioso.

Thompson, da Embaixada, telefonou-me e convidou para almoçar. Parece-me que há por lá uma rapariga tão infeliz como tu.

Oh, meu Deus! Nem sequer posso ter o coração despedaçado?

Não, se de fato és Andrei Androwski.

Não quero palestras sobre shikses e judeus.

Alex continuou :

Se um shikse era suficientemente bom para Moisés, sê-lo-á também para Androwski. Sei no que estás a pensar neste momento: porque estou eu aqui? Porque é que dou cabo da cabeça com tudo isto? Mas se puderes acreditar no sionismo com o mesmo fervor com que os padres e as freiras acreditam no catolicismo, e do mesmo modo que o Hassidin acredita no judaísmo, também serás capaz de encontrar uma paz de espírito superior a todos os sacrifícios.

Andrei sabia que estas palavras eram proferidas por um homem que poderia obter grande fama e dinheiro se não tivesse escolhido o sionismo. Alex, porém, não desistia.

Oh, se ele, Androwski, pudesse acreditar assim no sionismo!

— Andrei, fica conosco! Todos nós te amamos!

— E desse modo descerei no conceito dos meus amigos e magoá-los-ei se me apaixonar por uma rapariga católica.

— Já te disse que te amamos. A única forma de magoares os teus amigos é magoares-te a ti próprio.

— Olha, Alex! Faz-me um grande favor! Vai-te embora!

Alexander Brandel reuniu todos os seus papéis e meteu-os dentro da pasta. Pôs o barrete na cabeça e enrolou-se num abafo que trazia sempre consigo, de Verão e de Inverno.

— Alex!

— Sim?

— Desculpa! Dentro de uma semana estou fora do serviço. Irei a Lodz, fica descansado. Talvez dê uma volta pelo País e veja o que se passa em Lublin e Lemberg.

— É uma boa ideia — disse Alex.

Depois de Alex ter saído, Andrei encheu um copo com vodca, bebeu-o de um trago e começou a vaguear pelo quarto.

Parou e deu corda à grafonola. Ouviram-se os acordes de uma sonata. Apagou todas as luzes, exceto a do candeeiro que estava sobre a mesa no meio do quarto, e dirigiu-se para a estante. Tirou um livro de Hayim Nachman Bialik, o príncipe dos poetas sionistas.

«Esta será a última geração de judeus que vive no cativeiro e a primeira que viverá em liberdade”, escrevera Bialik.

Mas não estava disposto a ler Bialik. Outro livro. Um que fosse arrebatado. Cá estava. John Steinbeck, o seu autor preferido.

#### UMA BATALHA INCERTA

Inumerável força de espíritos armados Ousaram detestar o seu reino e, me preferindo, Opor ao seu poder formidável um poder adverso Numa batalha incerta nas planícies do Céu.

Eles fizeram estremecer o seu trono. E se o campo for perdido?

Nem tudo se perdoará — a vontade indomável, A sede de vingança, o ódio imortal E a coragem que não cede nem jamais se submete ;

E que é mais não se ser vencido? 1 Andrei voltou a encher o copo. «Ora cá está um homem que compreende a vida», pensou. «Steinbeck sabe o que é lutar por uma causa perdida. A batalha duvidosa... a sua batalha.» Bateram à porta, quase imperceptivelmente.

— Entre, está aberta.

Gabriela Rak estava ali. Andrei baixou os olhos sobre a mesa, incapaz de falar ou de se mover. Ela caminhou pelo quarto até à estante.

— Achei que devia dar uma volta para lá do Bulevar de Jerusalém. Fiquei intrigada com essas trezentas mil pessoas 1 Extrato do poema Paraíso Perdido, de John Milton, inscrito como epígrafe no romance de John Steinbeck Uma Batalha Incerta, (N. da T.) vivem no «continente negro». — Correu os dedos pelas lombadas dos livros. — Vejo que tanto lê russo, como inglês, como polaco. E isto o que é? Deve ser yiddish, talvez hebreu. A. D. Gordon. Também há um volume de A. D.

Gordon na biblioteca da Embaixada. Deixe-me ver: «O trabalho físico é a base da existência humana... é espiritualmente necessário, e a natureza é a base da cultura, a maior criação do homem. Porém, para evitar a exploração, o solo não deve pertencer a um só indivíduo.» Que tal acha como primeira lição de sionismo?

— Que faz aqui? — perguntou Andrei.

Ela encostou-se à estante, com os olhos fechados, donde corriam lágrimas, e os maxilares contraídos :

— Tenente Androwski: tenho vinte e três anos, não sou virgem e o meu pai deixou-me uma boa herança. Que mais lhe interessa saber a meu respeito?

As mãos de Andrei fincaram-se na mesa. Por fim, dando um murro sobre a pilha de papéis e livros, gritou :

— Porque é que não me deixa tranquilo?

— Não sei o que se passa comigo nem quero saber.

Como vê, lanço-me aos seus pés. E Peço lhe que não me mande embora. — Depois começou a soluçar convulsivamente.

Ele pôs lhe a mão no ombro e foi gentil :

— Gabriela... Gabriela...



A partir do momento em que a consumiu a grande e maravilhosa energia que dele dimanava, tudo o que dantes considerava essencial à sua maneira de viver deixou de ter importância. Gabriela sabia, sem um vislumbre de dúvida, que nunca houvera e jamais haveria um homem como Andrei Androwski. As sólidas barreiras que a sociedade, com as suas religiões, filosofias e economias, erguera ante ele” desabaram uma após outra. Gabriela fora uma mulher egoísta. Subitamente, porém, achou-se capaz de dar com uma capacidade que nunca pensara possuir.

Pois, para si, Andrei era como o David da Bíblia. A um tempo, tudo o que era forte e tudo o que era débil num só homem.

Tinha em si o poder de destruir a vida num acesso de cólera. Todavia, nunca outro homem conseguira tocá-la com tamanha doçura.

Era um gigante que vivia a sua vida apenas com um ideal em mente. Era um jovem desamparado que se perturbava, agastava ou encolerizava em presença de uma aparente bagatela.

Ele era, para os amigos, um símbolo de vitalidade.

Porém, embriagava-se a valer quando as suas frustrações se tornavam demasiado penosas.

Mas com ele experimentava momentos plenos das mais eletrizantes emoções e também instantes de sofrimento e de dor mais profundos do que quaisquer outros sentidos depois da morte de seu pai. E havia as grandes expectativas preenchidas com os êxtases arrebatadores do puro prazer físico.

Aos amigos parecera que a sua determinação de se tornar amante de um mísero judeu fora uma calamidade terrível. Para Gabriela, as coisas a que se submetia pareciam insignificantes, e, na verdade, não existia sacrifício algum em amar um homem que a fizera mais feliz do que nunca na sua vida.

A pouco e pouco ela separou-se das pequenas coisas em torno das quais centrava as suas atividades. Gabriela aceitava o duro fato de o seu romance com Andrei poder nunca ser resolvido com o casamento. Sabia que jamais devia dar o passo perigoso de se entremeter no trabalho dele. Sabia que Andrei não se converteria

numa das imagens que ela própria idealizara. Andrei era Andrei, e ela teria de o aceitar, e tudo o que ele representava, tal como era.

Andrei encontrara finalmente em Gabriela Rak uma mulher cujo temperamento se casava inteiramente com o seu: fúria com fúria, paixão com paixão, cólera com cólera.

Muitas vezes ela ardia como uma chama naqueles ímpetos obstinados que somente se dissipavam quando ele se mostrava submisso ou titubeava uma tímida justificação. Ele sentava-se quietamente e defrontava sem um queixume a cólera dela depois de uma noitada. Ele sabia instintivamente quando se retirar de um conflito. Em recompensa, encontrava momentos que nunca experimentara. Momentos que ela avaliava a depressão que o possuía e as frustrações resultantes dos fracassos no seu trabalho. Nesses momentos ela era capaz de o tocar com um sentimento de compaixão que nunca antes o penetrara.

Ele sabia que tinha domado uma égua bravia, a qual, no entanto, mantinha sempre aquele ímpeto rebelde. Gabriela não renunciava à sua identidade religiosa. Ele insistia para que ela não se separasse completamente de todas as coisas que sempre haviam constituído a sua vida, e tomou como seus muitos dos amigos dela.

E descobriram que muitas coisas que outrora acreditavam ter conservado à parte do seu mundo pessoal eram comuns aos dois. Partilhavam um amor mútuo pela música, pelos livros, pelo teatro. Por vezes ele admitia sentir prazer em dançar com ela. Gabriela não se esforçava por ser aceita pelos amigos dele, mas, ao penetrar em parte do estranho mundo de Andrei, compreendeu que os mais íntimos amigos dele se lhe afeiçoavam sinceramente.

As viagens dele através da Polónia e as suas licenças do Exército traziam-no sempre ao lar para dias e noites de amor, que nunca se esgotava ou decrescia de intensidade.

«Somente há dois anos», pensava Gabriela. «Somente há dois anos que conheci-o meu Andrei.» Ela contemplou da ponte a partida do último comboio eléctrico para Praga, e depois, começou novamente a caminhar para norte, ao encontro de Andrei e de Christopher de Monti.

## CAPITULO VII

A antiga Adega Fugir, na Cidade Velha, encontrava-se submersa em ruído, fumo e cheiros. Dos imensos cascos escorriam vinhos velhos, cujo aroma se misturava com os odores de cerveja e queijo. As vozes dos turbulentos boémios eram um tanto amortecidas por milhares de garrafas alinhadas na parede. No meio do rumor, um trio de músicos ciganos moviam-se lentamente de mesa em mesa.

Os ciganos detiveram-se e debruçaram-se sobre a mesa de Andrei e de Chris, decididos a distraí-los. Andrei esvaziou a sua caneca, arrotou e pôs uma moeda na mesa. O violinista apanhou-a, depois fez um sinal imperativo ao acordeonista e a uma vocalista de aspecto porco que fazia ressoar um pandeiro.

— Jesus Cristo! — resmungou Christopher de Monti.

— Jesus Cristo! Até os ciganos tocam Chopin!

— Chopin é um herói nacional. Chopin dá-nos coragem!

— A merda! Ele era uma pequena verruga, um tuberculoso colado a uma prostituta francesa fumadora de charutos que tirava proveito do infortúnio da Polónia.

— Achas isso bonito?

A empregada abriu caminho até à mesa e colocou ante cada um deles um prato, um pedaço de escuro pão de centeio, um pouco de presunto e mais vodca.

Os ciganos tocavam O Sole Mio.

— Cristo, isto é pior do que Chopin — disse Chris.

Andrei emborcou quase 3 decilitros de vodca e limpou a boca com as costas de uma das mangas.

— Não nos desviemos da conversa — disse ele. — Os Alemães atacam, nós contra-atacaremos, naturalmente. O meu corcel, Valor, e eu seremos os primeiros a entrar em Berlim.

Chris oscilou de um lado para outro e fixou a vista no presunto. Levantou o garfo, apontou-o para o alvo e cravou-o profundamente.

— Isto é a Polónia — anunciou ele. Pegou na faca e cortou o presunto em duas partes. — Uma fatia vai para a Alemanha. A outra para a Rússia. Acaba-se a Polónia.

Tudo se perde. Andrei, diz a esses malditos ciganos que se sumam. Portanto, de uma maneira ou de outra, todos os teus malditos poetas escreverão sonetos maçadores sobre os belos tempos passados em que os nobres exploravam os camponeses e os camponeses espancavam os Judeus. Pois bem.

Um pianista néscio, em Chicago, tocará concertos de benefício em favor dos Polacos. E todos os concertos com música de Chopin. Dentro de cem anos não haverá ninguém que não diga: «Jesus Cristo, que a Polónia volte ao que era dantes...

Estamos fartos de ouvir concertos de Chopin.” E cem ou Duzentos anos depois os Russos e os Alemães recomeçarão A função.

Andrei arrotou novamente. Chris tentou continuar com A preleção, mas o cotovelo começava a deslizar lhe da mesa Sempre que tentava apontar para a Polónia russa. O violinista gemia E quando um violino cigano gemia na Fugir, os homens gemiam também.

Chris, meu caro amigo — fungou Andrei -, afasta minha irmã desse canalha do Bronski.

Chris levantou a cabeça.

Cavalheiro, não mencione o nome de uma senhora num bar. É indecente.

A mão compassiva de Andrei caiu no ombro de Chris.

— É indecente — concordou.

Andrei esvaziou a caneca, depois tornou a enchê-la.

— Hitler anda com bazófias.

— O diabo se anda!

— Ele receia o nosso contra-ataque.

— Contra-ataque, meu bobo. — O punho de Chris abateu-se sobre a mesa. Depois estendeu-o ao comprido, afastando garrafas, pratos e copos para um canto. — Esta mesa é a Polónia.

— Imaginava que o presunto é que era a Polónia.

— O presunto é a Polónia A. Isto é a Polónia B. Vês a mesa, estúpido? Vês quão bonita e lisa ela é? Na perfeição para os tanques. Os Alemães têm-nos. Eles fabricaram tanques grandes, tanques pequenos, tanques rápidos e tanques pesados. Puseram-nos à prova em Espanha. Se o vosso estado-maior tivesse senso, daria agora ordem para retirar.

— Retirar! — exclamou o oficial dos ulanos horrorizado.

Retirar, disse eu. Sustariam a primeira investida dos Alemães no rio Warta. Depois concentrar-se-iam na retaguarda do Vístula, para aí estabelecerem as vossas posições.

Na retaguarda do Vístula! Ousas insinuar que devemos abandonar a Silésia e Varsóvia?

Mas, cos demónios!, sim. Eles tomá-las-ão, de uma maneira ou de outra. Com Chopin ou sem Chopin. Se puderdes manter uma frente ao longo do Vístula durante três ou quatro meses, os Britânicos e os Franceses terão de iniciar algo na frente ocidental.

— Oh, o grande estrategista De Monti... o grande estrategista...

— Apenas senso comum e vodca.

Gabriela entrou na praça, pavimentada a paralelepípedos, de Stare Miasto, a Cidade Velha. A praça era circundada a toda a volta por edifícios medievais de cinco andares muito bem conservados, que formavam a sala de visitas de Varsóvia. As relíquias históricas da glória polaca eram preservadas em lugares adequados. Madame Curie era venerada com o maior respeito num museu. As lojas que vendiam cristal lapidado e produtos nacionais tornavam-na uma bem conhecida armadilha para turistas, assim como o sacrário do sentimento polaco.

Da extremidade mais afastada da praça, Gabriela ouvia os ruídos da Fukier. Dirigiu-se para lá, e uma vez aí fez correr os olhos à sua volta.

Ei-los, Chris e Andrei, os cotovelos na mesa, as mãos enlaçadas, numa contenda à maneira dos índios. A multidão juntara-se à roda deles, fazendo apostas e incitando-os.

Christopher de Monti era bastante forte e ardiloso, uma herança dos seus tempos de jogador de barquete. Ele forçava

lentamente o pulso de Andrei, que se sentia humilhado, como digno oficial dos ulanos que era, numa pugna com um simples mortal. Quando Chris concentrou toda a sua força na mão e começou a forçar a do antagonista, um clamor profundo irrompeu da multidão; a vantagem pronunciara-se rapidamente. O rosto de Andrei enrubesceu, depois pôs-se violáceo, devido ao esforço, e as veias do pescoço tornaram-se bastantes salientes.

Os pulsos tremiam lhes.

Bruscamente, a grande quantidade de vodca que ingerira dominou a força de Chris. Não foi capaz de fazer a ponta final. Apercebendo-se da fraqueza do adversário, Andrei reuniu as energias que um grande atleta possui de reserva e Chris começou a ir-se abaixo.

O mais profundo silêncio dominava as emoções da multidão, enquanto Andrei recuava do limiar da derrota. O suor perlava o rosto de Chris, que tentava furtar-se ao inevitável.

Sucumbiu. Andrei executou o golpe final com Tal Vigor e rapidez que Chris, saltando da cadeira, foi estatelar-se no meio dos espectadores.

O oficial dos ulanos pôs-se de pé, vacilante, ergueu os Braços para receber os merecidos aplausos e depois curvou-se A fim "de ajudar a sua vítima a pôr-se de pé. Vencido Se não dobrado, Chris, numa rápida sacudidela, apanhou Andrei pelo tacão da bota reluzente e fê-lo estirar-se ruidosamente no chão. Estendidos, de costas, puseram-se a rir convulsivamente.

Mas que diabo estão vocês a fazer aí no chão? — perguntou Gabriela.

-Que imaginas tu que estou a fazer? — volveu Andrei.

-Não vês que tento levar este bêbado indecente para casa?

Cheira aqui mal — disse Andrei.

— Eu disse-te que a casa estava pintada de fresco. Agora tem cuidado e não toques em nada. A tinta ainda está húmida.

Andrei lançou o inconsciente Chris no sofá de Gabriela.

Ele caiu com um baque, as pernas de través.

— Não deves ser tão desabrido — admoestou-o ela.

A jovem baixou-se e, apoiada nos joelhos, desapertou os atacadores dos sapatos de Chris. — Tira lhe o casaco e a gravata. Ele está tão embriagado que é capaz de sufocar.

Chris disse algo à toa sobre mesas lisas e presunto polaco enquanto Andrei o ia despindo com certa dificuldade.

Gabriela colocou lhe uma almofada debaixo da cabeça, cobriu-o com um cobertor e apagou a luz.

Andrei inclinou-se sobre ele.

— Pobre Chris! Já reparaste como ele e Deborah roubam olhares um ao outro? Como se estivessem ambos para morrer com o coração despedaçado. Pobre Chris!

Entra para ali — ordenou Gabriela.

Ele dirigiu-se, a cambalear, para o quarto, deixou-se cair pesadamente na borda da cama e afundou o rosto nas mãos.

Tenho de modificar o meu temperamento — resmungou Censurou-se asperamente num solilóquio monótono, escutado apenas por si. Gabriela entrou com uma grande caneca de café bastante quente.

A cabeça de Andrei tremulava de vergonha.

— Sou um filho de uma cadela — disse.

— Oh, cala-te e bebe isto.

Lançou um olhar culpado a Gabriela.

— Gaby, querida... Não me descomponhas, por favor querida.

Ela tirou lhe o boné, desabotoou lhe o dólmã e, com certo esforço, descalçou lhe as botas. Andrei chegara ao estado de embriaguez em que as palavras são pesadas e pastosas, mas os pensamentos bastante lúcidos. Bruscamente, o café levantou lhe o ânimo. Ergueu os olhos para a pequena Gabriela. Ela era tão encantadora!

— Não sei porque é que me toleras — disse ele.

Ela ajoelhou-se ante Andrei e colocou a cabeça no seu regaço. Mesmo neste estado, as mãos dele tocaram-na nos cabelos com surpreendente ternura.

— Sentes-te bem, querido? Podemos conversar? — perguntou ela.

— Sim.

— Quando nestes dois últimos anos te ausentaste, uma semana em Cracóvia, uma semana em Bialystok e uma semana ou duas em manobras, nunca sofri demasiadamente com a nossa separação, pois voltava os meus pensamentos para o momento, que sabia não tardar, em que subirias ruidosamente as escadas para te lançares nos meus braços.

Mas agora, que tens estado ocupado no serviço regular, não me apareceste durante dois meses. Andrei, quase me senti morrer. Na Embaixada sabemos que as coisas estão realmente más. Andrei... peço-te, casa comigo.

Ele esforçou-se por se pôr de pé, apoiando-se numa das quatro altas guardas da cama.

— Talvez me odeies da maneira que odeias Paul Bronski por ele ter abandonado as suas crenças, mas tu significas mais para mim do que ser católica; eu tudo abandonaria, acenderia velas por ti no teu Sabat e tentaria ser tudo o que...

— Não, Gaby... não. Não... Jamais te pediria que o fizesses. -a Eu sei quanto significas para outras mulheres. Eu Vejo a maneira como elas te olham — Se te zangasses comigo E se fosses embora por uma noite ou duas, juro que nada te perguntaria nem faria cenas.

Fazes cenas agora Farias cenas se fôssemos casados.

Talvez eu não te amasse se não fizesses cenas... Querida...

Eu... — Diz, Andrei...

Nunca te disse isto, mas casar contigo era a coisa de que mais me orgulharia na vida. É somente... Eu... Digo a mim próprio centenas de vezes por dia que não é verdade.

Que não acontecerá. Mas Chris tem razão. A Polónia vai ser conquistada. Somente Deus sabe o que os Alemães farão de nós. A única coisa de que não necessitas agora é de um marido judeu As palavras de Andrei e o seu significado eram absolutamente claros.

— Eu sei — disse ela com amargura.

— Que vá tudo para o Diabo. Que Deus amaldiçoe tudo. — Andrei tinha aquele olhar perdido que fazia Gabriela esquecer os seus próprios desejos, pois ele debatia-se, perturbado, com os seus problemas e precisava dela.



— Que te disse Paul Bronski esta noite para estares assim? — perguntou ela — Aquele canalha!

— Que te disse ele para te ferir tanto?

Andrei respirou profundamente, caminhou, vacilando, até à janela e fixou os olhos na escuridão.

— Chamou-me um sionista de pataco, e tem razão.

-Como podes dizer uma coisa dessas?

— Não, ele tem razão, ele tem razão.

Tentou aclarar os seus sombrios pensamentos. Fitou Gabriela através dos olhos turvados. Ela parecia achar-se longe e fora do campo da sua visão.

— Nunca estiveste na Rua Stawki, onde vivem os judeus pobres. Eu posso ver a porcaria nas ruas e sentir lhe o cheiro, ouvir o fragor produzido pelos aros de ferro das galeras no empedrado. Foram o fedor e a humilhação que o fizeram fugir de lá. Quem pode realmente censurá-lo?

Gabriela escutava, possuída de grande temor, enquanto cresciam as torrentes verbais originadas pela embriaguez.

Jamais ouvira, desde que o conhecia, Andrei dizer sequer uma palavra sobre a sua infância.

— Como todos os judeus, nós vivemos perseguidos por boicotagens económicas e desordens sangrentas causadas pelos mesmos estudantes que Paul Bronski ensina. O meu pai... viste a fotografia dele?

— Sim.

— Apenas mais um 'desses velhos e barbudos judeus religiosos que ninguém compreende... Ele vendia galinhas.

Meu pai nunca se encolerizava, mesmo quando lhe lançavam pedras pela janela. Disse sempre: «O Demónio destruir-se-á a si próprio.» Não conheces os Jardins Krasinski, as raparigas polacas de boas famílias não os frequentam.

Ficam no extremo norte, aonde a gente pobre vai aos sábados para olhar para as árvores e comer ovos cozidos e cebolas, enquanto os filhos mais pequenos caem nos viveiros de peixes. Meu pai encarregava-me de fazer a entrega de galinhas no Bristol e no Europa. Eu tinha de cortar caminho pelos Jardins Krasinski.

Quadrilhas de goyim espalhavam-se por lá à espera de nós, os rapazinhos judeus.

Todas as vezes que me espancavam e roubavam as galinhas tínhamos de comer batatas cozidas durante uma semana.

Eu perguntava ao meu pai: «Paizinho, quanto tempo irá demorar o Demónio a destruir-se a si próprio?» Eis tudo o que ele respondia: «Foge dos goyim, foge dos goyim.» Um dia, ao fazer as minhas entregas, acompanhava-me um colega da cheder, isto é, da nossa escola paroquial. É engraçado, já nem me lembro do nome dele. Mas posso distinguir-lhe o rosto claramente. Ele era magro e tinha metade do meu tamanho. Ao atravessarmos a Praça Krasinski, os goyim armaram-nos uma cilada mesmo defronte da sua maldita catedral. Comecei a correr. Mas este rapazinho — gostava de me lembrar do seu nome — agarrou-me e obrigou-me a pôr as galinhas no chão, atrás de nós.

O curioso é que não fugi. Quando o primeiro se aproximou de mim, dei-lhe um soco. Eu era capaz de lutar com vantagem com a maior parte dos outros rapazinhos da vizinhança, mas nunca pensara em dar uma sova num goyim. Ele caiu por terra, mas levantou-se como um louco, com o nariz contundido. Atingi-o novamente, e ele tornou a cair e ali se deixou ficar a choramingar; voltei-me e olhei para os restantes mas eles recuaram, e eu continuei a avançar na sua direção! corria atrás deles, mas eles fugiram! Apanhei outro e bati-lhe com alma. Eu, Andrei Androwski, da Rua Stawki, dera uma sova em dois goyim!

Em breve, porém, do orgulho produzido pela recordação do triunfo, mergulhava na sua embriaguez :

Eis porque sou um sionista de pataco, Gaby. Não quero passar a minha vida em pequenos quartos nus debruçados sobre pátios imundos. Bronski sabe-o. Não é minha intenção instalar-me em nenhum desses malditos pântanos da Palestina.

-Então, Andrei, porquê, porquê?

— Porque nos Bathyrans eu tenho uma dúzia, duas dúzias, de amigos de verdade. Enquanto nos mantivermos unidos ninguém nos poderá roubar as galinhas. Tudo o que desejo, Gaby, é poder viver sem fugir.

Esgotado e deprimido, Andrei voltou a estender-se lentamente na cama.

— — Obriguei-os a fazerem-me oficial dos ulanos. Eu, Andrei Androwski, um chefe sionista, forcei-os a fazerem-me oficial dos ulanos. Mas posso sentir os seus olhos nas minhas costas. «Judeu”, dizem para si mesmos, «judeu”. Mas não o dizem na minha cara.

— Chiu, querido. Não estás agora a lutar.

— Gaby, sinto-me tão farto de me bater por todos!

Tão cansado de ser o grande Andrei Androwski!

— Sim, querido. Agora descansa.

Ela apagou a luz, deitou-se ao lado dele e acariciou-o, até que ele mergulhou num sono espasmódico e lívido.

Qual é a melhor Sehora?

O meu pequeno há de aprender a Tora, Seforim ele me escreverá, E um judeu piedoso ele sempre será.

A canção da mãezinha. A cantiga de embalar da mãezinha.

Andrei entreabriu os olhos, pestanejando. Os seus dedos tocaram a almofada. Sentia um gosto amargo na boca.

Qual é a melhor Sehora?

O meu pequeno há de aprender a Tora...

Andrei ergueu-se rapidamente. Sacudiu a cabeça entontecida.

Gabriela despertara no mesmo instante, mas continuou imóvel e observou-o a mover, vacilante, as pernas para o soalho, a esforçar-se por vestir o dólmã e atravessar as portas envidraçadas que davam acesso à varanda.

Uma Varsóvia quieta e adormecida estava diante de si.

Seforim ele me escreverá E um judeu piedoso ele sempre será.

«Paizinho”, murmurou Andrei. «Paizinho.” Israel Androwski achava-se diante dele. O seu casaco preto manchado e no fio. A sua barba grisalha e descuidada devido à fadiga, os seus olhos semicerrados, com a tensão da dura vida gravada no rosto e nos gestos.

Andrei podia sentir o odor da vida da Rua Stawki.

«Na cheder tu aprenderás a sentir conforto na Tora, no Talmude e no Midrash. Vais para a escola amanhã, a fim de iniciares

a tua travessia no mar do Talmude e colher a sabedoria que te dará a força para viveres como um homem bom e piedoso durante toda a tua vida.” O pequeno Andrei balbuciou a sua excitação em yiddish, ávido por iniciar a sua aprendizagem numa das seiscentas escolas de yiddish de Varsóvia.

O rabi Gawirtz aquecia as mãos no fogão já sem lume numa pequena sala, diante de um punhado de estudantes trémulos.

«Vós vedes, crianças, nós, os Judeus, encontramos-nos em Diáspora desde a destruição do Segundo Templo e da dispersão, há quase dois mil anos...”...Na Crimeia, na era bizantina, os Khazars, um povo guerreiro, adoptaram o judaísmo, mas no século X os Khazars foram derrotados e postos em debandada pelos Russos, como os Judeus foram expulsos da Terra Santa. Os Russos desbarataram-nos, nunca mais se ouviu falar deles; por fim, o império consolidou-se sob a égide do cristianismo de feição greco-ortodoxa.

Os Judeus sofreram maus tratos durante os anos da dispersão em todos os países por onde se disseminaram, desde chacinas a expulsões. A febre da perseguição aos Judeus elevou-se a novo nível com a Inquisição espanhola, quando a tortura e a bestialidade eram tão comuns como as orações quotidianas.

Na Idade Média, aos Judeus foi imputada a peste negra, a feitiçaria e rituais de assassínio.

Mas foram os cruzados que, sob a bandeira da Santa Purificação, e em nome de Deus, se puseram em marcha para matar todos os judeus da Europa. Os morticínios tornaram-se tão sangrentos que, vaga após vaga, os Judeus fugiram da fonte da carnificina, na Boémia, para o reino da Polónia, ora nascente.

Aqui, os Judeus foram bem-vindos; e este foi o seu começo real, juntamente com os começos da própria Polónia.

Os Judeus eram necessários, pois não havia classe média entre a nobreza feudal e os camponeses. Os Judeus trouxeram consigo as suas artes, ofícios, comércios, profissões e experiência de mercadores.

— E como decorreu hoje a cheder, Andrei?

— Os rapazes zombaram de mim, pois dizem que Andrei Androwski não é um nome judeu.

— Ora, é um nome bem judeu. Ele aparece já nos primórdios da nossa família. A nossa família era muito antiga na França antes de emigrar para a Polónia, durante as cruzadas.

— Porque é que o paizinho e o rabi Gewirtz falam tanto acerca de história? Quero conhecer as coisas que estão acontecendo hoje. Porque perdemos tanto tempo a ocupar-nos do passado?

— Porquê? — Israel Androwski voltou um dedo para o céu e repetiu uma velha frase hebraica: «Aprende donde vens. Antes de saberes quem és e para onde vais debes saber donde vieste.” E assim Andrei soube que uma série de reis polacos outorgaram certo número de cartas régias em que garantiam liberdade religiosa e proteção aos Judeus, pouco depois da sua chegada à Polónia, provindos da Boémia.

Todavia, esta cláusula de segurança foi sol de pouca duração; pouco depois da sua chegada iniciou-se uma parada sórdida de quase mil anos de opressão contra os Judeus, ela jamais cessou, variando somente de intensidade de tempos a tempos.

Começou logo que a igreja romana viu crescer o seu poder e consolidou a sua posição como a religião do Estado.

Os jesuítas de Posen e de Cracóvia instigaram os tumultos contra os Judeus na Idade Média, persistindo em espalhar mentiras sobre os rituais de assassínio.

Os Jesuítas receberam auxílio de emigrantes alemães, que competiam com os Judeus no comércio. Com a colaboração da Igreja conseguiram que se tributasse um imposto especial sobre os Judeus e os expulsassem de ofícios concorrentes, comércios e profissões. Os pans feudais não permitiam aos Judeus possuir ou cultivar terra.

E assim foi dada à Polónia a honra da criação de um dos primeiros ghettos do mundo, obrigando os Judeus a uma separação compulsiva do resto dos cidadãos, ao serem encerrados entre muros.

Impedidos de participar na vida da nação e na vida económica normal, foram coagidos a ser uma raça à parte.

Nos ghettos, limitados nos seus meios de subsistência, os Judeus começaram a sua longa tradição de autogoverno e autoajuda. Congregados numa comunidade própria, intensificaram os seus estudos dos livros sagrados a fim de encontrarem a resposta a um dilema milenar.

«Nós somos como uma ave”, dizia o rabi Gewirtz.

«Acho-nos muito longe do ninho e, como não podemos percorrer num voo essa longa distância, fazemos constantes círculos. De vez em quando pousamos num ramo de uma árvore para descansar, mas antes de podermos construir o nosso ninho somos escoraçados e temos de voar de novo, incertamente, no nosso círculo...” No coração dos judeus polacos cresceu profunda amargura contra a terra natal. Os Polacos utilizavam a própria diferenciação a que tinham forçado os Judeus para provar que não os unia vínculo algum à demais população. Os Judeus não possuíam identidade como polacos. Falavam yiddish, uma língua que haviam trazido consigo da Boémia.

Criaram uma cultura e uma literatura próprias, isolados como se encontravam das massas cristãs.

Em 1649 os Judeus foram esmagados pela maior catástrofe verificada depois das quedas dos templos. Os cossacos da Ucrânia, auxiliados pelos Tártaros, desencadearam uma rebelião contra os pans feudais da Polónia. No dealbar da luta sanguinolenta e selvagem a ideia de chacinar todos os judeus da Polónia, da Ucrânia e dos estados bálticos obsidiou os cossacos, e rios de sangue judeu brotaram dos seus sabres rápidos, curvos e sibilantes. No frenesi de matar, os cossacos enterraram frequentemente criancinhas judias vivas.

À semelhança do que acontecera com o mundo árabe após as invasões mongóis, os judeus da Polónia jamais se ressarciram dos morticínios dos cossacos. Entorpecidos pela carnificina, conheceram uma era de desespero e procuraram nos seus livros sagrados uma evasão da longa noite em que haviam mergulhado.

Despontou então o culto da cabala. A cabala, um estudo de significados místicos, foi ensinada por rabis cabalistas que pregavam o Zohar e o Livro da Criação. Por meio de numerologia críptica e da

mágica, procuravam vencer o sofrimento da vida quotidiana, descobrindo significados ocultos na Bíblia.

Juntamente com os cabalistas surgiu certo número de falsos messias. Charlatães que se intitulavam messias proclamaram-se o guia ungido que iria conduzir os Judeus à Terra Santa. Um povo desesperado e inquieto despojou-se da razão e seguiu-os, como se fora um rebanho.

O maior dos embusteiros foi Sabbatai Zvi, um judeu turco, que, por meio de distorções da cabala, «provou” ser o Messias. Por todos os países onde se encontrava o disperso povo judeu, os anciãos e os rabis, de Amsterdã e Salónica, de Kiev a Paris, discutiram a validade das pretensões de Sabbatai Zvi. E foi a comunidade polaca que mais permeável se tornou às exortações do embusteiro, com a louca esperança de que ele os poderia conduzir à evasão.

Uma aniquiladora ilusão. Sabbatai Zvi converteu-se ao islamismo para escapar à cólera do sultão turco.

Jakob Frank, um rabi da Boémia, reacendeu a chama após a morte de Sabbatai, na Albânia, mas a seita frankista comprometeu-se em orgias sexuais e aviltamentos das leis sagradas. Por fim, Jakob Frank converteu-se ao catolicismo.

Depois de desmascarados todos os falsos messias, os judeus da Polónia mergulharam mais profundamente no mar negro do desalento. Do fundo do seu desespero emergiu o Hassidim. Israel Baal Shem Tov surgiu com um novo culto que captou a imaginação dos judeus, escravizados nos seus ghettos carcerários.

Os seguidores do Hassidim desligavam-se do mundo da quotidiana tribulação e realidade através de orações frenéticas que transcendiam as dores que os cercavam.

— Paizinho! Não quero ser alfaiate nem vendedor de galinhas!  
— bradava Andrei. — Não quero ser um hassideano!

Quero ser como as outras pessoas de Varsóvia.

O rosto de Israel Androwski ensombrou-se de tristeza.

Acariciou os cabelos encaracolados do filho.

— Meu rapaz, tu não serás vendedor de galinhas, mas um grande sábio do Talmude.

— Não, paizinho, não. Não quero ir mais à cheder!

O pai levantou a mão, encolerizado, mas não esbofeteou o filho, pois Israel Androwski era um santo homem. Fitou, perplexo, a chama que cintilava nos olhos de Andrei.

— Quero ser soldado, um soldado como Berek Josélowicz — murmurou o jovem.

A Polónia, dividida, em guerra constante com a Alemanha e com a Rússia, deixou, uma vez por outra, de existir como Estado soberano na sua longa e sangrenta história. Nos fins do século XVIII encontrou-se novamente No limiar de uma das suas numerosas rebeliões, desta vez contra o czar russo a este e o rei da Prússia, a oeste. Necessitando desesperadamente de efetivos, os Polacos permitiram que Berek Joselowicz, judeu de Vilna, e Joseph Aronwicz organizassem uma brigada judaica, o que constituiu um desvio radical dos princípios do passado.

Quinhentos homens participaram na defesa de Varsóvia.

Vinte sobreviveram. Com o precedente estabelecido, os Judeus responderam à chamada às armas nas rebeliões polacas contra a Rússia em 1830 e 1863. Porém, logo que a Rússia absorveu a Polónia e o Estado desapareceu da face da Terra, foi formado um vasto ghetto com a designação de Espaço de Fixação Judaica. Para além dele não podia viajar ou viver judeu algum.

E a teia de estrangulamento económico, boicotagem, impostos excessivos e pogroms brutais continuou por todo o século XIX. O assassinio de judeus era apoiado pelo czar e tolerado pela igreja russa ortodoxa. Os Judeus foram constrangidos a uma posição de completo desamparo.

Ouviram-se algumas vozes débeis que reclamavam reformas tendentes a minorar o infortúnio dos Judeus, mas estas vozes eram muito mais brandas do que as quadrilhas de vadios que os assassinavam.

E surgiu uma nova geração no Espaço de Fixação, que não desejava continuar a viver uma existência semelhante à partilhada pelos seus irmãos ao longo dos séculos negros.

A nova geração não conseguia encontrar paz na cabala ou no entusiástico pregador do Hassidim, nem queria seguir os falsos



messias. Para eles, as velhas ideias haviam falhado, e, assim, durante os meados do século XIX, ideias novas e dinâmicas varreram os ghettos. Jovens judeus formaram comissões de autodefesa para proteger o ghetto contra os Pogroms logo que começaram a emular o soldado Berek Joselowicz.

Depois surgiram os Amantes do Sião, o primeiro movimento prático destinado a organizar colônias na Terra Santa.

Os milhares de grupos religiosos, chefiados pelos seus rabis combateram os novos radicais que se desviavam do ( viver tradicional dos Judeus, mas as perseguições reacenderam-se e cada novo pogrom tornou mais intenso o anseio de liberdade. Escritores, sonhadores, poetas furiosos, sacudiram as grilhetas do passado.

Theodor Herzl congregou as centenas de ideias diferentes de um milénio numa simples brochura, intitulada O Estado Judeu, e demonstrou que os Judeus nunca atingiriam um estatuto de igualdade antes de restabelecer a antiga pátria judaica.

Herzl foi saudado por alguns como um novo messias, foi vituperado, por outros, como um novo Sabbatai, mas o pai do moderno sionismo plantara a semente da nova ,. árvore da esperança para os judeus dos ghettos.

Como os tumultos anti-judaicos crescessem de intensidade na Europa no fim do século, a premência da realização do sionismo aumentou.

Foi neste mundo de pogroms e de ideias novas e inflamadas que Israel Androwski nasceu, no final do século.

; A primeira guerra mundial originou o restabelecimento do Estado polaco atrás das legiões de Pilsudski. Israel Nadrowski e a maioria dos judeus da Polónia escutaram as! palavras e os ideais de Pilsudski e acreditaram que, após novecentos anos, a sua emancipação acabara por despontar.

Os socialistas e os idealistas seguiram-no por toda a Polónia numa unânime comunhão.

Depois, porém, o marechal Pilsudski abandonou os judeus e os camponeses e trabalhadores da Polónia para implantar a ditadura, em colaboração com o antigo poder '! da nobreza feudal, o conluio dos coronéis e a Igreja a secundá-la.

Para os Judeus surgiu uma outra aniquiladora desilusão, com tumultos e impostos injustos e novas e maiores restrições comerciais.

-Andrei! Que é isso? Então trazes pedras nos bolsos e bates-te com os goyim nos Jardins Krasinski?

— Paizinho, foram eles que começaram a luta. Atacaram-me quando iniciámos as nossas entregas.

— Disse-te para fugires dos goyim.

— Não fugirei.

Que Deus me valha! Que Deus me ajude, com um filho destes. Escuta-me. Irás à sinagoga orar, para seres um bom judeu!

Aceitaram Andrei fora da área judaica porque ele podia por a sua força à deles e ganhar. Mas, pelas suas costas, ele sabia que era sempre «o judeu». -Sempre o judeu, não importava o que conseguisse. Sempre a muralha entre eles.

Incapaz de se fazer aceitar... sempre lhe fugia o que mais ambicionava.

— Decidi juntar-me aos sionistas, paizinho.

— Esses radicais! Meu filho, meu filho! Não foste à sinagoga nos últimos seis meses. Tens agora vinte anos e ainda não descobriste que o preço com que tens de pagar a tua condição de judeu requer paciência e oração. Tens de te resignar a aceitar a tua posição.

— Jamais a aceitarei. Oh, paizinho, não consigo encontrar o que necessito no Talmude. Devo procurar por mim próprio.

— Andrei — disse Alexander Brandel -, debes aceitar a comissão nos ulanos. Compreendes o que significa para todos nós termos um dos nossos rapazes, um sionista, como oficial dos ulanos? Nunca aconteceu. E ora a Deus para que constituas o grupo de futebol polaco para os Jogos Olímpicos de Berlim. Andrei, fá-lo por nós.

— Se eles me aceitarem... como... não como uma espécie de extravagância.

— Eu sei, Andrei, quão duro é travar esta batalha pela nossa causa, mas o teu arcaboço é forte e nós necessitamos de ti.

«Nós somos como uma ave muito longe do ninho, descrevendo círculos incertamente... à procura de um lugar onde pousar e fazer um ninho. Mas, logo que gritamos, somos escorraçados da árvore e temos de descrever círculos novamente...».

Israel Androwski, no seu leito de morte, perguntou asperamente ao seu desolado filho: «E venceste a tua grande batalha pela aceitação? Andrei... volta a uma boa vida judaica antes que seja demasiadamente tarde.. » Qual é a melhor Senhora?

O meu pequeno há de aprender a Tora, Seformim ele me escreverá, E um judeu piedoso ele sempre será.

«Aprende donde vieste.» O amanhecer derramava uma claridade parda sobre Varsóvia. Os olhos pesados de Andrei piscaram ante o perfil aguçado dos telhados. Sentiu a presença de alguém atrás de si.

Está muito frio. É melhor vires para dentro — disse Gabriela.

## CAPÍTULO VIII

Entrada do diário.

Está-se no limiar da guerra.

A delegação polaca chegou a Berlim para conversações de última hora, mas não tem autoridade para encetar negociações diretas. Segundo o consenso geral, Hitler não deseja, realmente, negociar. O seu pacto com a Rússia coloca, quanto ao presente, o exército soviético na prateleira, e ninguém acalenta ilusões de que a França e a Inglaterra nos vão ajudar o suficiente se a Alemanha nos atacar.

*Alexander Brandel*

Os sinos repicavam por toda a Varsóvia. Repicavam nas torres das pequenas e das grandes igrejas e na catedral.

Repicavam nas Igrejas de S.to António e de Sant'Ana, nas das Carmelitas e de Nossa Senhora, na Dominicana e na Franciscana, na de S. Casimiro e na dos Jesuítas, e ainda do Sagrado Coração, onde, numa pequena caixa negra junto do altar, se encontrava o coração de Chopin, Varsóvia é uma cidade de muitas igrejas, e em todas elas os sinos repicavam, pois era domingo.

Um punhado de velas brancas ondulavam no rio Vístula para experimentar a primeira brisa ativa do fim do Verão, os banhistas e os que se espreguiçavam ao sol acumulavam-se no areal do parque de Praga.

As Pontes Poniatowski e Kierbedzia transbordavam de denso tráfego, originado pelas idas e vindas de pessoas a Praga, em visita a parentes.

Por baixo da Ponte Poniatowski ficava o bairro de Solec. E este tresandava a excremento de cavalo, pois a maior parte dos cocheiros viviam em Solec e usavam os pátios anexos às suas casas como estábulo para os animais.

Nas escadas de caracol sob a ponte, em Solec, a polícia revistava uma prostituta muito conhecida. Porém, o contrabando habitual, a venda de fotografias obscenas, a receptação, a prostituição, o furto de carteiras, o jogo e o roubo que caracterizavam Solec haviam diminuído, pois a maior parte das prostitutas e dos gatunos encontravam-se na igreja.

Todos os cristãos de Varsóvia, dois terços da população, se achavam piedosamente nas igrejas, se dirigiam para elas ou delas vinham. Na véspera, a Varsóvia judaica, o outro terço, estivera piedosamente na sinagoga.

O dia estava ameno. Enquanto se vestia para ir à missa, Gabriela observava, da sua varanda, a praça, e, mais além, a Aleja Ujazdowska, onde os elegantes passeavam — homens de trajar muito apurado, com os seus chapéus de feltro, bengalas, polainas, pomposos oficiais do Exército, mulheres elegantes com vestidos e chapéus de Paris e peles.

Os novos-ricos faziam parada ao longo do Bulevar de Jerusalém e da grande Avenida dos Marechais.

Jovens enamorados sorridentes e soldados rasos com as suas raparigas passeavam para baixo e para cima na Rua do Novo Mundo, mirando embevecidos as montras trancadas das lojas.

Os campesinos de visita à capital movimentavam-se em grande número pela Praça da Cidade Velha para se saturarem da cultura polaca.

Os que não eram ricos nem pobres enchiam os Jardins Saxónia. E, como o supra racionalista marechal Pilsudski morrera, era permitido às multidões contemplar as maravilhas dos seus jardins botânicos em Lazienki, próximo do seu Palácio Belvedere.

Na Cidade Velha jovens tiravam fotografias às namoradas, que posavam nos muros medievais.

E a gente pobre ia para os Jardins Krasinski olhar para as árvores e para a relva, comer ovos cozidos e cebola e retirar da água os filhos caídos no lago.

Entre fontes com repuxos, palácios e sinos das igrejas, Varsóvia passeava-se; rapariguinhas de meias brancas pelos joelhos, laços e rabos-de-cavalo caminhavam diante dos pais, que se sentiam

possuídos de um fumo de santidade Após a visita aos lugares santos; rapazinhos corriam atrás de pequerruchas e puxavam lhes os rabichos do cabelo.

No meio dos largos passeios a vida centrava-se em torno das largas estruturas de concreto de forma circular onde eram colocados cartazes que anunciavam acontecimentos culturais, notícias, saldos e filmes de Irene Dunne.

Os monumentos equestres a Pilsudski, Stefan, Casimir e Fojiatowski e a estátua de Chopin, esta representando o músico simplesmente de pé, estavam juncados de flores viçosas, na homenagem tradicional dos Polacos aos seus heróis.

Na Praça Pilsudski, o local de Varsóvia onde se efetuaram paradas militares e os comícios políticos, erguiam-se onze sólidas colunas, que formavam a entrada para os Jardins Saxónia; no centro, a chama eterna ao soldado desconhecido. Este lugar também se encontrava juncado de flores» frescas, Depois da missa os ricos dirigiam-se para a presunçosa Casa Bruni,, comiam gelados e beberricavam chá, após a sua hora de comunhão com Deus; os pobres fitavam-nos da rua, através das montras largas e baixas. Os ricos não pareciam importar-se.

Nem toda a Varsóvia era tão reverente.

Os judeus tinham celebrado o seu Sabat um dia mais cedo, e enquanto os seus irmãos cristãos se purificavam dos seus pecados, eles enredavam-se tranquilamente nas suas severas leis azuis. O centro do gangsterismo judeu, na Rua polynska, ocupava-se com o contrabando e com o roubo, as fábricas de têxteis em Gensia permutavam matérias-primas e os armazéns dos negociantes de materiais de construção à volta da Praça Grzybow ou continuariam fechados conforme o número combinado de pancadas com os punhos à porta.

Nos quarteirões mistos das elegantes Ruas Sienna e Zlota comerciantes e homens de negócios judeus comunicavam aos vizinhos serem bons polacos e iam também passear.

E os sinos repicavam.

Tudo parecia encontrar-se em completa ordem para se passar um domingo em Varsóvia, desde que ninguém se aproximasse, é

claro, dos ministérios, invadidos por grande tensão, das salas de estar do Polónia, do Bristol e do Europa, onde se falava num tom de voz baixo e enigmático, ou se encontrasse entre os que se detinham diante do palácio presidencial a observar, na expectativa de uma palavra milagrosa que não viria, ou se se achasse em casa quando os rádios transmitiam vozes da B. B. C. de Berlim, da América e de Moscou.

Em todo o caso, sob esta aparência normal, toda a gente parecia saber que os sinos de Varsóvia podiam muito bem estar a dobrar pela morte da Polónia.

A reunião do conselho dos Bathyrans decorria no apartamento do seu secretário-geral, Alexander Brandel, que dava para a Grande Sinagoga Tlomatskie e ficava a uma distância conveniente do clube dos Escritores, que era o ponto de reunião de jornalistas, atores, escritores, artistas e intelectuais que admitissem ser judeus. Os jornalistas, os atores, os escritores, os artistas e os intelectuais judeus que mantinham reservas quanto à sua raça reuniam-se num outro clube, a alguns quarteirões de distância.

Uma dúzia de assuntos rotineiros que haviam ficado por resolver durante a ausência de Andrei foram examinados por alto; depois, as discussões centraram-se no que se devia fazer em caso de guerra.

— A guerra trar-nos-á tempos terríveis — disse Alex. Penso não ser prematuro estabelecer desde **já** uma base de emergência. Talvez seja preciso mesmo pensar no que faremos, Deus nos livre!, se os Alemães vierem.

Ana Grinspan, a secretária de ligação, foi quem primeiro se levantou :

— A primeira coisa que devemos fazer é cerrar fileiras como nunca. Temos de montar um sistema de comunicações entre todos os nossos sectores para o caso de uma possível ocupação alemã.

Andrei olhava fixamente para além da janela. Quando Ana começou a falar, voltou-se e mirou-a. «É ainda muito atraente», pensou. Fora a sua rapariga antes de conhecer Gabriela. «Que engraçado, ela é bastante parecida com Gabriela.» Ana tinha 25 anos e uma aparência muito polaca.

Ela vivia em Cracóvia e provinha de uma família da classe média, mas abastada. Mais de metade dos Judeus mergulhavam num destes dois excessos — um ódio anormal pela sua condição de judeus ou uma paixão anormal pela sua cidadania espiritual e religiosa. Quando Ana descobriu o judaísmo do pai, fez-se uma ardente sionista. Era esta paixão que, nela, desagradava a Andrei. «Há alturas em que uma mulher deve ser mulher, e o sionismo que vá para o Diabo. É de mais deitarmo-nos e levantarmo-nos com ele.” De qualquer modo, o seu rompimento fora um ato verdadeiramente civilizado.

Ana falou durante dez minutos. Não foram discutidos os seus pontos de vista. Unidade eterna.

Tolek Alterman pôs-se de pé. «Meu Deus, por favor, não permitas que Tolek Alterman se entusiasme”, pensou Andrei.

Mas Tolek entusiasmara-se. Distinguia-o uma cabeça com farta cabeleira, um casaco de couro e opiniões esquerdistas.

Tolek dirigia a granja experimental dos Bathyrans, nos subúrbios de Varsóvia. Estivera na Palestina com o grupo de Poale Zion e, como todos os que lá tinham estado, possuía um orgulho sagrado devido a tal fato. «Nós, os que real— mente lá estivemos”, era uma das suas frases favoritas e a que mais usava para dar ênfase aos seus argumentos.

— Com guerra ou sem guerra — proclamava Tolek -, achamo-nos unidos por crenças mútuas numa série de princípios.

Agora”, pensava Andrei, «ele perguntará que princípios são esses.” E quais’ são esses princípios. — prosseguiu lotek.

Os fundamentos do sionismo. A Polónia e a Rússia são fontes do sionismo, pelo desejo que o nosso povo acalenta de possuir um lar após séculos de perseguição.

«Oh, por amor de Deus, Tolek; nós sabemos porque somos sionistas.” Para nos conservarmos sionistas devemos continuar a agir como sionistas.

«Ele está a introduzir na sua lengalenga ardis capciosos que reveste de lógica.”, — A granja é o sionismo vivo. Devemos continuar a mantê-la em funcionamento e preparar o nosso povo para a realização dos nossos objetivos. Com guerra ou sem guerra.



Tolek então meteu a segunda. Não havia dúvida de que se desempenhara com brilho da direção da granja. «Antes disso», pensava Andrei, «nada lá se criava. Desde então treinámos três grupos de jovens que se estabeleceram com êxito nas colónias da Palestina». Somente desagradava em Tolek a vibração com que animava a sua sagrada missão.

— Eu próprio estive lá... — disse Tolek.

«Palavras, palavras, palavras.» Agora era a vez de Susan Geller tomar a palavra :

— O orfanato dos Bathyrans em Zoliborz é um dos melhores da Polónia. Cuidamos de duzentas crianças e antevemo-las todas como prováveis colonos da Palestina. A guerra trará mais órfãos. Nada existe que seja mais importante do que as nossas crianças...

«Tolek deseja a sua granja, Susan o seu orfanato e Ana unidade eterna. Cada um discute em conformidade com os seus próprios interesses. Bem, Ervin está a bocejar. O bom do Ervin Rosenblum. O nosso secretário da informação e da instrução nada tem a dizer, graças a Deus. Rosy é um sionista social; juntou-se a nós por necessidade de camaradagem intelectual — e principalmente por causa de Susan Geller. Surpreender-me-á se não se casarem.

Terei eu falado a Styka sobre a pata dianteira do Batory? É um pequeno ferimento que sobreveio após a última patrulha. Estou certo de lhe ter dito para chamar o veterinário, a fim de examinar o animal. Talvez não.

A minha licença surgiu tão bruscamente...” — Então que pensas tu, Andrei? — perguntou Alexander.

— Quê?

— Não desejas dar a tua opinião?

— Decerto. Se os Alemães vierem, embrenhar-nos-emos” nas florestas e lutaremos. ‘ O farto cabelo de Tolek Alterman esvoaçava enquanto ele espetava um dedo para cima e dizia que Andrei não era comedido. A Andrei, nesse momento, não lhe interessava discutir — quer fosse com Tolek, Ana, Susan, Ervin ou Alexander.

-Quem pode fazer planos? Quem diabo sabe o que vai acontecer? — disse Andrei.

Alexander Brandel entremeteu-se rapidamente e, com a sua habilidade de mediano, impedia um conflito de filosofias estimulado por torrentes emocionais de palavras.

Pronunciou algumas frases oportunas e conclusivas sobre a grande sabedoria do sionismo, justificando as opiniões de todos, e a reunião foi encerrada com uma afirmação de unidade, de unidade eterna.

Depois da saída dos companheiros Andrei continuou em casa do seu amigo mais íntimo. Ele e Wolf Brandel, um jovem de 16 anos, filho de Alex, começaram a jogar uma partida de xadrez enquanto Alex trabalhava, à sua secretária.

— Como oficial de cavalaria, mostrar-te-ei como se utilizam os cavalos — disse Andrei, movendo o seu cavalo num ataque ao bispo de Wolf.

O jovem Wolf comeu-lhe o cavalo. Andrei coçou a cabeça. Não era grande vergonha perder, pois o rapaz era um jogador emérito.

Alex levantou os olhos do seu trabalho :

— Wolf disse-me que acometes com o teu cavalo numa ofensiva sem apoio conveniente. És um mau oficial, Andrei.

— Ora... hoje, meu patife, vais apanhar uma lição.

O doce e taciturno Brandel sorriu e voltou aos seus papéis. O fato de ser secretário-geral de uma organização com vinte mil membros e cem mil simpatizantes mantinha-o ocupado noite e dia. Administrador, coletor de fundos, recrutador. Ele era superintendente do orfanato, da granja experimental e da publicação Kol Bathyran (Voz da Bathyran de tudo o mais, Alexander Brandel era o filósofo do puro sionismo.

Havia muitos tipos de sionismo, cada um com as suas variantes próprias, Alexander Brandel dizia que existia um tipo diferente de sionismo para cada judeu.

A filosofia mais popular e difundida, o sionismo trabalhista, originara-se na Polónia e na Rússia depois de terríveis morticínios de judeus nos fins do século passado.

O sionismo trabalhista exigia o auto sacrifício de uma dedicada força laboriosa judaica como chave para a redenção da Palestina.

A segunda das filosofias principais era a dos revisionistas ou ativistas, seguida por jovens furiosos paladinos da retribuição implacável de todas as injustiças sofridas.

Muitas vezes, super-nacionalistas e militaristas desejavam que as injustiças do antissemitismo fossem reparadas em conformidade com a lei do «olho por olho». Das fileiras dos revisionistas provinham muitos dos terroristas que combatiam o domínio britânico do mandato da Palestina.

Os Bathyrans de Alexander Brandel, constituídos por um pequeno grupo de intelectuais, eram um terceiro grupo.

O seu conceito do sionismo era a pureza. Acreditavam num único princípio: o estabelecimento do lar judaico, como necessidade histórica provada por dois mil anos de perseguições.

Os outros grupos concordavam em que os Bathyrans possuíam, na verdade, idealismo bastante para desperdiçar, mas que, sem um dogma, era impossível pôr uma ideologia em prática.

Brandel contradizia as acusações de que os Bathyrans eram um clube social anticéptico, pois tomavam o melhor de todas as ideias, pondo-o em prática, sem no entanto se obrigarem a qualquer delas. Não concordava com as restrições impostas ao indivíduo pelos adeptos do sionismo trabalhista, nem acreditava na dedicação à força dos revisionistas como resposta completa. Certa força e algumas restrições, sim. mas não completamente.

Ao abandonar o seu lugar de professor de História na Universidade, a fim de assumir a direção dos Bathyrans.

Alex encontrou o grupo a soçobrar. Do caos desenvolveu conceitos e filosofias que o tornaram respeitado e o impulsionaram.

No seu mundo privado, ele vivia na abstração. Os seus rendimentos eram sempre modestos, a sua pessoa desordenada, à maneira de um estudioso distraído. A luz achava-se sempre acesa até tarde no apartamento de Brandel, pois, além das suas obrigações para com os Bathyrans, Alexander Brandel era um historiador polaco de nomeada.

Wolf arrebatara o segundo cavalo a Andrei quando Sílvia, a mulher de Alex. entrou com um bule de chá e alguns bolos. Estava grávida de seis meses, o que era, aliás, bastante evidente. Dizia-se

com humor entre os Bathyrans que, em dezesseis anos, Alex viera a casa apenas duas vezes e de ambas engravidara Sílvia. Ela era a personificação da «boa rapariga judia.” Simples, bonita, roliça e de feições morenas, possuía um espírito subtilíssimo e era uma hábil dona de casa, criando condições ideais que permitiam que Alex continuasse com o seu trabalho.

Para Sílvia, sionista desde o berço, Alex atingira o pináculo da realização do homem judeu. Ele era escritor, professor e historiador. Nada havia de mais importante do que isso. Ela assistira à sua primeira reunião com o grupo do sionismo trabalhista nos braços da mãe, antes mesmo de saber andar, e era completamente dedicada ao trabalho do marido. Nunca se queixara de que fossem pobres ou de que ele se encontrasse ausente metade do tempo.

Na sua maneira reservada, Alex amava profundamente Sílvia. Quase tanto como ela o amava a ele.

Alex era bem sucedido no seu trabalho. Só raramente parecia necessitar do conforto de uma cama quente e dos braços e da voz acariciadora da mulher. Enquanto o mundo girava à sua volta, apressado, furioso e frustrado, ele nunca dera mostras de alterar o seu passo, nunca levantara a voz, nunca o dominara o pânico, jamais parecera encontrar-se mortificado pelos conflitos interiores que atormentavam outros homens.

Alexander Brandel alcançara aquele estado de graça a que se chama paz de espírito.

Poderia parecer paradoxal e quase irónico que fosse a equipa de Brandel e Andrei que estimulasse os Bathyrans.

Andrei era quinze anos mais novo que Alex e o seu oposto quanto a carácter e fisionomia. Andrei era um ativista de pensamento. Todavia, reconheciam um no outro uma força especial de que o outro carecia. O símbolo da força. O símbolo do espírito.

— Tu e Gabriela ficarão para jantar — disse Sílvia.

— Caso não te dê maçada.

— Que maçada? Wolf, logo que acabares esse jogo vai praticar com a tua flauta. O dinheiro para as lições não cresce nas árvores.

— Sim, mãezinha.

— Andrei, acho óptimo que a tua sobrinha Rachel frequente o mesmo conservatório. Sem isso, ele nunca praticaria sequer uma nota.

Andrei fitou bruscamente Wolf, que corou.

«Então”, pensou Andrei, «tu és um desses patifórios que fazem a corte a Rachel.” Wolf humedeceu os lábios, baixou os olhos e fez um movimento.

Andrei estudou o rapaz. Desajeitado, alguns pelos semeados no queixo, borbulhas... «Mas que verá Rachel realmente numa coisa destas? Não um homem, decerto, mas, por outro lado, não um rapaz também.” Conhecia-o desde menino. «Ele é um garoto decente. Respeitará Rachel, estou certo.” — É a tua vez.

Andrei fez uma jogada verdadeiramente desastrada.

— Xequemate — declarou Wolf.

Andrei olhou fixamente para o tabuleiro durante uns bons três minutos.

— Vai praticar com a tua flauta.

Desconstraiu-se, bocejou e aproximou-se de Alex, que escrevia num volumoso livro de notas.

— Que é isto? — perguntou Andrei, levantando o livro, que manuseou intrigado.

— Nem mais nem menos do que um diário de acontecimentos.

Realizo a minha propensão natural de narigudo.

— Que esperas fazer com este diário na tua idade?

— Não sei se terá qualquer utilidade. É apenas um palpite, Andrei, mas penso que terá alguma importância um dia.

Andrei repôs o diário de Brandel na secretária e encolheu os ombros.

— Ele nunca tomará o lugar da 7.ª brigada dos ulanos.

— Eu não estaria tão certo disso — volveu Alex. A verdade usada na altura própria pode ser uma arma mais valiosa do que mil exércitos.

— Alex, tu és um sonhador.

Alex notou que Andrei se impacientava. Ele era realmente a única pessoa com quem Andrei conseguia falar dos seus mais

recônditos pensamentos. Alex pôs os seus papéis de lado, pegou numa garrafa de vodca que se encontrava sobre a secretária e encheu dois copos, um pequeno para si e outro, maior, para Andrei.

Andrei pegou no copo e disse :

— Le'chayim! (À vida!) — Estiveste calado na reunião de hoje — disse Alex.

— Os outros falaram bem por mim.

— Andrei, somente uma vez te vi com um ar assim tão infeliz. Há dois anos, a. G. (antes de Gabriela). Discutiram?

— Discutimos sempre.

— Onde está ela?

— Provavelmente na igreja, acendendo velas e pedindo o perdão de Jesus, de Maria, dos Apóstolos e de quarenta santos polacos por viver em pecado com um judeu.

— Bem, o que te inquieta é o prenúncio de guerra próxima, não é verdade?

— Sim, a guerra e Gabriela. Há coisas para as quais um homem quer uma resposta antes de ir para um campo de batalha.

— Falámos hoje acerca destas coisas durante três horas.

Não estavas conosco.

Andrei sorveu o vodca e sacudiu a cabeça.

— Eu sou um mau judeu. Não sou o judeu de que o meu pai se orgulharia, que Deus conserve a sua alma em descanso.

Andrei dirigiu-se para a janela, puxou para trás a cortina e apontou para o grande símbolo do judaísmo europeu, a Sinagoga Tlomatskie.

— O meu pai podia encontrar conforto para qualquer problema nas palavras da Tora.

— Mas, Andrei, é por isso que nós somos bathyrans, trabalhistas, revisionistas. Não podemos encontrar conforto somente na Tora.

— Esse é o ponto, Alex. Não sou nem sequer um bom sionista.

— Meu Deus, com quem é que estiveste a falar?

— Com Paul Bronski. Ele vê-me na minha verdade.

Sou um sionista de pataco, Alex. Agora escuta-me. Não sou discípulo de A. D. Gordon e dessa conversa fiada do amor à terra. Não quero ir para a Palestina; nem agora, nem nunca. Varsóvia é a minha cidade, e não Telavive ou Jerusalém. Sou um oficial polaco e este é o meu país.

— Disseste-me uma vez, com muita sinceridade, que não desejas que ninguém roube as tuas galinhas. Isso não é sionismo? Não estamos nós a lutar simplesmente pela dignidade?

— Numa batalha incerta — resmungou Andrei. Depois sentou-se e a sua voz tornou-se mais calma. — Quero viver na Polónia e ser uma parte deste país, a que me sinto pertencer. Mas ao mesmo tempo não quero ser o que sou.

Não posso aceitar os conceitos de Paul Bronski, pois não desejo abandonar a minha identidade. Tenho tentado correr para a sinagoga e crer com a fé do meu pai. Desejo acreditar no sionismo com as certezas que possuis.

— Já alguma vez leste o meu artigo em que tentei explicar a anatomia do antissemitismo na Polónia? Não importa, o artigo era mau. — Alex fechou os olhos para dar mais intensidade à meditação e disse: — A Polónia está dividida em três classes: camponeses, nobres (os que aspiram a mantê-los assim) e judeus. Noventa e cinco Por cento Ucrânia e cinco por cento Paris, com alguns grupos étnicos à mistura para fomentar complicações eternas nas nossas fronteiras orientais e ocidentais. Nós, Judeus, viemos para a Polónia na Idade Média a convite de um rei polaco, fugindo diante das espadas santas da purificação dos cruzados. Viemos a fim de estabelecermos uma classe mercantil e profissional neste país.

— Bem dito, professor.

— Andrei, toma como exemplo esse pobre e miserável camponês esgaratando uma existência na terra. Ele é impelido a mergulhar no misticismo, no seu culto, a fim de justificar a sua capacidade de viver num mundo no qual não pode competir. Agora existe um judeu na sua aldeia. Ao judeu não é permitido possuir terra, de modo que o judeu faz mágica com as mãos. O judeu sabe coser, remendar sapatos... O judeu sabe ler. O judeu lê qualquer coisa naquele misterioso manuscrito e mantém rituais que apavoram

o camponês. Ou talvez o judeu se torne o negociante de cereais. Ele tem de utilizar os seus talentos e as suas manhas para viver. Pode emprestar dinheiro, o que o torna desprezível. Mas o que o camponês realmente não compreende é o judeu que empurra uma carroça e vende roupas em segunda mão a fim de mandar o filho para a Universidade. Agora o nosso camponês vai uma vez por semana à cidade e sente-se muito frustrado e confuso e embebedase. Tem de agredir alguém, extravasar a frustração acumulada. Não pode agredir o nobre que possui a terra que ele amanhã e que lhe extorpe metade da colheita como renda; assim, ele espanca o pequeno judeu, que não pode ripostar. O nobre diz lhe que o judeu que empresta o dinheiro, que é o negociante de cereais e que utiliza sangue humano nos seus rituais foi quem o conduziu a este estado de pobreza. Ele é vítima da astúcia do judeu. Agora o nosso nobre, que suga os camponeses até ao tutano, não lhes dá instrução, remédios e justiça, odeia também o judeu, que é o seu médico, arquiteto, advogado ou banqueiro. Nós somos o bode expiatório conveniente dos servos e dos que pretendem conservá-los na servidão.

— Desejar-se ser polaco no seu próprio país é tão fútil como desejar-se ser judeu na sua própria terra — murmurou Andrei — não me permitem o luxo de qualquer das Coisas...

Olhou através da janela e viu Gabriela dirigindo-se para o apartamento. «Pelo menos haverá outra noite com ela antes de regressar”, pensou. «Pelo menos há isso.”



## CAPÍTULO IX

O sentimento divino que impregnava Varsóvia ao domingo não era infelizmente bastante poderoso para criar uma trégua, para fazer recuar as garras do destino que se moviam céleres para a hora duodécima. Os ministérios, as secretarias de guerra e os gabinetes de imprensa estavam em plena azáfama.

Chris deixou o escritório a cargo de Rosy e dirigiu-se ao Ministério dos Negócios Estrangeiros a fim de colher as últimas notícias sobre a crise.

De momento nada havia de novo.

Retirou-se e, em vez de voltar ao Bristol, passou pelas altas colunas da chama eterna na Praça Pilsudski e atravessou os Jardins Saxónia. Os passeantes de domingo e os ociosos enchiam os bancos e as áleas. Passou pelo grande teatro de madeira, que anunciava a última produção da estação estival. «Nova peça na próxima semana”, pensou Chris, «com um elenco constituído exclusivamente por alemães.” Chris parou defronte do lago, consultou o relógio e procurou um banco vazio. O sol quente e os cisnes que deslizavam suavemente mais aumentavam a quietude. Fechou os olhos por um momento e palpou a testa. Estava com vômitos e tinha uma ligeira dor de cabeça, resultante da paródia com Andrei na noite anterior. «O feliz Andrei voltará”, pensou, «impelido pelo orgulho destroçado dos ulanos a mais uma bebedeira.” Deborah surgiu no fim da álea. Olhou em torno de si a procurá-lo, mas ele não lhe fez um sinal sequer. Desejou apenas contemplá-la durante um momento. Mirava-a sempre com o fascínio da primeira vez. Ela acenou lhe e sentou-se a seu lado e Chris, tranquilamente, pegou lhe na mão. Não falaram durante longo tempo, nem ouviram o rumor produzido pelos passantes ou os risos provenientes do lago, onde um soldado largara os remos do seu barco e quase contundira a rapariga que o acompanhava, nem escutaram os meneios indignados dos cisnes, desejosos de se afastarem do caminho do barco.

-Vim logo que pude — disse por fim Deborah.

-Porque não quiseste ir ao meu apartamento?

Deborah limitou-se a sacudir a cabeça.

— Chris — murmurou ela -, o que temos andado a fazer nunca me pareceu razoável. Agora parece-me ainda mais errado, já que Paul se encontra ausente.

-Como achei longo o tempo, enquanto te aguardava a todo o instante...

— Sabes que desejei vir — disse ela. Os seus dedos traíam de maneira tão inquietante o nervosismo que a possuía que ela retirou a mão.

— Vou para fora amanhã — disse Chris, Ela ficou surpresa.

— Por alguns dias somente. Vou dar uma volta pela fronteira.

— Estou contente por me teres telefonado.

— Desde a outra noite que te não afastaste um minuto sequer dos meus pensamentos. Deborah, achamo-nos aqui sentados ao sol e podemos pensar. É preciso que discutamos sem demora o caso com Paul.

— Não, Chris. Não agora, que ele está no Exército.

— Antes disso apresentavas outra desculpa, e antes dessa outra ainda. Juro-te que tenho desejado que ele não volte.

-Chris!

— Eu sei que ele é um belo amigo.

-Tenho pensado muito também acerca de nós, Chris.

Quando me encontro contigo... é... nunca pensei que tal me sucedesse. Mas ao mesmo tempo não deixo de fazer algo que se opõe a tudo em que tenho acreditado. Não deixarei Paul.

-Existe algum sentimento entre vós? '!

— Não como pensas. Nunca existiu, tu sabes. Há outros vínculos que unem um homem e uma mulher.

. Deborah, deixar-te-ei somente quando me expulsares da tua vida.

Eis que tocamos no que me atormenta. Não posso continuar a ver-te e conservar o pouco que resta do respeito que devo a mim própria.

A mão de Chris afagou o rosto e o pescoço de Deborah e ela fechou os olhos.

. Não, Chris, sabes o que acontece quando me tocas.

Oh, Chris, tudo o que faço é causar-te problemas. A minha presença é uma fonte de inquietações para a tua vida.

Ela sentiu os lábios do amante tocarem lhe o rosto.

— Vamos subir ao meu apartamento — murmurou ele.

. Despir-te-ei, deitar-nos-emos e ficaremos ouvindo música, e abriremos uma garrafa de champanhe...

— Chris, levantemo-nos e vamo-nos embora, suplico-te.

— Está bem, se é realmente o que desejas.

— Sabes que não.

Da tarde emanava a doçura de mil beijos e carícias, de ternuras infinitas. O seu romance de amor incluía uma espécie de intenso desespero, e quando se sentiram exaustos mergulharam num sono profundo e maravilhoso. Quando despertaram, Deborah sentia-se feliz. Tomou banho e dirigiu-se para a cozinha, submersa no grande roupão de algodão de Chris, aprontou as fatias de carne e gelou o champanhe enquanto ele mergulhava num banho quente.

-Lava-me as costas! — ouviu-o dizer.

Quando entrou na casa de banho, Chris tinha os pés na borda da banheira e cantava uma ária de Verdi, tentando entoar um dó alto que lhe falhava por umas seis notas.

Deborah arfava, tomada de leve excitação, quando se ajoelhou diante da banheira. Esfregou as costas de Chris com sabonete. Ele tentou abrir lhe o roupão.

— Deixa-te de graças — disse ela.

Ela acariciou lhe os cabelos, afundou os lábios nos dele, depois cobriu lhe de beijos o rosto húmido.

Mais para a noite o tempo arrefeceu e ele acendeu a lareira. Terminaram a refeição e estenderam-se, com satisfação' no amplo sofá, sorvendo lentamente conhaque quente.

Deborah abriu o roupão e fechou-o sobre os dois, e as mãos dele delinearam os contornos do corpo dela, dos ombros aos joelhos.

— Acreditavas que eu era uma jovem muito grave e pura? Que fez de mim, Sr. De Monti?

Deborah Androwski contava apenas 11 anos quando a mãe morreu. Depois teve de arcar com o encargo do governo da casa, de cuidar do pai e do irmãozinho Andrei. Antes e depois da escola encontrava-se permanentemente ocupada.

Tinha de cozinhar, de tratar das limpezas, de lavar a roupa e de fazer as compras. Eles eram tão pobres como o judeu mais pobre. Tinha de perder horas a regatear na imundície e na miséria da Praça Parysowski para poupar cada zloty.

Passado pouco tempo a lembrança mais vívida que Deborah; guardava da mãe era a imagem de uma mulher cansada e dolorida aguardando a redenção da morte que a libertasse dos cheiros e da sujidade da Rua Stawki. A mãe sempre a fizera refrear-se, devido às suas lamentações constantes, quando subia as escadas. A mãezinha tinha sempre uma nova dor de cabeça, numa infundável sequência delas.

Israel Androwski conseguia descansar da luta pela existência mergulhando nas raízes profundas das tradições judaicas, experimentando fanáticas alegrias na oração.

Escapava-se da miséria que o rodeava no refúgio da sinagoga.

Isto era negado à mãezinha, pois as orações quotidianas eram um privilégio dos homens.

Ser uma «boa esposa judia” impunha regras de vida rígidas. Enquanto Deborah crescia, todas as pequenas vinhetas e mosaicos começaram a tomar forma e significado.

A mãezinha lamentava-se sempre, especialmente na véspera do Sabat, quando o paizinho chegava da sinagoga, pois a uma boa esposa judia exigia-se a consumação dos deveres inerentes ao casamento todas as sextas-feiras à noite. E isto era penoso e desagradável para a mãezinha. A mãezinha perdera três filhos devido a abortos; um outro morrera de doença com 1 ano. Isto provinha do que a mãezinha e o paizinho faziam na véspera do Sabat e culminava sempre em dor e sofrimento.

O nascimento de Andrei trouxe nova série de males ao organismo da mãezinha.

«Tem cuidado com os rapazes”, dizia ela a Deborah.

Eles pôr-te-ão grávida e passarás a vida a esfregar soalhos, em limpezas, ao fogão e a dar lhes filhos. Os rapazes não nos trazem nada de bom, Deborah, nada de bom.” A mãezinha foi para a sepultura vituperando o sofrimento ligado a uma existência de mulher.

Deborah encontrou a plena justificação das profecias da mãezinha quando se viu forçada a esfregar, a limpar, a cozinhar, a lavar e a fazer as compras. Por volta dos seus 15 anos o pai conseguiu mudar a família dos bairros miseráveis para a bela Rua Sliska, onde viviam os judeus ortodoxos abastados.

Embora Israel Androwski fosse um homem bastante afetuoso, no mais fundo da sua alma Deborah sempre o considerara culpado da morte da mãe. E quando atingiu a idade em que pôde compreender porque visitava o pai certas mulheres de má nota, o fato mais reforçou na sua mente a ideia de que era sórdido tudo o que os homens e as mulheres faziam na cama. A responsabilidade familiar impusera lhe uma natureza passiva. Sentira-se sempre só, tanto quanto se lembrava; a sua única companhia era Andrei. O seu único refúgio, o piano.

Quando o fardo dos deveres domésticos se tornou mais leve, após mudarem para a Rua Sliska, Deborah lançou todas as feridas latentes nas doces sonoridades do piano, atingindo uma virtuosidade próxima das supremas alturas da mestria.

Depois, tão bruscamente como mergulhara na música, Deborah desencantou-se dela, pois o pai declarava que a filha perdia cada vez mais tempo no estudo.

Um fenómeno estranho e inexplicável sacudiu-a, superando os medos da noite. Um anseio de liberdade. Ela desejava explorar o mundo desconhecido além de si. O seu instinto de sobrevivência ensinou lhe que ela se afogava num ghetto mental.

Como primeiro ato de desafio, Deborah abandonou o Piano e pediu ao pai consentimento para frequentar a Universidade, a fim de estudar Medicina. O seu primeiro olhar para o mundo exterior proporcionou lhe a primeira verdadeira amiga, Susan Geller, uma estudante de enfermagem.

Deborah Androwski tinha 18 anos quando conheceu o jovem Dr. Paul Bronski, um brilhante professor por quem todas as estudantes da Universidade nutriam uma secreta inclinação. Deborah, rapariga de beleza invulgar, era tão invulgarmente ingênua como bonita.

Paul Bronski, que sempre fora bastante meticoloso em todas as suas decisões, desejou-a para sua mulher. Ela possuía as mais excelsas qualidades — inteligência e beleza — e seria mãe e dona de casa perfeita. Ela podia suprir as necessidades de um homem quando este o desejasse, e seria uma boa ajuda na sua carreira.

Deborah penetrou no mundo incomensurável demasiado depressa. Ela não possuía um laivo de sofisticação e experiência no jogo dos rapazes e das raparigas. Deixou-se arrebatada. Com pertinaz exatidão, o terrível prenúncio da mãe tornou-se realidade. Engravidou.

— Amo-te muito — disse Paul — e desejo que sejas a Sra. Paul Bronski.

— Imagino que morreria se me não quisesses.

— Não te querer? Deborah... querida... somente agora, nós temos de fazer algo quanto à tua gravidez.

— Que dizes?

— Sei que te será difícil, mas o nosso futuro depende disso. Terás de provocar um aborto.

— Paul... lançar o nosso filho...

— Querida, tens dezoito anos. És uma das minhas alunas.

Pensa no escândalo que suscitaria o nosso casamento estando tu nesse estado. Não só traria vergonha a ti e à tua família, como arruinaria a minha carreira.

— Mas um aborto...

— Será feito cuidadosamente, não te inquietes. Teremos filhos, muitos.

A consumação do fato mergulhou-a em profunda culpa.

A mãezinha tinha razão. O sexo era feio e doloroso. As suas fundas raízes religiosas fizeram-na considerar a perda do filho como um castigo para o seu pecado. Casou com Paul Bronski e tornou-se

para o marido tudo o que ele desejava: a mãe perfeita e uma inteligente dona de casa ;

-além disso, satisfazia lhe as suas necessidades masculinas.

Mas era na obscuridade do leito conjugal que ela sofria seu castigo. A culpa suscitada pelo ato sexual estava profundamente incrustada em si. e Deborah forçava-se a fingir prazer a fim de não ofender o marido. Não experimentara o êxtase nem sequer os pequenos prazeres do ato sexual. Era completamente frígida.

Que coisa estranha e maravilhosa a impelira para Christopher de Monti? Ele tomara lhe a mão como se ela fosse uma rapariguinha e conduziu-a da floresta negra do mal para o castelo dourado suspenso numa nuvem. Houve depois aquela primeira e terrível ocasião quando se encontraram sozinhos no apartamento dele, pois que tudo quanto anteriormente se passara entre ambos conduziu àquela situação na qual um homem e uma mulher não têm outra alternativa senão irem para a cama.

Por uma aparente ninharia, Deborah deixou-se mergulhar num acesso de mau humor. Chris compreendeu imediatamente que., na realidade, ela apenas se sentia furiosa consigo própria, dominada pelo pavor de não ser capaz de experimentar o êxtase amoroso.

Chris deteve muitas vezes o rosto dela nas suas mãos.

— Deborah, meu amor... a tua mãe morreu. Não vais desobedecer lhe pelo fato de te proporcionares o prazer de uma mulher normal.

E todos os anos de frustração irromperam da prisão onde se encontravam encerrados quando Chris os libertou e os expulsou dela.

— Eu não sabia... eu não sabia que isto podia ser assim.

Deborah abriu os olhos, pestanejando. Do fogo nada mais restava que cinzas. Chris mexia-se na cozinha. Ela consultou o relógio. Era muito tarde. Ele entrou esguelhado e sorridente, vestindo um esfiapado par de calças de caqui e segurando duas chávenas de café.

Da mulher tão impulsiva e maravilhosa como ela sempre fora, Chris viu-a transformar-se numa outra perante os seus olhos. Ela

caminhou pressurosamente para o telefone e marcou um número, num gesto nervoso e impaciente.

— Está? Rachel? É a mãezinha. Querida, perdoa-me por não te ter telefonado antes. Algo me reteve. A Zosha preparou-te um bom jantar? Pratica no piano, querida.

Diz ao Stephan que não tardarei em casa.

Pousou lentamente o auscultador. Chris ofereceu-lhe café. Ela sacudiu a cabeça, evitando-lhe os olhos, e dirigiu-se rapidamente para onde se encontravam as suas roupas.

— Temos de representar uma outra cena de remorso?

— Cala-te.

— Porquê?

— Acordei ainda não há muito num sobressalto horrível.

É terrivelmente claro que cometemos algo de pecaminoso na maneira como vivemos. Eu sei que seremos castigados...

O telefone retiniu.

— Está?

— Sou eu, Rosy.

— Diz, Rosy.

— Desce até cá imediatamente.

— Que há?

— Berlim inteira acha-se envolta num denso manto de gelo. Telefonei para a Suíça. De lá disseram-me que todas as linhas alemãs da fronteira polaca foram cortadas.



# CAPÍTULO X

31 de Agosto de 1939

Ao: Comandante, companhia A, reforçada

De: Comandante, 7.a brigada montada dos ulanos —  
Crudziadz

Assunto: Ordem de patrulha Prossiga para norte, pela estrada de Tczew, às 7 horas. Um destacamento especial de escutas foi mandado para o vosso comando a fim de detectar movimentos anormais, mudanças de dispositivo ou aumentos de efetivos do 3.º exército alemão.

Envie-nos relatórios por intermédio de cavaleiros, conforme a maneira habitual.

Quando atingir Tczew, reúna-se ao seu batalhão e prossiga com ele até Gdvnia.

O mais tardar às 6 horas de amanhã encontrará a companhia B de regresso de Tczew numa patrulha que será o reverso da vossa.

Envie a sua mensagem por intermédio dela.

Sublinha-se que estamos em paz com a Alemanha e um acidente não provocado poderia ter sérias repercussões. Porém, em condições extraordinárias, estais autorizado a fazer uso do vosso julgamento.

Assinado: Zygmunt Bozakolski, brigadeiro comandante, 7.a brigada montada dos ulanos — Crudziadz.

O capitão Andrei Androwski movimentou a companhia A para fora da vasta base de aquartelamento em Crudziadz às 7 horas. Estava projetado que seria uma patrulha de rotina, destinada a efetuar uma missão de dois dias ao longo da fronteira oriental do Corredor Polaco e da estrada que corria paralelamente à Prússia Oriental alemã. Encontrar-se-ia com outra companhia do seu batalhão na manhã seguinte. Durante várias semanas a sua brigada

estivera ocupada nestas patrulhas errantes, cobrindo a área que ia da cidade e porto de Gdynia, no Báltico, à base de Grudziadz.

As patrulhas haviam sido singularmente monótonas e desprovidas de acontecimentos.

Era quente, este dia de fim de Verão na Pomerânia e enquanto a companhia A galopava para norte, os seus homens achavam-se completamente separados das frenéticas ocorrências que se produziam em Berlim, a várias centenas de quilómetros de distância. A paisagem era verde e tranquila e, como acontece com os soldados, eles contavam com uma pândega em Gdynia.

Berlim, Alemanha, 31 de Agosto de 1939.

Sir Neville Henderson, ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, pediu e recebeu da Chancelaria germânica uma lista de exigências na base das quais a guerra podia ser evitada. Esta foi lida numa linguagem rápida e ininteligível.

Ele então solicitou que lhe fornecessem por escrito.

O seu pedido não foi satisfeito.

Em vez disso, os Alemães exigiram negociações diretas com a missão de paz polaca, com base em termos que os Polacos desconheciam.

A missão polaca não foi autorizada a empreender uma negociação direta. Desesperado, e como última instância, Sir Neville Henderson rogou aos Polacos que tentassem obter autorização de Varsóvia. Os Polacos acederam. Mas, quando procuravam telefonar para a sua capital, descobriram que as linhas telefónicas haviam sido cortadas.

Sir Neville Henderson, com os nervos à flor da pele, devido à tensão provocada pelos acontecimentos e à falta de sono, exigiu, encolerizado, que lhe indicassem o motivo pelo qual tinham sido cortadas as linhas. Os Alemães responderam que fora trabalho de bandidos polacos, tornando ainda mais «intolerável” a situação e «provando que os Polacos desejavam a guerra”.

Berlim achava-se possuída de febre ao rubro. A população era bombardeada com notícias de ataques polacos ao longo da fronteira, de fogo antiaéreo dirigido a aviões comerciais alemães que voavam sobre o Corredor, de que os Polacos cometiam assassínios e

atrocidades contra «inocentes famílias de etnia germânica», da mobilização polaca e da histeria guerreira dos Polacos.

Na noite de 31 de Agosto, a companhia do capitão Androwski concluiu uma missão ao longo da fronteira entre a Polónia e a Prússia, sem que algo de excepcional tivessem encontrado. Detiveram-se, para passar a noite, num local que ficava defronte da cidade alemã de Mariemverder e acamparam num pequeno bosque a algumas centenas de metros da estrada. Após a ceia, a noite caiu. Depois de estabelecidos dispositivos normais de segurança, o capitão Androwski reuniu o destacamento especial de escutas que lhe havia sido designado.

Além de ordens para efetuar o patrulhamento de rotina, Andrei recebera também instruções verbais do comandante da brigada de escutas no sentido de apurar qual a quantidade de material blindado germânico que se encontrava ao longo do Corredor, naquela área. Os dez homens do destacamento especial, em trajes civis, atravessaram desarmados a fronteira, com instruções para circundarem a área de Mariemverder durante a noite e voltarem ao campo antes do amanhecer. As suas informações seriam avaliadas e os fatos fornecidos à companhia B.

31 de Agosto de 1939

ULTRA-SECRETO

AO Comandante, forças armadas Diretiva 1.

Em virtude de não podermos encontrar meios pacíficos para resolver a intolerável situação na fronteira oriental... o ataque à Polónia será efetuado segundo preparativos feitos no «DOSSIER» BRANCO.

Data do ataque: 1 de Setembro de 1939 Hora do ataque: 4.45 h Assinado: Adolfo Hitler Enquanto os homens da companhia A dormiam num bosque situado no Corredor Polaco, o epílogo da paz era escrito a centenas de quilómetros para sul, na região fronteiriça entre Gleiwitz, na Polónia, e Katowice, na Alemanha.

Membros das SS fardados de soldados polacos atravessaram a fronteira para o sector polaco, voltaram ao território alemão e fizeram ir pelos ares a sua estação de rádio em Gleiwitz. Portanto,

segundo a lógica nazi, fora criada uma razão para rotular a guerra de «oficial”.

Quando o primeiro-sargento Styka fez acordar os homens da companhia A, estes ignoravam inteiramente o «DOSSIER” BRANCO. Para eles, o dia que se seguia devia ser um dia mais de rotina militar. Despertaram por completo entre pragas, enquanto se moviam em redor das tendas.

O capitão Androwski e o primeiro-sargento Styka haviam tido apenas alguns instantes fortuitos de sono. Conservaram-se em vigília na maior parte da noite, até que os dez escutas voltaram a salvo. Andrei examinou detidamente as informações deles e redigiu um despacho.

1 de Setembro de 1939

Ao: Comandante, 7.a brigada montada dos ulanos —  
Grudziadz

De: Companhia A, patrulha móvel da fronteira

Na noite passada acampámos na posição L-14, defronte de Mariemverder.

De acordo com instruções verbais, um destacamento especial efetuou uma incursão de reconhecimento da região. É evidente o poderio militar alemão nesta área. Além das unidades previamente identificadas, apurámos haver dois novos regimentos blindados de infantaria e, pelo menos, parte de uma divisão Panzer (o 22.º e o 56.º de infantaria e a 3.a Panzer).

Dois batalhões desta divisão Panzer movimentaram-se para lá de Mariemverder às 3 horas desta manhã, seguindo aparentemente com destino ao sul.

A companhia A prosseguirá hoje a sua missão para norte. Esperamos reunir-nos esta noite em Tczew ao resto do batalhão.

Assinado: Andrei Androwski, capitão, companhia A.

Andrei dobrou o despacho, depois abriu-o num impulso súbito. A todo o comprimento da extremidade inferior do papel garatujou as palavras: «Viva a Polónia!” O primeiro-sargento Styka fez trotar a sua montada na direção de Andrei e grunhiu uma saudação.

— A companhia A acha-se a tomar a sua refeição, senhor. Devemos estar a postos para marchar dentro de meia hora.

— Há já sinais da companhia B?

— Não, senhor.

Andrei consultou o relógio e surpreendeu-se. Eram 5.30.

A hora-limite era às 6. Meia hora. Haveria sarilho para norte? Bem, era melhor não especular.

— Bom dia, senhor — disseram os oficiais quando Andrei passou por eles.

— Bom dia.

Ele e Styka instalaram-se noutro lado e começaram a comer. «Maldito presunto. O meu pai revolver-se-ia na cova se me visse comer presunto.» — Styka, quando diabo é que aprenderás a fazer chá? Vazou o conteúdo do fundo da chávena para o chão.

— Receio que nunca, senhor.

— A companhia que sele os cavalos e se coloque a postos.

— Muito bem, senhor.

Andrei dirigiu-se para a extremidade do bosque e fixou a vista, durante muito tempo, e inutilmente, ao longo da estrada deserta, esforçando-se por distinguir uma denunciadora nuvem de poeira ou por ouvir o ansiado rumor dos cascos dos cavalos.

As 6 horas, a hora-limite, passaram. Nem sinais da companhia B.

Subitamente cessou todo o rumor da companhia, e todos os homens se encontravam com os olhos fixos no cimo da estrada. Andrei voltou ao acampamento.

— Styka!

— Senhor.

— Manda-me um cavaleiro. Que seja o Tyrowickz.

O melhor cavaleiro da companhia A, o cabo Tyrowickz, apresentou-se.

— Tyrowickz, dirige-te a Grudziadz. Quero-te lá à tarde.

Vai pelos campos... Afasta-te da estrada principal. És capaz de levar a cabo esta missão, rapaz?

— Farei todo o possível, senhor.

— Entrega este despacho pessoalmente ao brigadeiro Bozakolski. Diz-lhe que não avistámos ainda a companhia B.

Continuamos rumo ao norte.

— Sim, senhor.

Andrei ficou a observar Tyrowickz esporear o cavalo e galopar. Fez meia volta e ordenou a Styka :

— Os escutas que se ponham em marcha. O primeiro pelotão que forme e tome precauções quanto aos flancos.

Quero-vos na estrada dentro de cinco minutos, coluna de dois. Mexam-se.

— Sim, senhor.

Estava fresco o amanhecer. Os homens tentavam aquecer-se, e baforadas de ar gelado brotavam lhes da boca.

Os primeiros raios de luz penetraram no bosque, expulsando o cinzento da noite. Para cima e para baixo, ordens rígidamente para montar. Não se praguejava nem se conseguia dominar as emoções. Possuíam-os uma leve tensão. Alguns dos mais religiosos ajoelharam-se e rezaram rápidas ave-marias. «Estranho”, pensou Andrei, «esta companhia não é lá muito devota.” Consultou novamente o relógio. Dentro de quarenta minutos seria dia claro. Onde diabo estava a companhia B? Onde diabo estavam eles?

O estômago de Andrei achava-se contraído de maneira muito semelhante ao que acontecia quando de um jogo de futebol. Devia-se isto à quietude da manhã e ao mau chá de Styka?

O primeiro-sargento voltou.

— Estamos formados, senhor.

Andrei inclinou a cabeça e observou o sargento a afastar-se para a estrada.

O bosque achava-se agora vazio. Andrei verificou a sela de Batory. Mastigou um pedaço de pão negro, bebeu um gole do cantil e repô-lo no alforje. Mirou o seu magnífico cavalo negro. O animal estava inquieto.

Andrei premiu a fronte contra o pescoço de Batory.

«Rendemos-Te graças pelas nossas vidas, que estão nas Tuas mãos, e pelas nossas almas, que estão sempre à Tua guarda.” «Porque orei eu? Já não oro desde rapaz.” Batory relinchou e ergueu-se sobre as patas traseiras. «Também o sentes, não, rapaz? Firme, amigo.” Andrei conteve o cavalo e, pouco depois, o animal, Já calmo, conduziu-o a trote para a estrada.

— Em marcha! — bradou Styka.

O pelotão dianteiro pôs-se a galopar. Os flancos dispuseram-se numa formação em leque e os encarregados das transmissões colocaram-se em posição para manter o contato.

Avançaram num trote lento, estonteados pelo dia esplendente. Rumo ao norte, durante uma hora, duas, três, e a cada quilómetro decorrido crescia a inquietação que os tomava. Não se encontravam vestígios da companhia B.

A demora excedia os limites normais. Ou as suas instruções haviam sido alteradas ou... sarilho.

Foi Styka quem primeiro se apercebeu do zumbido.

A coluna estacou, sem uma ordem. Os olhos de todos fixaram-se no céu, donde provinha o ruído distante. Depois, altas, muito altas, no espaço, surgiram as pequenas manchas negras, quase a perder de vista.

— Afastem-se da estrada — ordenou Andrei calmamente.

Meteram-se no fosso do lado polaco da estrada fronteiriça, desmontaram e contiveram, quedos, os cavalos inquietos.

Duzentos pares de olhos fixaram-se no céu.

-...sessenta, sessenta e um, sessenta e dois...

O zumbido tornava-se cada vez mais audível. Pouco depois o céu estava coalhado de manchas negras que se moviam em formação perfeita no que parecia ser um movimento lento.

O único som perceptível na companhia era produzido pela voz de Styka, que continuava no seu dobre monótono :

-.. duzentos e trinta e quatro, duzentos e trinta e cinco...

Nunca haviam visto tal quantidade de aviões. O medonho cortejo passou e desaparecera de vista. Trezentos e cinquenta aviões. Durante muito tempo nenhum dos homens deixou escapar sequer um som.

Capitão — disse Styka numa voz fanhosa -, eles voam sobre o nosso território, não é verdade?

Na direção este-sudoeste — respondeu Andrei.

— Para onde diz o capitão que eles se dirigem?

— Varsóvia.

Os olhos de todos os homens afastaram-se do céu para pousar no capitão Andrei Androwski.

— Bem, senhores: a loja está aberta para se começar o negócio. — Uma explosão de riso nervoso acolheu as suas palavras. — Styka, traz os oficiais à minha presença e chama o soldado Trzaska, do primeiro pelotão.

Eles acotovelaram-se em redor do mapa.

— Trzaska — disse Andrei -, eras agricultor perto de Starogard, não é assim?

— É verdade, senhor.

— Onde poderemos encontrar uma boa cobertura e uma elevação sobranceira à estrada?

O soldado Trzaska examinou o mapa por um momento, depois fez deslizar a ponta suja de um dedo ao longo da estrada fronteiriça e deteve-o.

— Existe aqui uma pequena floresta, senhor. Estende-se por algumas centenas de metros, em todas as direções, e situa-se num outeiro.

— A que distância da estrada?

— Oh... talvez trezentos metros.

Podiam percorrer essa distância numa hora de boa marcha. Era o ponto mais próximo que possuía uma cobertura conveniente.

— Eis para onde nos dirigimos, senhores — disse Andrei.

Tenham os vossos homens prontos para entrar em combate, e movam-se em fila simples e prolongada. Trote rápido em todo o caminho. O segundo pelotão que tome a guarda a retaguarda e coloque o último homem um quilómetro atrás, Partamos.

— Montar!

Prontos para combate. Aperrem as armas.

— Fila simples! Não se agrupem como um bando de pombos.

Os escutas adiantaram-se a galope, Desta vez foi o capitão Andrei Androwski quem primeiro alcançou a estrada. Pôs o capacete de aço, afivelou a correia do pescoço, aperrou a pistola e colocou o cavalo à frente da companhia.

O grande bigode de Styka tremulava continuamente.

— Como se sente, sargento? — perguntou Andrei.



— Estou tão assustado que quase me apetece arriar as calças aí a um canto — respondeu Styka.

— Conserve-se junto de mim. Vamos entrar hoje na dança. Dizem que depois do primeiro combate a coisa passa a não parecer tão má.

Styka encarou a companhia :

— Cavalgar rápido!

A companhia A movimentou-se novamente para norte e uma hora depois encontrou a pequena floresta de que falara o soldado Trzaska. Andrei estava satisfeito. Possuía cobertura e a vista para a estrada era excelente.

Ordenou que um de cada quatro homens marchasse 1 quilómetro em direcções diferentes para observar. Lançariam sinais luminosos para aviso. Depois mandou um cavaleiro para norte a fim de procurar a companhia B e um segundo de volta ao sul, à base de Grudziadz.

Pelo meio da tarde uma segunda formação de aviões, tão extensa como a primeira, coalhou novamente os céus de negro, rumo à Polónia Central.

Andrei sentou-se algures, um pouco longe dos seus homens, tentando avaliar a situação e as suas implicações.

As novas forças Panzer germânicas que tinham descoberto, os setecentos aviões e a companhia B perdida indicavam que a guerra começara.

Que fazer?

Continuar em direcção a Tczew e reunir-se ao batalhão, apesar de parecer haver sarilho lá para o norte?

Deixar-se ficar nesta posição e aguardar sinal de ale— mães?

E que fazer se estes surgissem? Tinha uma boa cobertura.

Devia aguentar aí, esperar pelo escurecer e voltar à base principal?

Não, impossível. A natureza e o orgulho dos ulanos tornavam deprimente a ideia de fugir ou de se esconder.

Sorriu para si mesmo enquanto pensava em Chris. Era pena, mas não seria o primeiro a entrar em Berlim. «Sem dúvida que estamos agora a reunir em massa as nossas forças para um vasto

contra-ataque sobre a Alemanha.” Como acontece muitas vezes na guerra, no campo de batalha nem sempre se tem a escolha de uma decisão.

— Capitão — disse Styka -, aproximam-se cavaleiros do norte.

Andrei assestou neles o seu binóculo de campanha. Viu dois. Um era dos seus, o cavaleiro que enviara de manhã com o despacho. O outro, um estranho. Eles penetraram na floresta com as montadas a escumar. O estranho sangrava e achava-se quase desfalecido.

— Ajuda-o, cos diabos! — disse Andrei. — Deixa-o recobrar o fôlego.

— Ele pertence à companhia B, senhor — disse o soldado de Andrei.

— Podes falar, soldado?

Ele inclinou a cabeça, arfando :

— Mãe Santíssima... Oh, Mãe Santíssima, capitão. — Andrei fê-lo beber um pouco de água. — Oh, Jesus, nós jamais saberemos como aquilo aconteceu. Os Alemães... encaminham-se para sul... pela estrada.

— Acompanhem este homem e ajudem-no a acalmar-se.

Tenente Vacek, coloque a sua mina de contato na estrada.

Tenente Zurawski, monte as quatro metralhadoras para fogo cruzado na posição em forma de U em redor da mina.

Utilize as valas de ambos os lados da estrada para cobertura.

Dzienciala, podemos usar os nossos morteiros eficazmente a esta distância?

— Penso que sim, senhor.

. Conserve o seu pelotão aqui na floresta como força de cobertura. Os restantes formem numa fila simples para uma carga. Eu conduzi-la-ei. No caso de termos sorte, Podemos fazer cair numa emboscada a primeira vaga de ' boches. Quero apenas perseguição limitada. Voltem aqui à floresta para reagrupamento.

— Se não os perseguirmos, eles aperceber-se-ão do lugar onde nos encontramos, capitão.

— Ora adeus, eles saberão em Berlim onde estamos dez minutos após o primeiro tiro.

— Que é que o capitão tenciona fazer após nos reagruparmos?

— Sentar o rabo aqui mesmo e evitar que eles sigam para sul por esta estrada. Logo que escurecer, dirigir-nos-emos para norte, ao encontro do batalhão.

Foi colocada uma mina simples na estrada e estabelecida uma posição de fogo cruzado de metralhadoras em alguns minutos. Os dois pelotões de morteiros postaram-se na floresta e apontaram as armas para a estrada. O resto da companhia A estendeu-se ao longo da floresta... e aguardou.

Um sinal luminoso de aviso foi largado no espaço pela guarda avançada de norte.

— Eles aí vêm, capitão.

De norte viram então levantar-se uma nuvem de poeira.

Andrei assestou o binóculo de campanha e observou a nuvem de poeira, que se tornava maior, a ponto de poder ser distinguida por todos. E depois o ruído dos motores.

Andrei contou-os quando descriam uma curva para entrarem numa reta de 1 quilómetro e meio, mesmo abaixo do ponto onde se encontrava.

— Veículos de transporte de tropas, vinte e dois. Devem ter duas companhias.

E então distinguiu a suástica nos lados dos camiões que desciam a estrada numa corrida resoluta. Andrei concluiu que os Alemães haviam pensado não encontrar mais oposição depois de terem esmagado o batalhão e a companhia B.

— Mantenham firme a linha, cos diabos!

Levou novamente o binóculo aos olhos. Pôde distinguir o rosto do inimigo. No caminhão dianteiro o condutor parecia ser um rapaz. Por qualquer estranha razão, pensou naquele instante em Wolf Brandel, e Batory ergueu-se nas patas traseiras.

— A postos!

O caminhão da dianteira era blindado. Embateu na mina, O chão tremeu, pedaços de terra esparrinharam do solo, o caminhão desintegrou-se. O segundo caminhão, cheio de soldados, tentou estacar, resvalou e voltou-se na estrada, rolando para dentro do

fosso, envolto em chamas. O terceiro e o quarto caminhão embateram um no outro. E então começou a ouvir-se o matraquear das metralhadoras, vomitando fogo. Os projéteis das metralhadoras apanhavam os Alemães num medonho fogo cruzado. Os soldados alemães saltavam dos camiões em selvática desordem, tentando organizar-se sob os gritos frenéticos dos seus oficiais.

Andrei baixou a mão.

— À carga! À carga! Matai esses filhos de uma cadela.

À carga!

Um medonho grito de guerra era desferido pelos homens da companhia A. enquanto desciam à desfilada o outeiro, atrás do capitão. Os cavaleiros arremeteram por entre o inimigo confundido, retalhando, mutilando, esmagando-os numa chacina sanguinolenta.

Incapazes de se organizarem, os Alemães começaram a fugir, a pé, para serem prostrados, abatidos, esmagados.

Os cinco camiões da cauda puderam descrever uma viragem na estrada e escapar-se rumo ao norte. Os morteiros na floresta ainda acertaram num caminhão, transformando-o numa tocha. Os restantes quatro escaparam.

Dez minutos depois o combate estava acabado. Uns cem alemães mortos e agonizantes jaziam dispersos pela estrada e pelas valas, e o ar achava-se quente devido ao fogo que lavrava nos veículos despedaçados.

Andrei trouxe os seus homens de volta à floresta. Saltou do Batory, caiu sobre os joelhos e dobrou-se sobre si mesmo para recobrar a respiração. Os seus homens, a pingar suor e exaustos, soltavam berros de júbilo pela vitória alcançada. O primeiro aroma de combate culminara num triunfo.

Andrei pôs-se de pé e encostou-se ao cavalo, também encharcado de suor, mas excitado pelo estímulo de ter carregado o amo numa carnificina.

— Styka, nós não vamos já cantar vitória. Acalma os homens, temos trabalho a fazer. Enfermeiro, quantas foram as nossas baixas?

— Quatro mortos, senhor. Trzaska, o tenente Zurawski, penso que morto pelo nosso fogo cruzado, Wajwod e Lamejko.

— E feridos?

— Seis, um deles com gravidade.

— Cavalos?

— Dez, capitão — disse Styka. — Abatemo-los já a todos.

Andrei olhou para os destroços na estrada. Nada podia passar. Era impossível aos Alemães rodeá-la, pois as valas eram muito abruptas.

— Tem ordens, capitão?

— Os homens das metralhadoras que voltem. É inútil que se exponham. Estejam apenas a postos, pois eles voltarão.

Examinemos os feridos.

A vitória contribuíra muito para fazer desvanecer o primeiro pavor do contato com o inimigo. Aguardaram.

Andrei deixou-se ficar na extremidade mais distante da floresta, segurando as rédeas de Batory. «Bem, rapaz, estamos agora metidos na coisa», disse ao cavalo. «Não foi tão mau após tantos exercícios, não é verdade? Danadamente fácil, se me perguntares. Desejaria que tivéssemos uma alternativa para esta posição... Bem, entrámos na dança, agora. Temos de os conservar afastados desta estrada. Pensas que podemos manter esta posição? Decerto que sim. Eles não conseguirão organizar hoje outro ataque. Calma, rapaz.» Blam!

Uma explosão no sopé do outeiro, muito próximo da estrada, e outra, e ainda outra.

— Styka!

Tratava-se de fogo de canhão de grande alcance. Onde?

Mais meia dúzia de granadas explodiram, outeiro acima.

Andrei consultou o relógio. Haviam decorrido apenas quarenta e oito minutos após ter reagrupado os seus homens, findo o ataque.

Blam! Blam! Blam! Blam!

— Ali — disse Andrei. Apontou na direção da Prússia Oriental. Uma dúzia de monstros com trilhos de ferro cru— zavam o campo, com os canhões a varrer a floresta. Andrei grunhiu. Uma comunicação pela rádio e canhões de longo alcance tinham, em poucos minutos, tornado uma boa posição defensiva numa ratoeira. Ia pagar com juros a sua emboscada? Observou o par de pequenos morteiros. Não poderiam atingir os tanques antes que estes se

encontrassem bastante perto da estrada. Aos Alemães era possível manter-se fora do alcance do fogo e reduzi-los a tiras, se quisessem. Debandar, talvez. Não, com mil diabos, nunca!

O fogo de canhão começou a flagelar a orla da floresta.

A linha dos cavaleiros começou a vacilar.

— Firmes, aí!

Dois dos tanques atingiram a estrada.

— Fogo de morteiros!

As granadas dos morteiros caíam com estrondo em torno dos tanques. Uma conseguira atingir em cheio um dos monstros. Mas nada podiam fazer para impedir o fogo contínuo dos Alemães.

«Bom Deus!», pensou Andrei. «Como poderei eu detê-los?»... quatro... cinco... seis... sete... oito... nove... dez... onze... doze. Os tanques estavam agora em posição, atingindo-os de uma distância de 300 metros.

— Desmontar! Façam recuar os cavalos e prendam-nos!

Formem uma linha de fogo escalonada.

Blam! Blam! Blam! Blam!

As cascas das árvores delgadas romperam em chamas.

Uma dúzia de cavalos relinchavam de terror e vários deles precipitaram-se a galope para fora da floresta, A companhia A ocultou-se atrás da cobertura das árvores. Somente o capitão Androwski e Batory permaneceram numa posição adiantada, a observar.

Os tanques alemães, num movimento ensurdecedor, avançavam em direção do fundo do outeiro.

— Vós, das metralhadoras! Deem lhes! Atirem para as torres!

As metralhadoras atingiam os tanques e as balas estalavam e saltavam da blindagem como ferroadas importunas quase inofensivas.

— Capitão! Aviões!

Os abutres negros voavam como flechas sobre a copa das árvores, a baixa altura, lançando, ululantes, bombas incendiárias; a floresta envolveu-se em chamas, que subiam para o céu como uma tocha. Uma segunda formação de aviões disparou dez mil tiros de

metralhadora. E, nesse mesmo instante, os tanques entraram novamente em ação.

Agora, camiões de infantaria vazios formavam atrás dos tanques.

— Aos cavalos!

Encurralados, sufocados e a sangrar, os homens que restavam da companhia A encaminharam-se para as poucas montadas que ainda encontravam.

— Carregar! — gritou Andrei. Batory, a juba negra voando em desafio, conduziu a destroçada e patética fila dos ulanos, outeiro abaixo, numa investida sobre os tanques alemães. Possuído por extrema cólera, Andrei distinguia apenas os, soldados de infantaria agachados atrás dos tanques.

«Apanhá-los-ei! Apanharei esses canalhas!» Os seus homens eram cuspidos das selas antes que pudessem avançar 50 metros. Andrei, num frenesi tremendo, arremetia sobre eles e, arrastando-os, punha-os de pé e impelia-os a montar, tentando reorganizar o ataque. Porém, nada mais restava fazer. Era uma debandada. Voltaram à floresta, com o capitão atrás deles, incitando-os, entre pragas, a mais uma tentativa.

Agora os tanques avançavam lentamente outeiro acima, os soldados alemães de infantaria agachados atrás da sua cobertura de ferro. A linha de aço aproximou-se até 100 metros, e imediatamente, sem corrigir o fogo, lançou os seus projéteis, e a infantaria dispôs-se numa formação aberta, em leque, entre os tanques.

A floresta exalava um odor a carne humana tostada e a madeira queimada e homens e cavalos tombados gemiam e rugiam de dor. Tudo era destroços. Durante dez, quinze» vinte minutos, Andrei pôde ainda reunir os sobreviventes para conter a progressão da infantaria germânica. A pontapé, fê-los erguer-se e conseguiu impeli-los a montar novamente, mas eles eram projetados das selas com metódica indiferença.

7 Depois, cambaleante, moveu-se cegamente em redor, pois uma nuvem de fumo atingira-o no rosto; gritou por Batory e palpou-o, esforçando-se por se manter ereto na sela.

— Vamos, rapaz! Vamos a eles!

Esporeou os flancos do animal para arremeter sobre os Alemães; porém, sentiu-se rodopiar, a terra começou a girar em torno de si e, quando abriu os olhos, experimentou a sensação de o seu peito estar a ser esmagado; tudo o que conseguiu distinguir foi o céu azul, no alto, e as copas das árvores incendiadas, a rodopiar. Andrei arrastou-se nas mãos e nos joelhos, semi-inconsciente, rastejando para alcançar Batory.

— Batory! Ergue-te! Ergue-te, rapaz! Não te deixes ficar assim! Ergue-te! Vamos matá-los!

O primeiro-sargento Styka, de joelhos, debruçou-se sobre Andrei e sacudiu-o violentamente :

— Capitão, estamos acabados! Levante-se, senhor! Tenho dois cavalos! É preciso fugir deste inferno, senhor!

Andrei levantou a cabeça do cavalo morto nas suas mãos.

— Batory! Ergue-te!

— Senhor, o cavalo está morto! Quase todos os homens estão mortos!

O corpulento soldado conseguiu, arrastando-o, pôr Andrei de pé. Andrei libertou-se das mãos de Styka e pontapeou o animal sem vida.

— Ergue-te, maldito! Ergue-te! Ergue-te! Ergue-te!



## CAPÍTULO XI

O povo alemão tem dotado a humanidade com os seus Beethovens, Schillers, Freuds e as dádivas dúbias de um Karl Marx. Agora o povo alemão presenteava a humanidade com uma nova série de autores — general Von Bock, general Von Kiichler, general Von Kluge, general Von Rundstedt, general Von Blaskowitz, general List, general Haider, general Von Brauchitsch, general Von Reichenau. O livro que escreveram para oferecer à humanidade uma nova inovação da cultura germânica intitulava-se Blitzkrieg, guerra-relâmpago.

A Polónia formava uma vasta saliência que se ajustava à goela aberta da Alemanha, com a Prússia ao norte, uma fronteira comum de muitas centenas de quilómetros do Báltico a Cracóvia, e, ao sul, a recém-violada Checoslováquia, para lá das montanhas dos Cárpatos.

A goela contraiu-se, e dentes aguçados como sabres, na forma de colunas blindadas, perfuraram profundamente a carne da Polónia. Os Polacos, arrogantes e obstinados, dominados pelo temerário orgulho nacional e com um estado-maior confiado em veleidades ofensivas, condenaram imediatamente a mínima oportunidade que pudesse ter havido de opor uma certa resistência ao inimigo.

Renunciando à lógica, a Polónia não se postou nas poucas e naturais barreiras defensivas que possuía à retaguarda dos seus rios. Em vez disso, sonhou em não manter uma fronteira de mais de 2000 quilómetros, na qual o inimigo escolheu os seus pontos de ataque. Visionara fazer um futuro contra-ataque na forma de uma louca carga de cavalaria.

As forças polacas não eram nem motorizadas nem blindadas ; o seu equipamento e armas seriam mais apropriados para uma guerra cinco décadas antes. Apoiada na coragem pura, a Polónia pediu ao cavalo que se batesse com o tanque.

As forças alemãs de terra lançaram envolvimentos duplos e triplos, executaram tácticas tiradas de álbuns de estampas,

chacinaram, esmagaram, retalharam, sobrepujaram o quase indefeso mas orgulhoso inimigo. O novo livro exibia o desdém germânico pelas humanidades simbólicas costumeiramente observadas na arte organizada do assassinio chamado guerra.

A morte foi lançada dos céus.

Horas depois das violações alemãs de fronteira, a força aérea polaca, diminuta e antiquada, foi feita em pedaços no solo. Ao mesmo tempo, as linhas férreas eram destruídas, os depósitos de mantimentos transformados em fumo, que subia para o céu, e os destroços das pontes, como brasas enormes, chiavam ao mergulharem nos rios. Cidades e aldeias, muitas vezes quase sem uma arma para ripostar ao fogo do inimigo, foram reduzidas a montões de cascalho calcinado.

A Luftwaffe, que em Espanha aprendera a violar cidades abertas, transformou a Polónia num campo de tiro aos pombos. Abateu os soldados polacos que debandavam em busca de cobertura, camponeses que labutavam nos campos, crianças que brincavam nos pátios de recreio das escolas, mulheres que amamentavam bebés nas maternidades e freiras na missa.

Através dos Cárpatos. vindo da Checoslováquia, List fez avançar os seus blindados por entre os desfiladeiros das montanhas e torneou o flanco de Cracóvia, no local onde fora perpetrada a mistificação da estação de rádio de Gleiwitz. No centro, coube a Reichenau a honra de pôr em movimento a maior massa de monstros com trilhos de ferro, e à sua esquerda Blaskowitz envolveu numa bolsa as planuras próximas do coração industrial de Poznam. E Von Bock e Von Kiichler irromperam furiosamente de posições do flanco norte, na Prússia e na Pomerânia, e deixou de existir o incómodo Corredor Polaco.

Na verdade, o livro fora bem escrito. Era a realização extrema da ciência do assassinio mecânico e técnico. A carnificina da Polónia — a chacina de duzentos mil dos seus soldados e de inúmeros milhares de civis e a violação do seu território — foi uma nova obra-prima germânica.

O capitão Andrei Androwski perdeu os sentidos devido a um soco que lhe desferira o primeiro-sargento Styka e foi arrastado da

cena de morte flamejante da companhia A.

Ele e meia dúzia de sobreviventes encontraram cavalos e conseguiram voltar à base de Grudziadz, onde uma catástrofe ainda maior tombara sobre os ulanos. Em Grudziadz havia sido estupidamente concentrado um terço das forças polacas para um contra-ataque que nunca foi desferido. Os Alemães cercaram-nas com ridícula facilidade e, tendo-as feito cair numa ratoeira, reduziram-nas a pedaços. A vasta westerplatte Saliant foi formada por um duplo envolvimento que fez cair numa ratoeira os soldados de marinha polacos. Em breve foi lançada a última das cargas de cavalaria. Com a águia polaca ainda esvoaçando em desafio, um temerário e inútil ataque tentou romper o círculo de ferro que os envolvia. Os Alemães, sem muita dificuldade, esmagaram os ulanos. O Westerplatte Saliant desmoronou-se.

Os ulanos que sobreviveram debandaram em confusão de Grudziadz para Torun. E... um último débil arfar, uma carga mais em Wloclawec, e estavam acabados.

Não houve mais descanso, pois o monstro germânico, com as suas garras e os seus dentes aguçados como um sabre, após despedaçar num ápice quase toda a Polónia, encontrava-se, apenas uma semana mais tarde, às portas de Varsóvia.

Na sua fuga desesperada, ao capitão Andrei Androwski abateram-lhe quatro cavalos em sete dias. Sangrava com ferimentos nos braços e nas pernas e o corpo achava-se coberto de contusões e sujidade. Ele e o primeiro-sargento Styka eram, com mais um punhado de homens, os únicos sobreviventes da brigada quando esta se rendeu, por fim, em Wloclawek.

Na noite de 7 de Setembro, antes de os Alemães poderem organizar convenientemente campos de prisioneiros e completar o desarmamento dos Polacos, Andrei, Styka e quatro outros evadiram-se da sua área e, a coberto da escuridão, e com o maior risco, conseguiram atravessar a nado a parte traiçoeira do curso superior do rio Vístula. Dois deles morreram afogados. Os quatro restantes esconderam-se numa floresta no dia seguinte e, à noite, arrastaram-se ao longo das valas de estradas repletas de patrulhas alemãs.

Na madrugada de 9 de Setembro os quatro encontraram abrigo numa cabana de camponeses nos arrabaldes de Block, a um terço da distância de volta a Varsóvia. Além do esgotamento normal, da fome e da sede, e quase a morrer devido às suas feridas ulceradas, o capitão Androwski permitiu-se o luxo de desfalecer.

Styka enviou os outros dois homens a Plock, a fim de trazerem um médico. Depois debruçou-se sobre Andrei, que se encontrava terrivelmente imóvel e com uma cor de um amarelo terroso. Andrei gastara o resto das suas energias de reserva a puxar Styka na travessia do rio veloz. A mente turvada do soldado recordou trechos da semana decorrida desde que arrastara Andrei da floresta em chamas. Acudiu-lhe a imagem do seu capitão conduzindo carga após carga e continuando a combater mesmo depois de ter sobrevivido o fim. Jamais vira tal furor nos olhos de um homem como no instante em que os encerraram no campo de prisioneiros, embora Andrei mal se pudesse sustentar de pé.

— Atravessamos o rio a nado, Styka, logo que escureça.

O camponês trouxe a Styka pão e sopa de lentilhas.

O soldado achava-se demasiado enfraquecido para levantar a colher ou mordiscar o pão. Pousou a cabeça no peito de Andrei. Sim, o coração ainda pulsava. Os seus olhos começaram a cerrar-se. «É preciso que não adormeça antes da chegada do médico... É preciso que não adormeça...» — Quem é ele? — perguntou o médico.

— O meu capitão — respondeu Styka por entre os lábios grossos. A sua mente estava nublada. Iletado que era, e exausto como estava, o sargento não era capaz de traçar com palavras o horror que contemplara na última semana.

Depois de o médico prometer manter-se ao lado de Andrei, Styka deixou-se cair no chão, junto da cama do capitão, e mergulhou no sono.

Quando Andrei abriu penosamente os olhos, vinte horas depois, Styka estava debruçado sobre ele. Styka esboçou um leve sorriso. O médico de Plock partira e voltara. Andrei conseguiu levantar-se, apoiado nos cotovelos, lançou um olhar em torno da choupana e abateu-se no leito.

— Perguntámo-nos se o senhor conseguiria despertar disse o médico.

— Claro que sim! Nunca o duvidei — bradou Styka.

A mulher do camponês persignou-se vezes sem conta e declarou, num pranto, que todas as suas orações à Virgem Santíssima tinham sido escutadas.

— Que diz a minha ficha clínica? — perguntou Andrei.

— Os ferimentos estão sob vigilância. O sortido de cortes e feridas desaparecerá. O seu estado de esgotamento requer repouso. Nunca examinei outro homem mais exausto. O senhor tem uma constituição de touro. Não sei como conseguiu atravessar a nado aquele rio no estado em que se encontrava.

Styka e o médico ajudaram-no a sentar-se. Tomou uma forte dose de vodca caseiro e meteu meio pão no estômago.

Apesar das objecções dos presentes, continuou sentado.

— Onde nos encontramos nós?

— Em Plock.

— Que há?

— As coisas vão mal por toda a parte. Estamos a ser duramente batidos — disse o médico.

— E quanto a Varsóvia?

— Os Alemães não chegaram ainda à capital. A Rádio Polskie diz que Varsóvia lutará.

Andrei tentou pôr-se de pé. As suas pernas dobraram-se e vacilaram.

— Onde estão os outros dois, Styka? Eles transpuseram o rio conosco; que é feito deles? Devemos voltar a Varsóvia para combater.

O médico e Styka trocaram um olhar.

— Bem, onde estão eles?

— Renderam-se.

— Renderam-se?

— Os Alemães atravessaram o rio em força. Todas as estradas para Varsóvia foram cortadas. Fiquei cá somente até que me certifiquei de que o senhor estava bem, capitão, mas não achei

maneira de seguir para Varsóvia. Em cada hora que aqui passamos pomos esta boa gente em perigo.

Os Alemães têm fuzilado todos os que dão abrigo a um soldado fugitivo.

— Eu sou polaco — anunciou o camponês. — Jamais fecharei a porta a um soldado polaco.

— O sargento está fino — disse o médico. — Agora, que sabe que o senhor se encontra vivo, seria melhor que ele descansasse. Quanto a si, posso arranjar lhe onde se esconder por alguns dias até que recupere energias; depois deve render-se também.

Andrei olhou para os quatro. A mulher persignava-se e orava novamente.

— Se tiver a bondade de me dar um pão, um cantil com água e se possível um pouco de queijo, pôr-me-ei a caminho.

Irei para Varsóvia.

Styka agitou os braços, desesperado :

— Capitão, é impossível.

Andrei conseguiu caminhar até ao sargento e pôs lhe uma das mãos no ombro :

— Olha para mim, Styka... Olha para mim, disse ele.

Queres render-te?

O homem grandalhão e simples fora um bom soldado durante quinze anos. A sujidade incrustara-se nos seus bigodes, outrora altivos, e bagas de suor escorriam da lama coagulada nas suas sobranceiras e da cara por barbear.

No seu rosto lia-se o mais extremo desânimo.

— Sim, senhor — respondeu ele.

— Agora escute — disse o médico. — Varsóvia fica a cem quilómetros, as estradas estão cortadas e por todo o lado veem-se patrulhas alemãs. Mesmo que fosse o homem mais forte e saudável da Polónia, não o conseguiria. No estado em que se encontra não será capaz de percorrer dez quilómetros.

Styka começou a chorar, algo que Andrei nunca o vira fazer.

— Capitão, senhor: lutámos o mais que pudemos. Não nos desonrámos.

Uma súbita tontura venceu Andrei. Lançou-se nos braços de Styka, depois libertou-se e tropeçou numa cadeira.

Sete dias decorridos, a guerra deles acabara. A sua ótima brigada transformara-se numa massa desordenada e sangrenta. A imagem dos olhos vítreos dos soldados acudiu-lhe ao espírito, e pôde ver a fileira de milhares de cadáveres estendidos pela berma da estrada, fora de Torun, após a carga de cavalaria, e os campos cobertos de cavalos esventrados.

A lembrança da batalha perpassara-lhe pela mente sem dia ou noite, princípio ou fim. Os cheiros, as queimaduras e as agonias. Incitando os homens a recobrar ânimo e a fazer mais uma investida... mais uma investida... A explosão das granadas fendendo-lhe os ouvidos, os trilhos dos tanques esmagando muralhas de carne... os gritos dos feridos.

... A pequena aldeia a norte de Rypin. Como se chamava?

Ele organizara um grupo de cinquenta extraviados para um ataque. Detiveram-se na aldeia por necessitarem de água. As crianças irromperam da escola e foram à praça da cidade aclamá-los. O padre saiu da igreja e as mulheres apareceram com pão nas mãos.

Ninguém deu pela vinda do avião; ele surgiu veloz.

Lançou as suas balas e desapareceu, e cinco garotos jaziam no chão da praça, sangrando. O padre ajoelhou-se ante eles, orando, e as mulheres gritavam em pranto. A rapariguinha morta, com os dedinhos fincados na boneca esfarrapada.

Aviões surgiram novamente no céu — e mais balas.

— Batemo-nos com honra — disse o brigadeiro Zygmunt Bozakolski. — Vou apresentar a rendição da 7.ª brigada.

Espero que vós, senhores, vos conduzais como oficiais dos ulanos.

A cerca da prisão. O arame farpado. As rondas dos guardas alemães.

— Styka, logo que a noite caia transporemos o arame farpado e atravessaremos o rio a nado.

— Acompanhá-lo-ei, capitão.

Styka caiu no arame e, como uma ponte humana, o seu corpo foi calcado pelos outros cinco, em correria. Seguiu-os depois. Quando atingiram a margem do rio, o ar estava repleto de sons de apitos, sereias e gritos de alemães.

Os holofotes devassaram a escuridão.

A corrente do rio era impetuosa e arremessou-os para a praia. As luzes, como uma listra luminosa sobre a água.

Blam! Blam! Blam! Nada para salvares a vida, nada para salvares a vida!

Um grito! Um deles fora atingido. A corrente arrastou-o, inerte, como um trapo.

— Estou a submergir, capitão. Não posso continuar.

Styka gorgolejava e movia-se com muito custo, desesperadamente.

— Aguenta, Styka, aguenta. — A mão de Andrei puxou-o pelo queixo, o braço livre conduzindo-o na água, para a vida.

— Estou-me a afogar! Estou-me a afogar! Mãe Santíssima!

— gemeu Styka.

— Está calmo, filho de uma cadela...

Chegados à margem, Andrei ajoelhou-se ante ele e aspirou-lhe a água dos pulmões e esbofeteou-o até o reanimar.

... E depois... Que aconteceu depois?

Andrei levantou os olhos. O camponês e a mulher.

O médico. E Styka, chorando.

— Se quer render-se, sargento, pode contar com a minha autorização.

— E quanto a si, senhor?

Andrei sacudiu a cabeça.

— O senhor é um doido danado! — disse o médico.

— Então penso que sou também um doido danado! exclamou Styka.

— Vai com ele? Sabe que ele não conseguirá fazer o que pretende. Porquê?

Styka tentou pensar. Era-lhe difícil. Encolheu os ombros.

— Porque ele é o meu capitão — disse.



## CAPÍTULO XII

Durante os primeiros dias após a invasão da Polónia a Inglaterra e a França tentaram desesperadamente persuadir a Alemanha a retirar o seu exército, prontas a impor à Polónia nova transação, semelhante à de Munique. Em face da recusa da Alemanha, a Inglaterra e a França tiveram de fazer o que deviam ter feito anos antes: declararam guerra à Alemanha. Com o aniquilamento da Polónia cada dia mais certo, as Embaixadas Britânica e Francesa em Varsóvia confiaram a maior parte dos seus papéis e negócios aos Americanos, neutrais.

Os Americanos dispunham de pouco pessoal para fazer face à emergência, mas o ânimo continuou excelente, apesar das tarefas suplementares.

Na segunda semana era evidente que a Polónia estava à beira de uma catástrofe completa.

Gabriela deixou a Embaixada depois de um período de catorze horas ininterruptas de serviço. Thompson insistiu com ela para que repousasse um pouco. Em vez disso, Gabriela conseguiu que um dos guardas de marinha a conduzisse a Zoliborz, a fim de visitar a família Bronski, com quem durante alguns dias perdera o contato. Quando lá chegou, Zosha disse-lhe que tanto Rachel como Deborah se encontravam no orfanato dos Bathyrans.

Assim, foi ao encontro delas.

Os bombardeamentos aéreos tinham aumentado de intensidade enquanto os exércitos alemães convergiam sobre Varsóvia.

A cidade estava decidida a continuar a luta. Do orfanato, Susan Geller expedira um pedido de emergência, solicitando auxílio para minorar as dificuldades existentes no subsolo, de modo que pudessem, pelo menos, contar com alimentos, medicamentos e lugares onde dormir durante os ataques aéreos. Gabriela trabalhou ao lado de Deborah, Susan, Rachel, Alex e Sílvia Brandel durante toda a noite e todo o dia seguinte, ajudando a transportar provisões

para o subsolo, repousando somente por alguns breves instantes sempre que podiam. Depois voltou à Embaixada. O volume de assuntos a tratar decrescera, e Thompson mandou-a novamente para casa.

Ela chegara quase a um estado de exaustão. Da rua levantou os olhos para o seu apartamento. Parecia muito só. Alguns edifícios das proximidades e da praça haviam sido atingidos por bombas. Achou-se a fazer o que sempre fazia quando se sentia só — caminhou para a Rua Leszno e subiu os quatro lanços de escada que conduziam ao apartamento de Andrei. Como de costume, a porta estava aberta.

Logo que chegou, começaram a retinir as sireias, anunciando um novo ataque aéreo. Ficou de pé junto da janela singularmente fascinada pelas chamas que irrompiam dos bairros miseráveis, apenas a 2 quilómetros de distância. Uma pequena extensão do incêndio parecia provir da Cidade Velha.

«Que tragédia se algo acontecesse à antiga praça», pensou.

Uma hora antes os bombardeiros tinham iniciado os ataques com bombas incendiárias a fim de removerem os obstáculos para a progressão sobre Varsóvia durante a noite.

Desta vez o inimigo atingia uma área onde se situavam as casas dos trabalhadores do bairro Praga, no outro lado do rio.

Das ruas vinha a confusão provocada pelos bombeiros, que se precipitavam para os bairros pobres, onde as casas se amontoavam apertadamente e eram tão inflamáveis que o fogo se podia estender a toda a Varsóvia se não fosse contido depressa.

Estrondos surdos provinham do Praga.

Não havia peça ou avião polacos para deter os Alemães.

E o inimigo voltava para esmagar a vontade de resistir do povo.

Gabriela fechou a janela e colou as fitas de papel blackout que removera, depois iluminou o aposento com uma pequena lâmpada que estava ao lado da cama e estendeu-se a ler *Leaves of Grass*, de Walt Whitman, a fim de fazer chegar o sono.

Uma batida à porta sobressaltou-a.

— Entre.

Alexander Brandel entrou no quarto. Gabriela ficou contente com a vinda dele.

— Não era minha intenção assustá-la — disse Alex. Fui em primeiro lugar à Embaixada e ao seu apartamento.

— Como vão as coisas no orfanato?

— Bem. As crianças são maravilhosas. Tentamos mantê-las numa atmosfera de recreio. Penso que elas são mais espertas do que nós.

— E por aí fora, o que há?

— Toda a parte norte está em chamas. No Praga reina o demónio. Como Starzinski nos diz que continuemos a lutar, nós assim fazemos. Pode dar-me um pouco de aguardente?

Gabriela tirou uma garrafa do aparador e fitou Alex suspiciosamente. Na maioria das vezes ele era abstémio, exceto, é claro, quando Andrei estava consigo. Alex bebeu a aguardente de um trago. Tossiu logo que o fogo lhe atingiu o estômago. «Talvez seja devido ao ataque aéreo», pensou Gabriela. Era suficiente para pôr alguém nervoso. Então Alex começou a franzir as sobrancelhas. Havia algo de sério no seu espírito.

— Que há? — perguntou Gabriela.

— Andrei está em Varsóvia.

Ela fechou os olhos e contraiu o estômago como se tivesse sido atingida. Então, tentou formular algumas perguntas mas os seus lábios não conseguiram dar forma às palavras.

— Em primeiro lugar, deixe-me dizer lhe que ele se encontra bem.

— Jura-o... jura-o, já?

— Sim, juro. Ele foi ferido, mas não é nada de grave.

Por favor, sente-se.

— Onde foi ele ferido, Alex?

— Digo lhe que não é nada de grave e Peço lhe que esteja calma.

— Onde se encontra ele?

— Quer fazer o favor de se dominar?

— Onde se encontra ele?

— Gabriela... por favor...

— Mente. Ele foi ferido com gravidade. — Gabriela esforçou-se por se dominar. — Bem, então conte-me.

— Só Deus sabe como conseguiu voltar a Varsóvia. Um milagre. Jamais se conhecerá a sua odisseia.

— Alex... suplico lhe... a verdade. É grave o estado de Andrei?

— O coração dele está rebentado.

— Onde se encontra Andrei? , — Ao fundo das escadas.

Ela lançou-se para a porta, gritando o nome do amante.

Alex reteve-a e colocou a palma da mão sobre a boca da jovem.

— Agora escute-me, Gabriela! Ele está extenuado, sem ânimo. Você terá necessidade de muita coragem.

— Andrei, Andrei — gritou ela, soluçando.

— Ele dirigiu-se em primeiro lugar a minha casa e disse-me que a procurasse para... não quer que você olhe para ele no estado em que se encontra. Compreende?

Ela inclinou a cabeça.

— Então obscureça o quarto, a fim de eu o mandar subir.

Ela deixou a porta fechada e apagou a luz. Havia uma claridade ténue proveniente do átrio do andar de baixo.

Gabriela postou-se no patamar, aguardando que Alexander chegasse ao fundo das escadas. Ouviu a voz de Alex. Dominava-a grande tensão, na expectativa de escutar outro som.

Aquele instante parecia eterno. Ela esforçou-se por conter o desejo agonizante de gritar o nome dele e de se lhe lançar nos braços. Então... o rumor lento dos passos de Andrei.

A subida exigia lhe grande esforço e cada novo passo parecia mais penoso do que o anterior.

Gabriela precipitou-se para o quarto, o coração arfando violentamente.

O ruído dos passos arrastados de Andrei ganhava volume e, pouco depois, a sua respiração, profunda e entrecortada, tornou-se perceptível. A sua figura projetou uma sombra no patamar. Ele deteve-se, as pernas vacilando e esforçando-se por respirar. Encaminhou-se para a porta, ladeando na escuridão.

— Andrei — murmurou ela.

Ele entrou no quarto, a tropeçar, como um cego, e dirigiu-se para a cama, onde se estirou, com esforço, gemendo de dor e de cansaço.

A Gabriela invadiu-a o desejo de acender as luzes, mas não ousou fazê-lo. Debruçou-se rapidamente sobre a cama e palpou o rosto do amante. Os olhos, as orelhas, o nariz, a boca. Ei-los. Braços, mãos, dedos, pernas. Andrei, todo ele, se encontrava ali!

O corpo de Andrei exalava um cheiro pútrido, proveniente dos fumos da batalha, sangue seco e suor; o seu cabelo estava eivado de sujidade. Ele gemia debilmente.

E então Gabriela serenou. Sentou-se na beira da cama, levantou a cabeça de Andrei, pousou-a no regaço e acariciou-a docemente. O seu rosto ardia em febre, e fincava, convulso, os dedos como garras na cobertura da cama.

— Está tudo bem, querido, está tudo bem agora.

— Gaby... Gaby...

— Estou aqui, querido.

E Andrei chorava.

— Eles mataram o meu belo cavalo — soluçava. — Mataram Batory.

De Bielany a Rakowiec, do Praga a Kolo, irrompiam gritos de sereias e novas chamas achavam-se prestes a acrescentar-se às anteriores, enquanto a violação de Varsóvia aumentava.

— Eles mataram o meu cavalo... mataram o meu belo cavalo... mataram-no...

## CAPÍTULO XIII

Entrada do diário

17 de Setembro de 1939.

O bolo foi cortado. A Polónia, o bode expiatório histórico, está novamente a representar o seu velho papel de sempre. Hitler cumpriu o seu acordo com Stalin. Os exércitos soviéticos saltaram sobre nós da retaguarda, movendo-se obviamente para fronteiras preestabelecidas.

A invasão alemã encheu de espanto os mais avançados estrategistas militares. Smigly-Rydz, o Governo e as legações estrangeiras puseram-se em fuga. Dizem que parte do nosso exército conseguiu escapar.

De uma maneira ou de outra, Varsóvia continua a aguentar-se, mas pergunto a mim mesmo se a coragem polaca provará ou não que a cobardia da Áustria e da Checoslováquia era a melhor saída.

*Alexander Brandel*

Origem: Varsóvia 21 de Setembro de 1939

Por Christopher de Monti (Swiss News) •

Por quanto tempo será Varsóvia capaz de se aguentar? Por quanto tempo poderá o presidente do Município, Starzinski, manter a resistência -desta cidade? Eis a pergunta formulada dez mil vezes por dia.

Esta é uma batalha estranha, uma guerra de carros eléctricos. Os soldados e os civis reunidos em batalhões de trabalho ocupam as suas posições no perímetro defensivo exterior de Varsóvia. Quando são rendidos, apanham um trole de regresso a suas casas, na cidade.

Muitas vezes as linhas da frente começam onde terminam as linhas do trole. Os movimentos de tropas são feitos por meio dos eléctricos vermelhos e amarelos, táxis, droshkas puxadas por cavalos e camiões de carga.

No perímetro existe uma estranha conglomeração humana nos batalhões de trabalho, que cavam trincheiras e preparam fortificações.

Velhos judeus ortodoxos barbudos, secretárias, donas de casa de babushkas vistosamente coloridas, estudantes universitários com os seus bonés, crianças, banqueiros, pedreiros.

Por toda a Varsóvia, em longas bichas, o povo aguarda a sua ração, sujeita, cada dia que passa, a novas restrições. A água, em alguns sectores, é repartida a balde. A prioridade na concessão de água é conferida ao departamento de incêndios, que trava um contínuo combate para impedir que a cidade seja inteiramente consumida pelas chamas.

As mulheres esperam, firmes, nas bichas, apesar do fogo de artilharia e dos ataques aéreos. Ontem ficaram enterradas quase cem devido à queda de uma parede. Por toda a cidade, tanto os edifícios famosos como os desconhecidos e os monumentos se encontram marcados pelos buracos produzidos pelos obuses. O único arranha-céus de Varsóvia, o edifício Prudential, de quinze andares, um alvo visível para os canhões de longo alcance dos Alemães, foi atingido mais de oitenta vezes. Está ainda intacto, embora apenas uma só janela, no décimo andar, continue incólume.

O orgulho da Polónia, o Star Miasto, a praça da Cidade Velha, com casas da Renascença e santuários históricos meticulosamente preservados, é sujeita a depredações cada vez maiores.

As estátuas de heróis polacos que adornam as muitas praças e parques acham-se agora sem cabeça, sem braços e sem espadas.

As fontes magnificentes dos Jardins Saxónia e Lazienki estão secas; os cisnes que enchiam os seus lagos desapareceram, ninguém sabe para onde.

Apesar da situação, uma estranha calma paira sobre a cidade.

Há surpreendentes aparências de normalidade, e os Polacos não perderam o seu tradicional senso de humor. Dois jornais

conseguem publicar-se diariamente. Rádio Polskie toca Chopin constantemente, entre apelos dramáticos do presidente Starzinski. O assalto frontal alemão, há muito esperado, deve surgir mais cedo ou mais tarde.

Por quanto tempo será Varsóvia capaz de se aguentar?

Chris tirou a sua reportagem da máquina de escrever, corrigiu rapidamente os erros com um lápis verde gorduroso e colocou-a num largo sobrescrito.

Depois de as linhas telefónicas serem cortadas, uma semana antes, Chris conseguiu utilizar o telégrafo, até que este foi destruído, e depois a rádio. Agora as comunicações de Varsóvia com o mundo exterior estavam impedidas, com exceção de uma estação de Rádio Polskie, que operava Para a cidade numa base de emergência.

A Chris foi dada uma súbita pausa ao ser negociada uma trégua de duas horas para o dia seguinte, a fim de permitir que o resto do pessoal da Embaixada Americana pudesse ser evacuado para Cracóvia. Chris dirigiu-se a Thompson, que concordou em fazer chegar ao destino, numa mala diplomática, as suas reportagens e as fotografias de Rosy. Ambos trabalhavam febrilmente, Rosy revelando filme e Chris escrevendo uma série de artigos que não requeriam indicação de origem, podendo circular, nos jornais do mundo inteiro, como relato de uma «testemunha ocular», mesmo depois da queda de Varsóvia. Constituiriam uma grande caixa para a Swiss News.

Rosy passou a Chris uma rima de fotografias, que este examinou detidamente, marcando-as e verificando as legendas.

Fotografias de casas danificadas e de vigas torcidas suspensas em formas grotescas e mãos entontecidas ajoelhadas ao lado de filhos mortos. A sega de guerra, campo diário de um fotógrafo. Animais mortos, e entumecidos, cujas curiosas expressões pareciam perguntar o que tinham feito para serem apanhados no meio da loucura dos homens, imagens de velhas orando a Deuses e a Virgens que não as escutavam, cavadores de trincheiras e componentes de brigadas de incêndios exaustos.

A câmara de Ervin Rosenblum fazia justiça à guerra.

Chris colocou as fotografias dentro de um invólucro.

— Onde está o resto? — perguntou.



— O rapaz da Kodak acaba de se safar. Vou ver se posso arranjar na minha cave um buraco apropriado para montar uma câmara escura.

— Bem, se não é possível fazerem-se impressões, tem de me deixar enviar os seus negativos.

Rosy resmungou. O pensamento mais intolerável que acudia à mente de qualquer fotógrafo era entregar filme exposto, de que não podia obter-se um duplicado sem o estragar. Mas Chris tinha razão. Esta seria talvez a última oportunidade de fazer sair as fotografias de Varsóvia.

Rosy retomou a sua rotina familiar de tilintar no bolso as lâmpadas do flash e premir o disparador da sua câmara.

— Vai ser duro para o nosso moral ver partir os últimos americanos amanhã — disse ele. — Afetar-nos-á mais do que meia dúzia de ataques aéreos. Sabe como é: toda a gente tem um tio em Gary ou um irmão em Milwaukee.

Sim — concordou Chris -, será bem duro.

— Por que motivo é que você não parte também?

-. Porque é que havia de partir? Tenho um passaporte italiano e este é o escritório de uma agência de notícias suíça— A Suíça não se encontra em guerra. Pode ser que eu deseje encontrar-me entre os membros da comissão de boas-vindas aos meus libertadores.

— Chris, você nem sequer tem ar de fascista de terceira ordem. Imagina que aqueles amigos da Embaixada Italiana irão responsabilizar-se por si? Você parece tão americano que nem necessidade tem de mostrar um sinal de identificação.

— Acontece que a América não se encontra em guerra.

Vou continuar com o escritório aberto.

— Vou dizer — lhe o que penso — respondeu Rosy. Dentro de duas semanas os Alemães acabar-nos-ão com o negócio.

— Cá me vou arranjar, de uma maneira ou de outra.

— Porquê? — insistiu Rosy. — Não conseguirá obter notícia alguma por aí, a não ser sopas de batata aguadas.

— Você sabe muito bem porque me encontro ainda cá! — volveu Chris, furioso.

Rosy pousou a câmara e, dirigindo-se para Chris, pôs-lhe, por trás da cadeira, uma mão compadecida no ombro.

— Não é que não queira que você fique, Chris. Tenho um bom emprego. Ver-me-ei realmente em apuros se o escritório fechar. Mas... quando um amigo está em dificuldade, muitas vezes nem sequer pensamos em nós. Eis porque lhe digo: faça as malas e parta amanhã com os Americanos.

— Não a posso abandonar, Rosy.

— A minha Susana conhece Deborah Bronski desde o colégio. Quando duas pessoas como você e ela provêm de mundos diferentes, tem de haver grande habilidade de ambas as partes para que sejam capazes de ceder. Ela é dominada por forças interiores que tornam impossível que as coisas mudem, mesmo que o deseje.

— Não é verdade. Bronski há uma década que se encarrega de abalar as suas crenças.

— Somente à superfície. Quando a apoteose deste espetáculo chegar, Deborah voltará para eles. Ela não possui capacidade para fazer outra coisa; eis porque você está a caminhar num beco sem saída.

— Oh, o Diabo. As mulheres na Itália, na Espanha, no México, na Índia e em metade deste maldito mundo são impelidas a refugiar-se no misticismo e nas superstições a fim de poderem subsistir num mundo que se lhes opõe, polegada a polegada, no seu caminho. O problema que vós, Judeus, defrontais provém do fato de vos obrigardes a acreditar que tendes a prioridade no sofrimento...

— Mas há uma diferença, Chris. No mundo inteiro, não importa quão sórdida seja a vida, não importa mesmo quão perversa, nua e estéril ela se mostre, quase todos os homens podem abrir os olhos de manhã numa terra em que tiveram a sua origem e mantêm a sua herança. Nós não podemos.

E eu sei o que isso ocasiona a mulheres como Deborah Bronski. Conheço muitas como ela.

— Não, você está enganado, Rosy. Se conhecesse realmente Deborah, compreenderia então porque jamais poderei deixá-la.

A campainha da porta retiniu. Rosy foi abrir. Era Andrei. Numa semana somente ele restabelecera-se de uma maneira

surpreendente. Possuía-o ainda profunda dor e o seu rosto mostrava grande fadiga; porém, recompunha-se para defrontar a última batalha que ainda não fora travada.

Dois dias depois do seu regresso a Varsóvia apresentou-se ao comandante, na cidadela; foi-lhe conferida uma promoção ao posto de major e colocaram-no no comando de um batalhão no perímetro meridional. A trégua estabelecida com o propósito de evacuar os Americanos devia efetuar-se no seu sector.

— Como vai isso por aí? — perguntou Chris.

— Na mesma — respondeu Andrei. — Os canalhas não querem atacar.

— Porque haviam de o fazer? — voltou Chris. — Eles podem dar-se ao luxo de flagelar a cidade enquanto esperam que ela caia.

— Gostava de os enfrentar cara a cara mais uma vez ainda — disse Andrei.

— Podemos ter de lhes olhar para a cara por muito, muito tempo — afirmou Rosy. — E como te sentes, Andrei?

— Nunca me senti melhor — respondeu ele, erguendo o copo de whisky que Chris lhe enchera. — Estou cá apenas por algumas horas. Tenho de regressar. Surgiu algo que pode interessar-te quanto àquela trégua de amanhã de manhã para evacuar o pessoal da Embaixada Americana.

Ambos inclinaram a cabeça.

— Os Alemães contataram conosco pela rádio há algumas horas. Um dos nossos oficiais acaba de falar com eles para lá das nossas linhas. Os Alemães propuseram uma troca de prisioneiros de guerra, a efetuar na mesma altura em que os Americanos forem evacuados.

— Quantos alemães cá têm?

— Algumas centenas. Alguns deles são étnicos.

— Dá a impressão de um procedimento normal — voltou Chris.

— Não, há qualquer coisa de suspeito neste caso — disse Andrei. — Os Alemães oferecem-nos cinco contra um.

— Porque farão eles isso?, eis o que me pergunto — declarou Rosy.

— Não sei, mas há algo de falso em todo este assunto.

— Nós podíamos também descer lá e observar a trégua — disse Chris. — Poder-nos-á fornecer uma história, embora só Deus saiba quando a conseguiremos expedir da Polónia.

## CAPITULO XIV

A Embaixada Americana estava encerrada, mantendo-se no edifício, apenas simbolicamente, meia dúzia de funcionários.

Thompson, que seria também evacuado durante a trégua, despedira-se, numa cerimónia comovente, de todos ; depois Gabriela dirigiu-se ao apartamento de Andrei, a fim de esperar por ele, como acontecera durante duas torturantes noites por entre o rebentar dos obuses e os ataques aéreos.

Escurecia já quando Andrei chegou, após deixar Chris.

Abraçaram-se, fatigados. Ele deixou-se cair pesadamente na grande cadeira de braços e Gabriela serviu-lhe o último vodka que havia em casa. A bebida reanimou-o e aqueceu-o.

Gabriela, por trás dele, acariciou-lhe os músculos **do** pescoço.

— Consegui poupar um grande balde de água — disse ela. — Sentir-te-ás melhor depois de teres tomado banho.

Ele encaminhou-se lentamente para a casa de banho e molhou a cabeça, tentando vencer o esgotamento; a seguir barbeou-se com uma chávena de água quente.

Gabriela tinha a refeição preparada. Ele mergulhou um naco de pão seco numa tigela de feijões.

— Perdoa-me por não ter mais nada para comer — disse ela. — Quando encerrámos a Embaixada, vim diretamente para cá. Não quis arriscar-me a ficar numa bicha, pois, possivelmente, não te apanharia já em casa se viesses. Mais logo irei a casa de Tommy a fim de arranjar umas coisas com que te preparar uma boa refeição quente.

— Ótimo — murmurou Andrei. — De qualquer modo, só posso ficar por algumas horas.

Mastigou, calado, o pão duro. Gabriela inquietou-se.

— É melhor que durmas um pouco. Pareces estar quase a sucumbir.

— Deixa-te de me importunares.

As sireias de aviso dos ataques aéreos começaram a retinir.

Gabriela voltou-se rapidamente para cerrar as cortinas e apagou a luz.

— Canalhas! — disse Andrei por entre dentes. Empurrou o pão com os feijões. — Canalhas!

Um momento depois o céu estalava com o som dos motores.

Andrei aguardou com expectativa os primeiros silvos dos aviões em mergulho e depois as bombas. Não teve de esperar muito.

— Mokotow — disse Andrei. — O aeródromo. Não nos resta outro. Eles são metódicos. Atingem qualquer parte de Varsóvia com a precisão de um relógio. Mokotow, depois Rakowiec, depois Ochota, em seguida Wola. Porque não?

Nós sabemos que eles vêm, mas não podemos ripostar.

Porque não? Encontrei-me cara a cara com esses filhos de uma cadela. Defrontá-los-ei novamente antes de este cerco estar acabado. Eles não nos abalarão com ataques aéreos, terão de lançar uma ofensiva, e quando o fizerem...

— Cala-te, por favor.

Andrei comia e escutava. Os Alemães riscavam o céu, vindos do norte, principiando os seus mergulhos destruidores numa zona a sul da cidade, voando precisamente sobre o apartamento. Logo que os Stukas e os Messerschmitts lançaram as suas cargas na cidade indefesa, Gabriela começou a tremer. Uma carga de bombas mal calculada caíra com o seu poder destruidor apenas um quarteirão para lá da Rua Leszno. O apartamento de Andrei foi sacudido pela explosão.

— É talvez melhor irmos para a cave — disse Gabriela.

— Pareço uma toupeira ou um rato? Não gosto de viver debaixo do solo.

— Esse arrogante orgulho dos ulanos dará azo a que sejamos mortos.

— Vai então para a cave.

— Não.

— Bem, decide-te.

O ataque não durou muito tempo, pois em Varsóvia nada mais restava com valor militar para ser bombardeado.

Os Alemães, depois de terem desfrutado o seu momento desportivo diário, partiram. Gabriela examinou decepcionada a garrafa de vodca vazia. Andrei descerrou as cortinas e observou as chamas que bailavam na distância. Voltou-se para Gabriela e ela assustou-se. Andrei tinha nos olhos um fulgor estranho que nunca lhe vira antes.

— Vim dizer-te adeus, Gabriela — disse ele. — Vai para casa e coloca as tuas coisas numa mala. Vais partir amanhã com os Americanos.

— Eu... não creio que te compreenda.

— Não faças uma cena.

— Quem sou eu para que me permitam atravessar as linhas alemãs? Talvez deva cantar lhes o Swanee River para lhes mostrar que sou americana.

— Falei com Thompson. Ele já passou um passaporte diplomático americano para ti. Não há maneira melhor de viajar. Tommy levar-te-á para Cracóvia.

— Pelos vistos, tens andado muito ocupado. E eu a pensar que estavas a defender Varsóvia, quando te empenhavas em missões diplomáticas.

— Eu disse que não quero uma cena!

— Eu decidirei quando e para onde desejo ir.

— Dás a impressão de eu te ter talvez condenado ao Purgatório! A América é assim um lugar tão horrível?

Somente um louco danado desejaria continuar nesta cidade.

— Desde quando me ordenas o que devo fazer?

— Desde agora! — respondeu ele, abatendo o punho com tal força sobre a mesa que fez estremecer as garrafas e os pratos.

Gabriela observou este terrível acesso de cólera com um pouco de medo e um pouco de respeito. Ele parecia estar emitindo um ultimato em que declarasse que, no caso de ela ficar, não mais a quereria ver. Ela não ousou fazer-lhe pergunta alguma. Os olhos dele achavam-se cheios de dor.

Ela murmurou :

— Andrei, que te fiz eu para que estejas tão furioso?

— Tens a tua mãe e a tua irmã na América. É para onde vais também.

— Estaremos a despedir-nos?

— De uma maneira ou de outra...

Ela esperou que ele fizesse um movimento, um sinal.

Mas Andrei parecia uma estátua, imóvel, na intensidade da sua determinação.

— Muito bem — murmurou ela. Apanhou o casaco, vestiu-o lentamente e caminhou para a porta, expectante, orando por que Andrei pronunciasse o seu nome. Ele não moveu um músculo, nem pestanejou. Ela abriu a porta e encarou-o. Ele era como que um estranho. Este homem cruel não era Andrei... para que a despedisse como um nobre despede um camponês.

«Se descer estas escadas, morrerei», pensou Gabriela.

Fechou a porta e atravessou o quarto, em direção dele.

Envolveu-o nos seus braços e pôs a cabeça no peito de Andrei, mas este continuou impassível.

— Não tentes lançar-me os teus ardis femininos.

— Muito bem — disse ela. — Nunca acreditei que chegasse um dia em que me não quisesses tocar. Deixar-te-ei, mas tu não me podes obrigar a abandonar Varsóvia. Acontece que esta é também a minha pátria.

— Tens de partir!

— Não grite, major Androwski! Pode afugentar os Stukas.

Andrei agitou os braços, desamparado, e uma centelha de humanidade estampou-se lhe nos olhos.

— Meu Deus, és uma mulher obstinada — disse ele.

— Procedi desta maneira somente porque, se ameaçasse não mais te ver, conseguiria fazer-te partir. Agora deixa-me discutir o caso contigo. Este, já não é mais o nosso país. Só Deus sabe o que os Alemães vão fazer de três milhões e meio de judeus. Não posso viver sabendo que, por minha causa, não te está reservado senão sofrimento. Se me amas, concede-me então o meu orgulho. Diz-me que te dei a vida, e não que te roubei.

— Oh, Andrei, eu devia ter-te compreendido logo.



Amo-te. Não conheço outra maneira de amar. Não posso partir porque não posso fazer o que não posso fazer.

— Oh, Deus.. Gabriela. Eu não te quero ferir.

— Chiu, querido.

— Tu és uma louquinha, uma louquinha terrível.

## CAPÍTULO XV

Varsóvia sufocava. Nuvens de fumo subiam do solo para depois derramar milhões de átomos de poeira e fragmentos de tijolo e argamassa. Um silêncio sobrenatural mesclava-se com os fumos da guerra.

Christopher de Monti e Ervin Rosenblum achavam-se já a entrevistar os evacuados quando surgiu o major Androwski.

Thompson foi quem primeiro se aproximou de Andrei.

— Onde está Gaby?

Andrei agitou os ombros para sacudir o frio do amanhecer e fez girar os pés.

— Ela não quis vir, Tommy. Digo lhe com a maior franqueza que tentei.

— Realmente, nunca pensei que ela viesse. Tome estes papéis, que lhe podem ser úteis mais tarde.

— Obrigado, Tommy. Obrigado por tudo. Transmita à Martha os cumprimentos muito afetuosos da Gaby.

— Cuide dela...

O subcomandante, um capitão, aproximou-se deles e Andrei assumiu uma pose formal.

— Já verificou as credenciais de toda a vossa gente? perguntou o capitão a Thompson.

— Sim.

— Quantos sois?

— Vinte elementos do pessoal americano. Quinze de várias embaixadas neutrais e vinte civis diversos.

— Volte para junto deles. — Andrei consultou o relógio, depois esforçou-se por observar no escuro. — Clareará dentro de quinze minutos. Aprontai-vos para partir, se tudo correr bem.

Thompson aquiesceu. Apertaram-se as mãos e o americano retornou ao pátio que ficava por trás da casa de uma fazenda devastada, onde os evacuados se acotovelavam.

Andrei voltou-se para o capitão :

— Quantos alemães?  
— Conseguimos juntar oitenta.  
— Essa informação foi comunicada pela rádio aos Alemães?  
— Sim, senhor. Eles disseram que nos enviariam em troca trezentos e noventa dos nossos.

Andrei desceu a estrada, dirigindo-se para o local onde os prisioneiros alemães se moviam, inquietos, sob o frio cortante. Tinham um ar sombrio; sentiam-se humilhados.

Nos seus olhos refletia-se ódio e arrogância. Andrei mirou-os por um momento. Pareciam gente que, toda a vida conhecera. Um padeiro... um cavalheiro com filhos pequenos...

um professor... Que é que os trouxera a um lugar destes?

Rodou nos calcanhares, seguido pelo capitão, e dirigiu-se rapidamente para as trincheiras da frente.

O troar distante da artilharia não cessara. Fazia ainda muito escuro para que se visse através do campo. Outros oito minutos. Andrei deu uma série de ordens de segurança.

Chris pulou para dentro da trincheira e juntou-se lhe.

— A Gaby fica?

— Sim.

— Era um meio seguro de se escapar.

— Tentei...

— Não te censure. Mostra-te agradecido. Soubeste alguma coisa sobre a troca de prisioneiros?

— Ainda nos estão a dar cinco contra um. Estamos à espera de uma artimanha. Só Deus sabe o que eles têm em mente.

O troar cessou.

Os olhos de todos esforçaram-se por avistar algo que se movesse no cinzento-sujo que pairava sobre o campo. Andrei assestou o binóculo de campanha e perscrutou o horizonte em todos os sentidos.

Eis que uma sombra emergia do renque de árvores.

Mal a distinguia. Não havia dúvida, entrava no campo.

Esperou durante cinco minutos, enquanto a figura se tornava mais nítida.

«Filho de uma cadela», pensou Andrei. «Como gostaria de te fazer saltar essa cabeça imunda!» O vulto deteve-se.

Segurava uma improvisada bandeira branca de tréguas.

Andrei pulou para fora da trincheira e encaminhou-se na direção do alemão, pisando o que fora um campo de cultivo de batatas. Por todo ele se viam profundos buracos e juncava-o grande massa de destroços. De ambos os lados, dez mil olhos estavam pousados nos dois homens. Andrei parou a alguns metros do alemão. Este era um coronel, mas nem de espessas sobrancelhas, nem ariano louro, mas antes sem características especiais. Parecia sentir-se inquieto na posição exposta em que se encontrava. Ele e Andrei fitaram-se atentamente por momentos, sem trocaram palavra.

— Este sector está sob o vosso comando? — perguntou por fim o alemão.

— Sim.

— Qual é a vossa situação?

Embora falasse fluentemente o alemão coloquial, Andrei dirigiu-se em yiddish ao coronel. Parolou o seu yiddish, fitando o inimigo bem nos olhos.

— Temos quarenta e sete pessoas pertencentes a vários países neutrais, incluindo, é claro, o pessoal da Embaixada Americana, e oitenta alemães. As credenciais foram verificadas.

— Traga-os até aqui. Escoltá-los-ei através das nossas linhas.

— Deve-me trezentos e noventa polacos. Conduzirei até cá os evacuados quando trazer os meus compatriotas.

A sua implicação de não confiar nos Alemães era óbvia.

Os dois homens gostariam de dizer algo mais um ao outro.

Andrei desejava ardentemente quebrar o pescoço ao alemão e os olhos deste diziam: «Não te atravesses no meu caminho quando entrarmos em Varsóvia, judeuzinho.» Mas este aspecto da guerra tratava-se em conformidade com o livro das regras. Era preciso dominarem-se. O vencedor tinha de mostrar majestade. Ao vencido era concedido o seu orgulho.

— Tenho uma mensagem do nosso comandante. Ele solicita a rendição de Varsóvia, a fim de evitar um inútil derramamento de

sangue.

— Trouxe uma mensagem do nosso presidente municipal para o caso de o vosso comandante exigir a rendição de Varsóvia: «Não!» O alemão interrompeu a conversa para consultar o relógio.

— Levar-me-á aproximadamente seis minutos a fazer chegar aqui os seus compatriotas. Eles estão reunidos no pequeno bosque, além.

— Aguardarei.

O alemão uniu os calcanhares, fez uma curta vénia e encetou o caminho de volta.

Andrei ficou só. Soltou um grande suspiro e mordeu o lábio. Observou a figura do alemão a perder tamanho na distância; agora milhares de olhos estavam cravados somente em si. O último dos polacos orgulhosos... ereto como uma estátua. Ainda praguejando, sob a respiração, ainda orando para que o inimigo o enfrentasse face a face.

Passaram precisamente seis minutos. O alemão era eficiente. Grupos de homens começaram a emergir lentamente do bosque e atravessaram o campo na direção de Andrei. Andrei voltou às suas linhas e levantou o braço. Então, dois grupos surgiram do seu sector, um conduzido por Thompson, outro por um oficial alemão, à testa dos prisioneiros germânicos. A distância era muito mais curta até Andrei do que até ao bosque. Haviam-se agrupado depressa e caminhavam num trote.

Andrei lançou novamente os olhos para o bosque, aborrecido com a lentidão dos prisioneiros polacos que regressavam.

— O movimento dos seus parece indicar quê há algo de anormal — disse Thompson.

Andrei ergueu o seu binóculo de campanha e a mão caiu lhe. Deu um pontapé numa batata, furioso. Ergueu novamente o binóculo e os músculos do rosto vibraram lhe de cólera.

— Não admira que eles nos oferecessem cinco contra um — volveu ele. — Não nos devolvem senão amputados.

— Oh, meu Deus!

— Será preciso que nos atormentem? — gritou Andrei.

— Talvez — disse Thompson -, pois, se eles persistirem em atormentar bastante os outros, é possível que nós consigamos fazer despertar os nossos indiferentes na América.

Podemos ir, Andrei?

— Sim, Tommy. Caminhem lentamente. Desejo certificar-me de que aqueles homens estão em segurança antes de vocês chegarem ao bosque. Eles podem... tentar alguma coisa se nos encontrarmos expostos.

Os americanos encaminharam-se para as linhas inimigas, desviando os olhos dos grupos macabros de caminhantes que vinham em direção oposta.

Andrei voltou à trincheira.

— Que se passa aí fora? — perguntou Chris.

-Veja com os seus olhos.

Chris pegou no binóculo de Andrei. Quase quatrocentos homens, sem braços ou sem pernas, moviam-se em direção de Varsóvia. Homens com um braço utilizavam o outro para segurar macas com homens sem pernas, e homens com uma só perna manquejavam e caíam nas covas.

Andrei voltou-se para o capitão :

— Saíam daí e ajudem esses homens — disse ele.

Os soldados polacos pousaram as armas e principiaram a correr campo fora ao encontro dos inválidos; lá longe começava uma vez mais o troar do canhoneio e, no alto, as primeiras formações de aviões alemães anunciavam um novo dia.

Era noite quando Christopher de Monti chegou a casa dos Bronskis, em Zoliborz. Ao aproximar-se distinguiu os sons musicais familiares. Rachel tocava piano. Que maravilhoso!

Que maravilhoso que Deborah conseguisse mantê-los unidos e ativos, escorraçando o medo e as trevas.

Chris era um rosto acolhido com alegria nestes dias. O jovem Stephan soltou um grande suspiro de alívio quando Chris o estreitou nos braços, pois sabia que seria aliviado dos seus deveres masculinos durante o tempo em que Chris estivesse em casa.

Deborah achava-se na cozinha com Zoshia, que se desfazia num choro dolorido e incontrolado, o corpo obeso estremecendo

devido ao pranto convulsivo. Deborah levantou os olhos para Chris.

— Pobrezinha. A irmã foi morta no ataque aéreo de hoje.

Chris dirigiu-se para o gabinete e encontrou conhaque, obrigando depois a mulher a bebê-lo. Ajudaram Zoshia a pôr-se de pé e levaram-na para o quarto de dormir de Deborah, forçando-a a deitar-se; depois foram buscar Rachel e Stephan.

— Fiquem com ela, filhos. Não a deixem levantar-se.

Zoshia gritou que queria ir para casa da irmã.

— Não, querida. Não é lugar seguro. As paredes estão todas a ruir. É melhor que repouses...

Deborah encontrou, no gabinete de Paul, um sedativo entre os medicamentos que ele guardava para uso da família ;

depois de muito esforço, conseguiram que a serviçal o tomasse. Em dado momento o soluçar profundo da mulher tornou-se um pranto mais débil. Chris conduziu Deborah para o escritório e fechou a porta; por um momento, envolveu-a nos braços e afagou-a.

— Pobrezinha — disse Deborah -, pobrezinha. A sua única irmã. Tudo o que tem agora é a peste daquele filho, e nem mesmo com ele pode contar. Nem sequer uma palavra depois do começo da guerra.

— Pode contar contigo e com as crianças.

Chris serviu-lhe uma bebida, mas ela recusou-a.

— As crianças têm sido tão corajosas! Por quanto tempo irá isto continuar?

— Acabo de falar com o presidente Starzinski. Tudo pode terminar de um momento para o outro.

— Por vezes penso que me sentirei feliz quando isto acabar. Mesmo com os Alemães em Varsóvia as coisas não podem ser piores. Viste alguém?

Chris inclinou a cabeça.

— Estive no orfanato — continuou Deborah. — A Susan Geller está inquieta quanto ao Ervin. Já o não vê há três dias.

— O Rosy está bem. Deixei-o há alguns minutos.

— Oh, que bom! E a Gabriela? Disseste-lhe que viesse para cá, para junto de nós? Está-se mais seguro aqui do que no centro da cidade.

— Ela não quer deixar o apartamento de Andrei, sabe-lo bem.

— E Andrei?

— Estive com ele esta manhã, Deborah. A trégua para a evacuação efetuou-se através do seu sector, na frente.

Soubeste?

— Sim — murmurou ele -, eles devolveram-nos inválidos...  
segundo ouvi.

— Deborah... o teu marido era um deles.

Nos longos corredores das caves do Museu Nacional via-se grande número de padiolas e de macas alinhadas no chão. A profundidade a que se encontravam oferecia proteção segura contra os bombardeamentos. As caves haviam sido convertidas, em hospital. As fontes de energia eléctrica naquela parte de Varsóvia tinham sido destruídas. Nem mesmo as geradoras de emergência se encontravam em condições de serem utilizadas. As salas abafadas achavam-se foscamente iluminadas por lâmpadas de querosene. Eram húmidas, emanavam um cheiro nauseante a mofo e repassava-as um frio viscoso. O odor da carne ulcerada e dos anticépticos misturava-se com os outros cheiros. Acrescentava-se ao insólito do ambiente o rumor produzido pelas enfermeiras, que se moviam veloz e silenciosamente, como se deslizassem, o som de contínuas orações e queixumes e, de vez em quando, um grito de agonia.

Na enfermaria da maternidade improvisada bebés sugavam peitos sem leite e gritavam furiosos ante o que a vida lhes reservara logo após haverem nascido.

Chris conduziu Deborah pelo dédalo de corredores, serpenteando, no seu caminho, entre os doentes e os agonizantes.

Desceu outros doze degraus, que davam acesso a um longo corredor em que se armazenavam armaduras medievais de outras guerras menos eficientes. Aqui encontravam-se os amputados e, ajoelhados junto deles, os seus desolados parentes. Uma enfermeira fez incidir a luz de uma pilha sobre o rosto de Paul Bronski.

— Paul...

— Ele encontra-se sob os efeitos de um forte sedativo.

— Paul...



Um homem sem pernas que se encontrava próximo de Paul Bronski disse :

— Eu estava perto quando ele fez isto. Tinha operado cerca de vinte ou trinta de nós e trabalhava somente à luz de uma lanterna... Então, foi atingido... Era o único médico com vida. Manteve-se consciente durante todo o tempo, dando instruções aos soldados sobre a maneira como haviam de amputar lhe o braço...

— Paul...

Paul Bronski descerrou os olhos, penosamente. Estavam vítreos, mas tinha um leve sorriso no canto dos lábios, com o qual dizia aperceber-se da presença da mulher. Deborah deteve a mão do marido nas suas até que ele caiu no sono produzido pelas drogas.

— É a Sra. Bronski? — perguntou um médico.

Ela inclinou a cabeça afirmativamente.

— Felizmente que ele é médico. Existem as maiores probabilidades de que não contraia uma infecção ou sobrevenha grave complicação. Não se encontra em estado de choque. Restabelecer-se-á depressa.

Deborah afastou-se daquela casa de horror.

Chris esperava-a à porta principal do Museu. Riscavam o escuro bruscos lampejos de luz, como relâmpagos de Verão produzidos pelo fogo de canhão no horizonte. Os obuses descreviam um arco no espaço, para mergulharem depois nas cabanas dos trabalhadores, no outro lado do rio.

— Afastemo-nos daqui — disse ele, tomando lhe o braço, a fim de a conduzir ao carro.

Ela, com uma sacudidela, desprendeu-se do amante.

— Vamos, Deborah. Falaremos disto a caminho de casa. Se um desses obuses cair fora do alvo, não dou grande coisa pela nossa vida.

— Afasta-te de mim — disse ela bruscamente.

O horizonte era iluminado por clarões rápidos e brilhantes.

Ele viu lhe o rosto. Os olhos dela pareciam os de uma louca. Ele começou a falar lhe num tom de voz duro — Quero morrer — disse ela.

— Domina-te.

— Somos culpados pelo que aconteceu a Paul!

Chris sacudiu-a até a cabeça dela oscilar.

— Nós não fizemos esta guerra!

— Deus está a punir-me! Assassinos! Eis o que nós somos. —  
Desprendeu-se violentamente dos braços do amante e mergulhou,  
só, na escuridão.

## **PARTE II – CREPÚSCULO**

# CAPÍTULO I

Entrada do diário

— 27 de Setembro de 1939.

Varsóvia rendeu-se.

A Polónia foi dividida em três partes. A Alemanha anexou a Polónia Ocidental até às fronteiras pré-1918. A Rússia absorveu a Polónia Oriental. A terceira parte foi designada área do Governo-Geral, que os Alemães vão administrar. Parece que foi criada como uma zona-tampão contra a Rússia.

As ruas de Varsóvia tremeram sob os trilhos de centenas de tanques que subiam o Bulevar de Jerusalém e o Bulevar 3 de Maio em ordem de parada. Estes eram seguidos por dezenas de milhares de soldados, que, marchando a passo de ganso, se moviam com absoluta precisão ;

na altura, esquadrilha após esquadrilha de aviões voavam ao nível dos topos das casas.

Foi uma exibição medonha. Na berma das ruas estendiam-se filas de gente aturdida. Algumas bandeiras alemãs flutuavam nas casas de étnicos e cobardes.

Penso que Andrei e eu fomos os únicos dos trezentos mil judeus de Varsóvia que assistiram à parada. Os restantes instalaram-se por trás de cortinas cerradas e portas fechadas. Não pude resistir à tentação de ver Adolfo Hitler.

Ele lançou-nos, de um Mercedes aberto, o seu olhar carrancudo.

A sua fisionomia é semelhante ao que se vê nas fotografias.

Tive de vigiar Andrei. Ele achava-se tão encolerizado que receei que tentasse um ato de loucura que lhe originasse a morte. Porém, conseguiu controlar-se.

Bem, estamos agora metidos na coisa, irmão.

ALEXANDER BRANDEL Franz Koenig limpou a pala do boné com a manga do dólma para realçar o brilho. «Que pena que Herr Liedendorf não se encontre aqui neste momento!» Liedendorf, antigo chefe dos étnicos de Varsóvia, fora descoberto a fazer sinais luminosos durante os ataques de bombardeamento noturnos dos Alemães e abatido por um pelotão de fuzilamento polaco. Morreu como um verdadeiro filho da Alemanha.

Franz Koenig, oficial de recente promoção, solicitou ingresso no Partido Nazi. Era um puro ariano. Alemão sem mácula até aos bisavós. Estava certo de que a sua admissão não tardaria. Admirou a sua figura no espelho, colocou a suástica na manga direita do dólma e entrou no quarto de dormir para se reunir à sua roliça esposa polaca. Ela teve muito receio de rir, ao ver o pequeno e barrigudo professor metido num uniforme de ópera cómica.

Franz mudara desde que começara a associar-se com os Alemães, alguns anos antes. Outrora, ela alimentara ambições quanto ao marido, quando ele leccionava na Universidade.

Animara-o a tentar obter a cadeira de Medicina.

Agora tornara-se subitamente um homem poderoso e mostrava-lhe um lado escuro que ela nunca pensara que existisse e de que, particularmente, não gostava.

A mulher de Koenig parecia uma árvore de Natal demasiado enfeitada, ou talvez um porco com todos os condimentos preparado para ir ao fogão. Quase fazia dois dele no tamanho. Franz girou em torno dela, dizendo-lhe o que ela teria de fazer, e depois saíram do apartamento para o carro do Estado, que os aguardava a fim de os conduzir à grande sala de baile do Europa.

Quando chegaram, a sala estava cheia de generais das forças de terra, almirantes e generais da força aérea uniformizados e membros das missões diplomáticas, de fraque, donde pendiam condecorações refulgentes. Franz viu muitos dos seus velhos amigos, também de uniformes novos, que não pareciam nem mais nem menos ridículos do que ele, bem como as esposas. Houve uma quantidade fantástica de unir calcanhares, apertos de mão vigorosos, inclinações de cortesia e beija-mãos, tinir de copos e

alegres congratulações ao som de suaves valsas vienenses grotescamente executadas por uma banda do exército alemão.

Estalaram as rolhas de muitas garrafas e viram-se risos e monóculos. Estava presente também um séquito de novas amantes polacas, prontas a servir os novos senhores, arrebanhadas para os prazeres da cama dos novos administradores de Varsóvia.

A orquestra parou entre duas notas.

Um simples rufar de tambores.

Todos deram uma rápida corrida a fim de pousarem as suas bebidas e de alinharem de cada lado da majestosa escadaria.

Adolfo Hitler surgiu ao cimo das escadas; enquanto descia, seguido por uma escolta de homens de uniformes negros, a orquestra encetou um vibrante Deutschland über Alles. Foi, na verdade, momento azado para as costas dos Alemães se alçarem rígidas e para os corações germânicos pulsarem. Incapaz de se conter, um suboficial sobre excitado gritou: «Sieg Heil!».

Hitler deteve-se, inclinou-se e sorriu.

«Sieg Heil!», gritou novamente o oficial.

E a sala rompeu numa espontânea cantilena rítmica, mãos direitas espetadas para a frente.

«Sieg Heil! Sieg Heil! Sieg Heil!» Lágrimas de alegria deslizaram pelas faces do Dr. Franz Koenig, fascinado, hipnotizado.

Como os alemães étnicos da Alemanha e da Checoslováquia, os étnicos da Polónia alinharam-se a fim de receberem a recompensa que lhes era devida pelo serviço de espias prestado na Polónia e por terem ajudado a destruir o país onde residiam quando do avanço do exército alemão.

Nos meses que precederam a invasão, o Dr. Koenig tornara-se um agente poderoso do movimento, ocupando somente uma posição inferior à do falecido Liedendorf. Foi nomeado adjunto especial do novo comissário de Varsóvia, Rudolph Schreiker.

— O Dr. Paul Bronski pede-lhe que o receba, senhor anunciou a Koenig um dos seus secretários.

Koenig levantou os olhos da secretária enorme e reluzente, no seu novo gabinete no edifício da Administração Municipal.

— Mande-o entrar.

Paul foi introduzido no gabinete. Koenig conservou-se numa pose de profunda meditação ante um papel que tinha diante de si. Deixou que Bronski permanecesse de pé, sem demonstrar reconhecê-lo, nem lhe apertar a mão, indicar lhe uma cadeira ou sequer simular o seu pesar por o colega ter perdido o braço direito.

Paul Bronski restabelecera-se com certa felicidade, mas achava-se ainda muito fraco e sofrendo dores constantes.

Encontrava-se diante da secretária de Koenig há já uns bons cinco minutos quando o alemão voltou os olhos para ele. Compreendeu que Koenig estava a aquecer-se ao sol da sua glória, exprimindo quão diferentes eram agora as suas posições. Koenig deu uma olhadela em torno da sala confortável onde se achava instalado, como se para acentuar a distância que palmilhara desde o pequeno gabinete desordenado que possuía na Universidade.

— Sente-se — disse por fim Koenig. Acendeu o cachimbo e balançou a cadeira para a frente e para trás» para trás e para a frente. Então, após mais alguns momentos, em que se sentiu percorrido por eletrizantes sensações exsudadas por todos os poros do seu corpo, os prazeres deleitosos da vingança desvaneceram-se.

— Bronski, chamei-o ao meu gabinete porque nos encontramos a estudar a formação de uma nova Autoridade Civil Judaica. Dissolvemos esta tarde o antigo Conselho Judaico. Nomeio-o delegado, tomando a seu cargo a direção dos interesses dos judeus de profissões liberais.

— Mas... Franz... a minha posição na Universidade...

— Decidiu-se ontem não se permitirem mais judeus na Universidade.

— Não tenho outra escolha?

— É verdade. Se levar a cabo as nossas diretivas e cooperar, usufruirá de mais regalias que os outros judeus de Varsóvia. Asseguro-lhe.

— Eu... não sei que dizer. Não me acho apto, certamente, a tomar esse encargo... Há muitos anos que estou afastado de todas as questões judaicas.

— As diretivas de Berlim especificam com muita clareza que as novas leis referentes aos Judeus dizem também respeito aos

conversos ao catolicismo e a pessoas com um dos pais, avô ou bisavô judeus. A prática ativa ou simbólica do judaísmo não é matéria a considerar.

— Franz... Eu... é duro acreditar no que ouço.

-Os tempos mudaram, Dr. Bronski. Acostume-se depressa a este pensamento.

— Somos amigos há muito tempo...

— Nunca fomos amigos.

— Colegas de profissão, então. Sempre foi um homem compreensivo. Esteve aqui neste último mês. Viu o que aconteceu. É um ser humano inteligente. Não posso acreditar que tenha perdido completamente todos os seus sentimentos em relação a nós.

Koenig pousou o cachimbo na mesa.

— Sim, Bronski, fiz a paz comigo próprio, se é isso a que se refere. Não, tenho estado ligado a todas essas filosofias da retidão que falam da verdade, da beleza e do triunfo dos cordeiros. Mas o que se passa aqui agora é uma situação real. É uma vitória dos leões. A Alemanha deu-me mais num só instante do que mil anos de tasquinagem através da mediocridade e da busca de conforto nas citações de falsas sabedorias.

— Franz...

— Apenas um minuto, Bronski. Os seus expedientes astuciosos fizeram de mim uma vítima. Agora sou o seu chefe.

Estou certo de que servirá na Autoridade Civil Judaica.

Paul riu ironicamente.

— Sim, sentir-me-ei muito feliz.

— Então, muito bem. Amanhã às dez comparecerá aqui para receber as suas primeiras instruções do Kommissar, Rudolph Schreiker.

Paul levantou-se lentamente e estendeu a mão.

Koenig recusou-a.

— Seria muito útil dispensar certas amenidades que daqui em diante nos fariam parecermos iguais. Dirija-se a mim sempre como Dr. Koenig e, por outro lado, deverá mostrar sempre o respeito devido a um superior.



— Os tempos mudaram — disse Paul. E dirigiu-se para a porta.

— Bronski, uma coisa mais. O subúrbio de Zoliborz foi requisitado para o uso exclusivo dos oficiais e dos funcionários alemães. Não é permitido residirem lá judeus.

Mudar-me-ei para sua casa dentro de dez dias, de modo que tem tempo suficiente para arranjar novo domicílio.

Antes que comece a lamentar-se, devo dizer lhe que, em atenção às nossas antigas relações, farei um preço razoável à sua propriedade, gentileza que será negada à maior parte dos judeus de Zoliborz.

Bronski sentiu-se vacilar. Encostou-se à porta em busca de apoio, depois abriu-a rapidamente.

— Então, aqui às dez, amanhã, para o encontro com Rudolph Schreiker.

## CAPÍTULO II

Entrada do diário.

Varsóvia está cheia de uniformes alemães de todas as cores. Deve ter-se um programa para dizer quem é über.

O maior uniforme pertence, aparentemente, ao novo Kommissar, Rudolph Schreiker. Não se sabe grande coisa sobre ele, mas obviamente que não irá tentar ganhar cá um concurso de popularidade. O antigo Conselho Judaico, um governo quase religioso, foi dissolvido. Foi formado um novo instrumento, chamado Autoridade Civil Judaica. Emanuel Goldman, músico e bom sionista, convidou-me para servir no conselho executivo. Recusei, muito polidamente, porque esta chamada Autoridade Civil não me parece completamente conforme às nossas leis.

*Alexander Brandel*

Rudolph Schreiker, o novo Kommissar de Varsóvia, viera de uma pequena cidade da Baviera. Não desejava passar a vida no banco de sapateiro, como o pai, o avô e o bisavô. De qualquer maneira, duvidava-se de que Rudolph se tornasse um bom sapateiro, pois não tinha jeito fosse para o que fosse.

Atingiu a maturidade na Alemanha do período anterior à guerra, num país que sentia a amargura da derrota, desempregado, confuso, não sabendo que rumo seguir.

Descontente numa época de descontentamento, desperdiçou a sua energia praguejando contra um mundo que não compreendia, incapaz de o defrontar. A mediocridade de Schreiker deixou-o com dois divórcios, quatro filhos, dívidas e acessos alcoólicos.

Deram-se na Baviera, nos anos vinte, fragores que foram música para Rudolph Schreiker e para toda a sua geração. À gente obscura e insignificante oferecia-se um futuro padrão de vida que não podia alcançar por si mesma. Os seus fracassos foram lhe explicados de um modo em que gostou de acreditar. Ele não era

responsável pelas suas dificuldades, mas antes vítima de conspirações engendradas pelo mundo contra o seu povo. Tornou-se nazi imediatamente.

Este novo estado, este uniforme castanho, esta insígnia vistosa e este homem que se apresentava como o Cristo da Alemanha não lhe exigiam que progredisse na vida por meio do trabalho, do estudo ou do saber. Se tal fosse exigido, então todos os Schreikers teriam continuado seres anónimos e a voz do nazismo não teria repercutido, com ressonâncias de cristal. Eis porque, para si, o nazismo emitia tais ressonâncias de cristal.

Tudo o que ele tinha a fazer era exercer a força bruta, a mesma espécie de força bruta que empregava em espancar as suas mulheres. Com o pouco que possuía de personalidade ou capacidade mental, conseguiu, todavia, compreender claramente que a sua única esperança de êxito ou reconhecimento no mundo residia em partilhar da sorte do nazismo.

Instintivamente, entendeu a única regra básica: obediência absoluta. Conforme a verdadeira tradição germânica, ele respondia à disciplina e ao poder. Como bêbado e espancador de mulheres, demonstrara a sua carência de moralidade pessoal, de modo que moralmente não se lhe punha problema algum.

Tudo o que Rudolph Schreiker desejava realmente era ser alguém, e Adolfo Hitler forneceu lhe essa oportunidade.

Os nazis acolheram fanfarrões e desordeiros e fizeram deles heróis. Em troca, os desordeiros pagaram com absoluta obediência. Não havia escrúpulos, remorso ou conflitos íntimos de consciência quando era ordenado a Schreiker que destruísse uma sinagoga ou assassinasse um inimigo do partido.

E os nazis fizeram o que Hitler prometera. A Alemanha tornou-se poderosa e temida, e, ao expandir-se, aos leais Schreikers foram dadas as recompensas devidas. Servira sem discutir durante quase duas décadas, e, assim, nomearam-no Kommissar de Varsóvia na área do Governo-Geral.

Esta era uma posição elevada para um homem que nunca passara de adjunto e cuja superioridade maior consistia em cumprir ordens. Certamente que Schreiker não era nenhum gigante mental e

grande parte das ordens provinham de Berlim, Cracóvia ou Lublin, onde os seus superiores se achavam instalados. No entanto, a sua tarefa requeria maior perícia administrativa, mais iniciativa e autoridade do que jamais acreditara poder vir a possuir.

Ele não queria falhar. Se obtivesse êxito em Varsóvia, não haveria limite para as suas possibilidades de progredir.

Schreiker aprendeu intuitivamente muitas lições como nazi. Um dos mais puros axiomas enformava-se na suposta fraqueza dos intelectuais. Estes perfilhavam ideias nobres que ele não compreendia. Discutiam ideais, mas não se encontravam prontos a morrer por eles como ele o estava pelo nazismo. Estes chamados pensadores eram exatamente o oposto do que se propunham ser. Eram todos uns tagarelas.

E cobardes.

Ele, Schreiker, podia governá-los, porque era capaz de os intimidar. E eles não conseguiriam opor-se. Além disso, podia utilizá-los na realização do que ele não podia executar por si mesmo.

Quando chegou a Varsóvia, examinou as listas dos étnicos que apoiavam os Alemães. O Dr. Franz Koenig.

Perfeito. De meia-idade, fisicamente inepto, lealdade provada.

Médico e professor, com uma cultura elevada, amante dos clássicos, ledor de filósofos. Um intelectual que era inteiramente controlável. Rudolph Schreiker deu a Franz Koenig um uniforme, um título, liberdade de movimentos e poder quase ilimitado nas suas operações.

Um cãozinho gorducho muito prestável que o ajudaria a governar o seu distrito.

Paul Bronski foi conduzido por Franz Koenig, através de uma série de gabinetes que comunicavam entre si, até ao do Kommissar de Varsóvia. Rudolph Schreiker estava sentado à secretária. A sua vaidade pessoal fizera-o uma figura saliente. Era um homem forte e corpulento, com feições alemãs, quadradas e escuras. Franz Koenig instalou-se ao lado direito de Schreiker.

— Encontram-se cá todos — disse Koenig.

Paul Bronski reconheceu os outros homens. Silberberg, o dramaturgo. Marinski, que controlava a maior parte das fábricas de

curtumes da parte baixa da Rua Gensia. Schoenfeld, o mais brilhante dos advogados judeus de Varsóvia e antigo membro do Parlamento polaco. Seidman, engenheiro.

O coronel Weiss, um dos judeus detentores dos postos mais elevados no exército polaco. Goldman, um músico proeminente, que ensinara outrora Deborah e Rachel e que era conhecido como convicto sionista entre os intelectuais.

Por fim, Boris Presser. Boris parecia deslocado numa reunião que fosse, de certo modo, de gente distinta. Era negociante, proprietário de um grande armazém, mas passava completamente despercebido nos círculos políticos ou sociais de Varsóvia.

Todos os oito estavam postados, inquietos, diante da secretária de Schreiker. O Kommissar olhou lentamente de um para outro, examinando-os, dando-se ares, a fim de invocar o seu poder e a sua autoridade num maneirismo prudente.

— Por motivos de inferioridade racial — disse Schreiker, pensamos ser necessário que os Judeus se governem separadamente dos demais cidadãos, sob as nossas diretivas.

Vós oito haveis sido escolhidos para constituir o conselho executivo da Autoridade Civil Judaica. Cada um de vós responsabilizar-se-á por um departamento específico :

Bem-estar, saúde, profissões, propriedades, e assim por diante. Qual de vós é Goldman?

O famoso músico e idealista deu um passo em frente.

Embora idoso, Goldman exibia a distinção e a raça de um virtuoso.

— É lhe confiado o encargo de presidir, Goldman.

Estará em contato direto comigo. Os restantes receberão diretivas do Dr. Koenig.

Koenig falou :

— Ocupareis imediatamente o edifício de Grzybówska 28 e aí instalareis os vossos gabinetes. A vossa primeira tarefa será elaborar o recenseamento dos judeus do distrito de Varsóvia. Logo que cada judeu esteja registado na vossa Autoridade Civil, lhe será -conferida uma Kennkarte, que servirá também de base para um cartão de racionamento.

Qualquer judeu que, ao fim de três semanas, seja encontrado sem uma Kennkarte será punido com a morte.

— Espero que este registo seja efetuado com eficiência — acrescentou Schreiker -, ou haverá uma nova Autoridade Civil dentro de pouco tempo. Serão avisados quanto a futuras diretivas. Podeis sair.

Eles dirigiram-se, estonteados, para a porta.

— Mais uma coisa por agora — disse Schreiker, levantando-se, para se postar diante da secretária. Era um homem corpulento e, obviamente, poderoso, e desejava certificar-se de que os outros notavam o fato. — Temos milhares de jovens soldados viris na nossa guarnição que necessitam de diversões. Vós fornecereis uma lista de mulheres que se ocupem em satisfazer as suas exigências. Precisaremos, pelo menos, de cinquenta ou sessenta para começar ; as escolhidas deverão sentir-se felizes por servirem um bordel de oficiais.

Olharam uns para os outros, ansiando desesperadamente que um deles falasse.

Schreiker pegou num papel com os seus nomes :

— Quem é Silberberg?

Silberberg deu um passo em frente, tremendo. Toda a sua coragem estava contida nas palavras que escrevera.

— És um dramaturgo! Deves conhecer atrizes.

O peito delgado de Silberberg doía lhe com o medo.

Respiro" profundamente e cuspiu para o chão. Schreiker caminhou rápido através da sala e deteve-se diante dele.

O dramaturgo fechou os olhos, na expectativa da agressão.

Recebeu um golpe na cana do nariz. Caiu sobre os joelhos, segurando nas mãos o rosto sangrando, momentaneamente cego. Goldman ajoelhou-se imediatamente ao lado dele.

— Afaste-se dele!

— Continue, seu valente, agrida-me também — desafiou-o Goldman.

Schreiker girou rapidamente nos calcanhares, enfrentando os outros :

— Você, seu "aleijado — disse, apontando para Bronski -, tomará o encargo pessoal de arranjar as prostitutas!

— Receio não poder servir sob estas condições — disse Paul Bronski.

Franz Koenig apercebeu-se de que Schreiker tinha ido longe de mais. Intrometeu-se rapidamente :

— Discutiremos o caso na devida altura — disse. Agora saiam todos.

Schreiker sentiu ganas de os espancar, mas compreendeu que Koenig interviu para impedir que ele se encolerizasse.

Ele não devia encolerizar-se. Depois de eles terem saído, pôs-se a percorrer a sala em grandes passadas, lívido de furor, proferindo todas as pragas que conhecia; depois deixou-se cair na sua cadeira, atrás da secretária, jurando que havia de mostrar quem era a autoridade. Quando se acalmou, Koenig falou branda e serenamente.

— Herr Schreiker — disse -, tocámos num ponto muito sensível.

— Mas eles desafiaram-me!

— Herr Kommissar, não se incomode. Não lhes ofereçamos motivos para se unirem. Além disso, escolhemo-los para que nos sejam úteis, não é verdade?

— Eles são privilegiados!

— Sim, sim, exactamente — disse Koenig. — Para que nos prestem serviços reais é preciso que lhes concedamos uma certa soma de autoridade e importância entre os Judeus. Se destruímos a sua autoridade forçando-os a fazer uma coisa que os possa afastar do povo, então não nos serão úteis de maneira alguma.

Schreiker refletiu no caso. Sim, cometera um ato estúpido. Ele ia criar um poder e depois destruí-lo no mesmo golpe. Koenig era sagaz. Os intelectuais sempre se davam conta destas coisas. Manteria Koenig em estreita cooperação consigo para evitar cometer novos erros.

— Existem outras maneiras de arranjar mulheres para os bordéis — disse Koenig. — Sugiro que se afaste tanto quanto possível a questão da alçada da Autoridade Civil.

Isso fá-los-á pensar que detêm alguma importância.

— Sim, decerto — volveu Schreiker. — Quis somente pô-los à prova a fim de me certificar se tinham coragem pessoal bastante para levar a cabo as nossas diretivas; coloquei os à prova e nada mais.

Entrada do diário.

Bem, certamente que não tivemos de esperar muito tempo para descobrir o que nos está reservado e que espécie de homem é Rudolph Schreiker.

A sede do governo da área do Governo-Geral foi estabelecida em Cracóvia, o que é uma surpresa. Estávamos certos de que seria Varsóvia. Um tipo chamado Hans Frank é quem comanda as coisas lá. Ele faz publicar diariamente um jornal de quatro páginas intitulado Gazeta do Governo-Geral.

A primeira, segunda e terceira página são dedicadas a vários assuntos. A quarta diz respeito ao «Problema judeu». Na verdade, estamos, nestes dias, a ser muito falados na imprensa.

*Alexander Brandel*

#### DIRETIVA

TODOS OS JUDEUS DEVEM IMEDIATAMENTE REGISTRAR-SE NA AUTORIDADE CIVIL JUDAICA EM GRZYBOWSKA 28, A FIM DE SE PROCEDER À DISTRIBUIÇÃO DA «KENNKARTE» E DO LIVRO DE RACIONAMENTO.

A INOBSERVÂNCIA DESTA ORDEM É PUNIDA COM A MORTE.

#### DIRETIVA O

SUBÚRBIO DE ZOLIBORZ ESTÁ FORA DA ÁREA RESIDENCIAL PERMITIDA AOS JUDEUS. Os JUDEUS QUE VIVEM EM ZOLIBORZ DEVEM PROCURAR NOVO DOMICÍLIO DENTRO DE UMA SEMANA.

#### DIRETIVA PARA ESCLARECIMENTO.

TODAS AS FUTURAS DIRETIVAS PERTINENTES AOS JUDEUS DEVEM SER TAMBÉM OBSERVADAS POR AQUELES QUE TENHAM UM DOS PAIS OU AVÓS JUDEU.



OS JUDEUS QUE SE CONVERTAM A OUTRAS RELIGIÕES SÃO CONSIDERADOS JUDEUS.

DIRETIVA

AOS JUDEUS É PROIBIDA A ENTRADA NOS PARQUES PÚBLICOS E NOS MUSEUS.

AOS JUDEUS É PROIBIDA A ENTRADA NOS RESTAURANTES DE ZONAS NÃO JUDAICAS.

AOS JUDEUS É PROIBIDO UTILIZAR os TRANSPORTES PÚBLICOS.

AS CRIANÇAS JUDIAS DEVEM SER RETIRADAS IMEDIATAMENTE DAS ESCOLAS PÚBLICAS.

DIRETIVA

A PRÁTICA DA RELIGIÃO JUDAICA É PROIBIDA. NÃO É PERMITIDO O FUNCIONAMENTO DAS SINAGOGAS. O ENSINO RELIGIOSO JUDAICO É PROIBIDO.

DIRETIVA

Os SEGUINTEs MISTERES E PROFISSÕES DEVEM SER EXERCIDOS PELOS JUDEUS SOMENTE ENTRE A POPULAÇÃO JUDAICA : MEDICINA, LEIS, JORNALISMO, MÚSICA, POSTOS GOVERNAMENTAIS E TODAS AS INDÚSTRIAS OPERADAS PELA MUNICIPALIDADE.

DIRETIVA

AOS JUDEUS É PROIBIDA A ADMISSÃO NOS TEATROS E NOS CINEMAS DAS ÁREAS NÃO JUDAICAS.

AOS JUDEUS É PROIBIDA A ENTRADA nos HOSPITAIS NÃO JUDAICOS.

Logo que começou o recenseamento, em cada Kennkarte foi aposto um grande J. Publicou-se imediatamente uma diretiva baixando as rações dos Judeus. Tal procedimento deu origem a que se procurasse porfiadamente obter Kennkarten arianas falsas e ilegais. Em Zoliborz e noutras áreas confiscadas para servirem de

residência aos funcionários alemães os judeus despojados foram obrigados a abandonar os seus haveres sem que lhes fosse atribuída qualquer compensação.

Surgiam diariamente novas diretivas.

Entretanto, Rudolph Schreiker voltou ao trabalho com o qual estava mais familiarizado. O antigo arruaceiro dos primeiros dias do nazismo na Baviera organizou quadrilhas de rufiões polacos e inscreveu-os na folha de pagamento dos Alemães, a fim de aterrorizarem a população judaica.

Algumas semanas após à entrada dos Alemães em Varsóvia começou o apedrejamento de vitrinas, a pilhagem e o espancamento de judeus respeitáveis.

Nas ruas, camiões munidos de altifalantes rolavam constantemente pelas áreas residenciais judaicas, ladrando as últimas diretivas e a quarta página da Gazeta, e em todas as paredes eram afixadas ordens do Kommissar de Varsóvia e da Autoridade Civil Judaica.

Um destacamento especial das SS prendia as pessoas mais susceptíveis de resistir, judeus e não judeus indiferentemente, antecipadamente indicadas pelo Dr. Franz Koenig e por outros étnicos. Conduziam-nas à Prisão Pavviak e aí fuzilavam-nas.

Na rádio, saturação constante de palestras para elucidar O povo polaco acerca das causas da guerra.

«A Alemanha veio cá a fim de salvar a Polónia dos judeus gananciosos.» E os cartazes que outrora anunciavam os filmes de Irene Dunne foram substituídos por desenhos com judeus barbudos a violar freiras, judeus barbudos usando o sangue de crianças cristãs para os seus rituais, judeus barbudos sentados no topo de pilhas de dinheiro e esfaqueando bons e honestos polacos pelas costas.

Na sua maior parte, o programa alemão encontrou um êxito quase geral. O povo polaco, que não podia atacar os seus nobres, pois estes tinham agora desaparecido, nem Os Russos, que o haviam traído, nem os Alemães, que o chacinavam, sentia-se inclinado a aceitar o tradicional bode expiatório judeu como a causa verdadeira do seu último desastre.

## CAPÍTULO III

DIRETIVA.

TODOS OS SINDICATOS JUDAICOS, SOCIEDADES PROFISSIONAIS E ORGANIZAÇÕES SIONISTAS SE CONSIDERAM, A PARTIR DESTA DATA, ILEGAIS.

Entrada do diário.

O conselho executivo dos Bathyrans reuniu-se hoje numa sessão de emergência a fim de preparar as atividades clandestinas. Preciso de encontrar, nas diretivas dos Alemães, alguns furos que nos permitam manter-nos juntos e agir, talvez sob uma organização de «fachada».

Ana Grinspan tem mantido grande dinamismo. Ela informa que a célula de Cracóvia está unificada. É muito intrépida, esta jovem.

Apesar de as novas diretivas restringirem os movimentos dos Judeus, Ana já conseguiu arranjar falsos papéis para poder circular (como uma não existente Tanya Tartinski).

A fisionomia não judaica de Ana ajudá-la-á a movimentar-se sem levantar suspeitas. Ela contactou com Tommy Thompson, da Embaixada Americana, agora em Cracóvia, e ele concordou em receber dólares americanos de gente nossa que reside fora da Polónia (e especialmente das nossas células na América) e fazer lhe chegar o dinheiro às mãos.

Que Deus abençoe Tommy. Ele é um amigo de verdade.

Ana vai imediatamente contactar com as nossas células mais importantes a fim de montar uma rede de comunicações clandestinas que conseguimos com muito esforço tornar possível.

Susan Gel ler enfrenta a situação a que temos de acudir com mais urgência.

Ela calcula que foram mortos trinta mil soldados judeus durante a invasão. (Este cômputo parece bastante exato.

Na melhor das hipóteses, foram chacinados cerca de duzentos mil soldados polacos, muitos milhares escaparam-se pela fronteira, e há milhares nos campos de prisioneiros.) Além disso, centenas de crianças ficaram órfãs durante o cerco de Varsóvia. Temos de tomar muitos sob a nossa proteção.

Susan solicitou ao orfanato dos Bathyrans o alojamento de mais duzentas crianças, o que vem duplicar a nossa capacidade presente. É desnecessário dizer o que isto acarreta ao nosso orçamento. Precisamos de pessoal, o que significa que temos de retirar os nossos melhores elementos das suas ocupações no exterior e pô-los a trabalhar no orfanato. Só Deus sabe como havemos de enfrentar esta emergência.

Com este corte nas rações destinadas aos Judeus, temos de pedir uns cinquenta cartões de racionamento suplementares à Autoridade Civil Judaica para a manutenção das crianças.

Tolek Alterman depois da sua preleção habitual sobre o sionismo, prometeu a Susan cultivar uma nova courela na granja para fazer face ao corte de racionamento. Ele deve ser encorajado a aumentar a produção se o preço dos víveres se tornar proibitivo para as nossas possibilidades. Mas para aumentar a produção da fazenda é necessário também pessoal.

Ervin Rosenblum trabalha ainda na Swiss News, baseando-se no fato de ser uma agência neutral, enquanto a letra da diretiva alemã proíbe aos Judeus trabalharem em jornais polacos não judeus. (Estamos na expectativa de que a imprensa judaica seja encerrada a qualquer instante, embora Emanuel Goldman, o presidente do conselho diretivo da Autoridade, conseguisse persuadir os Alemães de que ela é um meio de comunicação em massa para dar maior publicidade às diretivas germânicas. Quanto tempo poderá ele manter este ponto de vista?) Ervin não acredita que ele, a Swiss News e Chris de Monti possam aguentar-se por muito tempo na situação em que se encontram. Será uma grande perda, pois Ervin contata muito estreitamente com as fontes de notícias e já várias vezes nos confiou informações secretas que nos deram vinte e quatro horas de avanço preciosas para montarmos as nossas defesas. Uma nota muito amarga.

Estou inquieto por Andrei não se achar presente. Menti aos outros dizendo lhes que ele se encontrava em Bialystok em serviço. Três ou quatro membros comunicaram que ele está a planear algo que nos causará um mal considerável. Devo detê-lo. Termino aqui a minha entrada a fim de o procurar.

*Alexander Brandel*

Gabriela Rak abriu a porta para dar entrada a Alexander Brandel no seu apartamento, na Praça das Três Cruzes.

— Entre, Alex. — Fechou a porta atrás dele e pendurou lhe o sobretudo e o boné.

— Ele está cá?

Gabriela fez um gesto afirmativo com a cabeça, e apontou para a varanda.

— Antes de eu o ver...

Ela sacudiu a cabeça.

— Não sei, Alex. Uns dias anda para trás e para diante, como um animal enjaulado, e pragueja. Noutros, como hoje, senta-se, de mau humor, e bebe sem proferir palavra. Ontem e hoje esteve fora a contatar com certas pessoas. Não sei para quê. Não me quer dizer.

— Eu sei — disse Alex.

— Nunca conheci ninguém que enfrentasse a derrota com tal amargura, Alex. Ele possui um orgulho tão feroz... até parece que procura chamar a si o sofrimento de trinta milhões de polacos.

Ele encaminhou-se para as portas que davam acesso a varanda e abriu-as. Andrei olhava sem sentido para as ruínas.

— Andrei — chamou ela meia dúzia de vezes antes que ele lhe desse atenção. — Alexander Brandel está cá.

Ele entrou na sala. Estava por barbear e com os olhos turvados pela muita bebida e pelo pouco sono. Dirigiu-se logo para o aparador das bebidas e serviu-se de vodca.

— Vou preparar lhe chá, Alex — disse Gabriela nervosamente.

— Não — ordenou Andrei -, fica. Quero que ouças as grandes dissertações, acerca da lógica sionista. Pérolas de sabedoria estão prestes a cair como chuva da Primavera.

É-nos preciso um balde, de modo a apanhá-las todas. -.

Ele bebeu o vodka de um trago e serviu-se outro. Gabriela mexia-se desconfortavelmente na borda de uma cadeira e Alexander caminhou para Andrei, tirou lhe o copo da mão e colocou-o em cima de uma mesa.

— Porque não compareceste hoje à reunião do conselho executivo?

— Não ouviste? Não há mais bathyrans. Diretiva vinte e dois, por ordem do Kommissar de Varsóvia.

— Foi uma reunião extremamente importante. Tivemos de montar os mecanismos destinados a uma organização clandestina.

Andrei deu um estalido com os lábios, bateu as palmas das mãos e caminhou para Gabriela.

— Gaby, queres que eu te conte o que eles disseram hoje, palavra por palavra? Vejamos. Susan Geller foi quem mais gritou, pois a guerra forneceu lhe inúmeros novos órfãos e a nossa jovem Suzy vai alojá-los a todos, sem exceção. Assim, amanhã Herr Schreiker publicará uma diretiva proscrevendo os órfãos. Mas... não nos subestimem.

O nosso Alexander Brandel torneará a diretiva... ele é um homem astuto. Descobre furos em tudo. «De agora em diante», declara Alex, «chamaremos noviços aos órfãos e o orfanato dos Bathyrans tornar-se-á o Convento de Santo Alexandre». Eis que Tolek Alterman se põe de pé: «Camaradas», diz ele, «aumentarei a produção da granja ao décuplo porque é sionismo vivo.» E depois Ana... a nossa querida e boa Ana: «Tenho prazer em comunicar que o grupo de Cracóvia está a cantar Unidade Eterna.» — Já acabaste?

— Não, Alex. Ainda há algumas dissertações de minha autoria.

— Ora bem, escuto-te. Fizeste planos muito interessantes — Que planos? — perguntou Gabriela.

— Porque não lhe dizes, Andrei? — Andrei voltou lhes as costas. — Não? Bem, então eu lhe direi. Ele anda a planear deixar Varsóvia com cinquenta dos nossos melhores elementos.

Andrei girou pelo aposento. «Que Alex e o resto daquele bando de idiotas continuem os seus debates sociais enquanto os Alemães não lhes arranquem a vida. Sim, vou levar comigo cinquenta companheiros. Dirigir-nos-emos para a fronteira com a

Rússia a fim de conseguirmos armas e voltaremos para escrever algumas diretivas da minha autoria nas linhas de abastecimento alemãs.» — Porque não me disseste isso? — perguntou Gabriela.

— Disse-te para ires para Cracóvia com os Americanos.

Bem, ainda tenho os teus documentos. Será o meu presente para ti quando partir.

— Mas porque não me disseste?

— Para tu te associares a ele a fim de me esmagarem com os vossos argumentos?

— Ninguém vai discutir, Andrei — disse Alex. — Eis o que tenho a declarar-te. Estás proibido de fazer o que planeias.

--Ora ouçam-no! O novo Kommissar emitiu uma diretiva.

— Não vais levar contigo cinquenta dos nossos melhores elementos. Precisamos desesperadamente deles a fim de conservarmos o nosso povo com vida.

— Canta, irmão Brandel!

— Por nosso intermédio e dos outros grupos sionistas — o povo tem organizações preparadas para funcionarem em sua defesa. Se tu e mais cem como tu levarem convosco cinquenta dos nossos elementos, entre homens e mulheres, estareis despojando três milhões e meio de judeus do único meio que possuem para os proteger.

— Alex, tenta deter-me.

— Colaboramos juntos há muito tempo, Andrei, mas não hesitarei em expulsar-te dos Bathyrans como um elemento inconveniente.

— Então terás de expulsar os outros cinquenta, pois eles vão seguir-me.

Pararam bruscamente, cada um deles alçando-se a um ponto donde não havia regresso. Andrei achava-se possuído de cólera que desafiava a lógica. Alex estava aturdido.

Voltou-se para Gaby, que ergueu as mãos num gesto de desamparo.

— Orei a Deus para que o meu filho Wolf fosse metade do homem que era Andrei Androwski. Quando te vi a arrastares-te sobre as mãos e os joelhos no regresso da batalha, disse: «Este é o

homem mais bravo que jamais existiu. Não importa o que defrontemos nos dias que estão para vir, havemos de nos livrar de dificuldades enquanto Andrei se encontrar conosco.» Agora... vejo-te tal como és. Um homem sem verdadeira coragem.

Gabriela lançou-se no meio deles, olhando de um para o outro, desesperada, e inopinadamente foi Alex o alvo da sua cólera.

— Como ousa dizer lhe isso!

Alex, a despeito da intromissão dela, esbofeteou Andrei, que nem sequer pestanejou.

— Pare com isso! — gritou Gabriela.

— Não importa, Gaby. Ele bate como uma mulher e sabe que eu não ripostarei.

— Mas os Alemães não batem como mulheres e tu não tens coragem de aparar os seus golpes e de manter as mãos imóveis.

Andrei atravessou o quarto para se sentar no sofá.

— Não permitirei que digam que destruí os Bathyrans.

Conservados cá. Partirei só. Há centenas de milhares de soldados polacos que escaparam para a fronteira que se baterão novamente. Haverá mais um.

Alex inclinou-se sobre ele :

— És um homem egoísta e vingativo, com o único desejo de preencher a tua enorme sede de vingança pessoal. Esqueces a mulher que te ama... esqueces a tua irmã e os seus filhos... esqueces os teus amigos... esqueces o povo a quem estás ligado. Quando mais necessitamos de ti, foges para te juntares ao teu bando errante de Robins dos Bosques.

Salve e adeus ao bravo major Androwski, da 7.a brigada dos ulanos.

— Deixe de o atormentar — gritou Gabriela.

— Por amor de Deus, Alex! — gritou Andrei. — Não posso bater-me na tua guerra. Não sou um traidor! Não posso combater na tua guerra!

— Bateste-te na tua guerra e à tua maneira, e sem resultado.

Agora a divisão de forças em presença é ainda mais pronunciada. Não é batalha de homens fortes contra homens fortes.



Somos poucos e temos nas nossas mãos a responsabilidade de três milhões e meio de judeus desamparados.

Não possuímos armas, mas fé uns nos outros.

Andrei, sempre desejaste saber o que é o sionismo. Ajudar os Judeus a sobreviver, eis o que é o sionismo. Deves dar-te a nós. Não podemos marchar sem ti.

Andrei suspirou e resmoneou :

— Jesus Cristo — murmurou ele, que espécie de batalha é esta? — Ergueu os olhos para eles. — Em todos estes anos carreguei comigo uma pose, a do grande Androwski, e sei porquê. Porque combatíamos numa batalha hipotética. Cada um era o nosso inimigo — contudo, nenhum.

Falávamos sobre um sonho, falávamos acerca dos nossos anseios, mas agora... Já não me encontro a travar uma batalha incerta. Não és capaz de compreender que vi o inimigo face a face? Quero enfrentá-lo com estes — disse ele, levantando os punhos, como martelos. — Quero abatê-los nas caras desses canalhas dos Alemães — Isso manter-nos-á vivos?

— Não sei se possuo a coragem de que falas, Alex : observar o assassinio e não erguer a minha mão.

— Não te afastes de nós, Andrei.

Gabriela ajoelhou-se ante ele e tentou reconfortá-lo :

— Alex tem razão — disse ela. — Deves continuar ao lado do teu povo.

— Não sabias, Gaby, que o Alex tem sempre razão?

Não sabias?

Andrei olhou de um para outro. Sim... a sua guerra acabara. Na sua guerra fora calcado, humilhado. Agora, devia tentar bater-se na guerra de Alex.

— Tentarei — murmurou por fim. — Tentarei.

## CAPÍTULO IV

Como membro do conselho executivo da Autoridade Civil Judaica, Paul Bronski detinha vários privilégios e imunidades. A ração da sua família era igual à de um oficial polaco e o dobro da ração dos judeus. Franz Koenig convenceu o Kommissar Schreiker de que tal generosidade para com a A. C. J. seria compensada.

Paul conseguiu arranjar um apartamento encantador na Rua Sienna, que ficava num bairro misto habitado por pessoas de profissão liberal da classe média superior e fora já uma das ruas mais elegantes de Varsóvia. Bronski não fora, verdadeiramente, muito prejudicado, neste aspecto, pela ocupação alemã. A sua fortuna achava-se intacta na Suíça, longe da gula dos Alemães, e ele alcançara rapidamente a posição mais cimeira que a nova sociedade permitia.

Enquanto Chris permanecesse em Varsóvia, era lhe fácil adiantar a Paul dinheiro da sua conta, que conseguia transferir inscrevendo-o nas contas da Swiss News.

No entanto, o dia da mudança causou lhe terrível desassossego.

Deborah parecia encantada com a ideia de deixar Zoliborz e mudar-se para uma área predominantemente judaica.

Era como se a sua forçada identificação como judeus constituísse para ela uma espécie de vitória. Enquanto as caixas e as grades eram dispostas umas sobre as outras, Paul fechou-se no seu gabinete por não poder suportar mais qualquer pergunta dos filhos.

Na sua secretária estavam braçadeiras que a família tinha de usar a partir de então. Os Alemães eram tão meticolosos em tudo, pensava ele. Uma diretiva exigia que a braçadeira fosse de cor branca, com uma estrela azul de David com uma altura não inferior a 3 centímetros. Paul riu com a ironia de tudo aquilo e pôs a braçadeira, pensando que pelo menos ele os lograva um tanto, pois tendo perdido o braço especificado, era forçado a usar a braçadeira no braço esquerdo.

Bateram à porta e Andrei entrou.

— Olá, cunhado — disse Bronski. — Deborah anda por aí, a fazer as malas.

— Por acaso vim para falar contigo, Paul.

— Para te regozijares com a tua vitória? Para me dizeres quão ridículo pareço com a estrela de David? Para levantares o dedo e declarares como a tua maldita predição acabou por ser uma realidade: «Bronski, és judeu, quer o queiras quer não»; ou para perguntares se eu dei aos Alemães uma lição sobre o sionismo galopante, que eu detesto, e se tentei convencê-los de que não era realmente judeu? Que vá tudo para o Diabo. A dificuldade maior criada pela falta de um braço é tentar encher e acender um cachimbo, isso e abotoar a braguilha.

Andrei riscou um fósforo e fez incidir a chama no forninho do cachimbo de Paul, enquanto este aspirava uma fumaça.

— Como te sentes, Paul?

— Fino. Descobri que ainda sou um médico bom como o Diabo. Algumas vezes deste instruções a um cabo sobre a maneira como te amputar um braço à luz de uma pilha?

«Grande engenho», digo para mim próprio. «Dás a impressão de estares fino. Meros ferimentos de balas não te importunam.» — Como se sentem Deborah e as crianças com esta mudança?

— Deborah? Creio que ela está encantada. O Senhor está a conceder-lhe a retribuição divina dos anos em que a obriguei a ser agnóstica. Vou dar uns retoques no meu hebreu, ler a Tora todas as noites e passar o resto da minha vida a dizer: «Quero ser um bom judeu», assim me ajude a Rua Stawki.

— Vim aqui para te perguntar se não será melhor estabelecermos uma trégua.

Paul pareceu surpreendido.

— É um galante vencedor, senhor.

— Não, é que os tempos têm-se tornado tão sérios que não podemos oferecer-nos o luxo de nos darmos batalha uns aos outros por uma coisa já provada. Tu estás instalado na A. C. J. Sabes muito bem como as coisas estão más.

— Oh, sem dúvida que estão más. Vai haver uma dura transição.

Andrei tinha a sua aberta. Forçou o ponto :

— Estás certo de que é somente uma transição? Ninguém sabe realmente o que os Alemães têm em mente nem quando nos deixarão.

Paul fitou Andrei suspiciosamente. A trégua era apenas uma máscara atrás da qual ele estava a operar.

— E? — perguntou ele.

— Agora, que os Judeus, os semi-judeus, os conversos e os judeus que não admitem a sua raça foram rotulados, há uma tremenda necessidade de unificar todas as extremidades soltas.

— Continua — disse Paul.

— Paul, estamos a tentar, com muito esforço, organizar uma reunião conjunta de todas as facções da comunidade, sem olharmos a filosofia, a fim de estabelecermos uma espécie de política diretiva. Tu estás instalado numa das posições-chaves.

Desejamos saber se podemos contar contigo.

— Contar comigo em quê?

— Não nos podemos deixar ficar preguiçosamente inativos e deixar que os Alemães nos impinjam estas instruções e espanquem a nossa gente nas ruas. Devemos dirigir-nos a eles como um só corpo e fazer lhes saber que estamos decididos a resistir a futuros abusos.

Paul suspirou, colocou o cachimbo no cinzeiro e balançou a cadeira para trás e para a frente, para trás e para a frente.

— Devia ter-me apercebido de que estavas ainda a tentar conduzir uma carga de cavalaria.

Andrei, que jurara a si próprio não se encolerizar, conteve-se.

— Quanto terás ainda de os sofrer antes de poderes levantar a espinha? Onde estão agora os teus belos estudantes?

Onde estão agora os teus colegas da Universidade?

— Andrei — disse Paul mansamente -, não és o único que tem meditado acerca deste problema. Quando perdi o braço direito, o meu corpo sofreu um abalo, mas, como vês, restabeleci-me muito bem. Assim, os judeus de Varsóvia estão a perder os seus braços

direitos. É penoso, mas o abalo passará e eles viverão. Não tão bem como antes, talvez, mas é desta maneira que estão as coisas, e nada podemos fazer para as mudar.

— Estás disposto a garantir-me que os Alemães vão deter-se depois de nos tirarem apenas um braço? És capaz de me dizer honestamente que as instruções não nos levarão o outro braço e a seguir ambas as pernas?

— Digo-te, o que estou disposto a dizer-te, Andrei. Sinto-me decidido a aceitar a vida pelo que ela é. Os Alemães são a lei. Ganham a guerra. Não vejo outra alternativa.

-Pensas realmente que podes negociar com eles?

— Penso realmente que não tenho opção, Andrei.

Andrei... Andrei... Estás sempre a investir contra moinhos de vento... estás sempre à procura do inimigo místico.

Antes dos Alemães, batias-te contra os Polacos. Não podes aceitar a vida tal como ela é. Sim, comprometi-me, mas dou-me conta da realidade. Não persigo fantasmas. Comprometo-me porque agora, subitamente, me tornaram novamente judeu e não tenho alternativa. Andrei, fui colocado numa posição de responsabilidade para com esta comunidade.

Não a solicitei, não a desejava. Mas é preciso, tu sabes. Tenho também mulher e dois filhos para manter com vida...

— E por isso renuncias à tua alma e à tua honra!

— Experimenta as frases feitas noutro lado. Eu sei ao que vens. Insurreição... agitação... clandestinidade. Rebenta a cabeça contra um muro, como fizeste antes da guerra.

Conheço a verdade do que se passa aqui agora e estou decidido a alcançar a segurança da minha família apesar de todas as contingências.

Andrei estava prestes a bradar que Paul era um cobarde, que não procurava senão servir sempre as suas conveniências com o mínimo de risco. O gato que sempre se enrosca nas suas patas. O primeiro a vender a alma. Custou-lhe toda a energia que possuía, mas dominou-se.

— E enquanto estamos a falar nelas, Andrei, as tuas atividades estão sujeitas a ser conhecidas. Pela segurança de

Deborah e das crianças, julgo melhor manteres-te afastado de nós.

— Que a minha irmã o decida!

— Oh, nada do que o seu querido irmão faça pode ser errado.

Andrei rolou nos calcanhares e afastou-se. Foi, no entanto, incapaz de resistir ao impulso de fechar a porta com violência, como sinal de que não perdera inteiramente o domínio.

Paul bateu levemente com o cachimbo contra os dentes e sacudiu a cabeça «Aí vai ele», pensou Paul. «Ainda à procura de um combate. Ainda no comando de uma carga de cavalaria.» Por quanto tempo continuaria Andrei nesta atmosfera antes que fosse arrastado ante um pelotão de fuzilamento?

Mas então Andrei poderia rir-se lhes na cara enquanto o abatessem. E por um momento Paul invejou aquela indómita coragem, que era incapaz de dar quartel. Ele, Paul Bronski, mostrara uma coragem instintiva num só instante, quando o fanfarrão nazi Rudolph Schreiker exigiu que fornecessem mulheres judias como prostitutas. Haveria outros momentos de crise nos dias futuros. Como gostaria de ser Andrei Androwski nesses momentos... Teria a audácia de os desafiar quando se proporcionasse uma nova ocasião?

Não sabia. Se fosse capaz, simplesmente, de guardar aquele momento de coragem numa pequena caixa e abri-la novamente quando dela necessitasse...

Um rumor proveniente na cozinha fez Paul acorrer para lá. Deborah, debruçada sobre Zoshia, berrava, furiosa.

— Que se passa aqui?

— Zoshia roubou-nos a prata. Rachel viu-a passá-la por sobre a cerca à peste do filho.

Paul colocou-se no meio delas.

— É verdade, Zoshia?— perguntou ele.

— É verdade e não me sinto arrependida — volveu Zoshia a chorar.

— Ela é uma ladra imunda — rezingou Deborah.

— É minha e mais do que minha, pelos anos em que limpei a vossa imundície, judeus.

— Oh, meu Deus — disse Deborah -, tratámo-te com mais bondade do que o teu próprio filho, a quem pagávamos a fiança, para o soltarem da cadeia, todas as vezes que o dominava um dos seus furores de ébrio. Paguei contas ao médico por ti e pela tua irmã quando não podiam trabalhar.

-. Vós sois os culpados da vinda dos Alemães para a Polónia — gritou Zoshia. — Assim nos disse o padre! Aconteceu tudo por causa dos Judeus! — Ela cuspiu lhes o seu ódio no rosto e retirou-se, saracoteando-se, da cozinha.

Deborah encostou-se a Paul e começou a chorar mansamente ;

o marido tentou confortá-la :

— Nem posso acreditar nisto — murmurou ela. — Nem posso acreditar nisto...

— Nada podemos fazer. Os Alemães estão a encorajá-los a proceder assim.

Um dos homens encarregados da mudança entrou.

— Temos um caminhão carregado. O senhor disse-nos que iria conosco à Rua Sienna a fim de nos indicar para onde vão as coisas.

— A Sra. Bronski não se demorará um instante. Ela acompanhar-vos-á.

O carregador bateu com um dedo no boné e saiu.

Deborah enxugou os olhos. Paul dirigiu-se ao seu gabinete e voltou com as braçadeiras.

— Tu e as crianças tendes de usar isto — disse ele.

A mulher pegou nelas, olhou-as fixamente e depois pôs uma no braço direito.

— Não é uma vergonha — disse ela — que na primeira vez em que temos realmente de dizer às crianças que são judias... seja desta maneira...?

## CAPÍTULO V

Entrada do diário.

Andrei avisou-me de que não podíamos contar com Paul Bronski. Quão certo estava ele! Continuamos a auscultar a comunidade judaica a fim de averiguarmos quem está disposto a juntarem se numa reunião de dirigentes.

Estamos a tentar organizar uma frente comum, Mas não com a rapidez necessária. Algumas mais destas diretivas alemãs terão maior poder de os convencer do que quaisquer dos nossos argumentos.

Vou visitar o rabi Solomon. O seu apoio, se conseguirmos obtê-lo, constituirá o estímulo necessário para fomentar a nossa unidade.

*Alexander Brandel*

O nome do rabi Solomon era, na maioria das vezes, precedido pela palavra «grande». Era um dos homens mais eruditos, não só de Varsóvia, como de toda a Polónia, que constituía o sacrário do judaísmo religioso.

Era um homem humilde, amado por consagrar a sua vida ao estudo, à devoção e ao ensino. As suas determinações tinham força de lei entre os judeus religiosos.

A agilidade política não era a menor” das qualidades do homem. Quando se descia à Terra, dos estudos talmúdicos e éticos, para defrontar as coisas reais, era requerida certa habilidade a fim de se poder viver de harmonia com as diversas facções da opinião e da filosofia judaicas. Era devido a esta sabedoria que muitas vezes o convidavam a empregar os seus bons ofícios para servir de mediano entre os pensadores extremistas, dos comunistas aos neofascistas.

Todos os sionistas organizados acreditavam serem eles somente os verdadeiros porta-estandartes do sionismo e que os



outros, estranhos às suas fileiras, eram simplesmente pseudo-sionistas. Acontecia o mesmo quanto ao rabi Solomon.

O seu sionismo, sentia ele, era, decerto, a forma mais pura, pois provinha dos livros da Bíblia, que diziam que um «Messias» voltaria à Terra para conduzir as ovelhas dispersas de Israel à sua «Terra Prometida». Isto não era bem sionismo para ele, mas constituía, antes, o judaísmo fundamental.

Todas as novas ideias -revisão, socialismo, comunismo, intelectualismo — eram meros expedientes e ideias radicais que usurpavam o lugar da fé básica e verdadeira.

Embora não concordasse com as novas ideias, considerava-as com compaixão. Compreendia que era necessária uma enorme força interior para reprimir a revolta contra os abusos que os Judeus tinham sofrido. Estas novas forças — mas de sionismo, portanto, eram atos de rebelião de homens fracos que não se sentiam capazes de sofrer em silêncio e com dignidade, orar e aceitar como parte da vida as penas impostas por Deus para merecerem ser os guardiões escolhidos da Lei Sagrada.

Depois de os Alemães terem fechado a sua sinagoga, ele trabalhou mais duramente do que nunca para conservar a moral do seu povo. Durante a chuva de diretivas a sua calma vitalidade e o seu conselho foram constantemente procurados.

Foi após um dia extenuante que Alexander Brandel chegou ao seu gabinete. O velho contava gozar um curto período de relaxação mental enquanto se embrenhasse num duelo verbal com o erudito historiador sionista.

Descreveram os terríveis sucessos do dia com mútua tristeza, disseram-se todas as amenidades convencionais, e depois Alex tocou no assunto que o trouxera.

— Sentimos que o mau período que vivemos exige que ponhamos de lado as coisas que nos dividem — disse Alex cuidadosamente — e nos unamos quanto àquelas em que estamos de acordo.

— Mas, Alexander, dois judeus nunca concordam em coisa alguma.

— Oh, em certas coisas, rabi Solomon. Nos cuidados a dispensar aos órfãos. Em ajudarmo-nos uns aos outros.

— E que faremos com respeito às coisas em que dizes acreditarmos?

— Em primeiro lugar organizaremos uma reunião. Muitos dos chefes dos mais diversos sectores de opinião concordaram em assistir. A vossa comparência seria um estímulo que originaria a presença da maioria dos rabis de Varsóvia.

— Obtiveste apoio do Bund?

— Sim.

— E da Federação dos Trabalhadores Sionistas?

— Também.

— E dos comunistas?

— Sim.

— Uma tal reunião será uma barafunda.

— Não é essa a intenção.

— Hum...

— Devemos tentar apresentar uma frente unida, de molde a impedirmos estas diretivas dos Alemães.

— Ah, sim! Bem, Alexander, eu não sou um obreiro social. Nem tampouco um político, mas simplesmente professor. Quanto aos problemas civis, possuímos uma Autoridade Civil para tratar da maioria dos problemas que formulas.

Alex prometera a si mesmo não se desencorajar. Reatou a conversa :

— A Autoridade Civil Judaica foi constituída pelos Alemães.

Cremos que eles apenas a desejam usar como instrumento executor da sua política.

— Mas, certamente, com tons sionistas como Emanuel Goldman, Schoerfeld e Silberberg na Autoridade...

— Mas, rabi, nenhum deles possui verdadeiro poder.

Vivemos tempos extraordinários que exigem medidas extraordinárias.

— Que há de tão extraordinário quanto a estes tempos, Alex?

— Podemos ter de nos empenhar em medidas conducentes à nossa sobrevivência.

O velho sorriu e cofiou a barba espessa e alva. «Quão dramáticos são estes jovens!» — Alexander. Diz-me tu, erudito historiador, quando, na história do povo judeu, não foi a sobrevivência um objetivo comum? Por vezes o grau varia. O que está a acontecer hoje na Polónia tem acontecido muitas vezes na nossa história. Agora, que Brandel, o historiador, me responda :

— não subsistimos a todos os tiranos no passado?

— Penso que há uma diferença.

— Qual?

— Desde a queda do Primeiro Templo que temos sido chacinados devido à nossa condição de bodes expiatórios, à conveniência de políticos dominadores, a acessos de paixão, à ignorância. Os cruzados, a Inquisição, o morticínio de Worms, os levantamentos dos cossacos. Nunca antes defrontámos um plano organizado, calculado, deliberado para nos destruir a sangue-frio.

— E como sabe o erudito historiador que isso é verdade?

Li Adolfo Hitler.

— Hum... Diz-me, Alexander, que supões que os Alemães imaginam ganhar ao destruírem os Judeus? Território?

Mais do que riquezas simbólicas? Que vantagens advirão” de prosseguirem no objetivo extremo de liquidarem alguns dos melhores médicos do mundo, músicos, artífices, cientistas, escritores? Que lucrarão se fizerem tal coisa?

— Não é questão de ganhar ou não seja o que for. Eles encarniçam-se contra nós da mesma maneira que outros o fizeram, mas no caso presente não sei se os Alemães conseguirão deter-se. Como a nenhum outro povo na história condu-los psicologicamente a volúpia de destruir apenas por destruir.

— Assim, dizes que os nazis são o Demónio. Como historiador, decerto que sabes que o Demónio se destrói a si próprio.

— Pode também destruir-nos enquanto se destrói a si mesmo. Rabi, onde se lê no Talmude ou na Tora que não nos devemos defender?

— Mas sim, nós defendemo-nos. Defendemo-nos vivendo na fé que nos tem mantido vivos durante todos estes séculos.

Defendemo-nos conservando-nos bons judeus, o que nos fará atravessar esta hora como tem acontecido em todas as nossas outras crises. E o Messias virá, como Ele prometeu.

— E como supõe que nós O reconheceremos?

— Não é caso de nós O reconhecermos ou não. Ele é que nos reconhecerá.

A discussão caiu num ponto morto. O velho não queria transigir.

Alex tirou a sua braçadeira e pô-la diante dos olhos do rabi.

— É capaz de usar isto com orgulho?

— Era suficientemente boa para o rei David.

— Mas ele não a usava como uma insígnia de humilhação!

— Alex, porque vão gritar todos os sionistas? As portas do Céu estão fechadas para os que empunham instrumentos de morte. Eis o que, por fim, vos estará reservado se formardes um bando de brigões. Aprende a sofrer com humildade e fé. Somente isso será a nossa salvação

## **CAPÍTULO VI**

### DIRETIVA

TODAS AS PENSÕES DO GOVERNO CONCEDIDAS AOS JUDEUS SÃO SUSPENSAS.

### DIRETIVA

Aos JUDEUS É PROIBIDO ABASTECER-SE EM SUPERMERCADOS E ARMAZÉNS DE NÃO JUDEUS.

### DIRETIVA

É EXIGIDO AOS JUDEUS QUE DEIXEM VARSÓVIA UM PASSE QUE CERTIFIQUE AUTORIZAÇÃO PARA VIAJAR. AOS JUDEUS SÃO RESERVADAS CARRUAGENS COM O DÍSTICO: «PARA JUDEUS».

### DIRETIVA

É PROIBIDA AOS JUDEUS A PERMANÊNCIA NAS FILAS DE RACIONAMENTO, EXCETO EM LOCAIS ESPECIFICADOS.

A tentativa de Alexander Brandel para solidarizar os Judeus estava a frustrar-se. O povo mostrava-se desorientado.

A maior parte das pessoas não estavam ligadas a organizações. Desejavam simplesmente poder cuidar das suas famílias. Os raros homens com poder e influência para conseguir unir todos haviam sido levados para a Prisão Pawiak e fuzilados.

O presidente municipal, Starzinski, que travara o épico combate pela defesa de Varsóvia e era um dos poucos polacos possuidores de altas posições que davam inteiro jus ao crédito merecido pelos Judeus devido à sua contribuição na defesa do país, desaparecera. Como muitos outros, fora levado a meio da noite sem uma explicação e nunca mais voltara.

Alex observou a desagregação dos seus camaradas intelectuais.

Estes homens, que outrora haviam lançado catadupas de idealismo, pareciam incapazes de pôr as suas ideias em prática.

Procurou Rodei, o comunista, que controlava uma importante organização.

O dirigente comunista, calvo e grande fumador, gastava a maior parte do seu tempo a explicar como a União Soviética salvara verdadeiramente a Polónia Oriental ao saltar sobre ela da retaguarda, enquanto o exército polaco combatia pela sobrevivência. Rodei sempre fora para Alex um motivo de divertimento. Possuía espantosa destreza verbal e acrobacia política. Na Primavera desse ano Rodei mostrara-se fortemente antinazista. No Verão, após o pacto germano-russo, decidira que, apesar de tudo, os Alemães não eram assim tão maus — tinham sido as potências ocidentais quem, na realidade, vendera metade da Polónia.

Agora era, uma vez mais, violentamente anti-germânico, mas passava a maior parte do seu tempo a justificar a traição russa. Rodei não era útil ao sionismo porque, para além do comunismo, não tinha préstimo para mais nada. No entanto, Alex necessitava de Rodei. Ignorar os comunistas seria pior do que ser-se recusado por eles. Os comunistas, com os seus membros não judeus, gabavam-se de ser o grupo mais solidário com os Judeus. Os comunistas estavam a ser perseguidos ainda mais impiedosamente pelos nazis do que os Judeus. A Gestapo possuía uma única ordem em relação a eles: ENCONTRÁ-LOS E ABATÉ-LOS.

Alex não era possível falar com o chefe dos revisionistas, Samson Ben Horin. Estes eram tradicionalmente eremíticos e não desejavam participar num plano que os forçasse a agir com um outro grupo. Alex calculava que eles se encontravam decididos somente à luta de rua.

Os homens de negócios estavam atormentados com mil problemas. As lojas achavam-se vazias, os preços subiam, as novas diretivas exerciam contínua pressão. Consideravam o apelo de Alex à unidade apenas um pedido de caridade.

Para eles, tudo o que fosse além das suas atividades mercantis normais era rotulado de «caridade». Somente se podia ter em conta a caridade como uma extravagância proporcionada por soma conveniente de lucros, e eles achavam-se cheios de dúvidas nestes dias.

A mais vasta entidade autónoma, a comunidade religiosa, recusava terminantemente mexer-se. Tomara -a deixa do rabi Solomon para recorrer às armas tradicionais da oração e da paciência.

A Autoridade Civil Judaica tratava Alex como se ele fosse um marginal. Era considerado um presságio de desgraça por Silberberg, o dramaturgo, que, devido somente ao soco que lhe desferira Rudolph Schreiker, perdera todo o ardor combativo. Silberberg, cujas peças resumavam outrora de slogans de coragem!... Os restantes sentiam-se ciosos dos seus cargos. Apenas se podia contar com Emanuel Goldman, o pianista.

Fora da comunidade judaica as adesões eram escassas.

Os intelectuais gentios achavam-se tão aterrorizados como os seus pares judeus. Paul Bronski era um exemplo clássico.

Desde que voltara a Varsóvia até ao momento em que se mudou para a Rua Sienna não recebera nem uma só visita de um dos seus antigos colegas ou de qualquer dos estudantes da Universidade.

A maioria da população não desejava imiscuir-se na guerra entre os Alemães e os Judeus. Uma minoria achava-se ativamente empenhada em atividades contra os Judeus.

A única grande voz que detinha poder e consciência) a Igreja, permanecia silenciosa.

Como hábil tático, Alexander cedo compreendeu que a unidade era impossível; assim, formulou cuidadosamente um objetivo secundário. Depois de completar um exame das implicações mais profundas, reuniu-se com três homens fortes de entre aqueles em que mais se podia confiar. Estes eram pessoas que compreendiam a urgência do momento sem necessidade de pregação; como Alex, procuravam divisar uma maneira de criar uma frente unida para contornar as terríveis diretivas.

Os quatro empenharam-se em encontrar uma solução numa série de reuniões secretas.

Eles eram, além de Alex, Simon Éden, o chefe enérgico e incontestado da Federação Conjunta dos Trabalha—dores Sionistas. Sozinho, conseguia controlar dez diferentes facções do centro e da esquerda. A sua Federação Conjunta contava com mais de 60 % de todos os sionistas organizados.

Simon possuía as melhores qualidades de Andrei e Alex combinados e raros dos seus defeitos. Como Andrei, fora oficial do Exército e era um homem corpulento e vigoroso, dominado por vezes por grandes acessos de furor.

Como Alex, era um pensador frio e circunspecto. Andrei tinha mais respeito por Simon do que por qualquer outro homem de Varsóvia, exceto Alex.

O terceiro homem era Emanuel Goldman, o idoso mas ainda flamante virtuoso do piano, recentemente nomeado para presidir à Autoridade Civil Judaica.

Goldman fora o único erro de julgamento do Dr. Franz Koenig. Koenig acreditou corretamente que o famoso músico possuía um «nome» respeitado entre os Judeus, mas certamente subestimou a sua devoção às causas humanitárias.

Goldman era realista. Sabia que não podia continuar por muito tempo na Autoridade Civil. Os Alemães pretendiam um homem fraco que levasse a cabo as suas ordens.

Ele achava-se extremamente decidido a encontrar um caminho que servisse a comunidade antes de ser afastado do cargo.

O quarto homem era David Zemba, diretor do Socorro Americano, uma organização sustentada pelos judeus americanos.

Zemba, um judeu polaco, era de baixa estatura, de barba aparada e maneiras brandas, mas muito destemido e brilhantemente sagaz. Com a Polónia ocupada, os dólares americanos que ele administrava tinham de ser uma das fundações de qualquer aventura.

Juntos, elaboraram uma fórmula.

Primeira, fase: a Emanuel Goldman, como presidente da Autoridade Civil Judaica, foi confiado um encontro com o Dr. Franz



Koenig.

— Defrontamos um problema, Herr Doktor. Por tradição, nós, os Judeus, sempre cuidámos de nós mesmos. O trabalho social era antigamente exercido pelo antigo Conselho Judaico, que foi dissolvido. Como sabe, a guerra criou-nos este Problema. Não possuímos um instrumento legal através do qual tratemos dos problemas de socorro social.

1 — Segundo compreendo, está-me a solicitar que estabeleça um departamento de socorro social na Autoridade Civil Judaica?

— Não é exatamente assim. A Autoridade não conta nem com pessoal treinado nem com fundos, e nós achamo-nos muito ocupados a realizar o censo.

— Estou certo de que não veio cá sem uma proposta.

— É verdade. A minha proposta consiste no que a seguir exponho. Há muitos benfeitores profissionais. Eles podem reunir o dinheiro, podem procurar as pessoas, podem dirigir orfanatos e lares de velhos.

— Está a sugerir a organização de uma agência especial?

— Sim.

— Não como ramo da Autoridade Civil?

— Justamente.

— Porquê?

— Em questões de auxílio mútuo os Judeus estão quase unificados, não importa quais sejam as filosofias de cada um. Esta tarefa tradicional, no caso de ser exercida por uma agência do Governo, daria origem a tremendo murmúrio entre os diversos elementos. A coleta de fundos seria extremamente difícil, pois as pessoas suspeitam, naturalmente, do Governo. Registrar-se-ia indescritível confusão, duplicação de trabalho e disputas de ordem administrativa que podiam ser evitadas pelo estabelecimento de uma agência independente.

Koenig reconheceu haver bom senso nos argumentos de Goldman. Ele podia designar a Autoridade Civil para vigiar esta nova agência. Por outro lado, se a Autoridade Civil tivesse a seu cargo o socorro social, podia contar sempre com Goldman para o ajudar a reunir mais fundos. i Nem tudo era ainda, porém, preto no branco. O

Dr. Koenig estava a aperceber-se de que Goldman era um homem de carácter; embora parecesse tratar-se, na superfície, de uma questão simples, não apresentara uma proposta que beneficiasse os Alemães.

Emanuel Goldman sabia também que não enfrentava um títere como Schreiker. Koenig estava a sondá-lo cautelosamente, procurando uma armadilha.

-Quem propõe para dirigir esta nova agência?

— Oh, há muitas pessoas. Temos principalmente de encontrar um homem que seja aceite por todos os elementos.

Digamos Alexander Brandel.

— Brandel? Com o seu fundo sionista?

Goldman encolheu os ombros.

— Os Bathyrans, como grupo, jamais alcançaram a estatura pessoal de Brandel. Acham-se agora dissolvidos.

Ele é sereno e inofensivo e digno de confiança.

— Suponhamos que eu permito a organização dessa agência, com uma condição?

— E qual é essa condição, Herr Doktor?

— Que Brandel não a dirija.

Tinham chegado a um beco sem saída. Goldman esperara chegar ao fim sem passar por este momento. Agora tinha de fazer o seu jogo. Meteu a mão num bolso interior do casaco e colocou um pequeno sobrescrito na secretária de Koenig.

— Os planos completos para a agência estão aqui, Herr Doktor — disse ele. — Peço-lhe que os estude cuidadosamente e que me dê amanhã uma resposta.

O velho deixou a Municipalidade sem saber se este era o seu último dia na Terra.

Quando Koenig abriu o sobrescrito, encontrou cinco notas de mil dólares. Tudo se lhe apresentou bem claro.

Os Judeus desejavam dirigir esta agência longe de olhos perscrutadores. Sentiu-se imediatamente tomado pela cólera.

Pegou no sobrescrito e dirigiu-se ao gabinete de Rudolph Schreiker. Mas deteve-se no caminho. Schreiker soltaria uma gargalhada na cara e guardaria o dinheiro para si.

Acudiu-lhe a ideia de que um bom funcionário alemão aceitava o suborno. Voltou lentamente à sua secretária. As últimas semanas haviam-no feito emergir do mundo fictício da pureza teutónica. Neste momento Schreiker organizava quadrilhas de rufiões para dar início ao saque dos prostíbulos pertencentes a judeus.

Porque não haviam os Judeus de fazer também o seu jogo? Mas ajustar-se-ia a ele? Cinco mil dólares! **Conseguiu mais com o mexer de um dedo do que com um ano inteiro na Universidade.**

Enquanto os outros se serviam de todos os expedientes para alimentarem a sua voracidade, não seria extremamente ridículo para si manter-se só como um modelo da virtude? E se o fizesse, quanto tempo continuaria com Schreiker? Schreiker andava a utilizá-lo como brinquete.

«Decide-te, Franz. Schreiker necessita de ti. Podes tornar-te indispensável para ele. E este é um jogo duro. A guerra é dura. O trabalho aqui é duro.» Pôs-se a caminhar pela sua casa, no subúrbio de Zoliborz, antes habitada por Bronski. Todos se ocupam em intrigas e cumplicidades.

Mas ele, Koenig, detinha uma posição de responsabilidade.

Isto era somente o princípio. Achava-se numa posição propícia ao entesouramento de uma riqueza fantástica nos dias futuros.

«Entra no jogo... cinco mil dólares... entra no jogo.» A pouco e pouco, os alicerces morais sobre os quais o Dr. Franz Koenig edificara a sua vida dissiparam-se. A partir do momento em que aderira aos étnicos, antes da guerra, começara a comprometer e a dar nova expressão às suas filosofias, a fazer novo exame dos seus pensamentos e a justificar os seus desvios.

No dia seguinte.

— Emanuel Goldman solicita que o receba, Herr Doktor.

— Mande-o entrar.

— Falei com o Kommissar. Consegui convencê-lo de que uma agência separada que tratasse dos casos de socorro social a propinar aos Judeus seria a melhor solução quanto a tudo que vos diz respeito. À vossa Autoridade Civil é permitido emitir uma licença destinada a esta operação.

Goldman inclinou a cabeça.

— Dei a devida consideração à nomeação de Alexander Brandel.. Penso que é uma excelente escolha. Ele tratará diretamente comigo em questões de racionamento, pessoal e privilégios.

Goldman inclinou novamente a cabeça. O Dr. Koenig estava a fazer-se a uma gorda fatia, pensou. Agora não podia fazer marcha atrás. Koenig pusera no bolso a primeira espórtula. Ele podia ser manobrado. A partida estava ganha. De futuro o dinheiro não lhe viria com tamanha generosidade, pois os cinco mil dólares tinham não só comprado o seu silêncio, mas obtido também a sua cumplicidade.

«Destinar-te-emos mais, sabujo», pensou Goldman, «mas não tanto como pensas, pois poderemos dizer ao teu amigo Schreiker quanto lhe tens roubado».

Segunda fase: formação da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo. Alexander Brandel foi designado diretor desta instituição.

Terceira fase: o Socorro Americano enviou a Brandel dezenas de milhares de dólares dos fundos de emergência.

Em nome da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo ele arrendou quinze casas no sector norte da área judaica de Varsóvia onde o aluguel era menos dispendioso.

As casas foram destinadas a cozinhas de sopas para pobres, postos de racionamento, postos médicos e de auxílio, orfanatos e a todos os fins de socorro social que estavam sob a jurisdição da sociedade.

Embora estes lugares funcionassem legitimamente, cada um, de fato, tinha o propósito secundário de servir de véu ao prosseguimento das atividades dos grupos sionistas, cuja dissolução os Alemães tinham ordenado.

Os Sionistas haviam, com êxito, mudado de nome, mas, na verdade, achavam-se ainda intactos. O pessoal da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo era constituído por gente pertencente aos níveis superiores dos grupos sionistas.

Foram lhes concedidas braçadeiras especiais e especiais imunidades. Outro milhar de dólares dados ao Dr. Koenig fizeram

que sobre o pessoal da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo não fosse exercida vigilância.

Uma das principais razões para a manutenção desta instituição residia no fato de assim se conseguir dinheiro do Socorro Americano destinado aos seus objetivos de socorro social sem que ele primeiro passasse pelas mãos da Autoridade Civil Judaica para desembolso. Goldman estava certo de que, caso a Autoridade tocasse no dinheiro, este se tornaria um objeto de gula, de modo que o não receberiam na totalidade.

Brandel possuía agora bases para operações: dinheiro para pagar ao pessoal que dirigia as granjas, para aumentar a capacidade do antigo orfanato dos Bathyrans e para alimentar e vestir os famintos e os sem lar. Ademais, os grupos sionistas mantinham-se intactos.

Havia um propósito final. Somente algumas das casas foram utilizadas pelo socorro social. Brandel conseguiu arranjar empregos a contento da sua gente; muitos passaram a viver no edifício da sede e trabalhavam sob a autoridade da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo e devolviam, como donativo, os seus salários, que eram destinados ao fundo conjunto. Isto, proclamava Tolek Alterman, era «sionismo vivo».

Entrada do diário.

A Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo é uma realidade. Todos os nossos que maior prestígio gozam em Varsóvia estão a trabalhar para a causa.

Destinei o edifício de cinco andares de Mila 19 para nossa sede. Vinte dos mais jovens bathyrans deixaram as suas casas e estão a viver nestas instalações; doam todos os seus ganhos ao fundo comum. Sinto grande orgulho por tal fato! Seis dos edifícios foram cedidos aos Sionistas Federados de Simon Éden como agências da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo... Simon escolheu Leszno 92 como sua sede. Ele informa que existem também fundos comuns em todos os seus seis edifícios. Estamos a reservar os restantes, pois contamos que alguns dos grupos

relutantes e divergentes que ainda não quiseram unir-se a nós o façam agora.

Auxílio mútuo sempre foi a nossa grande fonte de unidade no passado. Unir-nos-á agora. Na nossa última reunião perguntei incidentalmente a Goldman, Zemba e Éden se eles não se importavam de tomar apontamentos sobre coisas que vêem e ouvem. Estão a suceder-se tantos acontecimentos nestes dias que não consigo aperceber-me de todos.

Pretendo conhecer as suas impressões para as lançar no meu diário. Devo dizer que eles concedem a maior tolerância a este historiador. Todos me prometeram coligir as suas impressões e fornecerem-nas nos nossos encontros semanais.

*Alexander Brandel*

## CAPÍTULO VII

Entrada do diário.

Tive hoje uma longa conversa com Ervin Rosenblum.

Desejei saber a sua opinião acerca do que os Alemães estão realmente a tramar e de quem, na verdade, está a governar a Polónia.

Ervin diz que Hans Frank, o governador-geral, instalado em Cracóvia, não é o verdadeiro «patrão». Os seus antecedentes indicam que ele é um administrador civil e encontra-se cá, especialmente, para explorar a Polónia para a economia alemã.

Lublin, e não Cracóvia, é a autêntica capital. A polícia política alemã, os administradores dos campos de concentração, a polícia criminal, as brigadas de serviços especiais e todo o pessoal nazi dependente de Hitler e independente do exército alemão têm as suas organizações e serviços tão baralhados que é quase impossível determinar onde um termina e outro começa. Sabemos, realmente, que há em Lublin um chefe das SD, SS e Gestapo para a área do Governo-Geral. É o Grunführer Odilo Globocnik. É austríaco (como Hitler) e é considerado um flagelo para os Judeus, Como major-general das SS, tem apenas de responder a três superiores hierárquicos: Hitler, Himmler e o chefe das SD em Berlim, Reinhard Heydrich.

Penso que Ervin tem razão. É coisa certa ter ele mais poder do que Hans Frank.

E quanto aos verdadeiros objetivos dos Alemães? Há em Berlim um Departamento 4B da Gestapo, encarregado dos ((assuntos judaicos)). É dirigido pelo tenente-coronel Adolfo Eichman, que, segundo soube, esteve na Palestina e fala hebreu. Ervin tem a certeza de que as diretivas fazem todas parte de um plano-piloto proveniente do Departamento 4B, executado segundo ordens severas de Reinhard Heydrich.

Parece ser verdadeira a sua intenção de começarem a apoderar-se sistematicamente dos bens dos Judeus e de enviarem os dirigentes e os intelectuais para campos de concentração. Ninguém duvida de que os Alemães nos vão atacar de novo. Como os faraós e como Roma, necessitam de trabalho escravo. Creio que aos três milhões e meio de judeus da Polónia não estará reservada outra coisa.

Ervin pensa que a Swiss News será encerrada um dia destes. Entre os recém-chegados encontra-se um nazi chamado Horst von Spp., que dirigirá o Departamento de Propaganda e Imprensa. Penso que as credenciais de Chris de Monti serão caçadas. É só uma questão de tempo.

*Alexander Brandel*

Horst von Epp juntou-se ao influxo de funcionários alemães destinados a Varsóvia no Inverno de 1939. Bem ao contrário da maioria dos seus camaradas nazis, ele era um homem sofisticado, com encanto continental e um cintilante sentido de humor. Não vestia nenhum dos vários uniformes à escolha, mas sim fatos feitos de encomenda, conformes com a última moda, e deplorava que o estado de guerra com a Inglaterra desse origem à perda do seu alfaiate de Bond Street.

Vergôntea de uma abastada família da antiga nobreza, pouco tinha de comum com os outros nazis. Pessoalmente, achava os seus métodos violentos bastante detestáveis, tinha em pouca monta a sua mentalidade e considerava as teorias insensatas de super-homens, geopolítica, espaço vital e alegria no trabalho completamente ridículas.

Estava mais à vontade em Paris, na Riviera ou em Nova Iorque do que em Munique (mas adorava Berlim).

Contudo, era um nazi devoto e fomentava os próprios princípios que execrava. Perdida a maior parte dos bens da família, devido a má administração e esbanjamentos, foi suficientemente esperto em reconhecer a vaga irresistível e incontível do nazismo nos princípios dos anos 30 e deixou-se, simplesmente, arrastar pela corrente. Tinha poucos ideais e convicções que o detivessem em



prossecução dos seus próprios prazeres. Desejava a maior compensação à custa do menor dispêndio de esforço. Conhecia a mentalidade néscia da maior parte dos nazis da primeira hora e sabia que teriam de recorrer a homens como ele que pensassem em seu lugar.

Possuía boa aparência nos seus quarenta e poucos anos, era um libertino de primeira ordem que nunca fora fiel à mulher durante mais de um mês ou dois e um genuíno snobe, intelectualmente superior à grande maioria dos seus camaradas.

Horst von Epp bulia com os nervos de homens como Rudolph Schreiker. Fazia-os parecer insignificantes, e nenhum nazi gostava disso. Muitos experimentariam grande alegria se se pudessem ver livres de Von Epp, mas os chefes compreendiam que os seus talentos particulares eram necessários e valiam bem o incómodo que causavam.

O instrumento de propaganda germânico criara efeitos que se haviam desvanecido. Eles conheciam a premissa básica de que, se uma mentira fosse repetida vezes sem conta, mesmo os que sabiam que era uma mentira em breve a considerariam uma verdade. Depois, havia meias verdades baseadas em magistras distorções de fatos. Horst von Epp ajudara Joseph Göebbels a engendrar um dos mais brilhantes golpes de propaganda de todos os tempos durante a guerra civil de Espanha, que de modo nenhum foi uma guerra civil. Ele conseguiu enredar os fatos de uma maneira tão habilidosa que o mundo em breve veio a acreditar que o governo legalista era um governo comunista e, portanto, a guerra de Espanha fora uma guerra contra o comunismo.

Enquanto o Ministério da Propaganda difundia distorções fantásticas, tornou-se tarefa de Horst von Epp derramar o vitriolo. Em Berlim, jornalistas hábeis e insatisfeitos de outras nações estavam sempre prontos a contestar a validade das declarações e das acusações do Ministério da Propaganda. Era impossível expulsar todos os jornalistas que os interrogavam e ainda conter a opinião mundial em respeito.

Horst serenava as águas revoltas. Tornou-se uma espécie de amigalhaço dos repórteres. Era sempre o camarada prestável, a

despeito do fato de ser nazi. Os nazis não eram considerados gente com personalidade, de modo que o encanto pessoal de Horst constituía um artifício luxuoso dos burocratas nazis. Tornou-se a personagem que evitava a intromissão dos curiosos no círculo íntimo. Horst von Epp conseguia arranjar tudo o que um jornalista solicitasse, desde uma rápida referência a uma Fräulein, de qualquer tamanho ou especificação.

Varsóvia tornou-se o ponto onde se concentravam as atenções de todo o mundo. A opinião mundial tinha de ser mantida dentro de estreitos limites.

Durante o Inverno de 1939 a França e a Inglaterra travaram uma guerra mais ou menos fingida com a Alemanha na frente ocidental. Nem um só tiro foi disparado de qualquer dos lados. Os comboios movimentavam-se ao longo da fronteira sem serem molestados. A Alemanha empenhou-se numa sólida campanha para tentar, por meio de conversações, que a França e a Inglaterra desistissem de continuar a guerra, agora que o «problema polaco estava resolvido».

Portanto, era assunto que exigia prioridade no Ministério da Propaganda evitar que notícias contrárias aos seus interesses saíssem da Polónia, o que podia perturbar todos os planos. Legiões de jornalistas de países neutrais desceram, provindos da Itália, da Suíça, da Suécia, do Oriente, na área do Governo-Geral; chegaram também alguns americanos do Norte e do Sul. Necessitava-se de um operador insinuante como Horst von Epp para «manter as aparências».

Ele chegou a Varsóvia e montou um primoroso quartel-general no Hotel Bristol, após requisitar para o efeito metade de um piso. Proveu as suas suítes privadas com os melhores vinhos e iguarias. Duas semanas depois pôs-se em contato com todos os modelos e atrizes de Varsóvia que não nutrissem um férvido patriotismo e fez lhes as propostas mais sedutoras. Vinte e cinco dos espécimes mais encantadores foram reservados para prazer dos jornalistas e dos diplomatas estrangeiros de mais nomeada. Constituiu um segundo grupo de entre as alunas da Universidade, secretárias, mulheres

empregadas em profissões liberais e esposas atraentes que anelavam aumentar os seus réditos.

Apesar do obscuro, estúpido e fanfarrão Rudolph Schreiker, Von Epp estava a tornar suportáveis as coisas para os jornalistas estrangeiros. Tudo era conduzido numa atmosfera muito pouco formal, que, além de abrandar a tensão, fazia decrescer a curiosidade dos homens da imprensa.

Chris acabava de se vestir quando a campainha do seu apartamento, no Bulevar de Jerusalém, retiniu. Abriu a porta, e eis Horst von Epp diante de si. O homem achava-se imaculadamente vestido e tinha nos lábios um sorriso encantador.

-Olá! — disse ele. -Sou Horst von Epp.

— Entre.

O alemão lançou um olhar em redor de si.

— Que encanto... que encanto. Ah! Esse casaco que traz vestido! -Olhou para a etiqueta. -Feinberg da Bond Street. O mais fino alfaiate de Londres. Fui um dos seus clientes até ao começo da guerra. Decerto que tinha de me desfazer das etiquetas, pois ele era judeu, mas a maior parte desses abstrusos não sabem distinguir uma bela indumentária quando a vêem. Uniformes! Uniformes! Os alfaiates de Berlim não conseguiram fazer nada de jeito. Será possível arranjar-me alguns artigos do Feinberg por intermédio da Suíça?

— Não veio cá com essa intenção.

— Não. Ofereci ontem uma recepção aos membros da imprensa estrangeira. Esperava encontrá-lo particularmente a si.

— Sinto muito, mas viajava de regresso de Cracóvia.

Telefonei a apresentar as minhas desculpas.

— Não tem importância.

— Acabo de ler as suas cartas de amor — disse Chris, referindo-se à nova série de regulamentações da censura e procedimentos quanto à expedição de mensagens.

— Oh, isso — motejou Von Epp. — Burocracia nazi.

Você vê, tive de pôr cem pessoas a proceder à elaboração” de ordens e depois outras cem a revogá-las. Uma terceira centena ocupa-se com ninharias. Com isso damos testemunho da fidelidade

que devemos ao partido. Governaremos o Mundo em triplicado. Um cigarro?

— De fato, aceito. Vim com tanta pressa de Cracóvia que me esqueci de os comprar. — Chris ficou impressionado ao ver o maço de Camels americanos.

— Mandarei um pacote, com os meus cumprimentos Dei as minhas instruções para que certos membros da imprensa pudessem requisitar provisões, artigos de uso pessoal, bebidas, etc., aos armazéns dos oficiais das SS, na cidadela.

«Bem», pensou Chris, «temos algo de novo, por parte dos nazis, com respeito às relações públicas.» Estudou Von Epp Porque fora ele escolhido para beneficiar de tratamento especial? Falara-se que Von Epp viria para Varsóvia e ouvira dizer que era um tipo polido. Cortês — muito cortês, e, na verdade, atraente.

— Não era minha intenção visitá-lo assim abruptamente — disse Von Epp -, mas desejava conhecê-lo e tenho alguns assuntos a tratar consigo.

— Diga.

— No caso de querer instalar o seu gabinete no Bristol, posso, provavelmente, conseguir mas, francamente, a casa está a abarrotar de nazis. É desnecessário dizer que precisamos de pôr homens a manejar os quadros eléctricos e os telefones, mas você talvez se sinta mais à vontade noutro sítio.

— Posso trabalhar aqui mesmo, no meu apartamento.

Disponho de uma despensa contígua à minha cozinha. Será o suficiente.

Chris receara que Von Epp lhe participasse que não seria permitida a sua permanência em Varsóvia. Agora sentia-se aliviado. Temera esse momento. Mas as suas dúvidas tinham sido, felizmente, esclarecidas.

— As linhas com a Suíça já foram restabelecidas. Arranjarei uma ligação direta com a sua agência, a Swiss News, não é?

— Sim.

— Uma magnífica agência. Conheço muito bem o seu patrão, Oscar Pecora. Estamos a montar no Bristol um centro de comunicações para a imprensa, de modo que poderá ter à sua

disposição um serviço de vinte e quatro horas. Porém, solicitamos-lhe a gentileza de nos deixar examinar primeiro as comunicações que lhe forneçam do exterior, pois nós examiná-las-emos mais cedo ou mais tarde. Agora tem algo de especial a pedir-nos?

Qual é o preço?

Horst von Epp sorriu.

Você é um jovem esperto, sabe o que pode e o que não pode fazer. Tudo o que desejo de si é a sua palavra, de honra de que se manterá dentro de limites razoáveis.

Não quero impor medidas severas, e a melhor maneira de servir os meus próprios interesses é servir os seus primeiro.

Que tem a dizer?

Chris encolheu os ombros.

— Nunca as coisas me correram melhor.

— Receio que haja um aspecto desagradável na agenda.

Pelo que sei, um judeu pode tirar uma fotografia tão bem como um ariano louro e certamente relatar uma história... mas...

-Rosenblum?

— Sim.

— Ele comunicou-me há alguns dias que não se importava de deixar o serviço, no caso de os acontecimentos o exigirem. Ele sabia que isto tinha de acontecer.

Horst von Epp abriu os braços.

— Eu desejaria poder saber como arrumar as coisas.

Parece-me, no entanto, que Berlim não me dá margem para me imiscuir nos assuntos judaicos.

Chris desejou tocar diretamente no que mais o interessava.

Rosy sabia que isto havia de acontecer. Mas Rosy enganara-se ao afirmar que os Alemães encerrariam a Swiss News. Melhor fora que não abrisse a boca...

— A culpa não é sua — disse Chris.

— Tenho uma ideia. Quer jantar comigo esta noite?

Na minha suíte?

Chris encolheu os ombros. Porque não? Não tinha nada de melhor a fazer.

— Talvez... uma pequena companhia mais tarde?

Chris dirigiu-se para a janela. Tantas vezes vira Deborah de pé junto daquela janela... a contemplara da alcova.

Na última vez que fitara Deborah cintilava nos olhos dela uma chama de desvario e ela achava-se mergulhada na escuridão. A Rua Sienna ficava a poucos blocos dali. Tão Perto... tão terrivelmente perto. Ela estava agora com Paul, na Rua Sienna. Outra noite na solidão, e outra, e outra.

Estaria alguma vez reservado um momento de paz?

Não queria novamente defrontar sozinho o escuro. Atormentado.

Anelante. Só. Continuava de pé junto da janela lançava os olhos para a Rua Sienna e pensava nela. Rosy dissera lhe que ele não passava de um louco, pois Deborah jamais deixaria Paul Bronski.

Chris voltou-se e encarou o alemão.

— Damas? Decerto, porque não? É uma coisa que muito me agrada.

Chris acolheu com suspeita o convite de Horst von Epp para jantar. Tudo acontecera com muita facilidade.

Ele pensara que, por esta altura, estaria num comboio a caminho da Suíça, expulso da Polónia. Em vez disso, ele e a Swiss News achavam-se ainda incólumes e a operar no meio da ocupação alemã.

Chris suspeitava de que Horst von Epp seria um perfeito anfitrião. E foi. De fato, sentia-se mais à vontade com o alemão do que se sentira com qualquer outra pessoa durante meses. Horst conhecia todas as últimas histórias e possuía grande quantidade de segredos sobre amigos mútuos do mundo do jornalismo sobre que podia tagarelar. As suspeitas de Chris começaram a desvanecer-se com o decorrer da noite. Durante algum tempo pesou cada palavra, procurando qualquer sinal indicativo do que Von Epp desejava realmente de si. O alemão nada deixava entender. Mais tarde Chris espantou-se constantemente com rasgadas expressões de desdém de Von Epp em relação a muitos nazis.

— Ora — disse Von Epp -, a bem da verdade, devo dizer que me dediquei de alma e coração aos planos de Hitler. Se ele ganhar, serei um homem de grande prestígio.

Se perder, tornar-me-ei gigolô na Riviera. Domina-me uma terrível aversão, que é realizar trabalho honesto. Farei tudo para o evitar, e, francamente, não sou capaz de muito.

Chris admirou a sua franqueza.

— Agora — disse Horst — tenho uma surpresa para si. As surpresas devem seguir-se sempre à sobremesa.

O alemão passou-lhe uma Kennkarte. Chris abriu-a. Era um documento assinado pelo Kommissar Rudolph Schreiker.

A Ervin Rosenblum era permitido continuar ao serviço da Swiss News. Não era obrigado a usar uma braçadeira com a estrela de David.

--Não sei o que dizer.

— Compreenda, no entanto, que eu não posso garantir que não seja revogada, mas... quanto ao presente...

Chris acenou com a mão para afirmar que dispensava o conhaque de fim de repasto e encheu o seu copo de scotch. Pôs no bolso a Kennkarte de Rosy, com certa perplexidade.

Von Epp fumava o inevitável charuto, — Herr von Epp — disse Chris, erguendo o copo -, brindo à saúde de um anfitrião perfeito mas embaraçante.

Você sabe, sou um observador profissional do jogo do rato e do gato que os diplomatas praticam. Sou um decifrador de primeira ordem do significado das conversas de sentido duplo. Todavia, aqui, no meio de uma reunião íntima, de cujo significado não me apercebo, estou completamente perplexo. Perdoe-me se não sou subtil, mas que diabo é que você pretende de mim?

— Bravo, De Monti. Todos os jornalistas devem ser suspeitosos por natureza.

— Você é...? Bem, tem intenções a meu respeito?

Von Epp rompeu numa gargalhada.

— Deus, não, mas, aqui entre nós, a Municipalidade está cheia deles. Chris, você vê por aí esses laboriosos funcionários nazis. Eles curvam-se rigidamente pela cintura, beijam a mão de uma dama como porcos e andam, eretos, com aqueles ridículos uniformes como se tivessem vassouras enfiadas pelo reto acima. Você é um homem do meu género. Bebemos scotch e vestimos do mesmo alfaiate de

Londres. Creio que o seu aperto de mão é melhor do que um pacto nazi. Quero que sejamos amigos.

— Sem ordens?

Horst encolheu os ombros.

— Você tem amigos entre os Judeus. Segundo penso, não há ninguém em Varsóvia que não os tenha. Mas use uma quantidade razoável de senso comum.

— Que é que o seu ficheiro diz acerca de De Monti? perguntou Chris.

— Bem, ora vejamos. De acordo com o seu passaporte, você é de nacionalidade italiana. A sua mãe é americana.

Estamos certos de que as suas tendências são americanas. Os cavalheiros da Embaixada Italiana pensam que você é um mau fascista. Porém, cobriu tanto a guerra da Etiópia como a de Espanha do lado italiano. Tem o cuidado de não expressar opiniões, mas apenas de relatar notícias. Isto é ajuizado. Que mais gostaria de saber acerca da sua pessoa?

Chris tocou levemente com o guardanapo na mesa.

— Que eu seja um filho de uma cadela! Você acertou!

— Compreendemo-nos um ao outro, Chris?

Chris sorriu e ergueu o copo num brinde :

— À amizade.

— Uma boa saúde.

As damas reservadas para a noite chegaram.

Elas eram, como Horst prometera, duas das mais encantadoras cortesãs de Varsóvia. Chris conhecia-as a ambas da cama. Eram atrizes de cinema europeias de pouca categoria e pertenciam ao grupo da pequena sociedade que se desdobrava num contínuo círculo em Varsóvia. Hildie Solna era uma loura espampanante. Tivera um pequeno romance com ela antes de conhecer Deborah. A outra... aventura de uma só noite... o nome dela esvanecera-se lhe na memória — Wanda-qualquer-coisa.

Horst von Epp beijou-lhes as mãos conforme a moda convencional. Chris estava divertido. Sim, pensou ele, Hildie tivera pressa em passar-se para o lado dos novos senhores.



Perguntou-se se Von Epp sabia quão fanada era Hildie sob a maquiagem. Bem, ainda lhe restavam artimanhas bastantes para fazer mais uma guerra.

— Querido! — gritou Hildie com prazer ao ver Chris.

«A querida Hildie... um corpo sem alma. Palavras frouxas, sem sentido.» Mirou-a. Conseguiria ele deitar-se esta noite com ela ou com a Wanda-qualquer-coisa sem gritar pelo seu amor verdadeiro?

Não... Era melhor passar a noite mergulhado na agonia, anelando Deborah, do que com qualquer delas. Voltou-se rápido para Von Epp e falou em italiano.

— Penso que vou pôr-me ao fresco. Faça de conta que não sou seu convidado. Estou certo de que poderá filar um bom oficial alemão que ocupe o meu lugar. Me comportarei como se fora um intruso e apresentarei as minhas desculpas por me retirar.

— Vá — respondeu Von Epp. — Arranjarei as coisas.

Horst viu Chris tocar o rosto de Hildie numa breve carícia e dizer lhe que sentia muito por não poder ficar, mas numa outra altura... «Porque se escapará ele?», pensou Von Epp. «É como eu suspeitava: De Monti tem algo que o retém aqui em Varsóvia e não quer partir. É quase certo tratar-se de uma judia. Se é assim, encontrei o seu preço.»

## CAPÍTULO VIII

Ervin Rosenblum apresentava um ar mais caseiro do que habitualmente quando abriu a porta para dar entrada a Chris. Desperto de um sono profundo, bocejava, enfiado num roupão antigo e monstruoso, meio solto, e dirigiu-se em passos vacilantes, num par de chinelas gastas, para ver as horas no relógio que estava no rebordo da chaminé.

— Meu Deus, já passa da meia-noite! — disse, olhando o relógio de través. — Aconteceu algum sarilho!

Chris entregou-lhe a Kennkarte. Ervin era quase cego sem os óculos. Ergueu-a até ao nariz, mas não a conseguiu ler.

— Espera, vou buscar os óculos.

Voltou do quarto de dormir com um ar de completa perplexidade.

— Como, em nome de Deus, conseguiste desencantar isto? E eu que pensei que me vinhas dizer adeus!

A mãe Rosenblum estava de pé, com um roupão velho e pavoroso, que rivalizava com o de Ervin. Beijou Chris no rosto.

— Más notícias?

— Não, mãe, boas notícias. Chris arranjou maneira de manter aberta a agência, e eu tenho uma licença especial de trabalho :

— Um milagre... um milagre.

Chris julgou melhor não a impedir de ir fazer chá e de lhes servir algumas iguarias.

Descreveu a Ervin os seus encontros com Horst von Epp Rosy continuava a olhar para a Kennkarte, sacudindo a cabeça.

— Tu és o analista, Rosy. Que depreendes disto?

— Bem, tu fizeste duas guerras do lado italiano. Nunca foste apanhado a expedir, sub-repticiamente, reportagens com destino à imprensa livre, mas um homem como Von Epp deve saber que tu passas fatos e informações secretas a outros que se podem servir delas. Talvez ele esteja a neutralizar-te. Ele sabe que não faltarás à tua palavra e que não o lograrás.

Pensei nisso. Mas porque me havia ele de deixar ficar aqui, neste escritório?

— Para te manter do seu lado. Para chegar a um acordo contigo, mais cedo ou mais tarde. Para te utilizar, de um modo ou de outro.

— Isso também é possível. Ele encenou um verdadeiro show em minha honra. Tentou mesmo amolecer-me servindo-se da Hildie Solna, esta noite.

Rosy riu.

— A Hildie tem decerto bom estômago. Ainda os fumos dos combates se não desvaneceram e já a nossa jovem se encontra no covil dos Alemães. Então ofereceu-te um party, hem?

— Eu pus-me a mexer.

— Antes ou depois?

— Antes. Apresentei as minhas desculpas.

— Talvez não fosse uma atitude inteligente, Chris.

— A Hildie é uma boa companhia na cama, mas... tu sabes.

— E por esta altura o Von Epp está a aproveitar-se.

Porque há de um solteirão sem compromisso safar-se de um party com a mais cara prostituta de Varsóvia? Porque está apaixonado por uma mulher. É como se tivesses um sinal a indicar tal fato.

O silvo da chaleira ouviu-se, provindo da cozinha. A mãe Rosenblum disse lhes que entrassem. Havia na mesa comida que chegava para dez homens.

— Sinto muito, mas não sabia que vinha. Não temos praticamente nada em casa.

— Não devia ser tão perdulária agora, com o racionamento, mãe Rosenblum — disse Chris.

— Estou a servir somente uma pequeníssima parte do que nos enviou no mês passado. Creio que não se importará que o apaparique um pouco. — Ela compreendeu que Chris e Ervin desejavam falar em particular e deixou-os.

Ervin beberricava lentamente a sua chávena de chá.

— O sarilho que se nos depara com um homem como o Von Epp é que nunca se sabe o que ele tem metido na cabeça. Todos

sabemos o que Schreiker pretende e quem é ele. Von Epp é duas vezes mais perigoso.

— Ninguém, positivamente ninguém, conhece o que há entre mim e Deborah, exceto tu. Talvez Andrei e Gabriela suspeitem. Talvez mesmo Bronski suspeite, mas ninguém sabe, realmente.

— Não te deixes embalar pela conversa mole de Von Epp. Ele é um nazi. Se alguma vez se der conta do caso, poderá exercer chantagem sobre ti no sentido de te coagir a fazeres tudo o que pretende. Ele permite que continues a ficar por cá agora porque pensa ter-se apercebido de que algo de pessoal te retém e quer saber o que é. Conserva-te afastado das suas pequenas festas e, por amor de Deus, sê cauteloso quando dos teus encontros com Deborah. Tens de arranjar outro lugar para as vossas entrevistas.

— Rosy, há mais de um mês que não a vejo. Não consegues perceber que estou dando em doido?

— Eu sei, Chris, mas sei também que vais tentar encontrar-te com ela.

— Tem-la visto? — murmurou Chris.

— Sim. Ela trabalha a maior parte do dia no orfanato, em Powazki. Susan está com ela quase todo o dia.

— Ela... perguntou por mim?

— Não.

Chris rompeu num riso doloroso.

— É engraçado, muito engraçado. Encontro-me secretamente com Paul Bronski para lhe entregar o seu dinheiro.

Não é engraçado, Rosy?

— Não vejo em quê. De agora em diante acho melhor que me dêes os sobrescritos, que eu lhes entregarei.

— Talvez tenhas razão. Rosy, vai vê-la, da minha parte.

Ela tem parentes em Cracóvia. Pode arranjar uma desculpa para os ir visitar. Tenho de lá ir daqui a alguns dias.

O Sorenson, da Stockholm Press, tem lá um apartamento.

Deixar-me-á utilizar.

Rosy pegou lhe por um braço e deteve-o.

— Não te amaria mais se fosses meu irmão, Chris, mas não me peças que faça isso.

, Chris soltou-se.

— Esperarei. Tenho agora o tempo do meu lado. Algo há de acontecer.

— Bebe algum chá, senão a mãe ficará ofendida.

Chris bebeu lentamente, abafando a cólera que o possuía.

— Logo que fores a Cracóvia deves encontrar-te com o Thompson, na Embaixada Americana. Ele tem um embrulho para nós. , — Preferia que não me pedisses que traga mais embrulhos —  
volveu Chris asperamente.

— Julgo não te compreender.

— Fiz um acordo com o Von Epp.

— Ora bem, tu és um escuteiro leal. Mas não te importas de ser moço de recados do Paul Bronski.

— Isso é diferente. O seu dinheiro vem incluído nos fundos que recebo da Companhia. Não podem dar-se fé do caso.

— Então que estamos a fazer com o dinheiro do Thompson?

A alimentar órfãos. Tornou-se isto um crime?

— Rosy, este assunto dos Bathyrans é apenas da tua própria competência. Não quero saber nada acerca dele.

Não desejo envolver-me no caso.

Chris levantou-se. Rosy sentia vontade de rasgar a Kennkarte em dois bocados e lançar-lhe na cara, mas não podia. Era muito importante para todos eles. Tinha de continuar a agir no exterior enquanto fosse capaz.

— Até amanhã de manhã, no escritório — disse Chris.

— Boa noite, patrão.

Chris deixou-se cair na cama e cravou os olhos no vácuo. As doces melodias de Chopin, tocadas pela Rádio Polskie, tinham sido substituídas pela música ressonante e pesada de Wagner. Chris fechou o rádio.

Caminhou até à janela. Estava apenas a alguns blocos de distância da casa de Deborah. Que fazia ela agora?

A pentear Rachel... a escutar uma sonata que Rachel tocava ao piano... a ajudar Stephan nas suas lições? Não, era tarde. Quase uma hora. Ela e Paul estavam na cama, juntos.

Cerrou abruptamente as cortinas.

Estirou-se novamente no leito. Andrei! O velho Andrei!

Ora, vamo-nos divertir! Deu uma volta na cama e pousou a mão no telefone. Não... espera. Andrei usava aquela maldita estrela de David. Não podia entrar em nenhum bar ou hotel. Mas onde estava o problema? Andrei podia tirar a braçadeira. Podiam beber uns copos, apanhar uma bebedeira real. O diabo. Andrei era capaz de se enfurecer e tentar investir contra o exército alemão. Deixou cair a mão do telefone.

«Talvez fosse melhor ter ficado com o Von Epp», pensou Chris. «A Hildie Solna é boa companhia para se passar um bocado. O Von Epp é boa companhia também.

Se eu o tivesse conhecido algures, noutro canto do mundo, ter-nos-íamos tornado amigos. Não é essa razão suficiente para se confiar num homem? Não... não se pode confiar no Von Epp. Que é que ele sabe de fato a meu respeito?

Conhece a história da mãe. Eles devem possuir uma ficha bem pormenorizada acerca da minha pessoa.» Os pensamentos de Chris começaram a recuar muito, muito, muito no tempo. Até ao começo de tudo.

## CAPÍTULO IX

Flora Sloan fora, em várias ocasiões, descrita como encantadora, cativante, espirituosa, alegre, muito chique, fascinante, inteligente, cabeça oca, leviana, hipertiroídiana, e assim por diante. Todas estas designações se lhe ajustavam de uma maneira ou de outra e uma vez por outra. Ela nunca estava quieta o tempo suficiente para se poder traçar um compósito compreensível.

Os seus antecedentes eram misteriosos. Muita gente pensava que era originária do Midwest. De Indiana... de uma pequena cidade do Winsconsin... ou coisa parecida.

Ninguém sabia quando viera ela para Manhattan nem conhecia os seus primeiros malogros ou ocupações. Aparecera subitamente. Grandemente favorecida pelo êxito como gerente de uma casa de modas, perita em finanças, editora de um magazine e mais tarde como abelha-mestra de um enxame de indivíduos desejosos de subir a mais altas esferas sociais.

As mais lucrativas das suas proveitosas aventuras foram dois casamentos e subsequentes ações de divórcio, primeiro com o editor de um magazine e depois com um negociante de propriedades, de quem ela sugou um considerável naco do centro de Manhattan. Após o segundo golpe, retirou-se para se tornar patrona das artes e grande matrona da roda de Flora Sloan.

Flora nada fez de útil com a sua fortuna pessoal, mas ela possuía a habilidade de nada fazer, com um gosto extremamente requintado. O seu único e verdadeiro desvelo era conservar o rosto sem rugas e o corpo belo. Conheceu uma série de amantes com quem se aborrecia durante dias, semanas e ocasionalmente meses. No momento em que eles começavam a falar com certa insistência de títulos e ações ela punha-os a andar.

Era inevitável que, mais cedo ou mais tarde, teria de defrontar uma contrariedade. Apaixonou-se por um jovem artista. Os seus quadros refletiam um talento bastante primário, mas, por outro lado, ele tinha um talento positivo na cama. Pela primeira vez na sua vida,

ela comportou-se com bastante ingenuidade e cumulou o amante de presentes caros, tornou-se diabolicamente ciumenta e permitiu-se ser manobrada por ele. Organizou a suas expensas uma exposição individual de arte numa altura em que o seu julgamento estético era um imperativo, e ele tornou-se uma vedeta.

Todos pareciam saber que Flora estava a ser desfrutada, mas como é que alguém vai prevenir uma abelha-mestra?

Ao despertar, numa manhã chuvosa, verificou que o amante fugira do ninho depois de a ter despojado de uma pequena fortuna. Quando os detectives o trouxeram de volta para uma cena de pranto, revelou-se que ele tinha mulher e três filhos «algures no Maine».

Amigos dedicados confortaram-na. Uma viagem à Europa seria o remédio aconselhável para dissipar a sua dilacerante experiência. Ela retomou a calma por atenção a «eles». Sim, tinham razão. Uma travessia do Atlântico e a grande excursão há muito adiada reanimariam o seu coração destruído.

Flora, a sua companheira de viagem, a secretária, uma criada irlandesa e dois cães-de-água não passaram além da segunda paragem, Mónaco. Eis que surge o conde Alphonse de Monti, que guiava a 150 quilómetros por hora um Ferrari vermelho. Ele instalou-se numa cadeira defronte dela no casino e começou a espalhar notas de dez mil liras como kleenex à mesa do bacará.

A partir do instante em que ele lhe fez uma mesura e lhe beijou a mão Flora compreendeu que De Monti era um cavalheiro de rara elegância. E, ainda para mais, com um título. Ela dava gritinhos de contentamento enquanto ele lançava em velocidades temerosas o seu Ferrari vermelho.

Escutava-o com a respiração suspensa quando Alphonse entoava, num murmúrio, árias de amor de Verdi.

— Bom Deus — disse ela às companheiras de viagem -, este encanto continental é maravilhoso. Averigui as suas possibilidades financeiras e soube que ele possui rendimentos fabulosos.

Visto que os títulos europeus e as ricas divorciadas americanas eram assuntos fascinantes, quando Flora se tornou a condessa de



Monti o caso quase afastou as notícias dos campeonatos de basebol das primeiras páginas dos jornais.

O encantamento desfez-se após dois jantares de spaghetti.

Ela deu-se conta de que os Italianos tinham ideias muito curiosas quanto às esposas. A sua velha casa em estilo Kentucky nos subúrbios de Roma era grande e ornavam-na grandes revestimentos de mármore, mas, embora tivesse apurado que ele possuía grande fortuna, não conseguiu saber que mantinha grande número de amantes instaladas em vilas dispersas por todo o Sul da França. Agora que ela era já a condessa de Monti, Alphonse reservou o seu encanto para amores ainda não desvanecidos.

De fato, sob muitos aspectos, ele provou ser um porco.

Exibia peculiaridades que ela não vira antes nos outros homens. Estava inflado de orgulho da cabeça aos pés. Mergulhava na velha tradição. Professava profundas convicções religiosas. E, como muitos dos seus pares italianos, esperava que a mulher se limitasse à velha mansão Kentucky e engordasse enquanto ele rodava pela Europa no seu Ferrari vermelho.

Uma coisa mais. Um herdeiro! Os Italianos consideravam a produção de um rebento masculino uma espécie de proeza monumental. Com Flora como sua fêmea era mas ele conseguiu-a. " Ela fez cenas bárbaras de protesto contra o tratamento que recebia. Alphonse sentia-se orgulhoso por a sua mulher ser tão apimentada, mas, quando ela manifestou a intenção de se desembaraçar do filho ainda não nascido, o caso mudou de figura. Pô-la imediatamente a ferros num apartamento privado, sob a estrita vigilância de duas matronas, e depois sumiu-se no seu Ferrari vermelho.

O resultado desta feliz união foi Christopher de Monti.

O orgulhoso pai regressou ao lar e celebrou o sucesso por muito tempo e com aparato. De fato, ele descuroou tanto a vigilância que Flora pôde juntar as suas coisas e fugir com Chris para os Estados Unidos.

Desta vez o divórcio e a batalha pela custódia da criança afastaram as notícias dos campeonatos de basebol das primeiras páginas.

Julgamento final. A mãe obteve outra esplêndida pensão, na sua maior parte constituída por olivais. Chris iria passar os Verões a Itália com o pai.

Flora nunca perdoou completamente ao jovem Chris o fato de ele ser o causador de os seus seios terem perdido a antiga frescura, lhe ter arruinado a cintura de 45 centímetros e lhe ter transformado os músculos do estômago em geleia. Infortunadamente, uma sociedade mais vasta do que a sua roda pessoal impôs lhe certas condições, exigindo lhe que se tornasse uma «boa mãe». Ela sufocou Chris num mar de amor maternal — claro, bem à vista dos seus amigos. Ele via-se a ser exibido por Flora, conduzido ao salão onde ela reinava no meio da sua corte, a escutar os «ohs» e os «ahs» de gente com cara de cera postada em pose na sala. A mãe arrepanhava lhe o cabelo. A mãe estreitava-o nos braços com certa impetuosidade. Ele odiava tudo isso porque ela estava sempre nervosa quando o filho se achava junto de si, e as suas unhas, nessas efusões, cravavam-se na carne da criança.

Mas o Verão! Como era diferente! No Verão ele deslocava-se num grande navio com a sua «Nana» de momento para fazer a travessia do Atlântico rumo à Itália do pai.

Viajava com o pai no Ferrari vermelho, e iam a museus, à ópera e à Riviera. Amava profundamente o pai. Pensava que não sentia amor pela mãe. Chorava, e o pai também, quando o Verão acabava e tinha de voltar à América e à escola. Flora tomava os pretextos de Alphonse para reter o menino como uma vingança pessoal contra o seu «amor maternal».

E assim Chris passava nove meses do ano na América.

Veterano das travessias do Atlântico aos 12 anos, era também um habitué das escolas mais em moda, que tinham nomes pomposos como Exeter ou Briarwood.

Chris era um jovem muito tranquilo e um estudante aplicado. A sua verdadeira personalidade foi formada por professores que ensinavam numa época em que o liberalismo político, o senso da consciência social e os ideais não eram olhados com desdém. Amava o pai mais do que a qualquer outra pessoa no mundo — porém, a Itália era sempre um mundo de prazer.

Leu Lincoln, Paine e Jefferson. Identificou-se completamente com o espírito americano. Não gostava da maneira como os ricos tratavam os pobres na Itália.

O sonho americano — o ideal americano — tornou-se o fim da sua vida.

Ao atingir idade suficiente, Chris começou a mostrar complacência pela fraqueza do pai quanto às mulheres ;

Muitas vezes, uma nova amante constituía uma terceira companhia nas suas viagens de Verão. E, enquanto crescia, ia notando as fraquezas humanas do pai. O pai era fútil.

O pai era um snobe. Ao pai não o comovia a pobreza de Nápoles. O pai defendia as iniquidades do sistema de classes.

O pai era fascista.

A princípio Chris não sabia o que isso significava, mas, com o decorrer dos anos, o fascismo ganhava maior expansão e colidia com os ensinamentos da sua educação americana.

O pai embebedava-se um pouco e falava de Benito Mussolini. O duce, dizia, faria ressurgir a glória da antiga Roma. Chris conhecia Mussolini — um pomposo sendeiro -, mas nunca comunicou esse fato ao pai. O povo italiano era vibrátil e generoso e gostava de cantar, de comer, de beber e de flunar. Chris supunha mesmo que eles se enamoravam facilmente. Anos de privação, como potência de segunda categoria, tinham permitido que homens diabólicos os lograssem com a mistificação que era o fascismo.

Chris contava 17 anos. No fim do Verão voltaria para a América a fim de frequentar a Universidade.

O pai mostrava-se particularmente perplexo :

— Confiava em que a tua mãe te deixasse estudar cá.

Ela ameaça-me com o escândalo do costume se tu não voltares.

Chris nada disse. Desejava ardentemente voltar à América para estudar.

— Penso que é tempo de termos uma conversa séria sobre muitas coisas. Embora uma educação americana seja satisfatória, não é, na verdade, o que eu desejava para ti.

Para onde pensas ir?

— Para a Universidade de Columbia, em Nova Iorque.

— Hum... Espero que eles possuam uma boa Faculdade de administração comercial e leis. Nos próximos quatro anos deves preparar-te para tomar a direção das nossas propriedades.

Não me tenho dedicado por aí além aos nossos negócios. Confio que Vai refazer a fortuna dos De Monti, torná-la o que era quando o teu avô estava vivo.

— Pai, não me compreende. Eu vou para Columbia frequentar a escola de jornalismo.

— Jornalismo? Mas de que servirá o jornalismo para gerires os bens dos De Monti?

O jornalismo é uma das melhores maneiras de traduzirmos os nossos ideais. É uma maneira de se apresentar a verdade ao mundo.

Mas que espécie de insensatez é esta? Tu és meu filho. Tomarás conta das minhas obrigações, precisamente como aconteceu comigo quanto ao meu pai e com ele em relação ao meu avô. E enquanto por lá estiveres deverás ingressar na Liga dos Jovens Estudantes Fascistas da tua idade. É importante que te comeces a identificar como bom jovem italiano.

Mas eu não acredito no fascismo.

Alphonse de Monti grunhiu. Começou a pregar furiosamente contra Flora porque fora ela quem dirigira a educação do rapaz.

Vai vir a compreender, Chris, o que Mussolini tem feito por nós. O povo italiano pode encontrar agora trabalho. O duce conduzir-nos-á a uma grandeza que já não conhecemos há dois mil anos!

Chris conteve a língua. Sabia que ao pai era indiferente que o povo italiano encontrasse ou não trabalho e acreditava que o fascismo o levaria à destruição.

És meu filho e farás o que eu te ordenar!

— Sinto muito, senhor — disse Chris -, mas eu quero ser jornalista.

Alphonse pregou uma bofetada no filho, e outra, e outra, e outra ainda. O jovem manteve-se rígido e não vacilou sequer. Depois o pai começou a chorar.

— Desde que nasceste, nada tenho desejado que o não destinasse ao meu filho. O meu Christopher, um nobre, que devia herdar as nossas grandes tradições... Não quis viver senão para te ver um oficial do exército italiano, que ia participar na conquista da nossa glória passada. Sim, Chris, nada tenho desejado senão para ti.

Que tradições? Aqueles pobres diabos mourejando como escravos nos olivais do pai? Flanar por toda a Europa em carros de dez mil dólares? Instalar-se à mesa de jogo do casino, como um quadro de decadência? Tentar ressuscitar o fantasma da antiga Roma, o que os faria tomar o caminho do Inferno?

Chris estava triste, pois amava o pai.

— Chris... Chris... meu bambino — disse o velho numa súplica.

— Perdoe-me, pai, por eu não me poder tornar No filho que deseja.

Apesar da sua angústia, não renunciou àquele orgulho profundo e obstinado :

— Sai da minha casa e nunca mais voltas.

Chris foi um brilhante estudante de jornalismo em Colúmbia. Escreveu muitas cartas ao pai, mas o velho devolveu-as todas, sem as abrir. Sabia que causara funda dor ao pai e odiava-se por isso, mas compreendia que não era capaz de viver como um instrumento do que detestava. Não pôde contar com mais um centavo do pai.

No seu ano de caloiro conseguiu obter uma bolsa de estudo devido às suas proezas atléticas. Era um avançado de primeira ordem da equipa de basquetebol da Universidade e conseguira assimilar com grande facilidade as novas técnicas de jogo que então se experimentavam.

E Flora? Fora mal sucedida na bolsa, mas Chris, aliás, nada desejava dela. Os Natais passavam sem que recebesse da mãe mais do que um simples cartão. Ela não gostava de ver Chris por casa nesses dias, pois ele recordava lhe que a sua beleza ia murchando. Ela tinha amantes quase da idade do filho.

Eileen Burns era finalista de arte comercial e tão vibrante quanto Chris era calmo. Sentiu-se completamente enamorada pelo

delgado e belo avançado direito da equipa de basquetebol e pelas suas maneiras graves.

Talvez Chris fosse muito mais ardente com Eileen do que era de esperar num romance entre estudantes, mas, devido a ela, todos os seus anos de solidão e de frustração pareceram esvanecer-se. Conhecera outras raparigas antes.

Tinha 15 anos quando iniciara uma paixoneta com a filha de uma das governantas do pai.

Mas com Eileen podia falar acerca de coisas de que Só se recordava de ter falado com os professores em escolas particulares, muito tempo antes. Era diferente, porque Eileen se tornara uma parte das suas esperanças. Ele podia dizer: ' «Quero ser um grande jornalista, pois é uma maneira maravilhosa de ser útil aos meus semelhantes». E Eileen compreendia — compreendia muito bem.

No ano em que finalizou o curso, Chris conheceu Óscar Pecora. Óscar estava de pé junto da Janela do quarto de Chris quando o jovem entrou, já bastante tarde, certa noite, vindo de um treino de basquetebol.

Pecora era um sujeito baixo, de aspecto bastante estranho.

Usava um colarinho engomado à Hoover, laço, chapéu De coco e um fato garrido. Todo ele revelava imediatamente a sua origem europeia.

— Espero que me perdoará — disse Pecora em italiano.

— A sua porta estava aberta.

Chris fitou-o por um momento. Apostava dez contra um em como ele era da Legação Italiana.

— Se está aqui para solicitar a minha adesão à Liga dos Estudantes Fascistas, perde o seu tempo.

Pecora abriu a carteira e retirou dela um cartão, que entregou a Chris. ÓSCAR PECORA: DIRECTOR INTERNACIONAL, Swiss NEWS AGENCY, GENEBRA.— Chris dirigiu-se pressurosamente a um dos aposentos contíguos e trouxe duas cadeiras.

— Sente-se, senhor.

— É lhe familiar o nome da Swiss News?

— Sim, senhor. — Ele sabia que era uma pequena agência noticiosa, possuidora de uma das melhores reputações no mundo da

imprensa, mercê dos seus elevados padrões jornalísticos.

— Vou diretamente ao que nos interessa. Estamos a expandir as nossas atividades na América. Precisamos de “um repórter volante que se encarregue do trabalho excedente nos nossos escritórios de Nova Iorque e de Washington.

Se o nome da Swiss News lhe é familiar, sabe que escolhemos cuidadosamente o nosso pessoal. Temos conhecimento de que você é um dos três estudantes deste país que desejamos treinar e colocar nos nossos quadros. Logo que se graduar, partirá imediatamente para Genebra a fim de frequentar um curso prático que o liberte dos maus hábitos que contraiu nesta Faculdade.

Chris e Eileen casaram-se três dias antes de o jovem se graduar. Uma semana mais tarde achavam-se a bordo de um navio, em viagem de núpcias.

Nunca mais dois seres viveriam outros quatro meses tão idílicos. Amavam-se com um ardor reservado aos muito jovens numa terra de conto de fadas, num quadro de montanhas nevadas e lareiras crepitando. Embora com Eileen nos seus pensamentos, Chris conseguiu aprender os métodos práticos do jornalismo, ensinados pelo pessoal veterano da Swiss News.

Findo o período de treino, Chris foi contratado, com— forme lhe havia sido prometido, como repórter volante entre Nova Iorque e Washington. Eileen estava com saudades de casa e ansiava voltar, o que parecia inteiramente natural numa jovem que passara a sua existência em Nova Jérsei.

Eles fizeram somente uma breve paragem antes de partirem para casa: Roma.

O conde Alphonse de Monti envelhecera. De certo modo, ele era um representante caduco da decrépita nobreza. Contudo, ainda ostentava uma pródiga fachada: ainda mantinha os carros, os criados e as mulheres na sua mansão.

E não se libertara das dívidas. Os seus malogros pareciam torná-lo um fascista mais devoto, pois era fácil culpar inimigos que não existiam.

Alphonse de Monti mostrava-se sempre um cavalheiro de finas maneiras. Foi cortês para com o filho e a nora, mas a sua frieza

indicou da maneira mais óbvia que não aceitara o fato de o filho não seguir a carreira que para ele desejava.

Chris deixou a Itália com o sentimento de que não mais veria o pai.

Chris e Eileen incorporaram-se nessas legiões anónimas que constituíam os moradores das casas de apartamentos de Manhattan, que corriam para o jantar e para o teatro, que regavam o almoço com muitos martinis e se asseguravam de que os seus «amor e independência» recentes não seriam perturbados pela possível descoberta de que vinha um bebé a caminho. Chris era bem sucedido em tudo.

Eileen não revelou ao marido quão só se sentia quando ele estava em Washington. Chris era feliz — muito feliz. E um casamento é um cometimento vasto e poderoso, com pequenas fendas e brechas muitas vezes invisíveis na aparente magnitude. Mas, sempre que se reuniam após uma semana de ausência em Washington, a solidão diluía-se.

Seis meses transcorreram. Em dada altura, ao encontrar-se em Washington, Chris foi convocado para seguir para Denver, onde se realizava uma conferência. Da vez seguinte ela juntou-se lhe em Washington e tentou retê-lo.

Mas foi pior do que se tivesse ficado em Nova Iorque. Ela interferia na sua carreira. A um jornalista era exigida mobilidade, horário ilimitado e despreocupação quanto à presença da mulher num quarto de hotel.

— Chris, querido, porque não vou arranjar um emprego?

Sabes, os meus pais gastaram uma fortuna com os meus estudos em Columbia e...

Chris possuía bastante orgulho, originado pela sua ascendência italiana; parecia lhe intolerável a ideia de que a mulher de um De Monti trabalhasse.

Oscar Pecora chegou, porém, a tempo de tentar remediar o caso.

— És um dos mais brilhantes dos nossos jovens astros, Christopher. Temos uma oportunidade extraordinária para ti. Chefe do escritório do Rio de Janeiro.



Rio! E em menos de um ano na Swiss News!

Chris sentia-se tão feliz que Eileen ocultou o seu desapontamento, como é dever de uma boa esposa. Esta era a vida do marido, e deparava-se lhe uma grande oportunidade.

Ela projetara ter uma conversa com Chris acerca da compra de uma casa em Jérsei, próximo da residência dos pais, dando assim possivelmente começo a uma família.

Era a maneira de partilharem em comum a sua existência.

Mas Eileen conteve-se, fez as malas e acompanhou-o.

Chris começou a frequentar com à-vontade os bares de jornalistas, as antecâmaras dos departamentos políticos, os gabinetes dos primeiros-ministros e os locais que serviam de cenário aos mais graves acontecimentos. Os bons como os maus momentos, os prazeres e as grandes distâncias perdiam para si todo o significado quando uma reportagem estava em perspectiva.

Eles residiam num belo apartamento na Avenida Beira-Mar, ao longo da baía. Ela conseguiu familiarizar-se completamente com o local onde viviam, descobrir quantos quadrados havia no mármore do átrio de entrada e quantas cores diferentes tinham os cortinados.

Tentou, com muito custo, adaptar-se àquele círculo de diplomatas que pareciam passar a vida com um copo de cocktail nas mãos, ou na festa dada pelo novo adido cultural, ou na cerimónia de despedida em honra do segundo -secretário, etc.

Eileen arranjou dois gatos, que afagava, e passeava pela casa em pijama aguardando o regresso de Chris.

E então, um dia, explodiu. Chris escreveu :

Caro Óscar.

Tenho de abandonar este escritório por motivos particulares.

Gostaria de voltar a Nova Iorque, no caso de poder contar aí com um lugar. De Outro modo, receio ter de deixar a agência e procurar um emprego em Nova Iorque.

Caro Christopher.

Compreendo a tua situação e encaro-a com muita simpatia.

Tenta compreender a minha. Aguenta-te aí mais seis ou oito semanas, que eu cá arranjarei as coisas de maneira a conseguir quem te substitua e a criar-te aqui um lugar.

— Querida, porque não vai regressar aos Estados Unidos antes de mim? Para veres os teus. Far-te-á bem.

Eileen sentia-se desoprimida e assustada ao mesmo tempo. Era um presságio, compreendia. As pequenas fendas tornavam-se brechas profundas.

E Chris estava também inquieto, pois, quando Eileen partiu, não sentiu a sua ausência com a intensidade que esperava. A princípio temia o pensamento de regressar de uma viagem e não encontrar Eileen em casa. Porém... a sensação agora não lhe parecia tão desagradável. Havia sempre uma partida de pôquer no clube da imprensa ou na Embaixada, ou então um party em perspectiva»; para os quais contava sempre com um convite.

Querido Chris.

Aceitei um emprego numa firma de publicidade. Sei quanto te desagrada isto, porém, não te encontras cá para veres quanto me sinto feliz. O emprego não interferirá na nossa vida íntima...

Esclareci este caso com os diretores. Não podia continuar a sentir-me tão inútil. Por favor, querido, não te zangues.

Chris engoliu o seu orgulho. Porque não? Eileen possuía demasiada vitalidade para permanecer encerrada num apartamento solitário. Era demasiado sensata para se tornar sócia de alguns áridos clubes femininos. Essa fora uma das coisas que sempre admirara nela: o desejo de ser útil ao contrário da mãe dele.

Quando regressou a Nova Iorque, o reencontro com Eileen foi maravilhoso. Óscar Pecora concedera lhe o escritório de Nova Iorque com carácter permanente. Podia contar com bastante ajuda, de modo que seria forçado a fazer ; , somente uma viagem ocasional a Washington. Por um momento, parecera que o par tinha voltado aos momentos idílicos dos primeiros dias do casamento.

E depois, a cena :

] — Eileen, sê razoável, querida. A conferência em Quebec é uma das reuniões internacionais mais importantes do ano.

: -Tu e Óscar prometeram-me que não mais viajaras.

; — Eileen! O Dan está doente! Não pode trabalhar. Encontra-se no hospital.

— Então que mandem outro.

» -A Swiss News é uma pequena agência. Não temos, assim, muitos homens de que dispor.

— Nem precisam de mais. O bom do Christopher de Monti irá sempre.

— Não dramatizes. São apenas dez dias.

— Dez dias em Quebec... dez dias em Washington...

dez dias em São Francisco. Sabes o que é estar-se aqui só durante dez dias? Não peço demasiado, Chris, quero apenas trabalhar até que decidamos ter um lar e um bebé.

Mas de que serve ter um filho que não conhecerá o pai!

Sentimo-nos muito felizes quando cá estás. Não peço muito, Mas...

— Cristo! Estás a fazer deste caso uma revolução mundial. Como podes pedir-me que descure os meus deveres para com o Oscar depois de tudo o que ele tem feito por mim?

— E quanto a mim, Chris? Não tenho feito alguma coisa por ti também? Já pensaste que me devias dar mais atenção?

Chris não respondeu. Entrou no quarto de dormir.

Eileen seguiu-o lentamente.

— As tuas coisas estão já nas malas — disse ela com lágrimas a caírem lhe nos cantos da boca. — O teu fato cinzento não chegou a tempo da tinturaria.

— Eileen... querida...

— Apressa-te, querido. Senão, perdes o avião ;

Quando voltou do Canadá, Eileen recebeu-o com fria cordialidade. Pela primeira vez, depois do seu casamento, Eileen não desejou a intimidade da cama de casal, ao contrário do que sempre acontecia quando ele regressava de uma viagem. E foi pior quando ela representou o papel de uma esposa acomodática.

— Creio que não te deves sentir bem — disse Chris na manhã seguinte.

O silêncio de Eileen constituiu uma resposta bastante elucidativa.

— Pensei na nossa vida durante a minha estada em Quebec. Em nós e para onde caminha o nosso casamento.

Tenho sido bastante egoísta. Penso que me preocupei mais em receber do que em dar.

— Não é verdade, Chris. Tentaste. Assim como eu.

Desejei realmente ser a mulher de que necessitas.

— Ainda me amas?

— Sim... e penso que, à tua maneira, me amas também.

Mas sou um pouco ciumenta, imagino; sinto que o que possuis além de mim significa mais para ti do que eu jamais significarei. A culpa não é tua nem minha.

— Tentemos, Eileen, por favor, tentemos. Reconheço que me cabem as culpas pela maior parte das coisas que nos têm sucedido.

— Não permitas que esse teu orgulho italiano te faça cometer um erro.

— Porque não havemos de dar uma saltada a Jérsei a fim de vermos alguns dos terrenos que por lá existem?

Depois escreverei uma carta a Oscar...

— Chris... Chris. Amo-te, mas, se eu te afastar do teu mundo, odiar-me-ás por isso.

Os dois tentaram, com a melhor boa vontade, refazer as coisas. Eileen jamais comprou aquela casa em Nova Jérsei e tomava todas as precauções para não ficar grávida.

O constrangimento, com todos os seus aspectos aniquiladores, desceu, entre eles, como uma cortina.

Houve mais viagens -sempre teria de haver, mas ela não fez mais cena alguma nem derramou uma lágrima e acabaram-se os ardentes reencontros.

Durante um ano deixaram-se caminhar à deriva e tornaram-se cada vez mais indiferentes um para o outro.

E um dia Christopher de Monti teve de defrontar aquele momento em que o orgulho de um homem se sente profundamente aviltado. Descobriu-o por acaso, quando, ao regressar mais cedo a casa após uma viagem, atendeu um telefonema que não lhe era destinado a si. Eileen começara a dormir com outro homem.

Chris jamais lhe falou no caso. Aguardou um fim-de-semana em que ela foi visitar os pais, fez as malas e partiu, deixando apenas uma breve nota.

Cara Eileen.

Soube do teu romance com esse Daniels aí do escritório. Não há necessidade alguma de discutir seja o que for. Sinto que me cabe parte da culpa e estou desolado, mas será melhor para nós dois não nos vermos mais. Ficar-te-ei muito grato se conseguires o divórcio o mais rapidamente possível, sem conflitos escusados.

Depois de tentar, durante um mês, afogar o seu orgulho por todos os bares da Inglaterra e do continente, Chris recobrou, por fim, a serenidade e apresentou-se a Oscar Pecora, em Genebra.

— Não há dúvida de que fizeste grandes despesas por esses bares da Europa, Christopher. É extraordinário que não tenhas desfeito o fígado — disse Pecora.

— Oh, por amor de Deus, Oscar, não me venhas com um sermão.

— Diz-me, Chris: a dor que sentiste foi devida ao amor que tinhas pela Eileen ou ao ultraje feito ao teu orgulho de nobre italiano?

— Não sei, Oscar.

— Se ainda amas a Eileen, podes tê-la de volta. Ela escreveu-me meia dúzia de cartas. Certamente que deste por esta pilha de cartas que nunca abriste. Ela voltará para ti seja em que condições for, mesmo de rastos. Ora, se o teu amor por ela é grande, não será impossível perdoar-lhe.

— Não sei, Oscar. Além disso, tudo se repetirá. Ela é uma mulher sincera, Oscar. Realmente, tentou ajustar-se a mim. Não tenho o direito de lhe despedaçar a vida...

— E do fundo do teu coração não desejas o regresso dela. Com exceção do golpe desferido no teu orgulho, sentes-te feliz por seres livre.

Por um momento Chris deu a impressão de se ter ofendido.

— Isso é um golpe proibido, Oscar.

— A verdade não te ofende, Christopher.

— Creio que tens razão.

— Bem, não há necessidade de tanto Eileen como eu te perdermos. Há muito tempo que eu esperava este desfecho.

Um de nós tinha de perder, e estou contente por não ter sido eu.

— Oscar, deixa-me recomeçar o trabalho imediatamente.

— Belo. Que tal te parece a Etiópia? As legiões de Roma estão em marcha. O teu passaporte italiano serve-te à maravilha.

— Sabes o que sinto pelos fascistas. Não me cai bem no estômago fazer a reportagem da guerra do lado deles contra pequenos negros indefesos munidos de lanças.

— És um jornalista, Christopher. Põe os teus sentimentos políticos de parte. Podemos conseguir que operes junto do comando italiano. Tira o maior proveito possível da latitude que eles te derem.

Chris caminhou lentamente para o grande mapa de parede que estava detrás da secretária de Oscar Pecora.

— A Etiópia? Porque não? É o ponto mais distante para o qual me posso afastar depois da maldita embrulhada em que me meti.

## CAPÍTULO X

A campanha de Mussolini na Etiópia foi uma pequena guerra um tanto agradável. De certo modo, fez-nos lembrar do tempo em que os colonizadores do século passado dirigiam os seus exércitos instalados em cadeiras de campanha, à sombra de bananeiras, com um copo de gin gelado nas mãos, «civilizando» os Zulus.

Foi, na verdade, uma experiência nova e prática para as que aspiravam ser as novas legiões de Roma. Os pequenos povoados de construções de barro eram alvos excelentes para os atiradores de artilharia. A infantaria podia ziguezaguear através do capim alto, mover-se eficientemente sem correr muito risco, pois os nativos estavam, na sua maioria, armados de lanças e os poucos etíopes possuidores de uma espingarda eram atiradores ineptos.

Chris fez uma paz em separado consigo próprio e cumpriu-a escrupulosamente. Conseguia suportar quase tudo, exceto os aviadores gabarolas e insolentes que entrevistava quando voltavam das suas missões de bombardeamento a aldeias indefesas de cabanas de colmo.

A Etiópia não era o verdadeiro campo de batalha.

A marinha inglesa ordenou, como demonstração de força, uma manobra no Mediterrâneo. Mussolini apodou-a de bluff. Em Paris, Nova Iorque e Londres organizaram-se indignadas comissões de protesto contra as legações italianas, constituídas por gente que somente no mês anterior, ou pouco antes, soubera que existia realmente um país chamado Etiópia.

Num breve momento o mundo teve um assomo de consciência.

Exigiu-se um embargo contra a Itália, mais fictício do que positivo.

Então, e como não acontecera ainda em toda a sua inepta e malfadada existência, a Liga das Nações foi honrada com um grande momento de dignidade humana. Um homenzinho negro, a que chamavam o Leão de Judá, Hailé Selassié, imperador da Etiópia,

dirigiu um apelo ao coração dos homens em favor do seu povo. Mas a Etiópia ficava a grande distância de todos os outros países, e quem diabo se importava com Adis Abeba?

Apatia por parte dos homens livres. Esta constituiu a vitória real. O cheiro do sangue despertou a gula das legiões de Roma.

No rio Yang-Tzé foi afundada uma corveta americana chamada Panay. Alguns americanos conseguiram convencer outros americanos de que a Panay não tinha o direito de lá se encontrar. No Oriente, amarelos batiam-se contra amarelos — mas essa guerra desenrolava-se também muito longe.

Então seguiu-se uma época de apaziguamento. O Tratado de Versalhes foi quebrado pelo fragor das botas alemãs que invadiam a Renânia.

Os fanfarrões tornavam-se altivos.

O crisol: Espanha.

— Christopher, houveste-te magnificamente na Etiópia.

O teu comedimento foi notável. Agora, o teu passaporte italiano não tarda em ser-nos muito útil — disse Oscar Pecora.

— Arranjei-te credenciais para fazeres a reportagem da guerra de Espanha do lado dos insurrectos.

Christopher de Monti foi para Espanha, para o lado fascista, como um homem obcecado com uma missão. Esta constituía o clímax da sua vida, continha o significado de todas as palavras que lera sobre a liberdade e sobre a verdade. A Espanha não era a Etiópia. Agora o mundo ouviria.

Juntou-se às forças de Franco logo a seguir à conquista de Málaga. Tornou-se um homem de dupla personalidade.

Aparentemente, Christopher de Monti expedia os rotineiros despachos e reportagens que se esperariam de um jornalista competente.

Todo o seu talento e engenho eram utilizados para passar, de contrabando, reportagens para o mundo livre.

Usando de audácia e astúcia, arriscou a vida vezes sem conta para fazer chegar, para além da fronteira, reportagens às embaixadas «neutrais» exiladas por sua conveniência em França.



Christopher de Monti anunciou secretamente a chegada De milhões de toneladas de material de guerra alemão e italiano — canhões, tanques, aviões.

Christopher de Monti anunciou secretamente a chegada Dos primeiros contingentes de aviadores alemães e italianos que iam combater por Franco.

Christopher de Monti anunciou secretamente que a Alemanha e a Itália utilizavam a Espanha como campo de experiências de pessoal e equipamento.

Christopher de Monti anunciou secretamente a chegada em massa de forças terrestres italianas.

Christopher de Monti anunciou secretamente as atrocidades cometidas pelas hordas marroquinas e escreveu reportagens verídicas em que afirmava que as esferas da igreja católica estavam, de fato, com o governo legal.

Christopher de Monti foi quem primeiro anunciou, por meio de um relato secreto, que os submarinos «não identificados» que bloqueavam os portos legalistas eram italianos.

Foi ele quem primeiro divulgou, por meio de testemunho fotográfico, que a aviação italiana assassinava mulheres e crianças em cidades abertas e indefesas.

E viu o seu trabalho perder-se, sufocado pela sordidez da propaganda alemã. A violação da Espanha, a primeira das grandes traições numa época de traições, fez dele um desiludido. As democracias túbias ocultavam-se atrás de palavras frívolas, pactos de não-intervenção e embargos que feriam uma democracia que lutava pela sua sobrevivência.

O mundo não desejava ouvir aquilo por que Christopher de Monti arriscara a vida para lhe dar a conhecer.

Oscar Pecora manteve Chris sob a sua vigilância e, por fim, convenceu-se de que ele não podia continuar a passar como contrabando reportagens do lado de Franco. Temendo pela vida de Chris, ordenou lhe que regressasse de Espanha nos princípios de 1938.

Christopher de Monti, um jovem tranquilo que se formara no amor pela verdade muito antes de se fazer homem fora traído pela

mãe e desiludido pelo pai. Destruíra as suas relações com uma mulher excelente e odiara-se por isso.

Mas esta iria ser a mais cruel das desilusões que já experimentara.

Abandonou a Espanha com a sua fé na raça humana destroçada.

Chris sempre fora um jornalista sensível e trabalhador. Era particularmente sensato e com o sentido das responsabilidades numa profissão em que essas qualidades não abundavam. A sua única embriaguez fora com a razão — ao desfazer o casamento com Eileen.

A segunda foi pior. Óscar Pecora fê-lo soltar, sob fiança, de uma esquadra de polícia de Paris após um mês de bebedeiras constantes e despachou-o para a sua vila do lago de Lausane.

Óscar Pecora era um homem paciente e amava Christopher.

Christopher era o seu protegido. Como se fosse um filho. Chris remoeu amargamente a sua desilusão até que não pôde mais conter o furor que fervia em si.

E, uma noite, explodiu.

Chris estava embriagado. A Sra. Pecora, antiga cantora de ópera e agora a linda esposa de Óscar, tinha ido deitar-se.

Achavam-se sentados na varanda, a lua cheia refletia-se no Lago — e Chris terminava o seu quinto whisky.

— Porquê, Óscar, porquê? Porque fizeram eles aquilo?

— Fala-me do que te vai na mente, Chris.

— Vi-os matar mulheres e crianças. Os bastardos dos aviadores italianos, instalados nos seus clubes imundos, gabando-se da façanha... Vi-os torturar soldados. Já observaste um marroquino torturar alguém? A comprimir lhe os testículos?... Óscar... Pelo Demónio... Fiz chegar tudo isto ao conhecimento dos Americanos!

— Christopher, as reportagens que conseguiste expedir secretamente foram enviadas aos jornais e aos serviços telegráficos.

Tudo o que podemos fazer é dar os fatos a conhecer ao público. Não o podemos forçar a promover uma rebelião, mesmo que seja originada por cólera justa.

.— Tens razão, Oscar. Toda esta maldita raça humana se pôs tranquilamente a observar, de cócoras, o martírio da Espanha. Deixa-me dizer-te uma coisa, irmão. Hão-de pagar caro por não terem detido Mussolini e Hitler em Espanha.

Não tarda que os obriguem a sair da toca, e, por Deus, que eles sejam esmagados.

A mão compadecida de Oscar Pecora pousou no ombro de Chris.

— Nós, jornalistas, somos como as latas do lixo, Chris.

Não há ninguém que não despeje sobre nós a porcaria que tem em casa. Por nosso intermédio surge à luz do dia tudo o que é podre no homem. Christopher, o que estás agora a sofrer... Eras uma débil voz solitária que bradava justiça num mar negro e colérico e ninguém te ouvia.

Até que o atinjam diretamente no rosto, homem algum deseja acreditar que o ataque desferido contra um irmão lhe diz respeito.

Chris ergueu-se vacilante da cadeira, aproximou-se do parapeito e segurou-se nele.

— Queres que te diga porque me tornei jornalista?

Conheces Tom Paine? «O mundo é a minha pátria, todos os homens são meus irmãos... fazer o bem é a minha religião.» Oscar Pecora recitou :

«Numa carruagem de luz, vinda dos espaços celestes, Chegou a deusa da liberdade.

Dez mil anjos escoltavam-na no caminho, E para aqui a conduziram.

Um ramo de belas flores em botão dos jardins das alturas, Onde milhões vivem com milhões em harmonia e afeto, Ela trazia na mão como testemunho do seu amor. E este ramo ela denominou Árvore da Liberdade...

De leste para oeste soou a trombeta da união!

Que por toda a Terra o seu som repercuta ;

Que de um extremo ao outro do mundo todos unidos nos mantenhamos como um só...

Na defesa da nossa Árvore da Liberdade.» — Bravo, irmão Pecora! Bravo! E agora apresento-te William Lloyd Garrison... —

Chris levantou-se e, ereto, elevou um dedo para o céu: — «Com homens razoáveis, serei justo; com homens humanos, fraternal; mas a tiranos não darei quartel...» Agora, que dizes a esta citação?

Chris dirigiu-se a cambalear para a sua cadeira.

— Pequeno Jefferson... precisamos de um pequeno Jefferson para meter este mundo na ordem. Oscar, estou foscado... Cos diabos, estou bêbado!

— Vem, Christopher. Estás cansado. Perdeste uma dura batalha, mas és o meu melhor soldado; amanhã entraremos novamente na luta.

— Ela está em Jérsei... casada com aquele tipo. Têm dois filhos... uma casinha bonita, disseram-me. Eu... eu sou o vencedor real, Oscar. Tenho de mostrar a verdade ao povo.

## CAPÍTULO XI

No dia seguinte, à tarde, depois de despertar de um profundo sono de dezesseis horas, Chris encaminhou-se, ainda estonteado, para o escritório de Oscar Pecora.

— Rapaz, cometi ontem algum disparate? — disse ele num tom de voz de quem pede desculpa.

— Ao talento desculpa-se quase tudo.

— Foi uma lição terrível, Oscar. Agora compreendo porque, na nossa profissão, os homens se tornam desprendidos e cínicos. Nós fazemos ressoar a grande trombeta e ninguém nos escuta. Homens livres de barriga cheia não querem acreditar que um nativo negro da Etiópia tenha relação alguma com eles ou que o bombardeamento de uma cidade aberta na Espanha seja o prelúdio do bombardeamento de Londres.

— Christopher, comeste das minhas refeições, bebeste do meu vinho e agora a Sra. Pecora lança-te olhares galantes.

Penso que já é altura de voltares ao trabalho.

— Para fazer o quê, Oscar? Posso continuar a ser jornalista sob estas condições? Acabo de saber que a verdade não é verdade. A verdade é somente aquilo em que se deseja acreditar, e nada mais.

— Mas continuarás a procurá-la como jornalista ou como condutor de eléctricos em Genebra. Esqueces-te de que existe um mundo de seres humanos decentes, muitos dos quais te escutam. Eles confiam nos olhos de Christopher de Monti para verem a verdade, por eles. Não deves abandonar a raça humana somente porque perdeste uma batalha. Agora, que tens Para me dizer, Christopher?

Chris riu ironicamente.

— Já que tocas no assunto, quero comunicar-te que não sirvo para mais nada. Nem sei mesmo conduzir um eléctrico.

— No mês passado solicitei a comparência na sede de homens pertencentes aos nossos escritórios da Europa. Estamos a tentar

determinar qual o rumo que os acontecimentos vão seguir. Que pensas, Christopher?

Chris encolheu os ombros.

— A Espanha é, principalmente, um espetáculo proporcionado pela Itália. O governo republicano cairá mais cedo ou mais tarde. Franco é o poder. — Chris mirou o mapa de parede que estava por trás das costas de Oscar. — Será Hitler quem terá em seguida a palavra.

— Bergman, de Berlim, também pensa assim. Que tal te parece Varsóvia? Temos lá um pequeno escritório.

— Se ainda me quiseres, porque não? Não há lugar algum melhor do que outro qualquer.

— Combinado. Vais para a Polónia. Temos lá um repórter independente cujos serviços utilizamos de vez em quando. Um tal Ervin Rosenblum.

— Fotógrafo também, não é assim?

— Sim, e um bom elemento. Conserva-o contigo e põe-no à prova. Christopher, não faças nenhuma loucura na Polónia.

Mantém lá o escritório em funcionamento enquanto puderes.

— Não é necessário dizeres-me. Já brinquei bastante aos polícias e ladrões. Não farei mais na Polónia do que fiz na Espanha. Não te inquietes, Oscar. Não receberás senão reportagens diretas.

Caro Oscar. "~~\_ Varsóvia tem sido como que um tónico. Sinto-me contente por um de nós ter tido um pouco de senso e estou-te muito obrigado. Isto aqui parece uma pequena Paris.

Ervin Rosenblum é um belo camarada. Desejo tê-lo comigo Permanentemente. O escritório está em boa forma. O habitual formalismo governamental, mas nada de exagerado. Na próxima semana espero fazer uma chamada telefónica direta para Genebra. Isso fará que as coisas se acelerem.

Embora utilize com proveito e sem dificuldade o francês e o inglês, tenho reservado uma hora por dia para aprendizagem do polaco. E -queres acreditar? — tenho-me distraído a preparar algumas das equipas de basquetebol do Exército.

Chris apitou. Dirigiu-se em francês a Andrei Androwski, que traduziu para polaco as suas palavras: o treino do dia terminara. Os

elementos da recém-constituída equipa da 7.ª brigada dos ulanos agradeceram ao seu treinador e saíram a trote do piso do ginásio da cidadela.

Andrei, o capitão da equipa, continuou por mais meia hora a sua preparação com Chris. Intrigava-o a perícia de Chris no drible e nos lançamentos. Chris mostrou-lhe as variantes no "passar a bola enquanto se estava coberto e como ludibriar o adversário, movendo-se numa direção, enquanto se lançava a bola noutra.

Sentaram-se, banhados em suor, após aquele vivo período de treino individual. Chris limpou o rosto com uma toalha e acendeu um cigarro.

— Estou extenuado. Não faço isto há anos.

— Esses cigarros não lhe fazem nenhum bem — disse Andrei. -Envenenam-no. Este jogo é bastante belo. Não imaginava que tinha tantas subtilezas. Mas que posso eu fazer com estes bois obtusos? Não possuem subtileza...

— Estão aprendendo bem. No fim da temporada jogarão como os Harlem Globetrotters.

Chris deu uma palmada no joelho de Andrei.

— Bem, vamos ao duche.

— Penso que vou treinar-me em lances livres durante algum tempo — disse Andrei. -É verdade, a propósito : que é que faz esta noite?

— Não tenho compromissos.

— Belo. O meu coronel deu-me o camarote dele para a ópera: La Bohème.

Ópera! Esta palavra deu origem a um sopro de alegria no coração de Chris. Tinha-a descurado muito ultimamente.

Constituíra para si uma religião em Nova Iorque e, com o pai, na Itália.

. Jantaré comigo e com Gabriela. Depois iremos buscar a minha irmã. Ela jantaria conosco, mas quer trazer os filhos, e a pequena tem uma lição de piano a uma hora tardia.

— Não sabia que tinha uma irmã casada.— Sim, a minha única irmã.

Chris quis escusar-se.

— Olhe, serei um estranho numa reunião íntima de família.

— Não tem importância. O marido dela está em Copenhagen num congresso médico. Além disso, os pequenos sentir-se-ão encantados por terem consigo um verdadeiro italiano que lhes explicará o libreto. Combinado! Esteja no apartamento de Gabriela às seis.

— A minha irmã, Deborah Bronski. A minha sobrinha, Rachel, e este magano é o Stephan.

— Muito prazer, Sr. De Monti.

— Chamem-me Chris... por favor.

Foi a sensação mais estranha e pungente que Chris já experimentara. Mesmo ao caminhar do carro para casa, sentiu-a apossar-se de si. No instante em que Chris a fitou nos olhos, Deborah compreendeu que ele lia uma mensagem de profunda tristeza e frustração interior.

Bom Deus, como ela era bonita!

Chris era um homem sofisticado e experiente. Sentia-se demasiadamente senhor de si para que fosse dominado por um sentimento tão brusco. Contudo, o seu equilíbrio emocional parecia desintegrar-se. Nunca o tomara tão estranho sentimento — nem mesmo com Eileen.

Durante o espetáculo sentiram-se ambos inquietos em vista do que tinham descoberto um do outro. Era como se um ectoplasma brotasse do corpo de um e se instalasse no do outro. Houve uma rápida sucessão de olhares furtivos.

Deu-se o primeiro contato accidental de braços, que os fez estremecer. E depois alguns poucos contatos menos accidentais.

Entre o 2.º e o 3.º ato Chris e Deborah encontraram-se, sós, afastados dos outros, esquecidos da pompa e do chique que os rodeava. Deborah empalideceu ao olharem, sem uma Palavra, um para o outro.

A campainha retiniu e os espectadores começaram a dirigir-se para os seus lugares.

De um modo brusco. Deborah baixou os olhos e voltou-se.

Chris tocou lhe, automaticamente, no cotovelo.

— Quero encontrar-me consigo — disse ele subitamente.



— Por favor, telefone-me para a Swiss News, Bristol.

Andrei disse lhes do vestíbulo que se apressassem.

Passaram quatro dias.

Chris estremecia cada vez que o telefone tocava. Depois começou a resignar-se com— o fato de ela jamais lhe vir a telefonar. Pareceu lhe ter feito algo de estúpido. Flirts eram flirts, mas isto era diferente. Não conseguia distinguir nesta situação um vislumbre do jogo que os homens e as mulheres costumam representar. A emoção que o tomara desde o primeiro instante do encontro de ambos era profunda e séria: Embora imaginasse que ela não telefonaria, não podia sacudir o sentimento estranho que experimentava.

— Estou...

— É da Swiss News?

— Sim...

— Christopher de Monti?

— O próprio.

— Fala Deborah Bronski.

A mão de Chris humedeceu no contato com o telefone.

— Estarei nos Jardins Saxónia dentro de uma hora, num dos bancos defronte do lago dos cisnes.

Ficaram ambos calados e confusos, sentindo-se culpados e tontos, sentados um diante do outro.

— Sinto-me absolutamente tola — disse Deborah. — O meu casamento tem-me merecido até hoje o maior respeito; desejo que compreenda que jamais fiz antes uma coisa destas.

— É tudo tão estranho!

— Não posso negar que desejava encontrar-me novamente consigo, mas não sei porquê.

— Sabe o que eu penso? Penso que somos dois imanes feitos de uma espécie de metal único. Penso que fui irresistivelmente atraído para Varsóvia.

E então ficaram embaraçados, em silêncio, tentando coordenar os seus pensamentos.

Porque não damos um passeio e conversamos? propôs Chris.

Ela ficou acordada naquela noite. E encontrou-se com ele novamente e mais vezes ficou acordada. Todas aquelas pequenas

coisas que fazem de um romance a mais maravilhosa exploração de um ser humano por outro tinham sido negadas a Deborah. Agora, bruscamente, sentia-se possuída por elas. Tomada por emoções que nunca acreditara poder possuir ou soubera que existiam.

O tocar da mão de um homem. Os pequenos duelos de palavras, suscitados por breves conversas para se infligir pequenos golpes, pequenas dores. O arfar instantâneo que a percorria no momento em que ele descia a vereda. Os tormentos do ciúme. A cor dos olhos, a maneira como o cabelo negro lhe caía sobre a testa, as mãos compridas e fortes, as expressões sensitivas, o ar negligente, a estatura desengonçada.

A dor de estar apartada dele.

O primeiro beijo. Ela não sabia o que era um beijo.

Não acreditava que as sensações experimentadas num beijo fossem parte da experiência humana.

— Deborah, amo-te.

Cada nova aventura não se assemelhava em nada ao que ela já conhecera antes.

— Não estou ainda bem certa de saber o que é o amor, Chris. Sei que ver-te é uma coisa errada e que ainda seremos castigados se nos continuarmos a encontrar. Mas eu sei que quero ver-te, sejam quais forem as consequências.

Porque... estar longe de ti torna-se cada vez mais insuportável.

É isto o amor, Chris?

## CAPÍTULO XII

Entrada do diário.

Hoje nasceu o meu filho. Assistiram ao parto Susan Geller e o Dr. Glazer médico do nosso orfanato, Sílvia houve-se com muita felicidade, apesar de ser uma mulher de 40 anos.

Exteriormente, tenho de exhibir viva alegria. Por dentro contudo, sinto-me inquieto. Esta é uma má altura para o nascimento de uma criança judia.

Moses é um nome comum, mas penso que o historiador que existe em mim teve grande influência na minha decisão. O primeiro Moses nasceu também numa época de privações e infortúnio; quando o faraó ordenou que todas as crianças judias do sexo masculino fossem mortas, ele estava escondido entre os juncos. Com este sentimentalismo e muita sorte, Moses Brandel sobreviverá aos dias difíceis que estão à sua frente.

*Alexander Brandel*

Apesar da austeridade e da proibição das cerimónias religiosas, nada pôde diminuir a felicidade geral dos Bathyrans.

Moses Brandel nasceu para ser estragado com mimos por todos eles. Era o seu bebê, e eles preparavam-se para fazer do brist uma festa de estalo, após estes meses de opressão moral.

Tolek Alterman encerrou a granja e trouxe consigo para Varsóvia todos os trabalhadores, trinta rapazes e dez raparigas, com uma grande provisão de víveres.

A mãe Rosenblum encarregou-se de cozinhar os pratos tradicionais. O rabi Solomon orientaria pessoalmente as orações na cerimónia.

O acontecimento decorreu no Clube dos Escritores, na Rua Tlomatskie, próximo do apartamento de Alex, que a Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo tinha «alugado» como agência.

No oitavo dia após o seu nascimento, Moses Brandel foi passeado na sala, numa almofada de veludo com ornatos, de parente para parente, de Bathyran para Bathyran, e, por fim, terminou esta cerimónia nos braços do padrinho, Andrei Androwski.

No fundo da rua, a grande sinagoga Tlomatskie tinha as portas e as janelas fechadas e encontravam-se guardas postados em redor dela. Porém, no Clube dos Escritores procedeu-se à aliança desta criança com Deus, numa cerimónia com raiz de quatro mil anos de existência, conforme o Disposto no Génesis: «Com a idade de oito dias todo o varão entre vós será circuncidado nas gerações por chegar.» Como nos tempos antigos em que Abraão circuncidou Isaac, como símbolo de uma aliança com Deus, assim Finkelstein, o mohel profissional, circuncidou Moses Brandel.

É provável que Finkelstein tivesse desempenhado melhor a sua tarefa, pois a sua experiência era maior. Ele fora mohel em cerca de dois mil brystim.

O pequeno Moses perdeu a sua compostura e começou a gritar.

«Abençoado sejas, Senhor nosso Deus, Senhor do universo, que nos sagraste com os Teus mandamentos e nos ordenaste que trouxéssemos Moses, filho de Alexander e Sílvia, à cerimónia de aliança de Abraão, nosso pai», entoou o rabi Solomon.

Depois de terminada a cerimónia, a criança voltou ao apartamento de sua mãe, que ficava um pouco abaixo, na mesma rua, e começou a celebração.

«Mazeltoff!», felicitaram todos o pai orgulhoso.

«Mazeltoff!» E deu-se início aos brindes.

E ao canto.

E às danças.

E, em breve, o soalho do Clube dos Escritores estremecia sob o fragor produzido pelos homens e mulheres que bailavam uma dança, tradicional num círculo.

O «orgulhoso pai» foi puxado para o centro e, um a um, as jovens bathyrans rodopiaram com ele em redor do círculo, em unísono com o bater de palmas e de pés. Ele dançou, dançou até

não poder mais. Não foi necessário muito vinho para lhe dar alma; estava «animado» desde que o filho nascera.

Por fim, retirou-se, vacilante, do recinto da dança, suando e a arfar.

Ervin Rosenblum e Andrei agarraram-no por baixo aos braços e arrastaram-no para uma sala contígua; aí, ele sentou-se, limpou o rosto e começou a abanar-se.

— Por que é que os Judeus têm de fazer alarido para celebrar o nascimento de um filho? — perguntou Alex.

— Os nossos rapazes estão há tanto tempo com as suas emoções recalçadas que, sem esta festa, teriam explodido — disse Rosy. — Ela servirá para os desoprimir a todos.

— Não há dúvida! — bradou Andrei. — Como se sente o novo pai agora?

— Na minha idade, o nascimento de um filho é um bónus inesperado.

Depois volveu os olhos, sombriamente, de Andrei para Ervin. Davam-se fé da hilaridade que reinava na outra sala, mas os seus pensamentos não se afastavam um momento sequer da época dramática que viviam. Mesmo no meio do contentamento geral, o espírito de Alex não se apartava dos problemas prementes que defrontava.

— Viram a nova série de diretivas alemãs?

Os companheiros inclinaram a cabeça.

— Nestas condições, eles têm razão em fazer a festa esta noite.

— Porque é que não o esqueces por uma noite também, Alex? — disse Andrei.

— Tenho pensado imenso. Estou agora na sede, em Mila 19, a maior parte do tempo, dia e noite. Logo que Sílvia comece a levantar-se, irá trabalhar de novo para o orfanato. Tenho em mente deixarmos o apartamento e mudarmo-nos para Mila 19. Susan Geller disse também que se mudaria para lá. Penso que será encorajador para os mais novos terem-nos a viver ali. Utilizamos o primeiro andar para escritórios e dispensário. Podemos dividir a casa em

dormitórios para rapazes e raparigas e alojar mais sessenta ou setenta pessoas.

— Mudar-me-ei se puder levar minha mãe comigo disse Ervin Rosenblum.

— Não. Enquanto puderes trabalhar no exterior, será melhor que não se apercebam de que estás tão intimamente ligado a nós.

Alex fitou Andrei dissimuladamente. Em Mila 19 Andrei Androwski seria de grande benefício para o moral de todos.

— Que estás a fazer da cave? — perguntou Andrei.

— Armazém.

— Já pensaste numa imprensa clandestina?

Andrei comportara-se muito bem nas últimas semanas.

Mostrara grande comedimento, mas tornar-se-ia um problema logo que as coisas piorassem, segundo pensava Alex.

Ana Grinspan iniciara a publicação de uma folha semanal em Cracóvia. Alex não queria pensar ainda nisso. A descoberta de uma oficina tipográfica clandestina podia fazer ruir toda a organização da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo.

— Dar-te-ei o meu apoio quanto à imprensa clandestina, Andrei, mas não em Mila 19.

— Então não precisam realmente de mim lá, não é assim?

— É melhor voltarmos à sala de bailado — disse Ervin rapidamente.

O homem esquecido — ou o rapaz esquecido — no brist de Moses Brandel era o seu irmão Wolf, um jovem de 16 anos. Parecia perplexo em face de tudo. Quando os outros lhe disseram «Mazeltoff», perguntou a si próprio a razão por que o estavam a felicitar. Achava-se um pouco desamparado, em vista das atenções que dispensavam ao irmãozinho e cada vez mais confuso por ter agora, bruscamente, um irmão. De uma maneira ou de outra, Wolf mostrava-se um pouco tímido; encostado a uma parede, via os outros dançar. Rachel observava-o enquanto tocava piano.

«Pobre Wolf!», pensava. «Parece uma alma penada.» Quando a mãe tomou o seu lugar ao piano, ela dirigiu-se ao jovem.

— Queres dançar? — perguntou.

— Hum!

— Vamos.

— Não, não me apetece. Além disso, sinto os pés doridos.

Houve um momento eletrizante, atingia a festa o apogeu, quando, depois de Emanuel Goldman ter entrado na sala, foi anunciado que ele iria dedicar lhes um pequeno concerto.

Há já alguns anos que se encontrava retirado dos meios artísticos e as suas mãos e os seus reflexos acusavam a lentidão devida a esse fato. A falta de exercício ao piano dera origem a que a sua técnica não tivesse o brilho de outros tempos, mas persistia o grande encanto pessoal de um verdadeiro virtuoso. Esta noite abria uma exceção e ia tocar. Na sala todos suspenderam a respiração, expectantes logo que ele se sentou, ereto, e rompeu numa vibrante polonaise.

Rachel Bronski saiu para a varanda, onde, solitário de mãos nos bolsos, numa atitude de abandono, se encontrava Wolf Brandel, mirando a sinagoga Tlomatskie, no fundo da rua.

— Não queres ouvir Emanuel Goldman tocar? – perguntou ela.

— Posso bem ouvi-lo aqui fora.

A jovem aproximou-se do rapaz, pelas costas, o que o perturbou. Ele afastou-se alguns centímetros, continuando ainda de costas voltadas para ela.

--Que tens, Wolf? Nunca te vi com um ar tão infeliz.

Ele voltou-se e encolheu os ombros.

— Sinto-me aborrecido com tudo, especialmente com as coisas que estão a acontecer hoje. Ter de usar isto — disse, tocando na estrela de David que trazia no braço. — Não poder ir à escola. Ainda recibes lições de piano?

— É minha mãe quem me ensina agora. Tenho muito tempo para praticar quando não estou ocupada no orfanato.

Ainda recibes lições de flauta?

— Não. De resto, nunca gostei.

— Pensava que sim.

— Não, dizia apenas que gostava.

-Porquê?

— Para contentar minha mãe. Não que fosse realmente uma coisa demasiado enfadonha. Costumava sonhar com as terças-feiras,

em que me sentava contigo no parque após as lições.

— Sinto também saudades desses tempos — disse ela docemente.

— Bem, as saudades vão passar-te, como aconteceu comigo.

— Porque desanimas com tanta frequência?

— Olha para mim. Cada vez tenho um ar mais estúpido.

— Mas não é verdade, Wolf. Estás a tornar-te um homem E serás muito atraente.

Ele encolheu os ombros. A voz alternava lhe em tons agudos e graves, e agora necessitava de muito esforço para falar num tom firme. Aclarou formalmente a garganta :

— Gostaria de visitar o teu irmão Stephan — disse.

Suponho que tu e a tua mãe estão a dar lhe lições, mas ele precisa da companhia de rapazes mais velhos. Alguém com quem ele possa acamaradar. Podia ensinar lhe xadrez e muitas outras coisas.

. Isso seria muito bom. Stephan precisa da companhia de um rapaz mais velho. Andrei não nos visita com muita frequência e o pai trabalha até bastante tarde.

Bem, irei vê-lo. Rachel...

— Diz, Wolf...

— Pensas... quero dizer...com toda a alegria que por aqui há... o que quero dizer é que todos se beijam uns aos outros. Pensas que seria decente se expressássemos também a nossa alegria? Quero dizer, decentemente. Pelo pequeno Moses.

— Não sei. Ver quanto os outros estão felizes já seria bastante, não achas?

Bruscamente, ele tocou ao de leve o rosto dela com os lábios.

— Que estúpido! — disse. — Não foi um beijo verdadeiro.

Já sentiste um beijo verdadeiro, Rachel?

— Uma vez — respondeu ela.

— E gostaste?

— Não muito. Eu não sentia, realmente, inclinação alguma pelo rapaz. Queria saber apenas como era um beijo. Foi uma coisa insípida. Já sentiste um beijo verdadeiro?

— Muitos — respondeu ele com um ar indiferente.



— Gostaste?

— Sabes muito bem como é. Pode-se gostar ou não.

Rachel e Wolf fitaram-se nos olhos por muito tempo e a respiração tornou-se lhes irregular. Ouviu-se um romper de aplausos da sala e pedidos espontâneos para o maestro tocar de novo. Depois as vozes esmoreceram. Goldman tocava uma suave sonata de Beethoven.

Rachel sentia-se apavorada devido à sensação estranha que lhe possuía todo o corpo.

— É melhor irmos para dentro — disse.

— Podia... um beijo verdadeiro...?

Ela estava demasiado assustada para conseguir falar. Inclinou a cabeça, fechou os olhos, levantou o queixo e abriu os lábios. Wolf endireitou-se, inclinou-se levemente sobre ela e uniu os seus lábios aos da jovem.

Ele baixou os olhos e apertou as mãos nos bolsos.

— Foi muito bom — disse Rachel. — Nem se compara nada ao outro.

— Podemos experimentar uma vez mais? — perguntou ele.

— Talvez não devêssemos... Bem, só mais uma vez.

Agora Wolf puxou-a a si mais gentilmente, os corpos contataram e foi ainda mais maravilhoso. Os braços dela envolveram-no e puxaram-no contra si, e foi muito bom.

— Oh, Wolf! -murmurou ela.

A jovem separou-se dele, num gesto súbito, e dirigiu-se para a porta.

— Rachel...

— Wolf...

— Posso ver-te em breve?

— Sim — respondeu ela, e correu para dentro.

## CAPÍTULO XIII

Geralmente, Paul Bronski realizava em casa, fora das horas regulamentares, parte do seu trabalho para a Autoridade Civil Judaica. O censo fora uma tarefa que exigira muito esforço. Muita gente tentara porfiadamente conseguir Kennkarten «arianas», que não tinham apostado o ignominioso J. Entre a população judaica havia numerosas pessoas que tentavam comprar a sua fuga do país ou que, por outro lado, estavam a tornar o censo uma coisa bastante difícil. Os nomes de trezentos e sessenta mil judeus tinham dado entrada nos registos da Autoridade Civil.

Eram as novas diretivas e o contínuo trabalho de organização que mantinham Paul ocupado até tarde todas as noites.

Deborah, que passava os dias no orfanato e as noites a dar instrução escolar aos filhos, roubou algum tempo às lições para fazer chá a Paul.

Quando entrou no escritório, o marido estava debruçado sobre a secretária, com os olhos vermelhos, devido à leitura, e pálido de fadiga. Enquanto Paul beberricava o chá, Deborah ficou, por trás dele, a massajar lhe o pescoço.

Sentia sempre grande prazer quando a mulher fazia aquilo.

— Correm-te mal as coisas? — perguntou ela.

— Estou somente cansado — respondeu o marido. — Este coto começa sempre a doer-me quando o tempo está húmido.

— Porque não repousas um pouco?

— Não queiras tornar-te um bálsamo para as dores dos outros.

— Paul, tens trabalhado muito. Porque não vamos uns dias para fora, sós? Podemos ir para qualquer sítio. Não te é difícil conseguir um passe para viajar.

— Quem me dera poder fazê-lo. As minhas inadiáveis responsabilidades para com a comunidade judaica consomem-me bastante tempo.

Ela sentou-se na secretária. Ele sorriu e afastou os seus papéis.

— Não temos passado muito tempo juntos — disse ela.

— O orfanato de dia... eles têm tanta falta de braços... os nossos filhos à noite. Tirarei algumas horas ao orfanato.

— Não — disse Paul. — De qualquer maneira, ser-me-á impossível chegar a casa mais cedo. Além disso, produz boa impressão ter-se a mulher de um membro da Autoridade Civil a prestar trabalho voluntário no programa da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo.

Houve nas palavras do marido qualquer coisa de que Deborah não gostou. Paul conformara-se, como se o impelisse o sentido do dever, com a sua nova posição, mas esforçava-se ainda por ganhar prestígio, pensava ainda em termos de quem se julga a fazer a sua obrigação.

— Quando acabará tudo isto? — perguntou Deborah, de semblante carregado. — Outrora fui bastante louca em pensar que as coisas não podiam tornar-se piores depois da ocupação.

— Bem, ninguém sabe realmente que intenções têm os Alemães quanto ao futuro. Porém, eles não podem ir muito além disto. As coisas não tardam a estacionar. — Desviou-se rapidamente do assunto. — Vi hoje o Chris.

— Oh...

— Ele conseguiu transferir a maior parte das nossas contas para bancos americanos. — Paul riu ironicamente.

— Apresento-te um paradoxo. Cada vez estamos a tornar-nos mais ricos.

Deborah fez um grande esforço para dissimular o choque brusco produzido pela simples menção do nome do amante.

— Como está o Chris? — perguntou passado um instante.

— Ótimo, ótimo.

— Não sabia que lhe tinham permitido ficar por cá.

A Susan Geller disse-me que o Ervin Rosenblum estava a prever um possível encerramento da Swiss News.

— Parece que ele conseguiu ganhar as boas graças desse tal Von Epp. Naturalmente a sua agência quiere-o aqui enquanto os

Alemães o consentirem. A propósito: decidimos, por mútuo interesse, deixar de nos ver, salvo num caso urgente. Não há necessidade de nos arriscarmos a que os Alemães suspeitem de que temos negócios; além do mais, eu podia comprometer a posição de Chris neste país.

Não precisamos dos fundos, felizmente, e, no caso de precisarmos, podemos tratar do caso por intermédio do Rosenblum.

— Sim -volveu Deborah -, parece-me razoável.

— Querida — disse Paul -, já que estamos a falar destas coisas, gostaria que discutíssemos a resolução de Stephan tomar lições do rabi Solomon. Deixa-me dizer-te que os motivos por ti invocados me merecem a maior simpatia, mas é uma coisa muito perigosa.

A doçura de Deborah desvaneceu-se prontamente.

— Perigosa para quem?

— Para o rapaz.

Já pensaste no choque que ele recebeu nos últimos Meses?

Certamente que sim. Deborah, sê razoável. Temos tido muita sorte. Fomos poupados às provações que têm pesado sobre Varsóvia.

— É realmente esse o caso, Paul? — volveu ela com azedume. -  
— É para proteger a nossa posição?

.— Já pensaste no que nos sucederia se eu fosse expulso da Autoridade Civil? Não mereço que me julguem um criminoso por desejar proteger a minha família.

Paul nunca vira Deborah com um ar tão obstinado. No passado, conseguira quase sempre fazê-la aceitar sem muito azedume os seus pontos de vista.

— O nosso filho está a ser humilhado e perseguido apenas porque é judeu — disse Deborah. — Ele devia possuir, pelo menos, algum amparo moral para resistir a estes choques. Não podemos deixá-lo sofrer esta emergência sem lhe explicar porque é que ele é judeu.

Deborah desejava continuar. Desejava dizer a Paul que, se ele assumisse a sua responsabilidade como um verdadeiro pai judeu, daria ao seu filho instrução e educação, tal como os outros pais

judeus estavam a fazer desde que as escolas da cheder tinham sido proibidas. No entanto, o que a mulher já dissera era uma afirmação de autoridade que ele nunca lhe ouvira antes. Deborah deteve-se neste ponto, porque Paul estava cansado e inquieto e ela não queria feri-lo.

A campainha da porta retiniu.

Paul abriu-a. O tímido Wolf Brandel surgiu, trémulo, ante si.

— Boa noite, senhor — disse o jovem, o rosto afogueado.

Paul sorriu levemente. E, para dissimular a sua perturbação originada pela conversa com a mulher, voltou com certo afeto :

— Boa noite, Sr. Brandel. Veio visitar Stephan ou Rachel?

— Rachel... quero dizer, Stephan, senhor.

Deixá-lo-ei partilhar a companhia deles pelo preço de uma partida de xadrez.

«Oh, maldição», pensou Wolf. Bronski era um jogador a valer. Levaria uma hora a vencê-lo. Então ocorreu-lhe **um** pensamento fascinante. Deixar-se-ia perder de propósito Mataria dois coelhos de uma cajadada — satisfaria a vaidade do Dr. Bronski e teria oportunidade de ver Rachel mais depressa.

Nessa noite, Deborah manteve-se desperta. A menção de Chris enchera-a de inquietude. Sofria por ele. Fechou os olhos e começou a rememorar os momentos passados, em que subia a álea dos Jardins Saxónia... as suas carícias, o seu calor. A música no quarto dele enquanto estavam deitados na penumbra. Ela movia-se, desassossegada, no leito.

Fugira dele possuída de cólera e pavor. Mas nos recessos mais ocultos da sua mente ela sempre soube que o veria de novo. Agora achavam-se completamente afastados um do outro. Nem um olhar roubado... uma leve carícia... nem mesmo a voz dele ao telefone. Ele devia ter-se sentido terrivelmente ferido. «Mas ele está ainda em Varsóvia... ele ainda está aqui.» Ela desejava que ele a tocasse. «Oh, Chris... Chris... por favor, afaga-me.» As suas lágrimas tombavam na almofada.

Paul tocou-a, e o seu corpo pôs-se tenso e rígido, como sempre. Deborah esforçou-se por deter as lágrimas e respirou

profundamente algumas vezes, a fim de relaxar os nervos, e voltou-se para o marido.

Paul sentia-se inquieto, inseguro. Nos dias antigos, antes da guerra, ele sempre se dominara, fora sempre senhor de si, independente e capaz. Agora as suas dificuldades eram muitas e tinha de procurar, cada vez mais, o apoio de Deborah.

— Não estás zangada pelo que eu disse quanto ao Stephan? Se isso significa tanto para ti, então corramos o risco. Deixá-lo-emos continuar com o rabi Solomon.

A mão de Paul pousara na cintura da mulher. Deborah envolveu-o nos braços enquanto ele pousava a cabeça no peito dela.

— Preciso muito de ti — disse Paul.

Após dezesseis anos de matrimónio, era a primeira confissão que fazia.

## CAPÍTULO XIV

Entrada do diário.

Algo de novo foi acrescentado aos nossos tormentos.

Como se não tivéssemos bastante com que nos preocupar, deram-nos de presente o Sturmbannführer Sieghold Stutze. Apesar do posto não muito elevado de major das SS, Stutze dá a impressão de possuir grande poder.

Ele provém das SS de Globocnik, da sede da Gestapo, em Lublin. Como Globocnik e Hitler, Stutze é austríaco.

Chegou com um destacamento de tropas das SS que estão rotuladas de «especialistas em assuntos judaicos. Soubemos que é Globocnik, e não o governador-geral, Hans Frank, o verdadeiro senhor na Polónia. Pode-se então ter como certo que será Stutze, e não Rudolph Schreiker, o verdadeiro senhor em Varsóvia.

Enquanto Rudolph Schreiker tem mostrado ser um vulgar e simples fanfarrão, cheio de prosápia, Stutze está a exhibir um pendor maníaco pela crueldade. É pequeno de estatura, e daí um complexo napoleónico. Tem uma perna ligeiramente defeituosa e coxeia. Este fato deve ser uma das causas do seu prazer sádico em infligir sofrimento.

Achamo-nos muito inquietos quanto ao desenvolvimento desta tendência.

*Alexander Brandel*

Embora a instrução religiosa tivesse sido banida, não deixava, todavia, de ser ministrada em locais secretos, como acontecera com os Marranos durante a época da Inquisição espanhola e inúmeras vezes em variadíssimos lugares, em circunstâncias semelhantes, durante a história do povo judaico.

Stephan Bronski entrara numa idade em que um jovem Era bastante impressionável. Após uma vida de despreocupado, o estigma que caíra subitamente sobre si, devido à sua condição de

judeu, dera origem a que as suas viagens a casa do rabi Solomon se tornassem parte de uma grande aventura de descoberta. Ele gostava do mistério que as envolvia. Fascinavam-no os estranhos arabescos crípticos em hebreu e sentia profunda reverência pela infinita sabedoria do rabi. A compreensão gradual de dois mil anos de indizível perseguição contribuiu muito para aliviar a sua confusão.

A classe que frequentava tinha mais seis rapazes. Estudavam na cave da casa do rabi Solomon. Falavam em murmúrios.

Em redor deles achavam-se os tesouros retirados da sinagoga como medida de segurança. Ali se encontrava a respectiva biblioteca, constituída por milhares de volumes de literatura talmúdica e judaica. O menorah, o candelabro sagrado, achava-se aí, assim como o coração do judaísmo, os rolos da Tora, da arca da sinagoga.

Os rapazes aprendiam orações hebraicas e a ética patriarcal e preparavam-se para os seus bar mitzvah.

O velho ia de rapaz em rapaz e escutava a ladainha das suas orações, acariciava os cabelos de um, torcia a orelha de outro, mais lento. Embora fosse um velho, os rapazes não conseguiriam lográ-lo, pois dava a impressão de que, mesmo de costas, via e ouvia todos os sete ao mesmo tempo.

Stephan Bronski perguntou ao rabi se podia interromper por um momento a oração, o que lhe foi permitido.

Levantou-se e, então, viu-os!

À entrada da porta estavam três nazis de uniforme negro. O major Sieghold Stutze achava-se postado diante dos outros dois.

— Rabi! — gritou Stephan.

E todos gelaram de terror.

Sieghold Stutze entrou, a coxear, na sala.

-Ora, ora, ora, que temos aqui?

As crianças juntaram-se atrás do rabi, tremendo de medo. Uma vomitou. Apenas Stephan Bronski continuou defronte do velho. Os seus olhos ardiam de cólera; naquele preciso momento era o vivo retrato do tio Andrei.

Stutze afastou Stephan, como se ele tentasse «proteger» o rabi, e, agarrando o velho pelas barbas, atirou-o ao chão.



Tirou o punhal do cinto, escarranchou-se sobre o homem caído e cortou-lhe as suíças usadas pelos judeus religiosos somente porque o rei David as usara.

Os dois outros nazis desataram a rir. Puseram-se a caminhar pela sala, atirando os livros para o chão, virando as carteiras e calcando aos pés os ornamentos simbólicos da sinagoga.

. Isto dará uma linda fogueira — disse Stutze. Lançou os olhos por toda a sala, devassando-a cuidadosamente.

Está aqui, algures... Agora onde está? -Dirigiu-se a uma grande tela. — Estará aqui debaixo?

— Não! — gritou o rabi.

--Ah! — fez Stutze, afastando a tela e pondo a descoberto os rolos da Tora.

— Não! — gritou novamente o rabi.

Stutze tirou a cobertura, rasgou a capa de veludo e pôs a descoberto os rolos que são o coração do judaísmo, do cristianismo e do islamismo — os cinco livros de Moisés :

Génese, Êxodo, Levítico, Números e Deuterónimo.

— Aqui está o prémio.

O rabi caminhou de rastos para o nazi, lançou-lhe os braços à volta do joelho e suplicou-lhe que não destruísse os rolos. Stutze respondeu ferrando as botas nas costelas do velho.

Enquanto o nazi agitava ferozmente a Tora ante o nariz de Solomon, o velho, gemendo, orava.

Stutze e os seus sicários riam.

— Sei que os velhos judeus morrem muitas vezes por uma trampa destas.

— Mate-me, mas não destrua a Tora!

— Ora vamos lá divertir-nos! Vocês, rapazes! Formem em linha contra a parede! Ponham as mãos acima da cabeça e encostem a cara à parede.

Os rapazes fizeram o que lhes fora ordenado. Stutze deixou cair a Tora no chão. O rabi Solomon, de rastos, chegou até ela e cobriu-a com o corpo.

Stutze sacou da pistola e encaminhou-se para os rapazes.

— Ora bem, velhote, dança para nós. Mas sobre a Tora.

— Mate-me primeiro.

O austríaco engatilhou a pistola e encostou o carregador à nuca de Stephan Bronski.

— Não te matarei, judeu velho. Vejamos quantos rapazes terei de matar primeiro. Vá, dança para nós.

— Não o faça, rabi — gritou Stephan.

Stutze debateu-se num espasmo histérico.

— Por vezes, quando começo esta brincadeira, tenho de matar dois ou três antes que principiem a dançar.

O velho pôs-se de joelhos, gemendo de angústia.

— Vá, dança para nós, velhote.

Enquanto Stutze supliciava os rapazes, encostando lhes a pistola ao crânio, eles gritavam :

— Rabi! Rabi!

As lágrimas corriam pela cara do velho.

O rabi pôs os pés em cima da Tora e iniciou uma dança grotesca sobre os rolos sagrados.

— Mais rápido, velhote, mais rápido! Limpa neles os pés!

— Agora, velhote, mija neles.! Mija neles!

Enquanto os nazis rompiam num riso convulso ante a profanação da Lei, Stephan Bronski, no espaço ínfimo de um segundo, lançou-se, como um raio, para a liberdade.

## CAPÍTULO XV

Entrada do diário.

Jamais houve um momento de sossego desde que o Sturmbannführer Sieghold Stutze nos honrou com a sua presença. Ele chama ao seu destacamento das SS o «Corpo Reinhard», em homenagem a Reinhard Heydrich, o chefe da SD em Berlim. Isto dá-nos uma sugestão quanto à cadeia de comando. Hitler, Himmler, Reinhard Heydrich, Globocnik e, em Varsóvia, Stutze. Na reunião desta semana Emanuel Goldman, David Zemba e Simon Éden deram-me uma mão-cheia de notas para o meu diário.

O Corpo Reinhard invadiu, em grandes camiões, a parte norte da zona judaica e esvaziou as respectivas lojas das suas mercadorias.

O Corpo Reinhard tem penetrado nas residências de judeus e levado roupas, panelas, tachos, lâmpadas, livros — que são queimados -, travesseiros, cobertores.

O Corpo Reinhard apoderou-se das mercadorias de alguns armazéns judaicos, incluindo as que foram fornecidas do Socorro Americano de Zemba. Este procedimento originou « escassez de medicamentos e de géneros alimentícios, E então, o Dr. Koenig vendeu-nos as coisas que Stutze nos tinha roubado com um aumento de 600 % do preço.

O racionamento de combustível deu origem a uma vaga de pneumonias neste Inverno, disse-me Emanuel Goldman.

Informou-nos de que Schreiker ordenou outro corte na ração de géneros alimentícios.

Para não ser ultrapassado pelo Corpo Reinhard, Rudolph Schreiker pôs centenas de vadios do Solec e ainda quadrilhas constituídas por rapazio e estudantes a fazerem distúrbios na zona judaica, a quebrar as montras das lojas, a espancar, em plena rua, os judeus ortodoxos, e a pilhar.

Diz-se que nenhum polaco será punido por crime praticado contra um judeu. São oferecidos prêmios especiais aos polacos que denunciem judeus portadores de Kennkarten arianas.

A sinagoga do rabi Solomon foi totalmente incendiada, por ele ter sido apanhado por Stutze a ensinar a cheder na cave. (Podia jurar que o jovem Stephan Bronski era um dos rapazes que estavam com o rabi. Talvez não. Ele não se encontrava entre os que foram encarcerados na Prisão Pawiak.) A congregação do rabi Solomon foi multada em vinte mil zlotys, quantia exigida para a libertação dos rapazes e para pagamento da gasolina utilizada pelos Alemães no incêndio da sinagoga. O Socorro Americano contribuiu, por intermédio de Zemba, com dólares americanos bastantes para cobrir metade da multa.

Os adolescentes do nosso orfanato de Powazki e de doze outros orfanatos foram obrigados a dar sangue para o exército alemão. Saberá Hitler que os seus arianos receberão transfusões de sangue impuro?

Simon Éden disse que o comércio de venenos está a tomar incremento. Não há ninguém que não traga consigo uma cápsula, para a eventualidade de um suicídio. Atualmente ninguém consegue mais do que umas reduzidas horas de sono todas as noites. Ruídos produzidos por apitos, coronhas de espingardas, botas a pisar o solo. Dormimos com um olho aberto. Foi-nos comunicada uma centena de casos diferentes de violação. Todas as noites se ouve «Juden raus!» («Judeus, saiam!»), ordem que se prolonga por noite fora.

Se tivermos de conceder prêmios de engenho, o Corpo Reinhard, de Stutze, deverá ganhá-los. Eles obrigam os velhos ortodoxos a proceder à limpeza dos passeios das ruas sob a ameaça das baionetas. Têm-nos feito dançar nus Forçam-nos a carregar pesadas pedras da rua. Obrigam-nos a bater-se com galochas. Fazem-nos despir as calças. Porém, apesar de tudo isto, tenho orgulho nestes judeus.

Recusam desfazer-se das barbas ou das suíças. Caminham de cabeça levantada, com grande dignidade, apesar de compreenderem que a sua aparência irá dar motivo a ultrajes.

São obstinados e honestos, da fibra do rabi Solomon; nós, Sionistas, podemos aprender qualquer coisa com eles.

Schreiker, por ciúmes de Stutze e para não ser excedido pelas suas proezas, pôs em liberdade a louca Certa, uma étnica que vota um ódio psicopático aos Judeus. É lhe permitido vagabundear pelos quarteirões da zona norte com um tubo de chumbo.

*Alexander Brandel*

## CAPÍTULO XVI

Entrada do diário.

A mão alemã está a revelar-se cada vez com mais violência. A Gazeta de Cracóvia mantém-se a martelar o tema da «segregação dos Judeus em áreas de fixação». É um equivalente fantasioso dos ghettos.

Fala-se novamente em transferir judeus da Áustria, da Checoslováquia, e da Alemanha para a Polónia.

Ontem apurou-se ser exato o rumor. Foi estabelecido um ghetto em Lodz. Chaim Rumkowski foi nomeado presidente de um Conselho de Anciãos. Ana Grinspan encontra-se lá agora para ver se podemos organizar uma «casa de auxílio mútuo -» como Mila 19. Há cerca de duzentos mil judeus em Lodz.

Na reunião de ontem com Emanuel Goldman, David Zemba e Simon Éden, Goldman disse pensar que estamos a caminhar para uma semana de crise em Varsóvia, Ele afirma que os abusos cometidos até ao presente não tiveram outro objetivo senão desmoralizar-nos. Um novo nazi, o Oberführer Alfred Funk, acaba de chegar, o que significa que se nos vão deparar mais dificuldades, pois Funk é o agente de ligação direto entre Berlim e Globocnik, em Lublin, e traz consigo, sem dúvida, nova provisão de doces, de acordo com a nova política alemã.

*Alexander Brandel*

O brigadeiro das SS Alfred Funk era bem o tipo do jovem ariano louro e de olhos azuis que Adolfo Hitler muito enaltecia. Era um homem inteligente e laborioso, de figura elegante. Teria obtido êxito em qualquer posição que procurasse na vida. Era sagaz e astuto e inspirava confiança, ao contrário do vaidoso e fanfarrão Rudolph Schreiker, do tímido e oportunista Franz Koenig, do semilouco Sieghold Stutze e do cínico e preguiçoso Horst von Epp.

Como Von Epp, ele calculou que a ascensão do nazismo era incontível. Ao contrário de Von Epp, sentiu que Hitler podia conduzir o povo alemão à sua posição cimeira na história. Como a maior parte dos seus compatriotas, decidiu de bom grado participar nesta «marcha rumo ao destino».

Aceitou sem vacilar a tradicional obediência germânica à autoridade. Desejou ser um homem poderoso e importante, o que conseguiu. Alfred Funk opôs, a princípio, algumas reservas aos métodos nazis, mas cedo compreendeu que a tirania política dos campos de concentração, a abolição das liberdades civis e a destruição da oposição intelectual eram somente princípios fundamentais destinados a remover os obstáculos que poderiam obstruir a marcha para esta maior Alemanha. Tornou-se um convicto representante da tirania, cujos instrumentos não constituíam preocupação para a sua mente; o que contava era apenas a escolha dos melhores métodos para os utilizar.

De cabelo louro, garboso, Alfred Funk era um homem de inegável energia que conseguiu impor a sua autoridade.

Como as diretivas e os métodos de ação provinham de Berlim, de Heydrich e Eichmann, do Departamento 4B da Gestapo, o Oberführer Funk foi encarregado de servir como agente especial de ligação com Globocnik em Lublin.

Ao ser convocado para comparecer na Municipalidade a fim de se avistar com o Oberführer Alfred Funk, Emanuel Goldman suspeitava já qual era a missão de Funk em Varsóvia.

Funk disse, impassível :

— Preocupa-nos a absoluta falta de higiene verificada nos hábitos dos Judeus. As vossas casas estão pejudadas de piolhos. E os piolhos originam o tifo.

Funk, na verdade, insinuava que se ia operar uma mudança completa na política germânica em relação aos Judeus, pensava Goldman.

— Não sou médico, como o eminente Frank Koenig — respondeu Goldman de modo conciso -, mas os vossos regulamentos, negando-nos facilidades sanitárias, são a causa desta erupção de piolhos.

Funk fitou-o. Ele não tugiou nem mugiu. «O velho é rijo.» O nazi pegou num papel.

— Os nossos fatos provam cientificamente o contrário.

Toda a gente sabe que os Judeus são porcos. Repare nesses barbudos. Um perfeito ninho de piolhos.

— Isso nunca nos trouxe qualquer cuidado no passado — respondeu Goldman.

— Mas existe o problema agora, não é verdade, Goldman?

Pois bem, Goldman, desejo que a Autoridade Civil nos ajude a proteger os cidadãos de Varsóvia. Ponha a Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo a proceder à desinfecção dos tugúrios. Cada judeu munir-se-á de um cartão chancelado depois de se encontrar em ordem quanto a estas medidas higiénicas. Terá de conservar o cartão se quer receber as rações. Efetuaremos extensivas inspeções às residências particulares a fim de debelarmos este flagelo.

«Queres dizer bandos de saqueadores sob o disfarce de inspeção médica», pensou Goldman.

— A fim de controlar esta situação, originada pelos judeus de Varsóvia, vedámos certas zonas da cidade, que ficarão sob quarentena.

Goldman sabia... «Eis que chegámos à questão.» — Todos os judeus se devem mudar para a zona que se encontra sob quarentena dentro de duas semanas, com pena de morte para os que desobedecerem. Funk estendeu sobre a sua secretária, e diante do velho, um mapa de Varsóvia.

A área afetada ia desde a ponte do caminho de ferro, na parte norte, até ao Bulevar de Jerusalém, compreendendo o bairro de Zoliborz. O limite oriental era constituído por uma linha em ziguezague, que ia além dos Jardins Saxónia, e o limite ocidental quase bordejava os cemitérios judaico e católico. Funk observava-o. Não se ganhava nada em discutir com o alemão.

— Goldman — continuou Funk -, deve concordar que estamos em guerra com os Judeus.

— Não posso discordar.

— Portanto, consideramos que os bens dos Judeus, pessoais e outros, são legítimos despojos de guerra. Assim, quando se



encontrar terminada a mudança para a zona de quarentena, deve dar início a um arrolamento de todos os bens judaicos. Nomeei o Dr. Koenig arrolador de todos esses bens, os quais incluirão, além dos interesses comerciais, contas de banco, joias, peles, etc., e ficarão sob a custódia do Dr. Koenig.

«Koenig! Meu Deus, como ele subiu...» — Uma coisa, para finalizar, Goldman. Em virtude de vós, Judeus, terdes originado o surto destes perigos deploráveis e consistentemente desobedecido às nossas diretivas, multamos todos em trezentos mil zlotys. Mantemos cinquenta pessoas na Prisão Pawiack para assegurarmos o pagamento da multa no prazo de uma semana. A vossa Autoridade Civil fica encarregada de reunir aquela quantia.

Ordeno lhe que prepare diretivas referentes aos assuntos que discutimos; voltará amanhã aqui a fim de eu as examinar.

Quando voltou ao edifício da Autoridade Civil, em Zybowski 28, Goldman convocou imediatamente o conselho diretivo. Goldman relatou a sua conversa com o brigadeiro Alfred Funk a sete homens estupefatos.

— A ordem de quarentena é simplesmente um leve disfarce que encobre o estabelecimento de um ghetto. Se reunirmos os fundos para pagar esta multa, outras se sucederão.

Quanto ao arrolamento de bens, não é preciso explicar-vos o que isso significa. A parte mais pavorosa de todo o plano consiste em sermos obrigados a emitir as ordens. Ora nós, na Autoridade Civil, acreditámos que podíamos ser úteis à comunidade e construir uma muralha protetora entre ela e os Alemães. Estes estão a converter a Autoridade Civil num instrumento destinado à realização dos seus sórdidos desígnios.

Os presentes achavam-se dominados pelo medo. Todos sabiam o que os Alemães tinham em mente. Cada um deles compreendia também que defrontavam um momento em que tinham de sondar os mais fundos recessos da sua alma a fim de verem se encontravam aí uma reserva oculta de coragem.

Enquanto cumprissem as ordens dos Alemães, eles e as suas famílias estavam a salvo. Desafiá-los podia acarretar lhes a morte

imediate. Valeria a pena morrer por isto? Emanuel Goldman, o presidente do conselho diretivo, dizia que sim.

Um por um, revelaram o que pensavam. Weiss, que fora durante toda a sua vida um oficial do Exército, nunca seguira os ditames religiosos do judaísmo. Considerava-se a si mesmo um polaco assimilado. Estava furioso. Abateu o punho sobre a mesa.

— Certamente que, como conquistadores, eles dar-nos-ão a opção de uma retirada honrosa — disse ele.

«Que disparate», pensou Goldman. «Weiss está ainda a fazer de coronel.» — Estes não são soldados, mas nazis — volveu Goldman.

— Não sei se eles nos permitirão a renúncia.

Seguiu-se Silberberg. Outrora escrevera peças nas quais exaltara os mais belos ideais. O terror tornara-o conformista.

Estava deprimido e de mau humor. Odiava-se por isso.

— Nós não somos colaboracionistas — disse, apoderando-se das suas últimas reservas de energia.

Seidman, o engenheiro, era ortodoxo.

— A miséria não é coisa nova para o povo judeu. Já vivemos antes com ghettos.

Enquanto falava começou a expender as opiniões do rabi Solomon, mas Goldman sabia que Seidman falava com convicção, e não por medo.

Marinski era um industrial. Passara uma vida administrando a sua fábrica de curtumes. As novas ordens acarretar lhe iam a confiscação da fábrica, estava certo disso.

Tinha de fazer cálculos. «Como membro da Autoridade Civil, poderei salvar a minha fábrica. Mas se mostrarmos firmeza, os Alemães voltarão atrás nos seus intentos?» Uma outra coisa inquietava Marinski. Ele era um homem justo e orgulhoso. O justo e o injusto pareciam evidentes.

— Nós devemos opor-nos — disse ele.

Schoenfeld, que era um brilhante advogado, pensava da mesma maneira.

— Não importa quão completa é a ocupação. Não importa quão forte é a sua autoridade, o que é certo é que eles têm de

basear todas as suas ações em razões. Eles deram-nos uma com a desculpa de uma quarentena. Com um certo esforço da nossa parte, estou certo de que podemos forçá-los a obedecer às elementares regras da decência.

Obriguemo-los a negociar.

Paul Bronski afirmou :

— Não temos por onde escolher. A quem poderemos dirigir um apelo? A um mundo exterior que não nos dará ouvidos? Schoenfeld, é loucura pretender negociar com eles a respeito do ghetto. Eles desejam-no, as ordens provêm de Berlim, e estabelecê-lo-ão. Nada podemos fazer em contrário.

— Podemos, sim — respondeu Goldman. — Podemos comportar-nos como homens.

Boris Presser, o comerciante, que fazia sempre o possível para se não imiscuir nos grandes debates, nada disse.

Manifestou apenas a sua adesão às opiniões de Paul Bronski e de Seidman, que não concordavam que se protestasse contra as decisões dos Alemães.

— Por uma maioria de cinco contra três, foi decidido apresentar um protesto a Funk.

Paul sentiu uma brusca onda de náusea. Pôs-se de pé.

— Não possuímos regulamentos que estipulem devermos submeter as nossas questões a uma votação. Somos apenas membros independentes de um departamento. Se quiserem apresentar um protesto a Funk, façam-no em nome dos outros, não no meu.

Seria isto uma explosão de cobardia? Ou antes uma manifestação do seu fundo desejo de sobrevivência? Goldman hesitava entre as duas hipóteses. Perguntou a si mesmo se, no fim de contas, o protesto não seria um gesto inútil.

Haveria mais cinquenta homens iguais a Paul Bronski dispostos a substituí-los e outros cinquenta que não se importariam de tomar o lugar destes. Que se ganharia com um protesto? Bronski era o mais realista de todos eles.

Os Alemães levariam a cabo o que tinham em mente, fosse como fosse.

Emanuel Goldman sentia-se muito cansado. Tinha 73 anos. Os filhos estavam casados. Vivia só com a sua governanta.

Desfrutara uma vida mais do que abastada. Viajara e granjeara renome para o seu povo e para o seu país. Um golpe do destino lançara-o numa posição que não desejava, mas aceitava-a sem protestar. Fora nomeado presidente do conselho diretivo da Autoridade Civil porque Franz Koenig pensara que ele era um fraco. Goldman estava longe de ser fraco. Era um idealista que não sabia como se desligar das coisas em que acreditava.

Passou a noite pensando os prós e os contras da sua decisão e comunicou-a aos seus amigos David Zemba, do Socorro Americano, e Alexander Brandel. Deixou-os sabendo que, provavelmente, os não tornaria a ver.

De manhã apresentou-se perante o Oberführer Alfred Funk. Sentou-se muito calmamente defronte do alemão, uma perfeita imagem da confiança, a antiga flamância insinuando-se ainda nos seus maneirismos. Funk compreendeu, logo que ele entrou no gabinete, mas os seus frios olhos azuis não traíram os pensamentos que se lhe agitavam, em turbilhão, na mente.

— Preparou as diretivas?

O velho sacudiu a cabeça.

Funk não mostrou surpresa ou cólera.

Não porei o meu nome numa ordem destinada ao estabelecimento de um ghetto — disse Goldman.

Fala em nome de todos os membros do conselho?

--Sugiro que lhes pergunte — retorquiu.

— Sou curioso--volveu Funk. — Porque faz isto?

Goldman sorriu.

— Sou mais curioso ainda. Porque faz isto?

Olharam-se fixamente durante alguns instantes, até que Funk desviou a vista, por não suportar mais aquele mudo desafio.

Goldman levantou-se, inclinou-se levemente, os seus longos cabelos brancos e sedosos, caindo lhe para a testa.

— Bom dia — disse, e saiu.

Alfred Funk pensou durante um momento nas diferentes possibilidades que se lhe ofereciam; depois encolheu os ombros em

resposta aos seus pensamentos e, despreocupadamente, levantou o auscultador do telefone.

— Comunique ao Sturmbannführer Stutze que desejo a sua comparência imediata no meu gabinete.

Entrada do diário.

Emanuel Goldman foi assassinado na noite passada.

Parece ser trabalho pessoal do Sturmbannführer Sieghold Stutze. Foi espancado até à morte com um tubo e o seu corpo lançado para a rua, para defronte do edifício da Autoridade Civil, como um claro aviso.

Boris Presser, que nenhum de nós conhece, foi nomeado presidente do conselho diretivo da Autoridade Civil, sendo concedidos mais latos poderes ao Dr. Paul Bronski.

Agora devo entender-me com Bronski em todas as questões que dizem respeito à Sociedade dos Órfãos e Auxílio Mútuo. Nada podemos esperar de Bronski que se compare com o que Goldman fez por nós.

*Alexander Brandel*

## CAPÍTULO XVII

Entrada do diário.

Estamos já no Verão de 1940. As notícias do mundo exterior, nossa única grande fonte de esperança, mencionam desastre após desastre. A Noruega e a Dinamarca capitularam.

Os Países Baixos e a derrocada de Dunquerque.

A Itália arrastada para a guerra. O poder alemão está ainda no apogeu, incontível. A França pagou por uma década de política de apaziguamento. \_ Rudolph Schreiker não tem mais que se preocupar com a Autoridade Civil Judaica, agora que é dirigida por Boris Presser. A cooperação de Paul Bronski com a Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo é orientada em rígida conformidade com as diretivas germânicas.

Os judeus pobres viram-se despojados dos seus bens pessoais, que foram levados em carros para longe de si.

Não têm outro remédio senão inscreverem-se para trabalho escravo numa das dezenas de novas fábricas alemãs e de empresas que irromperam por toda a região de Varsóvia,.

O Dr. Franz Koenig é proprietário de três ou quatro destas fábricas. Quando se verifica necessidade de mão-de-obra, eles fazem simples rusgas nas ruas, e nunca mais se sabe das pessoas que levaram.

Os ricos podem haver-se com menos dificuldades. Instituiu-se um negócio em larga escala de ouro, joias e falsos papéis arianos. Nas classes elevadas cada um procura salvar a pele. Quanto à nossa gente, menos favorecida, não obtemos para ela senão um auxílio superficial, prestado por elementos isolados; a grande massa dos Polacos não nos manifesta outra coisa senão apatia.

Existem dúvidas sobre quem governa a Polónia? Certamente que não. Pode afirmar-se que é o Grunfihrer Globocnik, em Lublin. Diz-se que o governador-geral, Hans Frank, apresentou um protesto

a Hitler contra a deportação para a Polónia de judeus provenientes de toda a Europa.

Não o escutaram. Estão a mandar para cá judeus às dezenas de milhares, que concentram nas dezesseis «reservas» judaicas, conforme o plano-piloto estabelecido em Berlim, que decidiu a «realocação de todos os judeus nos países ocupados. \_ Alguns judeus alemães e austríacos mostram-se bastante arrogantes. Conseguiram alugar belos apartamentos e consideram-nos a nós, pobres judeus polacos, seres inferiores.

Porém, a grande maioria chega numa miséria total. O Dr.

Slater, que dirige o pessoal médico da Sociedade dos órfãos e de Auxílio Mútuo, receia um surto epidémico e, possivelmente, fome generalizada, caso haja novo corte no racionamento. Poderá o Socorro Americano de David Zemba fazer face ao número e à gravidade dos novos problemas que defrontamos?

Qual é o objetivo último do plano-piloto dos Alemães?

Enquanto as suas vitórias aumentam, decresce o seu temor quanto à opinião mundial. Soube que o Departamento 46 da Gestapo, que, sob a direção de Adolfo Eichmann, dirigente da Kurfurstendamm, em Berlim, os assuntos judaicos, é um império dentro de outro império.

*Alexander Brandel*

Para Andrei tornava-se cada vez mais perigoso ausentar-se de Varsóvia. Na sua última viagem passara um mau bocado quando, num ramal foi efetuada uma imprevista verificação de papéis. Teve de passar sub-repticiamente ao inspetor polaco que descobriu ser falso o seu passe de viagem uma gratificação de trezentos zlotys, e a coisa ficou por aí. Trazia sempre consigo as notas dobradas entre os seus papéis, de modo a poder comprar, no próprio local, o silêncio de qualquer inspetor.

Quando Emanuel Goldman dirigia a Autoridade Civil Judaica, eram concedidos passes de circulação a Andrei com o pretexto de tratar de assuntos da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo. Agora, que era o agente de ligação entre os dois organismos, Paul Bronski não emitia senão os Passes regulares.

Andrei tinha de viajar com papéis falsos, como se fosse ariano. A sua Kennkarte estava em nome de um certo «Jan K. Qwab. Os riscos normais eram aumentados pela atuação de bandos de vadios que rondavam as estações de caminho de ferro na mira de descobrir judeus que violassem as diretivas ;

no caso de não cederem às tentativas de extorsão destes malandrins, as vítimas eram entregues aos Alemães, que premiavam os captores.

Graças à sua aparência ariana e ao seu evidente vigor físico, Andrei conseguira efetuar seis deslocações munido de passes falsos.

Por quanto tempo podia ainda evitar a detenção, eis o que por vezes perguntava a si próprio.

Chegado à estação terminal no Bulevar de Jerusalém, dirigiu-se diretamente a Mila 19, a fim de se pôr em contato com Alexander Brandel. Percorrera apenas algumas centenas de metros quando se deteve a observar o fluxo humano que se derramava na zona judaica de quarentena.

A princípio os infelizes provinham de outros bairros de Varsóvia, depois dos arrabaldes e do campo. Agora chegavam de outros países. Redes de arame farpado barravam dezenas de ruas; colocadas sob guarda armada, delimitavam a zona de quarentena.

Uma longa fila de seres miseráveis e aturdidos estirava-se pela rua a partir do terminal norte e prolongava-se para sul numa distância considerável. As rodas de ferro no empedrado faziam intenso barulho. Alguns dos mais abastados de entre os recém-chegados transportavam os seus pertences em carroças puxadas por cavalos. Outros conduziam-nos empilhados em carros atrelados a bicicletas e outros ainda em carros de mão. Muitos traziam os seus bens embrulhados num simples lençol, que carregavam às costas.

Bufarinheiros tentavam vender lhes braçadeiras, panelas, tachos, livros e vários outros artigos. Os assistentes da Sociedade de Auxílio Mútuo esforçavam-se por pôr um pouco de ordem neste caos.

— Onde vêm eles? — perguntou Andrei a outro curioso.

— Da Bélgica.



Apesar de ter presenciado muitas vezes cenas semelhantes, aquele espetáculo deprimiu-o. Uma cólera intensa e crescente invadiu-o. Bruscamente, desviou-se do caminho para Mila 19 e dirigiu-se em passadas rápidas para Leszno 92, o quartel-general de Simon Éden.

pela Leszno 92 espriava-se uma fila de refugiados que alongava mesmo para além dela, por um bloco inteiro.

Alguns voluntários faziam o registo dos recém-chegados, enquanto outros lhes distribuía sopa. Andrei contornou a fila. A multidão tornou-se depois apenas uma enorme mancha de caras.

Entrou na sala principal e foi imediatamente reconhecido. Quero falar com Simon — disse num murmúrio a uma das jovens que se encontravam detrás do balcão.

Em virtude de ser o mais importante dos sionistas de Varsóvia, Simon Éden vivia em semi-reclusão nas águas-furtadas.

Três assobiadelas advertiam-no todas as vezes que um amigo subia. Um sinal diferente fazia-o trepar aos telhados, onde encontrava esconderijo seguro.

Andrei subiu a escada que dava acesso ao abrigo. Simon puxou-o, no último degrau. Deram-se uma palmada nas costas e entraram no pequeno aposento. Abafava-se devido ao calor do meio-dia que, pelo telhado, penetrava na mansarda, desprovida de ventilação. Andrei abriu a camisa e tirou o chapéu. Simon sorriu ao ver que Andrei ainda trazia as suas botas, como desafio simbólico ao inimigo.

Simon abriu e fechou meia dúzia de gavetas da escrivaninha até que descobriu uma garrafa de vodka meio cheia.

Tomou um gole e passou-a a Andrei.

— Que tal foi a viagem?

Andrei encolheu os ombros.

— Boa e má.

— Viste alguém da minha gente?

— Cracóvia. A imprensa clandestina está a ganhar importância.

Pelo menos, mantém o povo informado de todas as ações dos Alemães.

— E quanto ao ghetto de Lodz?

— Não sei se poderemos lá instalar casas da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo. O bastardo do Chaim Rumkowski comporta-se como um imperador louco. Desloca-se Por todo o lado com um par de guardas alemães.

Simon resmungou. Andrei relatou os restantes acontecimentos, cidade por cidade, e um véu de melancolia, tão espesso como o calor, envolveu-os. Simon não precisava de um perito para analisar as novidades. As suas feições escuras e rudes retesavam-se à medida que as palavras de Andrei traduziam uma situação que piorava uniformemente.

— Que diz o Alex acerca de tudo isto?

— Não vi ainda o Alex — respondeu Andrei. — Dirigi— -me diretamente da estação para aqui.

Simon fitou-o com curiosidade.

— Que tens em mente, Andrei?

— Foste oficial do Exército, Simon. Desde que me lembro, temos sido sempre amigos. De entre todos os que estamos metidos nisto, tu e eu somos os únicos que têm maneiras de ver idênticas. Quando surgiram as primeiras dificuldades, quis atravessar a fronteira e arranjar armas. O Alex dissuadiu-me.

Tenho cooperado em tudo, mas... após esta última viagem... Simon temos de responder a estas contínuas provocações, golpe por golpe.

Simon tomou outro gole de vodca e passou a mão pelo queixo.

— Não passa um dia que não se me revolve o estômago.

É tudo o que posso fazer para não explodir.

— Se me dirigir a casa do Alex, ele dissuadir-me-á novamente de dar começo a um movimento de resistência. Com a sua conversa, ele é capaz até de amansar um leopardo.

Mas se nós o procurarmos, tu falando em nome dos sionistas confederados, e lhe apresentarmos um ultimato, ele terá de começar a pôr à nossa disposição parte dos fundos fornecidos pelo Socorro Americano para comprarmos armas. É necessário que o façamos agora. Thompson está com receio de andar a ser vigiado pelos

Alemães. Se o expulsarem da Polónia, perderemos uma das nossas principais fontes de obtenção de dólares americanos.

Simon Édén limpou o suor da testa com a manga da camisa e caminhou para a pequena janela que se abria acima de seis pisos do edifício. Centenas de refugiados miseráveis formavam uma linha que se estendia para a Leszno 92, a fim de receber uma tigela de sopa e uma Kennkarte que lhes desse o «privilégio» de se inscreverem no trabalho escravo.

— E quanto àqueles ali em baixo? — perguntou Simon Somos tudo o que ainda lhes resta.

Por quanto tempo consentirás que te esbofeteiem sem levatares a mão?

Simon rodou sobre os calcanhares e afastou-se da janela.

— Que diabo podemos nós fazer?

Matar esses bastardos! Tornar a vida deles num inferno!

.. Andrei! A Dinamarca, a Noruega, a Polónia, a França, a Bélgica, a Holanda, capitularam. Cederão eles aos nossos ataques? Matarão, como represália, vinte, trinta, cem, dos nossos, por cada um deles que matarmos e assassinarão mulheres crianças e velhos. Queres assumir essa responsabilidade?

— És um doido danado, Simon, e Alex tanto como tu.

Pensas realmente que eles se satisfarão com os ghettos e com o trabalho escravo? Eles têm em mente fazer-nos desaparecer da face da Terra.

Os dois gigantes fitaram-se nos olhos, vivas imagens do furor e da frustração. Simon sacudiu a cabeça.

— Um destes dias chegaremos à hora última, e, por Deus, compreenderás então que não existe outro caminho senão lutar pela nossa sobrevivência — disse Andrei.

Andrei deixou Simon Édén num estado de cólera incontável.

Não se dirigiu a Mila 19 para ver Alexander.

Passariam horas entre reflexões e discussões violentas.

Alterman, Susan e Rosy escutá-lo-iam nas suas monótonas exposições, em que avultaria o seu receio pela instalação de novos ghettos, o contínuo assassinio de intelectuais, os campos de trabalho escravo, as inacreditáveis violências.

E eles tentariam abrir uma nova casa da Sociedade de Órfãos e de Auxílio Mútuo em Bialystok ou em Lemberg. Tentariam imprimir um jornal de uma única página. Empilhariam alguns sacos de areia para conter um rio devastador, que crescia de fúria.

Andrei dirigiu-se em passadas rápidas para o apartamento de Gabriela, tentando fechar os olhos e os ouvidos as cenas agónicas que o cercavam. Muitos eram os que se tornavam anónimos nesta época em Varsóvia. Gabriela fazia parte deste número. Segundo um código não escrito, se se ignorava um amigo que nos reconhecia num WC público, ele compreendia a intenção.

Gabriela mudara-se para um apartamento mais acanhado na Rua Shucha. Por intermédio de Tommy Thompson, e] comunicara à mãe e à irmã que correria grande perigo se elas tentassem pôr-se em contato consigo. Deixou, por sua livre vontade, de receber a mesada que lhe enviavam para a Polónia e conseguiu um modesto emprego como professora de francês e inglês na pequena escola do Convento das Ursulinas.

Andrei deteve-se diante do apartamento de Gabriela. No lado oposto da rua ficava o quartel-general da Gestapo. Por ironia da sorte, o apartamento de Gabriela era provavelmente o lugar mais seguro de Varsóvia. Era ainda cedo. Ela não devia estar ainda em casa. Andrei rabiscou uma nota que lançou na caixa do correio da amante, de modo que ela não se assustasse com o imprevisto da sua presença.

Andrei tirou o boné e afundou-se numa grande cadeira de braços, esforçando-se por se libertar da tensão que o consumia. A viagem fora esgotante. Refletiu que não dormira mais do que algumas horas nos últimos três dias. Os olhos cerraram-se lhe e ele fez deslizar a cara de modo que os raios quentes do sol incidissem sobre si, e pouco depois dormitava.

... O ruído de passos despertou-o abruptamente. Gaby lera o bilhete. Ela subia as escadas quase a correr. Depois a porta abriu-se de supetão e fechou-se rapidamente. Gabriela pousou no soalho os embrulhos com provisões, para os seus olhos melhor o procurarem nas sombras da noite.

Sentou-se nas pernas do amante e encostou a cabeça no peito dele; então, estreitaram-se nos braços um do outro, num silêncio apenas perturbado pelos profundos suspiros de alívio que ela era incapaz de conter; não faziam o mínimo movimento; porém, o corpo dela tremia intensamente.

Ela fitou-o. O rosto de Andrei estava vincado pelo cansaço.

Achava-se exausto. Dia a dia dava-se conta de que o seu vigor se exauria. Sentia-se extenuado após cada viagem. Devorava-se continuamente.

Mas neste momento ela podia fazer-lhe uma transfusão de vida. Andrei sorria de prazer ao sentir as pontas dos dedos de Gabriela, que lhe seguiam o contorno do rosto, e os lábios que lhe tocavam levemente os olhos, as orelhas e o pescoço.

— As coisas correram mal desta vez — disse ele. — Não sei por quanto tempo mais poderei suportar esta vida.

--Vou cuidar de ti, querido...

Ele desabotoou a camisa, apalpou o peito e os ombros e pouco a pouco os nós da tensão dissiparam-se.

— Vou cuidar de ti — ciciou ela.

— Gaby...

— Diz, querido...

— Quando me tocas assim, parece que todas as minhas penas se desvanecem. Porque és tão boa para mim?

— Chiu... chiu... repousa, querido...

— Gaby, quando é que eles deixarão de nos atormentar?

Que querem eles de nós?

— Chiu... chiu... chiu...

## CAPÍTULO XVIII

Entrada do diário..

Não escondas o teu anel de ouro, mãezinha, O destino é-te completamente adverso ;

Pois se os Alemães não o encontrarem, Kleperman, o gonijj, o desencantará.

Estes versos são atribuídos ao Doido Nathan, um débil de espírito que percorre o ghetto fazendo versos e algumas observações bem clarividentes. Ninguém sabe donde veio o Doido Nathan, quem são os pais dele, ou mesmo qual é o seu verdadeiro nome. Vestido com trapos imundos, dorme nos passeios da rua e nas caves. Toda a gente o considera um idiota inofensivo e o trata com benevolente tolerância.

O Doido Nathan aparece nos melhores cafés do sector judaico e, após alguns versos novos, ganha a sua refeição.

Ele prefere peixe, porque o pode partilhar com a dúzia de gatos vagabundos que o seguem. Batiza os gatos com os nomes dos membros do diretório da Autoridade Civil Judaica.

*Alexander Brandel*

Max Kleperman era um produto dos bairros miseráveis Compreendeu, na tenra idade, que era mais fácil viver à custa dos seus semelhantes do que, Deus lhe perdoe, dobrando as costas a um trabalho honesto.

Aos 5 anos Max era um artista de primeira água. Podia vadiar pelo centro comercial malcheiroso e barulhento que era a Praça Parysowski e furtar com espantosa habilidade os artigos dos carros de mão pertencentes aos velhos judeus barbudos. Por volta dos 7 anos era um perito na revenda das mercadorias roubadas.

Enquanto bons jovens judeus, como Andrei, faziam as entregas de galinhas dos pais, com o risco de serem roubados e espancados pela canalha, jovens judeus pervertidos, como Max

Kleperman, mostravam a sua aptidão natural como receptadores. Max comprava todas as galinhas roubadas e outros artigos aos malandrins e tornava a vendê-los na feira de Paryowski com lucros surpreendentes.

Cerca dos 14 anos já havia sido, por três vezes, hóspede da Prisão Pawiak. Uma vez por roubo, outra por extorsão e a terceira por trapaça.

Por volta dos 16 anos instalou-se no seu habitat natural, o bairro de Smocza, habitado pela escória dos judeus de Varsóvia.

Aos 17 foi aceite como membro reputado do Cabaré Granada, o mais notório antro de rufiões e gangsters da Polónia.

Enquanto crescia, os variados talentos de Max desenvolviam-se.

Tornou-se chefe de uma quadrilha de valentões que, à força dos seus músculos, se introduziram no meio comercial da Praça Grzybowski. A toda a volta da praça encontravam-se os armazéns dos negociantes de material de construção, os lugares dos artesãos, os escritórios de empreiteiros, mestres-de-obras e pequenas oficinas de trabalhos de ferro. Utilizando o seu talento de revendedor, e com a ajuda de amigos, Max conseguiu fazer-se notado no meio mercantil da praça, não tardando que os seus métodos se "tornassem o padrão da maioria das operações normais. Apenas a oposição dos sindicatos operários o impedia de ser o senhor absoluto.

Participava em todos os negócios, desde o planeamento à realização. Usava no dedo mínimo um diamante de oito quilates e a cinza dos seus charutos derramava-se negligentemente sobre metade dos contratos de construção assinados em Varsóvia.

Max sentia-se como em sua própria casa no Cabaré Granada ou mesmo nos antros dos goyim de Solec, onde era respeitado; mas, de maneira bastante estranha, começou, em certa fase da sua vida, a perguntar a si próprio qual seria a finalidade desta lida árdua e criminosa. De fato, ele não passava de um patife.

Max Kleperman não desejava continuar a ser um patife.

Ele queria ser tão respeitável como os «novos-ricos» que passeavam na Avenida dos Marechais, no dia do Sabat.

O poder que granjeara de nada servia aos seus desejos de obter a simpatia das classes mais dignas, o que o aborrecia.

Assim, decidiu comprar a respeitabilidade. Em primeiro lugar, adquiriu a bela e antiga mansão de um nobre que residia em França. Mas nada lucrou com isso. Os vizinhos olhavam-no como se ele fosse um leproso.

Max, porém, era tenaz. Contratou um jurisconsulto caro e ordenou-lhe incisivamente que cumprisse um programa que se resumia em três palavras: «Torne-me respeitável!» O primeiro gesto do jurisconsulto foi comprar dois lugares na Grande Sinagoga Tlomatskie. Max podia ali exhibir-se nos dias das grandes festas religiosas, quando a sinagoga se encontrava a transbordar de gente e os polícias uniformizados continham à distância as turbas de curiosos que faziam «oh!» e «ah!» à passagem do escol.

Max inscreveu-se num programa de filantropia. Dava aos pobres, acariciava a cabeça dos órfãos e oferecia bolsas de estudo aos estudantes necessitados.

Desempenhou-se com tanta perfeição destas atividades que o aceitaram como membro de meia dúzia de sociedades profissionais. Depois seguiu-se uma série de festas e recepções faustosas.

Em breve Max era tão respeitável que despediu o jurisconsulto.

A fim de consolidar esta posição, adquirida com tanto esforço, Max decidiu desembaraçar-se da mulher; ela era tão ignorante que se tornara, para o marido, uma fonte constante de embaraço. A mulher ficou encantada com a pensão que o marido lhe concedeu. Max começou então a frequentar os círculos indicados pelas casamenteiras profissionais, pois desejava encontrar uma jovem bonita e prendada pertencente a uma boa e devota família.

Encontrou uma. Sónia Fischstein preenchia todos os requisitos.

A família era ortodoxa, respeitável, tradicionalista, e aceitou discutir o pedido formulado por Max quanto ao casamento com a filha. Ao rabi Solomon foi solicitado negociar os termos da operação.

O rabi Solomon compreendeu imediatamente as intenções nada virtuosas de Kleperman. Max ficou furioso com a atitude do



velho. Chegou mesmo a pensar em suprimi-lo.

Todavia, compreendeu que o rabi Solomon era um homem verdadeiramente respeitável — sem dúvida o homem mais respeitável da Varsóvia judaica. Assim, resolveu conquistar as boas graças do bondoso ancião.

O rabi Solomon não se deixou enganar. Considerou todos os pormenores. Max jamais mudaria, mas o seu anseio de respeitabilidade impedi-lo-ia de transpor os limites razoáveis ;

havia ainda certa esperança de que o pouco de decência que ele dava mostras de possuir fosse bastante para o impedir de continuar a sua existência criminosa. Além disso, não restavam a Sónia Fischstein muitas oportunidades de casamento. Assim, o rabi resolveu dar o seu assentimento ao enlace.

O rabi Solomon chamou a si o encargo de guarda terrestre da alma de Kleperman. E Max, sagaz que era, deu-se conta de que o seu único liame com o Criador era propiciado pela benevolência do rabi.

Quando os Alemães invadiram a Polónia, Max sentiu-se triste ao verificar que ninguém gostava deles. Era, porém, um homem realista. O seu passado tornava-o o homem mais capaz para o género de negócio que florescia então — o «mercado negro», o contrabando, a compra e venda de moedas.

De fato, as oportunidades eram realmente grandes; como nunca, podia dizer-se. Além disso, não era difícil negociar com os Alemães. Antes de se terem dissipado os últimos fumos dos combates, Max Kleperman pôs-se em contato com o Dr. Franz Koenig e persuadiu-o de que a sua organização era indispensável aos Alemães.

Por essa altura o Dr. Koenig tinha por solucionar o problema da abertura dos bordéis destinados aos soldados alemães, um assunto no qual a Autoridade Civil Judaica recusara cooperar. Desejoso de provar o seu zelo a Rudolph Schreiker, o Dr. Koenig confiou a Max a sua primeira missão: o rapto de uma centena de meretrizes. Max servira, na adolescência, de intermediário de prostitutas; porém, não se dedicara a tal negócio depois de se tornar respeitável. Contudo, as suas ligações com o meio do Solec eram

ainda ativas, e dois dias mais tarde satisfazia o encargo que lhe confiara o Dr. Koenig.

O Dr. Koenig compreendeu que possuía um verdadeiro aliado.

Com ampla licença para operar, Max Kleperman reuniu à sua volta o bando mais imoral de trapaceiros de Varsóvia.

Os seus tentáculos espraivavam-se por todos os domínios.

Quando os Alemães impuseram o trabalho forçado, Max achou que, por fim, fora esmagado o seu inimigo: os sindicatos operários. Para começar, cravou as suas garras na indústria da construção civil e, daí, apropriou-se de dezenas de negócios sólidos e legítimos. Apoiado pelo braço forte dos Alemães, tornou-se uma atitude realista manter negócios com Max e com os seus sócios.

A principal fonte de lucros era o tráfico de proteções.

No caso de um pai ou de um filho ser filado pelos Alemães numa rusga de rua e conduzido depois para um campo de trabalho escravo fora de Varsóvia, Kleperman podia encarregar-se da sua libertação, segundo um preço combinado.

Era neste domínio que ele representava o seu papel de benfeitor do povo. Quando alguém vinha procurá-lo a fim de conseguir a libertação de um parente, Max recebia-o com grande simpatia, não sem tentar extorquir-lhe o máximo.

Dizia-lhe que era necessário bastante dinheiro para concluir a transação com os Alemães. Existe uma espécie de honra entre os ladrões. Max recusava receber qualquer sinal antes de conseguir a libertação. O Dr. Koenig, Sieghold Stutze e Rudolph Schreiker comiam também, bem entendido, uma larga fatia do bolo.

Os interesses de Max tornaram-se tão vastos que ele e seis dos seus cúmplices alugaram um edifício situado numa esquina das Ruas Pawia e Lubeckiego, defronte da Prisão Pawiak, donde dirigiam os seus negócios. A organização tornou-se conhecida pelo nome dos Sete Grandes.

Quando os Alemães ordenaram o arrolamento dos bens judaicos, o Dr. Koenig foi nomeado curador de todos os imóveis de Varsóvia que eram propriedade de judeus. Os Sete Grandes passaram a ser os agentes de Koenig.

Quando foram tornadas públicas as diretivas que estabeleciam a zona de quarentena, os Judeus tiveram de mudar-se das suas residências, disseminadas por todos os bairros de Varsóvia, e instalar-se nesse sector restrito. Oitenta mil cristãos que viviam na zona de quarentena iam ser substituídos por cento e cinquenta mil judeus. Durante as duas semanas em que se efetuou a mudança — com a brusca deslocação de duzentas e cinquenta mil pessoas — os Sete Grandes fizeram negócios fabulosos.

No meio da agitação incontrolável produzida por filas intermináveis de galeras e carroças registou-se uma corrida frenética de cento e cinquenta mil pessoas que procuravam encontrar alojamento numa área destinada a conter apenas oitenta mil.

E os alojamentos eram disputados pelos Judeus a preços exorbitantes. Como agente da repartição de Koenig, Kleperman conseguiu fazer alugueres e vendas por somas astronómicas aos que eram suficientemente abastados para aceitar tão onerosas condições, dando-se mesmo assim ares de quem presta um favor.

Os preços das casas subiram novamente quando começou a deportação em massa de judeus dos países ocupados para a Polónia.

O Dr. Franz Koenig e os outros chefes alemães preferiam negociar com os Sete Grandes, principalmente devido à barreira linguística que existia entre Judeus e Polacos.

A maior parte dos Judeus falavam yiddish.

Pelos fins do Verão de 1940, Max Kleperman foi intimado a comparecer no gabinete do Dr. Koenig, na Municipalidade.

Quando foi introduzido, deparou-se lhe também.

para sua surpresa, Rudolph Schreiker e o Oberführer Alfred Funk. Max não se importava de tratar de negócios com o dr. Koenig, mas não gostava de Schreiker e sabia que, quando Funk se encontrava em Varsóvia, havia sarilho à vista, pois Funk era portador de novas ordens de Berlim.

Quanto mais cerimonioso Max se mostrava para com Schreiker mais este o vexava.

Kleperman fizera um generoso donativo ao Socorro de Inverno Alemão; contudo, não conseguira soffrear a antipatia manifestada

por Schreiker.

Max traía o seu nervosismo comprimindo continuamente o charuto entre os dentes. À cautela, guardara o diamante de oito quilates num bolso do colete, com receio de que acabasse no Socorro de Inverno Alemão.

Max via Alfred Funk pela primeira vez, mas notou imediatamente o desdém que este lhe votava.

O lábio superior de Max perlou-se de suor e a cinza do charuto caía lhe nas calças.

Rudolph Schreiker estendeu um mapa de Varsóvia sobre uma mesa. Max inclinou-se para o examinar. Uma espessa linha negra traçada com um lápis, gorduroso circulava as áreas que os Alemães tinham posto sob quarentena.

Na sua maior parte, ela seguia a direção tomada pelas redes de arame farpado nas ruas «epidémicas».

— Estudei nas últimas sete semanas a situação em Varsóvia e sinto-me aterrado — disse Alfred Funk. — Vós, Judeus, sois culpados de muitas infracções flagrantes aos nossos regulamentos. Comunicámos à Autoridade Civil Judaica que aplicámos uma multa de três milhões de zlotys aos Judeus e que esta soma deverá ser reunida dentro de uma semana.

Kleperman inclinou a cabeça num gesto de aprovação e mordeu o charuto.

— Como sabe, vocês sentem prazer em viver na imundície — continuou Funk. — Não nos parece possível fazer grande coisa para corrigir os vossos hábitos anti-higiénicos.

O tifo está a atingir proporções epidémicas, a despeito das nossas operações de desinfeccção. Portanto, a fim de protegermos o povo de Varsóvia, e para que de futuro vocês, judeus nojentos, não o contaminem, decidimos construir este muro em volta das áreas sob quarentena.

Max não ousou desviar os olhos do mapa.

— O general Funk considerou a ideia de entregar a construção deste muro a uma empresa do exterior. Sugeriu os Sete Grandes, com a condição de que o vosso orçamento seja razoável — disse o Dr. Koenig.

Max conseguiu compreender o significado da declaração de Koenig. Os Alemães continuavam a aplicar o seu plano, que consistia em obrigar os Judeus a executar as diretivas nazis, justificando assim as suas alegações de que «eram judeus que faziam aquilo a judeus».

Max acabara por adquirir, embora por processos vis, uma verdadeira perícia na técnica da construção. Com o charuto preso nos dentes, fez correr o polegar pela linha traçada pelos Alemães.

— Que género de muro têm em mente?

— Um muro de tijolo, com quatro metros de altura e três fieiras de arame farpado no topo.

Max humedeceu os lábios secos. A linha estendia-se por cerca de 17 ou 18 quilómetros. Fez uma série de operações numa folha de papel, a fim de calcular o número aproximado de tijolos, quilómetros de arame farpado e argamassa necessários.

— E quanto ao custo da mão-de-obra?

— A Autoridade Civil Judaica recrutará três brigadas de trabalhadores.

«Bom», pensou Max. «Trabalho escravo.» Gente que trabalhava pela comida. Tornou às contas. Utilizando trabalho escravo, materiais inferiores, tijolo que arranjará por aqui e por ali, podia muito bem fazer a obra por uma soma muito inferior aos três milhões de zlotys que eram o montante da multa, reservando, obviamente, amplo lucro para si.

— Com o preço do zloty...-disse quase num murmúrio.

— Estava a cinco para um... agora está a cem para um e continua ainda a subir.

— Não roube tanto que haja o risco de o muro cair — disse Rudolph Schreiker num tom seco.

Max entreteve-se ainda um pouco mais com as contas depois de volver o olhar de um para outro dos presentes.

Estou certo de que posso chegar a uma cifra satisfatória — Creio também que sim — retorquiu Funk.

Entrada do diário.

Na antiguidade o trabalho escravo dos Judeus edificou monumentos à glória dos Egípcios. Agora construímos um à glória dos Alemães. Pagámo-lo com uma multa. Observamos o seu progresso com estranha fascinação. Certas pessoas acolhem com alívio a perspectiva da instituição do ghetto. A segurança no número. Bem, o nosso número cresce. A população eleva-se a mais de meio milhão e está ainda a chegar gente.

Todas as manhãs se constituem brigadas de trabalhadores em vários locais da zona de quarentena. Depois são divididas numa dúzia ou duas de grupos mais pequenos, trabalhando cada um em sectores diferentes.

Uma feira de tijolos aqui... uma feira ali. Parece que tudo se faz ao acaso, sem um plano. De vez em quando dois grupos juntam-se.

A Gazeta de Cracóvia dá o maior relevo, na página 4, às suas tiradas na campanha empreendida quanto à falta de cuidados higiénicos manifestada pelos Judeus, afirmando que nós, «sub-humanos», devemos ser segregados.

O muro cresce cada vez mais. Meio metro, 1 metro, metro e meio. Segue um traçado bizarro, inexplicável. Dos sectores miseráveis da Rua Stawki e da Praça Parysowski, que estão coalhados de refugiados, desce para o sul, ao longo do cemitério judaico, e detém-se na elegante Rua Vienna, retomando de novo o seu curso rumo ao norte, em direção da Rua Wielka.

“O muro separa-nos dos Jardins Saxónia e da Grande sinagoga Tlomatskie. Estão-nos mesmo vedados os esqueléticos Jardins Krasinski. Não acredito que haja uma simples árvore no ghetto.

< E o muro lá segue por uns 16 quilómetros com desvios bruscos e absurdos. Quem concebeu este plano? Em certos locais o muro segue mesmo pelo meio da rua, deixando metade das casas no ghetto e metade fora. Na Rua Leszno corta um pátio em duas partes iguais. A Rua Chiada é uma nesga de terra no sector ariano e divide o ghetto em dois. O grande ghetto fica ao norte; um ghetto mais pequeno, ao sul. É neste que reside o escol — os membros da Autoridade Civil, a Milícia, os ricos e os deportados alemães e

austríacos. Uma ponte coberta de arame farpado atravessa a Rua Chlodna, ligando os dois ghettos. Chamam-lhe o «corredor polaco».

2, 3, 4 metros. O muro está agora construído, sem uma fenda. Dezenas de milhares de lascas de vidro foram cimentadas no topo, a fim de retalhar as mãos de quem quer que o tente escalar. Sobre as camadas de vidros foram colocadas três fileiras de arame farpado.

O muro tem treze portas. Nunca esse número infelizmente se revestiu de um significado mais sinistro. Encontram-se guardas a cada porta. Alguns elementos do Corpo Reinhardt comandam os guardas desarmados da Polícia Azul Polaca. Corre o rumor de que uma força de polícia judaica será constituída no interior do ghetto.

Ironia. Uma igreja católica em Leszno foi incluída no ghetto. Os católicos puseram-na a funcionar. O padre Jakub, um franciscano, foi para lá enviado, a fim de prestar assistência aos judeus conversos obrigados a viver agora como judeus, mas mantendo-se ainda fiéis ao rito católico.

Uma estatística? O ghetto tem 1000 acres de superfície, com mil e quinhentos edifícios. Faça-se o que se fizer, do que não restam dúvidas é de que se apresenta bem difícil encontrar alojamento para meio milhão de pessoas.

No dia 7 de Novembro de 1940 os Sete Grandes tinham acabado o muro e o ghetto foi instituído. Bruscamente, dezenas de milhares de pessoas que tinham as suas ocupações fora da zona de quarentena viram-se desempregadas.

O Corpo Reinhardt, de Sieghold Stutze, encarregava-se da segurança no ghetto. De acordo com o que circulava, foi constituída a Milícia Judaica. — No papel, achava-se sob a direcção da Autoridade Civil Judaica; como é óbvio, tratava-se da mesma mascarada fomentada pela propaganda política germânica, que tentava criar a ilusão de que eram os Judeus que se impunham este estado de coisas. Stutze punha e dispunha da Milícia Judaica.

Escolheu para chefe um antigo guarda subalterno da prisão Pawiak, chamado Piotr Warsinski, que granjeara há muito a reputação de brutal para com os presos, e muito especialmente para com os Judeus.

Piotr Warsinski era atarracado, calvo, e usava um grande bigode. Uma juventude atormentada pelo terror de um pai brutal tornara-o impotente e um poço de ódio. Warsinski dirigia-se as mais profundas blasfêmias por ser judeu. Converteu-se.

A conversão inculcou lhe um ódio absurdo ao judaísmo. E eis que os Alemães o obrigavam a ser novamente judeu. Por essa razão, o seu ódio intensificou-se.

Warsinski reuniu à sua volta a escumalha da sociedade judaica. Homens e mulheres de mentalidade deficiente, com cadastro criminal, sem consciência. Deu lhes bastões, braçadeiras especiais, bonés azuis e botas pretas, o símbolo do poder. Forneceu lhes rações suplementares e alojamentos para eles e para as famílias.

Warsinski impôs lhes somente uma condição: fez lhes compreender com a maior clareza que a sua sobrevivência pessoal dependia da mais completa obediência.

Nos fins de 1940 o meio milhão de seres do ghetto de Varsóvia constituía a maior «reserva» humana que o mundo já conhecera. Encontravam-se inteiramente à mercê do maior poder militar da história. Os Alemães tinham executado magistralmente o seu grande plano, forçando judeus a governar outros judeus por intermédio da impotente Autoridade Civil Judaica, apoiada pela Milícia Judaica, comandada pelo sádico Warsinski. Para aumentar ainda mais os problemas, os Sete Grandes continuaram na prática das extorsões legais.

Para proteger esta massa humana não restava senão um débil cordão formado por sionistas, socialistas, a Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo e o Socorro Americano.



## CAPÍTULO XIX

Entrada do diário.

Penso que Susan Geller vai morrer de desgosto. Os Alemães ordenaram-lhe que abandonasse o nosso orfanato de Powazki (nosso orgulho e alegria) e se mudasse para o ghetto. As suas diretivas exigem que Susan deixe todo o equipamento que se encontra agarrado aos soalhos e às paredes; este material constitui tudo o que temos de mais dispendioso. A Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo encontra presentemente as maiores dificuldades para alugar imóveis. O espaço vende-se em hasta pública. Conseguimos encontrar para Susan um edifício na Rua Nina, que ela tem de transformar completamente. Não se compara nada ao que tínhamos em Powazki.

Dou graças ao Senhor pela minha querida mulher, Sílvia, e por Deborah Bronski. Elas evitaram que Susan sofresse um colapso nervoso no dia da mudança. É bem estranho que Deborah e Paul Bronski sejam tão diferentes! Ontem tive de discutir durante três longas horas antes de convencer Paul Bronski a solicitar aos Alemães autorização para mantermos em funcionamento a nossa granja de Wework. Nunca se podem prever as reações dos Alemães. Paul acaba de telefonar-me informando que nos será permitido continuar a exploração da granja. Tolek Alterman ficará louco de alegria.

Vou mandar o meu filho Wolf para a granja de Wework.

“Estará lá bem melhor do que aqui.

Recebemos o nosso primeiro contingente de judeus holandeses.

A viagem até à Polónia foi muito dura. Vieram comprimidos em vagões de gado. Onde os havemos de alojar? Não sei. O ghetto abriga agora mais de quinhentas e cinquenta mil pessoas.

Mila 19 foi dividida pelo Conselho dos Bathyrans. No primeiro andar temos os escritórios da administração da Sociedade dos Órfãos e Auxílio Mútuo, uma cozinha da sopa dos pobres, onde se

poderá penetrar pela ruela que serve as traseiras (a Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo dirige agora sessenta cozinhas de sopa para pobres), dispensário para doenças de pouca gravidade e um centro de desinfecção, conforme as exigências dos nossos amigos Alemães.

Segundo andar: famílias de bathyrans. Segundo o nosso regulamento, aloja-se uma família num simples aposento, seja qual for o número de pessoas. A cozinha, que serve toda a casa, está igualmente instalada neste segundo piso.

Vinte e uma famílias... sessenta e dois ocupantes, incluindo Sílvia, eu, o nosso filho Moses (agora que Wolf está ausente).

Terceiro andar: as paredes foram deitadas abaixo. O dormitório para jovens solteiras. Temos trinta, que se dividem em dois grupos iguais: quinze trabalham no dispensário e na cozinha da sopa dos pobres e as outras estão empregadas como serviçais no pequeno ghetto, na extremidade meridional.

Faço batota ao fornecer às nossas serviçais braçadeiras verdes, reservadas às empregadas da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo, de modo a poderem circular sem serem molestadas pela rigorosa Milícia Judaica de Warsinski.

Quarto andar: um dormitório para cinquenta dos nossos rapazes. Vinte deles trabalham em Mila 19 e trinta em várias ocupações no interior do ghetto, a maior parte como condutores de bicicletas com atrelados e condutores de riksha.

Há um problema que nos preocupa. Dos nossos oitenta «garotos», a maior parte deixaram as famílias para viverem em comum conosco. Quantos membros das suas famílias podemos nós receber — os velhos, os doentes? Este caso está a tornar-se grave.

No sótão reservámos uma dúzia de cubículos para os casais. Eles estão a viver no segundo andar, geralmente mais de dois em cada aposento, de modo que necessitarão de uma alcova onde possam manter, durante algumas horas, as suas intimidades. Afixam-se letreiros nas portas para avisar se o cubículo está ou não ocupado. Sílvia e eu somos "tais afortunados. Com Wolf ausente e Moses ainda um bebé, cá nos conseguimos arranjar no nosso quarto.

Os solteiros têm de resolver este problema por si próprios.

Oficialmente, nós não os encorajamos nem os desencorajamos.

Ademais, os solteiros sabem bem que a cave lhes é facultada.

Ironia. David Zemba, a quem voto cada vez mais respeito, avistou-se com Schreiker e solicitou-lhe permissão para instalar um escritório do Socorro Americano no ghetto.

Conseguiu os seus intentos. Os dólares que recebe dos judeus americanos são o nosso principal amparo; porém, não conseguimos fazer face ao dilúvio de refugiados, multas em série e confiscações.

O Dr. Glazer diz que a taxa de mortalidade pelo tifo se está a tornar alarmante. Pneumonia, tuberculose e subnutrição serão problemas críticos.

Obtivemos, com relativa facilidade, passes de circulação fora e dentro do ghetto. Como sabemos que esta situação não durará muito tempo, vamos procurar aliciar os membros da Autoridade Civil Judaica e da Milícia que controlam os passes, a fim de os podermos subornar no futuro.

A Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo, com dinheiro fornecido pelo Socorro Americano, tomou a seu cargo outra importante tarefa: a exploração de todas as granjas do sionismo trabalhista, bem como a nossa em Wework.

Conseguimos abrir mais duas granjas; por meio deste sistema podemos também comprar e transportar víveres.

O conjunto da operação foi denominado Toporol.

Uma palha ao vento? Talvez, não sei. Apesar de toda a astúcia que possuem para forjar planos e os realizar, os Alemães cometeram um erro enorme. No ghetto temos milhares de operários da construção civil, artesãos, alfaiates, engenheiros, etc., que, convenientemente utilizados, seriam de incalculável valor para o esforço de guerra alemão. Ora não há qualquer espécie de lógica na maneira como os mesmos são incorporados nas brigadas de trabalho escravo :

Os carpinteiros são enviados para a fábrica de escovas; os médicos vão cavar fossos e trabalhar na construção de aeródromos (

para um ataque à Rússia?). Esta incoerência leva-me a deduzir duas conclusões :

1.<sup>a</sup> Os Alemães não estão completamente certos das razões pelas quais deportam massivamente judeus para a Polónia.

2.<sup>a</sup> Uma «solução final» do seu «problema judaico» não foi ainda decidida.

*Alexander Brandel*

No Inverno de 1940 e na Primavera de 1941 Wolf Brandel trabalhava na granja Toporol 2, situada a nordeste de Varsóvia, próximo da aldeia de Wework.

Cada vez que os vegetais e o leite eram transportados para o ghetto, os trabalhadores da granja enviavam cartas aos seus entes queridos. Wolf escrevia à mãe, ao pai e a Stephan Bronski, que lhe votava grande amizade. Depois passou a escrever a Rachel Bronski.

Querida Rachel :

Isto aqui na granja é realmente muito diferente. É como se estivéssemos num outro mundo, longe do ghetto. Encontram-se cá dezessete raparigas e trinta rapazes. Sou dos mais novos. Estamos instalados em dormitórios (separados os rapazes das raparigas).

Tolek Alterman, que esteve na Palestina, mantém-nos em lida contínua. Faz-nos quase todas as noites palestras sobre o sionismo dinâmico, e temos afixados por todos os cantos slogans destinados a entusiasmar-nos no sentido de melhorarmos a produção, para que assim forneçamos o leite e os vegetais frescos que tão necessários são às crianças do orfanato.

Trabalhamos com ardor. Eu, ordenho vacas, tarefa que não me agrada muito. Gosto de tudo, incluindo Tolek. Ele necessita, porém, que lhe cortem o cabelo.

Queres escrever-me? A tua mãe pode confiar as tuas cartas à Susan Getter, que as fará chegar às minhas mãos. Diz ao Stephan que me escreva.

Teu amigo sincero, WOLF BRANDEL

Querido Wolf :

Tive muito prazer em receber as tuas notícias. Escrever-te-ei regularmente. O Stephan estuda o que sabes e onde sabes; o seu aproveitamento é excelente. Ele sente a tua ausência. Admira-te muito. Sinto-me feliz por estares longe daqui... bem, sabes perfeitamente o que quero dizer.

Com os mais afetuosos cumprimentos, RACHAEL BRONSKI

Querida Rachel :

Estou a ordenhar melhor. Porém, o trabalho verdadeiramente importante no Inverno é o das pocilgas. Solicitei transferência de lugar. Os rabis ficariam furiosos se soubessem que criamos porcos, com a escassez de carne, é preciso. Estou certo de que Deus admitirá, apesar de tudo, os garotos do orfanato no Céu.

As noites passam-se aqui muito bem. Temos uma espécie de sala de jogos. Realiza-se uma reunião conjunta para falarmos da produção, dos problemas da granja e da divisão do trabalho. Depois, segue-se uma palestra pelo Tolek, após o que podemos discutir ouvir música, estudar, ler e jogar (sou campeão de xadrez).

Antes de nos irmos deitar fazemos quase sempre um recital de canções e entoamos as melodias que os pioneiros bathyrans cantavam na Palestina e dançamos horas.

Não usamos a estrela de David a não ser quando vamos à aldeia Por favor, escreve.

Muito sinceramente, WOLF BRANDEL Querido Wolf :

Parece-me ótima a vida na granja e estou contente por te encontrares aí. Por cá o Inverno tem sido... bem, tu podes imaginar Minha mãe diz que as coisas correm mal no orfanato. Temos o dobro das crianças que nos seria possível alojar e metade das rações e medicamentos que normalmente nos seriam necessários. Eis porque o teu trabalho é importante. Creio que estás informado do que acontece cá pelo ghetto. Não quero escrever-te acerca disso, pois inquietar-te-ias.

Afetuosamente, RACHAEL BBRONSKI Querida Rachel :

Ora imagina! Estou a aprender a tocar acordeão e viola. É o Tolek Alterman quem me ensina. Ele conhece todas as canções dos pioneiros da Palestina, pois esteve lá. Gostaria de te ensinar.

Com os melhores votos pessoais e os mais afetuosos pensamentos, WOLF Querido Wolf :

Gostaria, na verdade, de aprender as canções. Mas quando?

Quando é que te verei? Quero dizer, Stephan sente bastante a tua ausência.

Estou também muito ocupada com a minha música. Tenho dado frequentemente recitais e alguns concertos. Por vezes, oito ou nove por semana. Aprendi cerca de cinquenta canções infantis, assim como canções de jogos (também em francês e em alemão); assim, per— corro todos os orfanatos para distrair as crianças.

Danças com as raparigas? Penso que as invejo.

Muito afetosamente, RACHAEL Querida Rachel :

Estamos a celebrar o Succoth à memória de Moisés e das antigas tribos do deserto e rendemos graças a Deus pelos primeiros frutos da colheita.

Tu viveste em Zoliborz antes da guerra e agora a celebração das festas não é autorizada; mas pergunta à tua mãe como costumava ser o Succoth. Quase todas as varandas superiores e os pátios das casas judaicas tinham pequenas cabanas de succah, construídas com ramos, galhos e folhas, para comemorar a maneira como os Judeus viveram durante a sua vida errante.

Construímos aqui um succah gigante, que está coberto por centenas de frutos e vegetais, e tomamos todas as nossas refeições sob ele. Não te inquietes, mandaremos os víveres para o orfanato logo que termine a festa.

Para responder com a maior franqueza à tua pergunta, declaro-te que danço com raparigas. Porém, toco o acordeão na maior parte do tempo, enquanto os outros dançam.

Muito sinceramente, WOLF Querido Wolf :

O Hanukkah passou. As festas no ghetto foram terrivelmente tristes. Todos falavam dos velhos tempos em que a Sinagoga Tlomatskie transbordava de gente com os seus melhores trajos e havia um ar de vivacidade por toda a parte. Agora nem sequer podemos ver a Sinagoga Tlomatskie. O Hanukkah parece quase uma irrisão. Além disso, numa altura em que nos achamos arrebanhados

num ghetto, acho ridículo celebrarmos o fato de os Macabeus terem assolado Jerusalém, expulsado os tiranos e reconstruído o Templo.

Penso que o pior destas festas foi a de Yom Kippur, há já algum tempo. Concentrámo-nos todos a meditar nos nossos pecados passados. A quietude este ano foi horrível. Não houve um sopro de movimento em parte alguma. Cada um perguntava realmente a Deus o que tínhamos feito de tão terrível para merecermos este castigo.

Perdoa-me por estar tão soturna.

RACHAEL Querida Rachel :

Estou, permanentemente preocupado com a situação aí no ghetto.

Tolek continua a dizer-nos que somos soldados de primeira linha e que o trabalho na granja é muito importante. Eu esforço-me por acreditar nas suas palavras.

Penso em ti muitas vezes.

Com afeição, WOLF Querido Wolf :

Penso também em ti, mas imagino que não te sentirás verdadeiramente só com essas raparigas aí. Julgo que compreendes o que quero dizer.

Também com afeição RACHAEL Querida Rachel :

Serei franco contigo.

Têm-me sido feitas propostas (não exatamente propostas) para beijar e para me divertir com algumas raparigas, mas não estou interessado.

Quase todas elas gostam de namoriscar. Penso mesmo que uma ou duas vão mais longe (segundo consta).

Não sei como receberás esta revelação, mas cada vez sinto mais a tua falta. Nunca pensei que tal me sucedesse, mas o certo é que sucede. Vai-te parecer indecente, mas penso sobretudo daquelas quatro vezes em que nos beijámos e nos apertámos nos braços. Provavelmente vais deixar de me escrever, e eu não te censuro.

WOLF Querido Wolf :

Não escreveste absolutamente nada de condenável. Gostaria que te encontrasses aqui, neste mesmo momento, para que te

pudesse beijar.

Com a mais profunda afeição, RACHAEL Querida Rachel :

Não sei verdadeiramente porque haveria alguém de gostar de me beijar. Em especial alguém como tu, que és tão bela. Nunca o disse, mas sempre assim pensei. És muito bela.

Contemplo a tua fotografia sempre que se me depara uma oportunidade e tenho de memória as tuas cartas. Uma ou duas vezes em que não recebi nenhuma senti-me bastante infeliz.

Para falar com franqueza, estou, absolutamente certo de que te amo.

Com amor, WOLF Querido Wolf :

Não sei, realmente, o que é o amor, de modo que não poderei estar tão certa como tu. No entanto, sei que experimento uma estranha sensação sempre que penso em ti, e isto acontece constantemente.

Sei também que me dói achar-me separada de ti. Não conheço coisa ; uma que seja tão dolorosa. Por vezes choro de noite. Julgo que isso me acontece porque sou uma rapariga.

Não é curioso? Eu gostava muito, muito, de ti antes de partires não queria que pensasses que beijaria um rapaz de quem não gostava , verdadeiramente), mas desde que estás ausente imagino que isto deve Ser amor ou uma coisa muito parecida.

RACHAEL Muito querida Rachel :

Se dois seres experimentam o mesmo sentimento em relação um ao outro e são forçados a estar separados, sem nada terem decidido antes da sua separação, descobrindo depois que sentem cada vez mais o ajustamento a que são compelidos pelas circunstâncias, penso que poderiam chegar a um entendimento.

Para falar francamente, gostaria que fosses a minha namorada.

Prometo não arranjar outra rapariga nem divertir-me até que te veja.

Não te imporei as mesmas condições; somente te peço que, no caso de vires a sentir séria inclinação por mais alguém, me prometas comunicar-me imediatamente.



Quando nos voltarmos a ver, certificar-nos-emos, então, do que sentimos um pelo outro.

WOLF Muito querido Wolf :

Penso que a tua ideia é maravilhosa, mas podes estar certo de que não estou nem jamais estarei interessada em qualquer outra pessoa. Só o pensamento de poder chegar a interessar-me por outro rapaz que não sejas tu, me faz estremecer de horror.

Com amor, a tua namorada RACHAEL Uma grande parte daquela sagacidade tranquila e espiritual que marcava a personalidade do Dr. Paul Bronski dissipara-se. Parecia estar constantemente preocupado. Em casa mostrava-se amiúde irritado e chegava, muitas vezes, a dar uma bofetada a qualquer dos filhos por um motivo insignificante. Deborah tentava estreneamente compensá-lo com as suas consolações, mas as preocupações de Paul eram tantas e tão inquietantes que ela não conseguia mitigá-las com a sua afetuosa simpatia. Na sua qualidade de adjunto de Boris Presser, presidente do conselho diretivo, devia dar execução às resoluções dos Alemães, tratar diretamente com Piotr Warsinski e com a Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo; servia frequentemente de bode expiatório a todos. Obtinha pouco ou nenhum apoio de Boris Presser que era um verdadeiro robô dos nazis.

Depois da conversa confidencial que tivera com Rachel, Deborah aguardou alguns dias na expectativa de encontrar Paul com melhor tranquilidade de espírito. Uma noite, quando faziam os preparativos para se deitar, Paul insinuou, por meio das alusões correntes entre os casais, que desejava fazer amor. Como sempre, Deborah deu a entender que aquiescia; instalado na grande poltrona junto da cama, beberricando, descontraído, o seu chá, ele observava-a a arranjar o cabelo diante do espelho.

Enquanto a contemplava, Paul achava surpreendente que ela pudesse conservar a sua beleza. Deborah trabalhava oito, dez, doze e, por vezes, catorze horas no orfanato da Rua Niska. Continuava a orientar os estudos de Stephan e os progressos de Rachel ao piano e, entretanto, não deixava de se mostrar boa esposa e mulher

carinhosa. Não tinha uma ruga no rosto, um fio grisalho no cabelo, e o seu corpo era esbelto como o de uma jovem.

Talvez Paul a invejasse. Outrora Deborah fora reservada, obediente e passiva. Agora parecia a mais forte dos dois.

A Paul desagradava ter cada vez mais necessidade dela.

Deborah dispôs as longas tranças em anéis espessos na testa e cravou alguns ganchos para os manter no seu lugar.

Depois pegou numa escova e começou, como todas as noites, a alisar os cabelos.

— Paul, querido.

— Diz...

— Tenho andado a pensar que, como nos encontramos ausentes uma boa parte do dia, e estando as coisas como estão, seria óptimo se Rachel fosse para fora por uns tempos a fim de mudar de cenário. Eu podia levar comigo o Stephan quando vou para o orfanato. Há lá dezenas de rapazes da sua idade e a ele não lhe desagrada o ambiente...

Bronski franziu a testa.

— Seria óptimo para todos nós uma mudança de cenário.

Que há quanto aos teus projetos de fazer a apresentação de Rachel numa orquestra sinfónica? Penso, porém, que a tua ideia não tem viabilidade de se realizar. Ela não poderá ir para outro lugar senão para novo ghetto.

Ela observou-o, pelo canto dos olhos, no espelho.

— Podíamos mandá-la para a granja Toporol em Wework.

Ele pousou a chávena.

— Wework? Esse lugar execrável é um dos antros dos sionistas. Todo o estado-maior é composto por antigos bathyrans.

— Mas é um lugar saudável; encontram-se lá raparigas da idade dela. Rachel terá oportunidade de olhar para as árvores e para as flores e para outras coisas diferentes desta miséria em que vivemos.

— Tu conheces a moralidade destes pequenos sionistas?

— Não, não conheço — respondeu Deborah num tom seco.

— Eles não sabem o que é pudor.

— Já te ocorreu que Rachel conta aproximadamente a idade que eu tinha quando te conheci?

Bronski empalideceu ao ouvir esta bofetada verbal. Os seus olhos contraíram-se.

— Um momento. Não é aí que se encontra o jovem Brandel?

— Sim. E antes que digas mais, quero declarar-te que ele é um jovem bastante decente que nem sonhará sequer um instante em abusar dela. Ademais, existe algo entre eles que terão de realizar, quer o desejemos, quer não.

— Meu Deus! Eu a ouvir a voz da moderna sofisticação!

Tornaste-te uma advogada do amor livre? Vais passar o resto da tua vida a censurar-me por ter abusado de ti?

— Paul, acontece que ela e esse jovem se amam. Só Deus sabe se terão alguma oportunidade de viver uma existência normal. E não consigo descobrir pecado no seu desejo de se encontrarem juntos um do outro.

Ele levantou-se bruscamente.

— Há outras coisas a considerar. As granjas Toporol acham-se abertas somente por necessidades técnicas. Não temos garantias de que os Alemães não intentem um dia ocupá-las e enviar toda a gente que lá se encontra para os campos de trabalho forçado. Se ela for apanhada aí, não poderei de maneira alguma ajudá-la.

Deborah pousou a escova e fez rodar o seu pequeno banco.

— Temos garantias de que eles não entrarão aqui nos próximos dez minutos para nos levarem? A vida em si tornou-se um risco quotidiano, é bem evidente.

Entrevia-se com clareza a conclusão do debate. Paul continuaria a escudar-se atrás da sua prudência, do conformismo.

Deborah, por outro lado, não se oporia a que a filha corresse o risco de seguir um impulso normal e são.

Compromisso, Paul, compromisso! Atenção! Ela fizera tudo exceto chamar-lhe cobarde.

Ele pôs-se a andar a passos largos pelo quarto. Depois explodiu num dos seus já frequentes acessos de cólera.

— Cos diabos! Encontram-se cerca de seiscentas mil pessoas neste ghetto. Tenho de achar alojamento para mais quatro mil

famílias até ao fim desta semana. Não há espaço!

As pessoas dormem nos pátios, nos passeios, nas caves, nos sótãos, nas arrecadações, nos corredores!

— Não sei o que uma coisa tem que ver com a outra.

— Todas as coisas têm relação umas com as outras!

Estou farto, cansado de ser censurado pela minha própria mulher por tentar proteger a minha família. Não foi bastante ter consentido que o Stephan, por capricho teu, continuasse os seus estudos com o rabi Solomon? Ele mal conseguiu, uma vez, escapar com vida. Sabes que um dos pequenos que prenderam foi morto? Poderia ter sido o teu próprio filho, em vez dele. Ainda sou o chefe desta família :

A minha filha não irá para Wework!

Ela inclinou a cabeça num gesto de assentimento, pegou novamente na escova e recomeçou a alisar os cabelos. Via Paul abandalhar-se cada vez mais. Desde que a Sra. Bronski, esposa do vice-presidente do conselho diretivo da Autoridade Civil Judaica, trabalhasse num orfanato, a sua filha tocasse em concertos edificantes para a moralidade de momento e a sua maneira de viver não merecesse censuras por parte dos senhores, nada mais contava. As palavras que desejava proferir não lhe irromperam da boca. Ela queria gritar que teria de haver um preço máximo para o seu anseio de salvar a pele... Porém, continuou somente a escovar os cabelos e disse :

— Sim, Paul.

## CAPÍTULO XX

Entrada do diário.

Wolf quer voltar para casa. Não sei porquê. Pensava que ele se sentia feliz na granja. Tolek disse-me que ele é um dos melhores trabalhadores que lá tem. De que é que se tratará?

O breve casamento de conveniência entre a Alemanha e a União Soviética foi bruscamente anulado. A Rússia foi atacada na semana finda (21 de Junho de 1941). As vítimas deste ano foram a Grécia, a Jugoslávia, Creta e o Norte de África. A Roménia e a Bulgária declararam guerra aos aliados. (Que aliados?) Segundo as últimas notícias, parece que a Inglaterra está sendo submetida a um bombardeamento pavoroso da Luftwaffe. Londres está a suportar um flagelo ainda maior do que o de Varsóvia. Quase que não se acredita!

As perspectivas em relação ao futuro que esperam quatro ou seis milhões de judeus da União Soviética, no prosseguimento da incontível selvajaria dos Alemães, são aterradoras.

*Alexander Brandel*

O velho rabi Solomon entrou no quartel-general dos Sete Grandes, numa esquina das Ruas Pawia e Lubeckiego, mesmo defronte da prisão. Muitas das imundas personagens que se encontravam pela antecâmara eram notórios e refinados espancadores de judeus. Eles miraram fixamente o velho, do qual irradiava uma espécie de dignidade sagrada, quase como se tivesse um poder místico para invocar a cólera de Deus.

— Anuncie-me a Max Kleperman — ordenou com uma voz firme.

— Ah, meu rabi — exclamou Max. — Meu querido e santo rabi — bradou ele ao guardião pessoal da sua alma.

Levantou-se precipitadamente da sua secretária, puxou o velho pelo braço e instalou-o numa cadeira; depois dirigiu-se,

pressuroso, para a porta e exclamou: — Estou com o meu rabi. Que ninguém me perturbe. Nem que deflagre um incêndio ou que o Dr. Koenig queira falar comigo.

Ele piscou os olhos como que para acentuar o seu destemor.

O rabi Solomon deixou-o representar o seu papel até ao fim.

— Em que posso ser lhe útil? Posso oferecer lhe um chocolate, talvez? Ele vem da América, do Hershey... Ou um café? Da reserva especial da Nestlé suíça?

— Absolutamente nada.

— Recebeu a minha embalagem de víveres?

Solomon inclinou a cabeça num gesto afirmativo. Todas as semanas chegavam a sua casa grandes pacotes contendo manteiga, queijos, ovos, pão, frutas, vegetais, carne, doces, açúcar. Estas provisões eram imediatamente expedidas para a Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo.

O rabi disse não se importar que Max fumasse na sua presença, de modo que Kleperman deu começo ao seu ritual do costume: cortar a ponta de um charuto, acariciá-lo, comprimi-lo, acendê-lo, dar algumas fumaças, apreciar o sabor, agitá-lo.

— Desejava falar lhe confidencialmente, rabi. Tem sido negligente. Esta questão de ensinar a Tora e o Talmude, após ter sido preso duas vezes, e depois daquela celebração da Páscoa que fez no cárcere... A sua última ida à Prisão Pawiak custou-me sessenta mil zlotys de dádivas ao Socorro de Inverno Alemão. Exigem donativos para o Socorro de Inverno mesmo em pleno Verão, esses goniffs!

O velho não deu a Max a honra de uma resposta. Dir-se-ia que os seus olhos lançavam faíscas e a sua barba grisalha se eriçava de cólera.

-Rabi, não é capaz de suportar um dito de espírito?

Deve saber que Max Kleperman o apoiará no que for necessário, que estará sempre por trás de si.

Preferia que Max Kleperman estivesse antes ao meu lado. A situação no ghetto é cada vez mais lancinante. A condição dos garotos nas ruas enche-me de angústia. Muitos deles estão a morrer de fome. Sem as famílias tornar-se-ão animais selvagens.

É terrível, terrível, terrível — concordou Max, o polegar esgravatando o nariz. — Aqui entre nós, rabi, afirmo lhe que eu e os meus sócios temos enviado algumas coisas para o ghetto a fim de remediar um pouco esta situação.

Não peço que me agradeçam, note bem. E a minha doce esposa, Sónia, que Deus ame a sua alma!, passa os dias a trabalhar na cozinha da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo.

A mão ossuda do rabi Solomon abateu-se sobre o tampo da secretária.

— Acabe com essa comédia, senhor! Há dois meses que não vê a sua esposa, e durante esse tempo tem vivido com oito meretrizes diferentes.

— Sim, é verdade que tenho algumas pequenas fraquezas.

É o meu rabi que deve prover as minhas necessidades espirituais... Ontem mesmo, dois dos meus homens foram abatidos junto do muro da Praça Muranowski quando tentavam introduzir no ghetto farinha para os bebés.

— Estou certo de que fará funerais condignos, e, logo que os carros mortuários voltem ao ghetto, eles estarão cheios de víveres do «mercado negro», que venderá com um lucro de mil por cento.

— Cale essa boca, velhinho! — gritou bruscamente Max., num acesso de fúria.

— Contrabandista! Mentiroso! Ladrão!

Max levantou um pesado pisa-papéis. As veias do pescoço estavam salientes, prestes a rebentar. A epiderme tornou um tom púrpura. Não tolerava que ninguém” o mimoseasse com tais epítetos, exceto os Alemães. Não, nem mesmo Piotr Warsinski. Advertira Piotr de que se algum guarda da Milícia se imiscuísse em qualquer negócio dos sete Grandes, ele mesmo lhe rebentaria o crânio como se fosse a casca de um ovo. Warsinski sabia que Max não gracejava.

Porque havia então de tolerar estes insultos a um velho canalha barbudo? Porque não lhe rebentava a cabeça? Que poder estranho teria o velho sobre ele? que temor do além era este que atormentava Max?

Deixou-se deslizar na cadeira e aquietou-se.

— Pensa que o nosso Deus seja tão superficial na sua sabedoria que não se aperceba do seu plano de comprar a entrada no Céu” servindo-se de mim?

— Rabi — lamentou-se Max -, não compreende as bases fundamentais dos negócios. Negócios são negócios.

Ele evitava os olhos do rabi Solomon, resmoneando sobre a incompreensão de que era vítima. Bruscamente, fez girar a chave da gaveta da secretária, abriu esta, tirou um cofre de ferro e abriu-o também. O suor corria-lhe pelo rosto enquanto mergulhava a mão sapuda no fundo do cofre e retirava um grande maço de dólares americanos.

— Dê isto aos enfermos em nome de Max Kleperman!

— Ousa tentar subornar-me com esta gorjeta?

— Gorjeta! Isto são dólares americanos. E cada dólar vale duzentos zlotys.

O rabi Solomon cofiava a barba pensativamente enquanto olhava para o dinheiro. Max observava-o, orando para que o velho se apropriasse dele.

Qual das decisões seria a mais avisada? Renunciar ao dinheiro e deixar Max esturrar no Inferno por toda a eternidade?

Ou aceitar algo do que Max roubava? Apesar de tudo, nada podia compelir o homem a desviar-se dos caminhos que trilhava, e esta soma seria bem útil a um grande número de crianças...

— Há aqui o bastante para abrir um orfanato que arranque à rua e alimente uma centena de crianças?

— Um orfanato inteiro? Os meus sócios... O câmbio do zloty...

Do charuto de Max escapavam-se turbilhões de fumo, como uma locomotiva.

— Contribuiria muito para fazer calar as más línguas que falam contra si e contra os Sete Grandes. Um orfanato com o nome de Max e de Sónia Kleperman.

Max tinha de pensar no caso. À primeira vista, parecia uma bela perspectiva. Tornar-se-ia, como dantes, um benfeitor do povo. Além disso, as suas novas operações de contrabando estavam a granjear-lhe uma fortuna.



-Quanto me custará esse tal orfanato? — perguntou ]Max cautelosamente.

. Dois mil dólares por mês.

Max abateu o punho sobre a mesa :

— Combinado.

— Isto é, dois mil dólares por mês, na condição de os Sete Grandes fornecerem víveres e medicamentos.

— Mas... mas... mas...

— Mas, mas o quê?

— Mas certamente!...

— Agora, se me quiser fazer o obséquio de passar uma declaração consignando um dos imóveis que administra, tomarei as restantes disposições com Alexander Brandel.

— Um dos meus próprios imóveis!

— Penso que o prédio de Nowolipki 10 será o mais apropriado.

— Nowolipki 10! Rabi, o senhor é um ladrão mais descarado que o Dr. Koenig.

Max Kleperman lamentou-se ante a perspectiva torturante de perder um dos seus melhores prédios. Seria obrigado a pagar, do seu próprio bolso, o dinheiro do aluguer a Franz Koenig.

«Aqueles malditos órfãos! Este maldito velho rabi! Deus extorque-me ainda mais dinheiro do que os Alemães», pensava Max.

O rabi Solomon pegou no dinheiro e nos papéis que se encontravam sobre a secretária de Max Kleperman, meteu-os num bolso amplo da sua comprida sotaina negra e pediu ao bom Deus que fizesse a mercê de lhe perdoar os seus métodos dúbios.

Alexander Brandel sacudiu a cabeça, como se não acreditasse.

— Como, em nome de Deus, conseguiu que Max Kleperman nos confiasse este prédio?

-Tens razão. Foi em nome de Deus.

Alex resmungou ante esta ironia. Passou o cachecol em volta do pescoço como se estivesse constipado, apesar de se estar em pleno Verão e o quarto se achar quente como uma-fornalha. Ninguém, incluindo o próprio Alex, parecia saber porque usava ele este cachecol.

— É um milagre — disse Alex. — Cem crianças. E arranharemos lá alojamento para duzentas... É um milagre.

— Deus faz milagres, Alex. Crê um pouco mais n'Ele e menos no sionismo.

Alex meteu os papéis e o dinheiro dentro da secretária.

Já não via o rabi Solomon desde o brist de Moses. O velho parecia em boa forma. Não deixou de referir a sua impressão.

— O Todo-Poderoso conserva-me com vida para que eu possa carregar a minha parte dos fardos de hoje — respondeu o rabi.

Alex, porém, não mostrava um parecer tão tranquilo.

O rabi Solomon não disse nada. Alex sempre fora um pouco descuidado. Presentemente estava abatido. Tinha o parecer que se poderia esperar de um homem que não dormia mais de três. Quatro — ou, quando muito, seis horas por noite. Ficava dia e noite sentado à secretária, regateando, implorando, escamoteando vidas humanas, escamoteando Kennkarten, rações e medicamentos. Esgrimindo contra as pressões oprimentes vindas de todos os lados. Discutindo durante horas intermináveis com Paul Bronski para conseguir 1 grama suplementar em cada ração.

— Porque fez isto, rabi? Uma vez dirigi-me a si a fim de solicitar o seu auxílio com vista à união de todos os nossos grupos e o senhor recusou a sua cooperação.

— Não discuto 'a palavra de Deus. Sigo apenas as instruções do Senhor.

— Quer fazer-me crer que fez isto em conformidade com uma revelação divina?

— Digo que nada encontro na Tora ou nas Leis Sagradas que me impeça de auxiliar as crianças famintas. Hoje é-me penoso percorrer essas ruas e ver as condições em que vivem.

Estudei a situação durante muitas horas e perscrutei a minha alma, bem como as palavras da Lei. Concluí que o auxílio mútuo foi sempre uma chave-mestra de significação divina utilizada para prover à sobrevivência dos Judeus.

Por uma razão estranha, Deus escolheu um goy como tu e um gorei como Max Kleperman como os seus instrumentos auxílio

mútuo. Não aderi ainda a essas teorias radicais, ao sionismo, nem à resistência física.

Como de costume», pensou Alex, «o rabi Solomon possui todas as respostas. Talvez ele tenha uma resposta para o que e me preocupa há algumas semanas.» Já há muito tempo que Alexander desejava mostrar o seu diário a alguém.

gostaria que lhe afirmassem que as suas notas e as horas de trabalho a elas consagradas tinham um significado real.

Sabia que Simon Éden e David Zemba haviam mostrado maior ou menor indulgência quanto ao antigo historiador.

Por diversas vezes se sentira tentado a partilhar com alguém o seu segredo. Mas quem? O rabi Solomon? Sob a sua impertinência dissimulava-se uma inteligência perspicaz e brilhante. Uma coisa era certa: podia-se confiar neste homem.

Alex começou a aclarar a garganta, a fim de exprimir sem hesitação o seu segredo.

. Alex, diz-me o que tens em mente neste momento.

Pareces um rapazinho que esconde um segredo. Não?

Alex sorriu, encaminhou-se para a porta e fechou-a à chave. Dirigiu-se em seguida para o cofre, colocado no solo, por trás da secretária, procurou o número da combinação, abriu as pesadas portas de ferro, retirou três volumes dos espessos cadernos embrulhados num pedaço de tela e pô-los diante do velho.

— Nu? -•.disse Solomon, pondo os óculos de lentes grossas.

— Qual é o grande mistério? •-• Inclinou-se de tal modo que o seu nariz quase tocava na página. Era bastante míope. — Alex, tu és um goy. Escreves mesmo em polaco!

— Vai encontrar também um pouco de yiddish e um pouco de hebreu.

— Hum! Ora vejamos! Vejamos o que há aí de tão importante. «Agosto, 1939. Este é o primeiro registo do meu diário. Sinto que a guerra vai estalar dentro das próximas semanas. Se as lições dos três últimos anos podem funcionar como barómetro, algo de terrível acontecerá aos três milhões e quinhentos mil judeus que vivem na Polónia se a Alemanha conseguir invadi-la...». Ele levantou bruscamente os olhos para Alex e volveu-os de novo para o livro; só

a sua boca se movia, compondo as palavras à medida que lia mais velozmente.

O rabi Solomon parecia fascinado ao voltar página sobre página. Estava ali tudo. Desde a primeira declaração intuitiva de Alexander Brandel relativa a um acontecimento único até ao registo quotidiano após o primeiro momento da ocupação. Havia versos burlescos do Doido Nathan mexericos, diretivas alemãs, os assuntos pessoais de Alex ' acontecimentos do mundo exterior, poemas do ghetto, canções. Os nomes e o número de representações teatrais em yiddish. Referências à partida súbita de amigos. A procura constante de uma resposta.

Passada uma hora, ao fechar o volume inicial do diário o rabi Solomon apercebera-se de que lera uma história notável do seu povo perante as desditas de um outro assédio de Roma, da Grécia e da Babilónia.

Os olhos ardiam lhe e lacrimejavam, mas, pressurosamente, abriu o segundo volume, que devorou, maravilhado página após página.

Em dado momento deteve-se.

— Quem mais sabe da existência disto? — perguntou.

— Éden, Zemba e Emanuel Goldman, antes de ser assassinado.

O rabi pôs-se de pé.

— Mas como é que tiveste tempo?...

— Bem, à noite, no meu quarto...

— É espantoso! A tua intuição de um holocausto. A tua sagacidade ao registar tudo no papel antes de os acontecimentos ocorrerem.

Alex encolheu os ombros.

— Em todos os tempos os Judeus têm escrito histórias Secretas por pura intuição.

— Intuição? Espanta-me. O Senhor opera segundo as Suas vias próprias. Moisés era um goy como tu. Alex, não deves deixar isto por aí. Nem mesmo no cofre. Esconde-o.

— Rabi, nunca o vi tão emocionado. Está certo da importância dos meus escritos?

— Certo? Eles cauterizarão as almas dos homens durante os séculos futuros. Este diário é um ferrete que se gravará na consciência dos Alemães de tal modo que uma centenas das suas gerações futuras terão de viver sob o flagelo com— tido nestas palavras, com culpa e vergonha.

Alex suspirou e, cheio de contentamento, inclinou a cabeça.

. Sabia agora que não tinham sido vãs todas as horas noturnas em que a insónia lhe forcara a mão a redigir novas páginas.

— Que Deus me perdoe por te dizer isto, Alex, mas esse diário parece um novo capítulo da Crónica do Vale das lágrimas.

Entrada do diário.

O rabi Solomon manifestou um entusiasmo contagiante pelo diário e dirigiu-me o melhor dos elogios. Chama lhe UM novo capítulo da Crónica do Vale das Lágrimas! (O Vale das Lágrimas regista quinze séculos do martírio judaico, pormenorizando especialmente os morticínios e os sofrimentos dos Judeus durante as cruzadas, na Idade Média.

A obra do rabi Yosef Hacoheh foi descoberta pelo rabi Eibeschutz em 1850 e, traduzida, tornou-se uma parte do nosso saber, das nossas orações, da nossa tradição.) O rabi Solomon insiste em que eu desenvolva este diário, o esconda mais cuidadosamente e faça mesmo outra cópia, para o caso da destruição do original ou da sua descoberta pelos Alemães. Tantas precauções! Ele e eu dirigimo-nos à cave de Mila 19 e arranámos aí um esconderijo deslocando alguns tijolos. Penso que é um absurdo, mas desde que lhe dê satisfação...

Constituímos uma sociedade secreta de colaboradores, intitulámo-nos o Clube dos Bons Amigos. Simon Éden e David Zemba são os únicos colaboradores de entre os que principiaram esta tarefa.

Todos os membros do conselho executivo dos Bathyrans (exceto Andrei Androwski) pertencem ao Clube dos Bons Amigos, isto é: Susan Getter, Ervin Rosenblum, Tolek Alter» e Ana Grinspan.

Outros membros :

Silberberg, o antigo dramaturgo, que faz parte da Autoridade Civil Judaica e que é lá o nosso melhor aliado.

Rodei, chefe dos comunistas do ghetto. Encontra-se em na clandestinidade desde a ocupação, mas a sua cooperação tem sido valiosa, tanto no auxílio às crianças como em com— tactos no sector ariano.

O Dr. Glazer, chefe do departamento médico da Sociedade dos Órfãos e de Auxilio Mútuo.

O rabi Solomon, evidentemente.

O padre Jakub, cura da Igreja dos Convertidos. Conheço-o desde 1930. É um dos poucos que nos têm manifestado desde há longo tempo, uma simpatia compreensiva. A propósito, a Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo não tem muito que fazer com os convertidos. Estes e os semi-judeus a vêm-se muito melhor do que a maioria dos habitantes do ghetto. Parece que a igreja católica decidiu cuidar, dos «seus» judeus.

De tempos a tempos elegemos novos membros do Clube dos Bons Amigos.

Ervin Rosenblum, que ainda trabalha no sector ariano e que pode dispor de mais tempo do que nós, concordou em consagrar as suas horas disponíveis a classificar e a catalogar as informações que nos chegam constantemente e em quantidade.

O rabi Solomon está a fazer cópias dos primeiros três volumes (somente em yiddish e em hebreu). Conforme a tradição judaica, escribas especializados escrevem à mão todos os rolos da nossa Tora. Eis porque eles têm sido tão bem conservados durante milénios. Lembro-me disso ao ver o rabi Solomon copiar o meu diário.

É emocionante ver tudo isto tomar vida e crer-se que o nosso trabalho é importante.

Tenho de pedir a todos que escrevam com mais clareza, especialmente o padre Jakub.

*Alexander Brandel*

## CAPÍTULO XXI

— Rachel!

— Wolf!

Eles encontravam-se em face um do outro no corredor que dava acesso à principal sala de recreio do novo Orfanato Max e Sónia Kleperman, na Rua Nowolipki. As crianças evoluçionavam à volta deles, enquanto as preceptoras batiam as palmas das mãos com vigor para as reunir.

-Wolf, é uma surpresa ver-te.

Não sabia se conseguiria vir. Não tive tempo de te escrever.

Como descobriste onde eu me encontrava?

Stephan disse-me. Passei toda a manhã com ele. Há uma hora que estou aqui. Ouve-te cantar e tocar piano para os miúdos. Estiveste muito bem.

— Porque não entraste?

— Não sei. Preferi olhar-te enquanto cantavas e tocavas piano e observar os risos das crianças...

No corredor ficaram, subitamente, sós os dois. Estava bastante escuro. Viam-se mal. E ficaram calados depois de se esbater a emoção produzida pelo seu reencontro.

— É bom ver-te novamente — disse por fim Wolf.

— Estás cá muito tempo?

— Depende. Não sei.

Wolf olhou em redor e disse em voz baixa :

— Podemos talvez dar um passeio? Espera, deixa-me pegar-te nas músicas.

— Se assim queres...

Wolf tentou refletir. No ghetto não havia onde passear, nem banco onde se sentassem, nem rouxinol que escutar.

Havia somente miséria e pedintes, pedra e tijolos, e nem o mínimo tufo de relva ou a folhagem verde de uma árvore.

— Gostaria de me sentar em qualquer sítio onde pudéssemos falar um pouco — disse Wolf.

— Eu também. Temos tanto de que conversar...

— Onde havemos de ir?

— Se formos para minha casa, Stephan não nos deixará sós. Depois os meus pais regressarão e serás desafiado para uma partida de xadrez.

— E não podemos ir também para Mila 19. A partir do momento em que entrarmos a porta começarão logo a ratar em nós. Além disso, não há lá lugar onde possamos estar sós.

— Não podemos ficar aqui especados.

— E eu que queria tanto conversar contigo.' — Podíamos tentar o apartamento do tio Andrei. Paro lá às vezes para conversar com ele. Está ausente na maior parte do tempo e a sua porta nunca está fechada.

— Oh, não! Se ele me apanhasse lá contigo, torcia-me o pescoço.

— Não penses nisso. O tio Andrei diz mais do que faz.

— Bem, então...

Não se fitaram em todo o percurso para casa de Andrei.

Wolf manteve durante todo o trajeto os olhos pregados no chão e Rachel aprendera a caminhar pelas ruas com os olhos alheados da perspectiva que a cercava, para não ter de reparar nos pavores que surgiam de todos os lados.

As crianças que mendigavam tornavam-se cada vez mais patéticas e, ultimamente, os cadáveres dos que morriam de fome começavam a aparecer nas sarjetas.

Em dado momento encontraram-se sós no apartamento de Andrei. Wolf acendeu o candeeiro que estava sobre uma mesa, no meio do aposento, enquanto Rachel recobrava a respiração após a ascensão da escada.

Agora podiam fitar-se. Wolf mudara. O seu corpo alto e esgalgado achava-se mais cheio e a pele branca e borbulhenta estava lisa e trigueira à força de se ter exposto ao sol e ao vento; os pelos ralos que dantes lhe afloravam no queixo haviam-se transformado numa barba cerrada, que bem necessitava de ser feita pelo menos dia sim, dia não; a voz era firme e clara como a de um barítono.



Rachel também mudara. Não tinha já o ar de uma rapariga. As suas formas eram vincadas e gráceis como as da mãe. E nos seus olhos adejava um palor de tristeza e inquietude.

Wolf, num gesto brusco, voltou-se e coçou a cabeça.

— Não imaginei que se passaria assim o nosso primeiro encontro — disse.

— É muito estranho, não achas? Quase como se nos víssemos pela primeira vez.

Wolf deixou-se cair numa cadeira, desapontado com a sua falta de decisão. Quantas noites ele não passara acordado na granja imaginando este mesmo momento em que veria Rachel novamente e a envolveria com todo o vigor da sua paixão. Mas agora pareciam estranhos um ao outro. Ambos recordavam admirados as promessas e as palavras que se tinham escrito.

“ Wolf, estás decepcionado.

. Simplesmente comigo. Para falar com franqueza, não sou lá muito conversador, como sabes. — Lentamente, empertigou-se e dominou-a com a sua figura. — Senti muito a tua falta — conseguiu dizer.

Rachel encostou-se levemente a ele e Wolf passou os braços em volta dos ombros da jovem. Ela então contornou-lhe o corpo com as mãos e começou a tremer. E enquanto se estreitavam a terrível inquietude que os possuía desvanecia-se.

Wolf respirou profundamente e suspirou, desoprimido.

Abraçaram-se de novo e beijaram-se, e, então, encontraram uma doce serenidade, a paz.

Rachel e Wolf estavam diante da janela; observavam o cair da noite. Lançaram os olhos para o fundo da rua e, da altura em que se encontravam, podiam ver para além do muro, divisar o «corredor polaco» que separava o grande e o pequeno ghetto e a cúpula da Sinagoga Tlomatskie.

Ele envolvia com um braço o corpo da jovem e ela tinha a cabeça pousada no ombro do amado.

— É maravilhoso — disse Rachel.

— Oh, sim.

— Tornaste-te terrivelmente belo e másculo.

Wolf encolheu os ombros.

— Rachel, tudo o que te escrevi é sincero.

— Como as minhas cartas. Neste momento estou absolutamente certa.

Ela afastou-se dele.

— Wolf...

— Diz.

— Responder-me-ás sinceramente a uma pergunta?

— Decerto.

— Tiveste algumas apaixonadas na granja?

— Ora aí está uma pergunta bem absurda.

— Julgo que sou terrivelmente ciumenta — obtemperou Rachel.

Não há qualquer motivo para sentires ciúmes a meu respeito.

-Não é uma resposta.

— Bem, fiz umas carícias. — Depois acrescentou rapidamente: — Mas isso antes de termos trocado promessas — Fizeste umas carícias?...

— Sim, sabes bem o que é.

— E foi mais que... beijar?

Wolf passou a mão sobre o seu peito para exemplificar, — Bem, é a isto que eu me refiro.

— Oh!

— Antes das nossas promessas.

-Fizeste alguma outra coisa?

— Rachel...

— Quero saber tudo antes de nos decidirmos acerca das nossas relações. Que mais fizeste?

-Rachel, eu sou um rapaz e os rapazes são diferentes e, se eu te contar, és capaz de ficar fula.

-Tenho dezesseis anos, quase dezessete. Há já alguns anos que sou mulher. Conheço estas coisas... isto é, minha mãe e eu temos tido longas conversas sobre o que acontece entre os homens e as mulheres quando se tem idade suficiente...

Wolf estava bastante embaraçado. Rachel fora explícita.

— Wolf?

— Que é?

— Já fizeste isso?

— Não Paras de fazer perguntas. Não é coisa de que se goste de conversar com uma rapariga.

— Se somos realmente namorados, pelo menos da maneira que o dizemos ser, não deverá haver segredos entre nós.

-Experimentei uma vez — disse Wolf num murmúrio.

— Antes mesmo de ir para a granja. Foi no meu aniversário.

Quando fiz dezesseis, há dois anos. Não te agradará ouvir— - me contar como se passou isso.

-Mas, sim.

— Bem. Eu estava com três dos meus camaradas. Um deles era mais velho, tinha dezanove anos, e conhecia uma mulher do Solec. Uma dessas...

— Dessas quais?

: — Das que o fazem por dinheiro.

— Oh... uma dessas!

Seja como for, era o dia do meu aniversário e nós estávamos em casa deste camarada. Ele surripiou uma garrafa de vodca ao pai. Nunca bebera antes, exceto uma gota de vez em quando. Pus-me a rir e não havia meio de me reprimir. A certa altura começámos a falar de... coisas e ele disse que conhecia essa mulher do Solec. As suas palavras foram como que um desafio e eu sentia-me em forma.

— E foste lá?

Wolf inclinou afirmativamente a cabeça.

— E fizeste?

— Bem, aquilo não foi lá grande coisa. Eu assustei-me como os diabos e não sabia o que fazer. Aposto que me ficas a odiar depois de te ter contado isto.

— Não, admiro a tua franqueza. Agora sei que serás sempre sincero para comigo.

— Não estás zangada?

— Minha mãe explicou-me que certas coisas são bastante normais para os rapazes, isto é, para os homens.

E diz que eu não devo reprimir demasiadamente as minhas emoções e os meus sentidos porque isso pode conduzir à frustração.

— Tua mãe é uma pessoa como deve ser.

— Por vezes penso que me diz por se sentir frustrada.

Imagino que não tem sido feliz com o pai.

— Isso é terrível. Os meus pais são felizes. O meu pai não parece ter muita necessidade disso, pois trabalha bastante, mas sei que ele e a minha mãe são felizes. Rachel, decerto que compreendes o que quero dizer.

— Wolf... já alguma vez te passou pela ideia nós a fazê-lo?

— Sim... Procuo nunca pensar com demasiada intensidade em ti nem fazer qualquer coisa que te possa causar sofrimento. Mas não é por minha culpa que não consigo deixar de imaginar essas coisas. Diz-se que é pecado, mas não sou capaz de o evitar.

— Eu penso também nisso — murmurou ela.

— Eu... eu não julgava que as raparigas pensavam acerca disso... como acontece com os rapazes.

— Sim... da mesma maneira. Durante a tua ausência, comecei a perguntar a mim mesma se te tornaria a ver.

Eu sei que se não houvesse guerra, um ghetto e as coisas terríveis que estão a acontecer, cresceria mais lentamente, como era normal antes. E poderíamos representar às raparigas coquettes, como gostamos de fazer. Mas este terror suspenso sobre nós, sempre... Despertar-se a meio da noite com os apitos a retinir lá fora durante ruggas e caminhar-se nas ruas com as sereias a vibrar e os altifalantes vociferando...

E agora as crianças a morrer nas ruas... Tudo isto me transformou. Sou terrivelmente agressiva, não achas?

— Creio que és a mulher mais maravilhosa que já existiu.

Rachel abriu os braços a Wolf e envolveu-o neles com uma espécie de desespero.

— Amo-te de maneira diferente da que minha mãe ama o meu pai. Ela tenta fazer-me compreender. Wolf, não quero morrer uma mulher infeliz como minha mãe!

O beijo foi diferente de todos os outros, pois, no instante em que as suas bocas se tocaram, haviam-se tornado homem e mulher. Desejavam-se ardentemente e não podiam mais dominar os seus

impulsos, retê-los. Ela fechou os olhos e sentiu no rosto a frescura dos lábios dele, numa carícia maravilhosa ;

fincou os dentes no ombro do amado, cravou lhe os dedos nas costas enquanto ele tentava, nervosamente, desabotoar lhe a blusa...

A porta rangeu.

Aterrados, aperceberam-se da presença de Andrei do outro lado do quarto. Ele deu dois, três passos ameaçadores na sua direção.

— Filho de uma cadela! — bramou Andrei numa voz sibilada.

Wolf colocou-se defronte de Rachel, que escondeu o rosto nas costas do jovem e se desfez em lágrimas.

Andrei volveu os olhos de um para o outro, a fúria deformando lhe o rosto.

— Sai do quarto, Rachel — disse Wolf mansamente.

— Ele vai matar-te! — gritou Rachel.

Andrei deteve-se. «Wolf Brandel a abusar da minha sobrinha.

Mas, espera. Não é Wolf, mas um jovem alto e robusto que aguarda, como um idiota, que eu o faça em bocados.

E Rachel... Estranho! Não compreendi até este instante que ela era já uma mulher. Wolf Brandel. Mudei lhe as fraldas quando ele era um bebé. Ele foi já outra coisa a não ser um jovem decente? Por Deus, Andrei! Que tens tu? Não vês que eles dois se amam?» Andrei descontraíu-se.

— De futuro, se vocês deixarem as braçadeiras na caixa do correio, ficarei a saber que estão aqui e não vos perturbarei.

E, pelo amor de Deus, fechem a porta.

## CAPÍTULO XXII

No dia seguinte Wolf voltou ao apartamento de Andrei.

— Quero que saiba — disse o jovem a Andrei — que não me ando a divertir com Rachel. Tenho por ela um sentimento muito mais profundo que por qualquer outra pessoa. Amo-a. Não estou certo de qualquer outra coisa, mas sinto que ela me ama também.

Andrei inclinou a cabeça num gesto afirmativo.

— Já refleti sobre o caso. Acredito. — Vazou um pouco de vodca num copo. — Bebes disto?

— Experimentei algumas vezes na granja. Mas não gostei lá muito. Quero que saiba que... bem, nós apreciamos muito a sua confiança. Não é possível encontrar no ghetto um lugar onde duas pessoas possam estar sós.

— Compreendes, foi para mim um choque ver subitamente alguém que considerava ainda uma menina nos braços de alguém que tomava ainda por um rapazinho. Em condições normais, as coisas sucederiam com certa lentidão. Tem de se crescer depressa nestes tempos, não há opção.

— Andrei, para falar verdade, eu não quero realmente fazer lhe nada.

— É-me grato ouvir que estás com boas intenções, mas, no calor de um momento, elas dissipar-se-ão um dia. Sê o mais gentil que puderes e faz que ela tome precauções.

Wolf corou violentamente.

— Afinal, sempre vou tomar um pouco de vodca. — Bebeu um gole e não pôde reprimir uma careta à passagem do álcool para o estômago. — Desejava também falar acerca de outra coisa. Não voltarei para a granja.

— Oh! Tolek Alterman disse-me que tu és o seu melhor elemento. Estou certo de que ele conseguirá dispor as coisas de maneira a vires cá um dia por semana com o leite; assim poderás vê-la.

— Não é essa a verdadeira razão.

— Qual é então?

— A vida na granja é fácil. Penso que devo fazer mais.

— Não sejas tão nobre.

— Não sou nobre. Andrei, seria mais fácil se você deixasse Varsóvia, mas, pelo que vejo, fica.

— Escuta, Wolf. Dá-te por feliz por o teu pai ocupar uma posição que lhe permite mandar-te para a granja.

— É precisamente essa a questão. É-me dispensado um tratamento especial apenas por eu ser filho de Alexander Brandel. Não é justo. Ontem à noite, depois de levar Rachel a casa, falei aos meus pais. Disse lhes que não voltaria para a granja.

— Que te responderam eles?

— Minha mãe pôs-se a chorar; o meu pai desatou a discutir.

Já conhece o seu poder de argumentação. Já ouvi entre ele e Tolek Alterman discussões sobre lógica sionista que dariam para seis vidas inteiras. Posso não o parecer, mas por vezes sou bastante obstinado. Quando meu pai compreendeu que eu não voltaria de fato para a granja, começou a censurar-se por não ter sido um bom pai e não me ter dedicado mais tempo. Ele é sempre assim. Em dado momento o bebé começou a chorar, de modo que todos os quatro constituímos uma bela banda. Mais tarde sentámo-nos no escritório do meu pai. somente ele e eu. Não fazemos isso muitas vezes. Ele acabou por se convencer de que eu tenho razão em querer ficar. Disse-me para vir visitá-lo. Que o Andrei teria trabalho para mim.

--Ele disse-te que espécie de trabalho?

— Não. Mas eu sei que se encontra ocupado com coisas importantes. Quero ser um agente de ligação.

Que te fez pensar que possas ser um agente de ligação?

Bem, eu não tenho uma fisionomia lá muito judaica.

Utilizamos mulheres como agentes de ligação, Wolf.

— Posso desempenhar-me da tarefa tão bem como uma mulher.

Disseste que não tinhas um ar lá muito judeu. Pelo contrário, eu digo que tens. Sabes o que sucederia se fosses apanhado? Conduzir-te-iam para a sede da Gestapo, na Rua Shucha, e

desabotoar-te-iam a braguilha. O teu pai pôs-te em aliança com Deus quando te fez circuncidar, de modo que Deus te pudesse reconhecer como judeu. O único sarilho é que os Alemães se servem também disso para reconhecer os Judeus.

Wolf jamais pensara neste pormenor.

Andrei examinou o rapaz. Dezoito anos. Alto, robusto.

Vivo... vivo como um gamo. A sua timidez era um engano.

Wolf Brandel fizera estudos brilhantes. Tinha ideais. Magnífico!

Havia nestes tempos tanta gente desprovida deles!

Tomando o caminho mais arriscado somente para satisfazer uma necessidade íntima de proceder com retidão. Um bom soldado em qualquer exército.

— Vamos dar uma volta, rapaz.

Desceram a Rua Leszno, passaram pela Igreja dos Convertidos e pelo novo e vasto complexo industrial destinado a fabricar e a reparar os uniformes do exército germânico.

«Uma Empresa Franz Koenig», anunciava uma grande tabuleta.

Koenig tinha também interesses numa serração do pequeno ghetto e na enorme fábrica de escovas na extremidade norte. O Dr. Koenig tornara-se milionário.

Esperaram num cruzamento que um eléctrico se aproximasse e subiram. Nos lados e no topo o veículo tinha grandes estrelas de David. Os Sete Grandes possuíam a concessão das linhas do ghetto.

Andrei apeou-se no cruzamento de Smocza com Gensia ;

Wolf caminhou a seu lado até ao muro que se elevava mesmo a meio da Rua Okopowa. Wolf estava excitado com o sabor desta aventura. Subiram a rua até meio do bloco de imóveis, Do outro lado do muro estava o cemitério judaico.

Este era um lugar apropriado para o negócio do contrabando. As pessoas podiam ocultar-se no cemitério com as mercadorias para o «mercado negro». Neste sector o muro achava-se bem vigiado. Andrei deteve-se defronte do velho Teatro Workman, agora encerrado. Antes da guerra tinham sido aí representadas as melhores peças em yiddish Atualmente o vestíbulo fora transformado numa cozinha de sopa para pobres. O resto estava desocupado.



Andrei meteu-se pela ruela que dava acesso à porta de entrada dos artistas. Correu rapidamente os olhos em redor empurrou a porta e puxou Wolf para dentro. Encontraram-se no palco. Levou lhes um momento a habituar os olhos ao escuro e as narinas ao cheiro a bafio. Andrei murmurou algumas recomendações quanto a cabos e outros obstáculos. O interior da casa tinha um ar tétrico. As poltronas estavam todas em ruína. Um cenário fanado, que representava o jardim de um nobre polaco, pendia por trás deles.

Andrei apurou o ouvido. Podia distinguir alguns ruídos surdos provenientes da cozinha da sopa dos pobres. Dirigiu-se nas pontas dos pés até ao quadro da luz eléctrica e deu volta ao interruptor. Wolf estava fascinado. Nenhuma lâmpada se acendeu. Era, pela certa, uma espécie de sinal, pensou.

Acima deles abriu-se uma porta falsa. Andrei trepou com presteza uma escada de mão. Wolf seguiu-o. Acharam-se num amplo sótão. A porta fechou-se atrás deles.

— Senhoras \_e senhores — disse Andrei -, vão conhecer o nosso mais novo colaborador.

A boca de Wolf escancarou-se numa atitude de espanto.

Encontravam-se presentes quatro pessoas, todos antigos bathyrans que viviam em Mila 19. Adam Blumenfeld estava sentado diante de um receptor de rádio, com aparelhos de escuta nos ouvidos.

— Olá, Welvel! — disse, acolhendo o rapaz pela alcunha.

Pinchas Silver trabalhava junto de uma caixa que continha caracteres tipográficos. Ao lado da pequena impressora achavam-se exemplares do jornal clandestino Liberdade. Pinchas sorriu a Wolf e dirigiu lhe um gesto amigável. A um canto, uma mesa, onde se forjavam falsos papéis, e uma câmara.

As irmãs Farber, Mira e Minna, achavam-se ali a praticar para agentes de ligação.

Algumas notícias?

Adam Biiuvúield tirou um dos aparelhos de escuta.

Apanhei a B. B. C. Falaram de contratorpedeiros que os Americanos vão emprestar aos Ingleses.

— E quanto ao exército do interior? — perguntou Andrei, referindo-se às forças polacas clandestinas, em rápida organização. — Eles mudam constantemente de frequência. A não ser que obtenhamos o seu programa, somente por acaso poderemos captar as suas emissões.

Andrei resmungou. A sua tarefa mais urgente, agora, era estabelecer sólido contato com o exército do interior. Até ao presente, ainda não o conseguira. Voltou-se para Wolf.

— Duas lições. Primeira, ter acesso, em vida, a este sótão. Em caso de perigo, trepamos para o telhado. Segunda, este trabalho não é nem romântico nem emocionante. É monótono e exigente.

Durante algumas das semanas seguintes Wolf aprendeu a servir-se dos auscultadores, a estar atento ao rádio e a fazer funcionar a impressora. A seguir Andrei obrigou-o a decorar os nomes de todos os elementos da Milícia Judaica e, de entre estes, quais os que se deixavam subornar e por que quantia. Um a um, foi posto ao corrente dos lugares secretos nos fundos das padarias, nas caves das sinagogas abandonadas, onde Simon Éden, Rodei, o comunista, e o pequeno núcleo dos elementos da organização prosseguiam o seu trabalho clandestino.

A sua primeira missão: distribuir exemplares da Liberdade.

Passá-los nos mercados, lança-los em lugares secretos, afixá-los em muros onde pudessem ser vistos com facilidade.

Conforme Andrei o prevenira, era um trabalho monótono e exigente. Tornava-se cada dia mais arriscado circular nas ruas. A polícia de Piotr Warsinski estava a arrebanhar judeus às centenas para alimento contínuo das fábricas de trabalho forçado.

O Dr. Franz Koenig efetuou uma curta viagem a Berlim a fim de ser recebido pessoalmente por Himmler e trazer consigo um contrato para o fornecimento de uma grande encomenda de escovas ao exército alemão. O complexo industrial da extremidade norte tinha de ser grandemente ampliado. Quando deixou de encontrar gente nas ruas, Warsinski ordenou aos seus homens que efetuassem buscas indiscriminadas às casas particulares e aos albergues de refugiados, a fim de suprir a mão-de-obra exigida.

Wolf aceitava as suas missões sem protestar, invejava as irmãs Farber. Louras e de olhos azuis, elas passavam por arianas. Aprender as vias que devia seguir um agente de ligação era apenas uma pequena parte do treino.

Era lhes necessário conhecer a Bíblia dos católicos do princípio ao fim, saber rezar em latim, assim como com o rosário. Tinham ainda de fingir que não compreendiam yiddish ou alemão, línguas que lhes eram familiares desde tenra idade, a fim de «demonstrarem» que não eram judeus.

Uma outra personagem operava regularmente no sótão do Teatro Workman: Berchek, um antigo desenhador comercial.

De tempos a tempos eram falsificadas, para serviço dos membros da organização clandestina, Kennkarten «arianas», passes para circular e até mesmo passaportes. Berchek industriou Wolf nos princípios desta arte e permitiu lhe ajudá-lo na colagem das fotografias sobre os documentos.

Andrei orgulhava-se imenso do seu protegido. O jovem aprendia com facilidade e executava as ordens sem discutir.

Em duas ou três ocasiões, ao distribuir o Liberdade, por pouco não era preso; salvou-o, no último instante, o seu sangue-frio e discernimento.

Quando não se encontrava de serviço, Wolf passava parte do tempo em casa com os pais e com o irmãozinho, em Mila 19. Por vezes visitava o seu irmão «adoptivo», Stephan Bronski. Ensinava hebreu ao jovem, conduzia-o nos seus estudos básicos, jogava xadrez e respondia a milhares de perguntas curiosas.

E, duas ou três noites por semana, encontrava-se com Rachel no apartamento de Andrei.

Cada vez que se encontravam, as suas relações avançavam um passo em direção à plenitude do seu amor! Castigavam-se, mortificavam-se e maldiziam a sua sorte. Desejavam desesperadamente possuir-se. Wolf em primeiro lugar» Rachel, revezavam-se em conter os seus impulsos corporais e legítimos. Cada vez que se separavam partiam com o coração mortificado, mas antegozando avidamente o encontro seguinte A perspectiva de novos encontros mantinha-os com vida entre o desespero de uma

existência torturante. O seu amor fazia-os esquecer um pouco os horrores crescentes que os cercavam. Desde que detivessem aquele instante de encantamento em que Wolf galgava o último lanço de escadas para se lançar nos braços da sua amada, o resto não importava grandemente.

Entrada do diário.

Ontem à noite o Clube dos Bons Amigos reuniu-se para discutir o último desastre.

Ontem de manhã vinte e cinco nazis do Corpo Reinhard, comandados por Sieghold Stutze, penetraram no ghetto pela Porta Zelazna. O seu aquartelamento encontra-se mesmo por trás do muro, de modo que quase se não pode prever a iminência de uma incursão. Eles dirigiram-se diretamente para Nowolipki 24 e cercaram a casa. Cinquenta e três ocupantes — homens, mulheres e crianças — foram arrastados para a rua e conduzidos para dois camiões militares.

Logo que eles partiram, a Milícia Judaica afixou, por todo o edifício, cartazes que anunciavam encontrar-se ele «contaminado pelo tifo, cheio de ratos, etc.» Os cinquenta e três infelizes foram conduzidos para o cemitério judaico. Ao longo do muro norte, foram obrigados a cavar um largo fosso, a despir-se e a alinharem-se na borda, foram assassinados pelas costas e, após terem tombado nas valas, os seus cadáveres passados à baioneta.

A Milícia invadiu o edifício de Nowolipki e transportou num carro todos os pertences dos seus infortunados ocupantes.

Já antes se haviam efetuado execuções em massa no cemitério. Usualmente, um grupo acusado de atividades Criminosas» ou intelectuais. Nunca, porém, se registara a execução de cinquenta e três pessoas sem discriminação e Sem pretexto.

Embora o prédio se encontrasse condenado por «contaminação», consegui alugá-lo esta manhã para nele instalar um lar de órfãos. Segundo me disseram, os Alemães vão agora dar uma série de explicações legais para «justificar as execuções. O «receio de uma epidemia» constitui a principal razão para explicar

estas ações, além do motivo que geralmente alegam: «atividades criminosas».

Nós, os do Clube dos Bons Amigos, estamos quase certos de que esta execução em massa foi um teste.

Outros sintomas inquietantes. Foi ordenado, esta manhã, um corte nas rações. O Dr. Glazer informa-me de que este procedimento nos coloca bem abaixo do nível exigível para se não morrer de fome. Assim, segundo a lógica nazi, todo aquele que obtenha víveres necessários para assegurar a sua subsistência é um criminoso. Quem é que congeminará estes planos?

Contudo, é na União Soviética que o estado de terror se mantém mais agudo. Recebemos constantemente informações de que «comandos de ação» especiais das SS se empenham na chacina de judeus por todo o Báltico, Rússia Branca e Ucrânia, conforme se regista o avanço das tropas alemãs.

Ouvimos vagamente falar de um plano destinado a enviar todos os judeus para a ilha de Madagáscar. (Talvez para férias.) Hans Frank perdeu definitivamente a sua batalha. Continuam a deportar-se para a área do Governo-Geral não só judeus como também criminosos, homossexuais, ciganos, «eslavos típicos», prisioneiros políticos, prostitutas e outros rotulados de «sub-humanos». Por conseguinte, a área do Governo-Geral tornou-se a «latrina» para onde se despejam os não-arianos da Alemanha. Estão a construir-se enormes campos de concentração. Afigura-se que um deles em particular, o de Auschwitz, na Silésia, terá dimensões extraordinárias.

O Clube dos Bons Amigos imagina que esta deportação de judeus e «sub-humanos» constitui um problema difícil para os caminhos de ferro, sobretudo se se tiverem em mente as necessidades inadiáveis e constantes do exército germânico na frente oriental, que exige também o esforço de dezenas de milhares de homens.

Conclusão: os Alemães chegaram a uma decisão quanto à solução final» que nos diz respeito. Receio que eles pró— cedam a novas execuções antes de atingirem o nível desejado para o trabalho forçado.

O telefone interrompeu Alex.

. Fala Alexander Brandel.

Alex. Shalom Aleichem — disse uma voz do outro lado do fio. Era a saudação convencional da parte de um contato chamado Romek, do outro sector.

Shalom — respondeu Alex.

Alex, espero que não te esqueças que combinámos um encontro para almoçar.

Oh, que distraído que eu sou! Esqueci-me dele, pura e simplesmente.

— Na casa de Yetta, às duas horas.

— Combinado. Lá estarei.

Alex, em seguida, fechou no cofre o volume do diário e subiu as escadas que davam acesso ao seu quarto. Wolf brincava no soalho com Moses.

— Filho — disse Alex --, corre rapidamente a casa de Andrei. Wanda chegou de Cracóvia com uma embalagem.

Diz lhe que mande uma das jovens Farber à Praça da Cidade Velha. Ele compreenderá. É urgente. Wanda passará às duas horas.

Quando Wolf entrou no sótão do Teatro Workman, apenas lá se encontrava Adam Blumenfeld, de escuta ao rádio.

— Onde estão os outros? Chegou um estafeta de Cracóvia.

— Céus! — grunhiu Blumenfeld. — Só a esperávamos amanhã. Andrei, as irmãs Farber e Berchek estão todos no sector ariano. Pinchas Silver não pode ir. Volta a casa rapidamente e comunica ao teu pai o que te acabo de dizer.

Ele saberá o que fazer.

Alex tamborilava com os dedos no tampo da secretária, tentando pensar. Era uma hora. Restava apenas uma hora Para estabelecer contato com Wanda. O aviso fora tão inesperado que os quatro agentes de ligação dos Bathyrans Se encontravam no outro sector.

«Pensa, cos diabos, pensa!», disse Alex para consigo A sua calma inalterável e habitual começou a aluir Na embalagem havia oito a dez mil dólares. Belos, maravilhosos, cuja proveniência não podia ser detectada, dólares expedidos pelo Thompson, da Embaixada Americana.

Mirou o telefone. Chamar o Romek, que se achava do outro lado do muro? Não. Seria infringir a regra fundamental : nunca telefonar a um contato do sector ariano sejam quais forem as circunstâncias.

Que aconteceria se Wanda se apercebesse de que não havia contato algum? Teriam de perder uma remessa como aquela.

Alex levantou o auscultador e ligou para a Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo, em Leszno 92, quartel-general de Simon Éden, e pediu para falar a Atlas.

— Aqui, Atlas.

-- Brandel.

— Diz...

— Romek convidou-me para almoçar às duas horas na casa de Yetta. Porém, não me posso afastar da minha secretária.

Importas-te de lá ir?

— Temos menos de uma hora. Espera um momento, que eu vou ver se posso modificar os meus planos.

Escoaram-se três minutos preciosos.

— Alex.

— Diz!

— Não posso. É impossível.

Alex pousou lentamente o auscultador. «Perdida! A remessa está perdida!» Levantou os olhos e viu o filho diante da secretária.

— Irei eu, meu pai.

— Não.

— Posso papéis falsos e tenho andado a praticar.

--Eu disse: «Não!» — Pai...

— Já foi suficiente teres-me convencido a abandonar a granja. A tua mãe quase ia morrendo.

— Juro — disse calmamente o jovem — que nunca mais lhe falarei. — Wolf voltou-se, dirigiu-se para a porta e entreabriu-a.

— Wolf, pelo amor de Deus, não me peças que...

Conhecia o rapaz. Gentil, mas obstinado. Ainda mais obstinado do que Andrei. Alex acalmou-se.

Muito bem. Deixa sobre esta secretária tudo o que te possa identificar. Leva só os papéis falsos. Cada vez possuímos menos

tempo. Terás de sair por uma das três portas do lado norte; a uma delas deve estar postado um guarda que se possa subornar.

Alex abriu uma gaveta.

Estão aqui mil e duzentos zlotys em notas. Por meio delas conseguirás sair e entrar no ghetto. Vai ao Museu Madame Curie, na Praça da Cidade Velha. Compra violetas azuis no caminho e embrulha-as num jornal. Wanda é Rebecca Eisen. Tu conhece-la.

— Mais alguma coisa?

— Se... algo acontecer... não te chamas Wolf Brandel.

— Não se incomode, meu pai. Nada sucederá.

— Filho, não temos passado muito tempo juntos... e agora, de súbito...

— O pai significa bastante para muita gente. Sempre me orgulhei de si.

Wolf dirigiu-se célere para a porta mais próxima, que ficava a uma esquina entre as Ruas Dzika e Stawki, não muito longe de Mila 19. Passou primeiro diante da porta a fim de examinar os três membros da Milícia que estavam de guarda.

Não reconheceu qualquer deles; assim, certificou-se de que os homens não sabiam quem ele era.

Aproximou-se do mais graduado e passou-lhe a Kennkarte.

O guarda desdobrou o documento, que constava de três folhas, e, com a maior naturalidade, colocou a palma da mão sobre a nota de cem zlotys. Estudou a carta. Era obviamente um documento falso, pois não estava marcado com um J. Tratava-se, pensou, de trabalho clandestino ou de contrabando. Tentou obter mais dinheiro.

— A minha velhota está muito doente — disse.

— Que vá a um médico — respondeu Wolf, introduzindo na mão do homem outra nota de cem zlotys.

Um ganho inesperado.

— A que horas estará de volta?

«O canalha quer ainda mais», pensou Wolf.

— Dentro de algumas horas.

— É pena. Já não me encontrarei de serviço. Tente a sorte com o meu primo Handelstein, na Porta de Gensia.



Diga-lhe que falou com o Kasnovitch.

— Obrigado —olveu Wolf.

Cinquenta zlotys do outro lado da porta desembaraçaram-no da Polícia Azul Polaca.

Wolf encaminhou-se rapidamente para a Praça da Cidade Velha. O tempo escoava-se.

A Gestapo vigiava há várias semanas os movimentos de Tommy Thompson, da Embaixada Americana em Cracóvia.

Sabiam para que lado pendiam as suas simpatias e estavam relativamente certos de que ele passava dinheiro e informações aos Judeus. A Gestapo deixou-o continuar, na esperança de poder detectar os seus contatos e descobrir a cadeia que operava em Varsóvia.

Thompson empreendera recentemente uma nova atividade.

O exército do interior, uma vasta organização polaca clandestina, estava a constituir-se e a desenvolver-se. Tommy trabalhava com os seus dirigentes. Este era um assunto ainda mais sério. Ele figurava na lista de pessoas a serem expulsas da Polónia dentro de curto prazo.

A Gestapo decidira prender o próximo agente de ligação que deixasse Thompson. A partir do momento em que Thompson entregou o embrulho com os oito mil dólares a Wanda, a estafeta dos Bathyrans, os nazis puseram-se-lhe no encalço.

Alerta e bem treinada como estava, Wanda suspeitou de qualquer coisa na gare de Varsóvia; permitiram-lhe que passasse pela inspeção sem qualquer dificuldade e os seus papéis falsos não foram examinados nem o embrulho desatado.

Ela penetrou na Praça da Cidade Velha com a intuição de que estava a ser seguida. Na praça não se encontrava muita gente: à volta de trinta ou quarenta pessoas. Contudo, era impossível notar imediatamente um vigia, pois no quadrângulo formado pelos edifícios de cinco andares podiam ocultar-se cem pares de olhos atentos. Ela entrou propositadamente pelo canto oposto ao Museu Madame Curie e avançou com ar descuidado pelo empedrado, a fim de atravessar a praça em diagonal. Pelo canto dos olhos mirou a

fachada do Museu, que apresentava ligeiros vestígios de bombardeamento.

Um jovem de aspecto negligente estava encostado à parede. Ela aproximou-se, caminhando ainda diagonalmente, para passar por ele a uma distância de uns 20 ou 30 metros, a fim de o examinar.

Os saltos dos seus sapatos produziram um ruído surdo no pavimento.

Violetas azuis embrulhadas num jornal. Wanda elevou os olhos. O jovem era Wolf Brandel. «Um rapaz de belo aspecto», pensou Wanda. «Ele vê que eu vou passar a seu lado.» Neste momento Wanda já caminhara bem uma centena de metros. No caso de a estarem a seguir, os seus perseguidores teriam de mostrar-se na vasta praça ou correr o risco de a perderem de vista. Ela queria olhar para trás, mas não ousava. Não podia entrar em contato com Wolf antes de se certificar.

Wanda reparou numa grelha de um esgoto. Ótimo!

Passou por cima da grelha e, intencionalmente, colocou o tacão de um dos sapatos entre dois dos ferros. Ajoelhou-se para desembaraçar o sapato, ao mesmo tempo que lançava um olhar para trás de si. Dois homens estacaram subitamente a poucas dezenas de metros.

Uma armadilha!

Wolf espiava-a cuidadosamente. Deu-se conta da presença dos homens que a seguiam. Viu-a lançar pressurosamente o pacote no esgoto, desembaraçar o sapato da sua prisão e safar-se da praça. Um momento depois a praça achava-se coalhada de alemães, que revistavam toda a gente.

Wolf não esboçou um movimento.

— Violetas para a tua mãe, filhinho?

Wolf apercebeu-se da presença de dois agentes da Gestapo.

## CAPÍTULO XXIII

Era procedimento comum, de acordo com o padrão operacional, que qualquer judeu surpreendido no sector ariano fosse interrogado pessoalmente, na sede da Gestapo, pelo chefe, Gunther Sauer.

Alguns momentos depois de Rebecca Eisen, conhecida por Wanda, se desembaraçar do pacote com dólares, foi presa, e as quarenta e duas pessoas que se encontravam na Praça da Cidade Velha foram cercadas e conduzidas para a Gestapo, a fim de serem submetidas a um interrogatório.

Entre os detidos encontravam-se quatro judeus disfarçados.

A aparência de Gunther Sauer era enganadora. Idoso, pançudo e de altura mediana, tinha uma frente extraordinariamente alta, com uma madeixa de cabelos prateados. Os seus olhos eram um pouco túmidos e semicerrados e a voz gentil.

Tomar-se-ia facilmente por um avozinho bondoso, em vez de um chefe da Gestapo. Era, na verdade, um avô adorável.

Gunther Sauer amava os animais. Um podengo de olhos brilhantes, Fritzy, estava sempre instalado ao lado da sua secretária, numa cesta guarnecida de almofadas. Sauer deixava a espaços o seu trabalho para romper em profundas gargalhadas quando Fritzy fazia um número merecedor de um torrão de açúcar.

Ele era, antes de mais e apenas, um polícia devotado ao seu trabalho, um mestre na sua profissão, e vivendo num mundo à parte, como muitas vezes sucede com os polícias.

Sauer era um perito em terror político, que se tornara a tarefa primordial depois de os nazis se terem apoderado do poder. Extirpar a oposição política e intelectual era o dogma que tinha de ser executado com impiedosa objetividade.

Ele era também um mestre da guerra psicológica, método que se utiliza para se despedaçar os nervos e a vontade do antagonista. Os intelectuais eram dóceis: os concorrentes económicos dos nazis,

maleáveis. A aplicação inteligente do medo podia ganhar uma batalha de cem exércitos.

Ao contrário de muitos dos seus camaradas da Gestapo, Gunther Sauer nunca utilizou o terror ou a tortura sem um motivo deliberado, mas como uma arma profissional para obter um resultado. A tortura nem sempre é eficaz quando aplicada a certas pessoas, bem como as táticas de terror psicológico. Segundo Sauer, era um desperdício de tempo e de energia torturar alguém que estava decidido a não ajudar a resolver um dado problema de «polícia». Sauer abominava a brutalidade de Stutze, que experimentava verdadeiro prazer em infligir torturas.

Tinha de ser completamente objetivo em relação à sua vítima. Depois de estudar uma pessoa, ele podia, com grande facilidade, estabelecer o limite da sua capacidade de resistência.

Nunca empregava a tortura em prisioneiros que sabia que não se deixariam vencer por ela.

Por outro lado, nunca hesitava quando se apercebia da fragilidade da sua vítima. E nunca o perturbou o fato de recorrer mais vezes à tortura do que a ela renunciava.

Uma vez ou duas, no princípio da sua carreira, passara noites sem 'dormir após ter torturado uma criança diante da mãe, mas aprendeu a endurecer a sensibilidade, pois isso fazia parte do seu trabalho quotidiano.

Sauer interrogou os três primeiros judeus. Todos eles eram nervosos e loquazes. O primeiro era um contrabandista, o que implicava o suborno e amigos altamente colocados.

O segundo, um imbecil que se evadira de Lemberg, um vadio.

O terceiro, um dos muitos milhares de judeus disfarçados de cristãos no sector ariano. Este homem apresentou uma versão tão fantasista da sua atividade para encobrir as suas relações que se tornou o mais suspeito como agente de ligação com Rebecca Eisen.

Wolf Brandel foi empurrado para o gabinete. Sauer estava inclinado sobre a secretária a acariciar o peito de Fritz. O cão gania suplicante enquanto Sauer o arrelia, abrindo e fechando a gaveta onde guardava a caixa que continha as guloseimas. Fritz ganhara o seu prémio; correu num círculo pela sala, exteriorizando o seu

contentamento, e depois instalou-se no tapete a mordiscar o biscoito.

Wolf retirou o boné da cabeça e ficou imóvel e atento.

Um cálculo rápido. «Dezoito anos, mais ou menos. Não tem aparência de judeu. Robusto, bem alimentado, portanto de posses. Tamanho e condição física perfeitos para um agente de ligação. Vacila ligeiramente, devido aos nervos, mas os seus olhos têm um ar de inocência. Fita-me bem no rosto.» — Judeu?

— Sim, senhor. Fui detido.

— O nome?

— Hershel Edelman.

— Onde és, Hershel?

«Cuidado com as falinhas mansas, Wolf! Já ouviste falar de Sauer. Falaz. Ele vai procurar enredar-te.» — Sou de Wolkowysk.

— Como é que vieste para Varsóvia?

— A minha família foi conduzida para o ghetto de Bialystok. Escondi-me na igreja durante a rusga. Em seguida dirigi-me a Bialystok a fim de me pôr em contato com um amigo do meu pai que vive fora do ghetto.

— Qual é o nome da igreja em que te escondeste?

— S. Casimiro.

— E o nome do padre?

— Não sei, senhor. Ele não sabia que eu estava lá escondido.

— Continua.

— Depois visitei este amigo do meu pai. Costumava ter negócios com ele.

— Como se chama?

— Wynotski.

— Qual é o negócio do teu pai?

— Schoychet.

— Perdão...!?

— É um homem que mata galinhas e vacas para fazer carne kosher.

— Fritzy, meu mauzão. Vá, deita-te na tua cama e não saias de lá... Mas, Hershel, tu afirmaste que Wynotski negociava com o

teu pai. Se Winotski vendia carne kosher, ele devia estar no ghetto, não achas?

--Não, senhor. Wynotski tem uma loja de brinquedos.

Veja, o meu pai esculpia, nas horas livres, peças para jogos de xadrez e vendia-as a Wynotski. Se o senhor vivesse nas proximidades de Wolkowysk ou de Bialystok, teria ouvido falar das peças de xadrez do meu pai.

— Continua.

-. Depois Wynotski deu-me esta Kennkarte ariana e um passe para circular.

--Segundo imagino, Wynotski não é judeu.

— Semi-judeu, penso. De qualquer maneira, a sua casa e a loja de brinquedos estão cheias de crucifixos, de rosários, Bíblias e coisas do género.

— Onde é que esse Wynotski arranjou a Kennkarte ariana?

— O mais provável é tê-la comprado a uma família à qual morreu um parente e cujo falecimento não foi registado.

Eu, porém, não fiz perguntas. Quero dizer que naquelas condições era aceitá-la sem qualquer explicação.

«Um jovem hábil», pensou Sauer. «Ou um magnífico embusteiro ou inteiramente honesto.» — Continua — disse Sauer.

— Assim, dirigi-me para Varsóvia.

— Porquê?

— Porquê?! É a maior cidade da Polónia. Imaginei que teria maiores possibilidades de me esconder, pois que, como não conheço ninguém aqui, não seria reconhecido — Há quanto tempo te encontras cá?

— Há três dias.

— Onde te tens alojado?

— Descobri uma janela mal fechada nas traseiras dos lavabos dos homens na estação. Parece mais um depósito de esfregões, baldes e coisas do género. É aí que tenho dormido.

— Que estavas tu a fazer defronte da estátua da Praça da Cidade Velha?

— Do Museu Madame Curie — corrigiu-o Wolf. — Esperava uma pessoa.

— Quem?

— É fácil de calcular, senhor. Eu tinha de fazer alguma coisa. Então, pus-me a andar por aí. Era já pouco o dinheiro que me restava. Em dado momento comecei a ouvir falar de certas coisas. Compreende, não é verdade? Então dirigi-me a Solec, pois me haviam dito que uma pessoa podia aí arranjar-se facilmente. Entrei no Cabaré Granada.

Claro, vi por lá alguns desses patifes habituais em tais sítios e conheci esta... bem... esta rapariga da vida...

Sauer estava fascinado.

-Então descobri que ela era judia. Selma, eis como se chamava. Estou certo de que é um nome falso. A princípio mostrei-me muito reservado, pois pensei que ela fosse uma dessas que, entre as demais atividades, andam à cata de fugitivos para denunciar. Mas é bem engraçado como dois judeus se podem identificar um ao outro. A certa altura Selma disse-me que conhecia alguém que me podia dar uma ajuda, mas aconselhou-me a não pôr mais os pés no Grã— nada, porque os malandrins que por lá havia costumavam entregar à polícia os judeus fugidos que encontravam. Ela combinou comigo um encontro para o dia seguinte na Praça da Cidade Velha.

-E que fazias tu com aquelas violetas? — perguntou Sauer bruscamente.

Wolf coçou a cabeça e corou.

— Esta tal rapariga da vida foi muito gentil para comigo, senhor. Quis simplesmente oferecer-lhe as violetas.

Sauer continuou por mais duas horas a falar amena— mente com Wolf. As perguntas dissimulavam as armadilhas, das quais, porém, o jovem se apercebia perfeitamente. Por vezes Wolf volvia, em tom de lamento: «Se está a tentar confundir-me, senhor, é certo que conseguirá os seus intentos' Começo já a misturar tudo no meu desejo de dizer a verdade pura e simples.» Wolf Brandel passou essa noite sozinho numa cela. Os gritos dos supliciados chegavam-lhe através do corredor e feriam-lhe os ouvidos.

Gunther Sauer, meticoloso, como sempre, escutou os registos do magnetofone que continham os interrogatórios dos quatro

judeus. Não dava pelos gritos de dor desferidos por Rebecca Eisen na sala principal de interrogatórios.

No dia seguinte, de manhã, Sauer pôs-se em contato telefónico com a Gestapo de Bialystok. De tarde eles telefonaram lhe, por sua vez, dando lhe as respostas ao pedido de informações formulado. Sim, era verdade haver uma loja de brinquedos, de propriedade de um Semi-judeu chamado Vefynotski. No entanto, este desaparecera. Sim, e recordavam-se de um shochet de Wolkowysk que fora internado no ghetto e que tinha um filho, que se evadira. Edelman possuía, de fato, fama como escultor de peças de xadrez.

A meretriz de Solec? Não puderam encontrar lhe o rasto.

No momento em que os nazis penetravam no Granada ninguém sabia coisa alguma. De resto, não se podia confiar nos informadores. As meretrizes têm dezenas de nomes. Selma podia chamar-se também Elma ou Thelma.

As semanas de treino aturado e meticuloso foram sujeitas a uma prova decisiva. Cada membro da organização clandestina assumia a identidade de uma pessoa verdadeira cuja pista não podia ser averiguada. As identidades eram tomadas conforme as informações fornecidas pelos agentes de ligação bathyrans de outras cidades. A história de Wolf Brandel fora cuidadosamente tecida durante semanas antes de lhe ser confiado o nome de Hershel Edelman. O verdadeiro Edelman usava, evidentemente, o nome de qualquer outro algures na Polónia.

— Tragam-me Hershel Edelman — disse Sauer.

O jovem não parecia muito assustado, apesar de ter passado a noite numa cela da Gestapo. Sauer desejava tentar descobrir o único ponto fraco que entrevia. Abriu uma gaveta da secretária e retirou de lá um tabuleiro de xadrez e as respectivas peças.

— Senta-te.

--Sim, senhor.

— Brancas ou pretas?

— Como preferir, senhor.

— Tenho visto que te defendes bem, Edelman. Agora quero ver-te a atacar. Utiliza as brancas.



— Senhor — disse Wolf, hesitante. — Senhor, isto é muito embaraçador. Quero dizer, nestas circunstâncias, tenho grande receio de ganhar.

— É melhor que ganhes, rapaz.

Eis o que aconteceu. E em nove lances.

Wolf foi conduzido para a sala principal de interrogatórios, onde o mandaram sentar-se numa cadeira sob o projetor. Não havia ninguém mais na sala. Gunther Sauer esgotara todos os outros recursos. Não lhe restava senão submeter o jovem à identificação de choque ou à tortura.

O rapaz intrigava-o e não estava certo de o fazer ir abaixo.

E ainda que isso acontecesse, ele podia não contar mais do que a verdade e nada revelar.

Sauer dirigiu-se para um gabinete contíguo à sala de interrogatórios. Aí, por meio de um dispositivo de espelhos, podia observar os interrogatórios sem ser visto. Microfones muito sensíveis transmitiam-lhe todos os sons, podendo escutar mesmo as palpitações do coração dos torturados.

— Façam entrar essa mulher — ordenou Sauer.

Com a maior atenção, espiava Wolf, que se mexia nervosamente na cadeira. Wolf não pensava agora noutra coisa senão em Rachel; tinha a imagem da jovem nítida na sua mente e repetia-se sem descanso que ela se sentiria orgulhosa dele, não importava o que acontecesse.

A porta de ferro rangeu e abriu-se.

Wolf volveu os olhos para ela, lentamente. Dois homens da Gestapo escoltavam a mulher, seguravam-na pelos braços, mantendo-a de pé. Deixaram-na. A mulher cambaleou e depois tombou no chão, de bruços.

Wolf moveu-se na borda da cadeira, inclinando-se sobre a supliciada.

Sauer observava e escutava...

Wolf, em seguida, ajoelhou-se junto à mulher e voltou-a.

Era Rebecca Eisen. O rosto dela sangrava, deformado. Um dos olhos estava cerrado; tinha manchas de todas as cores nas faces e,

da boca rebentada e das unhas dilaceradas, fluíam espessos fios de sangue. Entreabriu a outra vista, que estremecia. Reconheceram-se.

— Senhora — disse Wolf -, senhora, está viva? Desejaria poder fazer alguma coisa por si, senhora.

— Jovem... jovem... água...

Um leve sorriso desenhou-se nos lábios de Gunther Sauer. Se eram atores, tinham representado o seu papel na perfeição. Hershel Edelman parecia obviamente inocente, mas a sua história era tão exata... achava-se delineada com tamanha precisão... O rapaz intrigava-o...

— Que pensa, senhor? — perguntou um assistente.

— Eles não se conhecem —olveu Sauer. — Por outro lado, assim teria de ser se ele era realmente um agente de ligação. As violetas... tenho muitas dúvidas quanto às violetas.

. Quer que faça entrar os cães?

Deixa-me refletir um pouco...

O Clube Miami, na Rua Karmelicka, no interior do ghetto, era a réplica judaica do afamado Cabaré Granada, de Solec, como centro de contrabando, receptação e prostituição.

De momento os fidalgotes que o dirigiam pertenciam aos Sete Grandes de Max Kleperman.

O Clube Miami possuía o privilégio raro de ser uma «zona franca». Todas as atividades que se exerciam neste santuário ímpio eram consideradas «à parte». Esta imunidade era respeitada mesmo pelos Alemães. Os nazis compreendiam que, por vezes, teriam necessidade desta «zona franca» para as suas operações e, assim, toleravam-lhe a existência. Meia dúzia de salas situadas por detrás do bar eram utilizadas para efetuar transações para as quais não eram necessários documentos, e os intervenientes não eram seguidos ou fotografados. Lei não escrita, palavra de cavalheiros, honra entre ladrões.

Max Kleperman compreendeu que algo de estranho se passava ao receber um telefonema do rabi Solomon solicitando-lhe um encontro no Clube Miami.

Max chegou, na ávida expectativa de um negócio chorudo.

O barman comunicou-lhe que uma pessoa o esperava numa das salas. Ele entrou e fechou a porta. Andrei Androwski voltou-se e encarou-o. Do inevitável charuto de Max evoluíam-se espirais de fumo. Era extraordinário que fosse o próprio Andrei Androwski a vir vê-lo.

— Um dos nossos foi capturado — disse Andrei.

Max grunhiu, decepcionado. Uma vez por outra os Sionistas procuravam-no para conseguir a libertação dos que se deixavam apanhar estupidamente pela gente de Piotr Varsinski e iam engrossar as brigadas de trabalho. Kleperman fizera um negócio de truz quando Rodei, o comunista, fora lançado para a Prisão Pawiak. Podia ser que desta vez se tratasse também de uma transação de monta. Max confiava. Além disso, fora o próprio rabi Solomon que fizera o telefonema e era Andrei Androwski em pessoa que vinha estabelecer o contato.

— Quem?

Andrei ficou por um momento calado. Depois disse — Wolf Brandel.

Max deixou escapar um som sibilante. A coisa estava a tornar-se interessante. Fez roçar o anel no colete.

— Onde se encontra ele?

— Na Gestapo.

Max pousou o charuto e sacudiu a cabeça. Campos de trabalho... Fácil de arranjar. Pagava-se a alguns guardas.

Somente quanto às fábricas de Koenig, no ghetto, é que o caso era mais difícil. O dinheiro ia direito à bolsa de Koenig, que era exigente. Na Milícia Judaica não encontrara ainda nenhum elemento que se não deixasse subornar por duzentos zlotys. A Prisão Pawiak... bem, um tanto difícil, mas sempre conseguia arranjar as coisas.

— A Gestapo — disse Max. -O filho do Brandel.

Não sei.

Max calculou rapidamente os prós e os contras. Ele podia comunicar o caso aos Alemães, para assim passar a merecer-lhes um pouco mais de consideração. Seria uma prova genuína da sua sinceridade e cooperação. Mas apreciariam eles o seu gesto? Eis a questão. Por outro lado, a Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo

estava a aumentar constantemente o volume de aquisições aos Sete Grandes. Podia perder no ghetto uma boa parte da sua reputação se se dissesse que ele cantara aos ouvidos dos nazis o verdadeiro nome do jovem. Mas... suponhamos que ele tentava fazer sair cá para fora o rapaz e a coisa falhava ou os Alemães conheciam já a sua identidade? Seria um sarilho.

Max levantou-se bruscamente.

— Não me meta no caso. É arriscado. Eu esquecerei tudo o que me disse.

— Sente-se, Max —olveu Andrei com brandura.

— Max essa encomenda de farinha para a Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo fica cancelada. Descobrimos um novo fornecedor.

Max mexeu-se na cadeira.

Ora diabos o levem, Androwski! Custou-me uma canseira tremenda transportar toda essa farinha para aqui.

Fiz cá entrar tanta que metade das padarias do sector ariano tiveram de fechar as portas.

Vou falar claro, Max! Quarenta ou cinquenta dos vossos camaradas pensam que nós podemos fazer essa operação de contrabando tão bem ou melhor do que vocês.

A declaração de Andrei era bem evidente. O jovem Brandel teria de ser libertado por qualquer preço. Androwski era um desses bastardos que não davam ponto sem nó. Max abriu a carteira, retirou uma folha de papel e começou a fazer um cálculo do custo da operação.

— Ficaré caro.

— Pagaremos.

— Terei de trabalhar com ouro ou com dólares. Não nos poderemos dirigir senão a gente altamente colocada.

— Tenho somente zlotys — mentiu Andrei.

— Também eu. Uma casa cheia. Não valem o maldito papel em que são impressos. Ouro ou dólares. Três mil dólares.

— Três mil dólares!

— Tem excelentes ouvidos.

Os olhos de Andrei arderam em profunda cólera. Voltou as costas a Kleperman a fim de ocultar a ira que o possuía. Porco imundo. Canalha. A negociar vilmente uma vida humana como se fosse um traste em segunda mão, no Mercado Parysowski. Maldito filho de uma cadela!

Os olhos de Rachel. Dia e noite, ela mantinha-se em angustiante expectativa no apartamento. Seria capaz de mirar novamente os olhos de Rachel?

— Combinado — murmurou.

— Vamos agora aos pormenores.

Andrei sentou-se defronte de Max e enterrou a cabeça «entre as mãos.

— Ele foi preso na Praça da Cidade Velha; trazia consigo uma Kennkarte ariana em nome de um fictício Stanislaw Krasnodebski. Nesse momento agia como agente de ligação e ia pôr-se em contato com uma das nossas raparigas de Cracóvia. Agora os Alemães conservam detidas quarenta ou cinquenta pessoas. Interrogatórios contínuos.

Examinaram lhe sem dúvida o pénis e certificaram-se de que ele era judeu. Temos razões para crer que vários judeus foram capturados na mesma altura.

— Um dos meus rapazes foi na mesma leva — disse Max, que acrescentou ironicamente: — Ele não tem tanta sorte como o Brandel. Não conta com amigos.

— Ele contou lhes uma história. Faz-se passar por um tal Hershel Edelman. de Wolkowysk. Se a sorte nos ajudar, espero que não seja identificado.

— Ele precisará de alguma coisa mais do que sorte com o Sauer a interrogá-lo. Descobrirei o que é que há.

Se ele se encontrar sob suspeita, não podemos tentar nada enquanto estiver na Gestapo, pois não faríamos senão agravar o caso. O Sauer é incorruptível. Aguardemos que o rapaz não se vá abaixo. Não nos resta senão esperar até que seja transferido.

Andrei inclinou a cabeça num gesto de aprovação. Max ergueu-se.

— Max... Eu sei que os Sete Grandes nos podem pôr fora da circulação; se formos denunciados, e você é o primeiro a marchar deste mundo; eu me encarregarei pessoalmente do ajuste de contas.

## CAPÍTULO XXIV

Passaram oito dias.

Rachel Bronski esperava vinte e quatro horas por dia no apartamento do seu tio Andrei, recusando todos os consolos, comendo somente o bastante para a manter com vida.

Cada vez que Andrei entrava e sacudia negativamente a cabeça, o peito e coração doíam lhe profundamente, como se dilacerados pelos fragmentos de vidro incrustados no cimo do muro. Velava, de olhos abertos, até que a exaustão a fazia sucumbir a um sono leve de poucas horas, preenchido por imagens de pesadelo.

Ela voltava-se constantemente no leito e despertava, com o coração a palpitar violentamente, o suor caindo lhe da fronte, para os olhos, para contemplar, numa visão de horror? Wolf, de pé, junto do leito, coberto de sangue e desmembrado, Então desferia um grito de pavor e recomeçava pouco depois, a sua vigília, percorrendo o pequeno espaço do quarto, vezes sem conta, como uma sonâmbula.

«Toda esta estúpida batalha da moralidade que eu travei a seu lado Todo este pudor... todo este medo... E Wolf encarcerado naquele terrível lugar. Deixei-o ir para a sepultura sem conhecer as alegrias e os prazeres do amor. Se Andrei atravessar esta porta e me disser que Wolf está morto, eu morrerei também.» Rachel apurara o ouvido de maneira extraordinária em relação aos sons. Era assim que do alto destes quatro andares conseguia ouvir a porta da rua abrir-se e fechar-se.

Todas as vezes que tal acontecia, ela caminhava para a porta do apartamento, colava-se a ela e começava a contar os passos.

Era preciso subir-se sessenta degraus para se alcançar o apartamento de Andrei.

Ela contava. Por vezes os ruídos produzidos pelos passos cessava findo o primeiro lanço, o segundo ou o terceiro.

Podia dizer se os passos eram de quem subia, caminhava no corredor ou descia.

O nono dia.

Rachel lavou o rosto com água fria, arranjou o cabelo e sentou-se junto da janela. A porta da rua abriu-se e fechou-se. Rachel, atenta, começou a contar.

... dez... onze... doze...

Os passos atingiram o primeiro lanço.

... dezesseis... dezessete... dezoito...

Aprendera a distinguir o sexo de quem subia, mal os passos se aproximavam um pouco mais. Os passos lentos, arrastados, eram de homem. Os vivos, nítidos, de mulher.

Quando o ruído era leve, suave, tratava-se de uma criança.

•• trinta e três... trinta e quatro... trinta e cinco...

Dois homens! Dois homens que subiam lentamente. Não havia ninguém que não subisse lentamente nestes dias.

••• quarenta e três... quarenta e quatro... quarenta e cinco...

O coração da jovem começou a pulsar fortemente. Dois homens no patamar do terceiro andar. «Oh, meu Deus! Não permitas que eles entrem num apartamento desse piso suplico-te. Faz que eles subam a este andar. Imploro-te' meu Deus! Nunca ouvi dois homens subir até ao quarto andar. Suplico-te! Suplico-te!»... cinquenta e um... cinquenta e dois... cinquenta e três...

Rachel recuou.

... Cinquenta e nove... sessenta...

A porta abriu-se.

Andrei entrou... alguém atrás dele...

— Wolf!

Ele avançou lentamente e retirou o boné. Rachel lançou-se para a frente, para os braços do seu amor, debatendo-se contra as trevas em que tinha mergulhado.

Durante longo tempo, segundos infinitos, teve medo de erguer os olhos, de o fitar. Não seria ainda um sonho?

Não... não... não era um sonho. Ergueu a cabeça. Ele continuava belo. Somente uma cicatriz no rosto. E então permitiu-se deixar correr as lágrimas, impulsivamente, num choro convulso.

— Rachel — murmurou ele — sinto-me bem. Não chores, suplico-te, sinto-me bem...

Andrei deixou-os sós, fechando a porta atrás de si.



Alex e Sílvia estavam sentados no seu quarto, exangues, como duas sombras. Nenhum deles dissera uma palavra durante uma hora após Wolf os ter deixado para se dirigir ao encontro de Rachel.

Andrei bateu levemente à porta e entrou.

— O Dr. Glazer examinou-o. Nenhuma das mordeduras do cão está infectada. Não há perigo.

Esta informação fez irromper novamente Sílvia num acesso de pranto. O bebé pôs-se a chorar. Sílvia tomou-o nos braços e apertou-o contra o peito, sem escutar as palavras de consolo de Alex.

Alex fez um sinal a Andrei. Na ponta dos pés, retiraram-se do quarto, deixando Sílvia só com o menino. No escritório Alex começou a dirigir-se violentas invectivas.

Para de choramingar — disse Andrei. — O rapaz é corajoso.

Onde está ele agora?

— Não sabes?

. Como é que vou saber?

. Está com a namorada.

— A namorada?

— Sim. A minha sobrinha.

— Oh, não sabia. — Alex começou novamente a censurar-se por ser tão mau pai que nem o próprio filho lhe confiara o amor da sua vida.

— Ora cala-te, Alex, o rapaz está vivo e em segurança.

Alex, porém, continuou a divagar.

— Durante cada um destes oito dias horríveis eu disse que era normal tirar Wolf de lá. Já compráramos antes a liberdade de alguns. Rodei custou-nos quase dois mil quando o levaram para a Prisão Pawiak. e nem sequer era dos nossos. Os comunistas não me quiseram mesmo reembolsar do dinheiro gasto com a libertação dele. Foi um ato normal, então, comprar a libertação de Wolf. Teríamos feito o mesmo não importa por qualquer dos nossos.

— Já que queres saber, eu vou dizer-te! — exclamou Andrei vibrantemente. — Não foi normal! Devias ter deixado o teu filho morrer na prisão antes de te arrojares aos pés de Max Kleperman.

— Não me fales assim, Andrei.

Andrei pegou lhe pelas bandas do casaco e sacudiu-o como se ele fosse uma pluma.

— Humilhares-te! Implorares misericórdia a Max Kleperman!

Três mil dólares seriam o bastante para comprar armas que nos permitiriam assaltar a Gestapo e retirar de lá o teu filho como um ser humano dignificado.

Alex tombou contra ele, a chorar; Andrei, porém, repô-lo na cadeira.

-Deus te dane, Alex! Deus te dane! Abre o teu diário e lê-me os extratos sobre as chacinas perpetradas contra os Judeus na União Soviética.

— Por amor de Deus, deixa-me só!

— Quero dinheiro! Tenho de comprar armas!

## CAPÍTULO XXV

Entrada do diário.

Ninguém tem visto Andrei nos últimos dez dias. Cremos que ele está a viver no sector ariano. Após tantos anos de trabalho em comum, mal consigo acreditar que ele tenha realmente partido. Nenhum de nós compreendeu até agora o símbolo de segurança que ele representava. Foi um golpe terrível para o moral de Mila 19.

Agora temos em funcionamento noventa cozinhas de sopa para pobres. Vinte mil crianças encontram-se sob os cuidados da Sociedade dos órfãos e de Auxílio Mútuo.

O Dr. Clazer disse-me que defrontamos um novo problema : doenças venéreas. Antes da guerra a prostituição nunca constituiu um problema social judaico. Atualmente, segundo me dizem, é cada vez maior o número de mulheres casadas e de raparigas bastante jovens, muitas pertencentes a boas e velhas famílias ortodoxas, que vão fazer o giro pelas ruas.

Para uma família, casar uma filha com um elemento da Milícia Judaica é um grande cometimento.

Tommy Thompson foi expulso da Polónia. Perdemos um querido amigo. Porém, esperávamo-lo há muito tempo.

Ana Grinspan estabeleceu um novo contato para a passagem dos fundos do Socorro Americano. Acreditem-no ou não, a verdade é que se trata de um tal Fordelli, secretário da Embaixada Italiana. Embora seja um bom fascista, ele reprova o tratamento infligido aos Judeus pelos Alemães.

Terá Ana uma aventura amorosa com ele?

*Alexander Brandel*

Alex apercebia-se sempre, como se devido a um instinto especial, da eminência de más notícias. No momento em que Ervin Rosenblum penetrou no seu gabinete, deu-se conta de que qualquer coisa corria mal. Ervin passeou pelo gabinete, torcendo as mãos.

— Despeja o saco!

— O meu passe de entrada no sector ariano foi revogado.

— E De Monti protestou?

— Ele partiu para a frente oriental há quatro dias. Não sabe ainda.

— Aqui entre nós, não me desagrada que isso tivesse acontecido; agora podemos contar contigo no interior do ghetto.

— Mas todos os contatos no sector ariano...

— Estava a tornar-se cada vez mais difícil ver alguém e De Monti recusou cooperar. Vigiavam-te constantemente.

Ervin, tenho andado a refletir. Tu podes instalar-te aqui em Mila 19. Necessitamos de ti para várias tarefas.

— Como, por exemplo?

— Diretor cultural da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo. Nu, não encolhas os ombros e não faças caretas. A organização de colóquios, concertos, representações teatrais e torneios de xadrez torna-se cada vez mais importante; é preciso dar ao povo algo que o distraia das suas misérias. Que dizes?

— Digo que és um bom amigo.

— Outra coisa. O Clube dos Bons Amigos. Não consigo ordenar todo o material que me chega destinado ao diário.

Tenho andado a pensar há já tempo que será melhor construir-se uma sala secreta na cave. Se nos concederes o teu tempo para lá trabalhares, podíamos realmente aumentar e desenvolver os nossos arquivos.

Ervin encolheu os ombros ante o que sentia ser caridade.

— Pensa bem no caso, Ervin, e comunica-me a tua decisão.

Naquela noite Susan Geller dirigiu-se ao apartamento de Ervin. Desde que o ghetto fora instituído, bem pouco tempo tinham' para se verem. Susan estava quase casada com o orfanato e Ervin passava quase todo o dia no sector ariano. Encontravam-se cerca de uma vez por semana no Clube dos Bons Amigos, porém, habitualmente, demasiado fatigados para se entregarem a prazeres pessoais. A sua ligação não oficial parecia destinada a prolongar-se indefinidamente sem solução.

— Susan! — exclamou com alegria a mãe Rosenblum --Olá, mãe Rosenblum!

— Já sabes a novidade?

— Sim.

— Trata de o reconfortar um pouco.

Ervin estava sentado na borda da cama e fixava com olhar sombrio um buraco aberto na ponta de uma das suas chinelas de quarto. Quando ela se sentou a seu lado, a cama rangeu.

— Então, segundo vejo, vieste rezar uma oração diante do cadáver — disse Ervin.

--Cala-te. Alex ofereceu-te uma situação de responsabilidade e tu não fazes outra coisa senão mostrares-te ofendido.

Já que o queres, sê então um mártir.

— Estou contente por teres deixado de me dispensar os teus ternos consolos.

— Ervin, aceitas ou não esse lugar?

— Não tenho outro remédio, não é verdade?

— Acaba com os lamentos. Alex anda muito excitado quanto ao seu projeto de instalar uma sala secreta na cave.

Tu sabes que é muito importante a elaboração deste diário.

— Ora bem, estou a transbordar de alegria.

— Aqui entre nós, Ervin, declaro-te que me sinto muito feliz por não ires mais ao sector ariano. Sempre receei por ti, apesar dos teus papéis super oficiais.

— Eis uma novidade. Nunca pensei que tivesses tempo para pensar em mim.

— Oh, mas em que estado de espírito tu estás! Decerto que penso em ti.

— Perdoa-me...

— Ervin — disse ela, tomando-lhe as mãos — no caminho para cá refleti bastante nos nossos problemas pessoais.

Não somos já jovens e Deus sabe que nunca me tornarei bonita. Em vista das presentes circunstâncias, etc., etc., talvez devêssemos considerar a possibilidade de nos casarmos.

A acrescentar ao fato de uma vez por outra podermos desfrutar os nossos pequenos prazeres, há as razões práticas.

Por exemplo, tu trabalharias em Mila 19 a maior parte do tempo. Ser-te-á difícil manter este apartamento. Assim, porque é que havemos de desperdiçar espaço? Se nos casarmos, Alex dar-nos-á o nosso próprio quarto, no segundo andar, onde poderias instalar a mamã, etc., etc.

Ele debruçou-se sobre ela e beijou-a na face.

— Como pode um homem resistir a uma proposta destas?

Entrada do diário.

Ervin e Susan foram ontem casados pelo rabi Solomon.

Já era tempo.

*Alexander Brandel*

## CAPÍTULO XXVI

Ao voltar da frente oriental, Chris verificou que Ervin desaparecera, que o seu escritório, bem como o seu apartamento, tinham sido revolidos de alto a baixo, que se encontravam microfones ocultos por todo o lado e que a sua linha particular com a Suíça deixara de funcionar.

Marcou o número telefónico de Rosy no ghetto, mas verificou que a linha fora cortada. Então precipitou-se para a divisão de imprensa, no Bristol; porém, a sua tentativa para ver Horst von Epp foi contrariada por um funcionário subalterno.

— Sinto muito, Sr. De Monti. Herr Von Epp está em Berlim, em conferência.

— Quando é que regressa?

— Sinto muito. Não possuo essa informação.

-Bem, onde posso então encontrá-lo em Berlim?

— Sinto muito. Não possuo essa informação.

Um outro funcionário subalterno exprimiu os mesmos sentimentos e igual ignorância quanto à retirada das credenciais de Ervin Rosenblum e um terceiro funcionário disse lamentar o corte da linha de Chris com a Suíça.

— Sinto muito, Sr. De Monti. Enquanto não recebermos novas instruções, terá de expedir todas as mensagens daqui da repartição de censura.

Chris estava fatigado e sentia a cabeça um pouco tonta devido à longa viagem de regresso da frente oriental. Conteve a sua irritação, pois sabia que nada podia fazer antes de conseguir restabelecer a situação anterior. Um banho quente e uma bebida forte pareceram-lhe as coisas que mais apeteceriam a um homem após ter passado alguns dias atascado na lama.

Depois de se banhar e beber um trago, resolveu nada decidir antes de poder, com uma noite de sono tranquilo e profundo, esclarecer as ideias.

Chris sentou-se num canto bem isolado da Casa Bruhl, pois desejava evitar conversas com importunos; atacou, não com muito apetite, um Schnitzel duro como couro.

A sala estava cheia dos sons guturais de conversas sobre os acontecimentos da frente oriental; a atmosfera era de plena confiança.

— Não tem fome esta noite, Sr. De Monti? — perguntou o criado num tom paternal quando Chris desistiu de comer.

— Está a tornar-se cada vez mais difícil compor uma ementa razoável. Eles... apanham o melhor.

Chris apôs a sua rubrica na conta e saiu para dar um passeio ao acaso pelas ruas. Varsóvia era uma cidade alegre nesta época, cheia de soldados alemães que gozavam a sua última pândega antes de seguirem para a frente oriental.

Embora o povo polaco não dissimulasse o seu ódio ao inimigo, encontravam-se sempre mulheres que não se preocupavam com considerações patrióticas para oferecer aos rapazes alemães uns bons momentos de prazer. Os proprietários de bordéis faziam fortuna; a cerveja, a vodca e os conhaques escorriam em grandes quantidades nos bares, e mesmo às mulheres que outrora faziam o giro das ruas se deparavam grandes oportunidades de conseguir bom dinheiro.

A maior parte dos músicos de Varsóvia eram judeus.

Os soldados alemães e as suas companheiras de momento penetravam no ghetto para dançarem e se divertirem num dos cinquenta clubes noturnos que lá havia — quase todos dirigidos pelos Sete Grandes -, pois a música no sector ariano era detestável.

Chris caminhou durante algum tempo. Os abalos produzidos pela guerra tinham-no deprimido e agora esta prevista reviravolta da situação em Varsóvia fazia-o mergulhar num inferno.

Das tabernas escoavam-se os ruídos estrepitosos das canções entoadas por alemães tão bêbados como polacos e polacos tão embriagados como polacos. A fim de evitar possíveis abordagens das mulheres da rua, Chris atravessou a Praça Pilsudski e deteve-se para refletir.



Voltar ao carro e regressar a casa? Não. O maldito do apartamento neurastenizava o.

Ir em busca de um party? Uma boa paródia e talvez um pouco de ação em seguida? Não.

Chris fez correr os olhos à sua volta e depois deu consigo a subir uma álea dos Jardins Saxónia, que, a cada passo, lhe pareciam mais deliciosos, pois os ruídos de Varsóvia dissipavam-se, extinguíam-se, enquanto caminhava.

Agora não ouvia senão pequenos gritos vindos das moitas, desferidos por casais sem quarto que davam efetiva consumação aos seus encontros. Uma vez por outra, um par semiconsciente emergia dos recessos ou de uma outra álea, evitando os seus olhos.

Chris dirigiu-se para o lago dos cisnes. Esperara ali tantas vezes por Deborah... sentado num banco... atento à sua aparição. Aquele primeiro instante maravilhoso em que a lobrigava... Aquele momento sempre igual, porém sempre encantador...

«Maldito imbecil! Que fazes aqui sentado? Deborah não subirá mais a álea... não haverá outro encontro. Nem jamais contemplarás, por entre as cortinas de veludo, a bela Deborah. Tens apenas um apartamento cheio de microfones dissimulados e olhos ocultos.» Chris sentiu-se atraído, como por um íman, para o muro do ghetto. Atravessou os Jardins Saxónia e caminhou ao longo da Rua Chlodna, que separava o grande do pequeno ghetto. À sua direita e à sua esquerda encontrava-se o muro.

As luzes da noite refletiam-se sobre as lascas de vidro, E faziam-nas cintilar como os olhos de um gato.

Esta obscuridade... esta calma. Mal podia compreender que seiscentas mil pessoas vivessem imersas no silêncio do outro lado. Somente podia ouvir-se o ruído dos seus próprios passos e ver-se apenas, como presença de vida, a sua sombra, que se alongava mais e mais consoante as luzes incidiam sobre a sua silhueta.

Deteve-se sob a ponte, coberta de arame farpado. Viera ali muitas vezes em pleno dia, para ver os Judeus atravessarem, de um ghetto para outro, o «corredor polaco», na fugaz esperança de mirar Deborah.

Manteve-se imóvel durante meia hora.

«Que inferno!», pensou, e afastou-se, célere, do local.

Um pouco mais longe apercebeu-se de um ruído de passos que se produzia num recesso do muro. Pouco depois, surgiram dois homens que lhe barraram o caminho. Chris parou e volveu os olhos para trás de si. Dois outros homens mais seguiam-no. Não conseguia distinguir lhes os rostos, mas o corte maciço do seu vestuário, os bonés de couro semelhantes aos dos trabalhadores e a sua corpulência indicavam que se tratava de quatro malandrins.

— Estavas à espera de alguém debaixo da ponte, judeuzinho?  
— disse um deles.

Rufiões à caça de judeus. Desporto fácil nos dias que corriam. Excelente fonte de receita. Que fazer? Mostrar lhes os papéis e desandar?

— Ora, vamos, judeuzinho! Dá-nos duzentos zlotys se não queres que te levemos à Gestapo.

O sangue de Chris fervia.

— Vão para o Diabo! — grunhiu ele, e avançou para os dois mais adiantados.

Um dos que estavam na sua retaguarda filou lhe um braço, e, como se fora um gancho, puxou-o de maneira a fazê-lo cambalear. Chris lançou um punho na direção da boca do homem, que tombou para trás, ficando estendido, de costas, no chão.

— É para aprenderes, canalha!

Dois dos malandrins saltaram sobre ele e, enquanto lutava para se desembaraçar, o terceiro vibrou lhe um golpe potente no rosto, com uma matraca.

Num impulso brusco de vigor novo repeliu os assaltantes.

Porém, mal se libertara, o primeiro levantou-se e desferiu lhe um soco violento num dos olhos, como se fosse o arremesso de um martelo. Por um instante, Chris cegou.

Cambaleou e deteve-se bruscamente, pois as suas costas tocaram no muro do ghetto.

Chris soltou um gemido ao ser atingido mais uma vez por um soco potente. Tombou sobre as mãos e os joelhos, vacilou, e o solo começou a rodopiar em redor de si.

— Levanta-te, judeuzinho!

Chris ergueu os olhos. Os malandrins estavam debruçados sobre ele. Um com a matraca e outro com uma garrafa ;

o terceiro sangrava da boca devido ao soco que Chris lhe desferira; o quarto desaparecera.

A cabeça de Chris desanuviou-se, o solo tornou-se firme.

Levantou-se com um só movimento, fazendo embater o ombro no estômago do que tinha a garrafa partida, a fim de procurar romper o círculo que o envolvia. O homem da garrafa, com a respiração subitamente cortada, tombou sentado por terra.

Porém, os restantes lançaram-se sobre Chris, que se afundou sob uma chuva de socos e pontapés. Eles fizeram-no recuar contra a parede, ante a qual caiu sobre os joelhos, com os braços abertos, como numa cruz. O chefe da quadrilha não resistiu à tentação de desferir um soco mais no estômago da sua desamparada vítima. Fizeram incidir em seguida a luz de uma pilha no rosto de Chris e examinaram as feições morenas do italiano.

— Ele é seguramente um judeu.

A cabeça de Chris rolou para a direita, depois para a esquerda; abriu os olhos e deixou escapar um gemido.

O chefe do bando colocou a garrafa partida quase rente aos olhos de Chris, para o impedir de fazer um movimento.

Contudo, Chris ergueu bruscamente um joelho e atingiu o homem no queixo; este, soltou um grito, recuou e, em seguida, avançou, furioso, sobre o jornalista, com a intenção de lhe retalhar o rosto.

— Espera. Ele bate-se demasiadamente bem para um judeu. O melhor é verificarmos se o é ou não.

— Mas que importância tem isso agora? Tira lhe o dinheiro, vamos!

— Mãe Santíssima! Olha-me para estes papéis! Não é judeu!

— Safemo-nos!

Os ruídos dos passos... dissiparam-se... eles já vão longe...

A sangrar, Chris resvalou para o chão e, com o auxílio das mãos, tentou pôr-se de pé.

Alguém se debruçava sobre ele. Conseguiu erguer a cabeça o suficiente para distinguir as caras assustadas de um casal de meia-

idade.

— Ajudai-me...

— Não lhe toques, Paizinho. Não vêes que é um judeu?

Ele saltou por cima do muro. Vamo-nos... vamo-nos antes que surjam Os guardas.

## CAPÍTULO XXVII

Uma semana decorreu antes do regresso de Horst von Epp a Varsóvia. Ele entrou na Igreja de Sta. Cruz, lobrigou Chris ajoelhado na primeira fila e colocou-se a seu lado, na mesma posição.

— Bom Deus! — exclamou Horst. -Que é que aconteceu?

— Tomaram-me por judeu.

— Um grave engano nestes dias.

— Devia ter-me visto há uma semana.

— Penso ser melhor afastarmo-nos daqui — disse Horst, inclinando a cabeça na direção do pequeno cofre negro que, sobre o altar, continha o coração de Chopin. — Vamos dar uma volta. Aquele cofre pode ter um microfone dissimulado.

A propósito, dei esta manhã, ao pequeno almoço, com um microfone colocado no pão.

Protegeram os olhos quando se encontraram ao sol.

Chris pôs uns óculos escuros para ocultar os ferimentos e desceram, num passo lento, a Rua do Novo Mundo. No passeio defronte, dois homens começaram a segui-los, e o carro de Von Epp avançava lentamente ao lado deles.

— Um sistema encantador — disse Horst. — Desta maneira ninguém sabe exatamente quem vigia e quem é vigiado. Que encontrou na frente oriental?

Nada a não ser vitórias para o Reich. O que me aborrece é que as minhas mensagens relatando as vossas gloriosas façanhas levaram um tempo danado a chegar ao destino.

Lamento bastante o sucedido. A sua linha com a Suíça foi restabelecida esta manhã. Esses imbecis! Apercebi-me de que a partir do momento em que partisse de Varsóvia eles se deixariam dominar pelo pânico.

Devolve-me também o Rosenblum?

Atravessaram a rua.

— O seu silêncio é bem revelador, Horst! — exclamou Chris.

— Seja razoável.

— Ele é o meu braço direito.

— Prevenira-o de que não sabia por quanto tempo podia conservá-lo fora do ghetto.

Caminharam tranquilamente até à junção do Bulevar <de Jerusalém com o Bulevar 3 de Maio. Aí detiveram-se.

Um clamor estridente de sirenes fez parar todo o movimento.

Duas motocicletas seguidas por um carro de comando precediam uma centena de camiões cheios de jovens soldados.

O comboio desfilou perante os seus olhos. De dois ou três camiões escapavam-se as notas de uma marcha militar. O comboio dirigia-se para a ponte, recentemente reconstruída, que conduzia a Praga.

«Carne para a frente oriental», pensou Chris. O Blitzkrieg varrera as estepes. A fantástica máquina militar estava a retalhar a vastidão russa, do mar Negro às portas de Moscou. Horst e Chris seguiram na esteira do comboio e entraram na ponte; detiveram-se a meio e debruçaram-se sobre o parapeito.

— Schreiker chamou-me ao seu gabinete e interrogou-me acerca do Rosenblum. Crivaram-me todos de perguntas relacionadas com este caso. Para bem de vós dois, é melhor que as coisas fiquem assim. É impossível retirá-lo do ghetto sem que se lance toda a espécie de suspeitas sobre si, Chris.

Obviamente, ele tem-se empenhado numa série de contatos de não sei que género por todos os cantos de Varsóvia e acha-se, provavelmente, a dois passos de ser lançado numa cela da Gestapo. Portanto, não insista comigo quanto a este assunto, Chris.

Von Epp tinha razão. Rosenblum era utilizado como correio. Só se fossem doidos é que os Alemães permitiriam, que ele continuasse em ação.

— Se tiver necessidade de outro adjunto, arranje, por amor de Deus, um belo ariano louro.

Chris inclinou a cabeça em sinal de aprovação. O rio Vístula estava cheio de barcaças que transportavam material de guerra para a frente oriental.

— E nada disto o impressiona, Horst?

— Toda a gente sabe que foram os Judeus quem fez desencadear a guerra. — Horst recitava o catecismo germânico.

— Observei lá em baixo, por detrás das vossas linhas, algumas coisas que serão bem difíceis de explicar.

— Creia-me, Göebbels encontrará as explicações. E nós?

Meu caro amigo, nós, os demais alemães, encolheremos os ombros e diremos, com a mais angélica inocência: «As ordens eram ordens... Que podíamos fazer?» Louvado seja Deus por o mundo ter memórias breves.

— Onde terminará isto?

— Onde terminará? Não podemos deter-nos antes de nos apropriarmos de tudo ou de sermos feitos num bilião de pedaços. Mas não nos vitupere com demasiada violência.

Os conquistadores nunca ganharam prémios de bondade.

Não somos piores do que uma dezena de outros impérios quando governaram o mundo.

— É uma razão suficiente, a que invoca?

— Meu caro Chris, a razão é propriedade exclusiva dos vencedores. O que perde jamais a possuiu. Agora, se eu estivesse no seu lugar, juntar-me-ia ao nosso cortejo, porque, da maneira como as coisas estão a correr, poderemos ser simultaneamente, e por muitos séculos, Roma, Babilónia, Gengis Khan e os Otomanos.

— Meu Deus, que perspectiva!

Horst desatou a rir e deu uma forte palmada nas costas de Chris.

— O caso, quanto a si, é que ao percorrer a frente, apenas viu o avesso do cenário. Varsóvia é a recompensa dos guerreiros. Descontraia-se um pouco. Que tal uma festa íntima esta noite? Você, eu... duas damas. Hildie Solna disse-me que você foi muito gentil com ela da última vez.

— Uma vez por outra o meu equilíbrio químico desarranja-se.

Hildie restabelece-o. Especialmente quando ando a cozer uma bebedeira.

— Vou dizer o que lhe reservo para esta noite. A Hildie vá para o Diabo! Coloco à sua disposição a concubina úmero um do meu harém. Uma jovem de dezoito anos, gostosa como um pêssego

maduro. E onde terá esta querida jovem aprendido tantos truques na sua ainda tão curta existência?... Pergunto-o por vezes a mim mesmo. Possui um domínio muscular fantasticamente belo e faz-nos umas destas massagens...

O fragor produzido por um caminhão que passava abafou o resto da dissertação de Horst acerca da orgia.

Chris fez correr uma vez mais os olhos pelas barcaças do rio. A declaração de Von Epp era óbvia. Os vencedores detinham a «razão». Decerto que ele, Horst, se encontrava entre os vencedores. Quinhentos anos de Alemanha? Talvez.

A viagem à frente oriental tinha-o impressionado. Entrevira sombrias as perspectivas resultantes dos acontecimentos da Espanha e da Polónia. Contudo, sempre acreditara que o pêndulo teria forçosamente de se inclinar para o outro lado. Mas sucederia tal, um dia? Uma ofensiva incontível colocava Rommel no caminho para a Índia. Moscou cavava trincheiras a fim de sustentar um cerco. Os preparativos frenéticos da América — insuficientes e tardios. Vira o poder germânico desencadear-se como uma fúria sobre a Polónia, conquistando-a como se se tratasse de uma brincadeira de crianças. Em Kiev, meio milhão de soldados russos foram apanhados numa ratoeira. Quem seria capaz de deter os nazis?

Chris observou Von Epp, que fumava um cigarro. Ordens são ordens. Em redor dele, uma muralha de indiferença que o isolava de uma luta entre o bem e o mal.

E depois... pensamentos sobre o morticínio perpetrado "as imediações de Kiev perpassaram-lhe pelo espírito. Chris tinha de jogar a sua carta. E sem perda de tempo. Imediatamente...

imediatamente...

Horst von Epp era a sua única oportunidade.

«Vá agora», disse Chris para consigo, a fim de ganhar estímulo, «tenta agora... amanhã pode ser demasiado tarde.» — Queria dar uma volta pelo ghetto — disse Chris muito depressa, pois duvidava da sua própria coragem.

— Ora escute, Chris — volveu Von Epp, dissimulando a sua alegria. — Uma coisa dessas tornar-nos-ia bastante suspeitos. — Toda a paciência que Von Epp demonstrara parecia começar a colher



agora os seus ansiados frutos Chris trazia desde o princípio uma carta oculta na manga do casaco. O seu desejo de ficar em Varsóvia, qualquer que fosse o preço. A sua relutância em participar nas festas íntimas, apesar da reputação de galanteador adquirida noutros lugares e noutros tempos. Chris desejava obter qualquer coisa. Von Epp sempre o soubera. A carta era agora jogada cautelosamente.

— Tenho de me encontrar com Rosenblum a fim de regular certo número de pormenores.

— Se insiste...

— Insisto.

Von Epp levantou os braços em sinal de «derrota» ;

— Muito bem. — Consultou o relógio. «Já basta por hoje», pensou. Dirigiu-se para o seu carro, que os seguira e se encontrava agora arrumado debaixo da ponte.

— Quer que o leve à cidade?

— Prefiro caminhar. Vê-lo-ei mais logo.

— Tente mudar de ideias quanto à ida ao ghetto — disse Horst, que se encaminhou bruscamente para o carro.

— Horst!

O alemão voltou-se e encarou Chris, que caminhava com um ar pensativo na sua direção, no limiar de uma terrível decisão.

— Suponha que eu queira fazer sair alguém do ghetto... — Rosenblum?

— Não.

— Uma mulher?

— Sim, com os filhos.

— Quem?

— A minha avó.

Horst von Epp sorriu. Christopher de Monti jogara a sua carta. Cada homem tem o seu preço. Von Epp descobria sempre qual. Na maioria das vezes, pequenas gratificações., favores. Isto, quanto aos medíocres. Christopher de Monti?

Um duro. Um idealista atormentado por conflitos interiores.

A chantagem dava muitas vezes bons resultados. Não há ninguém que não tenha cometido pequenas faltas que procure encobrir. Von Epp descobria-as sempre.

Por mais duro, idealista, honesto que fosse, cada homem tinha o seu preço, cada homem tinha as suas fraquezas.

— Que importância atribui a isso? — perguntou Horst.

— A máxima — murmurou Chris, pondo um ponto final na sua decisão e colocando-se à mercê do nazi.

— Pode ser possível, creio.

— Como?

— Ela assinará papéis em que declare não ser judia. Nós temos fórmulas preparadas para todas as ocasiões, como sabe. Case com ela, adopte os filhos. Um pormenor que não levará mais de dez minutos a ser solucionado. Depois faça-a seguir para a Suíça como esposa de um cidadão italiano.

— Quando poderei estar de posse do meu passe para entrar no ghetto?

— Logo que regulemos a questão do preço.

— Como Fausto? A minha alma para o Demónio?

— É verdade, Chris. O preço será elevado.

## CAPÍTULO XXVIII

Inquieto e mal-humorado, Andrei esperou durante duas semanas antes que pudesse comunicar com o homem que conhecia pelo nome de Roman — o comandante em Varsóvia da organização clandestina exército do interior.

Inúmeras vezes Andrei teve de sufocar o desejo de voltar ao ghetto, para junto dos amigos. Bebia intensamente de noite, e quando os vapores do álcool lhe toldavam a mente os remorsos atormentavam-no. Mostrara-se intolerante quanto ao combate de Alexander Brandel. Comportara-se erradamente para com os amigos que acreditavam nele.

refletiu nos acontecimentos que se tinham desenrolado desde o princípio da guerra. Obstinado... irascível, eis como se podia definir o seu procedimento. Talvez já não fosse capaz de exercer um comando. Houvera um tempo em que se amoldara às condições existentes e percorrera a Polónia, efetuando missão após missão. Constituíra, peça por peça, uma imprensa clandestina. Atuara com bastante sangue-frio e vivaz lucidez de espírito.

Mas a cólera acabava sempre por irromper. A revolta contra a tirania. Ele não conseguia resistir ao impulso de se desembaraçar de todos os constrangimentos que o impediam de se bater.

E Gaby? Sentia também remorsos em relação a ela.

Que espécie de vida lhe tinha proporcionado? Retirara-a de um mundo ao qual ela se adaptava perfeitamente, fazendo lhe as maiores exigências, dando lhe pouco ou nada em troca. «Quando obtiver um comando no exército do interior, talvez me afaste de Varsóvia. Então é possível que a pouco e pouco ela me possa esquecer e encontre o fio que a conduzirá a uma vida normal.» Por fim veio lhe, através de redes de informação super prudentes, a comunicação de que Roman o receberia. Foi com uma enorme sensação de alívio que seguiu as instruções fornecidas. Um contato em Praga. Uma deslocação de olhos vendados até à outra margem do rio. Duas dezenas de circuitos falsos a fim de o despistar quanto

ao sentido da orientação. Alguns homens, falando em murmúrios, fizeram-no subir uma vereda lamacenta. Uma porta, uma sala.

Onde se encontraria ele? Não sabia com exatidão.

— Pode tirar a venda — disse uma voz de tenor num polaco sem mácula.

Andrei habituou os olhos às sombras da sala. Achavam-se num vasto barracão. Cortinas grosseiras, impermeáveis.

Uma lâmpada de querosene sobre uma prateleira.

Uma cama de campanha. Alguns utensílios de jardinagem.

O rosto de Roman passou diante do fio trémulo da luz.

Vira o protótipo de Roman mil vezes num milhar de lugares.

Alto, ereto, louro, fronte alta, cabelo encaracolado que trazia a máscara inimitável da arrogância perpétua do aristocrata polaco. Era o sorriso motejador de um coronel dos ulanos, uma insinuação de superioridade; os lábios finos, irónicos. Andrei poderia contar quase sem se enganar a história de Roman. Filho de um conde. Um fidalgo da província. Riqueza mal utilizada. Mentalidade medieval — Muito provavelmente, Roman vivera no Sul da França antes da guerra. Pouco se importava com a sorte da Polónia; a pátria interessava-lhe apenas na medida em que continuasse a sugar ao máximo as suas propriedades, à custa do sangue vertido graças à servidão legal. Pouco vira da Polónia, exceto, é claro, o que naturalmente se lhe proporcionava durante a estação mundana.

A estimativa de Andrei era exata no mínimo pormenor.

À semelhança de muitos dos homens da sua condição social, Roman tornara-se inesperadamente um fervoroso «nacionalista» após a invasão. Juntou-se ao governo no exílio, em Londres, porque era a única coisa chique a fazer. Londres estava inundada de polacos que se reuniam para ouvir Chopin, recitar poesias e evocar recordações da Varsóvia dos «velhos tempos».

Fora lançado em paraquedas na Polónia para colaborar com o exército do interior, um jogo de romantismo imaturo.

Apesar de se disfarçar de operário polaco, as fragilidades de Roman denunciavam-se com a maior evidência.

— Você é persistente, Jan Kowal — disse Roman a Andrei.

— Apenas tão persistente como você é evasivo — respondeu Andrei.

— Um cigarro? — Americano, claro. — Teria de habituar mais tarde a garganta ao produto local. Era desnecessário levar o nacionalismo ao extremo.

— Não fumo.

Roman fumava. Com uma longa boquilha.

— Você chama-se Androwski, não é verdade?

— Sim.

— Lembro-me de o ter visto em Berlim nos jogos olímpicos.

Andrei começou a sentir o travo de inquietude que experimentara milhares de vezes na presença dos Romanos.

Podia entrever facilmente os pensamentos escondidos por trás dos olhos de Roman.

«...Um jovem judeu. Tínhamos famílias judaicas nas nossas propriedades. Duas. Uma era a do alfaiate da aldeia. Tinha um filho pequeno. Fiz-lhe saltar muitas vezes a pele com o meu chicote de cavaleiro. Ele não lutava... orava apenas. O outro judeu... negociante de cereais. Ladrão Trapaceiro. Mantinha o meu pai como seu devedor perpétuo.» O ódio inato e secular não podia ser desmentido pelo sorriso leve e seco de Roman.

— Receio — disse Roman — que a nossa situação não seja de molde a permitir que espere, nesta altura, uma cooperação importante da nossa parte. Talvez mais tarde, quando nos encontrarmos mais bem organizados.

— Não compreende o sentido da minha missão — voltou Andrei. — Eu represento-me apenas a mim próprio. Quero colocar-me ao serviço do exército do interior. Desejo um comando de combate, de preferência.

— Oh, compreendo. Isso altera a perspectiva das coisas.

— Os dedos esguios e elegantes de Roman acariciaram a longa boquilha. — O exército do interior não opera segundo o sistema de uma força militar regular, naturalmente.

Os nossos elementos são todos voluntários. A manutenção da disciplina não pode regular-se consoante os métodos de castigo

observados nos tempos de paz: um dia de detenção, o corte do pré, etc. A disciplina é vida e morte.

— Não compreendo o que tenta dizer-me.

— Simplesmente isto: desejamos evitar antecipadamente a criação de problemas desnecessários.

— Por exemplo...

— Bem, não solicitamos os seus serviços. Pode não se tornar possível conseguirmos a obediência dos nossos homens às suas ordens. E... pode dar-se o caso de se não sentir à vontade entre nós.

— Não há aqui lugar para os Judeus!

— Com efeito, é assim.

— O vosso exército representa o Governo da Polónia.

Trinta mil soldados judeus morreram com um uniforme polaco durante a invasão. — Andrei fez uma pausa. Compreendia que Roman fazia ouvidos de mercador ante os seus argumentos. Os olhos de Roman diziam agora: «Se não fossem os Judeus, não nos encontraríamos presentemente nesta situação.» «Oh, eles teriam de tolerar, quisessem-no, ou não, alguns judeus. Um pequeno contingente semelhante a todos os outros no meio dos quais vivera até agora.» — Faço-lhe uma contraproposta. Sei como entrar e sair de todos os dezesseis sectores do ghetto. Deixe-me organizar a minha própria unidade do exército do interior.

Roman voltou as costas a Andrei.

— Meu caro... Jan Kowal. Isso não faria senão aumentar a fricção. Não acredita?

— É revoltante — disse Gabriela.

— Não. Eu devia tê-lo compreendido antes.

— E agora?

— Não encaro a possibilidade do regresso ao ghetto.

Amanhã cedo parto para Lublin.

Os vincos das feições de Gaby pronunciaram-se. Mais cedo ou mais tarde Andrei teria de chegar a uma decisão terrível.

— Os Bathyrans possuem uma boa coleção de passaportes e vistos estrangeiros. Como lembrança do passado, eles dar-me-ão um e dinheiro suficiente para viajar. Tomarei o caminho de ferro

subterrâneo. Mandámos muitas pessoas para fora do país utilizando o mesmo processo. Entrarei na Alemanha e seguirei para Stettin servindo-me sempre desta via. Em Stettin será relativamente fácil negociar passagem num barco para a Suécia. Na Suécia arranjaré maneira de me passar para a Inglaterra, onde ingressarei nas forças livres polacas. Se recusarem dar-me um comando, alistar-me-ei no exército inglês.

Gabriela escutou cada palavra com crescente apreensão.

Andrei, que passeava de um extremo ao outro do quarto, deteve-se.

— Deverá haver neste mundo quem permita que eu me bata.

Ela inclinou a cabeça em sinal de aprovação. Ele jamais encontraria novamente um instante de paz enquanto não pudesse levar a cabo a sua desforra.

— E quanto a nós? — murmurou ela.

— Vai para Cracóvia, para junto dos americanos Thompson já partiu, mas ainda lá encontrarás amigos. Eles far-te-ão sair deste país. Encontrar-nos-emos na Inglaterra, Gaby.

Ela mordeu um dedo e alisou nervosamente os cabelos com uma escova, sobre os ombros.

— Não quero separar-me de ti.

— Não podemos viajar juntos.

— Enches-me de medo, Andrei.

— E não temos outra alternativa.

— Andrei, os teus projetos são demasiado perigosos.

Afigura-se que há tantas, mas tantas, coisas que podem correr mal!... Se partires amanhã, e se eu não te vir mais...

Ele pousou ternamente uma das mãos na boca de Gabriela, depois envolveu-a nos braços, naquela maneira maravilhosa como só ele era capaz e que não fazia há muito, muito tempo.

— E quando nos encontrarmos na Inglaterra, sabes qual é a primeira coisa que faremos?

— Não.

— Casar-nos, evidentemente, minha filha!

— Andrei, estou com tanto medo...

— Chiu! — Ele acariciou lhe os cabelos e afagou lhe a nuca. Ela estremeceu docemente e sorriu, um sorriso ténue.

— Tenho de voltar ao ghetto, para trazer algumas coisas do apartamento. Nada de valor; apenas alguns objetos de ordem sentimental. Quero distribuí-los por Rachel, Stephan e Deborah.

Afastou-se e pôs o boné na cabeça.

— É curioso... desejei tanto assistir ao bar mitzvah de Stephan! Bem... agora já não importa.

— Apressa-te, querido.

O seu regresso ao ghetto, após aquela ausência, foi pungente.

Durante as semanas em que estivera ausente a situação piorara com medonha rapidez. Com a aproximação do Inverno, o espetáculo dos cadáveres nas ruas tornou-se um lugar-comum e o odor da morte, os gemidos surdos de desespero e a inexorabilidade do destino pavoroso que aguardava milhares daquelas almas nublavam com um véu cinzento o sol do meio-dia.

Andrei mergulhou uma das mãos na caixa do correio, na esperança de que as braçadeiras de Rachel e Wolf lá se encontrassem. Ao menos podia falar lhes, dizer lhes algumas palavras...

O apartamento achava-se tal como o deixara. Fez correr a vista em redor. Os livros. Alguns para Wolf, alguns para Stephan ler um dia... se esse dia chegasse. Os berloques que outrora cintilaram com fulgor no seu uniforme estavam baços. Lançou-os, com as medalhas, para uma caixa. Stephan gostaria de os possuir.

Os discos e o gramofone, para Rachel.

Que mais ali havia? Muito pouco. Um organizador sionista não tinha tempo para acumular bens pessoais. Era uma vergonha que se encontrassem tão poucos testemunhos tangíveis do que significara para ele este apartamento tão parcamente mobilado. Experimentara aí, noutros tempos, tantos momentos de felicidade!

O álbum de fotografias. Os retratos sépia e ovais do pai e da mãe. As fotografias do seu próprio bar mitzvah. Deborah desejava ficar com elas.

Iria procurar Alex? Rosy? Susan Geller? Soubera que Rosy e Susan tinham casado. Achava que o devia fazer.



Mas, que diabo, a despedida seria uma coisa tão penosa!  
Era preferível partir sem dizer «água vai». Não haveria desejos de uma boa viagem.

Sentou-se à mesa e escreveu algumas linhas endereçadas a Wolf e Rachel, comunicando lhes que deixava algumas coisas para eles e dizendo lhes adeus.

Fez secar a tinta com um mata-borrão e fechou a carta.

A porta abriu-se com um estalido e fechou-se em seguida.

Simon Éden avançava na sua direção.

— As más notícias espalham-se depressa — disse Andrei.

— Vigiámos a tua chegada, dia e noite, durante todo este tempo. Sabíamos que acabarias por cá voltar.

Andrei não queria envolver-se numa discussão com Simon. Não desejava que ninguém o procurasse demover dos seus intentos, o fizesse vacilar, lançasse um apelo à sua lealdade, fizesse vibrar os seus sentimentos. Tomara a sua decisão.

— Tenho passado a minha vida a discutir — disse Andrei vivamente. — E não quero voltar a fazê-lo.

Simon Éden compreendia perfeitamente o significado das palavras de Andrei. Dois judeus numa sala acabarão por manifestar três opiniões. A sua vida fora uma torrente sucessiva de discussões. Às mais minuciosas interpretações.

Interpretações tecidas noutras interpretações. Os diversos géneros de sionismo, as variações do judaísmo. Cada homem era um eminente crítico literário e musical. Cada homem possuía uma resposta pessoal para qualquer problema. Conversa...

palavras, palavras, palavras.

— Não vim cá para discutir. Somente para te perguntar o que vais fazer. A minha gente do sector ariano comunicou-me que contataste com Roman. Ter-te-ia ele concedido um posto no exército do interior?

— Eles não admitem senão polacos católicos com dez gerações de sangue puro.

— Poderia ter-te informado quanto a esse pormenor.

Nas fileiras dos partisanos os judeus são assassinados pelas suas botas ou pelas suas armas. E poderia ter-te dito também que o

exército do interior não apoiará a constituição de unidades judaicas. Estás na disposição de tentar a sorte noutro lado?

— É verdade.

— Que estranha coisa entre nós, Andrei. Somos uma raça de individualistas como nenhuma outra. Somos ferozmente ciosos do nosso direito de procurarmos a verdade como indivíduos. Por vezes mostramo-nos ridículos em face do número de respostas que temos em relação ao mesmo problema ou na maneira como podemos confundir uma questão simples com uma conversa.

— Foi a falta de unidade que nos fez perder Jerusalém na antiguidade — volveu Andrei. — É a mesma coisa que nos destruirá aqui.

Conversavam sem sombra de azedume. Simon era um homem a quem Andrei sempre dedicara a maior estima devido à sua integridade e à habilidade rara com que congregava uma dúzia de facções distintas de judeus, apesar das suas diferenças ideológicas.

Tu dizes que o individualismo é uma fraqueza. Concordo que o tem sido algumas vezes. Ao mesmo tempo, é a nossa grande fonte de energia. A procura constante da verdade por um só homem tem sido a chave-mestra da nossa sobrevivência.

Não me tentes enrolar, Simon. Disse-te que não quero discutir — Agora estás a querer enredar-me numa controvérsia sobre o meu direito de discutir.

Posso dizer-te que foste demasiado ambicioso?

Eu? Tudo o que sempre desejei fazer foi...

Sei muitíssimo bem o que desejava fazer. Já alguma vez te ocorreu que não temos seiscentos mil Andrei Androwskis no ghetto? Os que cá se encontram não são mais do que gente comum que se apega a uma centelha de vida.

Eles são capazes de se espojar neste chiqueiro por uma mágica Kennkarte que lhes permita prestar trabalho escravo.

Alguns, ainda, vendem os corpos das filhas... mendigam, suplicam...

— Sem chefes — interrompeu Andrei.

— Esqueces o fato de que este país foi esmagado e os seus dirigentes mortos? Ousas dizer que Alexander Brandel não é um

chefe? E David Zemba? Imaginas que Emanuel Goldman não era um chefe? Tens vergonha da coragem de Wolf Brandel? Andrei, Alex nada escuta e nada vê senão os gritos das crianças famintas. O seu único dogma consiste em dar lhes que comer. Ele não tem feito outra coisa senão travar uma dura batalha à sua maneira.

Andrei ergueu-se da cadeira.

— Obrigado pela palestra.

Simon reteve-o por um braço.

— Escuta-me durante mais um minuto somente.

Andrei sacudiu a mão de Simon. O amigo não estava a mendigar nem a suplicar. Tinha muito respeito por Simon para que se descartasse dele com rudeza.

— Continua.

— Procuraste entregar-te a uma morte estúpida, irracional, em vão. Não te escutaram. Nenhum exército clandestino se constituirá antes que o povo o deseje. Estamos-nos a aproximar do fim de 1941, e em 1942 o povo desejá-lo-á.

Ele escuta as notícias referentes às chacinas no Leste e a taxa de mortalidade no ghetto subir a cem por dia; já não mostra tanto receio das represálias nem está tão certo que Brandel tenha a solução para a sobrevivência. André' as ideias, os pensamentos de cada homem, são bons ou maus consoante surjam ou não no momento certo. O momento propício para a organização de uma força combatente ainda não chegou. Todavia, caminhamos para lá agora. O povo pensa nela cada vez com maior intensidade. Fala já nela Está a começar a conspirar. A pensar em termos de armas Andrei voltou a sentar-se. Simon debruçou-se sobre ele e fez jorrar os seus argumentos como um caudal impetuoso.

— Perdeu-se tanto tempo — murmurou Andrei. — E tanto que fazer...

— Torna a pôr-te em contato com Roman.

— Esse bastardo!

— Não te ocupes com os teus sentimentos pessoais.

Solicita, exige lhe armas.

— Que demónio! Pareces estar louco, Simon. É demasiado tarde. O exército do interior não nos dará outra coisa exceto

subterfúgios. Piotr Warsinski tem uma quadrilha de vampiros e a Gestapo conta com milhares de informadores.

Os nossos contatos com o sector ariano são incertos.

Não existe unidade real. Não possuímos fonte alguma onde conseguir armas.

— Exiges uma vitória ou o direito de te bateres?

— Estás agora do meu lado, Simon?

Simon esgaravatou nos bolsos e retirou um gordo maço de notas de banco.

— Notas de cem zlotys. Compra armas — disse ele.

Desde o momento em que ouviu os passos ligeiros de Andrei, Gabriela compreendeu que sobreviera um milagre.

Ele abriu a porta de par em par, os olhos radiantes; lançou o dinheiro para cima da mesa, tomou-a nos braços e rodopiou com ela num turbilhão.

Pela primeira vez depois do começo da guerra Andrei parecia em paz. Havia muito que fazer e os seus amigos questionariam o mais que pudessem com ele; mas, por vezes já principiavam a pensar à sua maneira. Compreendiam, em certa medida, que tinham de encontrar os meios de se defenderem.

Era muito pouco... e muito tarde... mas isso parecia não importar.

## CAPÍTULO XXIX

Chris arrumou o carro defronte da porta do ghetto que dava para a Praça das Portas de Ferro. Um guarda da Polícia Azul palitava os dentes com a unha do dedo mínimo enquanto examinava o passe de Chris; por fim levantou a barreira.

Após ter dado alguns passos no interior do ghetto, Chris teve de mostrar os seus papéis a dois indivíduos de longos casacos cinzentos e botas de um negro cintilante; eram elementos da Milícia Judaica.

Chris orientou-se rapidamente. Sabia, por Rosy, onde poderia, provavelmente, encontrar Deborah. A melhor oportunidade que se lhe podia deparar de a ver era encontrá-la no orfanato da Rua Niska. O ghetto estava cheio de espiões e informadores; contudo, ele tinha a impressão de que Horst von Epp era a um tempo suficientemente inteligente e demasiado sofisticado para utilizar a tática grosseira de o mandar seguir. De qualquer maneira, Horst entalara Chris; se ele tentasse forçar a sua sorte, arriscar-se-ia a ver a sua presa escapar-se lhe para se pôr a salvo.

Chris caminhava ao longo do muro do outro lado do qual o «corredor polaco» separava o grande do pequeno ghetto. As ruas estavam cobertas de sujidade devido aos detritos que não eram retirados; os odores nauseabundos da imundície atacavam lhe as narinas.

Aproximou-se da ponte suspensa sobre o corredor polaco e que conduzia ao grande ghetto. Deteve-se bruscamente.

Ali! Ao fundo da escada da ponte. O cadáver de uma mulher esquelética. Enormes círculos esbranquiçados sobre a pele, que os ossos salientes pareciam furar. Chris recuou, vira milhares de cadáveres na frente oriental — recordava-se da chacina -, mas... aqui... mortos devido à fome Era diferente. Transeuntes passavam quase à beira da mulher morta sem prestarem atenção alguma.

Chris subiu os degraus até ao cimo da ponte. À sua direita e à sua esquerda, arame farpado. Olhou, em baixo, o «corredor polaco».

Muitas vezes se detivera, na rua, com os olhos fixos no ponto onde agora se encontrava, na esperança de poder lobrigar Deborah. Fora ali em baixo que o tinham atacado e espancado. Com passos rápidos desceu para o grande ghetto.

Altos muros de arame farpado cercavam a fábrica de uniformes do Dr. Frank Koenig. Por trás do arame farpado, os escravos, semimortos de inanição, moviam-se lentamente.

Ao longo dos postos da guarda, a Milícia Judaica circulava em passadas vivas e arrogantes.

A cada passo, agora, descobria uma nova imagem de sordidez e sofrimento. A cada passo sentia uma náusea no estômago que quase o impelia a vomitar. Era preciso desviar os pés dos restos putrefatos do que antes fora um ser humano.

Este mosaico de miséria, esta cena de indescritível horror, era uma mancha negra e enorme de vergonha, de opróbrio para os que a tinham originado. Atravessou uma pequena praça.

— Braçadeiras! Compre braçadeiras!

— Livros à venda! Vinte zlotys cada dúzia!

Espinosa por cinco tostões, o Talmude por dez centavos.

Uma biblioteca inteira de sabedoria.

— Por caridade, compre-os em lotes... para manter por mais um dia a minha família com vida.

— Colchões à venda! Garantidos, sem piolhos!

Duas crianças barravam o caminho a Chris. Deformados, inumanos.

— Senhor, um zloty! — suplicou uma.

A segunda, um irmão ou uma irmã mais pequena, demasiado fraca para mendigar o seu sustento, fazia apenas tremer os lábios.

— Deseja a companhia de uma rapariga para o distrair?

Uma virgem bonita de uma boa família hassidista.

Não custará mais de cem zlotys.

● violino do meu filho. Importado da Áustria antes Da guerra... Por favor! É um belo instrumento.

” Senhor, quanto oferece pela minha aliança de casamento?

É de ouro maciço.

Uma longa fila de seres cobertos por farrapos aguardavam a distribuição de caldo junto de uma cozinha de sopa dos pobres. Os que se achavam atrás empurravam os da frente, calcando, indiferentes, o cadáver de um homem que morrera quando se dirigia para ir buscar a sua sopa.

Um velho tombou, faminto, na sarjeta. Ninguém olha.

Uma criança está sentada, com as costas apoiadas contra o muro, coberta de feridas, arde de febre e geme penosamente.

Ninguém olha.

Os altifalantes ladram: «Achtung! Todos os judeus do grupo catorze se devem apresentar amanhã às oito horas precisas na Autoridade Civil Judaica, a fim de serem deportados como trabalhadores voluntários. A falta a esta convocação será punida com a morte.» Os «reis» dos Sete Grandes, magnates da farinha, da carne e dos legumes, fazem tranquilamente os seus negócios, entre murmúrios ao longo das paredes, nas alcovas, nos pátios.

Um sargento nazi do Corpo Reinhard, de Sieghold Stutze, está postado no meio da Rua Zamenhof. Os rikshas com bicicletas, o meio básico de transporte, gravitam à volta dele. Cada riksha detém-se diante do «senhor», tira o boné e saúda-o.

Clang! Clang! Passa o eléctrico vermelho e amarelo, cheio, com a grande estrela de David na frente e nos lados. — «Achtung! Judeus, escutem! Os cartões verdes de racionamento cessam de ter validade a partir de hoje.» Outro cadáver... outro... outro.

Cartazes cheios de diretivas. **POR ORDEM DA AUTORIDADE CIVIL JUDAICA**, o edifício de Gensia 33 é declarado contaminado.» Nos muros estão colados, mas já rasgados nos cantos, cartazes e publicações da imprensa clandestina; a Milícia Judaica encarrega-se de os despedaçar.

A Milícia Judaica. Gordos e brutais, alguns guardas espancam com os seus bastões um magote de raparigas desprotegidas, para as fazerem seguir para o destino que lhes está reservado: a fábrica de escovas. " No orfanato, Chris abate-se sobre a cadeira do gabinete de Susan Geller. Está pálido, de cor da cera, e sente cãibras no estômago, pronto a rebelar-se ante mais uma visão, ante mais um odor.

Susan fecha a porta e coloca-se defronte dele. Chris levanta-se.

— Lamento não ter podido vir cá mais cedo — disse ele. — Mal cheguei da frente oriental, deparou-se com um monte de aborrecimentos. E, sabe?, é-me muito difícil penetrar no ghetto.

Susan continuou imóvel, sem dizer palavra.

— Tentei conseguir o regresso de Rosy ao serviço.

— Estou certa de que fez tudo o que pôde — volveu ela friamente. — Todavia, é também bom para ele encontrar-se no ghetto. Com o seu nariz de judeu, os malandrins atacá-lo-iam constantemente, apesar dos papéis oficiais, que lhe garantiam uma presumível imunidade.

— Onde está ele, Susan?

— Moramos em Mila 19, com os outros.

Chris exclamou :

— Céus! Nem sequer vos trouxe uma prenda de casamento.

— Não era necessária.

— Há alguma coisa que eu possa fazer? Algo que desejem ou de que necessitem?

Susan dirigiu-se para a porta, que se abria para um mar de pequenas camas comprimidas umas contra as outras e que continham uma centena de crianças atacadas pelo tifo. Que fazer? Susan encolheu os ombros.

A frieza da mulher chocava-o.

— Susan, que vos fiz eu?

— Nada, Chris. Mas há uma coisa que pode fazer. Será um presente de casamento muito belo para mim e para o Ervin. Conhece o género de trabalho a que ele se dedica. Peço lhe que o não denuncie aos Alemães.

— Lamento que julgue necessário dizer-me uma coisa dessas.

Susan voltou-se para ele :

por favor, Sr. De Monti. Deixe-se de discursos sobre honra e a humanidade.

O Rosy é meu amigo...

Horst von Epp também é seu amigo.

Chris abateu-se sobre a cadeira, esmagado.



Sinto muito ter lhe dito estas coisas desagradáveis, Chris, mas os tempos que correm também não são agradáveis. Quando uma pessoa está a tentar sobreviver, é capaz de ser rude para um velho amigo. Agora, se me permite voltar ao meu trabalho...

Desejo ver Deborah Bronski.

— Ela não está cá.

— Está; eu sei.

— Ela não deseja vê-lo.

— Terá de me ver!

— Darei o seu recado.

— Susan, antes de voltar... Vós duas sois amigas há muitos anos...

— Éramos as únicas judias autorizadas a estudar numa classe de cinquenta enfermeiras. Ligámo-nos uma à outra devido ao instinto de conservação.

— Você sabe que...

— Ervin é meu marido. Ele confia-me os seus segredos.

— Tenho uma oportunidade para a fazer sair e aos filhos da Polónia.

Susan Geller voltou-se. O seu rosto simples revelava uma profunda surpresa. Existiam muitas coisas em Christopher de Monti de que ela não gostava, principalmente um certo ar que o fazia parecer um aristocrata polaco; apesar de tudo, ele sempre mostrara a maior lealdade para com Ervin.

A única coisa de que não tinha dúvida alguma era do seu amor por Deborah Bronski.

— Poderá influenciá-la?

--Não sei — respondeu Susan. — As pessoas têm por vezes reações estranhas, sobretudo quando vivem numa atmosfera obsidiante como esta. Muitas perdem completamente a alma, o seu sentido moral é destruído, tornam-se seres amorfos e sem dignidade. Raras são as que vêm a encontrar uma reserva de força insuspeitada. Deborah tornou-se um símbolo extraordinário de humanidade para muitas dezenas de crianças. Uma mulher menos forte aproveitaria esta oportunidade única de fugir... "" — Diga lhe que a espero — disse Chris.

Teve necessidade de toda a sua energia para conter impulso quase indomável que o impelia a envolver Deborah nos seus braços. Ela estava magra, com os traços da fadiga bem vincados no rosto. Porém, achava-se mais bela do que nunca. Os seus olhos refletiam uma compaixão que somente se adquire com o sofrimento. Encontravam-se diante um do outro, de cabeça baixa.

— Jamais, em todos estes meses, deixei sequer um minuto de desejar a tua presença — disse Chris num murmúrio.

— Este não é nem o momento nem o lugar apropriados para uma cena de balcão — respondeu ela secamente. Aceitei ver-te apenas para evitar uma discussão embaraçosa.

— Distribuis tanta piedade... Não me reservas nenhuma?

Não tens uma palavra de consolação pelas horas que passei debaixo da ponte tentando ver-te, nem que fosse fugazmente?

Nem o mínimo átomo de pena por todas estas noites em que bebi, bebi constantemente, até me aturdir, para esquecer a minha solidão?

A dureza que mostrara antes desvaneceu-se. Fora cruel.

Sentou-se e cruzou as mãos no regaço, como uma Mona Lisa.

— Escuta-me com atenção e sem cólera — suplicou lhe Chris.  
— Posso fazer-te sair e aos teus filhos com segurança da Polónia.

Deborah fez rolar os olhos e franziu as sobrancelhas, como se não compreendesse verdadeiramente o que ele estava a dizer. Olhou-o furtivamente.

— Compreendeste o que te disse?

— Temos muito trabalho aqui. Não se passa um dia que não percamos dois, três ou quatro dos nossos bebés.

— Deborah, a tua própria família justifica a evasão. Não é um pecado. Deves aos teus filhos a dádiva da vida. Ela sentia-se perturbada e tentava reunir os elementos de uma razão lógica.

— Os meus filhos são fortes. Enfrentaremos as circunstâncias unidos como uma família. Rachel e eu temos trabalhado...

Ele ajoelhou-se diante dela.

— Escuta-me. Assisti à tomada de Kiev. Uma semana após a entrada dos Alemães na cidade, comandos de ações especiais reuniram cerca de trinta e cinco mil judeus.

Arrastaram-nos de caves, de esconderijos, de celeiros. Os Ucrânianos ajudaram-nos nesta caça mercê de uma ração suplementar de carne. Depois conduziram-nos para um subúrbio chamado Babi-Yar... os Fossos da Avó. Um milhar de cada vez, homens, mulheres e crianças eram despojados do vestuário, colocados em linha à beira dos fossos e abatidos pelas costas. Em seguida perfuravam-nos com as baionetas.

Depois outros mil eram empurrados para a beira do fosso. E assim assassinaram trinta e cinco mil pessoas, em três dias, os Ucrânianos desferindo vivas todas as vezes que se ouvia uma descarga. A demência dominava completamente os Alemães.

Os olhos de Deborah achavam-se vítreos, numa expressão de incredulidade.

— Vi com os meus próprios olhos!

— Paul mantém-nos com vida.

— Paul conduziu-te a isto. Desonrou-se a si próprio e vendeu-se a eles de tal modo que jamais lhe permitirão afastar-se com vida.

— Paul fê-lo somente por nós.

— Tu própria não acreditas no que acabas de dizer.

Ele procedeu para seu próprio benefício. Agora escuta. Vais partir. Far-te-ei sair de cá nem que tenha de utilizar a força. É mil vezes preferível a deixar-te morrer.

— Não mais me tocarás.

— Eu sei — disse ele debilmente. — Já me resignara ao fato de não tornar a ver-te. Eu sei que não poderá haver uma vida possível para nós se Paul ficar cá. Isso não conta para mim... Tudo o que desejo é que tu vivas.

— Não o posso abandonar — disse Deborah.

— Pergunta lhe! Penso que ele vos deixará morrer, a ti, ao teu filho e à tua filha, de preferência a ficar só aqui.

— Não é verdade.

— Pergunta lhe.

Deborah tentou chegar à porta, mas Chris agarrou lhe os braços e imobilizou-a. Ela esforçou-se por se desprender mas a sua resistência foi inútil. Depois aquietou-se.

— Não te deixarei mais, Deborah. Esperar-te-ei dia e noite do outro lado do muro.

-Larga-me!

-Não fomos já suficientemente castigados? Desejas a : morte dos teus filhos como parte também da expiação?

-Por favor, Chris! — suplicou ela.

— Diz-me que não me amas, e ficarás para sempre liberta de mim.

Deborah apoiou-se contra ele, encostou a cabeça ao seu peito e começou a soluçar mansamente. Os braços fortes de Chris envolveram-na com ternura.

-Esse é o meu maior pecado -disse ela por fim amar-te ainda.

Os braços tombaram. Seguiu-a com os olhos até que ela desapareceu entre os pequenos leitos.

Paul dormitava na sua cadeira estofada. Deborah ficou muito inquieta por causa dele depois de os Alemães terem encerrado a Autoridade Civil e deslocado a sua sede para o grande ghetto, no cruzamento Zamenhof-Gensia, instalando-a na antiga estação dos correios do ghetto. Casa por casa, os Alemães estavam a fazer desocupar o pequeno ghetto, na parte sul.

Deborah observava-o por cima do livro que lia. Por vezes, a mente de Paul deixava de funcionar a meio de uma frase e ele fixava o vácuo, para em seguida se esforçar Por voltar à realidade. Ele desejava dormir, dormir somente. Tomava grandes doses de comprimidos para sufocar no espírito o tormento causado pelas diretivas alemãs.

Os filhos nunca o haviam dito, mas ela sabia. Sabia que tinham vergonha do pai.

«Meu Deus, porque me obriguei a ver Chris? Nenhum ser humano dotado de razão poderia ficar insensível ante o pensamento de deixar esta câmara de horrores. Cada vez podia fazer menos para mitigar o sofrimento das crianças do orfanato. Babi-Yar... Sucederia o mesmo em Varsóvia?

Teria ela o direito de negar a Stephen e a Rachel uma Possibilidade de sobrevivência?» Duvidava que Rachel quisesse

partir. Ela enviara a própria filha, de 17 anos, para o leito de um jovem.

Ela disse a si própria que o pecado seria maior se se inclinasse perante os dogmas morais da sociedade, para saber um dia que o jovem partira para sempre e ver a filha carregar uma cruz de solidão que o amor não preencheria. Eles tinham tão pouco, tão pouco tempo... Não, Rachel não abandonaria o jovem. Deborah sabia-o. Como sabia que ela própria jamais deixaria Paul.

Talvez devesse fazer partir Stephan, só — Ele era um rapazinho tenaz, obstinado, muito parecido com o tio Andrei.

Sentia uma profunda ânsia de se bater. Ele rebelar-se-ia.

Suponhamos que fazia a pergunta a Paul. Permitiria ele a sua partida,, ou deixá-los-ia morrer em vez disso?

O desejo de Paul de se salvar por qualquer preço seria tão intenso que condenasse, por puro terror, a família à morte?

Paul entreabriu os olhos e apercebeu-se de que os olhos negros da mulher o fixavam interrogativamente.

— Devo ter dormitado — disse ele com um ar de enfado. — Querida, que há desta vez? Porque me olhas dessa maneira?

Ela estremeceu ao dar-se conta de que o não tinha ouvido.

— Que é que corre mal, Deborah? Queres fazer-me alguma pergunta?

— Não — volveu ela. — Encontrei a resposta.

## CAPÍTULO XXX

Entrada do diário.

Se quiser fazer cinema, Não precisa de ir muito longe.

O ghetto é como Hollywood :

Todos aqui têm uma estrela.

Com os cumprimentos do doido Nathan Ervin. Rosenblum tem-se desempenhado magnificamente das suas funções de secretário cultural da Sociedade dos órfãos e de Auxílio Mútuo. Temos agora uma grande orquestra sinfónica no ghetto, quinze produções teatrais em yiddish e em polaco, uma escola clandestina para instrução primária e religiosa em cada orfanato; exposições de arte, colóquios, recitais de poesia, etc. Vários artistas acompanham os grupos ambulantes. A mais conhecida é Rachel Bronski, que se estreou como solista tocando o Segundo Concerto de Chopin. Chamam-lhe «o anjo do ghetto» É pena que Emanuel Goldman não se encontre entre nós para aplaudir o seu grande talento.

Mas... a nossa situação continua a piorar. A taxa de mortalidade, originada principalmente pelo tifo e pela inanição, continua a sua ascensão. Julho: 2200; Agosto, 2650 Setembro, 3300; Outubro, 3800. Em Novembro, até agora 150 por dia. Pode parecer estranho, mas a média de suicídios continua a baixar. Conclusão: os mais fracos já se mataram. Os restantes estão decididos a sobreviver. Todas as manhãs se vêem novos cadáveres nos passeios, depositados pelas famílias. Não há dinheiro para funerais. Os «grupos de sanidade» surgem com carros de mão, lançam os cadáveres à razão de vinte e trinta para os veículos e conduzem-nos para o cemitério, onde os enterram em valas comuns. O espetáculo da morte e da fome já não impressiona ninguém. Temos de nos imunizar. Que miséria!

Os víveres chegam todos os dias ao Transferstelle. Mas não em quantidade bastante para alimentar toda a gente.

Os Sete Grandes fizeram subir de tal maneira os preços que a Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo consegue apenas adquirir as rações mínimas. Os Sete Grandes possuem o controle virtual das padarias autorizadas. Os padeiros são os «reis» do ghetto.

O contrabando tornou-se um modo de vida. Ninguém o pode deter. Napoleão tentou-o, mas não o conseguiu. Os Alemães não lhe poderão pôr termo. Mesmo que fossem escrupulosos e honestos, seria impossível. Os guardas são corruptos, a Milícia Judaica no interior, os polícias azuis e os Alemães no exterior. Todos eles são susceptíveis de serem comprados: é uma questão de preço. Além disso que vantagem terão os Alemães em impedir o contrabando? Os funcionários superiores têm os bolsos a abarrotar de dinheiro proveniente de «negócios» destes!

O contrabando é efetuado segundo as formas mais primitivas ou reveste o aspecto de operações sabiamente organizadas.

Nas suas manifestações mais correntes, garotos pequenos e ágeis safam-se como gamos pelos mais estreitos buracos do muro do ghetto (ou por uma da meia dúzia de passagens subterrâneas). Alguns destes garotos constituem o único recurso das suas famílias. Arriscam-se a ir ao sector ariano para remexer as latas do lixo, fazer permutas se tiverem algo que dar em troca, esmolar nas praças ou roubar.

Um petiz ficou entalado numa das aberturas do ghetto.

Foi espancado pelos guardas de ambos os lados do muro.

O principal ponto de transferência dos artigos de contrabando está situado no exterior do ghetto, no local onde os cemitérios judeu e católico têm uma parede comum. Este muro, que apresenta uma boa dúzia de brechas, é uma espécie de zona franca». Os trabalhadores que cavam as valas coletivas são os principais agentes de ligação. Porém, é preciso pertencer às mais altas esferas dos contrabandistas para operar nos cemitérios.

É desnecessário dizer que os Sete Grandes são quem realiza as transações mais lucrativas e de mais perfeita organização. Eles compraram funcionários nazis desde a mais baixa até à mais alta escala. Todavia, uma vez por outra os Alemães encenam um ato de vigilância, capturam um contrabandista dos Sete Grandes e fuzilam-

no. Isto dá origem a que Max Kleperman pareça por vezes não manter ligações com os nazis. Estou certo de que ele é prevenido.

Os Sete Grandes construíram uma canalização subterrânea sob o muro para conduzirem por ela leite do sector ariano. Os sacos de farinha e outras mercadorias são lançados por cima do muro a horas e em locais previamente determinados. Escadas portáteis, vindas não se sabe donde, são erguidas contra o muro e, em três ou quatro minutos, tempo em que os guardas voltam as costas, as mercadorias dão entrada no ghetto. Os Sete Grandes construíram uma rampa portátil e fazem passar por ela, se preciso for, uma vaca pelo seu pé.

Uma representação típica da arte do contrabandista é o grande funeral (que só os ricos se podem oferecer). Os Sete Grandes controlam as licenças passadas às agências fúnebres. Os carros mortuários reentram no ghetto com cerca de 1 tonelada de mercadorias. Segundo me disseram, quando os negócios estão difíceis, os Sete Grandes organizam falsos funerais com urnas vazias.

Para controlar os preços, os Sete Grandes vendem apenas uma parte dos seus artigos, pois a carência destes origina uma subida automática dos preços. Os víveres encontram-se armazenados por todo o ghetto, nas caves. Soube que em Mila 18, precisamente do outro lado da rua, defronte de nós, se acha um dos esconderijos mais importantes de Varsóvia. Um contrabandista «independente», Moritz Katz, dirige um bando em Mila 18.

Uma excentricidade. Pela Rua Leszno passa a fronteira fantasista do «corredor polaco». O muro corta o edifício do tribunal em dois, de modo que se pode aí penetrar por ambos os lados. Os judeus vindos do ghetto introduzem-se lá através do subsolo. Os Polacos utilizam a entrada principal, no sector ariano. Organizam-se encontros em certas salas, gabinetes e corredores. Os representantes «autorizados» de Kleperman dispõem de lugares no tribunal, tal como se compra um lugar na bolsa ou uma prostituta londrina alcança alguns metros quadrados de passeio. Mediante uma comissão de agente de câmbio, os representantes autorizados de Kleperman negociam ouro, dólares e pedras preciosas.



O mais horrível de todos os espetáculos do ghetto é o produzido pelas crianças famintas. Garotos dominados pela fome circulam junto das padarias para se apoderarem do pão dos clientes que saem. Devoram-no enquanto se escapam.

Muitas crianças têm sido espancadas quase até à morte ao encherem o estômago com o pão roubado.

O Clube dos Bons Amigos nomeou uma comissão especial encarregada de analisar o mistério sempre persistente que envolve as verdadeiras intenções dos Alemães. Informações que obtivemos sobre os morticínios no Leste: existem, em definitivo, quatro grupos principais de comandos de ação, compostos de elementos das SS treinados para as chacinas.

Grupo A — comandado pelo major-general das SS Franz Stahlecker, na área Báltico-Leninegrado.

Grupo B — comandado pelo general das SS Artur Nebe, na Rússia Branca.

Grupo C — Oto Rasch (posto?), em Kiev, na frente sul. A chacina em Babi-Yar de trinta e três mil pessoas em três dias parece ser obra sua.

Grupo D — major-general das SS Otto Ohlendorj (será o célebre engenheiro de antes da guerra? É difícil de admitir), na Rússia Central.

O método é elementar. Raptos. As vítimas cavam as suas próprias sepulturas, são despojadas do seu vestuário e abatidas pelas costas. Isto diverte aparentemente as populações locais, que colaboram abertamente com os nazis. As SS aumentaram os seus efetivos com ucranianos e Lituanos.

Até agora fala-se de morticínios em Rovno, Dvinsk, Kovno e Riga. Diz-se que foram mortas setenta mil pessoas em Wilno.

Tentamos determinar a evolução da política geral alemã e prever de que maneira estas chacinas serão praticadas em relação a nós, em Varsóvia e na área do Governo-Geral.

Os Alemães já estabeleceram o número de pessoas de que necessitam para o funcionamento das suas fábricas? Como é óbvio, os grupos de ação encontravam-se já constituídos antes da invasão da Rússia.

Ervin Rosenblum debate a tese de uma «apologética» alemã. Eles esforçam-se com extraordinário empenho por provar a sua «inocência» e por estabelecer a «justificação» dos seus atos. Isto, certamente, significa que eles sabem estar a agir com ferocidade e que sentem a necessidade de dissimular os seus delitos.

A língua alemã foi abastardada pelos nazis com a sua «alegria no trabalho», «raça ariana de senhores», «espaço vital)), «destino da Alemanha», «os fiéis», «os povos da mesma raça», «Führer», «tratamento desumano das minorias étnicas)), etc.

O texto completo referente ao comportamento para com os Judeus foi também composto com este novo «vocabulário».

Segundo a «teoria» básica, os Judeus têm sido inimigos eternos do povo alemão e estão, portanto, a tentar destruí-lo, de maneira que os Alemães devem exterminar os Judeus apenas para sua «legítima defesa». Eles dão relevo à concorrência económica, servindo-se dos clichés clássicos do Judeu arteiro que «sempre odiou o Alemão» e que o esbulha do seu direito de ganhar a vida.

Eis aqui exemplos do seu novo vocabulário de sentido duplo :  
Reserva — ghetto.

Despojos legítimos de guerra — bens roubados ou confiscados aos Judeus.

Contaminado — sujeito a ser confiscado.

Medidas sanitárias — pretexto para execuções em massa.

Desagrado — execução em massa.

Abatido quando tentava fugir — uma expressão vulgarmente aplicada a um judeu morto na prisão.

Reinstalação, repovoamento — deportação com a confiscação de todos os bens.

Trabalho voluntário — trabalho escravo.

Sub-humanos — judeus, eslavos, ciganos, presos políticos e de delito comum, eclesiásticos, homossexuais (que não sejam alemães e todos os que não se adaptem à atmosfera alemã).

Mestiçagem — pretexto para se «desembaraçarem dos sub-humanos», que contaminariam a linhagem dos alemães de sangue puro.

Bolchevista – especulador — belicista — palavras quase sempre empregadas antes ou depois do vocábulo «judeu» para insistir na identificação.

Silberberg, o dramaturgo, afirma que os Alemães se empenham num esforço fantástico para se fazerem acreditar a si próprios que são verdadeiras as «teorias» que professam.

As acrobacias verbais multiplicam-se. Base: a fim de se poder viver no ghetto, é preciso violar a lei. Portanto, todo o ser que por lá vegeta é um criminoso, segundo o léxico dos Alemães, e pode ser legalmente executado. Inacreditável, não é verdade? Eis aqui algumas das suas provas.— Eles envidarão todas as diligências para constituir um tribunal provido de todos os preceitos e de posse de documentos irrecusáveis, a fim de punir um vulgar gatuno ou um vadio. Farão um inquérito exaustivo sobre uma simples morte pelo tifo para «provar» o interesse que votam às vidas humanas. Mostrar-se-ão «chocados» perante a brutalidade da Milícia Judaica, que deve patentear a mais feroz brutalidade para impor o seu poder.

Eles permitiram a reabertura de algumas escolas para provar» o amor dos Alemães pela liberdade de instrução, O fato de não podermos financiar muitas escolas, de não termos livros de leitura, combustível nem facilidades de qualquer espécie e de as crianças se encontrarem demasiado debilitadas para assistirem às aulas «prova» que os sub-humanos judeus não darão instrução aos filhos.

Os ghettos foram constituídos para isolar os Judeus belicistas e imundos dos Polacos e para proteger os Judeus contra a vingança dos Polacos, que compreenderam uma vez mais que são os Judeus os culpados dos seus infortúnios.

Outra prova do dossiê germânico: unidades especiais das 55 pertencentes aos serviços cinematográficos entraram no ghetto e filmaram as barracas de desinfecção. Já viram um homem que perdeu 25 quilos do seu peso normal a tiritar de frio e sem cabelo? O comentário que acompanha o filme indica que esta figura patética é um veículo «sub-humano» de epidemias e o retrato «justifica» naturalmente a legenda.

Rabis barbudos são obrigados a posar nos depósitos da Transferstelle ao lado de toneladas de víveres para «provar» como a

Gestapo descobriu esconderijos secretos que estes judeus barbudos mantinham enquanto os vizinhos morriam de fome.

A Milícia Judaica está sempre disposta a mostrar-se extremamente brutal «, quando o operador cinematográfico surpreende a sua atividade, o comentário natural é que os Judeus se destroem uns aos outros.

As melhores cenas captadas pelos operadores são as orgias dos contrabandistas. Na sua maioria, os contrabandistas são homens de baixa mentalidade e de baixa moral, Nos seus clubes, posam alegremente para os filmes enquanto se banqueteam com as melhores virtualhas, bebem imoderadamente, vociferam na companhia de prostitutas.

Alemães, em seguida, colocam caixotes do lixo cheios "e restos à porta dos clubes e fotografam crianças esfomeadas devorando, como cães, os detritos.

O que há de mais sinistro no plano dos Alemães é ilusão de que os Judeus se destroem entre si. O rebotalho da sociedade que constitui a Milícia Judaica, a Autoridade Civil Judaica, completamente desvirilizada, os contrabandistas do mercado negro. Eis a «justificação final» para Alemães.

Qual será a próxima invenção dos nazis? Quem poderá saber? Nada do que é decidido em Berlim chega cá na forma de ordens escritas (nova indicação de que têm perfeita consciência dos seus crimes). O general das SS Alfred Funk transmite tudo verbalmente. Há duas frases do léxico alemão que surgem frequentemente. Não sabemos o que significam. Contudo, elas terrificam-nos.

1. — Em viagem para destino desconhecido.

2. — Solução final do problema judaico.

*Alexander Brandel*

Somente um homem da estatura do rabi Solomon ousaria aventurar-se pelas ruas do ghetto sozinho à meia-noite.

Ele contornou em marcha apressada a esquina da Rua Mila, depois teve de abrandar o passo porque as suas velhas pernas o atraçoaram; todavia, acelerou novamente a marcha à vista do

número 19. Subiu penosamente as escadas e bateu à porta. A jovem de vigia naquela noite abriu-a, alarmada.

— Rabi, que faz por aqui a uma hora destas?

— Onde está Alexander Brandel? — perguntou ele, com a respiração quase suspensa.

— Siga-me.

Atravessaram o gabinete de Alex e desceram pelo corredor até à escada para o subsolo. A jovem riscou um fósforo e acendeu uma vela. Em seguida tomou o velho pela mão e desceram cautelosamente, degrau por degrau.

A escada rangia sob o peso de ambos. O rabi pestanejava para habituar os olhos à escuridão súbita. A cave exalava um cheiro viscoso. Um pequeno corredor desenhava-se no meio de duas fileiras de caixotes que continham víveres para a Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo. A jovem conduziu o rabi até uma espécie de grade que tinha metro e meio de altura. Desferiu com os punhos seis leves pancadas na madeira, após o que abriu uma porta falsa, baixou a cabeça e penetrou na sala secreta. Alexander e Ervin Rosenblum volveram os olhos das volumosas notas que preparavam para serem transcritas no diário.

. Rabi! Mas por que diabo...

. O noticiário! Acabei há pouco de ouvir o noticiário pela rádio. A América entrou na guerra!

## **PARTE III — NOITE**

# CAPÍTULO I

Entrada do diário.

Os acontecimentos têm-se sucedido com espantosa rapidez desde Pearl harbor. A nossa primeira reação natural de alegria desvaneceu-se ante a amarga realidade. A América está a sofrer derrota sobre derrota no Pacífico. Subitamente foi-nos cortada cerce a principal fonte de auxílio financeiro com que contávamos, o Socorro Americano. As nossas reservas monetárias podem manter-nos somente por mais alguns dias. Estamos a tentar, freneticamente, descobrir novas fontes de receita.

Dois dias após Pearl Harbor, destacamentos das Waffen SS do campo de concentração de Trawniki efetuaram uma súbita incursão à granja de Wework. Num abrir e fechar de olhos perdemos cinquenta dos nossos melhores jovens.

Estava eu errado ao manter a granja em funcionamento, já que sabia que isto podia acontecer? Mas onde teríamos alojado, em Mila 19, cinquenta pessoas mais? Não sei, Depois da incursão meteram-nos num vagão de transporte de gado que seguia num comboio carregado de deportados dos estados bálticos.

Em seguida desenrolou-se uma história invulgar, O comboio tomou uma rota incerta e interrompida por inúmeras Paragens em direção à Alemanha. Existe, evidentemente, um campo de trabalho escravo no término da linha. Como Por milagre, Ana Grinspan trabalhava no ghetto de Czetutochowa na altura em que o comboio lá parou. (Reflexão Czenstochowa é realmente um lugar de milagres, segundo as crenças cristãs. Esta é a mansão da «Virgem Negra», da «Montanha Luminosa» e do «Milagre do Monte».) Ana, que viajava com os papéis da ariana Tanya Tartinsky, soube por acaso que havia bathyrans num dos vagões de gado Ela seguiu o comboio pelo interior da Alemanha. Os prisioneiros foram desembarcados num campo de internamento temporário perto de Dresden. Ana entrou no acampamento munida de papéis falsos, de uma história fantástica e

de um hutzpah judaico e conseguiu fazer evadir Tolek Alterman e dez dos nossos rapazes mais jovens.

Esta mulher, Ana Grinspan, é extraordinária. É a quarta vez que atravessa a fronteira para a Alemanha, penetra em campos de concentração e liberta gente de valor. A sua história está registada pormenorizadamente no volume 4-A do diário. Um dia, quando for lida, não sei se as suas proezas serão tidas como verídicas.

Tolek e Ana voltaram a Varsóvia. Tolek pôs-se imediatamente em contato com Andrei e ficou a trabalhar para ele. Os outros dez a quem foi dada evasão encontram-se dispersos pelo país. Chegaremos algum dia a receber notícias deles? Ou dos do acampamento de Dresden?

Tolek contou-me um fato ocorrido durante a sua viagem pela Alemanha que não posso deixar de registar.

O comboio era constituído inteiramente por vagões sem cobertura. Os seus ocupantes quase morreram de frio. A viagem foi torturante. O comboio parava constantemente.

Apenas ao fim de três dias se atingiu a cidade de Radomsk, perto da fronteira alemã, onde a composição se deteve novamente numa via de resguardo para dar prioridade de passagem a um comboio militar que se dirigia para a frente leste. Dúzias de camponeses curiosos juntaram-se em volta do comboio. Os nossos, que já não comiam nem bebiam há três dias, estavam quase mortos de sede. Pediram aos camponeses que lhes passassem algumas mancheias de neve para se dessedentarem. Os camponeses fizeram-nos, em primeiro lugar, despojar-se dos anéis, dinheiro e valores.

Então... deram lhes um punhado de neve.

Mira e Minna Farber foram capturadas no sector ariano em Varsóvia juntamente com o nosso melhor contato, Romek. As duas jovens morreram, quando torturadas, na sede da Gestapo. Romek encontra-se ainda vivo, mas sei que está cego e gravemente estropiado. De tudo isto residiu que perdemos as nossas mais importantes ligações no sector ariano. Entristece-me profundamente o infortúnio das irmãs Farber. Elas eram duas jovens maravilhosas, doces, serenas. Tinham 22 ou 23 anos, creio. É uma maldição ter-se



um rosto não judeu, que faz do seu possuidor um agente de ligação natural. Dou graças a Deus por não terem os pais vivos.

Ana Grinspan encontra-se em Varsóvia, tentando reorganizar o nosso sistema de contatos. De qualquer modo, as coisas estão bem negras em Cracóvia. A casa dos Bathyrans foi alvo de uma incursão de nazis e a imprensa clandestina desmantelada.

No dia seguinte à invasão da granja de Wework todas as granjas Toporol foram encerradas. Perdemos algumas centenas dos nossos melhores camaradas e uma fonte insubstituível de provisões.

*Alexander Brandel*

Wolf Brandel, de 18 anos, experiente e calejado, tornou-se o lugar-tenente de Andrei Androwski. Embora Andrei e Alexander tivessem feito as pazes, persistia entre eles uma certa frieza.

Alexander tinha bastante sentido da história para compreender que a iniciativa estava a escapar-se lentamente do seu controle e que a sua filosofia não se amoldava aos acontecimentos presentes. O apelo de Andrei à resistência começava a penetrar no espírito do povo. De vez em quando Alexander tentava opor-se, mas, se Andrei mantinha com vigor as suas opiniões, ele cedia. A princípio, Alexander não permitia qualquer atividade ilegal em Mila 19. Agora, Andrei exigia que fosse escavada uma segunda sala secreta no subsolo de Mila 19, para lá se proceder à manufatura e ao depósito de armas. Alex procurava evitar a tormenta, receava a crescente influência que Andrei estava a exercer sobre os outros. Autorizou que a sala secreta fosse aberta.

Esta segunda sala foi escavada exatamente a meio da Rua Mila. Andrei instalou aí Jules Schlosberg, que fora um químico de nomeada antes da guerra, e encarregou-o de criar armas que pudessem ser fabricadas a baixo preço com materiais acessíveis. A primeira arma produzida por Jules foi uma pequena bomba que requeria apenas carburante de modesta qualidade, mecha e um detonador de plástico. Era uma espécie de bomba incendiária. A seguir, Jules Schlorsberg ocupou-se do aperfeiçoamento de uma arma mais complicada: uma granada que podia ser alojada dentro

de um pedaço de tubo com 28 centímetros de comprimento e explodir por percussão ao contato com o alvo.

No setor ariano era difícil obter armas. Logo que a sua procura aumentou, os preços tornaram-se demasiado elevados. O exército do interior possuía o dinheiro e as ligações que lhe asseguravam a exclusividade do mercado.

Roman iludia os frenéticos esforços de Simon Éden e dos judeus que queriam obter o seu quinhão de armas.

A compra de uma pistola era um negócio terrivelmente complicado. De uma espingarda, então, quase nem se ouvia falar. Não existia uma metralhadora. Para o seu arsenal, Andrei limitou-se às «invenções» de Schlosberg, que eram manufaturadas pelos Bathyrans em compartimentos secretos disseminados pelo ghetto. Rodel, o comunista, cooperava nos problemas do Auxílio Mútuo, mas guardava grande segredo quanto às suas armas. Os revisionistas de Nalewki 37 continuavam a manter completa autonomia tanto no que se referia a auxílio mútuo como no que respeitava a armas. Andrei conseguira obter dez pistolas de seis calibres diferentes, cada uma somente com uma dúzia de cargas de munições. Ainda que tudo isto parecesse completamente ridículo em face do poder do exército alemão, que conquistara no mundo quase tudo o que ambicionara, Andrei achava-se contente com o seu trabalho e tinha a ideia bastante reconfortadora de que, no momento preciso e no local próprio, o seu poder microscópico provocaria uma explosão terrível.

A principal fonte onde Andrei obtinha as suas pistolas era uma pequena barraca perto da gare principal, no Bulevar de Jerusalém; aí, os oficiais recém-feridos na frente leste faziam uma curta paragem antes de seguirem para a Alemanha. As suas armas portáteis eram então verificadas.

Com um pouco de sorte, podia conseguir-se que algumas fossem dadas como «perdidas» pelo sargento a cargo de quem se encontrava o registo.

Imediatamente após o encerramento do Socorro Americano, Alexander Brandel fez transmitir pela rádio uma mensagem dirigida a dois membros judeus do Governo polaco no exílio, em Londres,

Artur Zygielboim e Ignacy Schwartzbart, suplicando lhes o envio de fundos de emergência.

Em resposta, recebeu também pela rádio uma mensagem em hebreu, com passagens da Bíblia, avisando-o de que os fundos seriam lançados em paraquedas, de um avião britânico, e recolhidos pelo exército do interior. Mais tarde recebeu uma confirmação da descida de um paraquedas, e Tolek Alterman foi enviado do ghetto para o sector ariano, a fim de ir buscar o dinheiro ao esconderijo de Roman.

Quando Alterman voltou ao ghetto, Andrei e Ana encontravam-se no gabinete de Alexander Brandel. Ao entrar na sala, Tolek tirou o seu boné de operário e os outros mal o reconheceram, pois não estavam habituados a vê-lo de cabeça rapada. Os longos cabelos, sempre a esvoaçar, que haviam sido a sua principal marca identificadora, tinha-os cortado rente, a fim de assim ganhar uma fisionomia mais ariana.

Tolek colocou dramaticamente um maço de dólares americanos sobre a secretária de Alexander.

— Não pude apanhar mais do que a terça parte da soma que nos foi enviada de paraquedas — anunciou ele.

A cabeça de Alex vacilou.

Andrei estava sentado com as pernas estendidas, o tacão de uma bota pousado na biqueira da outra. Olhava fixamente para a biqueira.

— Esse arrogante filho de uma cadela do Roman! — bradou Tolek, a escumar de raiva.

— Não percas tempo a remoer a tua cólera, Tolek — disse Andrei com voa calma, — O fato de teres conseguido contatar com o pulha do Roman e fazeres lhe admitir que ele recebera o dinheiro, e, mais, forçá-lo a entregar-te algum, constitui já uma grande façanha, crê.

— Vou dizer-vos por que motivo nos entregou ele uma parte do dinheiro — interveio Ana. — Enquanto recebermos dinheiro, não importa qual seja a soma, continuaremos a solicitar de Londres novas remessas. E, como é óbvio, será ele novamente a fazer as recolhas, podendo, portanto, dispor de um largo quinhão para si.

Alex passou os dedos pela testa. Tentava refletir.

— Temos uma necessidade premente de dinheiro. Quando é que os Ingleses farão descer uma nova remessa?

— Dentro de dez dias, talvez quinze — respondeu Andrei.

— Logo que chegue da América.

— Andrei, no momento em que o dinheiro for lançado de paraquedas é preciso que tenhamos um dos nossos no local para o recolher.

— Não contes com isso. Roman não o permitirá. É melhor contentarmo-nos com o que ele nos dá e continuar com a boca fechada. ""— — Mas nós não podemos consentir golpes semelhantes!

— exclamou Alex. Estava prestes a acusar Andrei de lhe extorquir demasiado dinheiro para as suas loucas invenções de armas, mas conteve-se. — David Zemba disse-me esta manhã que tem um plano para fazer entrar zlotys aqui no ghetto — acrescentou ele com um tom de desespero na voz.

— Mas é preciso que continuemos também a receber o outro dinheiro.

— Uma coisa é evidente — disse Ana Grinspan. — Já que não podemos contar com o Romek, temos de colocar um novo agente de ligação no sector ariano. Logo que o consigamos, deveremos pôr-nos em contato direto com a nossa gente de Londres e organizar um novo sistema em que possamos recolher as remessas de fundos sem a interferência de Roman.

Andrei levantou os olhos da biqueira da bota e volveu-os para Ana, procurando perscrutar lhe os pensamentos e prever o que ela iria dizer.

— Que pensam de Gabriela Rak? — perguntou ela.

Andrei nem pestanejou sequer. Limitou-se a encolher os ombros.

— Porque não? — disse ele. — Perguntarei a ele.

Deixou o gabinete de Alex, sabendo já o que fazer em seguida. Andrei imaginara sempre que um dia havia de perder Gabriela, que a sua ligação com ela era efémera, uma pausa no destino incerto. Quando o ghetto foi instituído, ele compreendeu que

não demoraria muito tempo que alguém propusesse o seu nome para a organização clandestina. Chegara por fim esse momento. Preparara-se cuidadosamente para enfrentar com serenidade o instante em que um dos camaradas pronunciou o nome de Gabriela.

Assim, não manifestou sequer um leve vislumbre de oposição mal Ana se referiu a Gaby.

Sentado, só, no seu apartamento, Andrei refletia no problema que defrontava, reunindo toda a sua coragem para realizar a tarefa que o esperava. Começou a rememorar o seu romance com Gabriela, a partir do momento em que se conheceram no baile de gala dos ulanos. Fora há já tanto tempo! Estivera sentado aqui, a esta mesma mesa, lendo (que lia ele? Ah, John Steinbeck!), quando Gabriela irrompeu porta adentro e lhe suplicou o direito de o amar. Agora recordava todos esses episódios de amor onde sempre encontrara ternura e conforto nos instantes em que mergulhava nos fundos mais sombrios do desespero.

No dia seguinte, sem manifestar aos amigos o mais leve indício do que lhe ia na alma, dirigiu-se ao subsolo de Mila 19, onde Jules Schlosberg acabara de manufaturar a sua primeira granada de tubo. Andrei, naturalmente, estava ansioso por experimentar a arma algures, em campo descoberto, longe do ghetto. Atou o tubo ao antebraço esquerdo. A granada fora concebida de maneira a poder ser dissimulada entre a roupa e o corpo, mais precisamente, no braço, entre o cotovelo e o punho. Andrei disse a Ana que iria falar a Gabriela, a fim de perguntar se ela acedia a colocar o seu apartamento da Rua Shucha à disposição da organização clandestina, como ponto de ligação. Depois deixou o ghetto.

Uma vez no apartamento de Gabriela, e após pousar os olhos na jovem, Andrei deu-se conta de que não encontraria coragem bastante. Nos olhos da amante ele viu a mesma impressão que sempre lhe dizia da angústia que a possuía constantemente quando se encontrava apartada dele, e a ansiedade com que esperava as suas visitas, do alívio que experimentava logo que o via. O seu sorriso débil. O estremecimento que lhe percorria o corpo mal se abraçavam.

Quando ela o acariciou, Andrei pensou que morreria antes de poder revelar completamente o que trazia na mente.

— Vem, querido — disse ela. — Preparei qualquer coisa para comeres.

— Perdoa-me, mas não posso ficar.

— Voltarás logo à noite?

— Não.

— Pareces tão estranho, Andrei... Que se passa?

— Quero falar contigo acerca de algo que nos diz respeito.

Fez um esforço para mostrar um olhar calmo, quase indiferente.

— Temos andado a proceder a uma série de tarefas de reorganização. Vai-se tornando cada vez mais difícil para mim entrar e sair do ghetto. Hoje fui obrigado a juntar-me a uma brigada de trabalho. Além disso, os camaradas pensam que eu devo ficar no ghetto — mentiu ele. — Está a tornar-se cada vez mais perigoso sair para te vir ver. Não demorará muitos dias que a Polícia não me descubra o rasto.

— Nesse caso irei, evidentemente, instalar-me no ghetto contigo.

— Bem, não será coisa muito conveniente.

— Nunca soubeste mentir muito bem -disse ela. — Diz-me o que tens, afinal, em mente.

— Esta é a última vez em que nos veremos, Gaby. Vim para te dizer adeus. Não é fácil...

— Porquê? Tenho o direito de saber.

— Não quero uma cena.

— Asseguro-te de que não haverá uma cena.

Ele respirou profundamente.

— Ana chegou a Varsóvia uma semana depois do ataque a Pearl Harbor. Temos andado ocupados juntos numa série de tarefas e, como é natural, vemo-nos frequentemente.

— Continua.

— Preferia que não insistisses.

— Insisto.

— Muito bem. Na noite em que Romek e as irmãs Farber foram conduzidas para a Gestapo ela encontrava-se no meu apartamento. Ana estava bastante cansada e inquieta, como podes imaginar. Bem, uma coisa dá origem a outra...

Andrei viu que as costas de Gabriela se retesavam devido à dor que as suas palavras lhe infligiam e que os olhos dela se marejavam de lágrimas.

— Não é necessário que desenhe um diagrama. Como sabes, eu e Ana já fomos... Bem, ela é mais velha e está melhor agora. No estado em que as coisas se encontram, é um bom arranjo para nós dois.

Ele deteve-se quando ela, bruscamente, o esbofeteou.  
Encolheu os ombros.

— Não sei porque terás de tomar esta atitude. Admitamos francamente o caso. Estamos já algo cansados um do outro. Eu, pelo menos. Bem, é a vida. Devemo-nos comportar como duas pessoas civilizadas e apertarmo-nos as mãos e desejarmo-nos boa sorte. Além disso...

— Sai!

Andrei começou a caminhar com ligeireza rua abaixo, pois sabia que ela o seguia com os olhos por trás dos vidros. Dobrou a esquina e deteve-se; encostou-se contra a parede de um edifício e palpou com a ponta dos dedos a parte do rosto onde ela o esbofeteara; procurou reter as lágrimas prestes a rebentar. Uma dor incontível retalhava-o.

Deixou-se cair no solo e ficou sentado com a cabeça afundada entre os braços, que tinha estendidos à volta dos joelhos.

— Está bêbado — comentaram algumas pessoas, ao passarem junto dele.

Dois guardas da Polícia Azul debruçaram-se sobre Andrei.

— Ponha-se de pé — ordenou um, ao mesmo tempo que o tocava com o bastão.

— Deixem-me só! — resmungou. — Deixem-me só!

Eles inclinaram-se, um de cada lado de Andrei, puxaram-no pelos sovacos e puseram-no de pé — Ora mostre-nos a sua Kennkarte!

Andrei pegou lhes pela nuca e fez lhes embater as cabeças uma contra a outra. Ambos rolaram pelo solo, semi-inconscientes e a sangrar. Andrei avançou rua abaixo, a cambalear, cego pelas lágrimas.

Do lado oposto da rua, dois soldados alemães faziam guarda, cruzando-se, nas suas passadas rígidas, diante dos portões de ferro da casa de um dignitário nazi. Andrei lembrou-se de que tinha a granada atada ao braço esquerdo.

Introduziu a mão naquela manga e retirou a granada.

Aguardou que os dois alemães se aproximassem novamente um do outro e fez um cálculo rápido de modo que a granada tombasse a seus pés mal os nazis se cruzassem.

O tubo descreveu uma curva, girou sobre si mesmo e embateu no passeio com um ruído seco. Depois, um clarão, um estrondo, gritos agudos.

Ana esperava no apartamento de Andrei. Os olhos ofuscados do camarada, os seus gestos incoerentes, alarmaram-na.

— Andrei!

Ele sacudiu bruscamente a cabeça, voltando lentamente à realidade.

— Que aconteceu? Que é que vai mal? Que disse ela?

Andrei dirigiu-se a cambalear para o armário, donde retirou meia garrafa de vodca. Um longo trago fê-lo reanimar-se.

— Que esperavas que dissesse quando entrei de supetão em casa dela e a encontrei, com o amante polaco, a rebolar-se na cama?

— Oh, Andrei! Sinto-me tão desolada...

— Não tem importância... Não tem importância. Já o suspeitava há muito tempo. Amanhã sairei a fim de tentar estabelecer outros contatos.

Nos dias que se seguiram Andrei sofreu uma tortura que nunca imaginara existir. Durante a noite, tomado de agonias indescritíveis, esforçava-se por descobrir uma fonte secreta de coragem que o impedisse de ir rojar-se aos pés de Gabriela. Não sentia vontade de comer. Debilitava-se.



dormia somente quando o mais profundo esgotamento o possuía, e o sono consistia apenas de breves intervalos cheios de pesadelos dolorosos. A cada lembrança de Gabriela mergulhava em novos fundos de horror. Movia-se pelo ghetto com uma apatia semelhante ao marasmo dos sobreviventes.

Era como se a vontade de viver o tivesse abandonado pela primeira vez.

Alguns dias antes do Natal, ao entrar no apartamento, depois de se ter arrastado penosamente na subida dos quatro andares, Andrei deu com Gabriela sentada atrás da mesa. Vira-a nos sonhos com uma realidade alucinante.

Mas agora... seria vítima de uma alucinação a meio do dia?! O fim aproximava-se. Sabia que estava a enlouquecer.

A visão recusava esfumar-se.

— Gaby? — disse, meio assustado.

— Sim — respondeu ela numa voz tão nítida que toda a ilusão se desvaneceu.

— Mas que diabo fazes tu no ghetto? — increpou ele.

— Como é que conseguiste entrar?

— Tu não és o único feiticeiro que existe entre a espécie humana.

— Exijo que me expliques...

— Por favor, não grites.

-...como entraste no ghetto.

— Trabalho para as irmãs Ursulinas, não te lembras?

O convento tem uma igreja. O meu bom amigo padre Kornelli é o vigário. O padre Kornelli disse-me que o padre Jakub, da Igreja dos Convertidos, necessitava de velas para o dia de Natal; assim, ofereci-me como voluntária para as vir trazer. Não foi gentil da minha parte?

Bruscamente, Andrei sentiu a presença de outra pessoa no apartamento. Voltou lentamente os olhos para a cozinha.

Ana achava-se no limiar da porta.

— Olá, Andrei! -disse ela.

Ele volveu os olhos de Ana para Gabriela, de Gabriela para Ana. Corou exuberantemente. Fora apanhado em falso.

— Realmente, Andrei — disse Ana -, tornaste-te um mentiroso detestável. Devia sentir-me furiosa, pois atacaste a minha honra.

— Qual pensa ser a pior, Ana: a história de Andrei acerca de vós dois ou a história em que me pôs a rebolar-me no leito com o meu amante polaco?

— A meu ver, qualquer delas é pavorosa. A propósito Andrei, já foste dizer a Jules Schlosberg que a granada funciona? Felizmente para nós, a Gestapo atribuiu o caso ao exército do interior.

— Muito bem, muito bem — disse Andrei -, basta de piadas. Ana, conta à Gaby como morreram as irmãs Farber.

Todo o desejo de gracejar que ainda pudessem sentir se desvaneceu.

— Vá, Ana, conta. Não? Bem, contarei eu então. Depois de ter acabado com elas, a Gestapo fez transportar os cadáveres para o quartel do Corpo Reinhard, a fim de oferecer um momento desportivo às SS. Stutze abriu a parada. Seguiram-se lhe mais de uma centena dos seus atletas. Continuaram ainda a profaná-las algumas horas depois da sua morte. A violar cadáveres. Ana pediu-me que te perguntasse se aceitavas o lugar deixado por elas em Varsóvia.

— Aquilo nunca me aconteceria, querido. Trago sempre comigo um frasco com veneno.

— Não quero que te suceda coisa alguma. Nada.

— Estás a gritar novamente.

— Ana, por amor de Deus... diz lhe.

— Sou eu quem te vai dizer qualquer coisa, Andrei — declarou Gabriela. — O único homem que até hoje amei vi-o aparecer-me vez após vez com o coração amargurado devido à indiferença do povo polaco. Tenho vergonha, sinto-me humilhada pela maneira como voltaram as costas ante estas realidades medonhas. Agora vens tu pedir-me que me mantenha indiferente. Não, quero carregar a minha parte. Cooperarei com Ana, quer o proibas ou não.

Andrei voltou as costas às duas mulheres e pôs-se a contemplar com olhos sombrios, enxutos, através da janela, uma nesga da noite.

— Creio que não tens já necessidade da minha presença — disse Ana num murmúrio para Gabriela.

Gabriela acompanhou-a à porta. Beijaram-se levemente no rosto. Ana partiu. Gaby fechou a porta no ferrolho e tornou ao meio do quarto. Andrei continuou por longo tempo na sua sombria meditação, censurando-se asperamente por ter envolvido Gabriela nesta terrível aventura ao manter a sua ligação com ela. Por fim, voltou-se.

Gabriela despira o vestido, que estava no chão, aos seus pés. Desembaraçou-se rapidamente da combinação, agitou-a por cima da cabeça, num gesto gracioso, e deixou-a cair sobre o vestido.

— Mas, Andrei, tu coraste.

— Por Deus, não é altura de...

Ela recuou até ao leito, estendeu-se e convidou-o com um sinal feito com o indicador. — Vem! — disse. — Deixa-me mostrar-te como cuido do meu outro amante.

Andrei Androwski rendeu-se incondicionalmente.

Era já noite. Gabriela emergiu, rindo, do sono. Andrei deu um pulo na cama, sobressaltado. Quando o seu coração serenou, voltou-se para ela.

— Queres dizer-me o que há com tanta graça às duas horas da manhã?

— Esqueci-me de entregar as velas ao padre Jakub!

Então Andrei disse num berro :

— Que vão para o Diabo! Não são mais do que convertidos.

Se tiverem necessidade delas, que vão desencantar algumas às reservas do rabi Solomon.

Envolveram-se nos braços um do outro e começaram a tagarelar com aquela ternura especial conhecida apenas dos que se amam muito e que sentem que descobriram um tesouro único no universo.

— Nós temos experimentado alguma coisa, Gaby. Mais do que a maior parte das pessoas já provaram durante uma vida inteira.

— Há somente um Andrei Androwski. Ele torna-me muito triste e faz-me muito feliz; mas sinto-me tão contente por ele ser

meu! A minha vida é maravilhosa, vivo-a com mais intensidade do que cem outras mulheres nas suas cem existências comuns.

— Nada lamentas?

— Não. Tenho sido muito feliz contigo; por vezes chego a pensar que uma mulher não tem o direito de esperar tanto.

— Sinto a mesma coisa contigo, Gaby. Pergunto-me porque teria sido Deus tão bom para mim.

— Promete-me, Andrei, que não tentarás mais afastar-me de ti.

— Prometo... Jamais voltarei a fazê-lo.

— Pois estou pronta a tudo aceitar. Não importa o que o futuro nos reserve, devemos enfrentar juntos o destino.

E se sobrevier o pior, sentir-me-ei ainda feliz.

Oh, Gabriela... Gabriela... Gabriela!...

— Amor... amor... amor!...

## CAPÍTULO II

Entrada do diário.

Gabriela Rak insuflou-nos a todos um sopro de coragem e de confiança. Porque não a utilizámos mais cedo? Porque, creio, Andrei a tentou proteger. Um impulso natural e perdoável. Para dar início à sua ação, obteve do padre Kornelli a promessa de que ele e mais doze padres de Varsóvia não registariam oficialmente os falecimentos ocorridos nas suas paróquias. Desta maneira Gabriela poderá, por intermédio dos padres, comprar as Kennkarten às famílias dos defuntos. Calculamos que haja cerca de vinte mil judeus escondidos no sector ariano. Com Kennkarten arianas eles poderão, pelo menos, arranjar cartões de racionamento.

As irmãs Ursulinas têm-nos manifestado sempre a mais viva simpatia; acolhem o maior número que lhes é possível das nossas crianças. Conseguiram obter auxílio semelhante das irmãs da Ordem da Virgem Imaculada e das irmãs Szarytki, dos hospitais do Município de Varsóvia.

Gaby alugou apartamentos para três dos nossos agentes de ligação (nomes de código: Victoria, Regina e A Una), cuja tarefa principal é fornecer dinheiro aos judeus escondidos.

Andrei disse-me que o apartamento de Gabriela, na Rua Shucha, contém uma alcova sem janela com 2 metros de fundo. Uma estante com charneiras foi colocada contra ela para a dissimular. Andrei afirma que é impossível descobrir que existe um compartimento por trás da estante.

Zvgielboim e Schwartzbart comunicaram-nos de Londres, , rádio, que nos tinham sido remetidos por paraquedas quinze mil dólares, recolhidos, como é costume, pelo exército do interior. Tolek Alterman conseguiu recuperar apenas seiscentos e cinquenta. Dedicamo-nos agora, especialmente a tentar estabelecer um contato direto com a Inglaterra Gabriela fez uma viagem a Cdinia (o pai dela foi engenheiro principal na construção do porto) a fim de se

encontrar com um velho amigo, o conde Rodzinski. Ele é um aristocrata compreensivo, um caso quase único entre a nobreza. As suas propriedades incluem vários quilómetros de terrenos à beira-mar e possui alguns barcos. Ele conseguiu efetuar com êxito, a título experimental, uma travessia para Karlskrona, na Suécia. Penso que isto se poderá tornar para nós um furo formidável. Através das suas propriedades ser-nos-á possível fazer sair da Polónia alguns dos nossos elementos de valor; da Suécia podemos fazer entrar fundos americanos, bem como passaportes e vistos.

(Os nossos serviços encarregados de forjar falsos papéis são dispendiosos e os documentos uma imitação grosseira.) Que não poderíamos nós realizar com um milhar de polacos como Gabriela Rak!?... Ou com uma centena... ou duas dezenas!?

*Alexander Brandel*

Dos dois, o padre Kornelli mostrava-se muito mais nervoso do que Gabriela Rak quando se sentaram na ante câmara do gabinete do arcebispo Klondonski. A sala era nua, fria, escura e abafada. Algumas estatuetas inexpressivas alinhavam-se ao longo da parede.

O padre Kornelli era jovem e bastante emotivo; constituía, com mais um punhado de padres, um grupo sempre Pronto a agir para minorar os infortúnios do ghetto. Era Para si simples regra básica o conceito de que a salvação De vidas humanas se inscrevia entre os mais puros preceitos da doutrina de Cristo.

Monsenhor Bonifacy abriu a porta que dava acesso Ao gabinete do arcebispo.

— Sua Graça receber-vos-á agora.

O arcebispo Klondonski examinou-os da mesa atrás da qual se sentava; quadrado e atarracado, tinha cabelos louros, olhos azuis e feições rudes, que revelavam a sua ascendência eslava e camponesa. Era decepcionantemente simples de aparência.

Monsenhor Bonifacy, pelo contrário, era um homem magro e alto, com feições finas, mesmo delicadas, olhos azuis e penetrantes, que denotavam uma inteligência subtil e viva.

Gabriela e o padre Kornelli beijaram o anel episcopal.

O arcebispo fez lhes sinal com a mão para se sentarem nas cadeiras que se achavam defronte de si, do lado oposto da mesa. Monsenhor Bonifacy sentou-se numa cadeira no fundo do gabinete, a fim de tudo ver e ouvir, mas sem que dessem fé dele.

— Gabriela Rak! — exclamou Klondonski expansivamente.

— Filha, talvez, de Fryderyk Rak?

— Sim, monsenhor.

— Um homem muito distinto. Um grande polaco. Lembro-me de seu pai, no tempo em que ele fazia parte do grupo de engenheiros que construíam o porto de Cdinia.

Eu era um jovem sacerdote nessa altura, não muito mais velho do que o padre Kornelli. Gdynia foi a minha primeira paróquia.

Gabriela estudou a viva amenidade do arcebispo e concluiu que era um ardil graças ao qual ele desarmava as suas visitas.

— Se não estou enganado — prosseguiu o eclesiástico — ele morreu prematuramente na Suíça.

— Vossa Graça tem uma memória extraordinária.

— E a sua mãe... e a sua irmã... Segundo creio, tem uma irmã, não é verdade?

--Sim, monsenhor. Vivem na América..

— É um bom lugar, nos tempos que correm. Sim, foi um grande polaco, o seu pai. Agora, fale-me de si, jovem.

Depois de terminar os meus estudos regressei a Varsóvia e até ao princípio da guerra trabalhei como funcionária auxiliar na Embaixada Americana. Presentemente sou professora no Convento das Ursulinas.

Ah, sim!... — Ele reclinou-se confortavelmente na cadeira, sorrindo como um amável frade Tuck. Pensava, para sua tranquilidade, que o pedido de Gabriela seria nominal e visava a obtenção de um favor pessoal.

—-E qual é o problema que a preocupa, minha filha?

. Vim falar a Vossa Graça em nome da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo, do ghetto.

Esmoreceu a vivacidade que antes se refletia na conversa.

Os olhos azuis do arcebispo perderam o brilho doce que os tocava. Dissimulou o seu embaraço momentâneo unindo as pontas

dos dedos umas contra as outras, a fim de dar a impressão de estar meditando.

— Existe o perigo iminente de milhares de crianças morrerem de fome nos próximos meses se não se remediar com urgência a infortunada situação em que se encontram.

Bonifacy interveio prontamente :

— Sua Graça examinou o relatório sobre o caso.

— Oh, sim — aprovou o arcebispo, aproveitando a deixa. — Temo-nos preocupado com o assunto, naturalmente.

— Como Sua Graça manifestou a sua inquietação — prosseguiu Bonifacy para refrescar a memória do superior -, concluímos no nosso relatório que o ghetto defrontava privações bem duras; é uma imagem dos tempos na Polónia.

— Sim, minha querida — disse Klondonski, fitando Gabriela -, todos nós experimentamos estas dificuldades dolorosas.

— É difícil compreender — replicou vivamente Gabriela — que Vossa Graça pudesse examinar um relatório imparcial e não conseguisse distinguir a diferença entre uma inanição coletiva e a violência das epidemias no ghetto, Por um lado, e as nossas simples privações, por outro. No ghetto morrem mais de cinco mil pessoas cada mês.

Bonifacy respondeu numa voz lenta, medida, quase um murmúrio :

Os nossos relatórios são baseados em inspeções feitas nos ghettos polacos por uma organização internacional responsável, isto é, por uma comissão da Cruz Vermelha Suíça.

Esta comissão voltará de novo a Varsóvia na próxima semana. Os seus relatórios não comprovam até à data o que nos acaba de afirmar. Supomos que os Judeus têm uma tendência natural para exagerar tudo.

Gabriela volveu os olhos para o padre Kornelli em busca de apoio.

Cobardia deliberada? Espíritos estreitos? Medo? Uma expressão crassa de antissemitismo?

— Vossa Graça... monsenhor... — começou o padre Kornelli, hesitante. — Deveis necessariamente compreender que todos os



relatórios da Cruz Vermelha Suíça são ditados pelo oportunismo e pelo medo. Embora não conheça os pormenores do seu inquérito, tenho quase a certeza de que a comissão vê apenas o que os Alemães desejam que seja visto e escuta somente aqueles com quem os Alemães autorizam que falem. A Suíça é um país vulnerável a uma invasão alemã, pois não possui defesas. Tem tudo a perder se irritar os nazis. Se quereis conhecer a verdade, sugiro que convoqueis o padre Jakub, que dirige a nossa Congregação dos Convertidos no interior do ghetto.

— Vossa Graça deseja conhecer realmente a verdade? perguntou Gabriela num tom acerado.

O rosto redondo do arcebispo Klondonski corou. Ele não desejava conhecer a verdade. Acalmou-se, pouco a pouco, a fim de pesar as suas palavras com um cuidado meticoloso, pois aos adversários não faltava vivacidade e persistência.

— Nós sentimos uma inquietude humanitária natural.

Porém, a igreja católica não possui estrutura política, não é uma agência pública de bem-fazer ou uma organização clandestina. Gostarmos ou não dos atuais detentores do poder é uma questão à parte. A verdade é que eles constituem o Governo da Polónia. Temos um dever bem definido a cumprir. Não podemos comprometer a Igreja em esquemas que desafiem a autoridade.

— Parece-me, Vossa Graça, que a nossa igreja nasceu como um desafio à autoridade de Roma —olveu Gabriela — Se quisesse unicamente avistar-se com o cardeal de Cracóvia...

Se conseguíssemos que um milhar de conventos alojasse, cada um, cinco crianças... Se...

O arcebispo levantou a mão direita :

— Tenho fechado os olhos e feito por ignorar as atividades dos sacerdotes e das religiosas que se dedicam a tais cometimentos. Mas o meu dever é assegurar o bem-estar espiritual...

- Vossa Graça, é a aplicação da essência do cristianismo que solicitamos.

-...o bem-estar espiritual do povo polaco — prosseguiu o arcebispo, como se não desse pela interrupção.

— São polacos os que estão para lá do muro.

- Não exatamente, menina Rak. A verdade é que podíamos fazer mais por eles se aceitassem converter-se. Evidentemente, se eles nos permitissem dar aos filhos uma instrução religiosa católica...

Gabriela levantou-se.

— Vossa Graça, sinto-me chocada. Não podeis pôr em dúvida o que Deus decidiu.

— Farei por ignorar a descortesia que manifesta e desculpo-a por atender à tensão da época atual. Sugiro-lhe uma penitência.

Então explodiu o pouco comedimento que Gabriela ainda conservava.

— Mas não esquecerei a vossa. E aconselho-vos uma penitência, para vós, monsenhor. Por alma de cada criança que morre, tendo vós o poder de a salvar.

Klondonski ergueu-se, bem como monsenhor Bonifacy.

Aterrorizado, o padre Kornelli ajoelhou-se e beijou o anel episcopal. O arcebispo manteve-o na direção de Gabriela.

Ela olhou a mão que se lhe oferecia.

— Vós não sois o representante de Cristo que meu pai me ensinou a amar — disse ela, deixando a sala em seguida.

## CAPITULO III

Entrada do diário.

Foram iniciados estudos bem estranhos. O Dr. Glazer disse-me há seis meses que tinha um cancro e que os seus dias estavam contados. Passadas algumas semanas caiu \*\*\* Esta página está completamente ocupada com uma planta de uma parte de Varsóvia, estando a legenda, que se mantém, na página seguinte.

Nota do digitalizador \*\*\* A planta da página anterior e a respectiva legenda foram extraídas do livro Resistência Armada aos Judeus na Polónia (Armed Resistance of the Jews in Poland), de Jacob Apenszlak e Moshe Polakiewicz, editado em Nova Iorque, em 1944, pela Federação Americana de Judeus Polacos, publicados por cortesia do Instituto Científico Judaico YIVO.

1) A Praça Stawki, onde mandavam reunir os Judeus para os deportarem.

2) Linha férrea na Praça Stawki, donde os judeus de Varsóvia partiram «com destino desconhecido».

3) O quarteirão onde eclodiu a primeira revolta de Janeiro de 1943.

4) O cemitério judaico, onde, em meados de Abril, a Gestapo reuniu mulheres e crianças como reféns.

5) e 6) As Ruas Stawki e Nalewki -as duas entradas por onde as SS penetraram, em 19 de Abril, no ghetto maior, com o intuito de o liquidarem.

7) Esquina das Ruas Bonifraterska e Konwiktorska, onde, em 20 de Abril, foram mortos cinco soldados de uma patrulha alemã.

8) Três casas na Rua Długa, fora do ghetto, portanto «arianas», que em 21 e 22 de Abril foram incendiadas pelos Alemães, para não obstruírem um ataque contra o ghetto.

9) Saída do ghetto para a Rua Wolnosc (Rua da Liberdade), por onde, em 23 de Abril, um grupo de combatentes judeus tentou

abandonar o ghetto, sendo repellido pelo fogo de metralhadoras alemãs.

10) Rua Freta, onde, em 23 de Abril, foi lançada uma bomba contra um automóvel alemão, matando alguns SS.

11) A região das Ruas Okopowa e Powazkowska — local da última resistência dos combatentes judeus.

muito doente. Exames subsequentes revelaram também um caso grave de subnutrição. Glazer decidiu morrer de fome a fim de que os médicos da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo pudessem começar através do seu organismo o primeiro estudo médico completo que se tem efetuado no mundo sobre a inanição. É uma loucura pretender-se extrair um pouco de bem desta forma tão abjeta da morte humana.

Diariamente, os médicos reúnem-se e estabelecem debates sobre as alterações mentais e físicas verificadas nos seres que morrem de fome. A maior parte deles sofrem igualmente de subnutrição e discutem os seus próprios casos.

(O estudo completo da inanição será incluído num volume separado do diário, 9A.) O Dr. Glazer dita os seus sintomas, as suas transformações mentais. Os sintomas correntes são uma retração da pele, emagrecimento extremo, alteração da cor da epiderme, debilidade, feridas que supuram, depressões, alucinações, deformações ósseas, congestionamento do estômago. Uma dádiva judaica à posteridade — o relato pormenorizado do que se padece com a morte pela fome.

Ironia. Esta semana, um carregamento de farinha e algumas toneladas de batata foram conduzidas para a Transferstelle e distribuídos gratuitamente pelos orfanatos.

O nosso orfanato da Rua Niska recebeu também medicamentos que já não pensávamos que existissem e ainda chocolates (que ninguém via há mais de dois anos). Em seguida, uma escola foi autorizada a reabrir e chegaram livros de leitura. O orfanato foi pintado e conseguimos obter leitos novos. Depois descobrimos porque nos estão a cumular de gentilezas. Todos estes preparativos meticulosos foram feitos devido à chegada, da Suíça, de uma delegação da Cruz Vermelha Internacional, que se deslocou

à Polónia a fim de elaborar um inquérito sobre as condições de vida existentes nos ghettos. O nosso orfanato foi designado como «típico e representativo».

Os suíços pouco viram. A comissão reuniu-se no edifício da Autoridade Civil Judaica e convocou testemunhas.

A A. C. J., dirigida por Boris Presser e Paul Bronski, declarou servilmente que o nível geral está a melhorar a verdade: em Dezembro o número dos que morreram de inanição foi superior a 4000.) Silberberg, o único amigo que nos restava no conselho diretivo da A.C. J., tentou dizer a verdade. Foi encerrado na Prisão Pawiak como «agitador bolchevista». Solicitaram-me que apresentasse o meu testemunho, mas declinei o convite. Que poderia eu fazer? Podia eu comprometer a chegada destes preciosos carregamentos de víveres, já que sabia que no momento em que os suíços partissem voltaríamos à situação anterior?

Decidimos enviar Andrei ao sector ariano a fim de se pôr em contato com Christopher de Monti. Sabemos que De Monti tem acompanhado os suíços nas suas digressões por Varsóvia. Andrei afirmou que seria melhor não tentarmos comunicar com De Monti, pois, mesmo que ele se dispusesse a entregar o nosso relatório, os Suíços não lhe dariam publicidade. É pouco verosímil que os Suíços queiram correr o risco de serem censurados pelos Alemães ou de se entregarem subitamente a manifestações em favor da humanidade. Admiti que Andrei tinha razão. Os Suíços não querem encolerizar os Alemães. Observam a guerra com indiferença.

Temos conhecimento de numerosos exemplos de coragem praticados pelos Dinamarqueses, Holandeses, Franceses e por outros povos em favor das suas comunidades judaicas. Mesmo os Suecos, que são neutrais, continuam a alojar milhares de refugiados judeus. É possível compreender-se que os ghettos pudessem existir somente na Polónia, nos estados bálticos e na Ucrânia? Os nossos bathyrans da Hungria e da Roménia informam-nos de que Adolfo Eichmann está a defrontar dificuldades com a deportação dos judeus desses países. Ervin Rosenblum ocupa-se, no subsolo, a classificar mais e mais documentos. Parece que toda a gente está a redigir diários

nestes dias. Todos sentimos um medo terrível de virmos a ser esquecidos.

Jules Schlosberg continua a fabricar armas bizarras no compartimento contíguo ao de Ervin. Estou certo de que, um dia, iremos todos pelos ares.

*Alexander Brandel*

Tornou-se perigoso circular nas ruas no decurso do Inverno de 1941, após a entrada dos Americanos na guerra.

Somente eram considerados inofensivos os cadáveres depositados, todas as manhãs, nos passeios pelas equipas de sanidade. Até o próprio santuário do Clube Miami se tornou suspeito.

Andrei raramente se mostrava em público. Quando Paul Bronski lhe comunicou, por um intermediário, que desejava falar com ele, Bronski foi conduzido, de olhos vendados, através de um dédalo de becos, antes de lhe ser permitido encontrar-se face a face com o cunhado numa cave algures perto da porta Gensia. Ao ser lhe retirada a venda, Bronski piscou os olhos diante da chama da vela que iluminava o lugar, para os habituar à semiobscuridade.

Andrei inclinou-se sobre ele, mais magro e fatigado do que nunca. Examinou Paul. Este envelhecera, o que se notava sobretudo na lassitude dos músculos da cara. O rosto fino estava túrgido e vincado e sacudia-o uma constante tensão; manchas amareladas de nicotina enodoavam lhe os dedos.

Trocaram algumas palavras amenas, desprovidas, porém, de sinceridade.

Paul tirou um cigarro e acendeu-o, depois de várias contorções, com a única mão que lhe restava.

— Esta questão do contrabando de armas e da imprensa clandestina está a colocar a população inteira diante de um grave perigo — disse ele.

— Continua.

--Seja qual for a opinião que vocês formulem a nosso respeito, nós, os diretores da Autoridade Civil Judaica, tentamos proceder o melhor que podemos perante condições muito limitadas. Se as

vossas atividades se intensificarem, acabarão por despertar a hostilidade dos Alemães.

-Basta, Paul! Por Deus... despertar a hostilidade dos Alemães! Crês que os mortos que se vêem por essas ruas são o resultado de qualquer atividade clandestina? És tão ingénuo que penses, ao fim de dois anos, que a população correrá maior ou menor perigo quer haja ou não organização clandestina?

Bronski sacudiu a cabeça.

— Disse a Presser que uma discussão contigo não daria qualquer resultado. Andrei, não possuímos uma fórmula mágica para nos vermos livres dos Alemães. As vossas atividades estão a custar-nos milhões de zlotys em multas e centenas de vidas em represálias.

— E antes de existir a organização clandestina não havia multas e execuções?

— Tento fazer o mais e o melhor que posso — disse Paul, num queixume.

Andrei não era capaz de sentir o mínimo ódio por Paul Bronski. Outrora, antes da guerra, admirara relutantemente o espírito penetrante e a inteligência subtil que permitiam a Paul praticar as suas acrobacias verbais. Mas agora não tinha diante de si senão uma casca vazia, que se lamuriava.

«Como a vida é estranha!», refletia Andrei. No ano anterior o pequeno Stephan Bronski começara como agente de ligação entre o orfanato e o quartel-general da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo; depois, não cessara de aumentar a sua esfera de operações. O garoto idolatrava Wolf Brandel, que o iniciara nos caminhos pelos telhados, pátios, caves, a fim de circular no ghetto. Stephan conhecia todos os esconderijos secretos e insistia para que lhe confiassem missões de responsabilidade; suplicava mesmo que o enviassem como agente de ligação ao sector ariano. Stephan nem ainda fizera 13 anos. Como era possível que um garoto exigisse atuar como um homem quando o seu próprio pai se atascava na lama?

— Andrei, pensa de mim o que quiseres, mas o povo, aqui, deseja somente sobreviver. Tu sabe-lo bem, Andrei...

Sobreviver. O melhor caminho para o conseguir passa pela Autoridade Civil. Ninguém respondeu ao teu apelo às armas, Andrei. O teu método redundará no suicídio em massa.

Andrei, escuta. Boris Presser e eu encetámos negociações com Koenig. Koenig é um homem razoável e pode manobrar Schreiker. Koenig prometeu-nos que, se conseguíssemos fazer deter as atividades da organização clandestina, os Alemães nos concederiam, mediante um acordo, rações e medicamentos bastantes, além de reverem as disposições atuais sobre o recrutamento de trabalhadores.

— Bom Deus, Paul. Acreditas nas tuas próprias palavras?

— É a nossa única tábua de salvação!

Nada mais tinham a dizer um ao outro. Andrei não era capaz de dissimular o seu desprezo. Entregou uma venda a Bronski.

— Não sei absolutamente nada sobre as atividades clandestinas.

Bronski pegou na venda.

— Tens de a atar. Não o posso fazer apenas com uma só mão.

Ervin Rosenblum trabalhava na atmosfera abafada do compartimento do subsolo de Mila 19, classificando as notas endereçadas ao Clube dos Bons Amigos. Um pequeno golpe seco na falsa grade que servia de entrada fê-lo estremecer e apagar as luzes. Ana Grinspan entrou.

— Susan acaba de voltar — disse ela. — Sobe ao vosso quarto.

--Más notícias?

— Vá, despacha-te.

Ervin caminhou hesitantemente pelo estreito corredor aberto entre os caixotes. No gabinete principal, no rés-do-chão, notou que todos tinham um ar assombrado. Alexander Brandel achava-se de pé, junto da porta, sacudindo a cabeça.

Ervin subiu, com a maior cautela, as escadas que davam acesso ao primeiro andar; o parapeito desaparecera, utilizado algumas semanas antes como lenha. Desceu o corredor e dirigiu-se à cela que partilhava com sua mulher e sua mãe.



A mãe Rosenblum estava deitada numa cama debaixo de uma pilha de cobertores. Fazia um frio glacial. Não havia aquecimento no prédio. O quarto, feio e nu, possuía apenas o leito da mãe, a cama dupla para Ervin e Susan, uma mesa e duas cadeiras.

Susan parecia transtornada. O coração de Ervin crispou-se.

Susan mostrava, em todas as emergências, grande firmeza de ânimo perante as tragédias que assolavam o ghetto; trabalhara sempre corajosamente, cumprira sempre o seu dever como se não a tocassem todos os infortúnios.

Ervin nunca a vira neste estado de espírito. Limpou nervosamente os óculos e tentou habituar a vista a esta iluminação diferente.

-. Diz-me o que há — perguntou ele por fim.

.— O Dr. Glazer —olveu ela, num gemido.

De certo modo, Ervin sentiu-se aliviado. Aguardava-se a morte de Glazer. Uma morte mais, sempre uma morte, outra e outra ainda. Morriam constantemente pessoas importantes.

Glazer fora como um pai para Susan a partir do dia em que ela se graduara na Universidade. O pequeno Bernard Glazer, que trouxera tantas crianças para a vida, vira-as morrer, impotente para as salvar. «Glazer encontrar-se-ia melhor, agora, no fundo do universo», pensou Ervin. «Mas, Senhor, que falta ele nos fará! Ele era o melhor médico que a comunidade possuía.» Ervin baixou os braços.

— Que desgraça! — Não conseguiu dizer mais nada.

Susan lançou um maço de papéis para cima da mesa.

— Um presente de adeus para ti, Ervin. Um relato acurado da sua morte, minuto por minuto.

Que herança! Ervin contemplou os papéis amarelados sem os tocar.

— Pega neles, Ervin! — exclamou Susan numa voz cortante.

— É a dádiva derradeira do Dr. Glazer. Para ti.

— Susan... Susan... não me atormentes, suplico-te.

— Que homem! — gritou ela. — As pessoas morrem e tu ocupas-te a redigir essa porcaria do teu diário. Que Deus te amaldiçoe, Ervin!

A mãe Rosenblum agitou-se.

— Kinder, Kinder — disse ela numa voz débil, não questionem um com o outro.

Susan sentou-se ao lado da velha senhora e palpou automaticamente a testa.

— Perdoe-me, mãe. Eu não queria dizer isto, Ervin.

— Está bem, Susan. Compreendo.

— Meu Deus, não sei que fazer, agora, que o Dr. Glazer nos deixou. Meu Deus... hoje, morreram dez crianças...

Meu Deus...

A sua boca exalava jactos de ar gelado.

Entrada do diário.

Enquanto a população é dizimada, os Alemães encerram o pequeno ghetto, no sul. Logo que uma nesga de espaço se torna disponível no grande ghetto, são fechadas casas no do sul. Os únicos que atravessam a ponte sobre o «corredor polaco» são os judeus elegantes da Alemanha, a gente da Autoridade Civil Judaica, os elementos da Milícia, os ricos contrabandistas e os membros dos Sete Grandes. Apenas um complexo fabril importante continua a funcionar no pequeno ghetto: a carpintaria mecânica. À medida que é abandonado, o pequeno ghetto torna-se uma terra de ninguém onde os «selvagens» sem Kennkarten se escondem a fim de não serem submetidos ao trabalho escravo. Ele serve também de ponto de reunião dos contrabandistas, bem como das prostitutas que possuem ainda encantos suficientes para venderem os seus corpos. Os comandos infiltram-se de noite no pequeno ghetto e arrancam a madeira dos soalhos, as portas, os corrimões e o mais que pode ser utilizado como lenha. No grande ghetto a falta de espaço é cada vez maior.

As pessoas dormem nos corredores, nas caves e nos pátios desabrigados.

Continuamos a empregar os nossos esforços no sentido de recebermos remessas de dólares lançados de paraquedas por aviões britânicos, mas nada temos conseguido. E enquanto as nossas

reservas de dólares minguam, o zloty encontra-se em plena inflação. David Zemba concebeu um plano simples. Por intermédio dos nossos amigos de Londres, conseguimos que o Socorro Americano depositasse várias centenas de milhares de dólares em contas suíças. A maior parte dos contrabandistas possuem enormes quantidades de zlotys que não podem, virtualmente, gastar e que para nada lhes servem. Nós compramos os zlotys, transferindo os dólares suíços para as suas contas pessoais em Genebra. Podemos beneficiar de uma boa taxa de câmbio e ter os zlotys suficientes para comprar os artigos indispensáveis. Tentamos não negociar com os Sete Grandes, mas temos como certo que Max Kleperman conta com agentes seus nesta operação, podemos também, com o nosso dinheiro suíço, fazer trocas diretas — para a obtenção de casas, quartos, ouro, víveres e medicamentos — com os contrabandistas que têm esconderijos Este último método é preferível à troca de zlotys.

David Zemba está constantemente em conferência, negociando os nossos dólares suíços.

Restam ainda no ghetto três complexos fabris que utilizam o trabalho escravo; pertencem todos a Franz Koenig.

No pequeno ghetto funciona ainda a carpintaria mecânica.

No norte, a fábrica de escovas, que abastece quase inteiramente o exército alemão. A maior parte das pessoas, no seu desejo de viver, mantêm ainda a convicção de que a Kennkarte para o trabalho é o único recurso de sobrevivência.

Da terceira fábrica ouvimos qualquer coisa que nos trouxe uma réstia de esperança, ainda que ténue. Refiro-me à fábrica de uniformes. Embora os Alemães assegurem estar às portas de Moscou, nós pressentimos a sua primeira grande derrota nesta guerra. Quase cem mil uniformes ensanguentados chegaram da frente leste. Na fábrica os trabalhadores escravos limpam-nos, remendam-nos, a fim de os remeterem para a Alemanha em estado de serem usados novamente.

Cem mil baixas alemãs? Ótima notícia.

*Alexander Brandel*

## CAPÍTULO IV

Rachel executava rápidas passagens do Segundo Concerto de Chopin, preparando-se para o concerto a efetuar na fábrica de uniformes de Franz Koenig com os elementos que restavam da orquestra sinfónica do ghetto.

Atacou o canto lento e melodioso do andante e os seus pensamentos erraram para longe. Tinham morrido mais três executantes da orquestra. Restavam somente quarenta elementos, os quais, porém, tocavam com uma indiferença que raiava pela apatia. O estômago de Rachel contraiu-se subitamente ante a lembrança de que, desta vez, Wolf se encontrava já ausente há cinco dias. No espaço de um mês, era a terceira missão no sector ariano que Andrei lhe confiava. Embora afirmassem constantemente que não o utiliza— riam em missões semelhantes, eles, no entanto, não prescindiam dos serviços de Wolf, fazendo-o correr o risco de ser capturado. Que futuro os aguardaria? Ela desejava casar com o jovem, mas sabia que o pai se iria opor. O pai de Wolf fora outrora um sionista ativo e muitas pessoas conheciam as atividades de Wolf. O pai não permitiria nada que pudesse comprometer a sua posição na Autoridade Civil Judaica.

Mostrava-se profundamente intransigente quanto a este ponto.

No quarto. Stephan, deitado sobre o ventre, estudava o Haftora, uma passagem dos Profetas, a fim de se preparar para o seu próximo bar mitzvah. Estudava, na maior parte das vezes, no meio dos sons musicais, pois o piano estava constantemente ocupado pela mãe e pela irmã. A música tinha o mágico poder de o transportar para além de toda a fealdade e de todo o mal. Rachel vacilou numa passagem, depois os seus dedos reencontraram o ritmo para os compassos seguintes.

Stephan interrompeu automaticamente a sua leitura, saltou da cama e dirigiu-se para a janela. A família acabara de mudar-se para esta nova residência no grande ghetto. Ele tinha de partilhar o

quarto com Rachel; embora a casa estivesse bastante arruinada, era, no entanto, melhor do que aquelas de que a maior parte dos judeus dispunham.

Do outro lado da rua ficava o velho edifício dos correios, onde se achava instalada a Autoridade Civil Judaica depois de os Alemães haverem fechado o prédio da Rua Grzybowski.

O pai trabalhava ali. Defronte do grande edifício quadrado e com colunas encontrava-se a única árvore e a única parcela de relva do ghetto. Era fresco e doce rolar-se na relva.

A música cessou.

Stephan voltou ao leito e estendeu-se na posição anterior, aguardando que Rachel recomeçasse a tocar, de modo que ele pudesse voltar ao estudo.

Ele sempre estabelecera com a irmã uma comunicação tácita. Desejavam falar um com o outro agora. Ela sentou-se na borda da cama do irmão e eriçou-lhe os cabelos.

Stephan fez um pequeno gesto de desagrado.

Como consegues decifrar esses rabiscos? — disse ela referindo-se ao texto hebreu.

Não é pior do que as garatujas que lêes ao piano.

— Stephan fechou o livro. — Desejaria que Wolf voltasse para me ajudar nas minhas lições. O rabi Solomon... bem, ele quer que sejamos perfeitos. É exigente.

— Stephan?

— Diz...

Wolf disse-me que lhe pediste, e ao tio Andrei, que te deixassem distribuir o jornal clandestino.

O jovem não respondeu.

— É verdade?

— Suponho que sim.

— A mãe sabe?

— Não.

— Não pensas que seria melhor dizer-lhe?

Ele pulou da cama para se furtar às perguntas da irmã.

— Que imaginas que faríamos se te acontecesse alguma coisa?

-Não compreendes, Rachel? O Wolf e o tio Andrei fazem trabalho clandestino; não quero perder-vos a todos, não.

— Se o papá, pelo menos... — Stephan deteve-se. Nada.

— Tu não o podes substituir, Stephan.

--Sinto tanta vergonha! Durante muito tempo tentei compreender o que ele me dizia.

— Não sejas tão duro para com o pai. Ninguém sabe o que ele tem sofrido. Deves ser gentil.

--Como podes dizer isso? Se não fosse o pai, tu e o Wolf podiam casar-se.

— Ele não deixa de ser o teu pai, Stephan. Eu sei que o rabi Solomon seria o primeiro a dizer-te que o deves honrar, sempre.

— Rachel... a mãezinha e o pai já não se amam, não É verdade?

É uma consequência dos tempos que vivemos, Stephan.

Muito bem. Não te preocupes a explicar-me.

Ela mudou rapidamente de assunto.

— Então para a semana vais tornar-te um homem de verdade. Bem, deixa-me ver se já tens algum pelo no queixo Rachel lançou-o para o chão, num golpe súbito. Ele deixou-se, com bom humor, manobrar pela irmã. Ela fincou os dedos entre as costelas de Stephan, que se torceu meio zangado e meio a rir.

— Basta, Rachel! Já não posso lutar contigo.

Ela retirou os dedos.

— E porquê?

— Porque tu és uma rapariga e eu posso mexer-te nalguma coisa sem querer.

— Ora, muito bem! Stephan Bronski! Sim, senhor, estás a tornar-te um homem!

Um momento depois ela voltou ao andante. Stephan foi sentar-se ao lado dela na banquetta e encostou a cabeça no seu ombro. Rachel passou lhe um braço em torno do corpo e beijou-o na testa.

— O teu bar mitzvah será bem pequeno, não é?

— O simples fato de jurar viver como judeu é a única coisa que importa — respondeu Stephan.

— És um homenzinho.

--Não estejas com receio, Rachel. Wolf voltará. Ouvi-te chorar a noite passada. Não tenhas medo. Rachel, eu penso que compreendo tudo o que há entre ti e o Wolf e quero que saibas que me sinto muito contente, porque, depois do tio Andrei, ele é o homem mais admirável que existe no mundo. Ele tem-me explicado bastantes coisas... acerca de ser homem... coisas que o pai me devia ter explicado...

Rachel empalideceu, depois sorriu.

— Eu quero que ele volte. Eu quero que ele volte...

— Ele disse que regressaria a tempo de assistir ao meu bar mitzvah. Ele regressará, Rachel.

O gabinete de Alexander Brandel estava transformado numa sinagoga improvisada, semelhante a um milhão de outros lugares que, durante dois mil anos, tinham sido transformados para o exercício do culto interdito. O rabi Solomon envergou as antigas vestes sacerdotais, abriu os rolos da Tora e começou a entoar salmos para a assistência; Ervin Rosenblum, Andrei, Alex e três bathyrans encontravam-se de pé junto do que era considerado um altar. Por trás da mesa de Alex, Rachel, Susan, Deborah e numerosos amigos de Stephan comprimiam-se uns contra os outros. A casca vazia do homem que fora outrora o Dr. Paul Bronski achava-se só, junto da porta.

Stephan Bronski estremeceu levemente quando a mãe acariciou com uma das mãos o tallis que pertencera a seu pai. Como depois da ocupação não se fabricaram mais xailes, o rabi decidira que o jovem trouxesse este símbolo da transmissão da tradição de uma geração a outra. Os meses de estudo de Stephan chegavam ao seu momento culminante.

Ele lançou um olhar para a porta, esperançado em que Wolf fizesse a sua entrada no último instante; porém, não viu senão o pai. Dirigiu um pequeno sorriso a Rachel.

O rabi Solomon encarou a assistência. Um novo jovem estava pronto a aceitar os seus deveres como filho do mandamento, guardião das Leis e prestes a assumir um terrível fardo: viver como judeu. Uma semana antes efetuara-se um outro bar mitzvah. O filho

de Max Kleperman atingira os 13 anos. Recebera os símbolos da idade viril numa grande sala do quartel-general dos Sete Grandes, no meio de uma orgia. O velho rabi quisera voltar costas à comédia de Kleperman, mas não o havia feito, pois era somente o administrador da vontade de Deus, que não devia julgar.

Com voz grave e firme, disse ao candidato que se aproximasse.

Stephan suspirou e sentiu a mão de sua mãe, como um afago, pousar-lhe no ombro. Deu alguns passos a fim de receber o seu novo estatuto social. O jovem era delgado e pequeno como o pai.

— Bendito seja o Senhor, que deve ser louvado.

— Louvado seja o Senhor, bendito por toda a eternidade — responderam os homens que se encontravam na sala.

--Bendito sejas, ó Senhor nosso Deus, Rei do universo, que nos elegeste de entre todos os povos ao dares-nos a tua Tora! Bendito sejas, ó Senhor, Doador das Leis Salmodiou Stephan.

O jovem e o velho voltaram-se para os rolos da Tora que estavam pousados sobre a mesa de Alexander Brandel. Com as pontas do xaile, Stephan tocou a Tora, beijou o xaile e leu extratos das leis de Moisés. Depois da bênção elevou-se à cúpula dos seus estudos; entoou os salmos do Mattir Aliya, do Livro dos Profetas, um dos mais difíceis de todos os textos hebraicos.

Stephan encarou a sala e recitou-os de memória. A sua voz era cristalina e delicada, mas traduzia com ela aquele grito de angústia nascido da opressão de muitos faraós em diversas épocas. A assistência deixou-se enlevar pelo encanto produzido pelas palavras do garoto, que patenteava toda a mestria do seu saber. O próprio rabi Solomon vasculhou a sua memória a tentar recordar-se se já ouvira um jovem ler o Haftora com maior autoridade, graça e perfeição musical.

Uma vez dada a última bênção, os rolos da Tora foram fechados, a fim de os encerrarem num esconderijo, fora do alcance das mãos maculadas dos Alemães.

Stephan Bronski contemplou a assistência. O tio Andrei piscou-lhe os olhos afetuosamente. Stephan fez correr a vista pela sala, na esperança de que Wolf tivesse entrado.



Ele, porém, não chegara. Aclarou a garganta :

— Queria agradecer a minha mãe e a meu pai terem-me educado na tradição judaica — disse ele, na oração tradicional de despedida.

Esta declaração fazia quase sempre chorar as mulheres.

Deborah e Rachel não constituíram exceção. Mas no fundo do gabinete as palavras atingiram Bronski como um estilete. Ele baixou os olhos quando o filho prosseguiu :

— Penso que o fato de me tornar filho do mandamento é bem um símbolo de virilidade. Muitos me disseram quanto deploravam que eu não pudesse celebrar o meu bar mitzvah em tempo de paz; então a Grande Sinagoga Tlomatskie ter-se-ia enchido quase completamente; parentes viriam de toda a Polónia; haveria uma grande festa e eu receberia numerosas prendas. Refleti em tudo isso; contudo, estou realmente contente por ter o meu bar mitzvah num lugar como esta sala, porque em locais destes foi a fé judaica preservada durante outras épocas de opressão. Penso também que é um privilégio especial celebrar-se o bar mitzvah em tempos de infortúnio. Qualquer um pode viver como Judeu quando as coisas correm bem, mas jurarmos manter-nos judeus é, hoje, realmente importante. Sabemos que Deus necessita de verdadeiros judeus para preservar as suas Leis. Bem... nós sobrevivemos a todos quantos tentaram destruir-nos no passado, porque mantivemos esta espécie de fé. O nosso Deus não nos deixará sucumbir. Sinto muito orgulho em ser judeu e tentarei com todas as minhas forças conservar-me à altura das minhas responsabilidades.

O rabi Solomon pousou o tallis sobre a cabeça de Stephan e entoou a bênção sacerdotal de encerramento. Os assistentes avançaram na direção de Stephan e saudaram-no com calorosos Mozeltjfs. Paul Bronski abandonou a sala pronta e calmamente.

— Imagino que estás satisfeita agora — disse Paul a Deborah numa voz seca e crispada. — Ganhaste a tua batalha.

Exibiste-me diante de todo o ghetto como um imbecil maldito.

Deborah esforçou-se por se conter. Os olhos do marido tinham novamente um brilho quase selvagem.

— Lançar sal nas minhas feridas — continuou ele.

— Ridicularizar-me.

— Não foi por vingança contra ti que Stephan teve o seu bar mitzvah.

O marido soltou uma imprecação.

— Paul, vamos dormir — suplicou ela.

— Dormir? — Ele riu sardonicamente. — Quem dorme?

Tentou acender um cigarro, mas a mão tremia lhe tanto que foi preciso que Deborah pegasse no fósforo e aproximasse a chama do cigarro.

— Bem. Deborah, agora, que o nosso filho se tornou um verdadeiro judeu e que tu ganhaste a tua cruzada para que a sua santa purificação resgatasse os meus pecados...

— Cala-te!

-... agora talvez pudéssemos discutir um assunto de família. Constituímos ainda uma família, bem sabes.

, — Com a condição de falares como uma pessoa civilizada.

Paul explodira. Achava-se agora mais calmo.

— Tens de abandonar o teu trabalho no orfanato e Rachel deve deixar de dar concertos. Quanto a Stephan passa demasiado tempo nas ruas...

Os olhos de Deborah contraíram-se ante a declaração do marido. Porém, ela nada disse.

— É preciso que procedamos a uma revisão de todos os nossos amigos. Continuarmos a estar ligados aos Brandel a Rosenblum e a Susan poderá tornar-se perigoso. Ninguém desconhece as suas filiações passadas e ninguém jurará que eles não participam nas atividades clandestinas.

--Não digas mais, Paul!...

— Deixa-me acabar, meu Deus, deixa-me acabar! Não posso garantir a vossa imunidade devido à insensatez do teu maldito irmão e dos seus agitadores. Toda a família de um membro da nossa direção foi presa e encontra-se atualmente detida na Prisão Pawiak; é um aviso para que façamos rebentar esta organização clandestina.

A única réstia de honra que subsistia em Paul parecia ter-se esfumado naquele instante. A sua pele tinha uma coloração de um

cinzento horrível.

— Decidimos...

— Quê?

— Decidimos que as nossas famílias passem a trabalhar no interior do edifício da Autoridade Civil e que nunca se encontrem longe das nossas vistas.

— Oh, meu Deus, ao que chegámos! — Deborah colocou as mãos sobre os olhos para reprimir algumas lágrimas.

— Ao longo de todos estes anos de infortúnio — murmurou ela -, esperei pacientemente que... Paul, a princípio tentei firmemente acreditar que agias como era teu dever.

Mas com o volver dos dias foste-te degradando cada vez mais, cada vez mais te espojaste na lama, até que, por fim deixaste de ser um ser humano. ( -Como ousas...

— Bom Deus, Paul! Não escutaste hoje o teu filho.

Não conseguirá a coragem de um rapazinho tocar-te, como—  
ver-te?

— Não quero ouvir-te mais!

— Mas ouvir-me-ás, Paul Bronski. Sim, ouvir-me-ás!

Ele ajoelhou-se diante dela, desesperadamente, pegou lhe num braço e sacudiu-o.

— Podemos falar de estética até que o Inferno gele, mas o que te acabo de dizer é a realidade.

As lágrimas desciam pelo rosto de Deborah.

— A realidade? Meu pobre marido, tu és justamente o homem que tem fugido sempre da realidade. Vou dizer-te o que é a realidade. A tua filha dorme com Wolf Brandel e fui eu que a enviei para ele, porque o seu casamento podia comprometer a preciosa posição do pai como colaboracionista.

— Esse filho de uma cadela...

— Bom! Pelo menos tens a decência de te encolerizares.

Contudo, ele é um belo jovem e eu agradeço a Deus por Rachel conseguir uns momentos de felicidade no meio deste inferno. Queres que te diga mais realidades? Trabalho na manufatura de bombas na cave do orfanato e o teu filho Stephen procede à entrega do jornal clandestino.

Paul Bronski pôs-se de pé e grunhiu como um animal agonizante.

--Sabes porquê, Paul? Ele abeirou-se de mim e suplicou-me :

«Mãezinha, vou fazer treze anos... Mãezinha, na nossa família alguém tem de ser um homem.» Paul abateu-se sobre uma cadeira a soluçar. Ela continuou de pé diante deste ser desprezível, abjeto, que tremia; a sua náusea, porém, convertia-se numa profunda lassitude.

— Procedi desta maneira somente por vocês — choramingou ele. — Por ti e pelos nossos filhos.

— Sinto-me fatigada, Paul... Já não posso mais.

E de súbito, espontaneamente, as palavras há muito contidas irromperam numa torrente :

-Tenho uma oportunidade de sair do ghetto com as crianças.

Ele ergueu a cabeça, pestanejando.

— De Monti... De Monti.

Ela inclinou a cabeça.

— És capaz de me fazer isso?

— Expiei os meus pecados. Paguei, tornei a pagar, mil, Mil vezes, e pergunto-me agora se alguma vez me comportei mal, mesmo no princípio. Mas se procedi erradamente, fui punida por ti. Chris jamais me tocará, prometo-te. Tudo o que desejo é encontrar um buraco, algures, donde não possa ouvir o choro das criancinhas famintas. Pode ser mesmo uma nesga de relva... eis tudo o que desejo... somente... somente uma nesga de relva verde.

Paul tombou, sobre os joelhos, aos pés da mulher.

— Não me abandones, suplico-te. — Chorava. — Não me abandones... não me abandones, por favor.

## CAPÍTULO V

Primavera de 1942.

O pavoroso Inverno passara, mas o odor da morte permanecia.

O pequeno ghetto do sul, por assim dizer, já não existia. Pouco a pouco as famílias polacas voltavam a residir aí, à medida que decrescia o número dos ocupantes judeus. Na verdade, já não restavam no sul senão algumas ruas habitadas por judeus, a carpintaria mecânica e a «zona selvagem». O grande ghetto achava-se mais congestionado do que nunca.

Com os reforços de guardas recebidos pelas Waffen SS, o ghetto mergulhou num pesadelo de terror pior do que qualquer outro até aí experimentado. Os arrogantes soldados das brigadas de escol, com elegantes uniformes negros, fizeram a sua entrada em Varsóvia aureolados com as suas façanhas como comandos especiais na frente leste, onde tinham procedido a chacinas inomináveis. Foram colocados sob as ordens de Sieghold Stutze, e, como o seu chefe, eram demónios, ferozes e ébrios, que se transformavam em bestas à vista do sangue das suas vítimas. Instalaram-se no quartel da Rua Leszno, 101, do outro lado do muro do ghetto, defronte da fábrica de uniformes do Dr. Koenig.

Depois chegou um segundo contingente de guardas. Era composto por letões e lituanos, que traziam os uniformes dos auxiliares nazis, com as insígnias da caveira e das tíbias nas dragonas. Estes camponeses do Báltico tinham participado com o maior prazer nos morticínios do Leste.

O quartel-general de Globocnik, em Lublin, enviou uma terceira unidade, constituída por ucranianos. Quer embriagados, quer sóbrios, cantavam em coro com tal harmonia que os denominaram de «rouxinóis». Os letões, os lituanos e os «rouxinóis» ocuparam o edifício de tijolos vermelhos situado num ângulo do quartel das SS.

Todas as noites os ecos das suas orgias faziam aumentar o terror.

O general das SS Alfred Funk, correio das mensagens verbais sobre os «problemas judaicos», chegou a Varsóvia, como um presságio do Inferno, na companhia de Adolfo Eichmann, do Departamento 4-B da Gestapo, assuntos judaicos, após ter conferenciado em Berlim com Heydrich, Himmler e Hitler.

A Gazeta de Cracóvia insistia cada vez mais na urgência de uma «solução final do problema judaico». Por toda a Polónia, a atividade febril manifestada na edificação de novos campos provocara a vinda da Alemanha de peritos em transportes e construção. Porém, não se destinavam estes novos campos ao trabalho escravo nem à clausura de inimigos do Reich. Achavam-se situados longe dos centros urbanos, em regiões isoladas, e as suas estruturas tinham formas bizarras, não se assemelhando de maneira alguma com os precedentes. A sua construção fazia-se no meio do maior segredo.

Por meados do Inverno, Alfred Funk, após concluir as suas conferências em Varsóvia, voltou ao quartel-general das SS em Lublin com instruções verbais ulteriores para Globocnik.

Nos princípios de Março, um dos estafetas de Ana Grinspan chegou a Varsóvia com a informação de que se achava em curso uma operação Reinhard (do nome de Heydrich), destinada à liquidação do ghetto de Lublin.

Os ocupantes do ghetto, bem como judeus transportados do exterior da Polónia, estavam a ser conduzidos para um campo chamado Majdanek, nos subúrbios da cidade.

Quando Funk voltou a Varsóvia, não houve ninguém que não se dedicasse a loucas especulações sobre o objeto do seu regresso, mas, como o Inverno terminara, não se imaginava que as coisas pudessem piorar.

O rabi Solomon estava sentado no soalho numa das outras sinagogas improvisadas, diante da sua congregação reduzida; ela fora outrora um orgulhoso agrupamento, respeitado nos círculos religiosos da Polónia. Os poucos fiéis que restavam representavam o coração do judaísmo europeu.

Stephan Bronski, o discípulo preferido do rabi, achava-se junto do mestre.

Estava-se no nono dia do mês hebraico do Ab; nesse dia tinham-se registado, através dos séculos, os maiores desastres sofridos pelos Judeus. No Tisha B'Ab fora o Primeiro Templo de Salomão destruído pelos Babilónios e alguns séculos mais tarde, no mesmo dia, caíra o Segundo Templo nas mãos dos Romanos, iniciando-se uma série de acontecimentos no decurso dos quais a raça de Abraão se espalhou pelos quatro cantos do mundo, fazendo dos Judeus caminheiros eternos e estranhos sempre amaldiçoados.

No Tisha B'Ab um furibundo Moisés descera do Sinai e despedaçara as tábuas dos mandamentos à vista das orgíacas tribos de Israel que adoravam um ídolo. Fora como se ele lhes tivesse lançado um anátema perene, pois nesta noite de Tisha B'Ab as luzes mantiveram-se acesas até tarde nos gabinetes do edifício da Gestapo, no quartel do Corpo , Reinhard e nos gabinetes de Rudolph Schreiker. [ O rabi Solomon leu extratos do Vale das Lágrimas, depois a sagrada Tora foi revelada; em seguida recitou trémula e vibrantemente as lúgubres profecias de Jeremias.

— E o Senhor vos dispersará entre as nações e de vós não restará senão um pequeno número.

Um responso lúgubre seguiu-se às palavras do ancião.

— Procurámos a paz, mas nada de bom se nos ofereceu uma era de tranquilidade, e eis que nos contemplou o infortúnio!

«Pois enviarei serpentes por entre vós e elas resistirão a todos os encantamentos, e elas vos morderão», disse o Senhor... A ceifa há passado, o Verão terminou e nós não fomos salvos... Pois a morte subiu às nossas janelas e introduziu-se nos nossos palácios; ela extermina as crianças nas ruas e os jovens nos parques públicos... as carcaças dos homens cairão como estrume sobre os campos.

Enquanto o rabi Solomon proferia os lamentos, preparava-se a mais horrível catástrofe numa história plena de catástrofes.

A grande operação desencadeava-se na sexta-feira negra.

Os nazis convocaram os elementos da sua rede de informadores e, durante toda a noite, extorquiram lhes as

informações de que necessitavam. De madrugada foi decidida uma limpeza rápida e impiedosa para despojar os Judeus dos últimos dos seus chefes.

Com as sereias rasgando o ar em horrível harmonia com as pregações do rabi, as SS e os seus letões, lituanos, guardas da Polícia Azul, da Milícia Judaica e ucranianos irromperam por todas as portas do muro e esquadrinharam o ghetto, arrancando os membros da resistência dos seus esconderijos secretos.

Dezenas e dezenas de judeus foram conduzidos brutalmente para o cemitério e fuzilados pelos pelotões dos «rouxinóis».

Ana Grinspan, Andrei Androwski e Tolek Alterman encontravam-se, por sorte, no sector ariano. Outros bathyrans esconderam-se no subsolo de Mila 19 com Jules Schlosberg e Ervin Rosenblum, no meio dos diários do Clube dos Bons Amigos e de bombas de fabrico caseiro. Simon Éden passou o dia a pular pelos telhados e Rodei, o comunista, ocultou-se num armário.

Alexander Brandel e David Zemba achavam — se entre os afortunados que não estavam incluídos na lista dos suspeitos.

Mas dezenas de membros dos Bathyrans, dos trabalhistas, dos revisionistas e dos bundistas não tiveram idêntica fortuna.

A sexta-feira negra devastou impiedosamente o ghetto e mergulhou-o no mais profundo desespero.

No Sabat que se seguiu à chacina as paredes do ghetto foram cobertas com cartazes onde se liam prescrições aterradoras. Camiões providos de altifalantes percorreram todas as ruas vociferando os éditos.

**AVISO DE ORDEM DE DEPORTAÇÃO** 1. Por ordem das autoridades alemãs, todos os judeus que residam em Varsóvia, sem distinção de idade ou de sexo, serão deportados para o leste.

2. São excluídos da ordem de deportação :

a) Todos os judeus empregados pelas autoridades alemãs ou que pertençam a empresas alemãs que tenham nas suas Kennkarten as chancelas oficiais ;

b) Todos os judeus que sejam membros e empregados da Autoridade Civil Judaica no dia da publicação deste aviso ;

c) Todos os judeus pertencentes à Milícia Judaica ;



d) As famílias dos acima mencionados. As famílias consistem exclusivamente em marido, mulher e filhos ;

e) Os judeus empregados pelos serviços sociais que funcionam sob o controle da Autoridade Civil Judaica e da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo.

3. Cada deportado é autorizado a levar consigo 15 quilos de objetos de uso pessoal como bagagem. Toda a bagagem que exceda este peso será confiscada. (Todos os objetos de valor, como dinheiro, joias e ouro, etc., devem seguir com os seus possuidores, a fim de que possam ser utilizados numa reinstalação metódica.) Recomenda-se a todos os deportados que levem consigo víveres para três dias.

4. A deportação começará em 22 de Julho de 1942, às 11 horas.

5. Sanções :

a) Os judeus cujo nome conste das listas serão fuzilados caso não compareçam à convocação ;

b) Os judeus que tentem, por meio de quaisquer atividades, esquivar-se ou impedir a deportação metódica serão fuzilados.

AUTORIDADE CIVIL JUDAICA, VARSÓVIA Boris Presser,  
presidente

AVISO

A cada deportado que se apresente voluntariamente serão fornecidos 3 quilos de pão e 1 quilo de marmelada. A distribuição dos víveres será efetuada na Praça Stawki.

O centro de organização para a deportação está instalado em Stawki 6-8, na Umschlagplatz.

AUTORIDADE CIVIL JUDAICA, VARSÓVIA Dr. Paul Bronski,  
vice-presidente

AVISO

As deportações serão afixadas, todos os dias, de maneira bastante clara, e anunciadas as do dia seguinte. Os deportados de 23 de Julho deverão provir das zonas seguintes :

Rua Elektoralna, n.ºs 34-42.

Rua Chlodna, n.ºs 28-44, inclusive.

Rua Orla, n.ºs 1-14 e 16-34.

Rua Leszno, n.ºs 1-3, 7-51 e 57-77.

Toda a Rua Biala.

POR ORDEM DE PIOTR WARSINSKI

Milícia Judaica de Varsóvia

## CAPÍTULO VI

A organização clandestina deteve-se depois da sexta-feira negra; era necessário apurar imediatamente o que estava por trás da deportação.

Nos primeiros três dias os Alemães obtiveram um êxito inesperado. Os «selvagens» sem Kennkartem abandonaram os esconderijos em que viviam, incapazes de resistir à tentação de 3 quilos de pão e 1 quilo de marmelada prometidos pelos Alemães. Apresentou-se grande número de voluntários, e nem todos, por esse motivo, puderam ser postos a caminho na Umschlagplatz.

O centro de deportação estava instalado num edifício de quatro andares em Stawki 6-8, um pouco além da porta norte. Não podia ser visto nem do ghetto nem do sector ariano. Outrora uma escola, fora transformado depois em hospital da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo.

O Hauptsturmführer Kutler, das Waffen SS, que dirigia as operações, fizera parte dos comandos que tinham perpetrado os morticínios da frente oriental. Ébrio inveterado, passava as noites atormentado por contínuos pesadelos de sangue. Os mesmos sonhos tenebrosos tinham-nos a maior Parte dos outros elementos dos comandos, que os suportavam unicamente mercê da ingestão de fortes quantidades de álcool e estupefacientes.

Duas pesadas portas de ferro defendiam a entrada do centro. No interior, meia dúzia de nazis procediam a uma seleção das filas intermináveis de seres humanos. Alguns eram mandados de volta ao ghetto, para o trabalho escravo.

A maioria era dirigida ao longo de um imenso pátio cercado por um alto muro.

Neste pátio a guarda era composta por «rouxinóis», letões, lituanos, comandados por alguns membros das SS que seguravam à trela lobos-da-Alsácia de grande ferocidade.

Uma espécie de gare feita de tijolos, com uma plataforma de algumas dezenas de metros de comprimento, estendia-se de um

extremo ao outro do pátio. Um comboio com quarenta e quatro vagões de gado e de mercadorias encontrava-se pronto a marchar.

À medida que chegavam os selecionados, os seus pertences eram examinados e confiscadas as joias, dinheiro e outros objetos de valor. Sob o pretexto de poupar espaço para alojar o maior número possível de deportados nos vagões, os guardas despojavam-nos da maior parte do vestuário.

Uma brigada de judeus pertencentes às empresas de Koenig conduzia, em carroças, estas peças de vestuário para um edifício, do outro lado da rua, que servia de depósito.

O forro dos casacos era arrancado a fim de se verificar se ocultava objetos de valor. Outros objetos pessoais, como cartas, fotografias, etc., eram queimados num grande fogão disposto ao longo do edifício.

Quando eram reunidas seis mil pessoas, os Alemães faziam-nas instalar-se nos vagões. Todas as tardes, às 6 horas precisas, um comboio partia para «destino desconhecido, no Leste».

Os «selvagens» que se tinham apresentado voluntariamente nos primeiros dias da grande operação achavam-se reduzidos a tal estado de miséria que quase não ofereceram resistência. Porém, todos os que, no interior da Umspnlagplatz, tentaram protestar, foram ato contínuo abatidos impiedosamente pelos guardas.

A Polícia Azul e a Milícia Judaica mantinham a ordem nas filas que se formavam no centro de seleção.

Os velhos, os aleijados e os inaptos para o trabalho eram conduzidos da Umschlagplatz para o cemitério e fuzilados por pelotões das SS. Era assim que os Alemães «provavam» que somente conduziam para os campos de trabalho os judeus mais saudáveis.

A despeito da passividade da comunidade ortodoxa, homens como o rabi Solomon continuavam a exercer grande influência sobre o povo. Apesar de ser cada vez maior a quantidade de rabis que desapareciam misteriosamente, fazendo decrescer consideravelmente o número dos chefes judeus ortodoxos, os que restavam herdaram maiores responsabilidades.

No quarto dia da grande operação os membros da organização clandestina que ainda se encontravam em liberdade mantinham a Umschlagplatz sob estrita observação e calcorreavam desesperadamente Varsóvia tentando conhecer o destino dos comboios.

Alexander Brandel visitou o rabi Solomon, a fim de o convencer a dirigir-se à Autoridade Civil Judaica. O velho tinha delimitado com precisão a esfera das suas atividades.

A Autoridade Civil Judaica, declarava ele, achava-se para lá do seu campo de ação. À força de argumentos inspirados pelo Talmude, Alex conseguiu enfraquecer a resistência do ancião, traçando paralelos com antigos eLivross. Por fim, o rabi concordou em submeter-se à decisão de um tribunal rabínico e autorizou Alex a defender os seus pontos de vista diante dos cinco rabis que conseguiram reunir.

Eles decidiram que o rabi Solomon tinha o direito moral de se dirigir à Administração Civil Judaica.

O velho estava parcialmente cego, e não via senão imagens imprecisas. Meses antes fora forçado a renunciar ao seu trabalho para o Clube dos Bons Amigos e à cooperação no diário de Brandel. Entrou no edifício da Autoridade Civil Judaica, situado num ângulo das Ruas Zamenhof e Gensia, pelo braço de Stephan Bronski, seu discípulo favorito.

Paul Bronski encontrava-se mais enervado do que era habitual. Ao ver Stephan com o rabi, em pleno dia, num 'lugar que era um ninho de informadores, os seus nervos estremeceram num espasmo súbito. Mandou o filho para casa. Embora não fosse capaz de distinguir com clareza o rosto de Paul, Solomon pôde, no entanto, aperceber-se da inquietude que repassava na voz do homem.

— Dr. Bronski, fala-se muito sobre estas deportações.

Com efeito, não se fala de outra coisa.

— O que é certamente compreensível.

— Diz-se que continuam a perpetrar-se chacinas nos campos de morte do Leste.

— Oh, é um disparate. Não consegue aperceber-se de que estes mexericos provêm do mesmo grupo de agitadores que temos

defrontado desde o primeiro dia da ocupação?

É unicamente a sua propaganda insidiosa que afirma estarem a cometer-se morticínios no Leste.

— A Autoridade Civil já interrogou os Alemães sobre a validade das histórias que correm acerca destas chacinas?

Decerto que não. Paul cerrou os dentes. Apesar de o velho ter perdido quase inteiramente o sentido da vista, o seu espírito subtil mantinha a mesma agudeza de sempre e conservava a maneira ácida de lançar as suas armadilhas verbais.

— Meu caro rabi Solomon, ninguém pretende que a vida no ghetto tem sido fácil. Somos os vencidos numa guerra em que fomos escolhidos como bodes expiatórios.

Contudo, temos conseguido manter muita gente com vida graças aos nossos métodos ordeiros.

— Assim, Dr. Bronski, posso concluir que está disposto a assegurar que a maior parte de nós se encontrará com vida, e aqui, nas próximas três ou quatro semanas?

Paul falara das deportações somente com Boris Presser.

A sua única esperança era de que, dentro de uma semana ou duas, os Alemães, coagidos pela necessidade de refazer a população dos seus campos de trabalho, dessem por findas as deportações.

— Espero a sua resposta, Dr. Bronski.

Paul receava tomar uma posição. Suponhamos que ele afirmava que as deportações cessariam e tal fato não se verificava? Suponhamos que os rumores que corriam sobre a existência dos campos de morte eram exatos e que a Autoridade Civil Judaica não manifestara a mais leve oposição contra eles? Não lhe restava mais espaço de manobra.

Durante dois anos e sete meses descobrira sempre uma evasiva, e mais outra, e outra ainda. Sentia pela primeira vez que não encontrava uma saída.

Tenho a convicção razoável de que as deportações cessarão logo que os Alemães consigam descongestionar o ghetto. O descongestionamento do ghetto atenuará muitos dos nossos problemas aqui; por outro lado, os deslocamentos de população,

tendo por objetivo reforçar o potencial de mão-de-obra na frente leste, satisfará obviamente os Alemães.

Quererá a Autoridade Civil Judaica perguntar aos Alemães se eles partilham as vossas razoáveis certezas?

A armadilha do rabi Solomon fechara-se. Paul desembaraçou-se do velho, resmungando lhe que se encarregaria de tratar do assunto.

Boris Presser desempenhava-se das suas funções de presidente do conselho diretivo da Autoridade Civil Judaica como uma notável nulidade. Ele era um homenzinho tranquilo, cuja qualidade essencial consistia em afastar-se do convívio do semelhante e executar as suas tarefas de maneira mecânica, sem dedicação emocional. O assassinio de Emanuel Goldman, primeiro presidente do conselho diretivo da Autoridade Civil Judaica, nos primeiros dias da ocupação, definia claramente as limitações do seu poder.

Presser evitava habilmente reuniões secretas com a organização clandestina, os serviços sociais e os contrabandistas do «mercado negro». Era um perito em nada saber, nada ver e nada ouvir. Conseguira não se comprometer. Na realidade, servia de instrumento perfeito à lógica nazi, que repetia continuamente que os Judeus se exterminavam entre si. Quando, por vezes, se lhe deparava um contraditor, Presser empenhava-se sempre em justificar a existência da Autoridade Civil Judaica. Sem ela, explicava, a situação seria bem mais amarga. Ele chegara a persuadir-se de que era um instrumento de sobrevivência.

Quando Paul deu conhecimento a Boris dos murmúrios suspeitados pelas deportações, Presser nem quis sequer ouvir falar da possibilidade de uma consulta aos Alemães. Como acontecera já uma centena de vezes, incumbiu Paul Bronski de tratar do caso Que fazer? Schreiker e o Corpo Reinhard eram impermeáveis a uma diligência. E se tomasse Max Kleperman como intermediário? Não, os Sete Grandes não desejavam intervir nas deportações. E se fizesse agir Brandel e David Zemba? Não, eram eles quem exercia pressão sobre a Autoridade.

O Dr. Franz Koenig era a única pessoa que restava.

Koenig tinha agora como residência um palácio de quarenta divisões, o último edifício que confiscara na sua qualidade de chefe das confiscações. Dentro de breves anos seria multimilionário.

Koenig tornara-se anormalmente obeso. O seu corpo parecia-se com uma pera e a cabeça com um tomate túmido recoberto, em cima, com uma madeixa de caracóis particularmente ridícula.

O poder, utilizado por ele, era um instrumento de corrupção.

Após ter experimentado o sabor de uma doce vingança e a volúpia do triunfo, afez-se a realidades menos agradáveis. Associara-se a homens de uma bestialidade que nunca supusera existir entre gente civilizada. A sua maravilhosa Alemanha, a pátria de todos os tesouros da cultura, era governada por maníacos e por sádicos. Recordava-se da primeira discussão em que intervierá acerca das execuções em massa. Agora espantava-se de a ter provocado.

Irresistivelmente, guindava-se a alturas — cada vez maiores. O próprio Himmler o recebia regularmente. Franz Koenig renunciara ao pouco que tinha experimentado nos domínios da verdade e da beleza. Vítima do medo, fora comprado — alma, coração e espírito.

Paul tinha a garganta seca ao encontrar-se diante do Dr. Koenig. O alemão percorrera uma longa distância da Universidade a este gabinete de 15 metros. Contudo, a presença de Paul produzia lhe sempre um efeito desconcertante.

Fazia lembrar a Koenig que outrora se sentia contente em ler Schiller e ouvir Mozart na tranquilidade da sua pequena sala de trabalho, sem a presença da sua gorda esposa polaca.

Paul conseguiu transmitir, entre pausas e hesitações' a mensagem de apreensão relacionada com as deportações. Tendes uma milícia à vossa disposição. Utilizai-a! exclamou Koenig irritado.

— Mas se nos servirmos dela mais do que já temos, para efetuar as deportações, isso dará apenas azo a que se confirmem as suspeitas públicas.

Koenig balançava-se na sua enorme cadeira. Ele podia transmitir o assunto a Rudolph Schreiker, que poria um fim brutal e conclusivo a toda a discussão. Seria sensata esta decisão? Uns dias mais e a torrente das deportações deter-se-ia. Corria-se o risco de a



resistência endurecer, pois as atividades clandestinas achavam-se em pleno desenvolvimento.

Koenig possuía uma dezena de fábricas, tanto dentro como fora do ghetto, que careciam de constante mão-de-obra. Schreiker não modificara nem no mínimo pormenor a sua estúpida maneira de proceder. Ele aprendera a manejar Schreiker, tornara firme a sua posição ao criar o sentimento de lhe ser indispensável. Schreiker devia lhe muito, quer em bens adquiridos por meios venais, quer em empréstimos.

Paul Bronski e Boris Presser tinham sido servos obedientes. Se fossem substituídos numa expurgação rápida, isso podia comprometer o equilíbrio que até ao presente haviam mantido no ghetto.

— É razoável — disse Koenig em termos medidos — que a Autoridade Civil Judaica tranquilize o povo quanto às nossas boas intenções.

Após a saída de Paul, Koenig dirigiu-se à Municipalidade a fim de convencer Rudolph Schreiker da importância de se emitir uma proclamação pública a favor da continuação das deportações metódicas. Como era hábito, Schreiker ficou tão perturbado com o assunto que não se escusou a dar o seu assentimento à proposta de Koenig.

No dia seguinte, Paul Bronski, Boris Presser e os restantes membros do conselho diretivo da Autoridade Civil Judaica foram conduzidos fora do ghetto a fim de proceder a uma inspeção aos campos de trabalho em Ponia-Trawniki, e em diversos outros do sector leste que tinham por missão fornecer a mão-de-obra para a construção de Pistas de aviação e para o fabrico de munições. Os caminhos de ferro tinham sido atingidos pelas primeiras bombas russas. Brigadas judaicas procediam à sua reparação.

Esta inspeção superficial foi semelhante às «inspeções da Cruz Vermelha Suíça quanto às condições de vida no ghetto. Todavia, serviu como gesto destinado a salvar as aparências no que dizia respeito a Presser e Bronski. No final deste circuito, que nada mostrou ou provou, Koenig deformou-o segundo a lógica nazi. A inspeção «provava» que as deportações de Varsóvia se

enquadravam no anunciado propósito de dispersar e descentralizar a indústria e aproximá-la o mais possível da frente oriental.

Nem Boris Presser nem Paul Bronski se quiseram permitir procurar a verdade. Quando regressaram a Varsóvia Koenig tinha declarações preparadas para eles assinarem.

Apuseram os seus nomes no documento em que afirmavam a sua satisfação por as deportações se processarem em relação com os motivos indicados, que as condições de trabalho eram suportáveis e que convidavam a população a cooperar na execução metódica das medidas de deportação.

Cópias destes documentos foram afixadas num milhar de paredes, mas, a despeito delas, o fluxo de voluntários cessou completamente seis dias após o começo da grande operação.

«Juden! Raus!» (Judeus! Para fora!) Apitos! Sereias! Ruas desertas. O terror por trás dos estores corridos.

Os «rouxinóis», que cantavam num coro tão harmonioso, desceram dos camiões; cercaram um prédio, penetraram no interior e arrastaram para a rua os ocupantes, que se debatiam.

Wolf Brandel enfiou rapidamente as calças e uma camisa mal ouviu os gritos do outro lado da rua e foi postar-se por trás de uma janela no apartamento de Andrei, a fim de lobrigar a cena de horror que se desenrolava no pátio.

Rachel envolveu-se no lençol da cama e tentou olhar, mas Wolf estendeu o braço para trás e manteve-a afastada.

Um drama de violência irrompeu entre a confusão quando um homem tentou transpor o cordão de ucranianos para se juntar à mulher; foi derrubado a golpes de bastão, banhado em sangue, ficou à torcer-se e a gemer no pavimento.

Outra explosão. Uma jovem mãe, possuída por louco frenesi, saltou sobre um corpulento guarda, fincou lhe as unhas na cara e mordeu lhe a mão, para tentar reaver o filho pequeno. O guarda, num acesso de riso demoníaco, apanhou-a pelos cabelos e projetou-a num círculo no meio do qual os bastões se abatiam como malhos. O cordão empurrou os cativos em direção da Umschlagplatz à força de bastonadas.

Wolf abotoou a camisa desastradamente e colocou a pistola no cinto. Rachel, esquecendo o seu pudor, deixou cair o lençol; mas as manchas densas de sangue vertido na rua não convidavam a novo ato de amor. Wolf sentou-se na cama, apoiou as costas contra o espaldar e afundou a cabeça entre os joelhos enquanto ela se vestia. Rachel, em seguida, recostou-se na cama junto dele e pousou a cabeça no regaço do jovem, e assim ficaram, de olhar parado e imóveis, até que os últimos gritos se dissiparam na distância.

— Para onde vão os comboios? — perguntou ela num murmúrio trémulo.

Ele sacudiu a cabeça.

— O meu pai diz que não seguem para muito longe, mas eu não acredito. Fala-se em campos de morte.

Ela começou a tremer; o rosto e as mãos gelaram lhe.

Ele tentou reconfortá-la.

— Não quero reagir desta maneira... Mas é que... tive tanto medo ao ver que não chegavas a tempo para assistir ao bar mitzvah de Stephan... Sonho sempre com comboios.

Sonho que levam Stephan. Wolf, ele está a correr grandes riscos. Obriga-o a parar.

— Como poderei eu convencê-lo a opor-se a tudo o que nós pretendemos defender?

— Que defendemos nós? Em nome de Deus, que defendemos nós?

— Não sei verdadeiramente. O meu pai podê-lo-á explicar com certas palavras. O rabi Solomon também. Quanto a mim, quero simplesmente viver, e que tu vivas. Creio que é tudo que defendo realmente.

Pouco depois ela serenara.

— Um dia tudo estará acabado, Rachel. É preciso que isto termine um dia.

— Se ao menos pudesse tornar-me a tua mulher! Se ao menos pudesse ter um filho teu! Wolf, se um de nós tiver de partir num comboio, quero que saibas que te amo muito, muito.

— Nós havemos de sair disto, Rachel... — A sua voz entristeceu. — O meu pai falou ao rabi Solomon para nos casar secretamente, sem o conhecimento do teu pai. Ele recusou.

— Porquê? Só porque o meu pai jamais dará o seu consentimento...

— Para o rabi Solomon isso significaria que ele tomava o partido dos clandestinos contra a Autoridade Civil. Tu bem sabes como os ortodoxos pretendem encontrar significados ocultos em significados ocultos. Além disso, desejo que todo o mundo saiba que tu és a minha mulher.

— Esforço-me por me recordar como o meu pai era antes, mas imagino que o odeio. Juro-te: por vezes eu quase desejava que ele fosse...

— Chiu!

Ruídos provenientes do telhado fizeram-nos mergulhar num mar de medo. Wolf deslizou para fora da cama, tomou Rachel nos braços e depô-la, por trás de si, num recanto do quarto. Alguém se agitava por cima. Uma figura indistinguível recortou-se na claraboia do teto da cozinha e empurrou a pequena porta. Wolf puxou a pistola do cinto, engatilhou-a e apontou-a para a claraboia. A porta abriu-se com um estalido e um pouco de ar e de luz irrompeu no quarto. Duas pernas desceram e uma figura saltou para o chão. ( — É o Stephan.

Stephan pôs-se de pé, friccionando o pulso dorido pela queda.

— Lamento ter de vir cá — escusou-se ele, mas o tio Andrei necessita de ti imediatamente, Wolf.

— Onde está ele?

No cubículo por cima do palco do Teatro Workman.

Wolf calçou rapidamente os sapatos, pôs o boné e lançou um olhar para além da janela. Os «rouxinóis» patrulhavam a rua.

— Terás de ir por cima dos telhados — disse Stephan.

. -Vocês dois instalam-se no telhado e deixem-se ficar aí até escurecer — ordenou Wolf.

Rachel obedeceu em silêncio, com receio de que as palavras soltassem uma torrente de lágrimas. Colocaram uma mesa de cozinha sob a claraboia. Wolf trepou para cima da mesa, deu um

pulo para o rebordo da claraboia e transpô-la em seguida. Fechou os olhos por um momento ao observar a inclinação abrupta do telhado. Sentia sempre vertigens quando se encontrava sobre telhados íngremes.

Deitou-se sobre o peito e estendeu, através da claraboia, uma das mãos para dentro da cozinha. Rachel fez sair Stephan antes de si. Wolf fechou a pequena porta e indicou lhes, sem proferir uma palavra, um abrigo atrás de uma chaminé. Stephan e a irmã agacharam-se no sítio designado e viram Wolf desaparecer sobre os telhados do ghetto.

Levou uma hora para percorrer 1500 metros de telhado, descer escadas, atravessar em correria os pátios e os cruzamentos, mergulhar nas caves de amigos.

Wolf compreendeu imediatamente que se tratava de uma reunião muito importante, pois Simon Éden achava-se no cubículo com Andrei e Tolek Alterman. Andrei e Simon raramente se encontravam, para evitar o risco de serem capturados juntos. Acontecia o mesmo com os outros chefes.

Eles não se reuniam senão em caso de urgência, pois na sexta-feira negra os informadores tinham revelado dezenas de esconderijos.

Simon dirigiu-se a Wolf e a Tolek :

— Os Alemães estão a mentir quanto ao caso das deportações.

Um dos meus rapazes conseguiu observar o Umschlagplatz.

Nestes seis dias os mesmos quarenta e quatro vagões tem voltado e tornado a partir. Ora reparem. Os comboios Partem todos os dias às três horas e regressam na manhã seguinte às oito. Dezessete horas de trajeto. Oito e meia a ida e as mesmas oito e meia no retorno. Tirem uma hora para a descarga -e outra para os preparativos de ré— torno. Refleti agora nas condições atuais de um trajeto por caminho de ferro.

— Em resumo — disse Andrei -, é nossa firme convicção de que este comboio não percorre mais de setenta ou oitenta quilómetros.

Tolek passou uma das mãos pelo queixo para melhor desenhar uma imagem mental dos subúrbios de Varsóvia.

— Não existe campo de trabalho algum nem um grupo de campos neste raio que pudessem receber seis mil pessoas por dia — afirmou ele.

— Exatamente.

— Como sabem — prosseguiu Simon -, o meu sistema de ligações foi praticamente destruído na sexta-feira negra.

Perdi quase todos os contatos que possuía no sector ariano.

Andrei entregou a Wolf e a Tolek pacotes com dinheiro.

— Na Porta Tlomatskie está um guarda que pode ser subornado. Saíam com um intervalo de quinze minutos a partir das seis e meia e reúnem-se no apartamento de Gabriela. Encontrareis em casa dela um operário dos serviços de conservação da via. Ele colocar-vos-á em postos de observação convenientes ao longo da via férrea.

Depois de os jovens terem partido, Simon Éden interrogou Andrei quanto às novas armas. Era a mesma história.

Não havia armas. Não havia dinheiro. Não podiam contar com auxílio de Roman e do exército do interior. Evasivas.

Contratempos. Após a sexta-feira negra, não lhes restavam senão quinhentos soldados.

Andrei consultou o relógio e disse que eram horas de se pôr a mexer.

— Terás de ir então a Lublin? — perguntou Simon.

— Sim.

— Se encontrasse um meio de te forçar a não te deslocares lá...

— Não, Simon.

— Estás certo de que poderás penetrar nesse campo?

— Não sei verdadeiramente. Ana conseguiu apanhar o rasto do meu antigo sargento. Um bom soldado. Chama-se Styka. Tenho confiança nele. Trabalha lá há quinze dias.

Ana acaba de me comunicar que ele me fará entrar no campo.

— Andrei, se te perdemos...

— Que perderão, Simon?

Simon pousou as suas largas mãos nos quadris.

— Que perderemos? Há mais de dois anos que me debato no nevoeiro. Tento dizer a mim próprio que nada disto é verdade. Que nada está a acontecer. Estou aturdido, mas nós sobreviveremos pelo instinto.

Andrei deu lhe uma palmada nas costas.

— Bem — disse Simon -, desejar-te boa sorte em Majdanek é bastante ridículo nos dias que correm. Gabriela sabe?

— Não. Prometi nada lhe ocultar, mas não consigo decidir-me a falar lhe desta viagem a Lublin. Porém, no instante em que atravessar a porta do apartamento dela, esta noite, estou certo de que descobrirá o meu segredo.

— Invejo-te, Andrei, por conheceres essa espécie de amor. Andrei, pelo amor de Deus, volta são e salvo. Não poderei continuar sem a tua cooperação.

— Até depois, Simon.

## CAPÍTULO VII

Andrei esfregou os olhos, num gesto de fadiga, e volveu-os para lá dos vidros sujos da janela. O comboio ronco passava por uma pequena povoação de cabanas cobertas de colmo, rodeadas por campos de centeio dos plainos das terras altas de Lublin. A viagem era longa e lenta. Não chegaria a Lublin senão ao princípio da tarde. O velho Styka. Passara-as boas!

As palavras de Simon perpassavam-lhe pela mente.

«Debato-me no nevoeiro... Estou aturdido, mas sobreviveremos por instinto.» Nas noites que precediam uma operação perigosa, Gabriela era também toda instinto. Ela tivera-o nos braços toda a noite, de olhos abertos e sem dizer uma palavra.

Andrei permitiu-se a recompensa de um suspiro e de uma revolta interior dos seus nervos ao pensar que, uma vez mais, acabara de escapar por um fio. Imprevistamente, o comboio parara numa via de resguardo e fora efetuada uma inspeção. A morte e a vida jogaram-se numa troca de olhares com um guarda da Polícia Azul Polaca, que voltou depois para receber a sua gratificação.

A liberdade e a prisão estiveram tantas vezes separadas por um só milímetro que não era capaz de se recordar de quantos momentos de temor já experimentara. Todos os dias o destino, a sorte ou apenas um movimento instintivo se interpunham entre a vida e a morte. Todas as noites, em Mila 19, os Bathyrans relatavam séries de casos acerca de incidentes funestos ou fugas miraculosas.

Andrei tirou um cantil do saco e bebeu um gole de água. Em seguida mordiscou um pedaço de pão duro. Era penoso deitar alimento no estômago quando, contraído pela subalimentação, este recusava distender-se subitamente.

O comboio passou por uma povoação. A via férrea atravessava um vasto campo onde os homens se mexiam, derreados, nos sulcos cavados pelas charruas puxadas por bois e as mulheres se dobravam em duas no seu labor. Estes homens corpulentos, com vestuário de couro, e estas camponesas envoltas



em farrapos negros viviam ainda como primitivos uma existência que quase se não modificara depois dos tempos feudais. A Andrei sempre intrigara a gente do campo. Não conseguia compreender como eles persistiam na sua pobreza, na superstição e na ignorância, sem alimentarem o mínimo desejo de prosperidade para as suas terras ou para as suas vidas.

Andrei recordava-se de uma antiga reunião dos Bathyrans.

Tolek Alterman voltara das colónias da Palestina e, diante de todo o estado-maior, ali presente, exaltara os milagres da secagem dos pântanos e da irrigação dos desertos.

Fora lançada uma subscrição para a compra de tratores e de máquinas agrícolas. Andrei lembrava-se bem de que a sua reação fora apenas de indiferença.

Teria descoberto muito tarde o significado destas coisas?

O solo das terras altas de Lublin era rico, mas ninguém parecia importar-se com isso. No solo árido da Palestina seres humanos dobravam-se pelos rins para extrair o máximo, mercê da sua boa vontade e da sua indómita coragem. Ele sentara-se ao lado de Alexander Brandel na tribuna de um congresso de sionistas. Nesta associação que os mantinha unidos, se bem que os dividissem diversas ideologias, interpelavam-se asperamente uns aos outros e batiam no peito no meio do maior alarido. Quando Alexander Brandel se levantou para falar, todos os participantes se calaram.

— Pouco me importa que as vossas crenças nos façam seguir o caminho da religião, o caminho do trabalho ou o caminho do ativismo. Encontramo-nos aqui porque todos os nossos caminhos atravessam uma floresta densa e obscura na procura da dignidade humana. Para lá da floresta todos os nossos caminhos se fundem numa estrada larga, única e grande que termina nas colinas áridas e corroídas da Judeia. Este é o nosso objetivo comum. O modo como percorrermos a floresta é coisa que diz respeito à consciência de cada um de nós. O lugar onde terminaremos a nossa jornada é para todos o mesmo. Procuramos todos a mesma coisa de diferentes maneiras: um fim para esta longa noite de dois mil anos de trevas e de indescritíveis violências que nos continuará a atormentar até que a estrela de David esvoace no céu do Sião.

Era assim que Alexander Brandel expressava o puro sionismo. As suas palavras tinham soado bem a Andrei, mas não acreditava no conteúdo delas. No fundo do coração, não desejava ir para a Palestina. Abominava a ideia de secar pântanos, de extinguir os focos da malária ou de deixar a terra onde nascera.

Antes de seguir para o campo de batalha Andrei dissera a Alex :

— Desejo apenas ser polaco. Varsóvia é a minha cidade, não Telavive.

E agora, sentado num comboio que se dirigia para Lublin, Andrei perguntava a si próprio se não teria sido castigado pela sua falta de fé. Varsóvia! Revia o olhar cínico, mordaz, do chefe do exército do interior, Roman, e de todos os Romanos e as caras dos camponeses, que não sentiam por ele senão ódio. Os Polacos tinham deixado cavar no coração de Varsóvia este fundo negro de morte sem um grito de protesto.

Outrora existiam vastas salas cintilantes de luz onde os ulanos se inclinavam para beijar a mão das damas que, por trás dos seus leques, lhes concediam doces olhares.

Varsóvia! Varsóvia!

«Menina Rak, eu sou judeu.» Dia após dia, semana após semana, mês após mês, a traição remordia o coração de Andrei. Cerrou os dentes.

«Odeio Varsóvia», disse a si próprio. «Odeio a Polónia e todos os seus malditos filhos da mãe. A Polónia é um caixão.» A visão terrível das ruas do ghetto invadiu o seu espírito.

«Que importa agora? E que existe além deste nevoeiro?

Somente a Palestina. Não sobreviverei para ver porque não acreditei nela.» No princípio da tarde o comboio penetrou, por entre calhas sucessivas, na gare de Lublin, que se encontrava cheia de comboios carregados de material de guerra destinado à frente leste.

Numa outra via de resguardo achava-se um comboio que, nestes dias, oferecia uma imagem vulgar. Deportados. Judeus.

Os olhos experimentados de Andrei examinaram-nos.

Não eram polacos. A julgar pela aparência, imaginou que fossem romenos.

Dirigiu-se para o centro da cidade, onde tinha o encontro com Styka. De todas as cidades da Polónia, Lublin era a que mais odiava. Dos Bathyrans, nenhum restava. Alguns dos judeus nascidos em Lublin achavam-se confinados no ghetto.

Após a ocupação, Lublin tornara-se um ponto de especial interesse que, com Ana, ele observava cuidadosamente.

De modo geral, era em Lublin que se manifestavam os primeiros indícios do que se iria produzir noutros locais.

Ainda em 1939, Odilo Globocnik, o Gauleiter de Viena, estabelecera aí o quartel-general das SS para toda a Polónia.

Os Bathyrans tinham procedido a diversas pesquisas sobre a posição de Globocnik, acabando por concluir que ele se encontrava em luta aberta com Hans Frank e os administradores civis.

Globocnik organizou a brigada Cabeça da Morte. Em Lublin desenvolveu-se a operação que iria empreender a «solução final» do problema judaico. Cada vez que Alfred funk transmitia as mensagens de Himmler, Heydrich a Eichmann, a fonte de Lublin borbotava.

Uma rede de acampamentos, de campos de trabalho e de campos de concentração irromperam na área. Sessenta mil prisioneiros de guerra judaicos desapareceram na teia de aranha de Lublin. Planos chegavam a Lublin e daí eram distribuídos, o que indicava uma certa confusão da parte dos Alemães. Falava-se numa reserva massiva nas terras altas onde se encerrariam vários milhões de judeus... Falava-se num plano de deportação de todos os judeus para a ilha de Madagáscar... Contavam-se histórias sobre o sadismo dos guardas dos campos de Globocnik. A simples menção dos nomes destes campos despertava indizível terror. Lipowa 7, Sobibor, Chelmno, Poltawa, Belzec, Krzywy-Rog, Budzyn, Krasnik. Banhos gelados, choques eléctricos, flagelamentos, cães ferozes, esmagamento de testículos.

A brigada Cabeça da Morte recrutou auxiliares ucranianos e baltas; os Einsatzkommandos patinhavam no sangue quase até aos joelhos e transformavam-se em dementes embrutecidos pelo álcool e pelas drogas. Lublin era o seu centro de ação.

Na Primavera de 1942 começou em Lublin a Operação Reinhard. O ghetto, que era uma miniatura do de Varsóvia, foi

despejado num campo dos subúrbios, situado em Majdan-Tartarski, que denominaram Majdanek. À medida que o campo se esvaziava, iam enchendo de novo com pessoas dos campos e das cidades do perímetro de Lublim e em seguida com deportados vindos de outros países.

Vagas constantes franqueavam os portões de Majdanek; ninguém de lá saía, mas o número dos internados era quase sempre igual.

Que se passava em Majdanek? A Operação Reinhard fazia parte do plano para a realização do qual os comboios deixavam diariamente a Umschlagplatz em Varsóvia? Existiria um outro Majdanek nas cercanias de Varsóvia, como se supunha?

Andrei deteve-se na Praça Litowski e lançou um rápido olhar pela orla dos edifícios civis. Consultou o relógio e verificou que era ainda cedo. Para lá do bulevar podia distinguir uma parte do muro do ghetto. Encontrou um banco vazio e sentou-se; abriu um jornal e distendeu as pernas. O Bulevar de Cracóvia estava repleto de uniformes negros dos nazis e castanhos dos auxiliares.

— Capitão Androwski!

Andrei ergueu os olhos do jornal e reconheceu a figura familiar do sargento Styka, que conservava ainda o bigode Styka sentou-se ao lado do seu antigo comandante e tomou-lhe a mão, emocionado.

— Senhor, tenho estado à sua espera do outro lado da rua, junto dos correios, desde o amanhecer. Pensei que chegasse num dos comboios matutinos.

— Alegra-me ver-te novamente, Styka.

Styka examinou o seu capitão. Esteve prestes a rebentar em lágrimas. Para ele, Andrei Androwski fora sempre o símbolo vivo do oficial polaco. O seu capitão estava agora magro e macilento e as suas belas botas velhas e gastas.

— Não te esqueças de me chamar Jan — disse Andrei.

Styka fez um sinal de aprovação com a cabeça e assoou-se ruidosamente.

— Quando aquela mulher me encontrou e me disse que o senhor necessitava de mim, senti-me feliz como nunca depois do

princípio da guerra.

— Por sorte, residias ainda em Lublim.

Styka resmungou algumas palavras sobre o destino.

— Durante algum tempo pensei fazer uma tentativa para me juntar às forças polacas livres, mas uma coisa conduz sempre a outra. Coloquei uma rapariga em má situação e tivemos de casar. É uma boa rapariga. Temos três filhos e responsabilidades. Trabalho no celeiro. Nada há que se compare aos antigos tempos na tropa, mas cá vou vivendo. Que ganharia em queixar-me? Tentei muitas vezes pôr-me em contato com o senhor, mas não sabia onde o encontrar.

Fui duas vezes a Varsóvia, mas dava sempre com aquele maldito muro do ghetto... ( — Compreendo.

Styka assoou-se novamente.

— Pudeste então arranjar as coisas? — perguntou Andrei.

. Um tipo chamado Grabski é o encarregado dos pedreiros em Majdanek. Agi exatamente conforme as instruções.

Disse lhe que o senhor recebeu ordens do exército do interior para penetrar no campo Majdanek de modo a poder elaborar um relatório destinado ao Governo no exílio em Londres.

.— Que respondeu ele?

.— Dez mil zlotys.

--Pode-se confiar no homem?

.— Ele sabe que não viverá mais vinte e quatro horas se o trair, senhor.

— És um bom amigo, Styka.

— Meu capitão... Jan... necessita verdadeiramente de entrar no campo Majdanek? Conta-se... Toda a gente sabe bem o que acontece lá dentro.

— Nem toda, Styka.

— De que servirá isso?

— Não sei. Talvez... talvez... reste ainda uma migalha de consciência na raça humana. Talvez que, se conhecerem a história, soltem um brado de indignação.

— Acredita realmente nisso, Jan?

— É forçoso que acredite.

Styka sacudiu lentamente a cabeça.

— Não sou mais do que um simples soldado. Não consigo exprimir as coisas com muita exatidão. Até ser transferido para a 7.ª brigada dos ulanos tinha pelos Judeus o mesmo sentimento que qualquer outro polaco. Odiei-o, senhor, mal lá ingressei. Mas... o meu capitão podia ter sido um judeu, mas ele não era um judeu. O que quero dizer, senhor, é isto: ele era um polaco e o melhor soldado que se encontrava nos ulanos. Os homens da nossa companhia bateram-se uma dúzia de vezes para defender o nome do seu comandante. Nunca o soube, senhor, mas, por Deus, nós ensinámos-lhes a respeitar o capitão Androwski.

Andrei sorriu.

— Desde que a guerra começou tenho observado a maneira - como os Alemães se têm comportado e penso, Mãe Santíssima, que temos agido de maneira semelhante nestes "últimos séculos. Porquê?

Como podemos pedir a um demente que se sirva da razão ou a um cego que veja?

— Mas nós nem somos cegos nem dementes. Os soldados da companhia não permitiriam que desonrassem o seu nome senhor. Porque havemos de consentir que os Alemães façam isto?

— Tenho refletido durante muitas horas nestas coisas Styka. Nunca desejei ser outra coisa senão um homem livre no meu país. Perdi a fé, Styka. Eu amava este país e acreditava que um dia ganharíamos a nossa luta pela igualdade.

Mas agora penso que o odeio profundamente.

— E crê realmente que os outros países se interessarão mais do que nós, os Polacos?

A pergunta assustou Andrei.

— Por amor de Deus, não vá ao campo Majdanek.

— Sou ainda um soldado, mas agora um pequeno soldado noutra espécie de guerra, Styka.

Styka compreendeu a resposta.

A cabana de Grabski ficava do outro lado da ponte sobre o rio Bystrzyca, perto da gare do caminho de ferro. Grabski estava vestido com uma camisola interior fina ensopada de suor e maldizia o

intenso calor que mantinha a atmosfera numa calma e num silêncio pesados antes do pôr-do-sol. Ele assemelhava-se a um tijolo quadrado; tinha cara redonda como a Lua, mas bem polaca. As moscas pululavam em redor da malga de lentilhas onde mergulhava nacos de pão bastante negro. Fez escorrer metade das lentilhas pela goela abaixo, regou-as com cerveja e deu um arroteo que lhe saiu do mais profundo das entranhas.

— Então? — perguntou Andrei.

Grabski fitou os dois homens. Grunhiu uma espécie de «sim» como resposta. Depois acrescentou :

— O meu primo está empregado na Repartição do Trabalho.

Ele pode arranjar uns papéis que habilitarão o senhor a fazer-se passar por operário. Demorará uns dias. Eu introduzi-lo-ei no campo dos guardas como membro da minha brigada.

Não sei se poderei conseguir a sua entrada no campo interior.

Pode ser que sim, pode ser que não, mas pode observar tudo do telhado de um abarracamento que estamos a construir. Grabski entornou à malga.

Não posso compreender por que demónio há alguém que queira meter o nariz naquele maldito lugar.

Ordens do exército do interior.

. Porquê? Não existem lá senão judeus.

Andrei encolheu os ombros.

— Dão-nos ordens estranhas.

— Bem, então quanto ao dinheiro?

Andrei desdobrou cinco notas de mil zlotys. Grabski nunca vira tanto dinheiro. Os seus dedos grossos e lisos, a que os anos de trabalho como pedreiro tinham dado o aspecto de salsichas petrificadas, apoderaram-se das notas num gesto desajeitado.

— Não chega...

— Darei o resto logo que me apanhe a salvo fora do campo.

— Não quero correr riscos por causa desta história dos Judeus.

Andrei e Styka ficaram calados. Grabski volveu os olhos de um para outro a fim de os tentar intimidar. Não tardou a compreender que os homens que tinha diante de si eram tão duros e corpulentos

como as bestas da brigada Cabeça da Morte. Dera-se conta, também, de que Styka o mataria.

Grabski grunhiu, vociferou uma série de pragas e meteu o dinheiro num dos bolsos das calças.

— Esteja cá pelas seis da manhã. Nós vamos tratar do passe.

Um súbito golpe de vento do nordeste fez refluir para o interior da cabana a serapilheira que servia de cortina, ao mesmo tempo que trazia um fedor nauseabundo. Grabski levantou-se da mesa e foi fechar a janela.

— Sempre que o vento sopra, chega-nos aquele cheiro de Majdanek.

Andrei e Styka achavam-se por trás de Grabski. Styka designou com um dedo apontado para o horizonte, a alguns quilómetros de distância, o fumo acinzentado que se escapava de uma chaminé alta.

— Ei-lo — disse Styka. — Majdanek.

— O único meio que os Judeus têm para sair daquele campo é a chaminé — disse Grabski. Divertido por se ter revelado um humorista, desatou a rir.



## CAPÍTULO VIII

Com uma paciência infinita e a mais absoluta confiança Horst von Epp esperava a capitulação de Christopher dê Monti, após a visita que este fizera ao ghetto. Horst representou o seu papel como mestre consumado que era em fazer acionar fantoches, persuadido de que Chris se afundava de tal modo que não tardaria a tocar os fundos mais extremos da amoralidade, dos quais não se voltava mais. À medida que as semanas e os meses se escoavam, Horst via os seus cálculos tornarem-se realidade.

Chris bebia atualmente sem moderação, e as mulheres às quais até então resistira partilhavam agora constantemente do seu leito. Tornou-se um convidado regular das festas íntimas a que outrora fugia, E à medida que se deixava cair na devassidão e no abandono mais se aproximava o instante em que por fim mergulharia nos abismos do amoralismo.

Uma semana, um mês, dois, ainda, que importava se Horst estava certo da queda inevitável de Chris? Um dia ele viria até Horst para lhe suplicar que salvasse a vida de uma judia qualquer do ghetto; então saldariam as contas em aberto.

As festas oferecidas pelo Dr. Franz Koenig eram deliciosas orgias que os generais recordavam com encantamento durante as longas noites de Inverno na frente oriental. Koenig condimentava-as sempre de modo a fornecer lhes um sabor internacional, incluindo nelas geralmente o corpo diplomático, a imprensa, as estrelas do momento, bem como os mais elevados dignitários nazis. Ele nada poupava no sentido de obsequiar os seus convidados com os mais subtis refinamentos nos domínios da glotonaria e dos folguedos.

Além de contar com as cortesãs mais proeminentes de Varsóvia, Koenig importava regularmente de Berlim novas louras, jovens, esbeltas e impudicas, e representava o papel de um industrial degenerado com bastante requinte.

O Dr. Koenig inaugurou a sala de baile, recentemente remodelada, como o primeiro grande acontecimento da temporada

de Verão de 1942. A sala achava-se decorada com sumptuosa elegância. Entre o tilintar dos copos, as vénias, os beija-mãos, os rumores corriam com exuberância e concluíam-se negócios, organizavam-se trocas e ajustavam-se subornos de toda a ordem. A maior parte das conversas giravam à volta das novas penetrações das forças armadas germânicas. El Alamein, no Norte de África, estava prestes a tornar-se presa do magnífico Afrika Korps de Rommel, e na frente russa, o rio Dom fora atingido. Os convidados japoneses patenteavam um ar de petulante confiança.

Os Americanos não se haviam ressarcido da devastação de Pearl Harbor. O estado-maior japonês era positivo: A América jamais teria a coragem de consentir nos sacrifícios necessários para desalojar os Japoneses das ilhas do Pacífico.

Era uma noite de festa para o Eixo. A América entrara na guerra demasiado tarde e mal equipada. O lustre da nova sala de baile do Dr. Koenig fazia de tal modo revolver o miolo dos seus ilustres hóspedes que havia mesmo quem entresse já uma fulgurante ofensiva alemã contra a Índia, um sonho acalentado por uma dezena de impérios numa dezena de épocas diferentes.

Por volta da 1 hora da manhã os convidados mais pacatos tinham já apresentado as suas despedidas ao Dr. Koenig.

Os restantes, divididos em pequenos grupos, repartiam-se pelos confortáveis salões que comunicavam com a sala de baile.

Uma hora depois não restariam senão os dez ou vinte convidados do círculo íntimo do Dr. Koenig e as cortesãs importadas de Berlim para a ocasião. Então começaria o número mais sério: uma orgia monumental.

Chris bebera mais do que seria razoável. Encontrava-se naquele estado de embriaguez calma em que todas as tensões que o consumiam pareciam ter-se esvaecido, instalado na biblioteca, repousava a cabeça no ombro de uma jovem modelo alemã. Ela sentia-se encantada por ter conhecido um italiano. Ele disse-lhe que já se passara muito tempo após a sua última aventura amorosa com uma alemã e que uma breve ligação entre os dois seria deveras divertida. O aposento achava-se mergulhado na obscuridade; apenas

a luz Vaga de um candelabro e alguns reflexos provenientes da sala de baile penetravam a sombra profunda.

Um adjunto de Koenig aproximou-se da jovem alemã e murmurou lhe ao ouvido algumas palavras tão rápidas que Chris não conseguiu decifrar lhes o sentido no meio do seu estupor alcoólico. Aparentemente, a presença dela era essencial para o ato que se iria representar em seguida e não podia ser dispensada. Ela afastou-se, depois de ter proferido umas quantas desculpas e promessas. Chris soltou um grunhido e fechou os olhos durante um momento.

Quando os abriu, passou a língua pelos lábios e fez correr os olhos à sua volta, à procura de um criado. A silhueta de uma mulher, de pequena estatura, recortava-se no limiar da porta. Chris tentou refletir. Vira a jovem algumas vezes durante a noite, mas sempre à distância. Tinha a certeza de que a encontrara já algures e notara que ela o fixara atentamente várias vezes.

Ela penetrou na biblioteca e dirigiu-se para um canto junto do candelabro. Chris levantou-se e aproximou-se da jovem, que estava de costas voltadas para ele.

— Conheço-a? — perguntou.

Ela voltou-se, encarou-o e levantou o queixo para o candelabro.

— Outrora conhecia-me.

Ele mirou-a furtivamente, a fim de a identificar à luz lívida.

— Gabriela!

Ela inclinou a cabeça num gesto de aprovação. Ele empalideceu.

— Mas que diabo faz aqui? Que deseja?

— Um velho amigo tem necessidade de o ver. Acha-se numa situação desesperada.

— Andrei?

— Sim.

Chris enxugou a fronte húmida.

— É impossível. Além disso, é perigoso para si encontrar-se aqui. Perigoso para nós dois. — Tomou lhe um braço. — Espere. Deixe-me pensar.

— Oh, está aí, Chris! Tenho andado a procurá-lo( Chris rodou sobre os calcanhares; Horst von Epp aproximava-se, olhando fixamente para Gabriela.

— Lamento não ter podido chegar cá mais cedo, mas suponho que não se passou nada de interessante, até agora, pelo menos, o que valorizará mais os restantes números da festa Por Deus, Chris, você tem um talento extraordinário ara descobrir as mais belas mulheres.

Gabriela representou o seu papel; acolheu com um sorriso tímido o galanteio de Von Epp.

. Bem, então não nos apresenta, Chris?

— Sim... certamente.

Chamo-me Victoria Landowski. Acabo de chegar de Lemberg para visitar um primo que reside em Varsóvia.

Conforme as muitas descrições que ouvi, creio achar-me na presença do barão Von Epp.

— Minha senhora — disse Horst, tomando a mão de Gabriela. Beijou-a com certa emoção e lançou lhe um olhar que significava muitas coisas. Por sua vez, ela respondeu lhe com um olhar destinado a fazer lhe sentir que compreendia e acolhia naturalmente as suas intenções.

— Onde está instalada, menina Landowski?

— Não sei ainda ao certo onde me alojarei, barão. Porque não comunicar convosco logo que me encontre instalada?, Horst inclinou-se numa mesura e recuou num movimento cavalheiresco, a fim de ceder a jovem a Chris, pois tinha a promessa de uma futura entrevista.

— A estação de Outono será magnífica... Diga-me, Chris, sente-se indisposto?

— O Dr. Koenig é muito generoso com os líquidos que serve. Creio que bebi um copo a mais.

— Porque não vamos tomar um pouco de ar fresco, Chris? — perguntou Gabriela.

— Boa ideia.

Horst von Epp observava-os quando saíam da sala ;

Aquela linda jovem, de aspecto tão doce, intrigava-o. Imaginou-a na cama... Um adjunto de Koenig murmurou lhe algumas palavras ao ouvido. Horst estava convidado para o próximo ato, que se desenrolaria no jardim, onde as raparigas se encontravam prontas a divertir os convidados.

O porteiro fechou a porta do Fiat de Chris. O jornalista procurou, a tatear, a chave de contato.

— Foi bem louca ao fazer a sua aparição neste covil, Gabriela — resmungou ele.

Chris conduzia com certa lentidão, e sem destino certo verificando constantemente no retrovisor se era ou não seguido.

— O que quero dizer lhe é o seguinte: as coisas mudaram — Respondo lhe que isso é bastante evidente.

— Gaby, você não compreende.

— Compreendo perfeitamente. Disse a Andrei que era um desperdício de tempo, que você não viria.

— Gaby...

— Se você tivesse a mais leve simpatia por ele, não se manteria afastado durante dois anos e meio — disse ela.

Chris desejava dizer a Gabriela que tentara vê-la no último ano anterior, mas que lhe perdera o rasto depois de a jovem mudar de apartamento. Mas não o conseguia dizer.

— Onde se encontra ele? — perguntou Chris num impulso súbito.

— Num quarto de hotel perto do Yacht Club, em Saska Kempa.

Chris aspirou uma lufada de ar fresco, disse qualquer coisa ininteligível por entre dentes, examinou uma vez mais o retrovisor, fez depois uma viragem em U e meteu pelo Bulevar 3 de Maio, em direção da Ponte Poniatowski.

Em Saska Kempa ocultou o carro no estábulo de um condutor de galera, a algumas centenas de metros do hotel de aspecto miserável.

Um aperto de mãos frouxo. Chris evitou os olhos de Andrei. Os dois homens disseram-se umas quantas palavras, numa conversa

ligeira mas insuportável. O jornalista instalou-se numa cadeira com estofos puídos e estudou os desenhos do linóleo, no soalho.

— Como têm corrido as coisas?

— Assim assim.

— Tens visto Deborah?

— Sim; ela vai menos mal.

— E os filhos?

— Vão menos mal também.

— Podes dar-me um copo de água? Tenho a garganta completamente seca.

Chris bebeu a água de um trago e ergueu os olhos para Andrei e para Gabriela.

— O diabo de um encontro, este, não é? Bem, cá estou Gaby falou-me em qualquer coisa de desesperado.

— Temos necessitado muito de ti nos últimos dois anos e meio —olveu Andrei. — Mas não te pediria que viesses encontrar-te comigo se não tivesse uma coisa muito importante a dizer-te.

Observou Chris, que fazia uns pequenos gestos de inquietação.

— De que se trata? — Chris fitou Gabriela, mas a expressão da jovem não lhe ofereceu conforto algum.

— Chris — declarou Andrei numa voz que fremia num tom de súplica, que não lhe era habitual -, dezenas de milhares de seres humanos estão a ser assassinados diariamente nos campos de extermínio. Nós elaborámos um relatório autêntico, que revela em pormenor os locais, os nomes dos executores, dos chefes e o método da operação.

Dirigimo-nos ao exército do interior e implorámos lhes que fizessem chegar este relatório ao Governo no exílio, mas eles recusaram prestar-nos o menor auxílio. Em cada dia que passa são destruídos vinte, trinta, quarenta, cinquenta mil seres humanos. Chris... é preciso que faças sair de cá este relatório, para que seja difundido pela imprensa mundial.

Este banho de sangue deve cessar. Tu és o nosso único recurso.

Chris ergueu-se.

— Tenho ouvido falar nesta história, mas não acredito nela. A Alemanha é um país civilizado. Os Alemães não são capazes de fazer o que afirmas. É uma mentira.

— Acabo de voltar do próprio interior do campo Majdanek.

Se quiseres entrevistar o teu amigo barão Von Epp, fornecerte-ei com o maior prazer as principais perguntas que lhe poderás formular.

Chris abateu-se novamente sobre a cadeira, possuído por profundo estupor. Andrei colocou diante dele um caderno com uma centena de páginas datilografadas. Chris lançou lhe um olhar de través, mas retirou a mão.

— Não sou o homem de que necessitas — murmurou.

— Chris, passámos muitas horas juntos a examinar este mundo sórdido sob os nossos microscópios. Eu sei que nos dois últimos anos te apartaram de nós, mas sempre acreditei com toda a minha alma que lá no íntimo serias incapaz de fechar os ouvidos aos gritos de angústia sem te destruíres como ser humano.

— Disse-te não! Por que diabo me pediste para vir cá?

— Chris! Chris! Chris! Tu e eu acreditamos na finalidade nobre do homem! Não nos podes voltar as costas!

Os dedos de Chris tamborilavam na mesa com um ruído monótono.

— Eu já antes bradei por justiça, Andrei! Denunciei os assassínios e as violações na Espanha, mas os meus gritos caíram no vácuo.

— Meu Deus, Chris! Os homens têm-se sempre destruído mutuamente. Eles fá-lo-ão sempre. Tu não podes bater em retirada apenas porque uma vez foste desiludido.

— Crês realmente que esta trampa de mundo se deixará comover por um relatório? Tu és um louco e eu não. Ninguém se deixará impressionar com o assassínio dos Judeus ou com a morte dos Indianos pela fome, nem tampouco com as inundações na Holanda ou com os tremores de terra no Japão enquanto os ventres sórdidos dos homens continuam a encher-se! A tua maldita consciência humana é um mito, Andrei.

Andrei debruçou-se sobre Chris. Sacudiu os ombros do jornalista, mas este não queria render-se. Andrei, então, começou a ajoelhar-se lentamente :

— Chris, suplico-te de joelhos que nos ajudes.

Furiosa, Gabriela sacudiu Andrei.

— Levanta-te! — ordenou lhe ela. — Põe-te de pé! Não quero que tornes a fazer isso diante de um homem, seja ele quem for.

Chris volveu a cabeça, banhada de suor, para Gabriela, cujos olhos brilhavam de cólera. Com um olhar lívido, ele tentou interrompê-la.

— Você é um hipócrita, um ignóbil filho de uma cadela — disse Gabriela numa voz fremente. — Você está instalado no seu trono e observa-nos a todos nós, pequenas formigas, a debatermos no meio de extremos pavores, na nossa tentativa de alcançarmos a sobrevivência. Você faz-nos mesquinhos comentários e torpes observações. Apresento-vos Christopher de Monti, campeão da imprensa! Oh, meu Deus, não!

Não suje as suas preciosas mãos com o nosso sangue.

--O que sempre desejei foi que Deborah vivesse...

Apenas isto... Nada mais. Eu sei que ela não me quererá ver novamente, mas desejo que ela viva... Eis o que sempre desejei.

— A tua irmã é uma mulher muito afortunada, Andrei.

Numa só existência conheceu dois homens notáveis como Paul Bronski e Christopher de Monti, que venderiam a alma por ela.

Andrei estava sucumbido pela fraqueza e pela humilhação.

— A minha irmã é uma mulher — murmurou. — Ela preferiria sacrificar a vida e a dos filhos a permitir que a salvasses pelo preço de uma traição aos Alemães.

— Basta, Andrei — disse Gabriela. — Olha para ele. Vê, está completamente degenerado.

Andrei abandonou a partida. Dirigiu-se para a porta.

--Tinhas razão, Gabriela. Não lhe devíamos ter pedido que cá viesse. Gostaria de te cuspir na cara, Chris, mas tenho de poupar as energias.

Andrei deixou o quarto.



— Você não merece sequer que ele lhe cuspa na cara — disse Gabriela, que se retirou em seguida.

Chris abateu a cabeça sobre a mesa e rompeu a chorar. As lágrimas e a saliva sufocavam-no. Pousou uma das mãos no relatório. Ergueu a cabeça. Recobrou o domínio de si próprio e debruçou-se sobre a primeira página.

RELATÓRIO DAS ORGANIZAÇÕES JUDAICAS ASSOCIADAS SOBRE OS CENTROS DE EXTERMÍNIO EM ACTIVIDADE NA ÁREA DO GOVERNO-GERAL DA POLÓNIA, EM JULHO DE 1942.

Podemos declarar com firmeza que existem na área do Governo Geral quatro centros criados com o único propósito de proceder a exterminações coletivas. Além destes, existem mais dois campos que servem simultaneamente para concentração e extermínio. Foram criados quinhentos campos de trabalho escravo na Polónia, dos quais cento e quarenta são destinados aos Judeus. Todos eles contêm diversos meios de assassínio.

A única conclusão a tirar é que o plano geral alemão em curso visa a destruição absoluta do povo judaico. No princípio, inanição coletiva, epidemias e execuções dizimaram dezenas de milhares de pessoas nos diferentes ghettos. Após a invasão da Rússia, kommandos pertencentes a quatro grupos de ação especial chacinaram várias centenas de milhares de judeus. O ponto culminante do plano é agora o assassínio em massa. Deve concluir-se que tal plano não pode provir senão de Hitler, com a colaboração de Himmler e de Heydrich. A sua execução é efetuada pelo chamado Departamento 4-B da Gestapo (assuntos judaicos), sob a direção do tenente-coronel Adolfo Eichmann.

Os centros de extermínio estão situados em terminais dos caminhos de ferro e geralmente em áreas isoladas. Os seus guardas pertencem às Waffen SS e com eles cooperam auxiliares ucranianos e baltas. Para realizar esta operação é utilizada uma quantidade enorme de planos, materiais e mão-de-obra, numa altura em que a Alemanha está a conduzir uma guerra em diversas frentes. Por exemplo: os vagões de caminho de ferro devem ser usados de preferência no transporte de material de guerra para a frente russa; contudo, a deportação de judeus dos países ocupados para a Polónia

parece ter prioridade sobre as necessidades do exército. Além disso, milhares de engenheiros, de cientistas, de técnicos, estão ligados a esta operação, bem como mão-de-obra, de que existe uma necessidade desesperada.

Podemos calcular com precisão que o concurso de duas a três centenas de milhares de homens está direta ou indiretamente envolvido neste plano. Todo este esforço testemunha a vontade demencial dos nazis, assim como a gravidade da nossa situação.

Todos estes campos funcionam segundo um padrão básico.

É observado o embuste e mantido o segredo. Isto certamente indica que os nazis têm consciência do mal que praticam. Em cada campo, os deportados são encaminhados, logo que chegam, para os centros de seleção. Uns poucos são enviados para trabalho escravo. Os restantes, incluindo mulheres e crianças de tenra idade, são conduzidos para um «centro sanitário», com a ilusão de que aí vão tomar um duche de desinfecção. Rapam lhes o cabelo. Os guardas representam até final o seu papel nesta tragicomédia; entregam um pedaço de sabão (que depois se averigua ser uma pedra) a cada vítima, indo ao extremo de lhes dizerem que tomem bem conta do número do cabide em que têm o vestuário dependurado. Muitas mulheres tentam esconder as crianças nas roupas ou mesmo lançá-las dos comboios, para os camponeses, mas são quase sempre descobertas.

Quando os ocupantes se encontram já no interior do «centro sanitário», é fechada uma porta de ferro e um guarda abre as torneiras do gás. Os primeiros gazeamentos eram feitos com monóxido de carbono que se escapava dos motores. Porém, este método revelou-se lento e dispendioso, devido à gasolina utilizada. Assim, a companhia de Inseticidas de Hamburgo preparou uma mistura de ácido prússico denominada Cyclon B. A morte não demora mais do que alguns minutos.

Os trabalhadores escravos judeus limpam as câmaras e removem os cadáveres para os crematórios, onde são queimados. A princípio a cremação efetuava-se em valas ao ar livre, mas o fedor era insuportável.

Os trabalhadores judaicos perdem, geralmente, a razão volvidas poucas semanas.

Existem muitas variantes, mas este é o padrão geral. Os dentes de ouro são arrancados dos cadáveres antes de os queimarem. Qualquer objeto de valor que porventura se encontre é destinado ao esforço de guerra alemão. Tudo o mais -vestuário, óculos, sapatos, membros artificiais, mesmo bonecas — é depositado em armazéns e depois examinado, a fim de se verificar se há objetos escondidos.

Os cabelos são empacotados e expedidos para a Alemanha, a fim de serem utilizados na confecção de colchões e na manufatura de periscópios de submarinos. Num campo os cadáveres são feitos ferver para se lhes extrair a gordura, que é empregada no fabrico de sabão.

Afora os campos polacos, temos razões para acreditar que vários campos na Alemanha dispõem de meios de extermínio. Dachau, entre outros, é usado como «centro médico experimental». Seres humanos são forçados a submeter-se a várias experiências, tais como enxertos dos ossos, transplantação de órgãos, testes sobre a resistência para além de todos os limites humanos em matéria de congelação, choques eléctricos, etc. Em todos os campos, quer sejam de trabalho, quer de extermínio, as indignidades, violências de toda a ordem, tortura a violação são moeda corrente, conforme se verificará nas folhas anexas.

Servindo-se dos seus meios habituais de extermínio, os Alemães são capazes de assassinar um mínimo de cem mil pessoas num só dia na Polónia. Não possuímos os números referentes às que são mortas no interior da Alemanha. Os campos polacos operam, correntemente, até ao limite da sua capacidade de extermínio. Estão a ser construídas novas câmaras de gás e crematórios a fim de a média geral ser aumentada.

Eis os campos polacos :

DISTRITO DE LUBLIM.

Belzec — Situado na via férrea Lublim-Tomaszow, perto de Rawa Ruska. É alimentado por judeus da área Lwow-Lemberg. Capacidade : dez mil por dia.

Sobibor — Perto de Wlodawa, entre Wlodawa e Chelm. Crê-se que a capacidade é de seis mil por dia.

Majdanek — Um dos primeiros campos de concentração nos subúrbios de Lublim, em Majdan-Tartarski, sob a direção pessoal de Odilo Globocnik, Grunführer das SS na Polónia. A capacidade excede dez mil por dia.

#### POLÓNIA OCIDENTAL.

Ckelmno — O centro de extermínio mais antigo (em atividade nos fins de 1941), a 15 quilómetros de Kolo, na via férrea entre Lodz e Poznan, destinado ao extermínio de judeus da Polónia Ocidental.

#### POLÓNIA CENTRAL.

Treblinka — O mais recentemente descoberto pela organização clandestina, situado na província Sokolow Podlaski, perto de Varsóvia.

Liquidação de judeus do ghetto de Varsóvia, bem como de Radom, Bialystok, Grodno, do Báltico, de Czenstochowa, de Kielce.

#### POLÓNIA MERIDIONAL.

Auschwitz — Situado nas cercanias da aldeia silesiana de Oswiencim.

O campo de concentração possui uns cinquenta campos de trabalho satélites. Os meios de extermínio encontram-se num complexo denominado Birkenau. A sua capacidade excede quarenta mil por dia. Ciganos, prisioneiros de guerra russos, presos políticos, de delito comum e outros são liquidados aqui, assim como judeus.

RELATÓRIO SUPLEMENTAR N.º 1 Por «Jan», no campo de extermínio de Majdanek, em Lublim Consegui entrar em Majdanek sob o disfarce de operário polaco, um entre as centenas de homens que se ocupam em trabalhos de construção nos recintos exteriores, contíguos ao campo.

As 7 horas da manhã deixei Lublin com um grupo denominado «Leopold». A galera que nos transportava fez alto no terminal ferroviário, que fica afastado cerca de 1 quilómetro da entrada principal do campo. O terminal encontra-se ao lado da estrada principal.

Sentámo-nos, à espera, enquanto alguns milhares de judeus romenos eram conduzidos pela estrada rumo ao portão do campo.

Uma fila de furgões da Cruz Vermelha aguardavam ao longo do edifício da gare. Guardas alemães enchiam estes furgões com pessoas idosas, inválidos, crianças de tenra idade e outros incapazes de percorrer 1 quilómetro a pé. Leopold disse-me que estes furgões da Cruz Vermelha eram, na realidade, selados e que seria impossível a alguém evadir-se deles. Uma vez em movimento, o monóxido de carbono proveniente do escape era reencaminhado para os furgões, de modo que, mal chegavam a Majdanek, os seus ocupantes se encontravam já mortos.

(Nota. — Este mesmo método fora utilizado tanto em Chelmno como em Treblinka, mas puseram-no de parte em virtude de ser lento e dispendioso.) Entrei no recinto exterior às 8 horas, por um portão no qual estava afixado o seguinte dístico: o TRABALHO LIBERTA. A minha brigada trabalhava num abarracamento no campo exterior, a 50 metros do campo interior, e que era usado por um novo contingente de guardas. Conseguí instalar-me no telhado de uma construção de dois andares, num recanto resguardado, donde observava as proximidades graças a um binóculo de campanha que trouxera na caixa que continha o meu almoço.

Devo declarar que, segundo os meus cálculos, a superfície total do campo era de 600 ou 700 acres. A contar da sua extremidade mais próxima, distava somente cerca de quilómetro e meio de Lublim.

O campo exterior continha os abarracamentos dos guardas, a casa do comandante, um depósito geral, uma garagem e outras edificações de serviço de carácter permanente.

O recinto interior compunha-se de quarenta e seis barracas de madeira do tipo usado pelos Alemães para os seus estábulos militares.

O ar e a luz penetravam por uma fenda estreita de claraboias.

Disseram-me que cada barraca continha cerca de quatrocentos prisioneiros.

O que significa, evidentemente, que se encontram apertadíssimos, com espaço apenas para as tarimbas e dispendo de um estreito corredor de acesso à porta.

O recinto interior está cercado por um muro duplo de arame farpado com 5 metros de altura. Entre os dois muros os ucranianos fazem, com lobos-da-Alsácia, patrulhas constantes. Disseram-me que, à noite, o muro da parte de dentro é eletrificado.

Altas torres de vigia, providas de holofotes e metralhadoras, erguem-se de 25 em 25 metros ao longo do muro exterior.

Leopold chamou-me a atenção para a série de barracas que se encontravam mais próximas de nós. Disse-me que eram os depósitos.

Os judeus romenos que eu vira antes no terminal ferroviário achavam-se já na primeira barraca, onde funcionava um centro de seleção.

Somente alguns haviam sido conduzidos para o campo. Os restantes atravessaram um terreno plano e aberto em direção de uma edificação em cuja fachada pude distinguir claramente a inscrição: CENTRO SANITÁRIO.

O «centro sanitário» é bem vistoso; à sua volta veem-se relvados, árvores e flores.

Depois de terem sido reunidas quatrocentas pessoas, o desfile da multidão formada em bichas junto do depósito foi interrompido, e o grupo dos quatrocentos foi introduzido no «centro sanitário». Cerca de dez minutos depois ouvi uma série de gritos de horror que não duraram mais de dez ou quinze segundos. O «centro» foi depois invadido por prisioneiros judaicos (Sonnderkommandos), que, disseram-me, limpam a câmara e removem os pertences pessoais das vítimas para o segundo depósito, onde são examinados.

Dez minutos após a primeira gaseagem, os prisioneiros judeus trouxeram os cadáveres para fora. Pude vê-los distintamente. Tratava-se dos quatrocentos que tinham entrado vinte minutos antes.

Em veículos parecidos com trenós, os cadáveres eram empilhados à razão de seis a oito por «trenó» e os veículos puxados pelos prisioneiros judeus. Os Sonnderkommandos saíam do campo interior por um portão que dava para uma estrada lateral de cerca de 1 quilómetro que subia uma pequena elevação. No cimo havia

um vasto edifício com uma alta chaminé. Consegui ver tudo isto também graças ao meu binóculo de campanha.

Este processo de extermínio pelo gás demorava trinta minutos para quatrocentas pessoas. No primeiro dia da minha observação efetuaram-se doze gaseagens, em que foram liquidadas aproximadamente quatro mil e oitocentas pessoas. No segundo dia contei vinte ou seja oito mil pessoas, e no terceiro dezessete, em que pereceram seis mil e oitocentos seres humanos. Disseram-me que num período de vinte e quatro horas se chegavam a registar para mais de quarenta gaseagens, e nunca menos de dez.

Leopold e outros trabalhadores tinham efetuado reparações na câmara de gás e no crematório. Ele contou-me que a câmara é um compartimento de teto baixo de 4 metros por 12. Assemelha-se, em todos os pormenores, a um balneário, sendo, porém, falsas as cabeças dos chuveiros. Um só SS pode controlar o volume de gás através de uma janela de observação provida de barras. Leopold e uma brigada de trabalhadores têm de entrar na câmara de tantas em tantas semanas a fim de refazerem a superfície de cimento, que é freneticamente rasgada pelas unhas das vítimas ao tentarem escapar.

Leopold colaborou também na construção do crematório, logo que foi abandonado o processo de incineração dos cadáveres nas valas ao ar livre, devido ao cheiro nauseabundo. Após a chegada dos trenós ao crematório, os cadáveres são colocados em cima de uma mesa, onde os guardas os examinam a fim de procederem à extração dos dentes de ouro; em seguida abrem os corpos, que sangram para um tubo de drenagem, não tivessem as vítimas engolido ouro ou outros objetos de valor. Depois os cadáveres são transportados para um compartimento contíguo e colocados numa das cinco fornalhas aí existentes, cada uma das quais pode conter de cinco a sete corpos de cada vez. Aos braços e às pernas, quando são compridos de mais, cortam-nos. A cremação dura minutos. Os ossos são retirados das grelhas, pelo lado oposto. Com o meu binóculo pude distinguir montes de ossos da altura de uma casa de dois pisos. Leopold disse-me "que, recentemente, ao proceder à reparação das fornalhas, verificou que fora instalada uma máquina

tritурadora de ossos. O pó resultante dos ossos era ensacado e expedido para a Alemanha, onde o utilizavam como fertilizante.

Christopher de Monti baixou a cabeça e pousou-a entre os joelhos. Começou a vomitar. Vomitou até que os seus intestinos o fizeram gritar de dor. Depois retomou a leitura, página por página. O relatório completo de Andrei Androwski, os relatórios de uma mancha de sobreviventes de Treblinka e Chelmno e dos campos de trabalho.

Meu Deus, que tenho eu feito? — gritou ele, possuído por profunda angústia. — Sou um Judas! Sou um Judas!

Quebrantado pelos vômitos, as lágrimas, a dor e o álcool, perdeu os sentidos e tombou no soalho.



## CAPÍTULO IX

CAMARADAS JUDEUS! ATENÇÃO!  
NÃO SE APRESENTEM NA UMSCHLAGPLATZ PARA  
DEPORTAÇÃO!

O DESTINO É UM CAMPO DE MORTE SITUADO PERTO DA  
ALDEIA DE TREBLINKA!

ESCONDAM AS CRIANÇAS! RESISTAM!  
ESTE É O SINAL PARA UMA INSURREIÇÃO! JUNTEM-SE A  
NÓS!

FORÇAS UNIDAS

Entrada do diário.

Oh, meu Deus, porque nos abandonaste? Como é possível que o homem tenha chegado a tal grau de perversidade?

Encontramo-nos no fundo de um negro abismo e é meia-noite! Em toda a longa história de torturas do nosso povo atingimos o ponto da maior degradação.

*Alexander Brandel*

Como resultado imediato destas revelações, verificou-se a união, há tanto tempo procurada, dos mais inconciliáveis elementos do ghetto. Simon Éden e os trabalhistas tinham já concluído um acordo de cooperação com Andrei e os Bathyrans.

Agora os comunistas, vários pequenos grupos religiosos e certo número de personalidades isoladas congregavam-se em torno da bandeira única das Forças Unidas. Os revisionistas aceitaram cooperar sob certas condições. Simon Éden foi designado comandante, tendo Andrei Androwski como adjunto. Os comunistas encarregaram-se das atividades do outro lado do muro. Embora não fossem muito numerosos no ghetto, os comunistas do exterior eram, todavia, os aliados mais constantes e decididos com que se podia contar de entre todos os grupos que agiam no sector ariano. Wolf

Brandel foi enviado para a zona da fábrica de escovas, a fim de organizar uma unidade de combate no interior do complexo industrial.

As Forças Unidas possuíam sessenta pistolas, trinta e quatro espingardas e uma só arma automática.

As pistolas e as espingardas eram de modelos e calibres tão diferentes que algumas não tinham mais de meia dezena de munições. Este minúsculo arsenal foi, no entanto, reforçado por vários milhares de bombas de garrafa e de granadas de tubo fabricadas pelo químico Jules Schlosberg na cave de Mila 19.

O número total de combatentes elevava-se a quinhentos e sessenta jovens de ambos os sexos, a maioria dos quais não tinha ainda mais de vinte e poucos anos, com uma preparação militar nula ou rudimentar.

Entrada do diário.

O apelo à rebelião caiu em ouvidos de surdos. Como pode o povo revoltar-se? De que meios dispõe para efetuar um levantamento? Que auxílio receberia do exterior?

Numa banalidade suprema da língua alemã, os nazis referem-se às exterminações sob a designação de «tratamento especial». O desejo de sobreviver tornou-se tão intenso que o povo não quer de modo algum acreditar que exista um campo de morte em Treblinka. A Milícia Judaica e os membros da Autoridade Civil rasgam os cartazes afixados pela organização clandestina mal eles são colados nas paredes.

As Kennkarten destinadas aos trabalhadores escravos são tidas ainda pelo povo como objetos possuidores de virtudes mágicas — chaves que abrem as portas da vida.

É espantoso que o povo se submeta a uma morte viva pior do que a própria morte. Mesmo as sociedades mais decadentes do passado compreenderam que um mínimo básico devia ser concedido a um escravo, ou a um animal a fim de que ele pudesse produzir uma tarefa quotidiana razoável. Os Alemães chegaram ao ponto de efetuar uma inovação, transformando a Polónia num grande centro

de trabalho obrigatório. Com milhões de trabalhadores suplementares, que de outro modo não viveriam, a competição para a conquista do direito de se tornar um escravo era feroz.

Os escravos das fábricas de escovas e de uniformes do Dr. Koenig são separados das famílias, numerados, chancelados, espancados durante o serviço. Eles trabalham em condições pavorosas, num mínimo de dezesseis a dezoito horas por dia. O aquecimento no Inverno é escasso, e não possuem nem ventilação nem luz. Não dispõem de bens pessoais ou direitos humanos. Aterrorizados e famintos, chegam a lutar entre si pela conquista de alimento, fazendo destas refregas uma outra luta pela vida. Dormem em locais impróprios até para pocilgas. Todos os escravos, em todos os tempos, sonharam com a liberdade, e todos os tiranos nas diversas épocas da história admitiram este sonho. Aqui, a única alternativa é a morte. A menor falta no trabalho, seja por protesto, seja por doença, acarreta a liquidação imediata e a substituição por outro voluntário pronto a tudo para obter o direito de se tornar um escravo.

A grande operação entra na sua segunda semana. Ontem não se apresentaram voluntários na Umschlagplatz. A Milícia e os rouxinóis» invadiram a fábrica de escovas de Koenig e selecionaram metade dos trabalhadores para deportação.

Hoje a Autoridade Civil Judaica lançou um apelo a voluntários para preencher as vagas deixadas em aberto.

A oferta excedeu a procura. Decerto que esta nova artimanha dos Alemães não durará muito tempo, mas é incrível que o povo persista em deixar-se mistificar.

O Doido Nathan para pelas imediações da Umschlagplatz ; lamenta-se e profetiza que será o único sobrevivente de Varsóvia. Eis o seu último salmo :

Os Alemães são muito bons para nós.

Eles fazem mesmo incursões Para nos dar férias livres Com todas as despesas pagas.

ALEXANDER BRANDEL No nono dia da grande operação Alexander Brandel dirigiu-se ao quartel da Milícia Judaica, que ficava defronte do edifício da Autoridade Civil, à esquina das Ruas

Zamenhof e Gensia. A presença de Brandel embarçou fortemente os guardas, que há quase dois anos faziam reinar o terror no ghetto. Ele achava-se mais desganhado do que nunca. A sua débil constituição não os ameaçava, naturalmente, com uma agressão física, mas mesmo assim temiam-no. Alex era um dos raros intocáveis. Se usassem de violência contra ele, a reação que os esperava seria selvagem. Mais do que tudo eles temiam a sua calma. Alex pediu para falar a Piotr Warsinski.

Warsinski, o convertido, cujo ódio aos Judeus igualava o do Corpo Reinhard, temia também Alexander Brandel.

Tinha sempre as costas das mãos violáceas, devido a comichões de origem nervosa. Quando viu Alexander penetrar no seu gabinete, Piotr cravou as unhas na pele das mãos, transformando-a em escamas sangrentas.

— Que me quer? — grunhiu ele.

— Queria entrar na Umschlagplatz e desejo colocar uma dúzia das minhas enfermeiras junto do centro de seleção.

— É doido!

— Pagarei por este privilégio.

— Ponha-se a andar daqui, se não quer ir dar um passeio de comboio.

Aquele maldito sorriso na cara de Brandel! Aquele filho de uma cadela! O que mais odiava em Brandel era a calma. A sua recusa em discutir. No tempo em que era guarda da Prisão Pawiak, ele gostava de ver os encarcerados rojar-se a seus pés, suplicantes e dilacerados. Mas um homem como Brandel não se curvava. Não mostrava medo.

Odiava os bastardos que não mostravam medo. A comichão que Warsinski sentia na pele tornou-se mais insuportável ;

Os seus pequenos olhos humedeceram-se.

Nessa manhã espancara até à morte uma prisioneira.

As mulheres faziam lhe acudir ao espírito demente o espectro da sua impotência, a sua incapacidade de ser homem, mesmo quando as fazia desfilar nuas e as obrigava a realizar toda a espécie de obscenidades com os prisioneiros.

Deixou cair as mãos da secretária, para melhor lhes fincar as unhas.

. Que deseja então?

Falar com o Hauptsturmführer Kutler e com o Sturmbannführer Stutze. Há certas pessoas que são conduzidas para a Umschlagplatz a quem queríamos comprar a libertação.

— Com que pagará?

.— Com dólares americanos.

— Comunicarei o seu pedido. Quanto por cabeça?

Seis dólares.

Qualquer que for o preço que combinarem, acrescente um dólar suplementar para a Milícia.

— Muito bem — disse Alex; afastou-se do gabinete, dissimulando a sua repugnância. Que pérolas de sabedoria tinha ele reunido no decurso de uma vida consagrada ao estudo para que penetrasse o coração de Piotr Warsinski?

Sete dólares por uma vida! Os olhinhos cruéis de Warsinski disseram-lhe que ele, Piotr, havia um dia de observar, do cais, a partida de Alex para o campo de Treblinka num vagão de gado.

O Hauptsturmführer Kutler estava perdido de bêbado quando Warsinski chegou ao quartel das SS. Teve uma crise terrível mal viu as mãos ensanguentadas de Warsinski.

Nos últimos dias Kutler vivia um pesadelo particularmente pavoroso. Revia o morticínio de Babi-Yar e acordava aos gritos de um sonho em que se vira submerso em sangue.

O seu sono era agora atormentado pelas visões de pequenos animais dilacerando-lhe a carne. O Sturmbannführer Stutze tentou pôr de pé o capitão. Enojava-o a débil fibra dos alemães que tinham servido nos comandos de ação especial.

Embriagavam-se constantemente a ponto de serem sacudidos pelo delirium tremens e enchiam as veias de estupefacientes. Os austríacos, como ele, Globocnik e Hitler.

Eram feitos de matéria mais consistente. Quando a guerra acabasse, os austríacos dominariam os espécimes alemães, mais fracos. Kutler não se encontrava em estado de falar.

, Stutze fê-lo conduzir para o seu quarto por dois guardas, depois voltou-se para Warsinski.

— Assim — disse Stutze -, ele ofereceu seis dólares por cada judeu. Quanto cobra da sua parte?

— Um dólar somente por cabeça, Herr Sturmbannführer. E tenho de repartir a soma pela minha polícia.

O austríaco manco refletiu.

— Hum! Que importa? Eles que comprem os Judeus, Acabaremos por os filar de novo não tardará muito.

Somente... os Judeus que façam a troca. Você é judeu, Warsinski. Cuide do negócio.

Warsinski empalideceu ao ver-se tratado por judeu.

— Quero dez dólares por cabeça, pagáveis no fim de cada dia de transação — disse Stutze.

— Sim, senhor.

— E, a propósito: guardaremos este negócio entre nós.

— Sim, senhor.

Ao preço final de onze dólares e cinquenta cêntimos por cabeça Alexander Brandel e as suas enfermeiras foram autorizados a entrar na Umschlagplatz. No decurso de alguns dias que se seguiram eles resgataram escritores, cientistas, músicos, poetas, historiadores, professores, crianças, engenheiros, médicos, atores e rabis de entre os milhares que se comprimiam no comboio diário.

À artimanha de conduzir os operários das fábricas não obteve êxito porque se não encontraram mais voluntários para os substituir. A limpeza seguinte consistiu numa drenagem sistemática do ghetto; milhares de crianças mendigas, de «selvagens» e de pessoas sem eira nem beira foram embarcados para deportação. O Doido Nathan achava-se entre os detidos; Alex, porém, comprou a sua vida; era um historiador sentimental, e o Doido enchera os seus diários com centenas de poemas e anedotas.

As filas dos deportados não apresentavam já a constituição regular e metódica dos primeiros dias. Dinheiro de subornos faiscava por toda a Umschlagplatz. Quando se acabou o dinheiro, os deportados ofereceram relógios, anéis, peles, tudo, para comprar o seu regresso ao ghetto, a fim de viverem um dia mais, uma hora. E

diariamente a marcha para o comboio era interrompida por desesperadas tentativas de fuga, que apenas aumentavam a brutalidade dos guardas.

E diariamente, às 3 horas, quando o comboio partia rumo ao seu destino terrível, havia sempre alguns prisioneiros que restavam. Estes eram conduzidos para o último andar do edifício de seleção, a fim de serem os primeiros na fila dos deportados do dia seguinte. Todas as noites os guardas ucranianos obrigavam os prisioneiros a despir-se, para verificar se tinham consigo objetos de valor. Quanto às mulheres, eram conduzidas aos andares inferiores, onde eram violadas.

No décimo segundo dia da grande operação o conselho dos Bathyrans reuniu-se, sendo pedido a Alex que se mantivesse afastado da Umschlagplatz. Tolek e Ana explicaram-lhe que um capricho de Stutze ou de Kutler seria o suficiente para cancelar a transação e pôr em perigo a sua vida. Alex não quis dar ouvidos a nada; nem às suas ordens, nem mesmo às suas ameaças. Batia-se há muitos anos para insuflar vida aos moribundos. Não podendo deter o fluxo das deportações, ele queria, não obstante, recuperar, a todo o preço, os produtos de uma grande cultura.

E no dia seguinte, como de costume, lá se encontrava, às voltas, no pátio da Umschlagplatz.

— Alex! Vem depressa! O rabi Solomon passou pelo centro de seleção. Vão conduzi-lo ao cemitério para o executarem.

Alex atravessou a praça numa correria, penetrou, quase sem fôlego, no edifício, desceu o corredor, meteu impetuosamente por entre os guardas e entrou no gabinete de Kutler.

O capitão esvaziara já mais de metade da sua primeira garrafa de Schnapps, e ainda não era meio-dia. Alex tinha perdido toda a calma.

— O rabi Solomon! — gritou ele.

— Não te faças engraçado, judeuzinho — disse Kutler abruptamente.

Alex encheu-se de pavor.

— Cem dólares!

— Cem? — O alemão começou a rir. — Cem dólares por aquela velha carcaça de judeu? Cos demónios, o preço dos judeus velhos é óptimo hoje. É teu, judeuzinho!

Alex suspirou e saiu, enquanto Kutler, reclinado na sua cadeira, ria até às lágrimas.

A meio da noite, Sílvia Brandel desceu, na ponta dos pés, ao gabinete de Alexander. Toda a gente dormia em Mila 19, exceto os guardas. Tentara vê-lo durante o dia, mas a porta estava fechada à chave. Ele recusara atender os seus apelos. Ela não sabia se devia zangar-se, ter pena, renovar a sua tentativa ou deixá-lo só. Era, na verdade, um comportamento estranho da parte de Alex. Ela fez girar o puxador da porta e bateu de novo. Ele abriu, mas, ao vê-la, recuou.

Sílvia observou-o pelas costas, tentando adaptar-se a esta situação impressionante, pois Alexander não era um homem como os outros. Para o povo, ele fora sempre um farol de pedra que iluminava e abrigava os que procuravam luz e refúgio. Em vinte anos de casados, ela não se lembrava de o ter visto vacilar ou gritar por socorro. A princípio ficou desconcertada por ele parecer não precisar da compaixão de que os outros homens necessitavam; porém, depois, aprendeu a venerá-lo e a viver para o servir. Alex vivia no seu mundo próprio, uma mistura estranha de ideais e de ideias, e funcionava com reservatórios inexauríveis de paciência e de coragem. Era aterrador vê-lo assim perturbado.

— Como vai o rabi Solomon? — perguntou ela.

— Instalámos lhe um leito na sala do Clube dos Bons Amigos, na cave. Ervin ficará esta noite com ele.

Alex, queres comer alguma coisa? Há ainda um pouco de sopa na cozinha.

— Não tenho fome — murmurou ele.

— São quase três horas. Por favor, vem deitar-te.

Ele deixou-se tombar contra a secretária e enterrou a cabeça nas mãos, em sinal de amarga derrota.

— Alex, eu nunca discuti as tuas decisões, mas suplico-te...

Não voltes à Umschlagplatz. Existe um limite para o que eu posso suportar também.



As lágrimas brilharam nos cantos dos olhos de Alex e correram-lhe ao longo das faces.

— Não existe um só homem que seja capaz de continuar por muito tempo a fazer uma vida destas sem ter um dia um colapso nervoso.

— Falhei — murmurou ele -, falhei.

. És um ser humano. Alex. Deste a tua vida aos outros.

Não posso suportar ver-te, dia a dia, a consumires-te.

. Falhei — repetiu ele, num murmúrio doloroso falhei.

— Alex, por amor de Deus!

— Perdi a cabeça hoje. Perdê-la-ei novamente.

— Estás fatigado... muito fatigado.

— Não. É somente... porque compreendi hoje... que tudo o que tenho perfilhado... tudo o que tenho tentado fazer, está errado.

— Oh, não, querido.

— O meu sistema? Manter mais um corpo com vida durante um dia mais. Toda a minha inteligência, todos os meus expedientes, para salvar um só homem, e agora milhares correm para a morte, e nada posso fazer... nada.

Sílvia tomou-o desajeitadamente por um braço.

— Não quero ouvir censurares-te depois de tudo o que tens feito.

— Feito? — Riu. — Que tenho eu feito, Sílvia? Negociar com traficantes e com nazis? Usar da astúcia e de ardis? Feito? — Tomou as mãos dela nas suas; era novamente o doce Alex. — Eles vão destruir toda a nossa cultura.

Como poderei eu preservar algumas vozes que mostrem ao mundo o que fomos e o que lhe demos? Quem sobreviverá?

Afastou-se da mulher.

— Não falamos disto aqui em Mila 19; eu e Andrei temos tido muito pouco que dizer um ao outro desde o começo da guerra. Sabes porquê? Quando os Alemães ocuparam o País, ele quis conduzir o nosso povo para as florestas a fim de combater. Detive-o. Impedi-o de arranjar armas e balas. O meu sistema? Era preciso que eu tivesse o meu sistema.

— Alex, por favor!

— Errado! Estou errado e sempre o estive. Nem o meu diário nem as orações do rabi Solomon nos libertarão.

Somente as armas de Andrei, mas é muito tarde, e a culpa é apenas minha.

À semelhança das catacumbas de Roma, uma cidade subterrânea foi cavada sob o ghetto de Varsóvia. Todos os que podiam trabalhar participavam nesta corrida frenética para construir esconderijos.

Cinquenta mil portas falsas, cinquenta mil entradas secretas, conduziam a compartimentos artificiais instalados por baixo dos soalhos, a armários, atrás de estantes, a caves, Nas lojas e nas padarias as pessoas ocultavam-se nos fornos extintos e sob os balcões. Arranjaram-se esconderijos mesmo nas fossas e nas lixeiras.

Cada um vivia a um segundo de distância das suas vias de evasão. Não se circulava já nas ruas. As comunicações eram feitas pelos telhados. Por trás de telhas soltas, de chaminés, de quadros, de toucadores, achavam-se ocultas entradas que davam acesso a compartimentos secretos.

As caves não eram maus esconderijos, pois podiam depositar-se nelas grandes quantidades de víveres, e as suas entradas eram facilmente dissimuladas; os sótãos, porém, tinham a vantagem de oferecer melhores vias de fuga.

Todo este engenho não impediu, porém, que a grande operação continuasse a exigir as suas quotas para as deportações.

Os gritos das crianças, o faro de cães treinados, as denúncias dos informadores, revelavam constantemente os esconderijos. Nas ruas, guardas observavam outros guardas que quebravam os vidros de todas as janelas de uma casa, pois as janelas intactas revelavam a presença de um aposento secreto.

Em Mila 19 e em Leszno 92 Andrei e Simon ocupavam águas-furtadas; uma sineta de alarme prevenia-os em caso de perigo e eles pulavam para os telhados, onde os guardas não sentiriam muita vontade de os seguir.

O acesso, através de caixas com grades, às salas secretas do subsolo de Mila 19 foi abandonado por não oferecer segurança

suficiente. Uma sentina falsa foi construída no rés-do-chão. Bastava retirar uma cavilha que não escava bem ajustada ao soalho para que a pia rodasse, pondo a descoberto um buraco na parede com a largura suficiente para um homem nele se introduzir. Uma escada de mão conduzia a novos recantos do subsolo — escavados depois do início da grande operação — que escondiam doze pés— soas que Alex comprara na Umschlagplatz, bem como os arquivos e o arsenal. Um túnel de saída foi ligado a um vasto cano de esgoto que conduzia muito para lá de Mila 19.

A rede subterrânea estendia-se até ser interrompida pela conduta principal do esgoto, que passava justamente sob o centro da Rua Mila. Ouvia-se constantemente o fluxo das águas de esgoto que corriam na conduta.

Pelos fins da terceira semana de Agosto a grande operação foi suspensa bruscamente. As incursões cessaram.

## CAPÍTULO X

Max Kleperman dispunha não somente de um dos poucos telefones do ghetto, mas de dois, o segundo ligado diretamente para a residência do Dr. Koenig, com quem tratava de grande quantidade de negócios. As licenças para a compra e venda de ouro, para a administração de propriedades e bens, para o contrabando, para as informações, eram direitos concedidos exclusivamente aos Sete Grandes.

O telefone particular de Max Kleperman retiniu.

— Ya, Herr Doktor... Ya, Herr Doktor... Ya, Herr Doktor...

Após mais alguns «Ya, Herr Doktor», Max pousou o auscultador e chamou o seu secretário.

— O Dr. Koenig quer ver todos os sócios no meu gabinete daqui a uma hora. Arranje forma de se pôr em contato com eles imediatamente e faça-os esperar aqui. Eu dirijo-me agora à residência do Dr. Koenig e voltarei com ele para a reunião.

Max examinou o seu aspecto, tirou o anel de diamantes do dedo mínimo e bateu as palmas das mãos a fim de chamar o motorista e o guarda-costas. O carro saiu do ghetto pela Porta Krasinski. Max gostava de passear de carro no sector ariano. Dava-lhe prazer olhar para as árvores.

Restava somente uma árvore em todo o ghetto, e essa achava-se defronte da Autoridade Civil. Essa árvore desagradava-lhe, pois sempre pensara que a Autoridade Civil fazia concorrência aos Sete Grandes. Por vezes acariciava a ideia de mandar plantar meia dúzia de árvores diante do seu quartel-general, na Rua Pawiak, mas renunciava a ela por pensar que era uma atitude provocadora.

Max sentia uma afeição especial pelos Jardins Krasinski.

Começara, ainda rapaz, a sua carreira ali, contratando jovens malandrins polacos para roubar os pequenos que faziam as entregas dos comerciantes judeus e revendendo a mercadoria na Praça Parysowski. Esta fora interdita ao comércio quando do início das deportações.

Max deu um suspiro de alívio ao pensar que as deportações tinham cessado. Ele sentia que a atmosfera se estava a tornar insalubre mesmo para ele e para a gente dos Sete Grandes. Certamente que os Alemães tinham conseguido o que pretendiam. A mente de Max voltou-se para o novo negócio que o esperava na residência do Dr. Koenig.

Com as deportações agora suspensas, estava em preparação talvez uma outra negociata de tomo. «Que longo caminho percorri desde os velhos dias!», pensou.

O Dr. Koenig era o melhor dos alemães para negociar.

Ele não insultava nem ameaçava ninguém e não tentava tirar vantagens especiais mal o negócio se encontrasse concluído. Tudo o que o Dr. Koenig desejava era a parte que lhe cabia. Um ótimo tipo, este Dr. Koenig.

Max foi introduzido imediatamente no gabinete do Dr.

Koenig. Sentou-se e comprimiu o charuto, excitado pelas ótimas perspectivas que antecipava. Quando o nazi inclinou a cabeça, indicando lhe que podia fumar, Max acendeu-o com um isqueiro de prata que se achava em cima da mesa.

— Os seus sócios já se encontram à minha espera nos Sete Grandes? — perguntou o alemão.

— Estarão lá, como lhes foi ordenado, Herr Doktor.

— Agora, Max, vamos falar um pouco de negócios.

Kleperman abriu cortesmente os braços.

— Sou um vosso humilde servo. ( Koenig pôs lentamente os óculos, abriu um arquivo e retirou dele uma folha de papel, que examinou.

— Você tem feito uma fortuna nos últimos anos. Max.

O sorriso de Kleperman desvaneceu-se. Por cima do ombro entreviu a presença de dois soldados das Waffen SS de guarda à porta. Max aclarou a garganta e apoiou-se sobre um cotovelo. Que teria Koenig em mente?

— Devo reconhecer que você foi muito hábil. Surripiou-nos quase um quarto de milhão de dólares.

Max esboçou, com a mão, um gesto de protesto.

— Um terrível exagero!

— Um dos seus sócios ofereceu-nos voluntariamente a informação.

Max espetou os dedos grossos entre o pescoço e o colarinho a fim de o desapertar, enquanto o Dr. Koenig lhe lia um relatório terrivelmente exato das suas atividades marginais.

— E por fim — declarou Koenig — você entregou, por intermédio de vários agentes, zlotys aos diretores dos serviços sociais em troca de dólares depositados em bancos suíços. Edifícios que se encontravam sob a sua administração foram alugados à Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo em troca também de dólares. Ora vejamos, Max, você sabe que tudo isto é ilegal!

Kleperman mal ouvia já Koenig. Deu uma olhadela por cima do ombro a fim de ver se os guardas tinham desaparecido miraculosamente. Mas não, eles encontravam-se ainda no mesmo sítio. O hutzpah, o velhaco do Koenig ali sentado com a sua cara e as suas maneiras de santinho, quando fora ele, Kleperman, que arranjara os melhores negócios para os Alemães. Eles tinham esgaravatado na mesma trampa e agora Koenig vinha falar lhe em honradez, retidão. Nada havia de pior no mundo do que um ladrão virtuoso!

— Na minha qualidade de Kommissar dos bens judaicos — prosseguiu Koenig, sinto-me espantado ao verificar a que estado conduziu as coisas por si administradas.

Você traiu Imperdoavelmente a confiança das autoridades de ocupação.

«Pensa depressa! Max Kleperman, encontras-te em maus lençóis...» O cérebro de Max trabalhava com uma rapidez incrível.

Teria de propor uma transação. Jogaria com o dinheiro suíço para salvar o dinheiro sul-americano. Ninguém sabia da existência deste.

— Estou numa situação bastante delicada para negociar — disse Max, sorrindo.

— Eu pensei que você compreenderia a situação.

— Mas, como sempre, Max Kleperman é um homem razoável.

Max fez um gesto na direção dos homens das SS.

Koenig ordenou lhes que aguardassem lá fora.

— Agora, Kleperman, faça-me uma confissão completa.

Quanto é que tem depositado em seu nome nos bancos suíços e quais são esses bancos?

— Tenho quarenta mil dólares pagáveis à vista — declarou Max.

— Em que bancos?

Max enxugou a testa com a manga.

— Terei de concluir, Herr Doktor, que os contratos entre si e os Sete Grandes se encontram prestes a expirar?

— Conclua o que quiser.

Max aclarou a garganta e inclinou-se sobre a secretária a fim de deixar escapar uma grande confiança.

— A verdade é que possuo mais alguns dólares. Cinquenta mil. Para falar com franqueza, sinto-me cansado já dos negócios. Gostaria de gozar os frutos do meu trabalho.

Agora façamos uma transação final. Assinarei imediatamente um cheque da metade desta soma; a outra metade, recebê-la-á logo que eu chegue a Genebra com a minha família.

Koenig balançou-se na cadeira e esboçou um leve sorriso.

— Pronto a abandonar o barco, hem, Max?

Max piscou os olhos.

— E quanto aos seus sócios?

— Creia-me, eu tenho tolerado aqueles ladrões com toda a paciência humanamente possível. Penso que esta é uma maneira razoável de dois homens honrados terminarem uma longa e frutuosa associação. , — Mas, Max, de que viverá você?

— De qualquer maneira. Lutarei.

— Talvez com o dinheiro depositado no Banco Nacional em Genebra...

— Oh... oh, sim, eu tenho aí uma conta.

— E no Banco da América do Sul, em Buenos Aires, e noutro no Rio de Janeiro.

— Herr, Herr, Herr...

Koenig desdobrou seis documentos diante de Kleperman e estendeu-lhe uma caneta.

— Vá, assine aqui, Sr. Kleperman. Nós depois preencheremos os documentos com os pormenores.

A cara de Max contorceu-se numa careta horrível.

— Os outros sócios têm também dinheiro no estrangeiro.

Se eu assinar estes papéis e der informações sobre as suas contas de banco, poderei contar com um passaporte?

Koenig sorriu.

— Você próprio acaba de fixar os termos do contrato.

Max garatujou a sua assinatura nos papéis, renunciando a duzentos e cinquenta mil dólares mal ganhos. Gotas de suor tombaram sobre as ordens de transferência enquanto ele assinava.

— Quando chegar à Suíça comunicarei as informações sobre os outros.

Koenig fez que sim com a cabeça.

— Nós sabíamos que podíamos contar com a sua cooperação, Max. Você receberá dentro em pouco informes sobre a sua partida.

Max estava oprimido, doente, mas encontrava-se ainda com vida. Os dois homens das SS conduziram-no para fora do palácio de Koenig. Possuía depósitos em oito bancos.

Havia dois que o honrado ladrão Franz Koenig não conseguira descobrir. Max abateu-se sobre o assento de trás do seu carro, tirou o chapéu, abanou-se e gemeu.

Os olhos quase se lhe escaparam das órbitas, devido ao terror que o possuía. O charuto caiu lhe da boca. O seu motorista fora substituído por um homem das SS e o guarda-costas sumira-se. Antes que pudesse esboçar um gesto, dois soldados das SS subiram para o carro e colocaram-se um de cada lado de Max. O carro partiu e, seis minutos mais tarde, parou diante do portão do cemitério judaico.

Max empalideceu ao dar pela presença do Sturmbannführer Sieghold Stutze. Os homens das SS tiveram de o ajudar a sair do carro. Stutze batia levemente com um Pedaco de tubo de chumbo na palma de uma das mãos enquanto Max era arrastado para diante dele. Kleperman tirou o chapéu.

— Vossa Excelência, Sturmbannführer... Eu... Eu...

Stutze interrompeu-o :



— Quis vir cá por ti, pessoalmente, Kleperman. És o mais ignóbil de todos os ignóbeis judeus. Sempre admirei esse teu anel. Não, não te incomodes em dar-me agora.

Tomá-lo-ei depois da execução.

— Ah, então... o Dr. Koenig não o pôs ao corrente.

O senhor entra no nosso pacto e pode contar com cem mil dólares... Como vê...

-. Cala-te. Pensavas realmente que te deixávamos sair da Polónia com o que sabias?

— A minha boca está selada. Juro-o.

--Não é preciso que jures seja o que for. Nós vamos selar lá imediatamente.

Seis mãos vigorosas agarraram-no. Ele tombou sobre os joelhos. Os SS começaram a arrastá-lo.

— Esperem! — exclamou o austríaco. — Deixem-no espojar-se no chão.

— Excelência! Há ainda mais dinheiro. Não o revelei a Koenig. O senhor... eu... um pacto secreto...

O tubo de chumbo tombou brutalmente por trás da orelha de Kleperman. Ele caiu de borco na lama e, de rastos, aproximou-se de Stutze, lançando lhe os braços em torno dos joelhos.

— Misericórdia! Misericórdia! Misericórdia para Max Kleperman.

O tubo abateu-se novamente vezes sem conta, sobre o corpo de Max, até a cara do traficante ficar reduzida a uma pasta, como uma melancia madura de mais. Banhado em suor, Stutze começou a chuta-lo, vociferando, ululante.

Deteve-se somente quando esta orgia de sangue, de violência inaudita, lhe fez quebrantar as forças. Esgotado tombou, ele próprio, sobre os joelhos. Os SS tiveram de erguê-lo do solo.

O cadáver de Max Kleperman foi arrastado em seguida, ao longo de uma álea orlada de tumbas profanadas, até ao muro de oeste e, aí, lançado sem cerimónia num fosso com 6 metros de comprimento e 4 de profundidade.

Depois foram alinhados, em várias filas, na borda do fosso, os sócios de Max e cinquenta membros dos Sete (Grandes). Eles

berraram, suplicaram, tentaram negociar a vida. Por baixo deles, Kleperman jazia num leito de lama.

Alguns tombaram sobre os joelhos e invocaram Deus e as mães. Patrões de prostitutas, ladrões, informadores.

— Misericórdia!

— Fogo!

A detonação das armas era, entre estes muros, uma coisa banal. Os judeus que haviam cavado o fosso observavam impassivelmente a cena, enquanto os corpos eram arremessados para o fundo da cova, para aí ficarem, imóveis, nas mais grotescas posições, com os olhos abertos em esgares de pavor. O pelotão de fuzilamento avançou até à beira do fosso e lançou mais uma descarga sobre os corpos que ainda se contorciam, immobilizando-os para sempre. Depois, mais um grupo de traficantes dos Sete Grandes foram colocados diante do fosso.

PROCLAMAÇÃO!

DESCOBRIU-SE QUE A SOCIEDADE DOS SETE GRANDES ERA CULPADA DE INUMERÁVEIS CRIMES, SENDO A PRINCIPAL RESPONSÁVEL PELA MAIOR PARTE DOS SOFRIMENTOS QUE ATINGIRAM OS JUDEUS. EM NOME DA MAIS ELEMENTAR JUSTIÇA, AS AUTORIDADES ALEMÃS PROCEDERAM À EXECUÇÃO DESTES CRIMINOSOS, APÓS UM INQUÉRITO E CONSEQUENTE JULGAMENTO.

A PARTIR DESTA DATA, AS ORDENS DE DEPORTAÇÃO SÃO CANCELADAS. AS ESCOLAS PARTICULARES PODEM REABRIR E SÃO AUTORIZADAS REUNIÕES PÚBLICAS DENTRO DO «GHETTO».

O RECOLHER É NOVAMENTE PROLONGADO ATÉ ÀS 19 HORAS.

POR ORDEM DE RUDOLPH SCHREIKER, «KOMMISSAR»,  
DISTRITO DE VARSÓVIA

## CAPÍTULO XI

Rachel folheou uma rima de partituras musicais, escolheu vários números e colocou a braçadeira com a estrela de David. Deborah, vestindo um roupão sobre a camisa de noite, entrou no quarto a bocejar e espreguiçando-se.

— Estás segura de que não haverá perigo se deres hoje um recital? Não me sinto muito tranquila quanto à tua decisão.

— Mãezinha, já passaram quatro dias após as últimas deportações. O Ervin arranjou programas por todo o ghetto, para que o povo possa esquecer por momentos os infortúnios destas três últimas semanas. Além disso, vou tocar no teu orfanato da Rua Niska; nada acontecerá aí.

— Bem, espero que tudo decorra sem novidade.

— E depois Wolf encontrar-se-á a assistir ao recital.

Já não o vejo há dez dias.

Deborah passou os dedos pelos cabelos da filha.

— Desejava que vocês não fossem em seguida ao apartamento de Andrei.

-Já não podemos ir lá mais. Está a ser permanentemente vigiado.

— Então venham para aqui. O teu pai virá tarde esta noite.

Enquanto Rachel se voltava e fitava a mãe, Deborah compreendeu pela primeira vez que a filha era tão alta e esbelta quanto ela própria.

— Obrigada, mãezinha, mas o Wolf é muito orgulhoso e mostra-se intransigente em relação a isso. Demais, essa intimidade já não é o que mais nos importa. Podermos estar juntos por uns minutos e falarmos é a única coisa que realmente desejamos.

Deborah acariciou-lhe o rosto.

Stephan irrompeu pelo quarto.

— Então, não vens? Ainda não estás pronta)?

— Tenham cuidado, meninos. Conservem a vossa Kennkarten da Autoridade Civil à mão e perdoem-me por não vos acompanhar.

Estou exausta. Preciso de dormir algumas horas antes de voltar ao orfanato. Digam à Susan que ficarei de guarda esta noite.

Stephan e Rachel beijaram as faces de Deborah.

Rachel abriu a porta e imobilizou-se.

— É estranho — disse ela. — Sim, poderemos passear novamente pelas ruas.

— Tenham cuidado — repetiu Deborah.

A sala de reuniões do orfanato da Rua Niska podia conter a maioria das quatrocentas crianças. Esta era uma das vinte e oito instituições a cargo da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo de Alexander Brandel, que conseguia, se bem que precariamente, alimentar e educar em segredo mais de vinte mil crianças órfãs. Ao contrário das restantes casas do ghetto, estas não possuíam esconderijos, pois era impossível construí-los secretamente. Demais, concluíra Brandel, trata-se de crianças. Ele tinha de acreditar que o inimigo, pelo menos, se mostraria misericordioso quanto a estas crianças e as deixaria viver em paz.

Rachel Bronski era adorada pelas crianças, que faziam da jovem a sua favorita. Elas achavam-se comprimidas umas contra as outras na sala, ocupando todos os bancos disponíveis, sentadas nas coxias e no estrado onde fora colocado o piano. As enfermeiras, as professoras e as assistentes sociais estavam de pé ao longo da parede do fundo da sala.

Rachel olhava continuamente para a porta das traseiras, pela qual Wolf devia entrar. Muito tempo antes, quando voltara da granja dos Bathyrans em Wework, ele viera encontrá-la no decurso de um recital, realizado neste mesmo lugar. Talvez ele viesse hoje novamente...

Rachel ergueu as mãos para pedir silêncio e anunciou o primeiro número às crianças. Tratava-se de uma nova peça, em que ela contava a vida de Chopin, entremeada por excertos de valsas, noturnos e estudos, terminando com o crescendo patriótico de uma polonaise.

O número seguinte era constituído por canções em yiddish. Ela observou as faces das crianças, que procuravam, na memória, a

recordação de uma voz doce do passado que lhes ciciara cantos infantis.

Serei um rabi?

Não sei a minha Tora.

Serei um negociante?

Nada tenho para vender.

E não tenho feno, E não tenho aveia, Gostaria de beber uma gota de vodka Mas a minha mulher amaldiçoar-me-á.

Assim, procurarei um grande rochedo E junto dele me sentarei para chorar.

Serei um schochet?

Não posso servir-me de um chalef. ' Serei um melamed?

Não sei um alef.

Serei um sapateiro?

Não me resta um sapato.

Serei um cocheiro?

Não tenho carro nem cavalo.

Serei um ferreiro?

Não terei bigorna alguma.

Serei um taberneiro?

Não, minha mulher embriagar-se-ia.

— Que querem ouvir em seguida?

— Palestina!

— Rachel! Canta-nos canções sobre a Palestina!

— Palestina!

— Palestina!

As rosas florescem na Galileia, E a terra regozija.

Todo o dia e toda a noite Elevamos a nossa voz reconhecida.

Nós te amamos, nossa Galileia, As tuas colinas fazem-nos cantar o [coração.

Nós te defenderemos a todo o preço, [com as almas e as armas, E não temeremos o que o destino nos [trouzer.

Susan Geller entrou na sala pela porta do fundo. Fez correr rapidamente os olhos em redor de si e depois disse, num murmúrio, algumas palavras à sua assistente. A mulher estremeceu e, por um momento, pareceu apavorada.

Em seguida inclinou a cabeça num sinal de aprovação e sussurrou qualquer coisa a outra enfermeira que se encontrava a seu lado.

— Agora, todas em coro, minhas filhas!

As rosas florescem na Galileia, E a terra regozija...

Susan Geller fez correr novamente os olhos em redor de si e lobrigou Stephan. Meteu por entre as crianças, pegou na mão do jovem e conduziu-o até a uma porta lateral.

— Não soltes nenhum grito, Stephan. O edifício está cercado pela Milícia. Sobe as escadas. Encontram-se vinte e cinco ou trinta crianças numa sala de aula das águas-furtadas.

Sabes onde é?

Stephan disse que sim, com um movimento da cabeça.

— Leva-as pelos telhados até Mila 19. Diz a Alexander Brandel que se dirija imediatamente à Umschlagplatz.

Rachel franziu a testa quando viu Stephan deixar a sala.

Nós te amamos, nossa Galileia, As tuas colinas fazem-nos cantar o [coração...

Susan sentou-se na banquetta ao lado de Rachel.

— Logo que termines esta canção farei um comunicado.

Continua a tocar. É preciso que não haja pânico. Compreendes?

— Oh, Deus...

— Continua a tocar, Rachel, continua a tocar.

— Eu... compreendo.

Susan ergueu-se, colocou-se diante do piano e levantou as mãos.

— Meus filhos! — disse ela. — A tia Susan tem uma maravilhosa surpresa para vós. Hoje vamos fazer uma excursão ao campo.

O anúncio foi acolhido com «ohs» e «ahs» de incredulidade.

— Vamos todos tomar um comboio para darmos um passeio fora do ghetto; veremos as coisas de que já falámos muito: árvores, flores e granjas. Todas estas coisas maravilhosas que nunca vimos. Esta vai ser a maior experiência das nossas vidas. Agora sairemos todos da sala e seguiremos para a rua. Não tenham medo dos

soldados, porque hoje eles irão ajudar-nos. Agora, Rachel, queres tocar alguma coisa enquanto nós saímos?

Susan penetrou no corredor no mesmo momento em que Piotr Warsinski entrava no edifício. Ela barrou lhe a porta da sala. , — Estamos prontos — disse Susan. — Se quiser ter a gentileza de dizer aos seus homens para não alarmarem às crianças, tudo se passará com calma.

— Queremos as crianças, e não vocês.

— Nós decidimos ir também.

Warsinski encolheu os ombros.

— Como queiram. Faça-as sair para a rua.

— Depressa! — ordenou Stephan Bronski a duas dúzias de crianças de 6 anos que se encontravam na sala de aula das águas-furtadas. A vida no ghetto habituara-as a obedecer às ordens com uma disciplina absoluta. Stephan chegou primeiro à escada que dava acesso ao telhado. Levantou ligeiramente a claraboia e observou em redor.

Um ucraniano no telhado!

Com um gesto, Stephan ordenou às crianças que não fizessem ruído. O guarda caminhava para trás e para diante; transpirava sob a camisa castanha de mangas pretas.

Voltou-se. Stephan pôde ver lhe a cara e as dragonas com a caveira e as tíbias e as manábulas apertadas na espingarda.

O guarda deteve-se junto do ângulo do telhado. A cumeeira tinha meio metro de altura. O guarda ajoelhou-se sobre a cumeeira, a fim de melhor observar o outro lado de um telhado muito inclinado que obstruía parcialmente a vista da rua, quatro andares abaixo.

Um ruído. O homem voltou-se e viu um objeto que voava na sua direção. Antes que pudesse refletir ou levantar-se o objeto atingia-o violentamente. Stephan lançou-se sobre o corpo do ucraniano no instante em que o homem tentava erguer-se. O guarda perdeu o equilíbrio.

As suas pernas dobraram-se e ele caiu na cornija, largando a espingarda no telhado.

Num esforço desesperado, conseguiu enclavinar as mãos no topo da cumeeira. Stephan levantou a espingarda e com a coronha

esmagou as mãos do guarda.

Um uivo.

O homem rolou pelas telhas, procurando agarrar-se a qualquer coisa. O corpo tombou da aba do telhado e tornou-se mais pequeno, mais pequeno, mais pequeno ainda, até que se estatelou bruscamente no pavimento.

— Depressa! — gritou Stephan, refreando o medo e a repugnância que experimentara com a sua proeza. Uma por uma, as crianças pularam para o telhado.

Uma descarga na rua. Gritos. «Juden Kinder!» «Crianças judias!» O rato do ghetto conhecia muito bem o seu caminho.

Ele corria sobre o teto da cidade com a presteza e a segurança de um pedreiro. Depois, subitamente, um obstáculo.

Os edifícios passavam de quatro a três andares. Uma depressão com metro e meio de largo separava os edifícios.

Stephan procurou com os olhos o colchão que fora colocado sobre o telhado inferior para amortecer as quedas. Fora retirado! Mas tomara já a sua decisão. Não podia nem ficar nem voltar.

— Agora 'é preciso que saltemos para ali. Teremos de avançar pela borda de modo que nos possamos lançar para o telhado. Mas caiam sobre os pés e utilizem as pernas como se elas fossem grandes molas elásticas. Vamos, inclinem-se e lancem-se com o ventre para diante.

Uma pequenita rebentou em lágrimas, medrosa.

— Tu — disse o jovem para o garoto mais crescido serás o meu adjunto no comando. És o último a saltar.

Cada um de vós escolha o seu par. — Rapidamente, tomou a pequenita que chorava pela mão. — Vais ser o meu par.

— Antes que ela pudesse proferir um protesto lançaram-se sobre o vácuo e caíram no outro telhado.

Piotr Warsinski apresentou-se ao Hauptsturmführer Kutler.

— Então, como decorreram as coisas?

— O melhor trabalho que já fizemos. Todos os orfanatos estão limpos.

— Quantos?

— Talvez dez, doze mil cabeças.



— É uma grande porção de bebês judeus. Eles não possuíam decerto objetos de valor! Comece o carregamento.

Aloje os bastardos que sobrarem nos andares superiores ;  
esses partirão amanhã e depois de amanhã. Quero que toda a sua gente monte guarda à volta da Umschlagplatz esta noite. Os canalhas do ghetto são capazes de tentar qualquer coisa. » Warsinski voltou-se para partir.

— Bom trabalho, chefe — riu Kutler.

Kutler dirigiu-se para o centro de seleção e franziu as sobrancelhas mal viu as enfermeiras misturadas com as crianças.

— Warsinski!

— Senhor.

— Que fazem aqui essas mulheres?

— Elas quiseram acompanhar as crianças.

Susan Geller aproximou-se deles.

— Naturalmente que não fará objecção a que os reconfortemos com a nossa presença — disse ela.

Kutler soltou uma risada de mofa. Ele não gostava deste rosto desprovido de beleza. Fez correr os olhos em redor de si e observou as outras enfermeiras, professores, médicos e assistentes que velavam pelos seus pequenitos, mantendo-os juntos. «Malditos judeus», pensou Kutler. Mas que estranho amor eles sentem uns pelos outros para quererem morrer como mártires.» Lembrou-se dos pais colocando as mãos sobre os olhos dos filhos à beira dos fossos de Babi-Yar, em Kiev.

— Não temos necessidade de vós nesta transferência disse Kutler.

— As crianças sentirão mais alegria nesta excursão ao campo se nos encontrarmos a seu lado para lhes explicarmos tudo. Sabe, muitas delas não se recordam de haverem saído do ghetto.

Kutler desviou os olhos; não conseguia suportar que Susan Geller o fitasse com tanta insistência.

— Que traz aí nessa mala? — perguntou ele.

— Chocolates. Guardei-os para uma ocasião maravilhosa como esta.

Kutler gritou :

— Sejam então heróis. — Dirigiu-se precipitadamente para o seu gabinete e fechou a porta à chave. Abriu com nervosismo uma gaveta, tirou dela uma garrafa de Schnapps e bebeu até que uma onda quente produzida pelo álcool lhe percorreu o sangue e lhe obscureceu a mente. — Heróis... mártires...

O pátio estava repleto de crianças. Dez mil inocentes definhados e em farrapos, no meio dos quais se agitavam as enfermeiras, que procuravam transmitir um sopro de vivacidade ao ambiente. Algumas das crianças mais velhas conheciam o destino que as aguardava a todas, mas mantinham-se caladas.

— Bebés judeus, comecem a subir as rampas!

— Bem, meus filhos, vai começar agora a nossa maravilhosa excursão ao campo.

— Tia Susan, quando é que voltaremos?

— Oh, provavelmente para o fim da tarde.

— Avancem até ao fim do cais, subam para o primeiro vagão!

Da locomotiva escaparam-se algumas baforadas de vapor.

Os pequenos treparam para os vagões. A subida da rampa obrigava-os a certo esforço, mas pragas e pontapés forçavam-nos a mostrar-se mais ligeiros.

Completamente embriagado, Kutler penetrou, cambaleante, no pátio, a fim de assistir à marcha. Rosnava sons semi-inteligíveis, gritando para que se apressassem. Descortinou uma dúzia de criancinhas sentadas contra um muro, esgotadas pela fadiga e pela fome, demasiado fracas para se erguerem. Kutler fez um aceno na direção delas.

— Eh, bebés judeus, de pé! -uivou.

Duas ou três enfermeiras dirigiram-se para elas e ajudaram-nas a levantar-se.

Uma menina raquítica de 3 anos, vestida com farrapos imundos, abateu-se sobre o pavimento; na queda deixou escapar das mãos uma boneca que não tinha nem braços nem pernas. Alongou a mãozinha para a alcançar.

A bota negra e lustrosa de Kutler calcou a boneca.

A pequenita mirou, curiosa, o homem alto, de uniforme negro, que se debruçava sobre ela.

— O meu bebé! — choramingou ela. — Quero o meu bebé.

A sua mão tentou libertar a boneca de sob a bota do nazi. Kutler retirou a pistola do coldre.

Um tiro, eis a resposta do nazi.

— Deixai-me passar! Deixai-me passar! — gritou Alexander.

Meia dúzia de possantes milicianos judeus contiveram o desesperado Brandel, impedindo-o de penetrar no centro de seleção. Debatendo-se e vociferando, foi arrastado para o lado oposto da Rua Stawki, para o depósito onde Warsinski tinha o seu gabinete da Umschlagplatz.

— Peço que me permitam a entrada na Umschlagplatz!

Warsinski deixou que Alexander balbuciasse, suplicasse, expusesse os seus argumentos, tentasse persuadi-lo. Depois, volveu :

— A tua imunidade está a chegar ao fim, Brandel!

— E voltando-se para a canalha que o servia: — Reconduzam-no ao ghetto.

Clic-clac, clic-clac... O comboio rolava através do campo.

— Agora, meus filhos — disse Susan Geller -, tenho uma nova surpresa para vós. Chocolates!

— Chocolates!

Ela passou por todo o vagão o saco de doces envenenados.

— Ah, que belo sabor que eles têm!...

O comboio continuava a rolar.

— Cantemos todos em coro.

Avante, avante Avante para a Palestina.

Avante, avante Unamo-nos à multidão feliz...

— Tenho sono, tia Susan.

— Bem, porque não te deitas no chão para repousares.

— Também tenho sono, tia Susan.

-. Bem, dormi então um pequeno sono. Devem ser os nervos e o ar fresco.

Uma por uma, fecharam os olhos. Susan Geller acocorou-se entre dois dos seus bebés e apertou-os contra ela; depois, lentamente, engoliu o último quadrado de chocolate.

Shluf mine jaygele, Mach tiu. dine aygele Eye In lu lu , Shluf  
geshmak mine kind, Shluf un zai-gezund, Eye lu lu lu.

Dorme, minha avezinha, Fecha os teus olhinhos, Eye lu lu lu  
Dorme a sono solto, Dorme tranquilo, Eye lu lu lu.

## CAPÍTULO XII

O Sturmbannführer Sieghold Stutze adorava macaquear o seu deus, Adolfo Hitler, até nas mais leves atitudes. De polegares espetados no cinturão, ele percorria, manquejando, o pátio nos dois sentidos, diante da Milícia Judaica, ali reunida. Deteve-se defronte de um microfone e contemplou a assistência imóvel com altiva sobrançeria. Os membros do conselho diretivo da Autoridade Civil estavam alinhados à sua direita e uma companhia do Corpo Reinhard à esquerda.

Levantando uma das mãos acima da cabeça, começou a papaguear o seu discurso, numa voz vibrante, cujos ecos eram repercutidos pelas pedras do pátio.

— Gordos judeus! Vós estais gordos porque vos havemos recompensado em demasia. Apesar da lealdade que temos manifestado em relação a vós, continuais a permitir a publicação de mentiras contra os Alemães! Consentis que estes agitadores comunistas atuem sob o nosso nariz! Eles devem ser descobertos e destruídos! Estas mentiras são a razão pela qual não se apresenta há quatro dias um só voluntário para deportação ordeira no Leste, onde não existe senão trabalho honesto.

Stutze rodou sobre os calcanhares e fitou Warsinski.

— Lê as novas ordens!

Warsinski abriu o documento.

-A partir de hoje todo o membro da Milícia Judaica fica com o encargo pessoal de apresentar diariamente três pessoas na Umschlagplatz para deportação. No caso de um miliciano faltar com a sua quota, ele e a sua família serão imediatamente deportados.

A interrupção da grande operação, a comédia da «justiça elementar» encenada com a execução dos Sete Grandes e a reabertura das escolas faziam parte de um plano destinado a induzir o povo a afrouxar a sua vigilância o tempo suficiente para os Alemães organizarem a próxima carnificina.

A Milícia Judaica já há muito que vendera a alma. Depois de terem ouvido, aterrorizados, a arenga proferida por Warsinski, que clamava a submissão mais abjeta, os milicianos afundavam-se cada vez mais ignobilmente. Tornou-se banal vê-los conduzir, de rastos, os seus próprios parentes para a Umschlagplatz quando não conseguiam obter a quota exigida.

Durante muito tempo acreditara-se que as Kennkarten do ghetto, chanceladas para o trabalho, eram uma chave mágica que abria as portas da vida. Numa penada, todos eram declarados inválidos. Somente um punhado de pessoas no ghetto conservavam a sua imunidade quanto às deportações.

Diariamente, novos «trastes» eram executados. Ruas, quarteirões inteiros de casas, eram hermeticamente encerradas e metodicamente «limpas» da cave à trapeira.

Foram utilizadas todas as artimanhas. Para engodar novos espias, os nazis prometiam víveres. Às crianças, torturavam-nas diante das mães, a fim de que os Bunkers secretos fossem revelados.

Perante a tragédia que se desenrolava, estabeleceu-se uma espécie de indiferença geral.

Da leva dos órfãos resultou o que os carrascos haviam previsto: o esmagamento do moral e da vontade que subsistiam ainda no ghetto.

Alexander Brandel, que fora por muito tempo o símbolo do amor e da dignidade e também o símbolo dos víveres e dos medicamentos, tornou-se, numa noite, um homem taciturno e abatido. Passava os dias sem proferir uma palavra.

Já não parecia mais o dínamo que impulsionava a vontade de sobreviver.

O rabi Solomon estava instalado na cave húmida e fria situada perto do esgoto sob Mila 19; dia e noite recitava, numa voz lamentosa, antigas preces hebraicas, tendo como fundo o ruído das águas que se escoavam pela conduta.

Deborah Bronski era a única enfermeira que restava do orfanato da Rua Niska. Cuidava das duas dúzias de pequenos e de pequenitas que Stephan conduzia, pelos telhados, a Mila 19. Um

novo compartimento era escavado ao longo do cano de esgoto para servir de dormitório e de sala de aula.

Deborah acendeu a luz do seu quarto. Abriu as gavetas da cómoda uma por uma e encheu uma mala. Da caixa de joias retirou uma peça ou duas. Alguns objetos de natureza pessoal. Tudo o resto tinha de ser abandonado. Dirigiu-se ao quarto dos filhos a fim de trazer as pequenas lembranças que eles desejavam; depois desceu o corredor.

Havia luz no gabinete de Paul. Ela entrou; a nuca do marido emergia da poltrona, defronte da sua secretária.

--Vou deixar-te, Paul. Já o devia ter feito há muito tempo. Stephan e Rachel irão comigo.

De Paul, nem um movimento.

— Adeus, Paul.

,Ao voltar-se para partir, apercebeu-se de que uma das mãos dele pendia, mole, do braço da poltrona, com uma folha amarrotada de papel entre os dedos dobrados. Um frasco jazia no soalho. Ela reconheceu-o. Eram os comprimidos para dormir. O frasco achava-se vazio. Paul enchera-o apenas uns dias antes. Deborah aproximou-se lentamente da mesa. Paul estava rígido, de olhos fechados. Ela pousou a mala e palpou a mão do marido. Encontrou-a gelada. O pulso não batia.

Paul Bronski estava morto.

— Que Deus me perdoe! — murmurou ela. — Mas queria poder dizer que sinto pena.

Retirou o papel que pendia dos dedos do marido e leu ;

«Minha querida Deborah, desejaria saber o que disse ou o que fiz para merecer o teu desprezo. Boris Presser tem em seu poder um sobrescrito no qual encontrarás explicados os nossos vários assuntos. Espero que acharás em ordem...».

Neste ponto acabava a escrita hesitante.

O tampo da secretária estava arrumado. Por hábito, Paul era meticoloso. Tudo se encontrava em ordem. Mesmo a sua morte. Ele terminara um dia de trabalho com o suicídio simplesmente porque não havia outra alternativa.

Deborah sacudiu a cabeça, completamente desorientada.

Mirou fixamente o rosto lívido, sem vida, do marido.

— Oh, Paul, Paul, Paul. Até isto tinha de ser feito com tanto rigor. Porque não escreveste uma mensagem ao teu filho e à tua filha? Porque não fizeste deste gesto um grito supremo de justiça e de protesto? Paul, Paul... Porquê?

Pegou na mala. Sem remorsos, sem lágrimas, sem pena, sem piedade, deixou tudo o que existira entre eles, para sempre.

— É preciso que nos ajudem! — gritou um Andrei exaltado.

Roman, comandante do exército do interior em Varsóvia, escutava-o de cabeça levantada, os olhos preguiçosos semicerrados. O nobre colocou delicadamente um cigarro na boquilha e acendeu-o. Um Andrei frustrado repeliu com a mão o cigarro que Roman lhe oferecia.

— Jan Kowal — voltou Roman mansamente -, a semana passada mandamos-vos trinta e duas espingardas.

— De seis calibres diferentes com cento e Seis cargas de munições. Uma das espingardas não poderá ser utilizada a partir do momento em que dispare três balas.

— Se nos cair subitamente do céu uma chuva de armas automáticas de grande calibre, serei o primeiro a informar-vos.

Andrei abateu o punho na mesa.

Roman ergueu-se e cruzou dramaticamente as mãos atrás das costas.

— Que quer, exatamente?

— Não temos poder suficiente que nos permita organizar um ataque sem auxílio exterior. Se três companhias do exército do interior fizessem simultaneamente ataques simulados nos subúrbios, nós podíamos efetuar uma surtida fora do ghetto.

Roman suspirou. Apesar dos rigores da vida na clandestinidade, não perdera a arrogância do snobe que fora educado em França.

— É impossível — disse ele.

— Odiará você tanto os Judeus que nos queira ver fritos em vida?

Roman apoiou-se contra o peitoril da janela e mordeu levemente a boquilha de marfim com os gestos estudados de quem



sabe encontrar-se num palco. Arqueou as sobrancelhas.

— Quer que sejamos friamente realistas? Bem, então que sucederá se anuirmos aos vossos planos? Aonde chegarão?

Quantos homens sereis capaz de fazer sair?

— Tantos quantos vocês puderem armar.

— Ah! — exclamou Roman. — Eis a questão. Noventa por cento dos camponeses denunciariam um judeu por uma garrafa de vodka. Noventa por cento dos habitantes das cidades creem, sem a menor dúvida, que esta guerra estalou por culpa dos banqueiros internacionais judeus. É claro, não são estes os meus sentimentos pessoais, mas não me acho numa posição que me permita levar a cabo um programa de elucidação do povo polaco.

Roman Denunciara uma verdade terrível.

— Ao menos, então, assegure-nos os meios que permitam à força combatente sair com as crianças!

— As crianças? Os conventos e os mosteiros que alojam crianças judias estão completamente cheios. A maior parte deles não as querem acolher. Alguns outros desejam dez mil zlotys por cabeça, com o pagamento adiantado e o direito de as converter ao catolicismo.

Andrei fechou os olhos.

Roman aquecera com a discussão; percorria, sem cessar, em grandes passadas, a sala onde se encontravam.

— Não autorizo a constituição de unidades de partisans judeus, Não comando um exército baseado na disciplina. A organização clandestina depende do segredo e da lealdade.

Sabe muito bem que serão traídos, exatamente como o foram quando nos entregaram o relatório sobre os campos de extermínio. Alguém o vendeu à Gestapo.

— Pelo menos, dê-nos armas e dinheiro. Pelo menos, o dinheiro que nos roubou.

Roman franziu a testa e sentou-se defronte da mesa. Levantou alguns papéis a fim de demonstrar que se encontrava ocupado e não podia alongar por mais tempo a discussão.

Andrei arrancou-lhes das mãos e lançou-os por terra.

— Muito bem, Jan! — rosou Roman. — O vosso precioso relatório foi expedido secretamente da Polónia por não sei quem e publicado em Londres. Ouviu dizer que os chefes de Estado soltaram brados de indignação por amor 'da justiça? Que as multidões de todo o mundo manifestaram idênticos sentimentos de revolta? Jan Kowal, creia, ninguém se interessou pela vossa tragédia.

Andrei afastou-se da mesa.

— Não derramem as vossas lixeiras polacas sobre o resto do mundo, Roman. A Polónia é o único lugar da Terra onde podiam existir os campos de extermínio. O exército alemão não possuiria divisões suficientes para defrontar um movimento solidário do povo, quer em Londres, Paris ou Nova Iorque. Só na vossa maldita Varsóvia é isto possível!...

Por todo este continente os homens e as mulheres estão a comportar-se com decência cristã. Você é cristão, não é verdade?

Roman esboçou um gesto onde a arrogância se dissimulava sob a indulgência.

— Você não escapará deste pavor, Roman. Os Alemães começaram já a gasear polacos em Auschwitz somente porque os deixastes tombar como nós. Prepare-se para marchar para a câmara de gás de cabeça erguida, Roman. A sua vez não tardará a chegar.

Andrei saiu abruptamente, fechando a porta com estrondo.

Roman esmagou o resto do cigarro, retirou depois a ponta da boquilha e lançou-a para o solo. Voltou-se para um adjunto que o fitava espantado e declarou :

— Se esses bastardos Judeus tentarem avistar-se novamente comigo, digam que os não posso atender. Compreende?

— Sim, senhor.

— Os Judeus são bastante emotivos. Afigura-se, no entanto, que terá deixado de existir o problema judaico quando a guerra terminar.

Simon Éden impeliu o punho contra a palma da mão aberta quando Andrei lhe relatou a conversa que tivera com Roman. A atmosfera do pequeno recanto da água-furtada tornou-se lúgubre. Tolek, Alexander Brandel, Ana, Ervin, Wolf Brandel, Simon Éden. Um pessimismo mortal submergia-os.

Estava tudo acabado. Cada um deles pensava a mesma coisa no mesmo momento. Estava tudo acabado... acabado.

A sineta de alarme retiniu cinco vezes para indicar que um «amigo» subia. Rodei, o comunista, entrou. Durante um instante todos o fitaram avidamente, com uma réstia de esperança de que se tivesse produzido um milagre. Rodei sacudiu a cabeça.

— Eles podem dar-nos quatro homens armados, mas nem um mais. Realmente, nem esses nos podiam dispensar.

Tolek enunciou, num murmúrio monótono, os nomes dos escritores, médicos, atores, jornalistas e sionistas que tinham sido conduzidos para a Umschlagplatz nos últimos dias. Ele recitava a sua lista, nome após nome, como se entoasse uma melopeia lúgubre.

--Cala-te! — disse Andrei.

Tolek, porém, prosseguiu a sua marcha fúnebre. Os últimos rabis: um, salvo pela igreja católica, como uma espécie de relíquia de uma civilização extinta; outro, na cave.

Os demais, mortos.

— Mortos, todos mortos! — exclamou Tolek. — A granja já não existe... Mortos... Todos mortos...

— Cala-te! — repetiu Andrei.

Ana Grinspan, até então um símbolo de força inquebrantável, a audácia personificada, rompeu numa crise de choro profundo e convulso. Ninguém, de entre os presentes a podia reconfortar.

— Diz qualquer coisa, Alex — suplicou Simon Éden Mas Alex nada dizia há já alguns dias.

— Mortos.. todos — mortos. Nishtdoo, keiner, keiner nishtdoo, — Pára com essas malditas lamentações! — gritou Andrei.

Ervin passou a língua pelos lábios secos. As lágrimas humedeciam as lentes grossas dos seus óculos; não via senão silhuetas indistintas, confusas, em redor de si. Em cinco dias perdera a esposa, Susan, e a mãe. Tentara continuar corajosamente, após a incursão que os despojara das crianças, o trabalho que realizava para Alex.

--Simon... Andrei... camarada Rodei... Eu... levei comigo todas as notas, todos os volumes do Clube dos Bons Amigos, e escondi-os nos bidões do leite e nos cofres.. Hoje tive ocasião de falar com os

responsáveis de todas as vossas comissões. Acham-se em completo acordo comigo: se esta última tentativa falhar, devemos incendiar o ghetto e proceder a um -suicídio coletivo.

— Não tens o direito de efetuar uma reunião sem o meu conhecimento — ripostou Simon, não muito convicto.

— Não tivemos tempo suficiente para seguir as normas de procedimento usuais — volveu Ervin.

— Quem é que de entre nós não pensou já no suicídio?

— gritou Ana.

Silêncio. Ninguém tinha nada a replicar.

— Na minha qualidade de trabalhista... de trabalhista...

— murmurou Simon, levantando uma madeixa de cabelos da testa. — Na minha qualidade de judeu e trabalhista...

Simon sentia dificuldade em prosseguir. Gaguejava. «Oh, meu Deus», pensava ele, «a morte seria tão doce, tão doce!»-...Na minha qualidade de comandante das Forças Unidas, não posso nem quero dar ordem para um suicídio coletivo. Mas se este for o desejo de todos, então demitir-me-ei do comando e submeter-me-ei também à decisão..

Andrei olhou fixamente para o seu camarada. Simon fora um soldado. Simon fora um homem forte. Simon fora um chefe. As suas energias estavam consumidas. Nas suas belas feições trigueiras estampava-se o amargor produzido pela sua perda de vontade.

Wolf Brandel, o mais jovem comandante do ghetto, dirigiu-se lentamente para a porta.

— Não obedecerei a essa ordem — disse. — Eu e a minha noiva queremos viver; se formos capturados, faremos pagar caro a nossa captura. Se eles se quiserem apoderar de mim — gritou o jovem, que venham, que tentem!

Fechou com violência a porta atrás de si.

— Bem — murmurou Andrei, — resta um de entre nós que tem ainda força bastante para desejar viver.

Tolek tombou sobre os joelhos.

— Oh, Deus! Deus! Deus! Ajuda-nos, suplico-te! Que fizemos nós? Que fizemos nós?

Não ousavam fitar-se. Esconderam os rostos nas mãos.

Durante toda a noite mantiveram-se sentados, sem proferir palavra, até que a madrugada os surpreendeu, exaustos. Então mergulharam num sono curto, leve, perturbado por pesadelos.

Depois, tão subitamente como começara, a grande operação terminou. No dia 16 de Setembro de 1942 não houve mais deportações nem mais rusgas.

O ghetto de Varsóvia, a mais considerável reserva humana da história, contivera outrora quase 600 000 pessoas.

A fome, as epidemias, as execuções, as deportações para trabalho escravo e, por fim, os assassínios coletivos em Treblinka tinham-nas dizimado. Terminada a grande operação, não restavam mais do que 50 000 seres humanos.

## CAPÍTULO XIII

Horst von Epp representava o padrão clássico do estrito barão germânico. De pé, imóvel junto da janela alta do apartamento de Chris, via, enfeitado, cair a primeira neve do Inverno, enquanto escutava um disco de Chopin.

Chris entrou, vindo do exterior; enregelado, fez alguns Movimentos com o corpo, a fim de afugentar o frio dos ossos. Dirigiu um pequeno sinal com a cabeça a Horst para lhe manifestar quanto prazer sentia com esta visita inesperada.

— Espero que não se importe que tenha franqueado a sua porta e me tivesse servido do whisky... -disse Horst preparando um copo para Chris.

— Ora. porque me devia importar? Não há nada neste apartamento que os seus amigos já não houvessem examinado vinte vezes.

O disco de Chopin chegou ao fim.

— Gosto de Chopin. Todos esses imbecis tocam Wagner.

Um tributo a Hitler in absentia. Você não acha que existe certo sortilégio, muito encanto, no cair da primeira neve?

Chris afastou os cortinados que dissimulavam a alcova descalçou-se e tirou as peúgas molhadas; depois procurou debaixo da cama as suas chinelas.

Oh. neve, neve encantada, Que enches o Céu e a Terra, Que cobres os tectos e as ruas E te derramas sobre os mortais.

Tu que danças, Que devaneias, Que afagas, Neve encantada, que nenhum mal podes fazer.

— Meu Deus, Chris, é horrível!

— James Whittaker Watson, 1824-90. O meu discurso quando recebi o diploma de estudos secundários. A minha mãe não assistiu à cerimónia. Nunca esqueci a neve, a neve encantada.

Horst serviu-o bem de bebida. Fizeram tilintar os copos.

— Fröhliche Weihnachten... Um brinde de Natal.

— Sou um triste bastardo. Natal. Já tudo esqueci acerca do Natal.

— Brindo por aqueles pobres arianos transviados que jazem sobre os ventres húmidos, na neve, na bela neve, na frente oriental, para glória da pátria — disse Horst.

— Amém! Que vai sair de toda aquela trampa?

— Seremos derrotados em Stalingrado, não é verdade, Chris?

— Vai ser uma catástrofe, barão. O vosso chefe do Estado-Maior devia ler as memórias de Napoleão e meditar sobre o que o Sr. Inverno faz aos que violam as fronteiras russas.

.— Há uma semana apercebi-me da verdade. Compreendi subitamente que a Alemanha perderá a guerra. Que perturbações em todas as festas de Natal! Todos nós nos encontramos profundamente sombrios. Stalingrado, El Alamein, desembarques no Norte de África. Mas você sabe o que mais me espanta quanto aos Americanos? Guadalcanal.

Agora existe um nome romântico. Todo o mundo subestima os Americanos. Porquê?

— Confundir a gentileza com a fraqueza é como subestimar o Inverno russo.

— No próximo ano — disse Horst — Berlim será bombardeada.

Que pena! Oh, como eles nos vão fazer pagar caro. Bem, ao Natal!

Horst pousou o copo e novamente o enfeitou a moldura encantada da neve caindo, caindo...

— Chris — disse ele, olhando para além da janela -, acaba de ser publicado um relatório pelo Governo polaco no exílio em Londres. Um ignóbil Livro Branco com pormenores minuciosos sobre presumíveis campos de extermínio funcionando na Polónia. Já ouviu falar nisso?

— Sim, vagamente.

— Diga-me -prossegiu Horst-, como é que o conseguiu fazer sair da Polónia?

Chris esboçou apenas um leve gesto para o desmentir.

— Que motivo o faz pensar que fui eu?

— A minha presunção de macho. Quando uma bela peça de caça como Victoria Landowski, de Lemberg, revela não ser uma peça de caça e nem mesmo Victoria Landowski,

A minha masculinidade sente-se ofendida.

— Procure-se a mulher. Elas encontram-se por trás de todas as intrigas sinistras.

— O aborrecimento é que eu não consegui encontrar a Mulher. O meu amigo Christopher de Monti tornou-se deliciosamente decadente, uma esponja trémula embebida em álcool. Então, Victoria Landowski entra e Christopher passa Por uma transformação mágica. Ele volta a ser, o que lhe havemos de chamar?, um americano estrito, o padrão do jovem americano. Comecei por acrescentar aos dados que já possuía esta súbita transformação espiritual. Não foi difícil imaginar o resto.

— Por Deus, Horst, você é bastante clarividente. Bem, Sauer, o chefe da Gestapo, pôs-me os cães à perna, far-me-á beber um litro de óleo de rícino ou servir-se-á do seu compressor de testículos para me fazer falar?

— Oh, deixe-se de disparates. Aqueles bandidos da Gestapo não conseguirão descobrir o caso senão daqui a alguns meses. Como conseguiu passar os relatórios? Por intermédio de diplomatas italianos?

— Mais ou menos — respondeu Chris.

— Ora veja!... Eu disse pessoalmente a Hitler que não confiasse nos Italianos. É um povo muito romântico, incapaz de conduzir uma guerra de aniquilamento total. Logo que chegarmos à fase decisiva eles abandonar-nos-ão.

Chris riu.

— Sou italiano apenas pelo passaporte. Pensando bem, não sei lá muito bem o que sou. Mas conheço o povo italiano.

Fizeram-nos acreditar que eles são a reencarnação dos nobres romanos de há vinte séculos. Assim, por que diabo não haviam de engolir essas patranhas? Verdadeiramente, o que lhes interessa é ser alguém de novo.

— Apoiados nos Alemães.



— Ao acordar, a noiva verificou que fora desvirginada e que o deus teutónico com quem casara se transformara num pavoroso gorila negro. Uma espécie de a bela e o monstro em reverso. Horst, o povo italiano não acha bem o que vocês fazem na Polónia. Não era difícil encontrar cinco homens dispostos a fazer sair cinco exemplares em separado de um relatório sobre os campos de extermínio.

— Como arquétipo do vilão germânico que sou — disse Horst — não posso compreender por que motivo as pessoas que se encontram completamente esmagadas insistem em morrer num gesto de desafio. Os mártires são espantosos.

Vi-o mergulhar na degenerescência. Porém, qual foi a voz que o fez libertar-se dos braços do Demónio? Que lhe teria ela dito?

— Disse-me... que me devia tornar digno de receber a insígnia do homem que fora outrora meu amigo.

— Moralidade.

Horst sacudiu a cabeça.

— Pouco antes da guerra vi esse corpulento e enfatuado barítono americano... como se chamava? Ah, Tibbett, Lawrence Tibbett. Ele cantava em Paris. Após uma canção sobre o bolo meridional confeccionado pela mãe, entoou uma poesia ainda mais detestável. É estranho, mas esses malditos versos vêm-me constantemente à memória agora.

Do mais profundo da noite que me cobre, Negro como o Inferno de um polo ao outro, Rendo graças aos deuses, sejam eles quais forem...

-...Pela minha alma invencível — acrescentou Chris.

— William Ernest Henley, 1849-1903.

Sob os golpes brutais do destino, A minha cabeça sangra, mas não se verga.

— Isto faz-me imediatamente pensar no seguinte: porque é que todos os poetas têm três nomes e a minha mãe não assistiu à cerimónia de entrega do meu diploma do quinto grau?

— Tal poesia nunca substituirá Schiller ou Heine...

Pelo menos antes de Heine se ter convertido ao judaísmo.

Eu sei, não se pode colocar a alma de um homem num ghetto ou gasear o seu espírito em Treblinka. Isso é muito bonito em poesia, mas embaraçante quando acontece realmente.

Porque fez uma coisa dessas, Chris? Alguns sermões proferidos por sacerdotes ignorados, alguns editoriais por jornalistas insignificantes, algumas declarações ocas por políticos de segunda ordem, alguns suicídios de protesto por idealistas anónimos. Que espera ganhar? Ah! Agora tenho de passar todo o Inverno a redigir propaganda em contrário.

— Sinto muito por lhe fazer perder muito sono, Horst.

Pensei que o próprio relatório talvez o aborrecesse.

— Não me dedique o seu sorrisinho trocista de jornalista.

Bem, eu sei... Como poderíamos nós fazer uma coisa deste género? O povo alemão, belo, culto... após o que enuncio os nomes de músicos, poetas, médicos, e forneço uma lista de todas as nossas dádivas à humanidade. Como Pudemos fazer isto? Os grandes cérebros de filósofos e de Psiquiatras levarão cem anos para descobrir um padrão de costumes, de comportamento, que explique 'os nossos atos.

— Vou simplificar a questão — disse Chris. — Vós sois uma horda de bestas.

— Oh, não, Chris, não devemos ser classificados como bestas. O homem é o único animal neste planeta que destrói a sua própria espécie. Mas como demónio me envolvi eu nisto? Não sou mais culpado do que você. Menos, talvez.

Caí numa cilada. Mas você, meu caro Chris, faz parte de todos os moralistas do mundo que desculparam o genocídio pela conspiração do silêncio.

— A conspiração do silêncio — murmurou Chris. Sim, é verdade.

— A minha própria pele não tem importância. Depois da guerra todo este caso será desenterrado e a humanidade receberá um choque que a fará estremecer de horror. Depois dir-se-á: «Esqueçamos o passado. O que lá vai, lá vai!» E toda a Alemanha bradará em coro: «Amém!» E qual será o refrão? «Na Alemanha não havia senão anti-nazis. Campos de extermínio? Nunca ouvimos falar

em tal. Hitler? Pensávamos sempre que ele era um demente. Que podíamos fazer? As ordens eram ordens.» E o mundo dirá: «Olhe-se para estes bons alemães!» Tomar-se-ão alguns nazis para mostra e todo o admirável povo alemão voltará às suas ocupações de paz e, de cenho carregado, esperará a vinda de um novo Führer.

Horst suave, perdera a calma. Bebeu um copo de whisky de um trago.

— Que é que o consome, Horst?

— Os Judeus. Eles lançarão sobre nós uma maldição.

Durante mil anos farão de nós o flagelo dos homens.

— A história é escrita pelos sobreviventes. Nem um só judeu sobreviverá — disse Chris.

— O demónio! Eles são sobrenaturais. Anima-os sempre um desejo louco, insaciável, de pôr palavras no papel. Esta mania de documentar os seus tormentos.

Horst acalmou-se e refletiu por um momento.

— Das últimas vezes que documentaram as suas destruições deram-nos uma Bíblia, depois um Vale de Lágrimas.●● E agora, o quê? Sabe, Chris, o meu irmão esteve na Palestina, antes da guerra, numa colónia dos Templários. Todos os Invernos ele se enfronhava nas cavernas perto do mar Morto em busca de antigos documentos hebraicos.

— Ora, Horst, você tem medo do futuro! Nunca o imaginei!

— Tenho uma vaga suspeita de que dentro do ghetto se encontram enterrados dez mil diários. E eles são o que nos vai esmagar. Não os exércitos aliados, não alguns simulacros de represálias, mas as vozes dos mortos, quando forem exumadas. Deste estigma nós nunca... Perdoe-me, Chris, mas o Natal, por hábito, põe-me sombrio.

— Que vai fazer de mim? — perguntou Chris bruscamente.

— Tenho pensado muito no caso. Não o posso deixar sair da Polónia. Quero dizer, apesar de tudo, temos de continuar o nosso jogo. Até agora jogámos lealmente e perdi.

Fiz uma conjectura estúpida. Por outro lado, nada se lucrará em que você caia nas mãos de Sauer. Creio nos grandes gestos. Faça as malas!

Horst conduziu o carro pelo Bulevar de Jerusalém. Em redor deles, uma lúgubre tentativa para festejar o Natal era feita pelos Polacos e pelos desalentados soldados alemães.

— Chris, desejo saber uma última coisa. Esta Victoria Landowski... que tal, na cama?

— A verdade? Bem, nunca saberei.

— É espantoso. Simplesmente espantoso. Bem, havemos de encontrá-la um dia.

— Quando isso acontecer, faça-me um último favor.

Dê-lhe uma oportunidade de se suicidar antes de Sauer lhe pôr as patas em cima.

— Chris, você pede-me demasiado.

— Ela tem para mim muita importância.

— Bem, é Natal. Prometo. Por Deus, estou a esquecer todo o meu treino como bom alemão e a tornar-me um sentimental dos diabos.

O carro parou diante da porta do ghetto situada defronte da Sinagoga Tlomatskie. Horst passou a Chris uma Kennkarte e documentos especiais.

— Entre no ghetto. Estes papéis livrá-lo-ão de qualquer aborrecimento com a Polícia até que encontre os seus amigos.

Daqui a três dias comunicarei que você desapareceu. Este intervalo dará margem suficiente para se enterrar lá.

— Receio não ter mais amigos —olveu Chris.

— Não esteja tão certo. Os Judeus possuem um sistema de informações infalível. Eles conseguirão saber como foi expedido da Polónia o relatório sobre os campos de extermínio.

Chris saiu do carro.

— Você é um verdadeiro herói de romance.

— Bem, três vivas pelo triunfo final da moralidade entre os homens. Se porventura nos encontrarmos, finda a guerra, agradeço-lhe que diga algumas palavras de recomendação em meu favor. Há sempre procura de ex-barões alemães como jardineiros, barmen, ou para representar papéis de vilão nos filmes. Possuo muitos talentos.

Horst pisou o acelerador e partiu.

As ruas do ghetto não mostravam sinal de vida. Chris voltou a gola do casaco para cima e caminhou ao acaso entre os turbilhões de neve. A partir do instante em que entrou no ghetto houve olhos que começaram a segui-lo do alto dos telhados. Deambulou até que se sentiu cansado.

Aonde ir? Quem ver? Que fim estranho! Para lá deste silêncio profundo haveria ainda seres vivos?

Aonde ir? Aonde voltar?

— Você!

Chris virou-se. Não viu ninguém no pátio donde provinha a voz.

— Você! — ouviu novamente.

Chris seguiu na direção da voz. Ela procedia de um recesso da casa.

— Faça meia volta e prossiga — comandou a voz. — Não olhe em redor. Darei as instruções.

Sentou-se só no pequeno leito no sótão de Mila 19.

Andrei Androwski entrou.

Momentos depois Chris ergueu-se e voltou as costas a Andrei.

— Castigo divino. O pecador comparece diante dos seus juízes. Justiça ideal na sua forma mais pura.

Andrei sentou-se diante da mesa e pousou o cotovelo no centro.

— Desejas travar uma pequena luta à indiana? Não tenho comido tão bem como tu, mas ainda te posso bater.

— Não me conheces, Andrei? Fiquei de mãos nos bolsos e surdo aos gritos dos agonizantes.

— Ora, não sejas tão dramático. Tudo o que quero agora é travar contigo uma pequena luta.

— Andrei...

— Nós sabemos como aquele relatório chegou a Londres, Chris. Obrigado.

“Chris mordeu o lábio para reprimir as lágrimas.

— Esta manhã conseguimos fazer passar um cavalo por cima do muro. Temos bife esta noite. Pega nesta pistola.

Mais tarde mostrar-te-ei como circular. Instalarei aqui um novo leito para ti. Se ouvimos cinco toques breves da sineta de alarme, é um amigo. Se ouvimos cinco toques longos, saltamos para o telhado. Temos de ser cautelosos. Os telhados estão gelados.

--Andrei...

— Não continues. Compreendo.

Chris ficou só. Olhou pela claraboia. A neve cessara ;

Podiam ver-se agora os campanários do outro lado do muro.

As igrejas deviam estar cheias de fiéis, ajoelhados, orando, cantando. Trocar-se-iam modestos presentes. Por um instante, o espírito da caridade penetraria o povo. Pensariam eles, mesmo por um momento fugaz, naqueles que se encontravam encerrados no ghetto? Lembrar-se-iam de que Cristo era judeu? Chris sentiu-se tomado por uma sensação estranha, maravilhosa, quente. A paz invadira o seu corpo, o seu coração. No decurso de uma vida agitada, inquieta, nunca experimentara semelhante conforto. Agora fruía-o.

Cinco toques breves.

--Deborah...

— Não digas nada. Deixa-me simplesmente apertar-te contra mim, Chris. Não fales... Não fales... Deixa-me apertar-te contra mim.

## **PARTE IV – ALVORADA**

# CAPÍTULO I

Entrada do diário.

Alexander Brandel continua a mostrar-se lúgubre e pouco comunicativo. Mal falou para cada um de nós em todo este Inverno. A Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo ainda existe «legalmente» e beneficia de Kennkarten. Assumi as funções de Alexander, ou, pelo menos, o que delas subsiste «oficialmente». Mantemos ainda relações com a Autoridade Civil no que se refere a rações, etc.

O ghetto parece uma morgue. É difícil imaginar que a face da Lua seja mais silenciosa e deserta do que as ruas do ghetto. Ao decurso da grande operação as mulheres que se dirigiam à Umschlagplatz para deportação queriam levar consigo os seus lenços de seda e os colchões de penas, mas estes constituíam um grande estorvo. Então elas abriam-nos e, no alto dos telhados, esvaziavam-nos das penas, para poderem, pelo menos, levar o invólucro exterior (com a esperança de que no destino encontrariam com que os encher novamente). Em certos recantos dos telhados as penas formam montes onde nos afundamos até aos tornozelos, ao mais leve golpe de vento, as penas voam; dir-se-ia neve caindo; e, quando tombam, mais oprimente tornam o silêncio que nos cerca.

Calculamos que restam ainda cerca de 40000 judeus.

Vários milhares encontram-se nas fábricas de escovas e de uniformes. Cerca de um milhar continuam «pessoal auto—rizado». (Porquê, não sabemos.) Os «selvagens» são os mais numerosos. O ghetto transformou-se numa cidade subterrânea com numerosos dédalos, túneis, câmaras secretas, caves escavadas sobre outras caves. A Milícia e os «rouxinóis» pilharam de tal modo as casas vagas que elas não podem ser habitadas.

Estamos separados do pequeno ghetto, que há um ano não é ocupado por judeus; até mesmo a carpintaria mecânica se encontra agora encerrada. Os Polacos voltam ao pequeno ghetto; disputam as



belas casas da Rua Sienna e da Rua Sliska. Podem-nas obter sem pagar uma compensação aos ocupantes desaparecidos.

Neste Inverno concentrámos os nossos esforços no sentido de instalarmos gente mais útil para a nossa causa no sector ariano. David Zemba manifestou profunda relutância em deixar o ghetto com a família. Parece que continua a residir em Varsóvia e que recusa sair da Polónia. Seis das crianças que escaparam do orfanato da Rua Niska e que viviam na cave de Mila 19 foram recolhidas pelos franciscanos de Laski.

As Forças Unidas contam cerca de setecentos combatentes, que se treinam e aprendem a estratégia dos combates de rua, o manuseamento de armas e a orientar-se pelos telhados.

Temos vinte companhias de combate improvisadas ; um terço delas estão armadas. Existem sete companhias de trabalhistas sionistas, duas do Bund, quatro comunistas, duas de bathyrans e cinco que são compostas por membros de diversos grupos religiosos. Os revisionistas, que agem fora das Forças Unidas, possuem um grupo bem armado de mais de cinquenta homens no seu Bunker de Nalewki 37.

Armas, víveres e medicamentos estão escondidos nas dezenas de abrigos espalhados pelo ghetto. A nossa arma-padrão é a espingarda polaca 35. Possuímos cerca de uma trintena com mil cargas de munições. Por ordem decrescente de importância, vêm cinquenta e seis modelos variados de pistolas de 9 milímetros. (Mausers alemãs, Parabellums e Lahtis suecas.) As armas desirmanadas são um aborrecimento, mas nós aproveitamo-las apesar das dificuldades em conseguir munições e do preço que se tem de pagar por elas.

Dispomos de algumas Berettas italianas (cal. 32) e Glisentis 10.35. As duas Baby Frummer húngaras 380 não têm mais de oito cargas ao todo. (Uma carga de munições para a Baby Frummer custa duzentos zlotys por unidade, enquanto os projéteis de 9 milímetros custam de oitenta a cento e vinte zlotys Possuímos vários milhares de garrafas incendiárias e cerca de mil granadas-tubo, manufaturadas segundo uma fórmula do nosso génio, Jules

Schlosberg. Temos também três dezenas de granadas polacas e diversos punhais.

A mais recente invenção de Schlosberg é uma lata de folha cheia de cavilhas com porcas. A abertura é selada com cápsulas de percussão de plástico e coberta com uma ligeira camada de cera. A teoria foi verificada. Ensaíamos quatro em casas desocupadas. O choque foi tão grande que algumas cavilhas atravessaram as paredes de gesso para saírem na sala vizinha. Denominámos esta arma de matzo bali.

As Forças Unidas operam a partir dos quatro Bunkers principais. O quartel-general de Simon Éden (Leszno 92), a cave da Casa do Bund, Gensia 43, e o nosso Bunker em Mila 19 (que aloja agora cerca de cem pessoas, incluindo dezoito crianças) formam o comando central. Rodei dispõe de uma série de pequenos Bunkers no sul, em redor da fábrica de uniformes. O seu Bunker principal está situado sob a Igreja dos Convertidos! O padre Jakub não dá fé de nada. Um bom amigo. O outro comando, no sector da fábrica de escovas, é assumido por Wolf Brandel, que ainda não tem 20 anos. Wolf espanta-nos a todos com a sua imaginação e completa calma. O seu Bunker principal fica na Rua Franciskanska, quase sob o muro do ghetto e debaixo de duas secções do complexo fabril. Rachel Bronski, agora um soldado, foi viver para o Bunker da Rua Franciskanska.

Diga-se de passagem que Stephan Bronski é considerado o melhor agente de ligação do ghetto.

A fábrica de escovas produz ainda seis mil unidades por dia, destinadas à Wehrmacht. Isto significa, certamente, um constante afluxo de matérias-primas, que chegam do exterior.

Wolf faz a sua capitalização, pagando a Algumas pessoas das secções de recepção e de expedição. Caixas de conservas e provisões diversas que entram no estabelecimento podem facilmente ser desviadas e utilizadas para o contrabando de pistolas e munições.

Antes da partida de David Zemba para o sector ariano efetuamos uma derradeira reunião do Clube dos Bons Amigos (metade dos membros fundadores estão mortos).

Decidiu-se que todos os nossos documentos, salvo o volume em curso, fossem imediatamente escondidos. Encerrámos cinquenta volumes completos em catorze bidões de leite, devidamente fechados e enterrados em catorze locais diferentes.

Dez outros bidões de leite e caixas de ferro contêm material não classificado ou não registado, tal como fotografias, agendas, poesias, ensaios. Somente seis pessoas sabem onde se encontram escondidos os vinte e quatro bidões e caixas: David Zemba, Andrei Androwski, Gabriela Rak, Alexander Brandel. Christopher de Monti e eu. David, Andrei, Gabriela e Alex sabem onde estão localizados apenas alguns dos esconderijos, para que, em caso de captura, lhes seja impossível revelar todos os arquivos.

Somente Christopher de Monti e eu conhecemos a Idealização de todos os bidões e caixas. Demos a mais urgente prioridade à saída de Chris da Polónia, porque ele é a nossa única esperança no sentido de atrair a atenção do mundo para o holocausto do povo judeu. Porém, ele é objeto de uma caça ao homem sem precedentes no sector ariano, e será quase impossível fazê-lo sair do País.

Algumas boas notícias. Embora seja aliada da Alemanha, a Finlândia recusou terminantemente entregar a sua comunidade judaica (duas mil pessoas) a Eichmann. Com efeito, o velho marechal Mannerheim ameaçou utilizar o exército finlandês para proteger os Judeus. Ouvimos dizer que se verificaram gestos semelhantes de desafio, em particular na Dinamarca. Diz-se igualmente que a Bulgária e a Roménia não cederão os seus judeus à pressão fanática de Eichmann. Senhor, senhor, que não poderíamos nós fazer com a proteção do exército polaco do interior, que agora conta com 250000 homens!

Já que os arquivos do Clube dos Bons Amigos se encontram em lugar seguro, creio que o meu trabalho chegou ao fim. Sinto-me muito só sem Susan e minha mãe. Estou quase cego à força de trabalhar na cave, com uma luz reduzida, para ordenar estas notas. A humidade faz-me sofrer de artrismo; tenho as mãos e os ombros inchados.

As dores assaltam-me constantemente. Por quanto tempo poderemos continuar? Quantos de nós escaparão? Dois?

Cinco? Cinquenta? Quantos? E que dizer das Forças Unidas?

Um exército de loucos! Ninguém, nos sonhos mais exaltados, crê que seremos capazes de resistir mais de dois ou três dias a um assalto. Assim, porque lutar? Quando nos bateremos? Ou chegaremos mesmo a bater-nos? Qual de nós ousará disparar o primeiro tiro contra o inimigo?

Qual?

Classificado como primeira entrada de um novo volume por Ervin Rosenblum em 15 de Janeiro de 1943.

## CAPÍTULO II

Louro, de olhos azuis, garboso, o inteligente e ativo Oberführer das SS Alfred Funk presidia, com a sua pose altiva, a uma conferência, cujos participantes se encontravam em volta de uma mesa envernizada. À sua esquerda, escutando com muita atenção, sentavam-se Rudolph Schreiker e o Dr. Franz Koenig; em frente destes, o chefe da Gestapo, Gunther Sauer, e o Sturmbannführer Sieghold Stutze, recentemente nomeado chefe da Polícia de Segurança para toda a zona de Varsóvia. Não tão atento como os restantes, Horst von Epp tinha o ar de quem morria de tédio e olhava pela janela, da outra extremidade da mesa.

Funk era há tanto tempo portador de ordens verbais de Berlim para a Polónia sobre o «problema judaico» que o sentido das suas palavras era compreendido claramente, apesar dos véus ténues que as envolviam. Ele falava num tom monótono, desprovido de qualquer emoção.

— Os que restam no ghetto são comunistas, criminosos, pervertidos e agitadores.

Quatro deles fizeram um sinal de aprovação com a cabeça. Von Epp brincava com um clip.

— Himmler decidiu que, em nome da justiça mais elementar, devíamos apagar esta mancha. Iremos proceder dentro em breve à fase final da liquidação do ghetto.

Cada um dos presentes interpretou imediatamente esta ordem segundo a sua esfera pessoal de ação.

Para Rudolph Schreiker, a eliminação do problema judaico na sua área seria um alívio; este problema estava a tornar-se bastante complicado para ele; não o entendia ; além disso, os traços dos seus numerosos negócios escuros perder-se-iam com a destruição do ghetto.

Franz Koenig não fora apanhado desprevenido; contava com a ordem de liquidação do ghetto. Por isso negociara novos contratos de guerra, utilizando trabalho escravo em Trawniki e Poniatow.

Sauer acolheu a ordem com indiferença. Um polícia está sempre ocupado. Mal os velhos problemas são solucionados, outros novos surgem. A Gestapo nunca repousa, jamais repousará.

Extingue-se um incêndio, dois mais deflagram. Não tem importância.

Horst von Epp desejava que a reunião terminasse, a fim de poder fazer um telefonema para se assegurar de que as novas aquisições femininas tinham chegado de Praga.

Stutze era o que parecia mais preocupado. A ele iria caber a tarefa real de extirpar a vermina. Os Judeus tinham mostrado grande engenho ao esconderem-se; haviam consagrado um Inverno a escavar no subsolo; ele necessitaria de reforços.

— Sabeis, naturalmente, que os Judeus vivem agora no subsolo — disse Stutze. — Pode-se percorrer durante horas as ruas do ghetto sem que se encontre sinal de vida. Eles vivem como toupeiras. Segundo os registos da Autoridade Civil, restam ainda entre quarenta e cinquenta mil. E não se pode desprezar o fato de que eles se têm armado.

Funk interrompeu Stutze.

— Não sugere, suponho, que os Judeus se irão bater.

— Certamente que não, Oberführer — volveu pressurosamente o austríaco. — Mas como declarou, os que se encontram refugiados no ghetto são criminosos e comunistas.

— Deposito plena confiança no Corpo Reinhard; ele estará perfeitamente à altura da situação — concluiu Funk abruptamente.

Stutze empalideceu. Funk colocara-o numa posição tal que lhe seria impossível solicitar reforços.

— Decerto, Oberführer.

— Muito bem, muito bem — disse Funk. — Amanhã à tarde gostaria de escutar os seus planos para esta liquidação.

— Perfeitamente, Oberführer.

— O senhor, Dr. Koenig, submeterá as suas necessidades quanto à transferência da maquinaria das suas fábricas..

Koenig inclinou a cabeça.

— Até amanhã à tarde, senhores.

Todos se levantaram imediatamente dos seus lugares.

— Heil Hitler!

— Heil Hitler!

— Herr Sauer... um momento, por favor.

O chefe da Gestapo voltou à sua cadeira. Horst von Epp ficou também. Após a saída dos outros, Funk dirigiu-se a Sauer.

— A propósito desta questão dos arquivos do ghetto, de que lhe falei na minha última visita, que conseguiu apurar?

— Pouca coisa. Os Judeus protegem estes historiadores com singular devoção. Nem mesmo a Milícia nos quer informar. Por medo de represálias, suponho.

— De que se trata? — perguntou Horst.

— Da mania que têm os Judeus de escrever diários.

Desenterrámos milhares nas reservas da Polónia, particularmente nos campos de tratamento especial. Há muito tempo que sabemos existir aqui um grupo devotado à organização de verdadeiros arquivos.

«Bem, bem», pensou Horst.

— Não podemos proceder à liquidação final do ghetto antes de descobrirmos estes arquivos — continuou Funk. Hitler deu-me pessoalmente instruções precisas para que deitemos a mão a este acervo de mentiras dos Judeus. Não Podemos permitir que as suas distorções sejam publicadas.

Sauer não se perturbou ao ouvir a dissertação de Funk.

O general apercebeu-se do fato. Assim, elevou o tom da voz.

— Não é bastante que aquele imundo acervo de mentiras sobre os campos de trabalho tenha podido sair secretamente da Polónia?

— Talvez —olveu Sauer mansamente — o Führer devesse submeter o problema aos nossos amigos italianos, para se inteirar da maneira como o relatório saiu.

— É dever da Gestapo saber estas coisas e evitar o crime antes que possa ser cometido.

Horst sentiu-se fascinado perante o brusco volver de argumentos, em face do rumo que a discussão tomava. Um dos dois interlocutores teria de ceder.

— Queremos informações positivas sobre estes arquivos do ghetto! — insistiu Funk com aspereza.

— Certas pessoas — retorquiu Sauer — estavam com tanta pressa em mascarar as suas operações financeiras que liquidaram prematuramente os Sete Grandes, destruindo num golpe súbito e inesperado toda a minha rede de informadores.

A insinuação era clara. Metade dos nazis de Varsóvia desejaram selados para sempre os lábios de Max Kleperman.

O polícia esfregou os olhos, refletiu e disse, num monólogo, como se falasse para si próprio :

— Se alguém no ghetto está ao corrente destes arquivos, não pode ser outro senão Alexander Brandel. Porém, ninguém o viu em todo este Inverno. Sabemos que existe um Bunker sob Mila 19, mas ainda não conseguimos dar com a entrada.

Desejoso de não complicar o problema e de se desembaraçar de Sauer, que não se deixava impressionar, Funk tomou bruscamente uma decisão :

— Vou ordenar a Stutze que me descubra imediatamente este Brandel. Em seguida podemos proceder à liquidação do ghetto.

Um pouco mais tarde, naquela noite, Horst desceu dois andares do Hotel Bristol e dirigiu-se para a porta que, guardada por dois SS, dava acesso à suíte de Funk. A ordenança do general fê-lo entrar.

— O Oberführer está a tomar banho — disse o soldado, que, em seguida, preparou uma bebida para Von Epp e desapareceu no quarto de dormir.

Funk banhava-se novamente! Funk banhava-se antes e depois de todas as conferências. Havia ocasiões em que tomava cinco e seis banhos num espaço de vinte e quatro horas. Muitas vezes, quando uma bela reunião íntima começava a atingir o momento culminante e as mulheres se mostravam deliciosamente perversas, Funk desculpava-se e corria a meter-se sob o chuveiro.

A leitura do judeu Freud era interdita por lei: porém,, Horst trouxera alguns volumes para Varsóvia. As interpretações de Freud sugeriam lhe continuamente interessantes explicações sobre o estranho comportamento dos seus colegas nazis. A mania da



limpeza exibida por Alfred Funk, concluíra ele, constituía um esforço inconsciente para lavar com sabonete a alma emporcalhada. Porém, o sabonete ersatz era de má qualidade nestes dias!

Horst refletiu sobre as reações bizarras que surpreendera no decurso da conferência. Assistira a numerosas reuniões à volta de grandes mesas bem polidas, nas quais Funk e outros nazis, depois de enunciarem o dogma, reenviavam os participantes pela estrada radiante dos seus destinos, não sem desferir, em brado vibrante, um «Heil Hitler!» Hoje, contudo, a reunião não se parecera em nada com as precedentes. Os mesmos atores, mas papéis diferentes. As primeiras hesitações. Um palor ténue de dúvida e de medo.

Rudolph Schreiker soltara uma boa dezena de suspiros de alívio, perfeitamente audíveis, ao escutar a ordem de liquidação do ghetto.

Podiam imaginar-se com a maior vividez as elucubrações mentais de Koenig pondo-se rapidamente em atividade a fim de transferir a sua fortuna para a Argentina, o único país da América que manifestava amizade aos nazis.

Stutze temia executar a liquidação final. Demonstrara, em certo instante, a sua imensa cobardia.

«Sauer. Um belo tipo, como eu. Sauer nunca vacila Conhece o seu trabalho. Executa-o com perseverança. Eu e ele somos os verdadeiros duros.» Mas fora Funk quem encenara o ato supremo deste espetáculo.

Refletira o pânico que reinava em Berlim em virtude de alguns obscuros arquivos judaicos. E Funk recuara ante Sauer, o que nunca fizera antes.

Envolto num grande roupão de banho e ainda pingando água, Funk penetrou na sala.

— Você parece fatigado, Alfred — disse Horst. — Aconselho-o a que siga as instruções do médico. Descontraia-se e repouse.

A ordenança de Funk afadigava-se em secar o cabelo do amo. Funk despediu-o, acendeu um cigarro, deixou-se cair sobre uma ampla poltrona, estendeu pernas e braços e entreabriu a parte superior do roupão o suficiente para revelar a insígnia tatuada sob o sovaco esquerdo, a marca do escol das SS.

— Acabam de me chegar de Praga duas irmãs checas.

Foram-me altamente recomendadas. Não são nada de extraordinário de aparência, mas parece que fazem contorções fantásticas.

— Ótimo. Preciso de um pouco de desporto.

Funk abandonou a sala, com um copo na mão, mas deixou a porta entreaberta a fim de que pudessem conversar.

No princípio das suas relações Funk detestara Horst von Epp. A sua atitude cínica, a sua ironia fustigante e a sua óbvia falta de devoção sincera aos ideais nazis, assim como o aborrecimento que Horst manifestava exuberantemente durante as conferências, - irritavam Frank. Porém, Von Epp começou depois a subir no seu conceito.

Horst von Epp dirigia o seu departamento com bastante eficiência. Além disso, não havia quem o igualasse quando se tratava de fornecer cortesãs aos oficiais, não importava onde na Europa. Uma vez que os colegas se habituassem ao seu sentido de humor, este perdia muito do que tinha de ofensivo. Funk acabou por compreender que Von Epp» nos seus gracejos, motejava sobretudo de si próprio.

Gostava também de Von Epp por outra razão. Mostrava relutância em admiti-lo, mas agradava-lhe conversar com Horst. Depois de, em 1930, ter aderido ao Partido, encontrou-se associado com homens desprovidos de humor, que mantinham a boca cerrada por considerarem perigoso revelar os seus pensamentos íntimos ou mesmo admitir possuí-los.

Ele havia feito votos tão severos como os de um monge de uma ordem eclesiástica das mais silenciosas.

Depois de se atenuarem as primeiras comoções suscitadas pelos comentários acerbos de Von Epp em relação aos nazis, Funk começou a pensar na sua ida para Varsóvia.

Com Von Epp podia trocar ideias, conversar, fazer esgrima verbal, confiar as suas decepções ou as suas frustrações, deixar-se vogar com um abandono que não se permitiria mesmo com a mulher e os filhos.

Horst apoiara-se ao lambri da porta enquanto Funk se ataviava diante do espelho para realçar a sua imagem de perfeito ariano louro.

— Como é que encaram em Berlim a nossa derrota em Stalingrado? Com um sorriso, espero.

Funk deixou cair a escova do cabelo, voltou-se furioso, mas depois conteve-se.

— Havemos de transpor Stalingrado.

— Era bem o que eu receava. Vós, desmancha-prazeres, sois tão obstinados que nem sequer conseguis ver o que está escrito na parede. E o esmagamento do nosso Afrika Korps na Tunísia?

Funk embrenhou-se imediatamente no catecismo da lógica nazi. Os Russos não tardariam a ser aniquilados.

A América tinha uma coluna vertebral demasiado débil para sustentar uma guerra longa, sacrificar os seus filhos, as suas comodidades e o resto à perspectiva de uma vitória incerta.

A Inglaterra? Arruinada!

— Oh, por amor de Deus, Alfred! — disse Horst, sentando-se na beira da cama. — Fui eu quem escreveu a maior parte desses absurdos depois de Dunquerque. Sabe o que tenho andado a fazer ultimamente? A proceder a um exame de consciência. Já alguma vez fez um exame de consciência?

— É uma ocupação perigosa, reservada exclusivamente àqueles que, devido à sua idade avançada, não têm mais nada que fazer para passarem o tempo. Eu renunciei a isso há doze anos, quando aderi ao Partido.

Funk pôs os suspensórios e declarou à ordenança que era capaz de abotoar o dólmã. Horst seguiu Funk, que voltava à sala, e instalaram-se confortavelmente para aguardarem as irmãs de Praga.

— Porque é que Hitler se preocupa subitamente com alguns escritos dos Judeus? Trata-se de um sentimento de culpa? Da intuição de que a Alemanha perderá a guerra se não transpuser a frente de Stalingrado? Hitler compara estes escritos ao outro livro redigido pelos Judeus e que atormenta a consciência humana há dois mil anos? Teme ele que dois milénios de maldição judaica

corroam as almas das gerações alemãs ainda por nascer e que impeçam o seu crescimento? É o receio de um castigo divino?

— Disparates! — volveu Funk num tom seco. Esteve prestes a recitar o breviário nazi sobre a responsabilidade do judaísmo internacional no desencadeamento da guerra, mas decidiu poupar Horst, ou, antes, poupar-se a si mesmo, pois as réplicas de Von Epp seriam aceradas.

— Quererá você dizer, então, que este desejo estranho de encontrar alguns volumes, agora, que possuímos meio mundo, significa que a pena é realmente mais poderosa do que a espada?

— Nada disso. Todo o conquistador tem justificado as suas ações. No nosso caso, a eliminação dos Judeus é uma missão sagrada, tal como a eliminação de outros povos foi uma missão sagrada de diversos impérios.

— Quererá dizer que este desejo de encontrar os arquivos se assemelha ao esgaravatar frenético dos cães que procuram cobrir os seus excrementos?

— Mude de conversa, Horst. Você fala como se o povo alemão tivesse cometido qualquer espécie de crime.

— E não cometeu?

— Certamente que não. Temos uma soma enorme de precedentes. Até os antigos Hebreus destruíram os inimigos...

invocando os mandamentos do seu Deus. Os Mongóis ergueram pirâmides de crânios. Os Chineses utilizaram corpos de seres humanos como argamassa para construir a Grande Muralha. Napoleão teve a sua Gestapo; os Russos têm a deles. Nós estamos simplesmente a fazer variações sobre um tema antigo. Todo o homem procura ser o mais forte. O desejo de dominar é uma expressão bem natural do comportamento humano. No plano individual, este desejo exprime-se no escritor pela redação de um livro, no atleta pelo treinamento a que submete o coração e os músculos.

Quando este desejo se reveste de uma expressão nacional, toma a forma de uma conquista. Todos os povos, em todas as épocas, fizeram conquistas. O mundo possui somente um meio para provar que um é mais forte do que outro: a conquista.

Horst soltou um grunhido ante a lógica cruel mas exata de Funk.

— Concordo — disse ele — que o desejo de dominar seja uma característica inalterável do ser humano. Mas levemos a coisa um pouco mais longe. Eis uma mulher que deseja cometer o adultério. Ela tem família, filhos, uma posição na sua comunidade. Dirigir-se-á ela nua, pelas ruas, ao encontro do amante e realizará o ato sexual na montra de uma loja? Não. Porquê? O adultério é um pecado a que todos nos inclinamos; porém, a mulher de que falo encontrará um recanto bem isolado, secreto, enganará o marido e evitará o escândalo. Ela age segundo as regras do jogo. Ora vejamos, Alfred: mesmo o jogo do pecado deve ser conduzido segundo as regras. E, assim, a guerra devia ser conduzida também segundo as regras.

Funk pousou o copo.

— Essa teoria, segundo me parece, resume-se nisto :

Quando a Luftwaffe visa mal e mata em Londres mulheres e crianças, pode-se desculpá-la; se mata a sangue-frio, então infringe as regras. É uma hipocrisia manifesta! É maior o pecado quando o comandante de um submarino mata um homem num navio sem aviso ou quando torpedeia o mesmo navio, conforme o regulamento, em combate regular? A regra que expõe diz: «Matai os soldados!» Matar um homem armado é realmente uma morte menos grave do que a morte de uma criança? Sabemos que outros conquistadores falharam porque fizeram a guerra, segundo preceitos mais humanos, não se isentando da compaixão. A guerra total significa aniquilamento total. Se vencer significa reduzir a Polónia a uma massa de servos sem cultura, então é isso o que devemos fazer.

— Se é assim, porque não utilizar gases asfixiantes?

— Não se trata de uma decisão ditada pela compaixão, mas pelo oportunismo. Nós certamente que não hesitaríamos se tivéssemos a certeza de que não nos fariam o mesmo.

Não se pode avaliar a brutalidade por uma escala graduada.

Todos os conquistadores justificam os seus objetivos por meio de uma teoria política. No nosso caso, os nazis fornecem-nos vários subterfúgios. Nenhuma nação parte para a guerra sem crer profundamente na justiça da sua causa...

Vamos mais longe. Nós realizamos com atos o que outros se contentam apenas em formular teoricamente. Nos campos de concentração, reduzimos o nosso inimigo político até que ele tome a aparência física de um sub-humano, o que nos torna super-homens por comparação.

— Alfred, nunca nada disto o perturbou como indivíduo?

--Não. Por alturas de 1930 disse a mim mesmo: «Ou te tornas um nazi, ou submerges.» A minha opinião pessoal sobre o problema judaico não tem importância. Horst, você já assistiu a uma gaseagem?

— Não.

— Organizarei uma em sua honra.

— Obrigado, embora não aceite.

— A primeira vez que observei uma foi com uma sensação de completo fascínio. Dormi perfeitamente naquela noite. A única coisa que me aborreceu foi ver, nas câmaras, que algumas judias com os filhos nos braços me olhavam com um sorriso irónico, como o de Mona Lisa.

Horst lamentava ter dado origem à conversa.

— Vou dizer-lhe porque é que o povo alemão realizará o que outros não conseguiram. Porque somos capazes de assumir à perfeição o estado de espírito necessário. Nós podemos conceder uma obediência absoluta, responder à autoridade total, como não acontece com outro povo.

Horst voltava os cubos de gelo com o dedo indicador.

Perscrutou o rosto de Funk. O Oberführer estava desprendido de tudo o mais; a sua monstruosa crueldade impessoal dominava qualquer outro sentimento que aflorasse à sua fisionomia.

— Os outros falam do amor da pátria. Nós dedicamo-nos a este amor por meio da obediência absoluta. Há quatro anos eu comandava em Dachau a escola de treino dos jovens das Waffen SS. Nós pegávamos em garotos de dezesseis anos e dávamos-lhes um ano de doutrinação, que era completada com experiências utilizando prisioneiros vivos. Todo o curso era calculado para lhes inculcar uma obediência absoluta, sem discussão, à pátria. Quando começava o treino, entregávamos a cada rapaz um pequeno lobo-da-Alsácia de

seis ou oito semanas. Durante o ano parte da sua preparação consistia em treinar o animal, viver com ele, a fazê-lo competir contra outros cães. Encorajávamos os jovens a desenvolver a afeição natural que um rapaz sente por um cão.

Funk apertou as mãos por trás das costas.

— A última prova do curso, o teste que permitia saber se o jovem era digno de se tornar um oficial das SS, passava-se da seguinte maneira: eu fazia-o entrar numa sala com o cão e, enquanto ele se encontrava diante de mim, em sentido, com o animal a seu lado, dizia lhe: «Hans, ordeno-te que estrangules o cão neste mesmo momento».

Horst pensou que ia vomitar.

— Oh, alguns não eram capazes de o fazer. Vários, mesmo, desatavam a chorar. Mas quase todos eles, sem manifestarem o menor vislumbre de remorso, sem um segundo de hesitação, volviam: «Jawohl, Herr Kommandant!» E quebravam o pescoço do animal sem vestígio de emoção.

Eis, Horst, o supremo estado de obediência absoluta que nós, Alemães, atingimos.

Horst serviu-se um copo cheio de whisky.

— Heil Hitler — disse.

O Sturmbannführer Sieghold Stutze percorria, possuído de fúria selvagem, o quarto que ocupava no quartel. Sauer, chefe da Gestapo, acabava de o deixar, depois de lhe ordenar que cercasse maciçamente Mila 19 e não retirasse antes de ter descoberto a entrada do Bunker subterrâneo e capturado Alexander Brandel.

Era sempre a mesma coisa; como das vezes anteriores, esse bastardo prussiano, Alfred Funk, confiava lhe a missão mais espinhosa, o trabalho mais sujo! Onde estava a sua promoção a Standartenführer? Já tinha mais do que merecido o posto de coronel. Mas estes malditos Alemães não deixavam de conspirar contra os Austríacos.

Os judeus do ghetto tinham-se armado durante todo o Inverno. Era impossível prever o que aqueles judeus loucos planeavam. Stutze começou a suar abundantemente.

Ah!, seria para si uma hecatombe se caísse numa armadilha urdida por um capricho de Funk. Este maldito Funk não compreendia o risco que se iria correr!

Inopinadamente, Stutze ouviu um grito proveniente do corredor e teve uma inspiração súbita. Esse idiota, Kutler, com os seus pesadelos. Espera! Kutler! Uma besta sempre ébria que se tornara um inútil completo. Sim! O problema estava resolvido! Kutler comandaria a operação contra o ghetto. Kutler que se virasse com o berbicacho. Boa ideia...boa ideia!



## CAPÍTULO III

— Ah! Ah! — gritou Andrei com uma alegria diabólica, esfregando as mãos. — Ah, que cretino que tu és!

Fizeste um péssimo gambito!

Andrei deslocou o cavaleiro no tabuleiro de xadrez.

— Xeque!

Chris replicou imediatamente, comendo um castelo que se achava sem cobertura, colocando o jogo de Andrei numa posição impossível.

— Um péssimo gambito, sim! Mas o mais cretino dos dois não é aquele que eu pensava.

Andrei estudou o tabuleiro por um momento, praguejando entre dentes.

Chris levantou-se da mesa e pôs-se a caminhar, inquieto, pelo pequeno sótão.

— Que tens, Chris?

— Fome, desejo fumar, estou farto deste cárcere... e quero ver Deborah.

— Gostava de ouvir a primeira pessoa que me dissesse bem da vida no ghetto —olveu Andrei.

— Ela tem as suas vantagens. Fez-me romper com os maus hábitos da embriaguez.

Chris acariciou o estômago.

— E repara como me tornei esbelto!

— Que é que te inquieta? — insistiu Andrei.

— Partir ou não partir. Cos diabos, eu sei quão importante é sair da Polónia, agora que conheço os locais onde se encontram enterrados os arquivos; mas, antes, achava já impossível abandonar Deborah, mesmo quando acreditava que ela me odiava. Agora, juro, não sei se tenho coragem de partir.

— Ah, as mulheres! — resmungou Andrei. — Elas têm uma rica maneira de se nos introduzir sob a pele...

Ele dirigiu-se para Chris e colocou lhe uma das mãos no ombro.

— Tenho confiança em ti, Chris. No momento próprio saberás tomar a decisão correta, e, se tiveres sorte, ela surgirá naturalmente.

Os dois homens imobilizaram-se no mesmo instante, para tentarem captar algo que alertava um sexto sentido situado para além das faculdades auditivas normais. Alguns segundos mais tarde a sineta de alarme irrompeu numa série de toques precipitados.

— Jamais me habituarei a esta maldita sineta — disse Chris.

Wolf Brandel entrou com uma grande mala e olhou para o tabuleiro.

— Quem é que jogou com as pretas? — perguntou.

Chris apontou com o polegar para Andrei. Wolf esboçou uma careta e fez :

— Tsk, tsk, tsk.

— Tens um cigarro? — perguntou Chris.

— Não fumo.

— Que diabo!

— Andrei! Chegaram três Kar 98 com setenta balas.

Estão todas em muito bom estado. Temos grandes possibilidades de conseguir quatro Mausers de 9 milímetros depois de amanhã.

— Belo trabalho! — disse Andrei. — Por este andar, dentro de poucas semanas teremos armas para metade dos nossos homens. Como vai a Rachel?

— Ótima.

— Que tens nessa mala?

— Bem, vou cá meter algumas granadas matzo bali destinadas ao meu Bunker. Experimentámos uma ontem. Blam!

Porcas e parafusos por todo o lado. Quero propor uma coisa ao Schlosberg: desenhar uma matzo bali bem grande.

Wolf alargou as mãos para indicar um diâmetro de 1 metro e 20 centímetros.

— Qualquer coisa como uma mina terrestre que podemos fazer detonar por ignição. Uma engenhoca com duas mil porcas e

parafusos.

— Boa ideia — disse Andrei.

Wolf colocou a mala em cima da mesa.

— Olha.

Andrei abriu a mala, sem saber o que se lhe depararia.

Retirou uma cobertura. Uma arma automática e cinco carregadores surgiram diante dos seus olhos.

— Meu Deus! — disse Andrei, não acreditando no que via. — Meu Deus! Uma metralhadora Schmeisser. Meu Deus!

Andrei humedeceu os lábios; as suas mãos tremiam, tinha um desejo louco de pegar na arma, mas receava que ela desaparecesse como uma miragem.

--Mas onde diabo arranjaste tu isto, Wolf?

— Um sargento alemão de uma divisão blindada; ele perdeu uma perna na frente oriental; vendeu este brinquedo por quatro mil zlotys apenas.

— Meu Deus!

— Vá, Andrei, pegue nela!

Andrei tirou a arma da mala. Acariciou-a com uma ternura reservada somente para Gabriela. Fez deslizar a culatra, apontou para um alvo imaginário, apoiou a arma na anca e premiu o gatilho.

— É sua, Andrei — disse Wolf.

— Minha?

— Um presente do grupo da fábrica de escovas.

— Não o posso aceitar.

— Reunimo-nos e votámos. Decidimos, de maneira democrática, que ela seria mais útil nas suas mãos. Naturalmente, a maior parte dos votantes eram bathyrans.

Andrei sentia-se tomado por profunda emoção.

— Amo-a tanto que só encontro um nome para ela :

Gaby! Talvez Gaby dispare uma rajada que será ouvida por todo o mundo. Wolf, adoro-te!

A sineta de alarme ressoou novamente. Simon Éden entrou.

--Tem um cigarro? — perguntou Chris.

— Apenas o ersatz alemão, mas são seus.

Chris bateu em retirada para o leito, acariciando o maço de cigarros com o mesmo afeto que Andrei manifestara em relação à Schmeisser.

--Olha! — disse Andrei, mostrando a metralhadora a Simon.

— Já sabia — respondeu Simon. — Na minha qualidade de comandante das Forças Unidas, foi-me concedida a gentileza nominal de juntar o meu voto ao dos Bathyrans para designar o proprietário dessa arma.

Andrei apercebeu-se imediatamente de que os olhos negros de Simon tentavam dissimular uma preocupação.

— Que estás pensando, Simon? És um comandante ainda mais inepto do que eu.

— Funk chegou ontem à noite a Varsóvia.

Há muito que esperavam tal notícia. Todos sabiam que ela acabaria um dia por surgir; compreendiam o significado da chegada de Funk: liquidação final. Porém, um silêncio prolongado traduzia as apreensões de todos.

— Alfred Funk -disse Chris por fim — o precursor da Primavera. O mensageiro da paz e da luz.

Andrei acariciou a sua Schmeisser.

— Gaby querida, chegaste mesmo a tempo.

O comandante das Forças Unidas, alto, anguloso, volveu os olhos, cheios de inquietude, de Wolf para Andrei e depois para Chris. Em seguida comunicou a mensagem pela qual viera.

— Quero modificar a nossa estratégia — disse. — Vou fazer sair as nossas companhias das suas posições expostas, fragmentá-las e colocá-las nos abrigos.

— Porquê? — perguntou Andrei. — Para que os homens aguardem, debaixo do solo, como cães tremendo de medo, o momento em que sejam açoitados e destruídos, Bunker após Bunker?

Simon sacudiu a cabeça como um vencido.

— Procedi a uma avaliação das nossas forças. Não podemos tentar um combate de rua.

— Quê? Não foi Simon Éden quem, há um ano, me veio falar, exsudando pureza sionista por todos os poros, e me disse: «Não te

batas agora, Andrei. Aguarda! É preciso que as tuas balas sejam ouvidas ao longe! Não morras em silêncio.» — Pelo demónio, Andrei! Imaginas que me agrada esta decisão?

— Porque me mentes?

— Porquê... porque acreditei com toda a minha alma em que constituiríamos um exército de dez mil homens em fúria. Não podemos subsistir mais do que dois ou três dias.

Não receberemos auxílio algum do sector ariano. Nada... nada!...

Desdobrou um grande papel azul e estendeu-o sobre a mesa.

— Olha — prosseguiu Simon. — Eis, desenhado por um engenheiro da cidade, um mapa do sistema de esgotos de Varsóvia. Nós vamos espalhar as nossas companhias nos Bunkers que possam ter ligação com as condutas. Enviei Rodei ao outro lado do muro comprar camiões e contratar motoristas. Os comunistas prepararão vias por onde nos possamos escapar para refúgios na floresta. Nós passaremos sob o muro em pequenos grupos, introduzir-nos-emos nas condutas e sairemos a uma dezena de quilómetros do ghetto, em locais preestabelecidos.

Andrei pegou impetuosamente no papel e fez com ele uma bola.

-Queres que nos destruamos com uma fútil resistência de três dias? — gritou Simon. — Ou é nosso dever... sim, nosso dever... permitir a um punhado de sobreviventes que se escapem? Se ficarmos, morreremos todos. Ao menos, se utilizarmos o outro método, alguns conseguirão evadir-se para contar a história.

— Ele tem razão, Andrei — disse Chris, interpondo-se entre eles. — Esta odisseia deve ser relatada.

Andrei volveu lentamente os olhos para Wolf Brandel.

— Não sei — murmurou Wolf.

Andrei sentou-se, esforçando-se por se conter.

— Que história contarão eles, Simon Éden? Exumarão os diários de Brandel para lerem que quinhentos mil carneiros caminharam em silêncio, sem protestar, para a morte e que altivos idealistas, que resistiram por amor da honra, retiraram de rastos,

através de esgotos cheios de trampa, a fim de darem a conhecer ao mundo a sua trágica herança?

Que história, Simon? Que história? Não sentirás vergonha? Não terás guardado no coração um louco desejo, um furioso desejo, de vingar crianças assassinadas? Simon! Uma semana! Fiquemos e lutemos como homens durante uma só semana!

— Não poderemos aguentar-nos uma semana. É impossível!

— Betar! Masada! Jerusalém! Devemos demonstrar lhes que os Judeus ainda sabem lutar, Simon!

— É nosso dever tentar sobreviver — respondeu Éden.

Andrei voltou-se para Wolf.

— Ordena aos Bathyrans que regressem a Mila 19. Não nos associaremos ao aviltamento final do nosso povo.

— Não dividamos o comando! — suplicou Simon.

— Ouviste-me, Wolf? Dei-te uma ordem!

Profundamente inquieto, Wolf volvia os olhos de um para outro.

A sineta de alarme retiniu. Cinco vezes. Toques prolongados.

Wolf lançou uma olhadela para a rua.

— Está coalhada de SS — anunciou ele.

Os quatro homens verificaram rapidamente as suas armas e precipitaram-se para a escada que dava acesso ao telhado.

Andrei foi o último a subir. Fechou a claraboia atrás de si; gelado por uma brusca corrente de ar glacial de Janeiro, esfregou os braços.

— Desçamos para Mila 5 — disse Andrei. — Tenham cuidado; não façam voar essas penas, que poderiam revelar a nossa posição.

Agachados, avançaram sobre as penas como se receassem pisar ovos. Chris tocou com um pé num floco de neve dissimulado pelas penas; resvalou e não pôde conter um débil grito de dor.

— O meu joelho! — exclamou De Monti, num gemido.

— Que aconteceu?

— O meu joelho tocado quando jogava basquetebol...

Escolheu uma bela altura para se deslocar, não há dúvida.

— Vão ver o que se passa na rua — disse Andrei a Wolf e Simon, que gatinharam até junto do rebordo do telhado.

Chris fez uma careta quando Andrei tentou pôr lhe no seu lugar a cartilagem deslocada, a qual estalou ao encontrar a sua fenda habitual. Os lábios de Chris fizeram-se brancos.

— Consegues mover-te?

--Aperta-a bem, seja com o que for, de modo que não se desloque uma vez mais.

Andrei tirou o casaco de couro; em seguida rasgou uma das mangas da camisa e enrolou-a com firmeza em volta do joelho de Chris para imobilizar a rótula no seu lugar.

Na beira do telhado, Wolf e Simon volveram os olhos para baixo e viram um enxame de alemães espalhados pela rua. O quarteirão estava completamente cercado, da Rua Nalewki até à Rua Zamenhof; a força principal concentrava-se na sede da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo, em Mila 19. Wolf e Simon voltaram, rastejando, ao sítio onde se encontrava Andrei.

— Estamos entalados — disse Simon.

— Podemos romper em direção do teu quartel-general?

— Não — respondeu Simon. — Teríamos de atravessar um pátio em Mila 5. É impossível.

— Não podemos ficar aqui — disse Wolf. — Dentro de alguns minutos eles invadirão os telhados.

— Eu possuo um esconderijo aqui em cima — declarou Andrei. — Penso que nos poderá abrigar aos quatro.

Chris esforçou-se por se pôr de pé. Simon e Wolf estenderam um braço cada um e pegaram-no pelos ombros. Chris conseguiu avançar, coxeando. Andrei conduziu-os para a última casa, situada num ângulo das Ruas Mila e Zamenhof.

O telhado inclinava-se abruptamente por cerca de 15 metros até à caleira. Junto do rebordo, diante das goteiras, havia uma grande chaminé.

— Temos de descer até à chaminé — disse Andrei. Deitem-se bem sobre o ventre e movam-se em linha reta com a chaminé, para que não sejam enxergados da rua.

Andrei deitou-se sobre o ventre, cabeça para diante, a Schmeisser presa entre os cotovelos. Centímetro por centímetro, descia à força de sacudidelas. «Atenção ao gelo!», disse a si mesmo.

«Mete os dedos dos pés para dentro, não olhes para o rebordo... É uma queda de cinco andares...

Calma! Calma!» O sangue afluía lhe à cabeça e por um momento sentiu uma vertigem; bruscamente, deu-se conta de que três dias quase sem comer o tinham debilitado. Os cravos das telhas arranhavam lhe as pernas e o ventre, rasgavam lhe o casaco de couro; o frio atormentava-o com câibras. «Dois metros ainda... mais dois metros.» Andrei colocara-se em frente da chaminé. Deixou-se rolar até ela.

Com as costas apoiadas na chaminé, fez sinal ao homem mais próximo para que descesse. Simon começou a avançar.

Andrei retirou um cravo de uma telha mal colocada; era a primeira chave de um puzzle chinês. Fez deslizar umas telhas e desuniu cinco outras, que depôs na parte inferior do telhado, Abriu, assim, um buraco com espaço suficiente para permitir a um homem deslizar para debaixo do telhado.

Simon cometeu o erro de descer com os pés para diante.

Embora se encontrasse em melhor posição para se firmar pelas mãos, era lhe impossível notar a direção que tomava ou as placas de gelo; iria ele errar a chaminé? Andrei não o podia orientar sem que chamasse, com os seus brados, a atenção dos Alemães. A meio do caminho Simon teria de voltar o corpo de maneira a descer com a cabeça para diante.

«Vamos, Simon! Vamos, por amor de Deus!», monologava Andrei, para si mesmo. O tempo escoava-se. «Vamos, Simon! Se eles chegam conosco ainda nesta posição, far-nos-ão descer como pombos.» Simon Éden atingiu a chaminé, apoiou-se contra ela e deixou tombar a cabeça entre os joelhos; sentira tanto medo que quase chorava.

Agora era a vez de Chris. Wolf ficou acorado na retaguarda, observando o cume dos telhados.

Chris sofria dores agudas devido ao joelho fraturado, mas desceu rapidamente, sem hesitar. Andrei contornou a chaminé e aventurou-se a lançar uma olhadela para a rua.

Até aqui a sorte estivera do lado deles.



— Simon, desce até aqui. Avança de rastos o mais que puderes. Mantém-te sobre as vigas. O forro do teto, por baixo, está podre. Chris, segue-o para o interior. Cola-te o mais possível contra ele, a fim de que haja espaço suficiente para nós todos.

Simon penetrou no buraco com a cabeça para diante.

Fez deslizar o corpo sobre as vigas. Os barrotes formavam um ângulo agudo com elas, de modo que um homem corpulento como Simon Éden mal encontrava espaço onde se alojar. Ele avançou com o maior esforço até que se achou completamente entalado.

Movendo com dificuldade a sua perna ferida, Chris imitou-o.

Andrei ergueu os olhos para Wolf e fez lhe sinal para que descesse. Wolf odiava os telhados, pois eles faziam-no sentir vertigens. Após 5 ou 6 metros, não foi capaz de ver outra coisa senão o rebordo e de pensar em mais do que na perspectiva de uma queda de uma altura de cinco andares. Fechou os olhos. Teve a impressão de que tudo rodopiava. Imobilizou-se. Sentiu-se enregelar. Parecia lhe que Andrei e a chaminé se encontravam a quilómetros de distância.

Andrei impacientava-se. Desejava gritar a Wolf, amaldiçoá-lo, estimulá-lo, orientá-lo. O tempo era precioso. E se fosse buscar Wolf? Não. Da rua aperceber-se-iam certamente do fato. Mas se Wolf continuasse na posição em que se encontrava, os Alemães filá-lo-iam numa questão de minutos, de segundos...

— Vem, rapaz! — suplicava Andrei. — Mexe-te, pequeno, mexe-te!

O suor que perlava nos olhos de Wolf transformava-se em bagas de gelo. Ergueu a cabeça.

— Vamos... vamos... vamos...

Wolf avançou alguns centímetros.

— Vamos:., vamos... vamos...

Mais perto, mais perto, mais perto. Andrei soergueu-se, pegou lhe por uma das mãos, para o fazer percorrer os dois últimos metros. Wolf tremia como varas verdes.

— Entra para ali — disse Andrei, precipitando-o de cabeça para diante no esconderijo.

Andrei seguiu-o, por último. Foi acolhido por sessenta e cinco anos de porcaria e detritos acumulados. Estirou o seu corpo para o fundo, até ser detido por um dos pés de Wolf; então dobrou-se em dois. Jazia contra a chaminé.

Apesar de se achar numa posição incómoda, levantou as telhas e repô-las no seu lugar. Quando a última telha foi ajustada, a cornija do telhado mergulhou na escuridão.

Os quatro homens encontravam-se encerrados num caixão sem luz. Jaziam no interior de um triângulo formado pelas vigas, pelos barrote e pela parede. Cada um dispunha, para se manter em equilíbrio, de três suportes de 7 centímetros que lhe sustentavam o corpo nas barrigas das pernas, nas coxas, costas e ombros. Sob as vigas o forro era podre ; parte dele estendia-se até às goteiras, atingindo o rebordo do telhado.

O rosto de um tocava os pés de outro. Não se podiam mover mais do que alguns centímetros; mudar de posição requeria um esforço lento, prolongado.

— Estão todos bem? — perguntou Andrei.

Os companheiros responderam afirmativamente.

— A tua perna, Chris?

— Incha como um balão.

— Doloroso?

— Deixa-me sofrer em paz.

Um percevejo mordeu Wolf sob uma vista.

— Por quanto tempo já tens ficado aqui, Andrei?

— Uma vez, durante seis horas.

— Mãe Santíssima!

— Claro, não tinha tão bela companhia. Não te apoies sobre o forro, Wolf. Está podre. Alguns pedaços podem cair para a rua. Levanta o braço levemente e esfrega o pé do vizinho para que o sangue possa circular.

Andrei colocou cuidadosamente a Schmeisser no ângulo da viga e do barrote e distinguiu uma réstia de luz na extremidade das goteiras. Depois de algumas contorções penosas conseguiu levantar a cabeça e observar melhor.

— Por Deus, algumas tábuas estão fendidas! Posso observar a rua.

Fez passar a lâmina de uma navalha entre as tábuas, afastando-as centímetro e meio.

— Distingo Mila 19.

— Que se passa?

— Está cheia de alemães. Devem andar à procura do Bunker.

Wolf e Simon sentiam Chris torcer-se de dores quando súbitas guinadas lhe percorriam a perna, que agitava contra a cara de Wolf. Simon passou um lenço a Chris.

— Morde no lenço — disse ele.

Olhinhos luminosos visavam os quatro estranhos que tinham invadido os seus domínios. Garras raspavam a madeira.

— Ratos!

— Fora daqui, bastardos imundos!

— Oh, meu Deus, odeio os ratos — gemeu Wolf.

— Daqui a algumas horas considerá-los-ás verdadeiros amigos — disse Andrei. — À noite são os morcegos que te acariciarão.

Wolf contraía a epiderme quando sentia um rato correr lhe sobre o peito e atacar lhe o rosto.

— Oh, que malditos! — gritou. — Odeio os ratos.

Calaram-se. O som de ordens guturais repercutia-se pelas casas desertas da rua, em baixo, e elevava-se até eles. Os alemães acabavam de descobrir um judeu na Rua Mila e torturavam-no para conhecer a localização do Bunker do 19.

Os gritos de dor e de agonia que escutavam mais terrível tornavam o seu desconforto. Bruscamente reinou um silêncio absoluto; eles controlaram a respiração, débil, pois alguém se movia no telhado.

— Não vejo judeus por aqui, sargento!

— Nunca se sabe onde esta vérmina se pode esconder.

Poste um guarda aqui e um segundo na outra extremidade do telhado.

— Muito bem, senhor.

Andrei calculou que os guardas se encontrariam no sítio onde começava a inclinação abrupta do telhado, uns 15 metros para lá.

Pela fala, parecia tratar-se de ucranianos.

As vigas feriam lhes a pele, mas nenhum deles ousava mudar de posição, O mais ligeiro ruído podia agora perdê-los.

Ficaram numa imobilidade ainda mais absoluta quando ouviram ruídos no sótão, por baixo de si. Os guardas quebravam vidros. Machadinhas e malhos forçavam as portas e as paredes. A fim de descobrirem esconderijos, procediam ao completo desmantelamento do interior do edifício.

Cada um dos quatro homens acariciou no mesmo instante a sua arma. Pragas proferidas pelos caçadores frustrados penetravam naquele túmulo.

Os apitos estridulavam na rua. Fora descoberto outro judeu, escondido no esgoto de um pátio.

Mais homens subiram para o telhado.

Chris torcia-se de dor. Tinha os olhos fechados. Mordia o lenço com todas as suas forças. Simon perguntava a si próprio se não seria melhor lançar Chris na inconsciência com um golpe da pistola. Precisamente no momento em que decidira fazê-lo Chris imobilizou-se e deixou de gemer.

Chris contemplou o pai, de joelhos, diante do altar da pequena capela anexa à biblioteca, na sua vila dos arredores de Roma. Como parecia engraçado ver o pai rezar!...

O pai era um hipócrita! Bebia, jogava, comportava-se como um libertino... era um fascista. Mas o pai rezava. O pai dissera lhe que aprendesse a rezar. «Teria desejado rezar, mas não o podia fazer sem me danar.» «Oh, Maria, Mãe de Deus! Ajuda-me! Vou gritar! A minha perna! Jesus! Jesus! Ajuda-me!» — Os seus homens já fizeram buracos neste telhado?

Os Judeus escondem-se nos telhados!

Sentiam a vibração produzida pelos malhos que quebravam as telhas e as faziam voar em bocados. As velhas vigas gemiam ante este ataque. O medo, tal como picadas de agulhas, feria os corpos dos quatro homens. Wolf começou a chorar mansamente, débeis soluços que só ele escutava.

O inimigo aproximava-se cada vez mais.

Tudo o que Chris conseguia ver era a capela do pai.

Andrei não pensava senão no momento em que os golpes do malho os poriam a descoberto. Descarregaria a metralhadora nas suas caras imundas.

Simon Éden estava calmo. Nada do que acontecesse teria importância, refletia Simon. Os pais, a irmã e o irmão haviam morrido. Os anos que consagrara ao trabalhismo sionista tinham lhe ensinado que, quando as fontes do idealismo se esgotam, é preciso encarar os reveses da realidade sem emoção e aceitá-los. Chegara ao fim. Preso nesta armadilha, encerrado num caixão com ratos e aranhas.

Nunca amara uma mulher, pelo menos com o que se dizia ser amor. Casara uma vez, mas a união falhara.

Para ser esposa de um organizador sionista, uma mulher tinha de possuir o estofo moral, a mentalidade de Sílvia Brandel. Nunca encontrara, mesmo, uma amante como Gabriela.

Invejava Andrei. O verdadeiro matrimónio de Simon fora com o sionismo.

Eles desciam o telhado com cordas atadas à cintura.

Andrei rezava, a metralhadora pronta a disparar, o dedo no gatilho. Restava somente uma esperança. «Talvez estejamos tão perto da borda do telhado que eles não se aventurem a descer até aqui», pensava ele.

Passou uma hora. Depois duas. Três.

Por fim deixaram de se ouvir golpes do malho.

O alívio que sucedeu à tensão dos seus nervos fizera lhes tomar consciência da agonia física que os possuía. Os seus corpos achavam-se completamente entorpecidos. Chris murmurava palavras sem nexos, mergulhado no pesadelo. Distenderam-se ligeiramente, um por cada vez, e massajaram-se os corpos uns aos outros, para restaurar a circulação.

Tinham de se conservar quietos. Os ucranianos ainda se encontravam lá em cima. E o terror não decrescera nas ruas.

Wolf jogava mentalmente uma partida de xadrez. O tabuleiro que utilizava era o mais magnífico que se podia imaginar. As casas pretas eram feitas de ouro maciço, as brancas de marfim. Cada peão, cada peça, era esculpida de uma pedra preciosa

diferente. «Move o peão... não, o bispo.» Tentava refletir. Depois o tabuleiro cobriu-se de lama e as peças do adversário tornaram-se ratos e aranhas.

«Porque não posso conservar firme o tabuleiro?

Porquê? Já joguei antes de olhos vendados!» Os ratos comiam as suas peças e ele não podia mexer as mãos para os deter. «Não comam as minhas peças! Não! Rachel...

Suplico-te, meu Deus, não me deixes pensar em Rachel.

Se pensar nela chorarei.» Andrei humedeceu os lábios. Um repasto maravilhoso.

Olhe-se para ele! «Deborah, não devias ter cozinhado tantas iguarias! Cozinhas exatamente como a nossa mãe. O peixe está óptimo. Tão saboroso...» Andrei aspirava pelo nariz. Lentamente, saiu do seu êxtase. Fumo! A chaminé de tijolos, contra a qual se apoiava, estava a tornar-se quente. Eficiência germânica.

No ghetto, muitas lareiras tinham resguardos falsos, que serviam de esconderijo. Ao acenderem o fogo, os Alemães asfixiariam os judeus que neles se encontravam ocultos.

O abrigo de Andrei e dos companheiros tornara-se uma fornalha sufocante. O suor corria lhes pela pele; sofriam uma agonia insuportável. Volutas de fumo introduziam-se na goteira, através da argamassa esfarelada. Andrei sufocava ;

torceu o pescoço na direção da fenda entre as tábuas a fim de poder aspirar um pouco de ar puro.

— O fumo passa por ali! — gritou alguém. — Risca-o da lista.

Andrei fechou novamente os olhos e sonhou com um manjar.

À força de sonhar com o fresco e a humidade, Simon urinou.

Andrei abriu os olhos. Ouvia os morcegos que batiam as asas, sentia as suas vibrações. Sonho ou realidade?

Sonho ou realidade? Sonho ou realidade? «Oh, meu Deus.

Tenho fome!» Minúsculas gotas de luz cintilavam aqui e ali.

Andrei olhou através da fenda entre as tábuas. Lá fora um clarão ofuscante, luz artificial. Voltou-se e observou o brilho por cima da sua cabeça. Os feixes luminosos produzidos por projetores insinuavam-se por gretas do telhado. Devia ser noite. Escutou durante alguns minutos. No telhado, silêncio.

— Simon!

Andrei ousara proferir um murmúrio.

— Simon!

— Andrei!

— Chris!

— Está inconsciente — disse Simon. — Desperta e cai na inconsciência constantemente.

— Wolf!

Apenas um débil gemido. Andrei tocou com o pé no ombro de Wolf.

— Wolf!

Como resposta obteve desta vez um murmúrio incoerente.

— Deve ser noite. Eles estão a utilizar projetores.

— É bem o que eu pensava — volveu Simon.

Andrei olhou novamente pela fenda, tentando ver, apesar do intenso clarão do projetor. Os SS, em grande número, encontravam-se ainda concentrados diante de Mila 19. Ele tateou em redor de si, em busca da metralhadora, e acariciou a ideia de sair do abrigo e de atirar sobre os projetores. Não! Os Alemães abatê-lo-iam antes que pudesse fazer fogo.

— Suponho que não estamos em piores condições do que aqueles infelizes que se encontram no Bunker — disse Andrei. — Pelo menos, não somos visados na caça.

— Não podemos fazer outra coisa senão esperar — replicou Simon.

— Sim...

E ficaram calados uma vez mais, pois ouviram os passos dos homens que patrulhavam o telhado; estes maldiziam a sua sorte por serem forçados a estar de serviço de noite.

Nada a fazer senão esperar. Andrei encolheu-se, animado pela esperança de que um sonho nebuloso o conduzisse algures onde visse pratos repletos de iguarias.

«— Não percebi bem o seu nome.» «-Mas eu conheço o seu nome, menina Rak; como muitos outros, admiro a obra de seu pai, e por isso o meu nome não interessa. Se quiser, acene-me com os dedos, e eu saberei que é a mim que se dirige.» «— E o senhor sabe

dançar, tenente?» «— De fato, sou um excelente dançarino, mas só danço por obrigação.» «Gaby! Gaby! Tenho tanto medo, Gaby! Tenho tanto medo!...» Novos sons de apitos.

Andrei ergueu, com esforço, as pálpebras. «Devo estar morto», disse a si próprio num monólogo interior. «Não estou em parte alguma. No Céu. No Inferno. Estou morto.» O seu corpo achava-se imóvel, rígido. Sem uma sensação.

Sem sofrimento.

Mas bruscamente o frio fê-lo estremecer e a fome corroía lhe o estômago.

«Oh, não estou morto!» Tentou mover os braços entorpecidos.

O pescoço e os ombros não sentiam sequer a precisão das vigas. «Primeiro os dedos... Os dedos para começar.» Distendeu — os, como garras, para trás, para diante, para trás, para diante; depois sacudiu os pulsos.

Com os dedos, esfregou as pernas, os flancos, continuamente, para os sensibilizar. Começou a sentir picadas no corpo, à força de o friccionar. Beliscou-se, deu bofetões em si próprio. Centímetro a centímetro, o sangue principiou a circular.

— Simon!

— Andrei!

— Os outros!

— Regelados. Nenhum deles fala há duas horas. Tenho estado a contar os segundos. Deve ser dia novamente.

— Não sei.

— Podes observar para a rua?

Sentia a cabeça pesada como uma bola de chumbo.

Fê-la avançar para a fenda. Os projetores tinham desaparecido.

Havia bruma lá fora. Os alemães estavam ainda espalhados em grande número pela rua.

— Eles ainda se encontram lá em baixo.

— Penso que já abandonaram o telhado. Ouvi darem lhes ordem para descerem. Já não ouço ruído algum há quinze minutos.

— E se for uma artimanha?



— É preciso que tentemos a sorte — volveu Simon. Não podemos aguentar-nos mais um dia aqui.

Andrei voltou-se, a fim de ficar de costas. O esforço que fez em seguida para levantar os braços por cima da cabeça causou lhe picadas lancinantes. Procurou, tateando, uma telha, e moveu-a, sacudiu-a, com a energia do desespero.

Ela acabou por deslizar, permitindo a entrada de uma réstia de luz, que o cegou por alguns instantes. Andrei retirou as outras cinco telhas, soergueu-se, apoiado sobre as mãos, pousou os joelhos em duas traves e introduziu o torso na abertura.

— O caminho está livre, Simon! Livre!

Içou-se para o telhado e agachou-se contra a chaminé.

Depois, tateou no interior do abrigo até que encontrou a cabeça de Wolf. Com o esforço mais violento de que foi capaz, arrastou Wolf sobre as vigas para o colocar em face da abertura. Em seguida fez o mesmo a Chris e a Simon e, por fim, içou este.

No esconderijo ficaram os corpos prostrados, inanimados, de Chris e de Wolf.

Simon e Andrei fitaram-se. Tinham o rosto entumecido, deformado pelas mordeduras dos morcegos; o vestuário achava-se reduzido a farrapos. Estavam cobertos de feridas, de sangue. Uma espessa camada de sujidade ocultava lhes as feições. Olharam-se como dois estranhos.

— Parece que vieste do Inferno — disse Andrei.

— E tu não te assemelhas em nada a um lírio do vale, Androwski! — retorquiu Simon, que mirou o relógio e o colou depois ao ouvido. — Trinta horas! Estivemos encerrados durante trinta horas naquele buraco!

Andrei olhou uma vez mais para Simon e pôs-se a rir.

Simon imitou-o. E, nos braços um do outro, romperam os dois num riso histérico, incontrolável, até que as dores lhes retalharam o peito e as lágrimas lhes correram pelas faces. A excitação dissipou-se pouco a pouco, e ambos menearam a cabeça. Andrei limpou a Schmeisser, contou os carregadores, ajoelhou-se e sacudiu Wolf.

— Ele está vivo?

Andrei sacudiu-o novamente.

Wolf gemeu e aspirou o ar. Piscou os olhos e cerrou-os devido à luz.

Entretanto, Simon ocupava-se de Chris.

Wolf recobrou a consciência, levantou os olhos para os companheiros e sorriu ao vê-los.

— Escuta, Wolf. Vais ficar aqui com Chris. Fricciona o teu corpo e o dele. Há buracos por todo o telhado, de modo que este não será alvo de atenção especial.

— Aonde vão?

— Dar uma olhadela por aí, a fim de vermos o que se passa. Deixaram de patrulhar o telhado, mas ainda se encontram nas ruas. Mantenham-se aqui até que voltemos.

Andrei estendeu-se sobre o ventre; Simon seguiu-o.

Quando o telhado se tornou plano, aproximaram-se o mais possível do rebordo a fim de observarem a Rua Mila.

Os punhos de Andrei crispavam-se sobre a Schmeisser.

O espetáculo que descobrira era de natureza a enfurecê-lo.

Um duplo cordão de guardas do Corpo Reinhard, de baioneta calada, formavam um corredor no qual desembocavam as pessoas que, expulsas do Bunker, saíam de Mila 19.

Andrei viu os SS lançarem por terra o rabi Solomon, Alex ajoelhar-se para ajudar o ancião a erguer-se, Sílvia Brandel com o bebé nos braços... Tolek, Ana e Ervin rodeavam Deborah e serenavam as crianças.

Kutler rosnava ordens; batia as palmas das mãos, jubiloso por a caça ter terminado com tanto êxito.

— Schnell!

— Depressa, Judeus! Em marcha!

Andrei recuou lentamente.

— Vamos, Simon — disse ele.

— Aonde?

— Aonde pensas.

— Vais causar a perda de nós todos — replicou Simon, que se pôs de pé, barrando a passagem a Andrei.

— Deixa-me passar!

— Estás completamente louco — disse Simon, retendo-o pela camisa.

O punho de Andrei abateu-se sobre a boca de Simon.

O grande Simon tombou de costas. Mas antes que Andrei pudesse dar um passo, o companheiro apontara lhe ao coração a sua Luger.

Olharam-se fixamente, nem um nem outro ousando mover-se 1 centímetro.

— Judeus... em marcha!

Simon rendeu-se. Baixou a mão que segurava a pistola, um palor lúgubre nos olhos antes ameaçadores.

— Vou contigo — disse ele.

Os dois homens lançaram-se, o mais celeremente que foram capazes, pelos telhados, até Mila 5. A escada estava livre. Desceram os degraus a quatro e quatro e detiveram-se no pátio.

— Ninguém!

Atravessaram a correr o pátio, meteram pela cave de Mila 1, depois por um túnel que desembocava na Praça Muranowski. Uma corrida pela Rua Niska levou-os ao cruzamento da Rua Zamenhof, adiante do cordão das SS, que avançava mais lentamente.

Andrei colou as costas contra a casa da esquina; arquejava ; tinha as pernas bambas. Lançou um olhar para a Rua Zamenhof. Kutler galhofava, radiante, com uma dúzia de homens das SS à cabeça do cortejo das suas vítimas ; outros SS caminhavam pelos passeios; os «rouxinóis» formavam a cauda.

Andrei fez sinal a Simon para que se aproximasse.

— Kutler e alguns homens das SS precedem os nossos... cerca de dez metros. Deixemo-los passar. Atacá-los-emos pela retaguarda.

— Quantos guardas?

— Cem.

Andrei colocou um carregador na Schmeisser. Simon soltou o fecho de segurança da sua Luger.

Passo a passo, como num cortejo fúnebre, os infortunados que tinham sido capturados em Mila 19 dirigiam-se para a Porta Stawki a fim de tomarem o caminho da Umschlagplatz. Apesar da catástrofe do Bunker, Alexander Brandel caminhava ereto e altivo.

Marchava como um patriarca para o Calvário e a sua atitude revigorava a coragem dos que o seguiam.

Uma dúzia de uniformes negros ultrapassavam a esquina da Rua Niska.

Rat-a-tat-tat-a-tat!

Uma chama irrompeu do cano da metralhadora de Andrei.

Kutler tombou para diante, a nuca despedaçada.

Quatro dos seus acólitos caíram em redor dele.

Rat-a tat-tat!

Blam! Simon Éden fazia fogo com uma precisão terrível.

Blam! Blam! Urros. Os alemães rolavam no solo.

Andrei avançou para o cruzamento e desferiu uma rajada sobre os guardas dos flancos.

Confusão, desordem nas fileiras dos nazis, que se dispersavam em correria.

— Corram, filhos de uma cadela! Corram! Corram!

Corram!

Rat-a-tat! Rat-a-tat!

— Fugam, bastardos imundos! Corram! Corram! Corram!

Andrei berrava, semeando a morte entre o inimigo.

Mais calmo, Simon Éden escolhia os seus alvos e atirava com mais precisão sobre os alemães estupefatos. Uma bomba incendiária saiu da camisa de Tolek Alterman, que a lançou para um Recôncavo repleto de alemães acorados.

Estes precipitaram-se para a rua, desferindo gritos de pavor, tentando extinguir as chamas que os consumiam.

-Dispersai-vos! — ordenou Simon. — Alex! Tolek!

Ana! Mexam-se, todos! Fugam!

Os prisioneiros afastaram-se, céleres, da rua.

— Filhos de uma cadela! — berrava Andrei, — Filhos de uma cadela! Morram!

Ele desceu a Rua Zamenhof, em perseguição do inimigo, aterrorizado. As balas sibilavam perto de si.

Depois, subitamente, uma enorme pancada fê-lo rodopiar e a cabeça embateu lhe na parede de um edifício. Deslizou para o passeio. Apoiado nos pés e nas mãos, tentou pôr-se de pé, mas não

o conseguiu, e uma nuvem escura, densa, desceu lhe sobre os olhos. Depois, tombou, sobre o rosto, no passeio. O sangue fluía lhe das comissuras dos lábios...

Perdeu os sentidos.

## CAPÍTULO IV

— Idiota!

O Oberführer das SS Alfred Funk esbofeteou o Sturmbannführer Sieghold Stutze, atingindo-o na boca. O austríaco cambaleou, depois pôs-se rigidamente em sentido.

— Imbecil!

Funk esbofeteou novamente Stutze, deixando as marcas dos dedos na cara do Sturmbannführer, que tomou uma posição de sentido ainda mais rígida.

— Porco!

Outra bofetada.

— Herr Oberführer... — choramingou Stutze.

— Caçados pelos Judeus! Onze soldados das SS mortos!

Dois bofetadas mais.

— Herr Oberführer, fomos atacados por cinquenta dementes!

— Mentiroso! Cobarde! Reúna imediatamente os seus oficiais no quartel.

— Jawoll, Herr Oberführer!...

Stutze uniu ruidosamente os calcanhares.

— Heil Hitler!

— Suma-se da minha vista, verme imundo!

Horst assistira à cena, que o divertira imenso.

— Parece-me — declarou ele, quando Stutze se retirou — que descubro falhas nas teorias supremas da obediência absoluta. Oh, concordo que os Alemães são os mais aptos a tornarem-se robôs, mas ainda não se desembaraçaram das suas fragilidades humanas. Stutze é um cobarde.

Schreiker, um tarado, Koenig, um ladrão, e eu... bem, prefiro não me analisar.

Funk não ouviu sequer uma palavra. Estava demasiado absorvido pelo dilema que subitamente se lhe revelara.

— O mundo tornou-se completamente louco! — disse ele. — Primeiro, Reinhard Heydrich é assassinado por bandidos checos, e

agora... isto.

— Sim, o caro Reinhard. Todos nós sentiremos a falta da sua nobre alma — volveu Horst.

Funk continuou a monologar em voz alta.

— Ach! Himmler terá um terrível acesso de cólera quando souber deste caso.

Acendeu um cigarro e uniu os dedos uns contra os outros, num movimento rápido, não deixando de notar, contudo, que as suas unhas precisavam; de ser cortadas e limpas.

Era melhor fazê-lo imediatamente. A sujidade desagradava lhe.

— Amanhã dirigirei pessoalmente as operações. Daremos começo à liquidação do ghetto.

— Pensa que isso seja prudente, Alfred?

— O quê?

— Entrar amanhã no ghetto.

Funk tomou esta observação como uma afronta à sua coragem. Ele não era Stutze!

Mas antes que Funk pudesse responder ao desafio, Horst levantou uma das mãos.

— Um momento, Alfred. Hoje os Judeus fizeram rebentar, qual bola de sabão, uma das nossas teorias favoritas.

Eles descobriram que não somos super-homens. Dispare-se uma bala contra um alemão, que ele tombará como qualquer outro homem. Este delicioso gosto de sangue não deixará, após três anos de tormentos, de os encorajar a novos esforços.

— Hoje não tenho tempo de escutar as suas tolices, Horst!

A crueldade iluminava os olhos de Funk. Enfurecia-o a ideia de que esta escória sub-humana pudesse representar um obstáculo. Além disso, não desejava discutir com Von Epp.

— Você tem uma ideia precisa sobre a força judaica?

— Mas que diferença fará isso?

— Um bom general deveria conhecer a importância das forças inimigas.

— Forças inimigas, verdadeiramente? Desde quando reconhecemos os Judeus como força combatente?

— Eu diria que a partir de hoje é preciso contar com eles.

Funk abateu o punho sobre a mesa. Horst recusava deixar-se intimidar, e, evidentemente, não se podia esbofeteá-lo como a um Stutze. Funk lembrou-se do motivo que o fizera a princípio detestar Horst von Epp. Este ar de saber qualquer coisa que Funk não conhecia. Esta capacidade de operar sobre um plano de subtileza que escapava à rígida, dogmática, intransigente, devoção das SS. Funk esboçou um leve sorriso, tentando participar no jogo, como Von Epp.

— E que supõe você que acontecerá se eu conduzir amanhã no ghetto o Corpo Reinhard?

— Eu nada suponho, nem sugiro. Tenho uma certeza — respondeu Horst. — Você conduzirá trezentos homens a um morticínio.

— E eu digo lhe que eles se sumirão, se enterrarão logo que nos virem! Os Judeus não quererão bater-se.

— Que pena que você seja vítima da nossa própria propaganda!

Oh, sim, eu sei. Você possui provas para me citar. Aplicámos as nossas teorias, exercemos a nossa superioridade contra povos carecidos de defesa. Mas por trás dessas paredes você encontrará homens de outra têmpera.

— Crê realmente que hesitarei diante dos Judeus?

— Quando trabalhava no Ministério, em Berlim, passava semanas e semanas a inventar e a expor a teoria da cobardia judaica, Alfred. A questão pura e simples, com efeito, é esta: somos mentirosos.

A fisionomia de Funk revelou o choque que ele acabava de receber.

— Não creio que tivessem existido, em qualquer parte do mundo, guerreiros que se batessem tão furiosamente nos campos de batalha como os antigos Hebreus; e não conheço, na história do homem, outro povo que tenha lutado com mais furor pela sua liberdade. Não uma só vez, mas em muitos combates, conseguiram abalar o poder de Roma.



E depois da dispersão, porque nunca encontraram oportunidade de se bater sob uma bandeira judaica, pudemos isolá-los em pequenas unidades e cobri-los de complexos de inferioridade. As torturas que infligimos a estas massas separadas fê-las reunirem-se, tornarem-se um povo pela primeira vez em dois mil anos. Não podemos medir com exatidão o seu desejo indestrutível de se desempenharem dos seus deveres de povo, mas seria bem razoável que mostrássemos a maior prudência a partir de agora.

Funk levantou-se.

— Não darei ouvidos a estas ideias anárquicas. Você macula os nobres propósitos do Terceiro Reich.

— Oh, deixe de gritar, Alfred! Eu inventei metade dos nobres propósitos do Terceiro Reich!...

Horst dirigiu-se para a janela e afastou as cortinas.

Podia distinguir do outro lado do Bulevar de Cracóvia, e para lá dos Jardins Saxónia, alguns telhados do ghetto.

— E o que resta no ghetto? O único homem que, não importa em que século, não importa em que cultura, desafiará, pelo simples apelo de forças misteriosas latentes na sua alma. não importa que senhor e lhe resistirá. O único homem em mil que não marchará, vencido, para a Umschlagplatz.

Atenção a ele, Alfred Funk! Nós colámos lhe as costas à parede.

O Oberführer Funk perturbou-se. Von Epp, um dos criadores do mito ariano, estava a fazer em cacos a sua obra-prima. Subitamente, o seu espírito iluminou-se.

— Himmler ordenou-me que liquidasse este ghetto, e eis o que farei.

Com um ar de desgosto, Horst levantou os braços e deixou-os cair sobre os flancos.

— Simples, hem? Ordens são ordens.

— Naturalmente.

— Alfred, você é um dos representantes desta espantosa idiotia germânica que é incapaz de improvisar a partir de um plano fixo. Esqueça que as ordens são ordens antes que cometa um erro monumental.

— Você sabe, Horst, eu devia, realmente, dar conta desta conversa a Himmler. Não há dúvida de que devia. Vejamos : que erro podia eu cometer em executar ordens? Diz que estas nobres criaturas se baterão. E depois? Nós as destruiremos.

— Há uma década que pregamos o evangelho da cobardia judaica. É um dogma nazi. Que acontecerá se amanhã o Corpo Reinhard for liquidado no ghetto? Como explicaremos tal fato ao mundo? Deveremos dizer: apesar de tudo, os Judeus lutam? Como enfrentaremos o olhar daqueles que persuadimos da nossa excelência de super-homens desde que sejamos forçados a admitir que os Judeus se levantaram contra nós?

-Não tinha pensado nisso — murmurou Funk.

— Suponhamos que este desafio do ghetto se prolonga por uma semana... dez dias...

— Impossível!

-Mas suponha que é possível. A sua resistência poderá desencadear outras revoltas em toda a Polónia. «Vejam», dirão os Polacos, «os Alemães mentiram-nos Vamos também atirar sobre eles,» Talvez os Checos e os Gregos queiram igualmente verificar se a pele dos super-homens é rija. Você provocaria uma rebelião geral.

Completamente perturbado, Funk abateu-se sobre a cadeira.

Hitler ficaria louco de cólera — murmurou ele.

-Volte imediatamente a Berlim — disse Horst. — É preciso que lhes façamos compreender que esta liquidação só se pode efetuar se não der origem a outros combates.

De outro modo, arriscar-nos-emos a criar um precedente perigoso. No que se refere a este infortunado incidente de hoje, eu diria que se trata de um bando de comunistas ou de bandidos. Compreenda-me bem: minimize o caso com as histórias do costume. Em seguida agiremos com precaução.

Iludi-los-emos. Utilizaremos todas as artimanhas para os engodar e para os fazermos cair no laço.

-Muito bem — aprovou Funk. — Muito bem.

Os olhos de Andrei entreabriram-se. As sobrancelhas agitaram-se. Encontrava-se algures, na cela de um Bunker Alguém se debruçava sobre ele. Era Simon.

— A minha arma!...

--Está debaixo da cama. Todavia, não resta carregador algum.

Andrei fechou os olhos. Tentou cindir a névoa que lhe encobria a memória. Recordou-se de ter visto Kutler tom— bar na rua, reviu as cenas agónicas no abrigo do telhado, pequenos pormenores situados a meio caminho entre o sonho e a realidade. Simon trouxe lhe um copo de água; metade escorreu lhe da boca, por não poder penetrar a espessa crosta seca que lhe obstruía a garganta. Beberricou novamente.

— Que aconteceu?

— Nós dois representámos um pequeno ato, como irmãos.

Ao nosso duo não faltou o pitoresco.

— Onde estão todos?

— Dispersos por meia dúzia de Bunkers.

— Alex conseguiu escapar-se?

— Encontra-se na cela do outro lado do corredor.

— A minha irmã?

— Está no abrigo da Rua Franciskanska, com os filhos.

— Chris... Wolf...?

— São e salvos.

Andrei ergueu-se sobre os cotovelos. Sentia dores por todo o corpo. Conseguiu sentar-se na borda do leito, mas uma vertigem aturdiu-o. Baixou a cabeça entre os joelhos, a fim de permitir a circulação do sangue.

Simon colocou uma pequena mesa quase desconjuntada perto da cama e pousou nela uma malga com papas e um naco de pão duro. Era o primeiro alimento que Andrei comia há quase cinco dias. A mão tremeu lhe quando depositou o pão na malga para o amolecer. Comeu com lentidão e prudência.

— Onde me encontro eu? No teu Bunker?

— Sim.

— Como consegui chegar cá?

— Ergui-te do passeio. Tinhas desfalecido devido ao esforço que despendeste para aniquilar toda a guarnição alemã. Mas não foi muito mau: onze SS e dois ucranianos mortos. És a vedeta do ghetto.

Andrei palpou o corpo dolorido.

— Fui atingido?

— De raspão. O médico disse-me que, num período normal, poderias jogar uma partida de futebol uma hora mais tarde; mas, devido à fome, ao esgotamento e a vários outros desconfortos, tiveste de desmaiar.

— Desmaiar? Que ridículo! Só as mulheres desmaiam.

Andrei passou rapidamente o pão pelo interior da malga e lambeu os dedos. «Simon está com uns modos estranhos», pensou. A voz do companheiro não conseguia dissimular certo amargor. Simon evitava os olhos de Andrei, o que não costumava fazer. Ele vencera muitas discussões somente com o seu olhar penetrante.

— Um dos nossos não conseguiu escapar — disse Simon.

Colocou um caderno em cima da cama, ao lado do companheiro.

Andrei reconheceu-o; era um dos cadernos do Clube dos Bons Amigos. Simon colocou sobre o caderno um par de óculos de lentes grossas.

— Ervin?

— Sim. Uma bala perdida. Viveu o tempo suficiente para me dizer onde se encontrava escondido este caderno.

Nós dirigimo-nos imediatamente ao Bunker de Mila 19 para o recuperar. O resto do Bunker está destruído, mas conseguimos lançar mão a muitas coisas escondidas. Trouxemos todas as armas que lá tínhamos.

As lágrimas afloraram aos olhos de Andrei.

— Quem é que havia de supor que ao fim de certo tempo nos habituaríamos à morte dos nossos amigos... Eu amava Ervin. Tantos anos juntos....

Andrei mordeu os lábios; as lágrimas não deixavam de lhe correr pelas faces.

— Um homem pacífico, calmo, doce. Acreditava no que fazia, sem gritar, sem bater no peito. Contentava-se em ficar na cave ao longo dos dias, dos meses. Nunca perguntou porquê. Fazia o seu trabalho simplesmente porque achava que devia ser feito. Alguma vez observaste as suas mãos, inchadas, deformadas pela humidade?

Era quase tão cego como um morcego, mas continuou a trabalhar sem um queixume mesmo depois de lhe terem arrebatado a Susan. Jamais elevou a voz...

O leito rangeu quando Simon se sentou ao lado de Andrei. Simon abriu o caderno, voltou as páginas, depois aproximou a vela.

— Eis as suas últimas linhas.

Ele leu em voz alta.

«Quando nos bateremos? Ou chegaremos mesmo a bater-nos?

Qual de nós ousará disparar o primeiro tiro contra o inimigo? Qual?» Simon fechou o caderno e pousou-o sobre a mesa. Inclinou para diante o seu busto maciço e esfregou as articulações de uma das mãos contra a palma da outra.

— Não mereço continuar como chefe. Entrego-te o meu comando.

— Não, Simon, não.

— Não tomes a minha decisão por um capricho, Andrei.

Eu fui o homem que traçou o plano de evasão das nossas companhias através dos esgotos. Tu disparaste o primeiro tiro... e eu apontei a minha pistola ao teu coração para te deter.

— Não acreditas que adivinhei quanta amargura sentiste, quanto sofrimento, ao dares-me uma ordem que nos transformaria numa força suicida?

— Não compreendes! — replicou Simon numa voz cava, levantando-se bruscamente para voltar as costas a Andrei. Eu apontei esta pistola contra ti porque tive medo de descer à rua. Tive medo e voltarei a ter medo.

— Sentiste medo, mas desceste; e enquanto eu dava livre curso ao meu furor cego, tu conduziste-los para lugar seguro, porque, quando chegou o momento de te mostrares calmo, dispuseste do sangue-frio necessário, como um bom comandante.

Andrei levantou-se por sua vez e foi colocar uma das mãos no ombro de Simon.

— Tive bastante tempo para refletir enquanto estivemos no telhado. Encontrei respostas para muitas perguntas.

Creio que, no momento em que um homem se aproxima do Criador, bastantes problemas complicados se tornam, de súbito, espantosamente claros e simples. Quem se bate em qualquer espécie de guerra? A coragem tranquila que é necessária para se ser um soldado como Ervin Rosenblum...

Simon... eu... não presto senão para dirigir cargas de cavalaria!

— Talvez — murmurou Simon — se ficasses constantemente perto de mim, para me lançares por terra com um soco...

— Penso que não será necessário fazê-lo novamente.

— Foram cometidos bastantes erros hoje — disse Simon numa onda viva de paixão. — É preciso que tenhamos vigias em postos de observação a fim de que ninguém possa penetrar no ghetto sem que as nossas companhias ocupem imediatamente as suas posições de combate.

Andrei fez um gesto de aprovação.

— Temos de lhes ensinar que a regra principal consiste em nos apoderarmos das armas dos Alemães e despojá-los dos seus uniformes. Hoje esquecemo-nos de fazer isso.

Andrei aprovou uma vez mais e sorriu ao dar-se conta de que Simon encontrara todo o seu ardor e o domínio dos seus nervos.

— Tenho estado a refletir. Devemos procurar um novo Bunker, perto da zona central, que sirva de posto de comando.

Simon deteve-se abruptamente e observou Andrei, que tinha os olhos fixos no caderno e nos óculos de Ervin.

— Andrei, que é que te fez descer à rua?

— Não sei. Pensei simplesmente que os tinha de enfrentar nesse momento ou nunca. Não foi por ter visto a minha irmã. Foi por Alex. Não podia deixá-los conduzir Alexander Brandel para a Umschlagplatz.

Andrei pegou no caderno.

— Há muito tempo que eu e Alex quase não nos falamos.

Eu queria saber como pedir lhe perdão.

— Porque não tentaste?

— Como me desculpar de ter sido um imbecil danado?

— Vamos! — disse Simon.

Andrei seguiu-o vagarosamente para fora da cela. Atravessaram um estreito corredor. Simon afastou a serapilheira que servia de porta à cela que ficava defronte. Todos os três se encontravam ali. Sílvia tinha o menino nos joelhos.

Moses Brandel, de 4 anos, observava a disciplina do silêncio que era regra na existência clandestina; estava pálido e magro, devido à falta de sol, de ar puro e de alimento. Alexander mirava, com os olhos vazios, o soalho ; nunca mais -se reanimara do choque que recebera depois de os pequenitos órfãos terem sido conduzidos para a Umschlagplatz. Sílvia levantou-se e pousou a criança no chão. Ela quis barrar o caminho a Andrei, mas Simon fez lhe sinal para que abandonasse o aposento. Ela volveu sucessivamente os olhos para Andrei e para Alex, depois tomou o pequeno Moses pela mão e conduziu-o para fora da cela.

Andrei fitava, desesperado, sem saber o que dizer, este homem abatido. Ajoelhou-se lentamente ao lado de Alex ;

Brandel voltou-se e, ao reconhecer Andrei, baixou a cabeça.

— Eu... a... queria entregar-te isto — disse Andrei, mostrando lhe o caderno. — Tivemos bastante sorte em retirá-lo de Mila 19.

Alex não respondeu.

— Penso que... bem, já que Ervin morreu, talvez queiras voltar ao trabalho.

Alex não respondeu ainda desta vez.

— É muito importante que se prossiga com a redação do diário e... Escuta, aprendi qualquer coisa que não sabia.

O que quero dizer é que são necessárias muitas espécies de homens e muitas espécies de batalhas para se fazer uma guerra.

Andrei estendeu um braço e tocou no ombro de Alex ; porém, Alex recuou.

— Por favor, olha para mim, Alex — murmurou Andrei.

— Tens de ouvir o que te quero dizer. Alex, declarei-te um dia que o diário de Brandel nunca substituiria a 7<sup>a</sup> brigada dos ulanos e respondeste-me que a verdade é uma arma que vale mil exércitos. Jamais o compreendi até hoje. Mas é verdade: todas as divisões do exército alemão não poderão vencer estas palavras.

Alex sacudiu lentamente a cabeça.

— Tu, tu tinhas razão. Ganhaste uma grande batalha com isto — disse Andrei.

No rosto barbudo de Alex a boca mexeu-se para exprimir algumas palavras numa voz entrecortada, trémula.

— Chamei ao meu amigo mais querido homem sedento de vingança pessoal. Eu... arrebatei-te as armas das mãos.

Mas sou eu o vingativo. O teu método foi sempre o único, o melhor.

— Estás errado quanto a isso, Alex. O meu método não foi o único, o melhor. Já nos teria destruído a todos há muito tempo. Escuta: somente porque existem homens como tu e como Simon é que foi possível um momento como o de hoje para homens como eu.

— As crianças morreram... todo o mundo está morto...

Eu falhei.

Andrei agarrou os braços de Alex, apertou-os com todas as suas forças e suplicou com fervor :

— Escuta-me! Todos nós fizemos o mais que nos foi possível com o que tínhamos. Nunca um homem se bateu melhor do que tu. E o teu foi o único bom combate. Juro-o!

— Não sejas complacente para comigo, Andrei. Eu é que devia estar de joelhos diante de ti.

Andrei libertou os braços de Alex, ergueu-se lentamente e falou com uma estranha doçura.

— Toda a minha vida acreditei que caminhava nas trevas, batendo-me contra moinhos de vento, desferindo grandes gritos por causas perdidas, vivendo uma existência numa batalha incerta. Meu pai deu-me uma pátria que me odiou e tu deste a teus filhos um ghetto e o genocídio Só Deus sabe que espécie de mundo Wolf transmitirá aos seus filhos. Entrámos neste mundo no meio de uma guerra jamais ganha. E sempre foi assim: uma guerra sem fim Nenhum de nós a ganhará verdadeiramente na sua vida Tudo o que tens o direito de pedir à vida é escolher o teu combate nesta guerra, bateres-te o melhor que puderes e deixares o campo de batalha com honra.



Alex repetiu num murmúrio :

— Escolher o teu combate... Deixar o campo de batalha com honra.

— Tu travaste o teu bom combate. Agora a guerra continua.

É preciso que, por minha vez, eu trave o meu combate.

— Oh, Andrei, por Deus! Que nos resta senão a morte?

— O que nos resta? Mas tantas possibilidades!... Podemos conduzir-nos como homens... «Que importa uma batalha perdida? Nem tudo se perdeu... A vontade indomável, a vingança por chegar, o ódio imortal... E a coragem que nunca cede e jamais se submete.» Não compreendera estes versos até hoje. Mas agora sei... Não é uma batalha incerta.

Alex pegou no caderno e os seus dedos acariciaram-no com ternura. Abriu-o, lançou um rápido olhar furtivo para Andrei, depois folheou avidamente as notas de Ervin. Chegou à última página: «Qual de nós ousará disparar o primeiro tiro contra o inimigo? Qual?» Alex tirou um lápis e fez correr a mão sobre o papel.

Entrada do diário.

Hoje foi disparado um grande tiro para a conquista da liberdade. Penso que repercutirá por todo o sempre. Ele marca uma viragem na história do povo judeu. O dealbar de um regresso a um estatuto de dignidade que não conhecemos durante dois mil anos. Sim, hoje demos o primeiro passo de retorno. O meu combate está terminado. Agora entrego o comando aos soldados.

*Alexander Brandel*

## CAPÍTULO V

Piotr Warsinski pousou brutalmente o auscultador do telefone. Arranhou com furor as mãos em escamas. Suplicara novamente, em vão, a Sieghold Stutze que fornecesse armas à Milícia Judaica. Depois da explosão de 18 de Janeiro, Warsinsky acreditou que os Alemães voltariam imediatamente ao ghetto com uma força irresistível. Em vez disso, passaram-se vários dias em silêncio e a sua polícia começava a ter medo de patrulhar as ruas.

Warsinski estava persuadido de que a emboscada no cruzamento das Ruas Niska e Zamenhof não fora outra coisa senão o gesto insano de um demente. Ele sabia que não existia um verdadeiro plano de insurreição. Não temia as chamadas Forças Unidas Judaicas. Mas receava o que sucederia se Sieghold Stutze decidisse retirar-lhe por incapacidade o comando efetivo da Milícia.

Consumido pela inquietude e pela frustração, Piotr bramava, rosnava. Resolveu sair do quartel e ir à Prisão Pawiak.

Uma jovem fora lá encarcerada recentemente por se suspeitar que pertencesse às Forças Unidas. Ele iria ocupar-se um pouco dela, o que lhe aliviaria a tensão nervosa em que se encontrava. Talvez ele a forçasse, com um pouco de exercício, a revelar o esconderijo de Éden, Andrei Androwski ou Rodei. Se conseguisse fazer entrega de tal dádiva a Sieghold Stutze, reafirmaria a sua capacidade.

Mas, refletia Piotr, com o volver do tempo, estava a tornar-se cada vez mais difícil extrair confissões a esta gente.

Os que, por sua fortuna, não tinham sido enviados para os campos de extermínio, nada sabiam. Mas, que diabo!, ele podia rasgar o vestuário à jovem e zurzi-la, moê-la de pancada, o que seria um bom exercício desportivo para a noite.

Piotr não tinha medo de percorrer as ruas sem companhia.

Proclamara-o aos seus homens. Contudo, era estúpido arriscar-se a ser agredido por um louco. Assim, ordenou aos seus guarda-costas pessoais — seis malandrins corpulentos e fiéis — que

o escoltassem até à Prisão Pawialc, que distava algumas centenas de metros do quartel.

Quando chegou ao feio edifício de tijolos avermelhados, aguardava-o uma chamada telefónica. Falou do seu gabinete.

— Aqui, o Sturmbannführer Stutze — anunciou o austríaco.

— Sim...

— Warsinski, estive a refletir no seu pedido de armas.

Talvez pudéssemos fornecer algumas a uma secção especial dos seus homens... em troca de certas missões novas.

— Quando podemos conversar sobre este assunto?

— Amanhã.

— Muito bem. Aguardá-lo-ei no quartel, então? — perguntou Warsinski.

— Não, não, não — disse Stutze rapidamente. — Encontrar-nos-emos fora do ghetto, junto da Porta Stawki, ao meio-dia.

— Ao meio-dia. Porta Stawki.

Warsinski desabotoou o capote cinzento e pendurou-o.

Tirou o dólmã e baixou os suspensórios. O seu ventre enorme, liberto da compressão em que se achava, saltou da cintura. Nas mãos sentia uma comichão insuportável. Arranhou-as até que lhe doeram, depois abriu a gaveta da secretária e untou-as com uma pomada verde e espessa, que lhe fez vir as lágrimas aos olhos. Estendeu-se sobre o leito.

as mãos debaixo da cabeça; na camisa, sob os sovacos, viam-se lhe as manchas cinzentas provocadas pelo suor.

Que pretendia Stutze? A cara arredondada de Piotr animou-se à força de pensamentos contraditórios. Tinha de comparecer ao encontro. Tratar-se-ia de uma tramoia?

Talvez Stutze fosse um covarde. Tinha medo de penetrar no ghetto e desejava que a Milícia efetuasse o que competia ao Corpo Reinhard. Porque, senão por isso, lhe daria ele as armas? Pensaria Stutze que um convertido como Piotr não era realmente um judeu, podendo então confiarem-se lhe armas, como aos ucranianos? Cofiou o seu longo bigode de guias torcidas voltadas para cima. Porque não lhe dar armas? Sempre fora leal. Mas... os Sete Grandes também tinham sido leais.

Um estrondo. Lascas de madeira que voavam. Ergueu o busto e ficou sentado. A porta abriu-se com tanta violência que quase arrancou os gonzos.

«Que diabo...».

Três pistolas visaram-no. Um homem fechou a porta, outro dirigiu-se à secretária e puxou o fio do telefone. Warsinski olhou de revés para o terceiro. Já o vira algures.

Alterman... Tolek Alterman, dos Bathyrans.

Warsinski enfrentou-os com um olhar impávido.

— Tenho o prazer de te informar de que, por julgamento pronunciado pelas Forças Unidas, vais ser executado como traidor ao povo judeu — disse Tolek.

Warsinski desatou a rir desdenhosamente.

— Guardas!--rugiue ele. — Guardas!

— Eles não te ouvem, Piotr Warsinski. Estão todos encarcerados.

A Prisão Pawiak encontra-se nas mãos das Forças Unidas Judaicas. Os prisioneiros estão a ser libertados neste momento.

O sorriso motejador de Piotr desvaneceu-se. As armas que lhe apontavam achavam-se em mãos firmes. Warsinski cruzou os braços, fechou os olhos e baixou a cabeça.

— Eu não mendigo como os Judeus — disse ele. — Vamos.

Estou pronto.

— Não é assim tão simples — volveu Tolek. — Temos um certo número de perguntas a que queremos que respondas primeiro.

Warsinski sorriu zombeteiramente. Pensou: «Judeus cobardes, incapazes de proceder à execução. É tudo uma armadilha. Conversar... negociar... subornar...» A bota de Tolek atingiu subitamente a pança de Piotr, que se dobrou até aos calcanhares. Perdeu a respiração.

Tombou do leito sobre os joelhos. Um segundo pontapé apanhou-o pelo queixo, fazendo que a cabeça lhe em— batesse na parede com um ruído surdo. Sentou-se, aturdido.

Tolek fez um sinal aos dois companheiros. O primeiro, Pin— chás Silver, lançou sobre a secretária uns anjinhos e um ali— cate'

Adam Blumenfeld exibiu um chicote guarnecido com farpas de arame.

— Trouxemos alguns dos teus brinquedos da sala de interrogatório, Warsinski. Levanta-te e senta-te à secretária.

Piotr não se mexeu.

O chicote retalhou lhe a camisa e a camisola interior.

Piotr dirigiu-se rapidamente, sobre as mãos e os joelhos, para a secretária. Sentou-se.

-O polegar... dá-me o polegar!...

O chicote abateu-se uma vez mais, agora sobre o pés— coço.

-O polegar!

Ele estendeu a mão untada de pomada verde. Tolek fechou o polegar de Warsinski nos anjinhos, e, lentamente, voltou a cavilha de cima, a fim de fazer aplicar uma pressão regular.

— Vocês não têm as tripas que são precisas para torturar — galhofou Warsinski em ar de desafio. — Não as verdadeiras tripas que são precisas. Os Judeus são demasiado fracos!

Tolek colocou a pistola na cintura, pegou o longo bigode de Piotr pelas guias e arrancou-lhe da cara.

— Aaaaaaaahhhhhh! — uivou Warsinski, levando a mão ao lábio superior, ensanguentado.

Tolek instalou no alicate uma unha comprida e suja da mão livre de Piotr.

— Adam, aperta os anjinhos. Warsinski pode soltar a cavilha, caso o deseje. Custará uma unha, se o tentar.

Adam Blumenfeld assim fez. Warsinski sufocava. O suor escorria lhe da cara e transformava lhe a camisola interior num trapo encharcado. Adam fez rodar os anjinhos um quarto de volta.

— Aaahhh!

Warsinski tentou subitamente alcançar a cavilha, mas, como Tolek puxasse o alicate, uma unha separou-se lhe do dedo.

Brotava ranho das narinas de Warsinski; as lágrimas saltavam lhe dos olhos.

— Queres cooperar?

— Parem! Parem! Falarei!

Quando lhe libertaram o polegar, ele cambaleou, cegamente, pelo gabinete; gemia, esbarrava contra as paredes.

Por fim, deixou-se tombar para o chão, uivando de dor, choramingando. Não era mais do que uma massa balofa, suada, sórdida.

Tolek e os companheiros olharam-no com repugnância.

Tolek sentia náuseas no estômago, devido à sua própria brutalidade ;

mas sabia que não se podia permitir vomitar diante de um inimigo que tomaria isso por uma fraqueza.

— Ele nem sequer resistiu cinco minutos — disse Pinchas.

— Foi bem como eu pensava.

Arrastaram-no para o leito, onde o lançaram.

Alguns minutos mais tarde, Alexander Brandel entrou ; ao ver Warsinski, sentiu um estremecimento percorrer lhe o corpo; depois submeteu Piotr a um intenso interrogatório durante doze horas; graças aos arquivos do Clube dos Bons Amigos, havia numerosas perguntas a fazer lhe. Piotr Warsinski revelou os seus próprios crimes, os crimes dos subalternos, as somas em dinheiro, a prata e o ouro de que se apropriara, os lugares onde se encontravam escondidos víveres, e forneceu numerosas informações sobre Stutze, Schreiker, Koenig, os «rouxinóis» e o Corpo Reinhard.

Na manhã seguinte, Piotr Warsinski foi executado, de acordo com a sentença das Forças Unidas, com uma bala na nuca.

## CAPÍTULO VI

O problema imediato que se punha às Forças Unidas era encontrar um novo Bunker para o comando, na zona central do ghetto. Os outros abrigos achavam-se já repletos ;

as cem pessoas de Mila 19 complicavam o problema ainda mais. A construção de um complexo subterrâneo que alojasse duzentas ou trezentas pessoas exigiria algumas semanas.

Alexander Brandel, devido às suas transações comerciais do passado, sabia da maior parte dos esconderijos do ghetto, conhecimento que, na presente situação, era de um valor inestimável.

Alex suspeitava de que havia um vasto Bunker sob Mila 18, precisamente defronte do seu antigo quartel-general.

Ele efetuara, por várias vezes, negócios com um contrabandista chamado Moritz Katz, um homem pequeno e redondo que antes da guerra fora peleiro em Varsóvia.

O seu comércio nunca fora considerado nem absolutamente legal nem de todo ilegal; Moritz escapava a uma definição precisa nas suas atividades mercantis. Seria difícil afirmar que ele era receptor de mercadorias roubadas. A sua clientela pertencia sempre às classes mais elevadas. Katz trouxera consigo para o ghetto uma espécie de concepção moral. Era um tipo decente, em comparação com outros contrabandistas. Além disso, o contrabando constituía uma necessidade estimável na vida do ghetto. Moritz comprava e vendia a preços razoáveis e sempre se mostrara um homem compassivo. Quando as coisas se tornavam verdadeiramente desesperadas, Alex pudera sempre contar com Moritz para a obtenção de provisões essenciais ao preço do custo.

Moritz possuía duas características distintas: passava a vida a jogar as cartas e encontrava-se sempre a mastigar doces, frutos secos, bolos e toda a espécie de guloseimas.

Devido a esta última fraqueza, chamavam-no Moritz, o Nasher.

Os bathyrans que se encontravam de vigia nos telhados em redor de Mila 19 tinham notado que Moritz se dirigia com muita frequência a Mila 18. Portanto, lá se devia achar o seu quartel-general.

Estas suspeitas confirmaram-se após o Bunker do 19 se ter prolongado até ao esgoto, situado a meio da rua.

Deborah Bronski ocupava com as crianças do orfanato a divisão contígua à conduta. Várias vezes tinham ouvido ruídos estranhos, que provinham ou do interior do cano ou do outro lado.

De todas estas indicações Alex concluiu que Moritz, o Nasher, possuía um Bunker sob Mila 18, abrigo este separado do seu por uma conduta de 3 metros e meio.

Discutiu esta possibilidade com Simon e Andrei.

— Estou persuadido de que existe um Bunker sob Mila 18, e, se é o que penso, deve ser vasto.

— Seria um óptimo local para um posto de comando — disse Simon -, sobretudo depois de os Alemães terem descoberto e demolido o Bunker de Mila 19. Eles jamais suspeitariam de que tínhamos escolhido um abrigo tão próximo do antigo.

— Mas — replicou Andrei, não sem realismo -, como diabo encontraremos a entrada? Moritz Katz é o contrabandista mais astucioso de todo o ghetto.

— Não poderemos fazer chegar lhe uma mensagem às mãos? — sugeriu Alex.

— Ninguém o vê há várias semanas, depois de a sua quadrilha ter sido capturada junto da Porta Gensia e conduzida para a Umschlagplatz.

Eles refletiram. A perspectiva de um vasto posto de comando, pronto a ser utilizado, era terrivelmente atraente.

— Bem. Que perderemos se cavarmos um buraco na divisão das crianças e um segundo precisamente do outro lado do Kanal? Com um pouco de sorte, daremos com o Bunker.

— Tu sabes como são enganadores os sons nos esgotos.

As crianças poderiam ter ouvido um eco proveniente de um local a mais de cem metros de distância.



— E que importa? — replicou Andrei. — Escavemos para nos certificarmos. Não temos nada a perder.

Simon encolheu os ombros e aquiesceu, com ar céptico.

Nenhum deles tinha uma sugestão melhor para oferecer.

— Creio que será preferível ir lá somente uma pessoa — acrescentou Andrei. — Caso Moritz se encontre ainda lá em baixo, ficará aterrorizado ao ver um exército inteiro irromper pelo seu abrigo.

Mais tarde, ao crepúsculo, Andrei penetrou no edifício devastado da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo, em Mila 19. Dirigiu-se para a sentina, onde o falso bloco sanitário dissimulara outrora a entrada secreta para os compartimentos subterrâneos. O bloco sanitário fora demolido, mas a canalização que dava acesso à cave achava-se ainda intacta.

Andrei levava consigo, na cintura, uma pilha eléctrica, uma pequena picareta e um malho. Prendeu a Gaby às costas e desceu o tubo. Acendeu a pilha. O clarão não iluminou senão escombros, destroços. As paredes de apoio e as vigas entrecruzadas do soalho tinham desabado; em numerosos sítios, montões de terra, calça e detritos bloqueavam o túnel principal. Andrei avançava passo a passo, abrindo uma passagem com as mãos.

Chegou ao antigo dormitório das crianças, onde somente se lhe depararam ruínas. Os pequenos leitos tinham sido despedaçados a golpes de machada, os livros rasgados em mil tiras, os poucos brinquedos esmagados. Andrei avançou ao longo da parede de 3 metros que se estendia paralela à conduta do Kanal. Escutou o correr das águas no esgoto.

Calculou a situação exata de Mila 18. Mas, a despeito dos seus cálculos, pensou que a decisão que ia tomar, qualquer que ela fosse, se devia revelar errada.

«Bem, tenho de começar aqui ou ali.» Andrei fixou a pilha no chão e arremeteu com a picareta contra a parede suja, até que atingiu o revestimento exterior da conduta. Depois atacou, a golpes de malho, o cimento da conduta, a fim de abrir um buraco onde coubesse o seu corpo; o revestimento exterior da conduta fendeu-se; uma vez removidos alguns tijolos, a passagem estava aberta.

Andrei enxugou o suor que lhe corria para os olhos, colocou os utensílios na cintura, proferiu algumas pragas, amaldiçoando esta trabalhadeira que, admitia, era capaz de não trazer resultado algum, ajoelhou-se junto do buraco e, com a pilha, explorou o Kanal. A coisa não corria mal.

Conforme previra, o Vístula estava na maré baixa, de modo que as águas do esgoto não lhe dariam senão pela cintura Andrei penetrou no esgoto. Os pés deslizaram lhe na vasa. Apertou a correia da metralhadora, a fim de a altear nas costas, para que Gaby não tivesse de tomar banho. Em ambas as direções, pequenas réstias de luz pálida insinuavam-se pelas aberturas do esgoto, projetando misteriosos reflexos azulados sobre os tijolos.

Avançou, patinhando, até ao meio da conduta e voltou-se para verificar se se encontrava em linha com o dormitório das crianças. Depois foi colar o ouvido a um tijolo do revestimento do lado oposto, na esperança de escutar qualquer ruído. Mas nada ouviu.

Andrei moveu a pilha numa direção, depois noutra.

Deu uma dezena de passos e, subitamente, descobriu um grupo de tijolos que não apresentavam disposição semelhante à dos outros; davam a impressão de terem sido deslocados e repostos. Era possível! Tateou com os dedos.

Aqueles tijolos não estavam cimentados. Retirando-os, um homem teria espaço suficiente para passar ao outro lado.

Haveria então um Bunker ali? Teriam realmente as crianças escutado os ruídos produzidos pelos contrabandistas nas suas idas e vindas?

Andrei desferiu, com o malho, um golpe nos tijolos.

Um som cavo! Nada de sólido no outro lado. Um Bunker, portanto. Atacou os tijolos com a picareta; eles cederam facilmente.

Do outro lado, vazio. Andrei dirigiu para lá a luz da pilha. Introduziu-se no buraco e fez que a pilha descrevesse um círculo completo, a fim de examinar o local.

«Mãe Santíssima!», murmurou.

Assobiou, incrédulo. Deparava-se lhe uma sala muito vasta, onde se podia conservar bem direito. Era a mais magnífica

construção subterrânea que jamais vira. Ao longo do muro encontravam-se sacos de arroz, farinha, açúcar, sal. Caixas com medicamentos. Carnes salgadas. Caixas com latas de conservas. Uma arca cheia de legumes secos. Belos canapés, poltronas confortáveis, móveis, uma cama.

«Mãe Santíssima!» Distinguiu a saída para um corredor e para lá se dirigiu ;

desceu o corredor: cinco outras grandes salas davam para cada lado deste. Cada uma delas era tão vasta como a primeira que vira e continha igualmente provisões em abundância. Por cima da sua cabeça notou a existência de um fio eléctrico com lâmpadas.

Andrei chegou ao fundo do corredor, no local onde ele se transformava num pequeno túnel sobre o qual se abria uma série de celas.

— Não se mexa — ordenou uma voz por trás dele. Mãos ao alto! Por cima da cabeça!

Andrei levantou os braços. Tudo fora demasiado belo para ser verdade. Amaldiçoou-se por se ter esquecido de desapertar a correia da metralhadora, excitado como estava por haver descoberto o Bunker.

— Coloque as mãos contra a parede — ordenou a voz.

Andrei assim fez.

— Agora volte a cara.

Um clarão luminoso cegou-o.

— Andrei Androwski?

— É você, Moritz?

— Como diabo descobriu a existência deste Bunker?

— Somámos dois e dois. Baixe esse maldito revólver e afaste' a luz dos meus olhos.

— Não me obrigue a tomar uma decisão apressada. Não sei ainda se terei ou não de o matar.

Ele dirigiu o foco luminoso para uma das celas.

— Vamos ao meu gabinete. O que aponto contra si, caso lhe interesse saber, é uma espingarda caçadeira.

Moritz acendeu uma lanterna e sentou-se atrás de uma escrivaninha. As suas feições tinham uma cor anémica e a barba era

grisalha. Perdera muita da habitual gordura.

A vida subterrânea tinha sido muito dura para si. Mantinha a espingarda caçadeira apontada contra Andrei. Este, porém, achava-se demasiado interessado para se deixar impressionar.

Além dos fios eléctricos, encontrava-se sobre a secretária um telefone e um posto emissor de rádio de baixa voltagem.

— Que instalação!...

Moritz sacudiu modestamente os ombros ante o elogio.

— Fizemos o possível para servir o melhor que podíamos os nossos clientes. O único aborrecimento é que não temos mais clientes. Nem um só. A maior parte dos meus rapazes foram filados. Não me resta senão a minha mulher, Sheina, e alguns outros. Conhece a Sheina? Ela está a dormir no quarto contíguo. Dorme, a despeito de tudo, aquela mulher.

Mesmo apesar do ruído que você fez para penetrar neste Bunker. Ela está doente. Precisa de um médico. De uma mudança de vida.

— Como diabo consegue você ter corrente para as lâmpadas... para o rádio?

— Um gerador, eis o que possuo. Costumava enviar mensagens para os meus contatos no sector ariano. O código era simples.

— O telefone?

— Um dos meus rapazes trabalhava para a Companhia dos Telefones. Existem mil maneiras de enganar a Companhia.

Temos uma ligação com a linha dos ucranianos que estão de guarda à fábrica de escovas e falamos yiddish.

Eles nunca deram por esta artimanha. Não, Andrei. Tenho pena que você tivesse descoberto este abrigo, porque sempre o estimei. Somente um homem muito esperto, muito astucioso, como você, seria capaz de localizar o meu Bunker.

Mas, naturalmente, vejo-me obrigado a matá-lo.

— Mais devagar, Moritz. Não vai imaginar que conduzi sozinho as pesquisas necessárias para encontrar este abrigo.

Já ouviu falar das Forças Unidas Judaicas?

Moritz fez uma careta. Suspeitava que ia ser levado à parede.

— Não compreendo.

— Eles sabem que me dirigi aqui e o que vim procurar.

— Ôh, diabo! — exclamou Moritz, que pousou a espingarda sobre a secretária com um ar de desânimo. — A partir do momento em que o vi patinhar no esgoto e introduzir-se no Bunker disse para mim mesmo: «Este bastardo é demasiado esperto para se vir meter aqui sem proteção.» Fale com Alexander Brandel... Ele dirá que as minhas transações com a Sociedade dos Órfãos sempre foram decentes.

Os nossos negócios sempre foram honestos.

— Moritz, por amor de Deus, não é preciso desculpar-se.

Ouviu-me censurá-lo?

Moritz sentia fome. Abriu a primeira gaveta da secretária e retirou de lá uma barra de chocolate alemão, que desembrulhou e mordiscou, enquanto se lamentava da falta de frutos frescos.

— Quer o meu Bunker, não é verdade?

— Sem dúvida.

— E setecentos mil zlotys de víveres...

— É pena que isto tenha de acontecer, Moritz... creia-me... — A vida é bem engraçada!... Se um gatuno não nos rouba, outro o fará — filosofou Moritz.

Andrei simpatizava com ele. Moritz era um jogador, um contrabandista, um homem que vivia da sua astúcia, mas não deixava de ser também um realista. Sabia que caíra no laço. Contudo, compreendia que Andrei Androwski e as Forças Unidas não lhe queriam fazer mal. Talvez se encontrasse com sorte, apesar de tudo. Se os Alemães ou a Milícia o tivessem descoberto antes... prisão... Umschlagplatz.

Esperara poder aguentar-se, com Sheina, sua mulher, até ao fim da guerra, em Mila 18. Possuíam víveres e medicamentos bastantes para passarem um ano ou dois sem terem necessidade de deitar a cabeça de fora. Mas que existência era esta para um homem? Nunca ver o sol! Não ter ninguém com quem jogar as cartas... As guloseimas a desaparecerem.

E sempre o pavor de que, a qualquer instante, esses malditos cães germânicos descobrissem pelo faro o seu abrigo.

— Deixe-me perguntar lhe uma coisa, Androwski. Essas tais Forças Unidas... foram vocês que deram cabo dos SS no cruzamento Zamenhof-Niska...?

Andrei inclinou a cabeça num gesto afirmativo.

-...E que executaram Warsinski?

Andrei inclinou de novo a cabeça.

.— Vocês tencionam realmente fazer a vida cara aos Alemães?

Terceiro gesto afirmativo de Andrei.

— Deixe-me dizer lhe mais uma coisa. Trabalha-se, vive-se, faz-se o melhor que se pode, mas nunca nos deixa a ideia de que estamos constantemente a ser espezinhados.

Desde a semana passada... depois da emboscada... sinto, pela primeira vez, orgulho em ser judeu.

— É esse exatamente o sentimento que nos possui a todos.

Moritz sacudiu os ombros.

— Agora pode ser que me encontre contente por ter sido você o primeiro a descobrir-me. Evidentemente, compreende que eu não sou um recruta vulgar?

— Decerto — concordou Andrei.

Moritz mordiscou outro quadrado de chocolate; sentia-se um tanto aliviado pelo pensamento de que a sua longa vigília solitária tinha por fim terminado.

— Moritz — disse Andrei -, a única coisa que falta realmente às Forças Unidas é um quartel-mestre.

— Que é um quartel-mestre?

— Um graduado de posição elevada que trata dos abastecimentos.

— Quer dizer, um contrabandista?

— Não. Um quartel-mestre é uma personalidade respeitada.

Todos os exércitos os possuem.

— Qual é a percentagem?

--Bem, num exército regular... como o nosso... não se trabalha com percentagens.

— Oyvay! Que dia este! E eu que nunca fiz outra coisa senão dirigir um pequeno negócio bem honesto!

— Moritz, você é um jogador demasiado fervoroso para esperar o fim da guerra neste buraco. Nós temos médicos.

Sheina será tratada. Virá gente muito interessante partilhar este Bunker com vós dois.

--Sim, estou certo disso. Diga-me, Androwski: este tal posto de quartel-mestre é de fato importante? Melhor: tão importante como um coronel dos ulanos?

— No nosso exército — respondeu Andrei — é o mais Importante.

Moritz deixou escapar um suspiro de resignação.

— Uma condição. Que ninguém procure saber das minhas finanças... antigas.

— Combinado — disse Andrei.

Os dois homens apertaram-se as mãos. Moritz puxou de dois baralhos de cartas desbotadas, misturou-os e começou a dar.

— Antes de voltar vamos a uma pequena partida de sessenta-e-seis.

## CAPÍTULO VII

Uma fila de formigas laboriosas moviam-se ininterruptamente, em círculo, na fábrica de escovas. De costas curvadas, puxavam grandes carros, carregados, entre o depósito de madeiras, a oficina onde se encontravam as máquinas de tornear e a oficina geral.

Um escravo macilento chamado Creamski, que, a despeito das circunstâncias, ainda conseguia manter-se com vida dez meses depois de dar entrada na fábrica, encheu na oficina dos tornos um carro com cabos de escovas de toalete. Em seguida meteu pelo corredor, empurrando o veículo com a lentidão de um caracol.

A oficina geral consistia de dez mesas, cada uma com 10 metros de comprimento. As mesas tinham buracos variados cheios de cerdas para atar os fios e para fixar os cabos. Cinquenta homens trabalhavam em cada mesa, Creamski empurrou o carro até à mesa n.º 3: escovas de toalete. Um «chefe» encontrava-se no topo de cada mesa.

— Eles estão cá — disse Creamski, num murmúrio, ao «chefe».

— Eles estão cá.

Esta frase foi transmitida por toda a fila, depois à mesa seguinte e, após esta, a outra.

— Eles estão cá.

— Eh, tu aí — gritou o contramestre alemão do alto de um varandim, despacha-te!

Creamski mexeu-se com mais ligeireza, descarregou o veículo, deu meia volta, empurrou-o para fora da oficina, voltou ao corredor e, depois de atravessar a oficina dos tornos, entrou no depósito de madeiras.

Enquanto o veículo era carregado com tábuas, ele introduziu-se no gabinete do apontador.

— Agora! — disse Creamski.

Os dois homens deslocaram a escrivaninha, que ocultava um alçapão. Creamski abriu-o.



— Vamos! -disse Creamski, já dentro do buraco negro.

A cabeça de Wolf Brandel emergiu do subterrâneo.

O jovem saiu rapidamente do gabinete do apontador e examinou as pilhas longas e altas de tábuas.

— Para fora! — ordenou o comandante imberbe.

Um a um, quarenta combatentes judeus assomaram do corredor subterrâneo. O Bunker da Rua Franciskanska, a algumas centenas de metros, estava ligado ao Kanal. A companhia de Wolf seguiu o esgoto até um ponto situado no interior do complexo fabril e escavara um túnel que oferecia comunicação com o gabinete do apontador.

Depois de ter feito alguns sinais com a mão, distribuiu a sua força, constituída por dez mulheres e trinta homens, pelas posições antecipadamente fixadas. Ocultaram-se por trás das rimas de madeira, com as armas engatilhadas.

Wolf respirou profundamente e, com um movimento da cabeça, ordenou a Creamski que voltasse à oficina geral.

Creamski grunhiu e distendeu os músculos para pôr em movimento o veículo carregado. Ao entrar na oficina dos tornos fez, com a mão, um sinal que podia ser notado por um dos «chefes» de mesa da oficina geral. Todos os olhos estavam voltados para o «chefe». Ele fez um movimento com a cabeça.

Os pés de quinhentos operários começaram a bater estrepitosamente e em cadência, no solo.

Bum! Bum! Bum! Bum!

Os escravos pegaram em cabos de madeira e martelaram com eles no tampo das mesas, fazendo um ruído enorme, insuportável.

— Que se passa? — gritou o contramestre através de um porta-voz, do alto da sua gaiola no varandim. — Parem com o barulho! Já! Não ouvem?...

O concerto infernal prosseguiu, ressoando ensurdecidamente por todas as divisões, para além das paredes do edifício.

— Guardas! — gritou o contramestre pelo seu telefone de alarme. — Guardas! Edifício número quatro! Depressa!

As sirenes de alarme emitiram por todo o complexo uma série de silvos breves para chamar os guardas ao edifício n.º 4.

O contramestre fechou a porta gradeada do seu miradouro.

Pegou bruscamente na pistola que estava sobre a mesa e contemplou os quinhentos pares de olhos que, possuídos de um paroxismo quase demencial, o miravam fixamente.

— Morte a Krebs! Morte a Krebs! Morte a Krebs!

Os ucranianos, os letões e os estonianos irromperam das suas barracas com chicotes, armas, cães, e dirigiram-se em correria impetuosa para o local da insurreição.

Parte das forças de Wolf Brandel, escondidas no exterior do edifício, deixaram-nos prosseguir a sua correria.

Existia apenas uma entrada para o corredor principal. No seu posto na sala dos tornos, Wolf viu os primeiros guardas penetrarem na oficina.

— Para a frente!

O jovem e dez dos seus combatentes avançaram no corredor e encontraram-se em face de um contingente de guardas. Os ucranianos tinham caído numa armadilha.

Uma granada de tubo explodiu no meio deles, seguida de uma saraivada de balas.

Os ucranianos quiseram precipitar-se para o corredor, mas os combatentes judeus que se achavam no exterior entraram, por sua vez, para lhes cortar a retirada. Uma chacina.

Meia dúzia de guardas conseguiram atingir a oficina geral. Os escravos saltaram dos seus bancos. Com um furor há longo tempo contido, atacaram de mãos nuas os seus carrascos e os cães dos seus carrascos. Em poucos segundos, os guardas e os cães foram lançados por terra, mortos, cobertos de escarros, pontapeados, esventrados, decapitados.

Os bancos foram derrubados e feitos em cavacos, os tornos destruídos a golpes de malho.

— Krebs! Krebs! Krebs! Krebs!

Os olhos do contramestre saíam-lhe das órbitas; louco de pavor, achava-se encerrado na sua própria prisão; os escravos

pularam para o varandim a fim de lhe deitarem a mão. Impossível fugir!

— Krebs! Krebs! Krebs! Krebs!

E meteu o cano da pistola na boca e puxou o gatilho quando os braços dos escravos se estenderam na gaiola para o filarem.

Ana Grinspan, chefe de uma companhia no sector central, era a mulher que detinha o posto militar mais elevado no exército do ghetto. A companhia que comandava compunha-se de elementos de grupos diversos, mas admiravelmente integrados, e fornecia a perfeita demonstração de que a unidade fora atingida. Trinta e dois combatentes provinham dos Bathyrans, do Poale Zion, Gordonia, Dror, comunistas, Akiva, Hashomer Hatzair, Hechalutz e do Bund.

A companhia de Ana contava ainda com quatro membros dos religiosos Mizrachi sionistas que não conseguiam já suportar as atitudes da Agudah ortodoxa.

O segundo objetivo da operação na fábrica de escovas consistia na confiscação de cinco camiões. Após a conquista da fábrica Wolf confiou os camiões a Ana, que executou então um plano preestabelecido. Cada veículo transportava, além do motorista, quatro combatentes e escravos libertados.

Os camiões pararam diante de todos os armazéns, depósitos, lojas, dispensários médicos e esconderijos diversos conhecidos do ghetto, sendo carregados, rapidamente, sob a proteção das armas dos combatentes, com tudo o que podia ser útil às Forças Unidas. Em seguida fizeram um giro por uma série de pequenos Bunkers espalhados por todo o ghetto.

Não eram permitidos protestos ou conversas.

— Carregado! Vamos, a caminho.

E os veículos partiam.

Todos os sacos de farinha ou de cereais que restavam foram transportados.

Um dos Bunkers do comando central achava-se situado quase por baixo do quartel da Milícia Judaica, que os combatentes tinham sob vigilância. Simon Éden ordenou uma incursão para a captura de meia dúzia de milicianos.

Estes foram arrastados para o novo centro de comando de Mila 18, a fim de serem submetidos a interrogatório por Alexander Brandel. Alex redigira uma lista que incluía dezenas de pessoas suspeitas de colaboração com o ocupante, de entesouramento de riquezas conseguidas por meios criminosos e da prática de operações ilícitas.

Os milicianos capturados «cantaram» tudo o que sabiam quanto aos locais onde se ocultavam estes suspeitos.

Grupos de combatentes judeus fizeram várias incursões, desalojando uma após outra as pessoas constantes da lista.

Os colaboracionistas mais notórios foram executados. Os outros, multados.

— Você é multado em dez mil zlotys por ter fornecido informações aos Alemães.

— Você é multado em vinte mil zlotys por ter cooperado com a Milícia Judaica.

— Você é multado em dez mil zlotys por não ter protegido judeus conduzidos para a Umschlagplatz quando dispunha de meios para os advertir.

Estas multas eram cobradas no próprio local, sob pena de morte, sem contestação ou equívoco.

Rodei, o comandante atarracado e rijo do sector sul, fora, durante a maior parte da sua vida adulta, um membro de qualidade do Partido Comunista. Ele considerava uma ironia o fato de o seu Bunker de comando estar situado sob a Igreja dos Convertidos, com o pleno conhecimento do padre Jakub.

Além disso, a guerra compelira-o a efetuar estranhas alianças com os trabalhistas, cujas opiniões políticas divergiam completamente das suas. O sionismo era a droga do povo judaico, dissera ele em numerosas ocasiões. No entanto, cooperava não somente com os trabalhistas, como com os revisionistas Jabotinski, que considerava fascistas, e com agrupamentos religiosos, que julgava intelectualmente ineptos. Esta era uma guerra bem estranha para Rodei, mas, não tão estranha como a aliança entre a União Soviética e a América, que combatiam no mesmo campo.

A partir do momento em que Warsinski foi executado, Rodei ordenou aos trabalhadores da fábrica de uniformes que sabotassem a produção. Nos dias que se seguiram, uniformes saíram de Varsóvia sem carcelas e cavas, com a abertura das golas cosida, com botões sem casas, com costuras destinadas a romper-se ao mais ligeiro movimento.

Uma hora depois de Wolf Brandel ter conquistado a fábrica de escovas, Ludwig Heinz, diretor da fábrica de uniformes, enviou, por intermédio do padre Jakub, um recado a Rodei, comunicando-lhe que os guardas lituanos tinham fugido. Heinz, que pertencia à minoria étnica alemã, era um dos muito raros que testemunhavam um pouco de humanidade para com os escravos que trabalhavam sob as suas ordens. Dentro do limite das suas reduzidas atribuições, salvara um certo número de vidas. Dirigiu-se, sem ser molestado, para a esquina das Ruas Nowolipki e Karmelicka, a fim de abrir os portões principais e permitir a entrada dos combatentes judeus.

— Sinto-me contente por a minha parte nesta empresa ter terminado — disse Heinz a Rodei.

Rodei sacudiu a cabeça, calva e brilhante.

— É uma guerra bem estranha —olveu ele. — Você portou-se decentemente com os meios de que dispunha. As Forças Unidas ordenaram-me que o conduzisse a salvo até às portas do ghetto.

— Sinto-me contente por tudo ter acabado — repetiu Ludwig Heinz.

— Vamos — disse Rodei, apontando na direção da porta da Rua Leszno, a algumas dezenas de metros de distância.

Logo que Heinz se voltou, Rodei puxou do revólver e atingiu-o, com a coronha, por trás de uma das orelhas.

Heinz tombou na rua, com a cabeça para diante, desmaiado.

Rodei debruçou-se sobre ele, rasgou-lhe parte do vestuário e ensanguentou-lhe o rosto com uma série de golpes.

— Muito bem! — disse ele a dois combatentes. — Conduzam-no até à porta da Rua Leszno e lancem-no para fora do ghetto. Lamento ter sido obrigado a fazer-lhe isto, mas agi para seu bem. Se sáísse indemne, os Alemães suspeitariam dele. Desta maneira ficarão persuadidos de que escapou à morte por um fio.

Enquanto observava os seus homens que conduziam o corpo de Heinz, Rodei sacudiu a cabeça uma vez mais.

— Estranha guerra! — murmurou.

Samson Ben Horin, comandante da companhia Jabotnski dos revisionistas, permanecera fora da jurisdição das Forças Unidas Judaicas, mas os acontecimentos do dia compeliram-no a considerar o exército de Simon Éden com um respeito novo. Enviara um estafeta a Éden, com a oferta de contatos permanentes com o seu Bunker e de se asso—ciarem numa cooperação limitada.

Simon em breve encontrou uma missão bem ao gosto de Ben Horin.

No último dia de Janeiro, Samson Ben Horin conduziu uma companhia mista, metade revisionistas, metade Forças Unidas, pelas condutas, até ao outro lado do muro, em pleno sector ariano. Deu-se conta de que o Vístula estava no seu nível mais baixo. As águas davam só pelos joelhos.

Utilizando o plano de engenheiro, que Simon conseguira, não teve de percorrer mais de 1500 metros. O destacamento de Ben Horin deteve-se precisamente sob uma abertura situada perto da Praça da Bolsa, junto do Ministério das Finanças.

Três agentes de ligação do sector ariano aguardavam-no.

Um estava vestido de operário dos esgotos; o segundo achava-se sentado no assento do condutor de uma galera e o terceiro encontrava-se de vigia à esquina, observando o Banco Alemão, na Rua Orla.

Era a véspera do dia de pagamento à guarnição alemã.

Precisamente ao meio-dia, um caminhão blindado do Ministério devia parar defronte do Banco, a fim de depositar uma parte dos soldos.

O vigia fez um sinal à chegada do carro blindado.

A galera deixou a beira do passeio e parou ao lado da abertura. Uma grande escada foi apeada do veículo e introduzida na abertura do esgoto. Samson Ben Horin fez subir os seus homens, que se dispersaram com espantosa rapidez, de maneira que ambas as extremidades da Rua Orla fossem fechadas.

Doze soldados alemães montavam guarda em volta do carro blindado, diante do Banco, ajudando também no transporte dos sacos com dinheiro para o interior.

Samson Ben Horin lançou uma granada matzo bali, que caiu defronte do pneu da roda direita do caminhão.

Roscas e parafusos voaram em todas as direções, dilacerando os corpos dos soldados alemães.

Segunda granada.

Terceira.

Metade dos alemães jaziam por terra ou estrebuchavam com os pedaços de ferro entranhados no corpo. O caminhão achava-se demasiado avariado para se poder pôr em marcha ; contudo, os guardas que se encontravam dentro dele ripostaram.

Uma garrafa incendiária foi lançada contra um dos flancos do caminhão, pondo-o em chamas e obrigando os defensores a sair.

Samson Ben Horin fez sinal a dois dos seus homens para convergirem sobre o Banco. Eles aproximaram-se celeremente, vindos das duas extremidades da Rua Orla. Os alemães encontravam-se entalados entre a parede e o caminhão, transformado numa tocha. Alguns refugiaram-se no Banco.

Metade dos combatentes apoderaram-se de todos os sacos que estavam à vista. A outra metade introduziu-se no Banco e fez abrir os cofres fortes. Oito minutos depois de terem saído do esgoto, desapareciam pelo mesmo caminho, levando consigo mais de um milhão de zlotys.

Simon Éden considerava estas ações manobras práticas de campanha destinadas a ensinar aos seus homens que o inimigo invulnerável era, com efeito, vulnerável.

Uma semana depois da emboscada de Andrei no cruzamento Niska-Zamenhof, ponto de partida da insurreição, as Forças Unidas Judaicas tinham expulsado do ghetto os colaboracionistas, acrescentado milhões de zlotys ao seu tesouro, estabelecido o controle das ruas, confiscado milhares de toneladas de provisões, demolido as duas principais fábricas que utilizavam trabalho escravo, libertado os trabalhadores.

Restavam duas enormes tarefas a realizar no ghetto: a liquidação da Milícia Judaica, que não ousava sair do seu quartelamento, e da Autoridade Civil. Um ato de pura vingança, o extermínio da Milícia. Mas o estado-maior das Forças Unidas obedecia a considerações mais práticas ao dar prioridade a uma expedição contra a Administração Civil Judaica.

No dia 1 de Fevereiro de 1943 cento e cinquenta homens e mulheres das Forças Unidas cercaram de madrugada o edifício da Autoridade Civil. Simon Éden arrombou as portas e entrou acompanhado de cinquenta combatentes.

Do seu gabinete, no 3.º andar, Boris Presser observava com Marinski, seu adjunto, a cena que se desenrolava em baixo.

— Entre depressa no gabinete exterior — disse precipitadamente Presser. — Impeça lhes a entrada. Que eles não entrem aqui!

Presser sentou-se diante da secretária e tentou refletir.

Todos os dias telefonava a Rudolph Schreiker para lhe relatar as violências praticadas pelas Forças Unidas. Mortes nas ruas. assassínios, pilhagens, extorsões de fundos. Boris acreditava piamente que estes atos iriam provocar represálias sangrentas por parte do Corpo Reinhard, mas os dias sucediam-se e nada acontecia.

Todos os dias os seus colaboradores, refugiados com as famílias no edifício da Autoridade Civil, tentavam forçá-lo a uma decisão. Boris, porém, não gostava de tomar decisões, de se comprometer. Fizera toda a sua carreira servindo-se de evasivas e de subterfúgios. Os Alemães sempre haviam decidido por ele e ele sempre cumprira as suas determinações. Forjara uma desculpa para apresentar em qualquer emergência: levantaria os braços e diria: «Que podia eu fazer?» Marinski voltou ao gabinete, exclamando de modo incoerente :

— Detenha-os! Eles vão levar as nossas famílias!

--Deixe de gritar! Gritar não nos servirá de nada! Saia e retarde o mais possível a entrada aqui de Simon Éden.

Boris fechou a porta à chave e correu para o telefone.

Primeiro Schreiker, depois a Milícia. A linha fora cortada.

Nada. Presser esfregou as têmporas e deslizou para a janela.



Mulheres e crianças, as famílias dos membros da Autoridade Civil, eram conduzidas para a rua sob a ameaça das armas.

Um rumor na sala contígua. Pancadas fortes eram desferidas contra a porta do seu gabinete.

Bloqueá-los... Ganhar tempo... Discutir... Bloqueá-los.

Abriu a porta. Simon Éden achava-se diante de si, os olhos sombrios, corpulento, seco, nervoso — uma presença autoritária. Simon inclinou-se sobre o pequeno Boris, abriu a porta de par em par e examinou o gabinete. Penetrou na sala e fechou a porta, deixando Marinski do lado de fora, um homem demasiado aterrorizado para protestar contra o rapto da mulher e da filha.

Boris recuou, esforçando-se por encontrar energias suficientes que lhe permitissem dominar-se e não mostrar medo.

— Protesto contra esta humilhação infligida à Autoridade Civil Judaica — disse ele.

Simon ignorou as palavras de Presser; tinha um olhar quase de aborrecimento.

— Você não tem o direito de penetrar aqui como em casa sua e levar as nossas famílias. Você não tem o direito de nos tratar como colaboracionistas. — Boris tentava encontrar o preâmbulo para uma discussão.

Todavia, Simon não sentia vontade de discutir.

— A história julgará a Administração Civil — respondeu ele secamente.

«Atenção!», disse Presser para consigo, «Atenção! Não o encolerizes.» — Você deve compreender — disse Presser — que não tenho autoridade pessoal para conceder reconhecimento à sua ação.

— Reconheça apenas o que pode sair do cano desta pistola. É muito simples. Temos as vossas famílias em nosso poder. Queremos o vosso tesouro.

Gotas de suor perlavam o lábio superior de Boris Presser.

Recusar? Isso equivaleria a admitir que era realmente um fantoche dos Alemães, pois, com efeito, as Forças Unidas Judaicas representavam agora a autoridade no ghetto. Mas se ele reconhecesse Éden, os Alemães puni-lo-iam, certamente, quando

regressassem. Boris achava-se num beco sem saída. Abriu os braços com um ar benevolente.

— Vejamos, Simon: um homem como você, que conhece as estruturas das organizações internacionais, deve saber que eu não superintendo no nosso bem insignificante tesouro.

Não tenho maneira de agir.

— Encontre-a! — interrompeu Simon. — Dentro de uma hora deporemos três cadáveres junto à porta de entrada deste edifício. Um deles será um membro da sua própria família. Em seguida, por cada hora que transcorrer, mais três hóspedes serão executados até que você envie dois milhões de zlotys às Forças Unidas.

Marinski, que durante todo este tempo estivera com o ouvido colado à porta, entrou precipitadamente e gritou :

— Dê lhe esse maldito dinheiro!

Boris sentia um desejo enorme de beber um copo de água, pois tinha a garganta seca como um pergaminho ; no entanto, compreendia que, se levantasse um copo, a sua mão trêmula deixá-lo-ia cair antes de poder levá-lo à boca.

— Deixe-me discutir este assunto com os meus adjuntos — disse Boris, prosseguindo no seu papel de homem razoável.

— Temos muitos problemas delicados de ordem legal a resolver. Note que eu estou certo de que encontraremos uma solução para eles... Contudo, foram-nos colocados de maneira tão imprevista... Deixe-me refletir. Nós chegaremos a um compromisso razoável.

Simon Édén fitou-o com um olhar repassado de repugnância.

— Você não tem qualquer alternativa — disse ele, e, antes que Boris pudesse retomar a palavra, saiu.

Uma hora depois os 2 milhões de zlotys foram enviados a Simon. Metade provinha do tesouro quase esgotado da Autoridade e a outra metade da fortuna pessoal dos membros do conselho diretivo, a título de resgate pelas famílias.

— Eu teria preferido abatê-lo junto da porta da Rua Stawki, em companhia de Piotr Warsinski — disse Simon, impassível. — Porém, Alexander Brandel é um sonhador.

Ele acredita que a justiça ideal consiste em obrigá-los, a você e aos seus colaboradores, a meterem-se debaixo do chão e a viverem como os ratos... como todos nós, os sobreviventes, fazemos.

Os combatentes judeus libertaram os reféns. A capitulação de Boris Presser punha termo a qualquer projeto de utilização ulterior da Autoridade Civil por parte dos Alemães.

Boris Presser e todos os que tinham servido de agentes aos Alemães foram postos em liberdade, para que passassem o resto dos seus dias desprezados tanto pelo seu próprio povo como pelo inimigo.

Na manhã seguinte foram afixados cartazes na porta principal do edifício abandonado da Autoridade Civil, bem como em todas as paredes do ghetto.

**ATENÇÃO!**

A PARTIR DE HOJE, 1 DE FEVEREIRO DE 1943, A AUTORIDADE CIVIL JUDAICA É DISSOLVIDA. ESTE «GHETTO» ENCONTRA-SE SOB A AUTORIDADE ÚNICA E ABSOLUTA DAS FORÇAS UNIDAS JUDAICAS. AS ORDENS DEVEM SER OBEDECIDAS SEM RESERVA.

ASSINADO :

ATLAS, comandante-chefe das Forças Unidas Judaicas.

JAN, comandante-adjunto.

## CAPÍTULO VIII

Entrada do diário.

A estrela de David esvoaça sobre o ghetto de Varsóvia!

No dia 2 de Fevereiro de 1943 o 6.º exército alemão rendeu-se em Stalingrado. Sentimos, pela primeira vez, que a Alemanha perderá a guerra. Mas a que velocidade recuará o fluxo?

Ninguém, entre nós, é tão louco que acredite que viveremos o tempo suficiente para ver um estado judaico na Palestina, mas fizemos ressoar a grande trombeta do regresso.

Um exército judeu domina a primeira nesga autónoma de terra judaica, após quase dois mil anos de dispersão.

A nossa «noção» reduz-se apenas a alguns quarteirões de casas, e sabemos que não a podemos manter por muito tempo. Porém, como diz Tolek Alterman, nisto é puro sionismo. Pouco importa o que venha a acontecer daqui em diante: neste momento somos um povo orgulhoso e livre.

A primeira «capital» do nosso «estado judaico» é Mila 18. Passo a descrevê-la. Temos seis salas principais.

que receberam os nomes de seis campos de extermínio polacos.

As salas Belzec e Auschwitz contêm cento e vinte combatentes de duas companhias, uma do Bund e outra dos Bathyrans. Este grupo acha-se sob o comando pessoal de Andrei, que exerce também outras tarefas.

Majdanek é o nome da sala situada paralelamente ao Kanal. As Forças Unidas decidiram, por meio de uma votação, reservar esta sala (e várias outras disseminadas pelo ghetto para uso exclusivo de todas as crianças que possamos tomar ao nosso cuidado. Recolhemos quarenta.

É dada prioridade absoluta ao prosseguimento da obra da Sociedade dos Órfãos e de Auxílio Mútuo. Logo que pudermos alojar estas crianças no sector ariano, procuraremos recolher outras em

Majdanek. Embora Rachel Bronski viva no Bunker da Rua Franciskanska (que se encontra sob o comando de Wolf... Sinto muito orgulho nele! Pensar que um tal soldado, um tal chefe, é meu filho!...), dedica grande parte do seu tempo à operação «crianças». Temos em funcionamento um programa de ensino e de jogos. À noite elas podem sair por um momento a fim de fazerem um pouco de exercício e respirarem ar puro. Oro a Deus para que algumas delas sobrevivam, pois são os frutos dourados da nossa colheita.

Treblinka contém os depósitos de víveres e é o «hospital» do comando central (dois médicos, quatro enfermeiras).

Sobibor aloja os parentes dos combatentes e o pequeno número de intelectuais que pudemos salvar: um punhado de escritores, cientistas, artistas, teólogos, historiadores e professores, que representam a última voz da nossa cultura agonizante.

Chelmno é o arsenal e a «fábrica» de armas. Jules Schlosberg e uma dúzia de operários manufaturam e armazenam bombas incendiárias e granadas. (As armas verdadeiras, tais como revólveres e espingardas, são bastante escassas.) Para o segundo corredor dão as pequenas celas que batizamos em «honra» dos campos de 2.<sup>a</sup> ordem.

Em Stutthof temos o gerador. Poniatow serve de gabinete e de dormitório a Simon, Andrei, Tolek (oficial encarregado das operações e do treinamento) e Christopher T de Monti. Stutthoff contém também dois leitos, para o operador de rádio e o telefonista de serviço. Trawniki é uma cela minúscula ocupada exclusivamente pelo rabi Solomon.

Ele é o último rabi do ghetto. O padre Jakub disse-me que a Igreja colocou em esconderijo seguro o rabi Nahum, provavelmente para o preservar como relíquia histórica. Dachau é partilhado por Moritz e Sheina Katz, por Sílvia e por mim. (Que personagens privilegiadas nós somos!) O nosso número varia, mas duzentos e vinte pessoas constituem o limite máximo. Não poderemos alojar uma pessoa a mais nos corredores. Graças à engenhosa instalação feita pela quadrilha dispersa de Moritz, a renovação de ar por intermédio de ventiladores não é nada má. Utilizámos o gerador para conseguirmos luz, mas com a maior economia. É difícil arranjar

gasolina, necessária para as garrafas incendiárias. Servimo-nos, na maior parte do tempo, de velas. Contudo, as velas queimam oxigênio.

Mila 18 possui seis entradas: a conduta do esgoto para a sala das crianças, uma chaminé móvel no piso de cima e quatro túneis, em direções diferentes, que se alongam por uma distância, entre os 30 e os 100 metros para lá de Mila 18.

O nosso exército não se reforça, praticamente. Poucos são os que, no ghetto, se encontram em condições de se bater. Outra razão: não possuímos armamento suficiente.

As nossas forças, incluindo os três grupos de revisionistas de Nalewki 37 Jabotinski, Chayal e Trumpéldor), perfazem um total de seiscentos soldados. Menos de duzentos dispõem de uma arma de fogo. As operações da semana passada reduziram seriamente o nosso stock de munições., Em média, temos pouco mais de dez balas por arma.

O nosso «quartel-mestre» Moritz, o Nasher, efetuou ontem a sua primeira grande aquisição — algumas centenas de pares de botas. As botas, por longo tempo símbolo da opressão alemã, tornaram-se o símbolo do nosso desafio. Na Polónia, hoje, só os poderosos calçam botas. Simon compreendeu que uma distribuição de botas constituiria um (ato moral de valor incalculável.

As Forças Unidas Judaicas empenham-se em três espécies de operações. Um terço está de vigia nos telhados e patrulha as ruas. Outro terço constrói Bunkers subterrâneos e outro ainda procede a exercícios. Os comandantes Éden, Androwski, Rodei e, por vezes, Samson Ben Horin) estabeleceram um sistema de combates nos telhados baseado na estratégia das emboscadas. Cada companhia ocupa alternadamente os Bunkers, de modo que mudamos constantemente as nossas posições. O problema-chave consiste em colocar em movimento contínuo um sistema permanente de agentes de ligação, a fim de que as nossas comunicações se conservem intactas. Embora tenhamos, durante alguns dias, efetuado simulacros de combate, a questão principal continua ainda sem resposta. Este exército, constituído à pressa, que dispõe somente de um pequeno número de armas, poderá observar disciplina suficiente

debaixo de fogo? Terão estes soldados de acaso coragem e faculdades de improvisação bastantes para inquietar a maior potência militar que o mundo já conheceu?

Parece-nos impossível poder nos aguentar por uma semana, mas reina entre nós um ambiente esplêndido de optimismo. O moral é excelente. Um novo sentimento de dignidade se espalha, como que por contágio, entre a população sobrevivente.

Aguardamos o inimigo. Sabemos que este combate pela liberdade é perfeitamente desesperado. Mas o combate pela liberdade terminará realmente algum dia? Andrei tem razão. Tudo o que nos resta é a nossa honra e o dever histórico de travar a nossa batalha neste momento.

*Alexander Brandel*

Um engenhoso circuito telefónico fora montado a partir de Mila 18; passando pelas condutas, ligava o posto de comando central aos outros postos: o de Wolf Brandel, no Bunker da Rua Franciskanska, e o de Rodei, sob a Igreja dos Convertidos. Meia dúzia de telefones, principalmente nas fábricas alemãs, serviam por vezes para efetuar ligações com o outro lado do muro, bem como o transmissor de rádio.

Tolek Alterman dormitava no seu leito ao lado do telefone na sala Poniatow, em Mila 18.

O aparelho retiniu. Tolek ergueu-se bruscamente. Deixara crescer de novo os cabelos, depois de interromper as suas incursões ao sector ariano. Sacudiu-os da testa e pegou no auscultador.

— Aqui, Jerusalém — disse ele. — Fala Roberto.

— Olá, Roberto. Aqui, Tolstoi, em Beersheba.

Tolek reconheceu a voz ressonante de Rodei.

— Quero comunicar com Atlas.

Andrei, que se encontrava por trás de Tolek, correu pelo corredor até Chelmno, onde Simon se debruçava sobre os planos de uma matzo bali — mina terrestre — que Jules Schlosberg desenhara.

— Simon, ao telefone — disse Andrei. — Rodei.

— Olá, Beersheba. Fala Atlas, em Jerusalém.

— Estou, Atlas. Tolstoi. Beersheba. Os meus anjos viram as valquírias com os cisnes em Stalingrado. Um milhar de garrafas. Dir-se-ia que vão atravessar o mar Vermelho.

— Não bebas nem uma gota, a não ser que te ofereçam.

— Shalom.

— Shalom.

Simon pousou o auscultador e volveu os olhos para Andrei e Tolek.

— Ouvi — disse Andrei. Dirigiu-se imediatamente a Belzec e Auschwitz.

— Companheiros! Vamos! Para os telhados.

Os combatentes pegaram nas armas e reuniram-se defronte da escada que os levaria à chaminé de Mila 18.

— Vamos! Rápido!

Alexander saiu titubeante da sua cela, depois de ter dormido um profundo sono.

— Um exercício, Andrei?

— Não. Eles aproximam-se.

— Estafetas! -gritou Simon Éden.

Cerca de uma dúzia de rapazes de pouco mais de 10 anos, vivos, experientes, agruparam-se diante da entrada de Poniatow. Simon inclinou-se diante deles.

— Os Alemães estão a reunir-se diante do seu quartel, com os auxiliares. Supomos que chegarão pela Porta Zelazna.

Cerca de mil homens. Avisem todas as companhias. Que ninguém atire, a menos que eles abram fogo. Corram!

Os ratos do ghetto meteram, rápidos, pelas seis saídas, a fim de irem avisar os Bunkers dispersos pelo ghetto.

Andrei assistia à subida de todos os seus homens para a chaminé. Stephan, o agente de ligação pessoal do tio, seguia-o como se se achasse colado a ele. Andrei enfiou a cabeça em Poniatow. Simon estava com medo. Andrei mimoseou-o com uma palmada no ombro.

— Não atiraremos antes de lhes sentirmos o cheiro — disse ele. — Não estejas inquieto.



— Bem cedo o sentiremos — respondeu Simon. — Queria poder estar convosco lá em cima.

Andrei sacudiu os ombros.

— Tal é o destino de um comandante! — disse ele, e partiu com Stephan bem colado a si.

Tolek passou no corredor.

— Pára o gerador! Posições de combate! Deborah, mantém as crianças calmas! Rabi, sou forçado a pedir Ihe que ore silenciosamente. Moritz, acabe com esse jogo de cartas por agora! A postos, todos! A postos!

Ao rádio, Adam Blumenfeld voltou um botão a fim de ligar o receptor quando o gerador cessou de funcionar e as lâmpadas se apagaram.

«Bip... bip... bip... bip...», ouviu ele nos auscultadores.

Retirou os aparelhos de escuta e disse, na escuridão :

— Estás aí, Simon?

— Sim.

— Confirmação pela rádio. Os Alemães puseram-se em marcha.

«Bip... bip... bip... bip...», advertiu o transmissor móvel do sector ariano.

Simon riscou um fósforo e encontrou uma vela em cima da escrivaninha. Levantou o auscultador do telefone.

— Haifa...!, Haifa!

— Aqui, Haifa.

— Fala Atlas, de Jerusalém. Quero falar com o mestre de xadrez.

— O mestre de xadrez escuta — respondeu Wolf Brandel do Bunker da Rua Franciskanska.

— As valquírias e os cisnes encontram-se em Stalingrado.

Um milhar de garrafas. Estão a atravessar o mar Vermelho. Não bebas uma gota sequer, a não ser que te ofereçam.

— Que bom!

Simon desligou. Podia agora distinguir, à luz pálida da vela, as silhuetas de Alex e Tolek. Começava a agonia do comandante. Aguardando, silenciosamente, no escuro.

A prova concludente tirava-se agora. Uma calma de morte.

As orações intermináveis do rabi Solomon reduziam-se mesmo a um mover mudo de lábios.

Atravessando pátios desertos, voando como sombras sobre os telhados, patinhando no esgoto, pulando escadas abandonadas, os agentes de ligação de Mila 18 iam de um abrigo a outro alertar os combatentes. As companhias irrompiam do subsolo no meio de profundo silêncio, a fim de irem tomar posição por trás das janelas, sobre os telhados.

Sim, parecia realmente tratar-se de um exercício.

As ruas estavam mergulhadas numa quietude idêntica à da face da Lua. Algumas penas voavam sobre os telhados, impelidas por brandos golpes de vento. Olhos invisíveis vigiavam esta calma etérea.

Um ruído surdo de tacões sobre o pavimento...

À Porta Zelazna os guardas das SS, protegidos por ninhos de metralhadoras, removeram o arame farpado que bloqueava a entrada da porta.

De uma janela da fábrica de uniformes Rodei olhava para a paliçada que os soldados de uniforme negro transpunham com os movimentos sacudidos de um filme prestes a saltar da bobina. Os auxiliares, de uniformes castanhos, mas sem botas, avançavam num passo regular, porém mais lento.

De dentes cerrados, no rosto redondo como a Lua, Rodei observava o desfile.

— Está? Beersheba! — Rodei telefonou para o seu Bunker.

— Aqui, Tolstoi. Previnam Jerusalém de que as valquírias e os cisnes atravessaram a região de Goshen. Brunilde comanda-os. Sobem o rio Jordão.

Os olhos de Andrei corriam pelos telhados, a fim de inspecionarem os combatentes dispersos. Ficou satisfeito ao verificar que eles se achavam estendidos convenientemente em linha. Uma vez sobre os telhados, o comando unificado podia manter as suas companhias em comunicação por meio de postos de sinalização de telhado para telhado.

A companhia de Ana Grinspan transmitia uma mensagem anunciando que os Alemães subiam a Rua Zamenhof; quase no mesmo instante, o comando de Rodei enviava por telefone uma mensagem a Simon Éden.

Andrei rastejou sobre o ventre até ao ângulo sobranceiro à intersecção das Ruas Mila e Zamenhof. Stephan"— seguia-o. Andrei contorceu-se para encontrar uma posição que lhe permitisse observar a Rua Zamenhof através de um binóculo de campanha.

Andrei regulou as lentes e murmurou para si: «Brunilde em pessoa. Stutze. Que surpresa!» Os tacões das botas ressoavam no pavimento, repercutindo-se os seus ecos contra as fachadas esburacadas das casas.

— Alto!

Os SS, a Wehrmacht, os auxiliares, romperam as fileiras e dispersaram à esquina das Ruas Zamenhof e Gensia, sob as vistas e as armas da companhia de Ana Grinspan.

Com o inimigo a algumas dezenas de metros, Andrei modificou a sua posição, arriscando-se a expor-se um pouco mais a fim de desfrutar melhor panorama. Viu os Alemães cercarem o edifício da Autoridade Civil e o quartel da Milícia Judaica. Os SS forçaram a porta do edifício da Autoridade Civil, agora deserto. Minutos depois Andrei observou uma reunião agitada dos oficiais no meio da Rua Zamenhof. Stutze. de braços estendidos, ladrava, entre gestos exuberantes.

«Bem, mas que é isto?», murmurou Andrei.

Os milicianos judeus saíram para a rua. Era a sua primeira aparição depois de se terem refugiado, aterrorizados, no quartel. Chegavam precedidos das baionetas caladas da Wehrmacht. Alguns milicianos detentores dos postos mais elevados foram arrancados do rebanho e levados à pancada para o edifício da Autoridade Civil.

Rajadas de metralhadora fenderam o ar.

— Estafeta! — disse Andrei num tom seco.

Stephan aproximou-se, de rastos.

— Vai levar uma mensagem a Simon. Os Alemães estão a fazer uma incursão ao quartel da Milícia. Alguns milícia— nos foram já executados no edifício da Autoridade Civil.

Aparentemente, os Alemães não sabem que a Autoridade Civil já não existe. Prevemos que os Alemães vão conduzir a Milícia pela Rua Zamenhof até à Porta Stawki e daí para a Umschlagplatz. Aguardamos instruções.

Stephan repetiu a mensagem, depois deixou-se deslizar até meio do telhado para meter pela claraboia de Mila 18 e descer a escada até ao Bunker. Stephan surgiu no mesmo momento em que o estafeta de Ana Grinspan aparecia com idêntica mensagem.

Simon volveu os olhos de Tolek para Alex.

— Andrei aguarda instruções — disse Stephan.

Os Alemães conduziriam os milicianos sob as armas das companhias de Andrei e de um destacamento de combatentes de Wolf até junto da Porta Stawki. Encontrava-se na rua um milhar de nazis. Seria um regalo; nada menos nada mais do que tiro aos pombos. Mas podia a revolta começar sob tal pretexto? Com uma operação para salvar traidores judeus? A justiça poética e histórica não mandaria que se deixasse os Alemães conduzir estes porcos imundos para a Umschlagplatz, tal como eles, milicianos, tinham conduzido tantos dos seus irmãos de raça e de sangue?

Uma explosão que desse a estes bastardos uma oportunidade de fugir e de se esconder não faria senão reduzir os stocks de munições das Forças Unidas.

Uma decisão do comandante-chefe! Meu Deus! Se tivesse aqui Andrei para me lançar por terra! Tolek e Alex continuavam a observá-lo à luz pálida da vela. Simon respirou profundamente. Os Alemães encontravam-se encurralados, como jamais o voltariam a estar. Oh, mas que coragem era precisa para decidir deixá-los sair do ghetto, a fim de conceder aos combatentes um dia, uma semana, dez dias, que permitissem descobrir mais munições!...

— Diz a Andrei... que mantenha uma disciplina absoluta.

Que os deixe passar. Deitou a mão ao auscultador do telefone, a fim de confirmar a sua opinião, para se convencer a si mesmo.

— Aqui, Jerusalém. Fala Atlas. As valquírias estão no palácio de Herodes e conduzem Korah e Absalão para o Egito. Deixa-os passar.

No Bunker dos revisionistas, em Nalewki 37, Samson Ben Horin encarou o chefe do seu grupo Chayal, cujos homens se encontravam espalhados ao longo dos telhados sobranceiros à Rua Zamenhof, perto da companhia de Ana Grinspan. O oficial do Chayal, Emanuel, declarou a Ben Horin, em ar de escárnio :

— Não os deixaremos passar...

Samson Ben Horin acariciou a barba, que recentemente começara a deixar crescer. Ele gostava de a acariciar. O agente de ligação do quartel-general de Éden volveu os olhos de Ben Horin para o oficial.

— Não somos obrigados a executar as ordens de Éden insistiu o oficial.

— Mas és obrigado a executar as minhas ordens — respondeu Ben Horin. — Por coincidência, elas são exatamente as mesmas. Deixar passar os Alemães!

Emanuel ficou furioso.

— Os Alemães estão encurralados!

Ben Horin sacudiu os ombros.

— És um laçao dos trabalhistas — gritou Emanuel.

— Destituir-te-ei imediatamente do teu comando se não quiseres obedecer — ameaçou-o Ben Horin, encolerizado.

Emanuel, carrancudo, trémulo, acalmou-se pouco a pouco e voltou ao seu posto, desesperado por Ben Horin ter adoptado uma posição idêntica à das Forças Unidas.

Os Alemães marchavam.

Andrei aproximou-se de rastos o mais perto possível do rebordo do telhado. Fez correr os olhos pela longa fila de soldados, cujas mãos, suadas, se crispavam convulsivamente sobre as armas. Olhos negros seguiam-nos, do cimo dos telhados. Andrei agitou o punho no ar em sinal de «não disparar».

Em baixo, os Alemães conduziam a Milícia Judaica para a Umschlagplatz e para Treblinka.

Andrei humedeceu os lábios. Pegou na Gaby, a Schmeisser, e visou Sieghold Stutze no coração.

«Que encantador, que magnífico alvo! Cheio de um belo sangue sífilítico!...» Cerrou os dentes, afastando o dedo tremente do

gatilho.

Os combatentes, dispersos pelo alto da Rua Zamenhof, olhavam para os seus carrascos, deixando escapar surdas imprecações, maldizendo a ordem que os impedia de dar livre curso ao seu ódio.

«Olhem-me para aquele austríaco sumarento! Ah, Stutze... Voltaremos a ter outra oportunidade tão boa de te furarmos a pele?», perguntou a si mesmo Andrei num grito abafado. «Que maldita guerra!» — Está? Jerusalém — disse Wolf Brandel. — O anjo do Líbano avisa-nos de que as valquírias conduziram Korah e Absalão para o Egito. Eles vão carregar um comboio para o Inferno. O caminho está desimpedido.

Quando a cauda do destacamento alemão desapareceu pela Porta Stawki, as mãos crispadas sobre as espingardas, as granadas e as bombas de garrafa distenderam-se; os corpos descontraíram-se, após uma tensão terrível.

Foram agitadas bandeiras de sinalização dos cimos dos telhados para as janelas e das janelas para a rua. Os agentes de ligação precipitaram-se. «Caminho desimpedido».

O gerador de Mila 18 foi posto a funcionar. As lâmpadas acenderam-se. Em Majdanek, as crianças, que estavam deitadas no soalho, em redor de Deborah, recomeçaram os seus jogos e leituras; e o rabi Solomon salmodiava num tom mais elevado as suas orações; Moritz baralhou as cartas para uma nova partida de sessenta-e-seis; Alexander anotou no seu diário os acontecimentos do dia.

Com os nervos exaustos, Simon Éden curvou-se sobre a escrivaninha. Andrei entrou na cela e deu-lhe uma palmada nas costas.

— Simon! Tive esse austríaco sifilítico ao alcance da minha arma! Da cabeça aos pés, sofri por não lhe poder fazer saltar os miolos! Que disciplina! Nem um murmúrio!

Nem um gesto! Nem sequer por um segundo Stutze soube que esteve ao alcance das nossas espingardas! Simon!

Simon! Nós temos um exército!...

Simon sacudiu penosamente a cabeça.

— Sabes — murmurou Andrei numa confidência -, apostarei seja o que for em como os poderemos aguentar por uma semana!

## CAPÍTULO IX

O Oberführer Funk chegou a Berlim vagamente arrependido por ter permitido que Horst von Epp lhe baralhasse as ideias. Era absurdo sugerir novas táticas para a "liquidação do ghetto. Ele devia ter seguido as ordens que recebera e voltado ao ghetto com homens fortemente armados no dia seguinte ao ato de banditismo de 18 de Janeiro.

Mas agora era muito tarde. E não tinha outra alternativa.

Quando expôs a teoria de pacificação dos Judeus proposta por Von Epp, Funk experimentou vivo desgosto ao verificar que Himmler considerava a ideia excelente. Porém, consolou-o o fato de Himmler lhe atribuir o mérito deste novo plano.

Em Berlim os problemas surgiam de todo o lado. O choque produzido pela catástrofe de Stalingrado abalara os altos comandos, que defrontavam agora uma gigantesca contraofensiva de Inverno dos Russos.

No Norte de África, o magnífico Afrika Korps de Rommel empenhava-se em furiosos combates com as forças aliadas, que recebiam constantes reforços. Um segundo desastre parecia iminente.

A Itália era quase impotente do ponto de vista militar.

Adivinhava-se que se ia registrar também a defecção política da Itália.

Nos ares, a Luftwaffe falhara na sua missão de esmagar o moral dos obstinados Ingleses. E agora toda a Inglaterra se transformava num colossal aeródromo donde iam partir, centuplicados, os golpes de desforra que retribuiriam as incursões dos aviadores alemães.

No Pacífico, os Americanos tinham tomado a iniciativa.

Reconquistavam ilha após ilha, apesar de os Japoneses terem afirmado que os soldados americanos não possuíam energia e ardor bastantes para o fazer. Os Japoneses não se tinham ainda dado conta do valor extraordinário do corpo de marinha americano.



Por todo o império alemão se sentia o despertar irrequieto dos povos submetidos. A despeito das represálias brutais tendentes a esmagar os movimentos clandestinos, os exércitos secretos continuavam a desenvolver-se. A verdade era que a Jugoslávia constituía uma força cujo poderio iria desviar da frente leste divisões alemãs que aí seriam bem necessárias. A vigilância policial que se exercia sobre a Grécia e a Polónia exigia homens e armas muito úteis noutros pontos.

Em menor grau, sabotagens, assassínios e atividades de espionagem verificavam-se constantemente de Praga a Copenhagen, de Oslo a Amsterdam e a Bruxelas. Eram picadas de alfinete, decerto, mas bastante venenosas para provocarem uma ferida lancinante. No Norte da Itália estava a constituir-se um exército de partisans.

Pela primeira vez, a besta cruel que se acreditara invencível dava-se conta de que se enganara na apreciação do adversário. A Alemanha sentiu-se a princípio estupefata, depois inquieta. O sorriso desdenhoso que lhe flutuara nos lábios desvanecera-se. Agora sentia-se atingida.

No decurso das suas conversas com Eichmann, no Departamento 4-B da Gestapo, Funk apercebeu-se de que o carrasco nazi prosseguia ainda, com um zelo invulgar, as suas incursões contra os Judeus, mas que se achava a dar golpes em muros de pedra. A Finlândia recusara terminantemente obedecer às ordens alemãs, que exigiam a entrega dos seus judeus, e ameaçara utilizar o exército finlandês para os defender. Uma segunda recusa categórica proveio dos Búlgaros. Depois, da Dinamarca. O rei Cristiano respondeu à ordem dos Alemães que impunha aos Judeus o uso da estrela de David decidindo colocá-la ele primeiro no seu braço e convidando todos os dinamarqueses a fazer o mesmo, a fim de demonstrar que não existia discriminação racial entre o seu povo.

Na França, na Bélgica e na Holanda os Judeus encontraram abrigo em conventos e celeiros, e os próprios Romanos e os Húngaros empregavam subterfúgios para impedir, na medida do possível, as deportações. A Itália recusara associar-se ao genocídio.

Embora os agentes de Eichmann, na sua perseguição aos Judeus, os capturassem com a utilização de artimanhas, por meio da ameaça e por métodos bastante violentos, em parte alguma da Europa Oriental, com exceção da Polónia, da Ucrânia e dos países bálticos, foram eles denunciados mediante o prémio de rações suplementares.

Funk chegou a Berlim durante um período de dilacerantes retaliações. Himmler, Eichmann e todos aqueles a quem mais interessava a «solução final» concordaram que o ghetto de Varsóvia, o maior símbolo do judaísmo europeu, tinha de ser liquidado no meio do menor ruído. Constituiria um terrível golpe contra o seu prestígio se Berlim fosse obrigada a admitir que os Judeus eram capazes de lutar.

E as coisas tornar-se-iam piores ainda se fossem os Judeus a conduzir a primeira rebelião contra os nazis, insurreição esta que poderia originar uma reação em cadeia entre os irrequietos movimentos clandestinos.

Alfred Funk voltou a Varsóvia para confiar ao Kommissar Rudolph Schreiker o encargo desta liquidação pacífica ;

depois partiu para a Dinamarca, onde os turbulentos partisans dinamarqueses destruíaam a rede ferroviária e, servindo-se de sinais luminosos, indicavam os principais alvos aos bombardeiros ingleses. A Dinamarca, símbolo do «pequeno irmão ariano», estava a comportar-se verdadeiramente mal.

Durante o mês de Fevereiro de 1943, Rudolph Schreiker empenhou-se numa campanha infrutífera no sentido de incitar os 40000 sobreviventes judeus a abandonarem o ghetto, As Forças Unidas Judaicas tinham feito circular uma ordem em que comunicavam que todo aquele que se oferecesse voluntariamente para deportação ou que tentasse partir a convite dos Alemães seria abatido.

As Forças Unidas Judaicas permitiram que alguns alemães entrassem no ghetto sem os molestarem. Os emissários de Schreiker dirigiam-se às fábricas a fim de tentarem obter «transferências de mão-de-obra», garantindo boas condições de trabalho em Poniatow ou Trawniki. Para confirmar as suas intenções de boa vontade e a

sua boa fé, Schreiker mandou proceder a algumas distribuições de víveres e de medicamentos.

Alguns judeus proeminentes que se encontravam encarcerados em Varsóvia foram enviados para o ghetto a fim de constituírem uma nova Autoridade Civil Judaica, encarregada de reabrir as escolas e os hospitais e de retomar as atividades culturais.

Mas ninguém saiu do seu esconderijo.

Ao fim de uma semana, Schreiker compreendeu que a nova Autoridade Civil era impotente. Num acesso brutal de cólera provocado pelo seu próprio fracasso, fez executar os membros da nova Autoridade Civil no edifício já ensanguentado a ela destinado.

Os jornais e a rádio transmitiram comentários acerbos sobre a falta de cooperação verificada da parte dos Judeus em relação ao «trabalho honesto». Os Alemães insistiram no estafado slogan de que era o comportamento dos Judeus o responsável pelos infortúnios dos Polacos, pois, se os Judeus tivessem aceitado o «trabalho honesto», não seria necessário fazer apelo aos Polacos. Este argumento tão «lógico» foi aceite de bom grado.

Simon Éden possuía a coisa que mais desejara: tempo.

Fora para ganhar tempo que ele ordenara que se não disparasse contra os alemães que conduziam a Milícia para a Umschlagplatz. O tempo dava-lhe uma oportunidade de aumentar as suas magras forças.

Os revisionistas estabeleceram firme contato com um pequeno grupo clandestino da direita, a brigada ND, do outro lado do muro. Graças à brigada ND, os grupos revisionistas — Chayal, Jabotinski e Trumpeldor — tornaram-se a companhia mais bem armada do ghetto.

Os comunistas clandestinos — a guarda do povo — achavam-se mal armados e não podiam dispensar uma única bala ao ghetto. Mas asseguraram às Forças Unidas uma excelente ligação pela rádio com o sector ariano, indicando-lhes esconderijos em Varsóvia.

Em Março de 1943 as diminutas Forças Unidas encontravam-se bem escondidas nas catacumbas do ghetto, observavam uma disciplina pronta e eficaz e possuíam os melhores postos de vigia, de comunicação e de contato que as circunstâncias permitiam. Os

pequenos destacamentos de combatentes tinham mostrado um comedimento extraordinário, não disparando senão quando as circunstâncias o exigiam e movimentando-se sem serem vistos; tinham desenvolvido uma tal obediência aos chefes que mesmo o pessimista Simon Éden começava a acreditar que poderiam conter os Alemães em respeito durante oito dias.

Meados de Março. Dois meses tinham decorrido e os Judeus ainda dominavam no ghetto. Alfred Funk soltou alguns urros em Varsóvia, encerrou Rudolph Schreiker no seu gabinete e cobriu-o de obscenidades durante uma hora.

Schreiker foi destituído da sua missão. Todavia, conservou o seu posto, pois os nazis não admitiam um revés nos assuntos judaicos; o encargo da liquidação do ghetto foi passado a Horst von Epp e ao Dr. Koenig.

No dia 17 de Março, um carro do Estado-Maior alemão penetrou no ghetto pela Porta Leszno-Tlomatskie, uma grande bandeira branca colocada em cada para-choques. O carro subiu lentamente a Rua Zamenhof e parou defronte do edifício da Autoridade Civil. Um soldado desceu do seu posto atrás do volante e brandiu outra bandeira branca.

A viatura estava a ser submetida a apertada observação por parte dos combatentes judeus desde que entrara no ghetto. O soldado balançou-se nervosamente de um pé para o outro, inquieto, devido ao silêncio que o envolvia.

Num círculo em redor dele começaram a aflorar cabeças : das portas, das fendas, das janelas, dos pátios. Ele agitou vigorosamente a bandeira. Depois os seus olhos contraíram-se quando uma mulher que trazia uma espingarda e botas alemãs se aproximou dele, à frente de uma dezena de homens.

Ana Grinspan já tinha visto alemães no ponto de mira da sua espingarda, mas este era diferente. A curiosidade mútua de dois inimigos que se encaravam. A aplicação prática das contínuas palestras de Andrei, que afirmava que os Alemães não eram super-homens. «Atinge-os com uma bala que eles tombarão.» O soldado estava visivelmente desconcertado em face do seu inimigo. O «sub-

humano» era uma mulher alta e bela que chefiava homens cujo ar marcial não tinha desejo de contestar.

— Sou portador de uma mensagem para o seu comandante ; da parte do Dr. Frank Koenig, representante das autoridades alemãs — recitou ele.

— Estafeta! — chamou Ana -, dirige-te a Atlas, em Jerusalém, e diz lhe que o Faraó mandou um mensageiro para parlamentar. Mantê-lo-emos no palácio de Herodes.

O estafeta lançou-se a correr pela Rua Zamenhof.

— Vendem lhe os olhos — ordenou Ana.

Momentos depois, Simon Éden falou ao soldado, mas conservando-se cuidadosamente por trás dele.

— Sou o comandante — disse Simon.

— O Dr. Koenig deseja parlamentar, a coberto de uma trégua, com o senhor e o seu estado-maior. Ele garante completa segurança...

Simon interrompeu-o.

— Diga lhe que se deseja conferenciar conosco tem de entrar, sozinho, pela Porta Leszno-Tlomatskie, com uma bandeira branca na mão, e apresentar-se diante do edifício da Autoridade Civil. Que esteja lá entre o meio-dia e o meio-dia e dez.

A figura obesa de Franz Koenig penetrou, só, num silêncio irreal. Ele tremia de pavor, agitando para diante e para trás, a cada passo que dava, uma bandeira branca quase tão grande como ele.

Desceu até meio da rua deserta. Uma sensação misteriosa e estranha de que mil olhos o fixavam, oculto?, observando-o.

Olhou de relance para as janelas e para os telha— dos. Nem um arfar. Como podia um local encontrar-se tão deserto?

Koenig desejara vestir um traje civil, mas receara que os nazis pensassem que ele tinha medo de envergar um uniforme. Depois de penetrar no ghetto retirara a braçadeira com a suástica. «É inútil contrariá-los», pensou.

Avançando lentamente, passou a Rua Zielna, depois a Rua Pawia. Não se apercebia ainda de qualquer sinal de vida. Deteve-se na intersecção de Gensia e olhou nas quatro direções. Nada.

Somente penas que tombavam. A estrutura do edifício da Autoridade Civil estava por trás dele.

— Há alguém aqui?

«Alguém aqui... alguém aqui... alguém aqui?», repetia o eco da sua voz.

— Eh!

«Eh... eh... eh...!» Escoaram-se dez minutos. Koenig achava-se paralisado de terror.

— Koenig!

Procurou donde vinha a voz.

— Koenig!

A porta principal do edifício da Autoridade Civil estava entreaberta. Com precaução, subiu os degraus e abriu completamente a porta, que rangeu. Contraíu levemente os olhos, para melhor distinguir o corredor, muito sombrio, e agitou a bandeira branca.

— Parlamentário! — gritou. — Parlamentário!

A porta fechou-se com um golpe seco por trás dele.

Voltou-se e encontrou-se face a face com a cara barbuda de Samson Ben Horin.

— Mãos ao alto! — disse Ben Horin.

Ele seguiu Koenig.

— Para diante!

Desceram o corredor.

As paredes encontravam-se manchadas com sangue seco, devido às execuções efetuadas pelos Alemães. O estuque estava fendido. Destroços por todo o lado.

— Volte aqui. Sente-se!

Franz achou desagradável esta sala sórdida. Tudo se encontrava derrubado e esmagado. Cheirava mal. Engoliu em seco a fim de humedecer a garganta e olhou fixamente para a mesa, com medo de fitar Samson Ben Horin nos olhos. Samson sorriu maliciosamente.

— Então o senhor é um super-homem — disse ele.

Koenig sentiu-se muito pouco à vontade diante deste jovem judeu de olhos negros, magro, rude e altivo, que podia, se quisesse,

desfazê-lo em bocados. Samson sentou-se no rebordo da janela e balançou as pernas.

— Então um super-homem — repetiu ele.

A porta abriu-se. Simon Éden, ereto como uma barra de aço, com 1 metro e 92 centímetros; Andrei Androwski, com o porte de um leão; Rodei, maciço e sólido como um blindado. Entraram todos e encostaram-se à parede.

Koenig compreendeu imediatamente que as Forças Unidas não eram um mito e que os sobreviventes possuíam uma alma ardente.

Alexander Brandel ajudou o rabi a entrar na sala. Ele e o ancião sentaram-se defronte de Koenig.

— Levante-se em presença do nosso rabi — disse Andrei — e cubra a cabeça.

Koenig recuou precipitadamente a cadeira e ergueu-se.

Rodei anuíra, contrariado, à ideia de fazer Samson Ben Horin e o rabi Solomon assistirem à conferência. Para ele, os revisionistas de Ben Horin eram de parentela fascista.

Além disso, Ben Horin não se submetera à autoridade das Forças Unidas. Quanto ao rabi Solomon, era sentimentalismo e absurdo. Mas, por amor à unidade, não protestara.

— Fale! — disse Simon.

— Em nome... em nome das autoridades alemãs, estou autorizado a negociar um acordo sobre os nossos diferendos.

Esta declaração não suscitou reação alguma. Koenig aclarou a garganta e prosseguiu.

— Gostaríamos de esquecer o passado. O que lá vai lá vai. Quero dizer, não serve de nada exumar os antigos cadáveres.

Esqueçamos o dia de ontem e falemos sobre o dia de amanhã.

Ainda desta vez os seus opositores não deram mostras da mínima reação.

— O que pretendemos fazer é a completa reinstalação algures dos habitantes do ghetto. Agora, antes que me deis uma resposta, seja ela qual for, quero assegurar-vos de que vim cá preparado a

garantir-vos excelentes condições de trabalho em campos que vos concederemos a liberdade de examinar.

Ben Horin, sentado no rebordo da janela, não deixava de balançar as pernas. Rodei chispava ódio. Simon e Andrei olhavam distraidamente para o chão. Alex parecia estupefato.

Koenig aclarou novamente a garganta :

— Estamos dispostos a assinar um pacto. Sob a nossa palavra de honra. Um tratado, se quiserem...

Koenig deteve-se.

Seis pares de olhos duros estavam pousados nele, desdenhosos.

Compreendeu que não fizera progresso algum e enervava-se.

— Muito bem. Pergunto lhes: sob que condições vos considerais dispostos a abandonar o ghetto?

Ele esgotara as artimanhas, as astúcias, os ardis alemães.

— Deveis considerar as minhas propostas — prosseguiu Koenig. — Notai que não vos faço ameaças; mas certamente que compreendeis que a vossa posição é insustentável.

Nenhuma resposta ainda.

Koenig viera para permutar. Estava preparado para recuar até certo ponto a fim de obter o que desejava : liquidação pacífica. O silêncio obstinado daqueles homens não lhe deixava outra alternativa senão fazer imediatamente a sua oferta final.

— Vós, aqui, representais quarenta ou cinquenta mil pessoas, segundo os nossos cálculos. Para vos demonstrar que nos encontramos dispostos a negociar honestamente convosco, vamos ao ponto de vos oferecer uma indemnização excelente. Várias centenas de milhares de zlotys. Depositá-la-emos em francos suíços, dólares americanos, ou não importa em que moeda, à vossa escolha, e conceder-vos-emos dois mil vistos para a Suécia. Garantimos-vos salvo-condutos sob os auspícios da Suécia ou da Suíça. Se desejardes, podereis partir em grupos de cem e emitir mensagens em código para fazerdes saber uns aos outros que chegastes sãos e salvos. Bem, senhores, poder-se-ia propor-vos qualquer coisa mais leal?



A oferta de Koenig era perfeitamente clara. Tratava-se de uma tentativa de corrupção, sob uma ilusória aparência de liberdade. Eles permitiriam aos chefes e a parte das Forças Unidas escaparem-se e ainda lhes ofereciam o dinheiro para partir, a fim de os sobreviventes indefesos ficarem à sua mercê. Sem as Forças Unidas Judaicas não haveria perigo de ulterior resistência. O resto efetuar-se-ia muito calmamente.

— Não faças esperar o Dr. Koenig, Alex — disse Simon.

— Estou certo de que tens uma resposta para ele.

Alexander Brandel estava face a face com Franz Koenig.

Ele cuspiu um enorme escarro, que pousou no nariz do Dr. Koenig e gotejou para os lábios e para o queixo do alemão.

— Agora saia! — disse Simon por entre dentes.

Samson Ben Horin pôs-se de pé, de um pulo, e engatilhou a pistola.

— E se déssemos uma verdadeira resposta aos Alemães?

— Não — disse o rabi Solomon. — Ele entrou na nossa casa a coberto de uma bandeira de tréguas. Nós somos obrigados a assegurar a sua proteção.

— Rabi! Ele é um faraó! O sangue dos escravos judaicos tinge lhe as mãos. Nos seus bolsos fartos não há senão ouro que ele conseguiu com o suor dos Judeus.

— Não, Samson — repetiu docemente o rabi. — Na minha qualidade de decano desta comunidade, não o permitirei.

Samson colou o cano da pistola à têtpora de Koenig e soltou uma risada escarninha. Nem Andrei, nem Simon, nem Rodei fizeram um gesto para o deter.

— Os nazis estão somente num campo, nesta guerra.

Que este cão miserável se arraste daqui com a lembrança de homens honrados gravada na sua alma malfazeja e perdida, para que viva no temor do momento em que a cólera de Deus nos vingará — disse Solomon.

Simon deixou escapar um profundo suspiro, pousou a mão no cano da pistola e desviou-a do Dr. Koenig.

— Deixem-no sair — disse.

Samson Ben Horin voltou-se e esmagou o punho na parede.

— Saia antes que eu mude de intenções — gritou Simon a Koenig.

Franz Koenig precipitou-se para fora da sala, cambaleando, devido à sua obesidade e ao terror que o possuía.

À saída da porta caiu e caminhou de rastos, até meio do corredor. Correu para o meio da rua, agitando, apavorado, a bandeira branca.

— Parlamentário! Parlamentário! Parlamentário!

Simon, Samson, Andrei, Rodei e Alex juntaram-se diante da janela e observaram Koenig, que caminhava arquejante e aos tombos pela rua, atravessava a intersecção e desaparecia.

— Parlamentário! Parlamentário! Parlamentário!

Andrei pousou a mão no ombro de Alex.

— Nu, que tal te parece ser-se um homem de violência?

— Não é lá muito desagradável, Andrei. Mesmo nada.

— Uma semana — murmurou Simon. — É preciso que nos aguentemos somente uma semana!

## CAPÍTULO X

Entrada do diário.

Durante todo o mês de Março os Alemães fizeram um esforço fantástico para incitar os Judeus a saírem do ghetto.

A Gestapo lançou uma campanha de «vistos» a fim de persuadir os «estrangeiros» a inscreverem-se no Hotel Polónia.

A significação não escrita deste plano é a seguinte: aos judeus que vivem na clandestinidade será concedida passagem para a Suécia se puderem comprar a sua liberdade.

A Gestapo tem mostrado grande empenho em dar a esta venda de vistos uma aparência legal. Uma falsa equipa da Cruz Vermelha encontra-se na Polónia para dirigir o plano. (Nota: falsos escritórios da Cruz Vermelha têm sido muitas vezes utilizados, em toda a Europa, pelos Alemães, a fim de repatriar prisioneiros de guerra evadidos e diversas pessoas escondidas. Eles criaram também redes clandestinas operadas por colaboracionistas.) Aparentemente, os nazis permitirão a alguns compradores de vistos chegar à Suécia, a fim de que «provem» aos outros que o plano é honesto.

Ficámos surpreendidos ao saber que David Zemba acreditou de tal maneira nesta farsa que saiu do seu esconderijo e se encontra no Hotel Polónia, com o propósito de tomar contato com o judaísmo mundial a fim de conseguir dinheiro para comprar vistos. O preço de um visto oscila entre os 10 000 e os 20 000 zlotys.

Estamos certos de que se trata de uma operação bem urdida, para nos fazer mergulhar no mais franco dos optimismos.

O leopardo não muda de pintas. Ainda nos achamos mais certos de que o plano dos vistos é uma fraude e que a maior parte dos que se inscreverem acabarão em Treblinka.

É estranho que um homem experiente como David Zemba se deixasse lograr com semelhante facilidade. Suponho que o desespero é tão grande que as pessoas estão prontas a iludir-se a si

próprias com a fugaz, vaga sensação de que possa haver uma réstia de esperança.

Em conformidade com a ofensiva alemã de «paz», não se registou ação alguma contra o ghetto nos últimos dois meses e meio. Continua a haver eletricidade em muitas zonas e água potável nas canalizações. Embora as fábricas tivessem cessado de funcionar, prosseguem as remessas de víveres a elas destinados. O contrabando exerce-se com relativa facilidade. Moritz Katz constituiu um «corpo de quartéis-mestres» com uma dezena de antigos contrabandistas. Armazenaram víveres suficientes para abastecer por quinze dias os combatentes judeus e os nossos protegidos imediatos.

Fazemos provisões de água potável à medida que encontramos bidões e espaço para os depositar. (Calculamos possuir remessas para dez dias.) Uma coisa é certa. Os Alemães não desejam bater-se conosco. As paredes do ghetto estão repletas de cartazes com ofertas de «paz», convidando o povo a sair e a apresentar-se ao trabalho. As Forças Unidas continuam a adverti-lo dos perigos desta manobra. Não permitimos a inscrição de voluntários para deportação.

Por quanto tempo continuarão os Alemães a tolerar o nosso comportamento? Estamos na primeira semana de Abril. Esperamos que a machada se abata sobre nós a qualquer momento.

*Alexander Brandel*

O crepúsculo — a calma transição entre a claridade e a treva, o dia e a noite — incitou Deborah Bronski e quarenta crianças dos 3 aos 10 anos a atravessarem o túnel de Mila 18 para um pátio perto da Praça Muranowski.

Uma por uma, emergiram do subsolo, respirando a plenos pulmões o ar puro e piscando os olhos ante a luz agonizante.

Os combatentes judeus, postados no telhado, por cima delas, desvelavam-se na proteção destes seres preciosos contra um súbito ataque que os pudesse atingir. Sílvia Brandel foi a última a aparecer. As crianças corriam, saltavam, rolavam no solo, deixavam-se escorregar e batiam as palmas das mãos com o regozijo de entes

libertos da servidão. Em breve... muito em breve, resplandeceriam os lumes da Primavera.

Durante alguns momentos as crianças entretiveram-se nos jogos infantis do ghetto. Brincaram aos «contrabandistas», ocultando objetos das vistas dos «nazis e dos rouxinóis» que os procuravam. Brincaram a às «evasões», entrando e saindo dos corredores da casa abandonada a fim de se escaparem para o «sector ariano», após terem iludido a vigilância da «Polícia Azul». Brincaram aos «combatentes judeus e aos Alemães», bombardeando-se mutuamente com projéteis imaginários.

Os rapazes desejavam ver Atlas, Jan, mestre de xadrez e Tolstoi. As pequenitas queriam ser Tanya, como Ana Grinspan, ou Rachel Bronski. Nenhum queria ser Faraó, Brunilde, nazis, «rouxinóis» ou «Polícia Azul».

— Pam! Pam! Apanhei-te, judeu!

Um pequenito tropeçou e caiu no pátio; o seu nariz começou a sangrar. Não se pôs a chorar, embora sentisse dores, pois tinham-no ensinado a não chorar a despeito das dores. Os nazis e os seus cães descobriam, mercê do choro das crianças, os esconderijos do povo do ghetto.

Deborah ergueu o pequenito e deteve a hemorragia. Um momento depois ele correu a juntar-se aos companheiros.

Deborah consultou o relógio. Dentro de um instante surgiria Rachel. «É estranho», pensava Deborah, «que ao fim de um certo tempo uma pessoa comece a assemelhar-se a um rato ou a uma toupeira!» A vida no subsolo devia ofuscar os valores humanos. A tragédia devia imunizar contra o sofrimento. A treva devia tornar mais suportável a solidão. Mas não era assim, não. O seu coração doía-se sempre quando os combatentes traziam um pequeno corpo definhado para a sala das crianças em Mila 18. Um esqueleto enregelado arrebatado a um passeio gélido, a um beco sombrio, a um quarto devastado de uma casa abandonada.

Deborah chorava de noite por amor a elas, por causa dos seus pequeninos olhos selvagens, das suas unhas aguçadas que dilaceravam as coisas como as garras de animais acossados.

Deborah chorava ante as suas evasivas, a sua desconfiança, a sua torturante inaptidão em responder à ternura que ela lhes prodigalizava.

Como sentia a ausência de Rachel!... A sua solidão jamais a abandonava.

E Stephan. O medo que a retalhava sempre que o jovem deixava o Bunker em companhia de Andrei. Quantas vezes pode um ser morrer sem que os seus nervos também sucumbam!

Ah, se Rachel pudesse ficar com ela! Tornava-se perigoso para a jovem sair à noite do Bunker da Rua Franciskanska a fim de visitar a mãe. Mas Rachel devia viver com Wolf! E não havia outra sala que abrigasse as crianças além da de Mila 18.

— Saska Kempa! — chamou um combatente do telhado.

— Grochow! — respondeu da rua a voz de uma rapariga.

Rachel penetrou no pátio. À distância, Deborah não conseguiu distinguir o seu rosto. A jovem calçava botas novas, cujos canos lhe davam até aos joelhos, e envergava um casaco de couro com cartucheiras entrecruzadas. A cintura trazia-a guarnecida de granadas e tinha uma espingarda na bandoleira; os seus cabelos negros estavam juntos sob um boné de operário; com uma das mãos segurava a guitarra de Wolf. A despeito deste disfarce, não deixava de ser bem Rachel Bronski. Nada a podia impedir de caminhar como uma mulher. Nada podia esvanecer a sua doçura.

— Olá, mãezinha!

— Olá, querida!

Beijaram-se na face.

— Onde está o Stephan?

— Aí fora com Andrei. Porque não te acompanhou o Wolf?

— Está a dirigir um exercício de tiro na fábrica.

— Creio que não devias sair só...

— Mãezinha, sou um soldado.

Deborah tirou o boné da cabeça da filha, desmanchou-lhe os cabelos e deixou-os cair para os ombros.

— Não sejas soldado por um momento — disse ela.

Rachel inclinou a cabeça.

— Apanhei-te! — exclamou uma criança. — Em marcha para a Umschlagplatz.

— Que belos jogos, os das crianças...-suspirou Deborah.

Ela sentou-se com a filha no último degrau, contemplando as crianças que se lançavam, correndo, pelo pátio.

— Tens bom parecer — disse Deborah distraidamente.

— Tu não, mãezinha. Estás doente?

— Não. É que... uma vez por outra esta irrealidade torna-se real; então detemo-nos um pouco, furtamo-nos ao nosso trabalho, para pensar. Estamos num buraco, no subsolo, e a única saída é a morte. Quando encontro tempo para pensar, tenho medo. Tenho medo, simplesmente.

Rachel acariciou as mãos da mãe.

— É curioso, mãezinha, mas estar com o Wolf... Ele possui tantas certezas, encara tudo com tamanha naturalidade!...

Sinto sempre que havemos de subsistir, após este inferno.

— É bom que sintas assim — volveu Deborah.

— Sim — disse Rachel imediatamente. — Ele comunica este sentimento a todos os que o cercam. Por vezes mal acredito que ele é ainda pouco mais do que um rapazinho.

Não me deixou acompanhá-lo na incursão à fábrica de escovas, mas todos me disseram depois como ele se comportou.

Calmo... como um bloco de gelo. Um verdadeiro chefe. Eu sei, sem a mínima dúvida, que nós dois havemos de sobreviver a não importa o quê.

Rachel deteve-se bruscamente.

Que estaria ela dizendo? Falava à mãe de uma esperança de liberdade, agora que a mãe se encontrava mergulhada na desesperança.

— Oh, mãezinha, perdoa-me... Eu não queria dizer...

— Não, minha querida. É tão bom escutar-se uma voz tão plena de confiança, de fé!

— Fala-me de ti, mãezinha.

— Depois da morte de Susan, não tenho mais amigas com quem falar. Agora és tu a minha melhor amiga.

— Que contente me sinto ao ouvir-te!...

— Simon, Alex e Andrei estão a mover o Céu e a Terra para fazer Chris fugir do ghetto. Ele é o homem mais importante que se encontra entre nós. Alex chama-lhe «o nosso passaporte para a imortalidade». Um dia terá de jogar a sua sorte, partir. Deve ir só, certamente. Mas isso mata-o, como me está matando a mim.

Deborah pousou a cabeça no ombro da filha e começou a soluçar docemente. Rachel tentou reconfortá-la.

Como era terrível para sua mãe amar sem esperança!

Cada dia, um inferno de tormento na expectativa de uma sorte inevitável. A sua incapacidade para combater este destino, para se rebelar em grandes gritos contra ele. Com Wolf havia esperança, sempre esperança.

— Não te inquietes, mãezinha... Não te inquietes... Veremos o que nos reserva o destino.

— Não sei o que se apoderou de mim. Deve ser por estar todo o dia encerrada naquele Bunker, com as crianças...

tentando mentir-lhes... dizendo-lhes que nada de mal acontecerá. Elas compreendem que eu sou uma mentirosa descarada.

— Tia Rachel! — gritou Moses Brandel ao lóbrigar a visitante da Rua Franciskanska.

— A tia Rachel está cá!

As crianças convergiram para elas, de todos os cantos da casa. Deborah enxugou os olhos.

— É tempo de voltarmos — disse Deborah.

Elas meteram pelo túnel, de regresso a Majdanek. Rachel, Sílvia e Deborah ergueram as crianças, deitaram-nas em enxergas e conchegaram-nas com as cobertas. Deitadas na borda dos leitos improvisados, as suas facezinhas olharam na direção da vela solitária fixada na mesa de madeira junto de Rachel. A jovem harpejou a guitarra de Wolf e a sua voz fina e doce cantou uma cidade inventada, de leite e de mel.

Em breve as crianças adormeciam. Rachel partiu. E Deborah dormitou, aguardando o regresso de Andrei e de Stephan.

— Deborah.



Ela piscou os olhos, entreabriu-os. Andrei achava-se diante de si. Sorriu ao irmão.

— Stephan está a dormir no meu gabinete — disse lhe Andrei imediatamente, para a tranquilizar. — Vem aqui ao corredor. Tenho uma coisa para te dizer.

Das salas reservadas aos combatentes escapavam-se cantos, preces, histórias. Um bip-bip-bip do rádio. Uma explosão de riso de Moritz, que ganhara uma partida de sessenta-e-seis.

Andrei e a irmã encontraram um recanto tranquilo num dos túneis.

— Chris está à tua espera — disse ele. — Em Muranowska 24. Encontra-se um guarda de atalaia, para te proteger, no outro lado do túnel.

— Obrigada — murmurou ela.

— Antes que partas, quero dizer-te que Gabriela encontrou abrigo para mais três crianças. Tens de proceder a uma escolha. É um lugar excelente, com um casal sem filhos. Um lenhador e a mulher.

Fazer uma escolha! O coração de Deborah doeu-se ante este pensamento. Tinha a impressão de se encontrar no centro de seleção na Umschlagplatz. O poder de dar a três crianças o direito de viver. Como escolher? Três menos saudáveis? Os que mostravam mais tristeza nos olhos? Os que soltavam os gemidos mais lamentosos? Como escolher?

Por antiguidade na vida subterrânea?

— As possibilidades que têm de sobreviver são excelentes.

Escolhe crianças robustas — disse Andrei.

— Muito bem.

Ela e Andrei entreolharam-se e trocaram os seus pensamentos sem uma palavra. Tiveram espontaneamente a mesma ideia: enviar Stephan. Ninguém os censuraria ou acusaria pelo seu favoritismo. O jovem tinha mais que merecido o seu direito à liberdade. Mas Deborah e Andrei eram traídos pelas mesmas convicções que tinham infundido a Stephan. Como dizer a um filho que a dignidade e a honra são coisas pelas quais só os outros devem morrer?

Estes pensamentos não se exprimiram por meio de palavras.

Andrei acariciou o rosto da irmã e entregou-lhe uma pilha eléctrica.

— Chris vai partir em breve?

— De um momento para o outro — respondeu Andrei.

Ela mergulhou no túnel, precedida pela luz ténue da pilha, entre as paredes sujas, sob o ghetto inerme. Os últimos 20 metros tinham de ser percorridos de rastos.

O combatente de vigia em Muranowska 24 puxou-a através da claraboia e ajudou-a a pôr-se de pé. Ela recobrou a respiração e enxugou o suor que lhe corria pelo rosto.

Endireitou-se.

— Há água por aqui?

Ele apontou para os depósitos de reserva. Era um ghetto e estava-se em guerra, mas Deborah era uma mulher que ia encontrar-se com o amante e queria mostrar-se desejável.

Limpou as manchas de sujidade que tinha no rosto, alisou o cabelo, arranjando-o da maneira que Chris preferia, e cometeu a extravagância de se «inundar» com uma gota de perfume que Gaby lhe enviara por intermédio de Andrei. Depois subiu a escada, ao encontro de Chris.

No instante preciso em que Chris se voltou para ela, Deborah sentiu-se possuída por um sentimento de sordidez.

Tinha vergonha de poder desejar Chris num lugar destes.

Os seus atos de amor decorriam em caves, sótãos, sobre a palha fria, sob calor opressivo, nos túneis, sobre o soalho.

No Bunker devastado de Mila 19, ao lado da conduta por onde se escoavam as águas de esgoto. Corpos suados ou entanguidos.

Ela sentia vergonha dos prazeres sensuais. A vergonha nunca se esvaecera, nem o seu desejo destes prazeres sensuais.

Deborah abriu a porta do sótão.

Chris observava as luzes de Varsóvia, que cintilavam com mais luminosidade no céu à medida que a cidade mergulhava na escuridão. Ela dirigiu-se, sem ruído, para junto do amante e pôs-se a observar também as luzes no espaço.

— Um zloty pelos teus pensamentos — disse ela.

— Os meus pensamentos? Não valem um zloty, apesar da inflação atual.

— Então, um beijo pelos teus pensamentos!

Chris sorriu. Porém, o seu sorriso não se parecia com um sorriso.

— Tenho estado a pensar no homem, em Deus, no universo, em todas estas coisas danadas que ninguém chega a compreender verdadeiramente.

— Acho que isso vale um beijo — disse ela.

Não era possível, porém, apaziguar as inquietações de Chris.

— Hoje, num Bunker de Mila 18, Christopher de Monti, da Swiss News, escutou dois homens que discutiam um ponto de ínfima importância acerca do qual nenhum deles queria transigir. Os dois apegavam-se aos seus respectivos pontos de vista, embora a diferença que existia entre eles fosse insignificante. Ela jamais afetará o preço do chá na China. Alexander Brandel insistia com o rabi Solomon para que o velho fizesse uma declaração a favor das Forças Unidas, a fim de reforçar o moral dos sobreviventes do ghetto. O rabi Solomon citou a Tora, o Midrash e a Mishna para deduzir que um ato de vingança é uma forma de suicídio absolutamente proibida. Ora aí tens, Deborah!

Dois homens, num buraco, debaixo de terra, discutindo uma questão que outros lhes irão resolver de uma maneira ou de outra. Francamente, o homem, Deus e o universo fazem-me bastante pena.

— Mas que estado de espírito o teu! Eu, que vim até aqui toda enfeitada para te seduzir, nem consigo mesmo atrair-te a um beijo.

— O sexo jamais deverá intrometer-se no caminho do homem, de Deus e do universo. Creio, agora mesmo, que renunciaria para sempre ao sexo mediante um cigarro e um bom trago de scotch.

Chris afastou-se da janela, procurando nos bolsos cigarros que lá não existiam.

— Por que diabo Andrei não traz alguns maços de cigarros quando vai ver a Gabriela?

— Há anos já que alguns de nós vivemos sem fumar respondeu Deborah com uma voz acerada.

Chris dirigiu-se para o leito e disse num murmúrio :

— Perdoa-me.

— Realmente, que é que te importa, Chris?

— Não sabes?

— Acho melhor que falemos sobre o assunto.

— Não quero.

Ele sacudiu lentamente a cabeça.

— Não, não quero.

Achavam-se próximos do fim. Dentro de poucos dias Gabriela encontraria meio de ele sair da Polónia. Deborah ficaria para sempre. Não pensava na possibilidade de deixar as crianças, ou Rachel, ou Stephan. Não poderia também levá-los consigo. Ele teria de partir, ela teria de ficar. Era simples e absoluto.

— Eu nunca senti pena desses pobres bastardos de que fiz minha presa para conseguir o meu pão com manteiga.

Os generais, os almirantes, os chefes de Estado. Os grandes homens de ação. Muitos deles consideravam-se piões do destino. Eu não. Eu dizia para comigo: «Eles merecem tudo o que lhes acontece. Eles ambicionam realmente este pequeno naco do destino. Eles reclamam o martírio.» Mas agora sinto pena deles. Olha-me bem: eu sou Christopher de Monti, a grande esperança branca das dizimadas tribos de Israel. Eu sou a voz de além-túmulo que não deve ser reduzida ao silêncio.

— Nenhum de nós tem uma alternativa, Chris. Dá graças a Deus por poderes caminhar novamente ao sol.

— Sem ti... Deborah... Tudo o que desejo é regressar a casa. no fim de cada dia, para te tornar a ver. Não sou feito de uma têmpera tão rija como a de Andrei, de Alex, do rabi Solomon.

— Achá-la-ás quando chegar o momento.

— Não me posso perdoar pelo que te tenho dado, Deborah. Tormento. Amor nas catacumbas. Não conseguirei encontrar paz em mim mesmo.

— Chris, escuta-me. Quando eu morrer...

— Cala-te!

— Quando eu morrer, Chris, a morte será penosa. Desejarei viver porque sei o que é o êxtase, o enlevo supremo da felicidade e

do amor. Se nunca nos tivéssemos encontrado, não haveria pesar. Que solitária e vazia é a vida quando não se conhece a alegria de dar e receber amor e, sim, todo o sofrimento que o amor traz!

Deborah ajoelhou-se ao lado dele. Chris tomou docemente o rosto da amante nas suas mãos, ergueu-o até si e sorriu.

— E que o Vístula corra! — murmurou ele.

— Durante momentos destes podemos deter lhe o curso.

Tu e eu possuímos o poder mágico de transcender o rio que corre, as armas, os gritos. Agora, amor... tudo está longe... tudo está longe.

## CAPÍTULO XI

Alfred Funk lançou os olhos para o mapa do ghetto e esfregou as mãos com uma alegria infantil, numa antecipação do êxito que obteria. Pegou numa lente e moveu-a, detendo-se sobre os alfinetes de várias cores que indicavam as deslocções de tropas, blindados e artilharia. Mudou a posição de dois alfinetes que representavam baterias de projetores de grande potência.

Honrava-o o fato de Berlim se ter mostrado indulgente para consigo, concedendo-lhe a oportunidade de uma justificação. Desta vez haveria possibilidade de fracasso.

O seu plano era simples: em todos os 7 metros em redor do muro um «vigia de raça estrangeira» alternaria com um guarda da Polícia Azul Polaca. Um oficial SS patrulharia cada secção de 200 metros, por trás dos ucranianos, para se assegurar de que eles não venderiam as suas armas aos Judeus. O círculo de soldados em volta do muro do ghetto tornaria impossível qualquer passagem e reduziria a possibilidade de um homem só se introduzir furtivamente no outro lado.

Os engenheiros da cidade, bem como os engenheiros militares, tinham-lhe aconselhado que não fizesse explodir as condutas. O vasto Kanal podia fazer submergir nos seus fundos certos pontos da cidade e o escoamento das águas para o Vístula seria entravado. Em vez disso, era preferível vigiar todos os tampões que facilitassem a saída do ghetto.

Rolos de arame farpado seriam lançados pelos tampões.

Isto não impediria o escoamento das águas do esgoto e bloquearia os judeus que tentassem fugir através das condutas.

Velas fumegantes de gás seriam utilizadas tanto nas condutas como nos Bunkers, no interior do ghetto.

Com todas as saídas bloqueadas, Funk faria então marchar o Corpo Reinhard, a Wehrmacht e as Waffen SS, com os blindados prontos a intervir a qualquer momento. A maior parte dos 40 000

judeus encontravam-se alojados no interior do complexo fabril. Ele deslocá-los-ia imediatamente e fá-los-ia conduzir para Treblinka.

A lente deteve-se sobre um ninho de projetores representados por alfinetes no plano do sector ariano, perto da Praça Muranowski. Uma obra-prima, felicitou-se Funk, muito satisfeito com estas luzes noturnas. Pondo em movimento constante, dia e noite, dois grupos de tropas que se revezariam, interditaria aos Judeus todas as possibilidades de repousar ou de mudar de posições. Uma vez embarcados os operários das fábricas, lançaria os cães, assim como especialistas de detecção de sons; depois faria arremessar dinamite, chamas e gases asfixiantes para os Bunkers que se descobrissem.

A água e a eletricidade seriam cortadas na própria noite em que as suas tropas se pusessem em marcha.

Era um plano maravilhoso, simples, de uma eficácia indelével.

Tudo se achava preparado em Treblinka para os «tratamentos especiais». Em quatro dias, cinco no máximo, o assunto estaria liquidado.

«Agora, quanto às Forças Unidas, vejamos...» Funk desejava que elas fossem as primeiras a abrir fogo e cometessem o erro de se precipitar para o combate. Dessa maneira, poderia pô-las fora de ação em poucas horas. Uma vez desembaraçado dos combatentes, a liquidação do resto não demoraria muito tempo. Ah, se os Judeus abrissem fogo sobre as suas tropas bem equipadas!... Mas eles não o fariam. Acobardar-se-iam,, esses malditos.

Se estes judeus não abrissem fogo, teria de perder homens.

Vinte ou trinta baixas. Não seria melhor enviar no primeiro dia os ucranianos a fim de reduzir as perdas alemãs? Não. A honra devia caber ao Corpo Reinhard! Era pena ter de expor os corpos de escol à efusão de sangue, mas eram estas as contingências da guerra. Eles sentir-se-iam ofendidos se não fossem os primeiros a penetrar no ghetto.

Funk debruçou-se novamente sobre o plano, modificou a posição dos blindados de reserva, dispôs a artilharia de maneira a efetuar melhor fogo cruzado, depois pousou a lente e pegou na lista das tropas colocadas à sua disposição.

UNIDADES SS Estado-Maior e oficiais SS, Varsóvia Corpo Reinhard, Varsóvia Secções especiais das Waffen SS, Trawniki e Poniatow Batalhão Panzer SS Batalhão de cavalaria motorizada SS Regimento de Polícia SS, Lublim Companhia SS com cães, Belzec Todos os grupos da Gestapo, Varsóvia UNIDADES DA WEHRMACHT Batalhão de infantaria Companhias de engenharia, destacadas Companhias de lança-chamas, destacadas Batalhão de artilharia, mais bateria Destacamento especial de defesa contra aeronaves, com projetores Companhia sanitária UNIDADES LOCAIS Todas as companhias da Polícia Azul Polaca Todas as companhias das brigadas de bombeiros polacas GUARDAS DE RAÇA ESTRANGEIRA Um batalhão misto de guardas dos países bálticos Um batalhão de guardas ucranianos Alfred Funk deixou escapar um suspiro de satisfação.

A sua brigada especial de 8000 homens estava a ser reunida rapidamente. Os elementos estacionados fora de Varsóvia já se haviam posto em marcha. Uma bela força armada!

Lamentou-se por ter de expor gente das SS ao primeiro golpe, mas... não tinha alternativa... alternativa alguma.

Horst von Epp voltou da sua estada mensal de quatro dias em Cracóvia presciente de que o Oberführer Alfred Funk se encontrava há três dias em Varsóvia. No momento em que penetrou no gabinete de Funk o Oberführer precipitou-se na sua direcção.

— Ah! — gritou Funk com visível alegria. — Ah!

Entra Neville Chamberlain, o grande negociador. O grande apaziguador!

— De acordo com as vibrações de alegria da sua voz, deduzo que se encontra cá para uma missão de aniquilamento.

— Repare! — disse Funk orgulhosamente, apontando para o mapa. -: É maravilhoso que tenha esta oportunidade de me redimir.

Juntou as mãos atrás das costas e começou a passear pela sala com um passo enérgico.

— Logo que cheguei da Dinamarca, Himmler chamou-me ao seu gabinete. «Já basta de disparates!», disse-me ele. «O Führer ordena-lhe que liquide imediatamente o ghetto de Varsóvia. Este símbolo do judaísmo deve ser varrido da face da Terra. Você, Alfred,



disporá de prioridade sobre todas as tropas da área do Governo-Geral...».

Horst von Epp fez uma careta e foi abrir o armário dos vinhos.

Funk pousou os dedos sobre a secretária e inclinou-se rigidamente para a frente.

— Você, Horst, iludiu-me realmente por um momento com a sua conversa absurda. Negociar com os Judeus? Que piada! Fui idiota em escutá-lo. Devia ter dado cabal execução às minhas ordens desde Janeiro.

Um trago longo de whisky escorreu pela garganta de Von Epp, seguido de segundo. Encheu outro copo. Então, voltou-se, fitou Funk com um ar irónico e desatou a rir.

O rosto de Funk estremecia enquanto a sua expressão mudava da cólera para o espanto.

«--Com homens razoáveis serei justo; com homens humanos, fraternal; mas a tiranos não darei quartel...» — Mas que diabo de coisa está você a papaguear, Horst?

— Como bom propagandista, estudei a arte de outro bom propagandista. Devemos estudar os nossos predecessores, não acha?

— Não me recordo da frase, nem sei qual seja o motivo do seu riso.

— Citei lhe William Lloyd Garrison, um mestre propagandista americano.

Os músculos faciais de Funk tornaram-se salientes devido à cólera que o dominava.

— Talvez fosse mais próprio que você citasse Nietzsche.

— Ah, sim. Esse grande humanitarista, Friedrich Wilhelm Nietzsche. Para atingir um mais alto grau de civilização uma super-raça deve destruir impiedosamente as civilizações inferiores existentes. Nós devemo-nos despojar, purgar, lavar de todas as perversões judaico-cristãs a fim de realizar esta fase última da vida. Diga-me, que pensa de Nietzsche, Alfred?

— São os homens como você, que transigem com as formas inferiores da vida humana, que impedirão o povo alemão de atingir os seus objetivos.

Horst deixou tombar os braços.

— E cá estamos de novo a subestimar os Americanos.

Uma doença crónica, incurável, esta subestimação dos Americanos.

Horst instalou-se defronte de Funk e pegou uma vez mais na garrafa de whisky.

— Parafraseio um americano subestimado. Os homens razoáveis são justos. Os homens compassivos perdoam. Os tiranos destroem. Nós destruimos porque devemos destruir.

— Você mete-se em jogos perigosos com essa mentalidade radical, Horst. Siga o meu conselho. Mude de cantiga.

Berlim não está satisfeita com algumas das suas atitudes.

— Ora, Alfred! Vocês terão necessidade de apologistas como eu, quando o Terceiro Reich for esmagado, para exprimir as teorias de apologética. Que direi eu? Ah, sim!

Direi que não havia entre nós senão anti-nazis. E que' podíamos nós fazer? As ordens eram ordens.

— Essa é uma linguagem de traição contra a Pátria! exclamou Funk ameaçadoramente.

Horst levantou-se de um pulo da sua cadeira e pousou a garrafa na secretária. Era a primeira explosão de cólera que Funk já lhe vira; deixou-se ficar silencioso, tomado de profundo espanto.

— Vá para o diabo, Alfred! — gritou Horst. — Nem sou suficientemente louco nem covarde para continuar a sorrir, a mentir, a unir os calcanhares e a fazer vénias pela cintura em face de uma catástrofe absoluta. Convença-se, Alfred! A Alemanha perdeu a guerra!

Os olhos de Funk alargaram-se de incredulidade.

— Perdemos a guerra! Perdemos a guerra! Perdemos a guerra! — bradou Horst.

Funk empalideceu e sentou-se.

— Agora resta-nos a oportunidade de atenuar os golpes da derrota se tivermos inteligência bastante para a reconhecer e para nos prepararmos cuidadosamente para ela.

E assim o que fazemos? Aumentamos o número de assassínios em Auschwitz. Cinco mil polacos e eslavos a mais por dia...

Respondemos à realidade da derrota abrindo de par em par as portas da nossa destruição.

Funk franziu as sobrancelhas e sorriu debilmente. Pensou que seria melhor mudar de assunto. Cada vez que discutiam Von Epp enredava-o na teia dos seus argumentos.

Ele era o Diabo em pessoa! Um belo dia Himmler diria que se desembaraçasse de Von Epp. Que prazer sentiria quando o fizesse!

Alfred Funk aclarou a garganta :

— Um dos assuntos que tratei com Göebbels diz respeito a você. Na próxima semana vamo-nos reunir em Lublim a fim de gizarmos uma campanha destinada a minimizar as nossas ações mais desagradáveis na Polónia.

Começaremos por diminuir o número de judeus envolvidos na solução final. Máquinas de triturar ossos estão a ser instaladas em todos os centros de tratamento especial, a fim de se eliminarem todas as provas. Com efeito, todos os que receberam tratamento especial infligido por pelotões de fuzilamento estão a ser exumados para cremação.

Eichmann tem equipas a trabalhar noite e dia no Departamento 4-B, elaborando registos em duplicado, processos julgados em tribunal, epidemias, etc., que permitirão justificar a maior parte das mortes. Na Checoslováquia, em Teresienstadt, instituímos um campo-modelo para os Judeus e convidámos a Cruz Vermelha a inspecioná-lo.

— Cale-se, Alfred! Esgaravamos o chão como cães para dissimular os nossos excrementos, ao mesmo tempo que nos continuamos a afogar nos nossos próprios vômitos.

Alfred Funk sentia novamente no estômago aquela náusea peculiar. Pesou cuidadosamente as suas palavras.

— O mundo tem uma memória breve.

— Creio que desta vez ele não vai esquecer. Os Judeus possuem uma memória longa. Eles choram os seus templos perdidos há dois mil anos e repetem histórias da carochinha, de libertações e rituais desde a alvorada dos tempos.

Sabe o que me disse uma vez um velho rabi quando o interroguei sobre a memória dos Judeus?

— Que foi?

— A palavra «creio» significa «lembro-me». O próprio Nietzsche ficou desconcertado com a aptidão deles para sobreviverem a todos que os tentaram destruir. Creio...

Lembro-me. Assim, veja, Alfred, nos próximos mil anos os velhos judeus lamentar-se-ão ante a lembrança do faraó nazi que os manteve na servidão em Varsóvia.

Pensamentos aterradores perpassaram pela mente de Alfred Funk. Maldito Eichmann, com a sua mania de arrebanhar judeus! Maldito Globocnik! Maldito Himmler! Maldito Hitler! Todos tinham ido longe de mais com esta questão judaica. Mas que podia ele dizer? Que podia ele fazer? Volveu os olhos para o plano pousado na secretária.

Dentro de alguns dias o seu exército estaria reunido.

Talvez... talvez quando destruísse o último dos judeus pudesse penetrar naquela fase superior de vida que os nazis prometiam. Recobrou a calma. «Que Von Epp vá para o diabo que o carregue!» — Quer que lhe diga ainda uma coisa, Alfred? — perguntou Horst, congestionado à força de enxugar a garrafa.

— Você é um homem que compreende a matemática do equilíbrio e dos números. Nós, Alemães, respeitamos a matemática. O castigo equilibra sempre o crime. Somos apenas oitenta milhões de alemães. Não é número suficiente para contrabalançar a nossa culpa. Para equilibrar a balança é preciso que transmitamos a cem gerações futuras o fardo da nossa condenação.

Alfred começou a tremer. Não ousava pronunciar uma palavra, mas os pensamentos que não conseguia dissipar retalhavam lhe, como golpes de punhal, a mente contundida.

— Os nossos nomes serão sinónimos das confrarias do mal. Seremos cobertos de desdém, vituperados com um desprezo nem maior nem menor que aquele que votámos aos Judeus.

Alfred recuou a cadeira e levantou-se. Estava banhado em suor. Tinha de tomar um banho.

## CAPÍTULO XII

Andrei sentou-se no último banco da pequena igreja de uma aldeia situada na orla norte das terras altas de Lublim.

Gabriela Rak ajoelhou-se defronte do altar e orou por alguns instantes diante da imagem toscamente talhada de Cristo na cruz. Ela levantou-se, acendeu uma vela no lado direito do altar, ajoelhou-se na nave, persignou-se e dirigiu-se para junto de Andrei no momento preciso em que o padre Kornelli entrava.

— As crianças estão exaustas — disse o sacerdote. — As duas pequenitas caíram logo no sono. O jovem espera-o acrescentou ele para Andrei.

— Quando partirão? — perguntou Gabriela.

— De manhã. Gajnow e a mulher virão buscá-los. A casa deles fica a uns quinze quilómetros, na floresta.

Gajnow é um homem bondoso. As crianças estarão a salvo com ele. A senhora explicou lhes, decerto, que, para sua segurança, terão de aprender a religião católica.

— Já o comuniquei às pequenitas. Elas são crianças espertas. Compreendem — respondeu Gabriela.

— Vou falar com o garoto — disse Andrei.

— Encontrá-lo-á nos meus aposentos — informou o padre Kornelli.

Andrei atravessou um sujo pátio cheio de gansos e de suínos. Entrou na casa do sacerdote. A porta do quarto achava-se entreaberta. Abriu-a um pouco mais, de mansinho, e contemplou as duas crianças adormecidas. Para uma delas tinham inventado um nome. Não sabia o seu quando a encontraram perdida. A outra era filha de um dos membros da Autoridade Civil e tinha 12 anos. Deborah procedera razoavelmente. Crianças eram crianças. Esta última merecia uma segunda oportunidade na vida. Andrei fechou a porta e dirigiu-se para a sala de estar, do outro lado do corredor. Um leito fora preparado no canapé, mas Stephan achava-se ainda vestido.

— A jornada foi longa, Stephan — disse Andrei. Devias dormir um pouco.

Stephan olhou suspiciosamente para o tio.

— Amanhã, tu e as pequenitas partirão para a segunda fase da vossa viagem.

— E o tio?

— Voltarei a Varsóvia com Gabriela.

— Mas disse-me que eu tinha uma missão! Qual?

— Sim... vim cá para te dar ordens agora. As minhas ordens são para que sobrevivas.

— Não compreendo, tio Andrei.

— Stephan, tu e as pequenitas vão ficar na floresta, em casa de um casal maravilhoso..

— Ficar?

— Sim, Stephan. Estou aqui para te dizer adeus.

Os olhos do jovem abriram-se numa expressão de assombro.

— Enganou-me!

— Disse-te que obedecesses às minhas ordens sem discussão.

Não é truque.

— Mas sim, é. O tio prometeu-me que me levaria consigo numa missão especial.

— Tu tens uma missão muito especial.

— Não. Não quero ficar. Fujo se não me levar consigo de volta a Varsóvia!

— Esta decisão foi tomada pelos chefes da nossa comunidade, o rabi Solomon e Alex.

Andrei aproximou-se lentamente do jovem e pousou lhe uma das mãos no ombro; porém, Stephan afastou-se bruscamente.

— Mentiu-me, tio Andrei. Voltarei só a Varsóvia.

— Tinha-te em melhor conta, Stephan. Pensava que eras um bom soldado. Creio agora que ainda és um rapazinho.

— Sou um bom soldado! Sou um estafeta tão valoroso como qualquer outro do ghetto!

Andrei encolheu os ombros.

— Tu não és realmente um bom soldado. Um bom soldado sabe que deve obedecer a todas as ordens, embora elas não lhe

agradem.

— Não é papel de um soldado esconder-se na floresta como um cobarde.

O jovem era esperto de mais para se deixar ludibriar com jogos de palavras. Andrei não tinha outra alternativa senão expor lhe os fatos em toda a sua crueldade. Talvez o devesse ter feito mais cedo.

— És suficientemente homem para ouvir a verdade?

Serás capaz de a aceitar, Stephan?

— Sim — respondeu firmemente o garoto.

— A tua mãe vai morrer. Não há remédio para ela.

— Não!

— É a verdade, Stephan. A tua mãe vai morrer. Ela não pode abandonar as criancinhas, nem pode fazê-las sair do ghetto. Está condenada.

— A mãezinha viverá!

— Somente se sobreviveres e preservares a sua memória.

— Quero voltar para morrer com a mãezinha!

— Perguntei-te se eras suficientemente homem para ouvires a verdade. Ainda não acabei.

Os olhos de Stephan ardiam com tamanha cólera que o tio compreendeu que ele teria a coragem para tudo escutar. Andrei disse lhe que se sentasse no canapé.

— A tua irmã, Wolf e eu estamos numa situação impossível.

As possibilidades que temos de tocar com as pontas dos dedos numa estrela são maiores do que as probabilidades que se nos oferecem para escapar com vida do ghetto. Pensas que te menti quando afirmei que tinhas uma missão a cumprir? É dever da tua mãe, da tua irmã e meu morreremos pela honra da nossa família. A ti pertence viver por nossa honra. Falo-te com toda a minha alma, Stephan. É a ti que cabe a missão mais difícil. Tens de te retirar desta batalha para abrires o teu caminho rumo ao coração da Palestina, a fim de combateres novamente pela tua liberdade.

Stephan fitou o tio, que implorava uma réstia de afeição.

O garoto mordeu cruelmente os lábios para deter as lágrimas, que pareciam ir rebentar lhe nos olhos. A sua expressão era ainda

de cólera.

— Stephan, um de nós deve sair vivo deste combate, para mostrar o que éramos, o que representávamos. É uma grande missão, filho! Só o melhor soldado a pode efetuar.

Tens de viver por dez mil crianças mortas em Treblinka e por um milhar de escritores, de rabis e de médicos que foram assassinados. É uma missão bem importante, Stephan!

O garoto colocou os braços em volta da cintura do tio e encostou a cabeça no peito de Andrei, que lhe acariciou os cabelos.

— Tentarei — murmurou Stephan, soluçando.

Andrei reconfortou-o, ajoelhou-se ao lado dele, tomou nas suas mãos o rosto molhado de lágrimas do sobrinho e piscou lhe os olhos.

— Posso confiar em ti, não é verdade, Stephan? Sim, eu sei...

Andrei retirou o grosso anel de ouro que lhe fora oferecido ao ser selecionado para a equipa nacional polaca que disputara os Jogos Olímpicos.

— Para selar o nosso pacto — disse ele.

Apesar do seu desgosto, Stephan mirou o anel e tentou colocá-lo no dedo. Mas o anel era demasiado largo, mesmo para o seu polegar.

— Bem, não te inquietes! Quando te encontrares em casa do lenhador, quando respirares ar puro, quando comeres e fizeres exercício, o raio desse anel nem quase te caberá no dedo. Vais ver que tenho razão.

Stephan quis conter as lágrimas, mas não o conseguiu.

Começou a chorar mais convulsivamente.

— Tentarei... Tentarei...

— Agora vá, despe-te. A viagem foi longa, e sê-lo-ia não importa para que soldado.

Stephan não resistiu mais. Deixou que o tio lhe desabotoasse a camisa, as calças, o despisse; Andrei tomou o garoto nos braços e pousou-o no canapé. Ele apertou o anel com todas as suas forças e enterrou a cabeça na almofada.

— Agora, nas ordens que vais executar, existe uma parte que compreenderás como um bom soldado cujo dever é sobreviver. É



preciso que aprendas essa tal oração da ave-maria; ela não é tão má como possas pensar. Tu sabes, Gabriela sempre a disse toda a sua vida, e a Gaby é uma mulher excelente. Nós, os Judeus, tivemos de orar como os católicos, noutros tempos... quando da Inquisição, para despistar os Espanhóis...

Andrei interrompeu-se bruscamente. A almofada estava encharcada com as lágrimas do garoto.

«— Fale-me do Batory.

«-Batory! Ah! Eis um cavalo próprio para ti! O animal mais negro e o mais rápido de toda a Polónia. Ainda não há muitas semanas, levei-o a Inglaterra, ao Grande Prémio Nacional, e ele correu com tal rapidez que, ao fender o ar, parecia um trovão. Bem, os Ingleses...» O padre Kornelli e Gabriela esperavam na minúscula sacristia. O sacerdote pôs dois dedos de kirsch num cálice.

Ela saboreou-o com uma lentidão calculada para melhor lhe captar o calor.

— Tomou-me um desespero indigno do meu sacerdócio quando o arcebispo me exilou para o limbo, para o purgatório, ou não sei para onde. Que a Virgem Mãe me perdoe, mas estou certo de que o Senhor ganhou uma batalha ao arcebispo. A minha pequena igreja tornou-se um traço de união vital para todos os partisans nas florestas.

Dirigiu a Gabriela um tímido olhar de relance.

— Há granadas escondidas sob o altar.

— Oh, não tem vergonha, senhor?!

I — Gabriela Rak! Fiquei encantado por ter conseguido entrar de novo em contato consigo. Quero descobrir esconderijos para mais crianças. Para dezenas delas. Gajnow é um homem bondoso. Encontrarei outros.

Repentinamente, Gabriela fez uma careta, empalideceu e bebeu o resto do álcool de um só trago.

— Não se sente bem?

— É apenas uma leve náusea.

— Crê que devia fazer viagens tão extenuantes no seu estado?

Gabriela sobressaltou-se. Teria o padre Kornelli adivinhado?

Sim, com certeza.

— Nunca me apercebi de que se notava tanto.

— Nada nos meus votos me impede de reconhecer uma mulher grávida quando a vejo. Os primeiros dois meses são sempre os piores, creio.

Gabriela agitou nervosamente o cálice vazio. Ele encheu-o.

— Não desejo um sermão, padre. Não procuro perdão e não confesso um pecado.

— Sinto-me ofendido por me considerar uma velha beata em quem não se possa confiar.

— Perdoe-me, padre. Sim, eu gostaria bem de ouvir a minha própria voz exprimir os pensamentos que há muito tempo guardo encerrados dentro de mim.

— Na situação em que se encontra, ter uma criança é uma empresa bem difícil.

— Estou plenamente consciente das consequências.

— Andrei sabe?

— Talvez sim, talvez não.

— Não compreendo.

— Fomos obrigados a adaptar-nos um ao outro de maneira estranha. A nossa existência está cheia de coisas não formuladas.

— É uma fonte constante de surpresas para mim — interrompeu o padre Kornelli. — A capacidade do ser humano para viver em estado de tensão. A maneira como os nervos podem ser dominados, os pensamentos e os medos fechados.

— Não exatamente, padre. Andrei e eu conhecemos mutuamente os nossos pensamentos. Um olhar, um contato, um suspiro. Uma maneira que ele tem de evitar os meus olhos. Uma maneira que eu tenho de evitar os seus.

Lemo-nos um ao outro os nossos medos, embora não falemos deles. O ruído da sua respiração na obscuridade, a carícia dos seus dedos, são tudo mensagens silenciosas.

— Que maravilhosa experiência poder-se comunicar com outro ser humano dessa maneira!

Ela deu um suspiro profundo, mas irregular, e saboreou novamente a bebida.

— Sim, suponho que ele sabe que trago no ventre o seu filho.

— Ele devia ouvi-lo dos seus lábios.

— Não, padre. Isso faz parte das nossas comunicações silenciosas. Andrei vai voltar para o ghetto, para não mais sair de lá. Aceito-o. Não protesto e não tenho o direito de fazer pesar sobre si tais cuidados a meu respeito.

— Gabriela: fala contra todos os conceitos que consideramos sagrados. Não pode viver sem esperança. É um pecado.

Os olhos de Gabriela carregaram-se de tristeza.

— Eu sei-o, e ele sabe que eu sei. Mas nunca o dissemos e jamais o diremos. O meu Andrei é um homem tão orgulhoso que lhe será impossível partir enquanto houver uma bala para disparar; e quando disparar a última bala ele bater-se-á contra eles com os punhos. É assim o meu Andrei, padre.

O sacerdote acariciou-lhe uma das mãos.

— Minha querida, minha pobre criança.

Ela recusou a compaixão dele e a compaixão que sentia por si própria.

— Não sinta pena de mim. Não penso que compreenda.

Quis deliberadamente esta criança.

A expressão do padre Kornelli desmentia a ideia de que pudesse estar imune a qualquer choque.

— Tracei o meu plano, a sangue-frio, com cálculos meticolosos.

Cada vez que nos separávamos, percorria-me sempre aquele medo pavoroso de não nos tornarmos a ver.

Mas Acabamos por nos insensibilizar mesmo a isso. Agora, que o fim se aproxima, trata-se já de um acontecimento banal. Esta é a última vez que nos vemos. Penso que ele esperava que eu fizesse isto e que sente orgulho em mim.

— Dá-se conta do que vai fazer? — gritou o sacerdote, inquieto.

— Devo trazer a sua vida no meu corpo. Não posso deixar que Andrei seja destruído. Esta é a última maneira de preservar a sua vida. Lamento não poder trazer cem filhos seus.

— Mas isso não é um ato de amor. É um ato de vingança!

— Não, padre, é um ato de sobrevivência. Não deixarei destruir Andrei!

O sacerdote estudou a fúria animal que cintilava nos olhos de Gabriela. Ela era um ser primitivo amimado pelo mais básico de todos os instintos. Ele sentiu-se desconcertado.

A ausência de um sacramento prescrito tornava menos pura a sua união? Podiam um homem e uma mulher amar-se mais profundamente, sacrificar-se melhor um ao outro, comungar em maior fidelidade e mais lealdade apenas por os unir um sacramento obrigatório? Andrei e Gabriela não tinham vivido de uma maneira pura e sagrada aos olhos de Deus? Não lhe agradavam estas interrogações que punha a si próprio.

Gabriela ergueu-se e voltou as costas ao padre Kornelli.

A revolta, o desafio que sentira, dissiparam-se. A sua voz era trémula.

— Tenho um desgosto tremendo, mas é preciso que abandone a Igreja. O filho de Andrei deve ser educado como judeu.

Ele sentiu-se tonto, ferido; todavia, a sua dor não o impedia de admirar a plenitude da dedicação de Gabriela.

Caminhou na sua direção.

— Não posso perdoar lhe isso, e não posso ser o seu sacerdote — murmurou ele. -Mas posso ser um amigo.

Quero que saiba que sempre a ajudarei.

Ela inclinou a cabeça e permaneceu rígida. Porém, voltou-se subitamente e interrogou-o com angústia.

— Serei perdoada?

— Orarei por si e pela criança como nunca o fiz até aqui.

Andrei suspeitara de que Gabriela e o padre Kornelli estavam imersos numa conversa íntima e séria. Depois de deixar Stephan, fez ruído bastante, ao entrar na igreja, para os informar da sua presença. Penetrou na sacristia com o rosto pálido como a cera.

— Como está o Stephan?

— Como? Tem o coração dilacerado.

— Que faz ele agora?

— Tenta, com todas as suas forças, ser um homem, mas faz o que faria qualquer outro garoto de catorze anos.

Chora todas as suas lágrimas para dormir, — Quero que saiba, Andrei, sem a menor dúvida, que Gajnow protegerá aquelas crianças. Pessoalmente, farei tudo que puder.

Andrei pousou a mão no ombro do sacerdote.

— Fico lhe muito reconhecido, padre.

O padre Kornelli modificou o ambiente, afastando a cortina que dissimulava o seu vestiário eclesiástico. Retirou uma garrafa de vodka.

— Olhai! Tenho andado a poupar esta garrafa para uma ocasião especial. Tome-a, Andrei.

— Padre... não poderei...

— Não! Pegue nela. Quero que a aceite.

Andrei interrogou Gabriela com um olhar; ela fez lhe um sinal afirmativo.

— Meus filhos, pareceis completamente esgotados. Como a cabana de caça do conde Borslawski está desocupada, ei-la à vossa disposição. Não fica a mais de vinte metros, na floresta. A carroça está atrelada. Encontrareis um belo fogo na chaminé e um repasto próprio de reis. Vá, desapareçam da minha vista.

— Por Deus, padre Kornelli! — disse Andrei. — Se houvesse por aí mais alguns sacerdotes como o senhor, consideraria seriamente a minha conversão.

## CAPÍTULO XIII

Entrada do diário.

Durante toda a semana têm chegado a Varsóvia destacamentos de tropas, provenientes do quartel-general de Globocnik, em Lublim, dos campos de trabalho de Trawniki e Poniatow e dos campos de extermínio. Estão aquartelados em Praga, do outro lado do rio. Funk fez lhes distribuir rações suplementares de Schnaps e prometeu lhes que em três ou quatro dias liquidariam o ghetto. Denominaram-se a si próprios «brigada Cabeça da Morte», como os carneiros de Globocnik, em Lublim.

É estranho. As duas filosofias políticas extremas do ghetto conseguiram alcançar a mais estreita colaboração no sector ariano. Os comunistas e a guarda do povo, à esquerda., e os revisionistas e a brigada ND, à direita, concluíram um pacto de aliança. Infelizmente, os dois grupos são pequenos e pouco eficazes. Não temos mais nada a esperar do exército do interior.

A brigada ND está mesmo a considerar a possibilidade de uma tentativa para desencaminhar do ghetto os revisionistas, a fim de constituírem uma unidade de partisans. (Enfraqueceriam seriamente as nossas forças se nos deixassem, mas eles não se acham submetidos ao nosso comando.) Os comunistas têm dois camiões escondidos no subúrbio de Targowek. Chegaram-nos rumores de que se estão a formar unidades de partisans judeus na floresta Machalin. Os comunistas concordaram em transportar para a floresta todas as pessoas que pudermos evacuar do ghetto.

Temos dois emissores de rádio de ondas curtas. Um acha-se em Mila 18 e o outro no abrigo da Rua Franciskanska.

Somente transmitimos mensagens em caso de urgência. Sabemos que rádio goniómetros alemães tentam localizar os nossos Bunkers quando fazemos transmissões.

Assim, somos obrigados a deslocar dos Bunkers os postos de rádio, mudando-os frequentemente de lugar quando queremos emitir uma comunicação. Para nossa última salvaguarda, forjámos

uma série de códigos com a guarda do povo, que tem radio escutas no sector ariano. Transmitimos MILA 18 613 numa baixa frequência, que pode ser captada por um rádio , normal. O nosso código informa-os do número de pessoas que passam pelas condutas e através dos tampões. Andrei comunicou-me que Gabriela Rak estabeleceu contato com a guarda do povo na esperança de encontrar abrigo seguro para mais crianças. Ela também está de escuta ao rádio várias horas por dia.

Os Alemães introduziram rolos de arame farpado nos esgotos, pela maior parte dos tampões que constituem saídas do ghetto. Porém, a rede de condutas é tão extensa e complicada que conseguimos contornar os fios. Constituimos igualmente uma brigada especial, que denominamos «Ratos de Esgoto», cuja missão é mergulhar sob as águas e cortar o arame farpado nas condutas principais.

Jules Schlosberg remeteu a mina terrestre a meu filho Wolf. Levou mais tempo do que se esperava a manufaturar, pois Wolf desejava uma cuja detonação pudesse dominar. Wolf calcula que desta maneira poderá atingir o número máximo de inimigos. Ela está concebida para explodir por meio de uma faísca, a uma distância de 150 metros. A mina é um objeto verdadeiramente curioso: é achatada e tem aproximadamente 1 metro e 50 centímetros de diâmetro. Jules afirma que a sua potência é igual à de ;” uma bomba de 1 tonelada e declara que contém no interior tantos parafusos e porcas que se poderia denominá-la «tigela de kasha». Creio que Jules compara todos os seus inventos a iguarias apenas porque tem fome. A granada foi crismada o «grande strudel», a granada de para— fusos e porcas matzo bali e as garrafas incendiárias borscht— soup.

Simon, Andrei e Wolf discutiram longamente a questão de saber qual o melhor local para a «tigela de kasha».

Wolf quer colocá-la sob o portão principal da fábrica de escovas. Argumenta que os Alemães são demasiado arrogantes para penetrarem na fábrica em formações dispersas e que marcharão precisamente por cima da mina. Tanto Simon como Andrei, dois militares, duvidam de que os Alemães mostrem tal falta de

precaução. Mas Wolf levou a sua avante. É por baixo do portão que ela será colocada.

Wolf, tal como sua mãe, é, com o seu modo calmo, bastante obstinado.

Não conseguimos ainda encontrar maneira de pormos Christopher de Monti em segurança. Não podemos de modo algum correr o risco de que ele seja capturado. Não o inquieta grandemente estar imobilizado, em especial porque tem de ficar com as «mulheres e as crianças» no Bunker quando os combatentes vão para os telhados em caso de alerta. Simon afirma que é mais penoso ficar-se no abrigo do que subir aos telhados. Durante os alertas, Simon quase morre de tensão.

O optimismo continua a reinar entre nós; contudo, é minha opinião que não conseguiremos aguentar-nos por uma semana, em face das forças que se encontram reunidas em Praga.

*Alexander Brandel*

O Oberführer Alfred Funk contemplou com um ar majestoso os oficiais da brigada Cabeça da Morte. A suástica e a caveira com as tíbias achavam-se em evidência por todo o lado. Com um ponteiro na mão, explicava secamente como seriam dispostas as tropas.

— Perguntas a fazer?...

Não, naturalmente.

— Vou ler-vos agora uma mensagem do Reichsführer Heinrich Himmler.

Todos os oficiais se inclinaram para a frente, impacientes.

«Eis uma página de glória da nossa história que ainda não foi escrita e que jamais o voltará a ser. Temos o direito moral, cabe-nos o dever, para com o nosso povo, de destruir os sub-humanos que nos querem destruir. Somente pelo cumprimento impiedoso do nosso dever alcançaremos a nossa legítima posição de senhores da humanidade.» Alfred Funk respirou profundamente; estas palavras tinham lhe inspirado um temor respeitoso. Dobrou o documento e guardou-o no bolso interior.

— Sturmbannführer Sieghold Stutze. Queira aproximar-se.



O austríaco avançou, manquejando; estava um pouco nervoso; a um passo do general, uniu com vigor os calcanhares.

— Ao seu Corpo Reinhard cabe a grande honra de conduzir a brigada Cabeça da Morte no interior do ghetto, a fim de iniciar a sua liquidação. Para celebrar esta ocasião histórica do aniquilamento da maior reserva de judeus da Europa, tenho o prazer de o notificar de que foi promovido a Obersturmbannführer!

Stutze sentiu-se invadido por uma onda de náusea. Nem mesmo a troco do posto de Obersturmbannführer desejava.

Ser o primeiro a entrar no ghetto. Durante semanas pensara nas mil maneiras de conseguir transferências para um campo de extermínio. Uniu mais uma vez os calcanhares, inclinou-se diante de Funk, depois endireitou-se.

— Sinto-me muito honrado! --disse.

— Heil Hitler! — uivou Funk.

Os presentes levantaram-se de um pulo.

— Heil Hitler! — responderam em coro.

Comovidos pela grandeza do instante, diversos oficiais romperam, espontaneamente, a cantar o Horst Wessel.

Cerrar fileiras! Erguer a suástica!

Tropas de assalto, marchar com calma resoluta!

Em breve, por toda a parte, flutuarão as bandeiras de Hitler!

Em breve a Alemanha ocupará o seu justo lugar!

— Está? Jerusalém? Aqui Tolstoi, em Beersheba.

— Aqui, Atlas, em Jerusalém. Que se passa, Tolstoi?

— A água e a eletricidade foram cortadas no nosso sector.

— Recebemos a mesma informação de Haifa. Esperamos um anjo de Canaã para mais pormenores. Que os vossos anjos se conservem em alerta azul.

— Shalom e... boa yontof.

— Boas-festas para vós também.

Simon pousou o telefone. «É estranho», disse para consigo, «que Rodei, um comunista e um ateu ferrenho, me desejasse boas-festas para a Páscoa.» Simon voltou-se e encarou Andrei, Tolek, Alex e Chris.

— A corrente eléctrica e a água foram também cortadas no sector de Rodei. Ele desejou-nos uma Páscoa feliz...

Tolek, põe em movimento os agentes de ligação. Alerta azul por toda a parte.

A atmosfera tornou-se sombria. Uma decisão de última hora, tendente ao alojamento de mais quarenta crianças, fez que Mila 18 abrigasse agora mais pessoas do que a sua capacidade normal permitia. Suficiente para duzentas e vinte pessoas, a ventilação não se adequava às necessidades das trezentas que se comprimiam agora nas catacumbas.

Nas salas quase ninguém se podia mexer. Os corredores estavam repletos de corpos suados, seminus, aspirando o oxigénio que mal chegava para manter as velas acesas.

-'A Páscoa — disse Andrei num tom sarcástico. — A festa da libertação. Que maldita piada!

Simon fez, com a cabeça, um movimento de concordância.

— Oh, onde está Moisés para vos fazer passar o mar Vermelho e afogar o exército do Faraó? As únicas colunas de fogo são aquelas que nos consumirão.

— Bem-disse Andrei, é preciso que tenhamos o Seder.

Chris sacudiu a cabeça.

— Vocês, Judeus, espantam-me. Nos abismos do Inferno, prestes a serem destruídos, não quereis deixar de murmurar as orações rituais para a liberdade.

— Não se invoca com mais fervor e desespero a liberdade quando se está para ser esbulhado dela? Que melhor altura do que esta noite se podia escolher para renovar a fé? — disse Alexander Brandel.

--Ora vejamos, Alex! — protestou Chris. — Andrei, você, Simon... a maioria dos que se encontram aqui, não vão renovar as crenças que sempre possuíram. Rodei, o comunista, envia-nos os seus melhores votos. Qual era a sua sinagoga?

— Sim, Chris, em certo sentido você tem razão. E é bem estranho que aqueles de entre nós que nunca viveram como judeus tenham escolhido morrer como judeus.

— Não há razão alguma, mas existem todas as razões — disse Simon. — Sabemos somente... que devemos ter o nosso Seder.

A Páscoa. A noite do Seder. A invocação de uma história extraída da antiga Hagada e tão velha como a história do mundo. O resgate da servidão prestada ao Faraó.

Antes da guerra a Varsóvia judaica teria conhecido semanas de indizível emoção! Alex tentou recordar a Sinagoga Tlomatskie... multidões comprimidas para contemplar o escol que encheria o templo de mármore.

Nas casas dos mais pobres, os candelabros de cobre e de prata cintilavam, fulgurantes; havia toalhas de mesa brancas e pratos reluzentes; das cozinhas escapava-se o aroma de doçarias e pães preparados pela mãe da família, que punha toda a sua alma na confecção de tais acepipes.

As mesas achavam-se guarnecidas com iguarias especiais, simbolizando o sofrimento de Moisés e das tribos.

As nozes cortadas em cubos e as ervas amargas representavam a argamassa dos tijolos do Faraó que mantinha os Judeus em servidão.

«Que espécie de ervilhaca mais amarga encontrariam mais tarde para definir o ghetto?», perguntava a si próprio Alex. «E que símbolo para as águas do esgoto?» Os agriões representavam a vinda da Primavera e o ovo a liberdade. Bem, a Primavera chegava a Varsóvia!

Não havia agriões nem ovos. 40 000 pessoas imersas no terror murmuravam antigas orações, suplicando a um deus surdo que cumprisse as suas promessas de libertar... de remir... de proteger as tribos de Israel. Em seiscentos Bunkers as orações rituais eram repetidas por vozes roucas pelas lágrimas, enquanto a Polícia Azul Polaca tomava posições em volta do muro do ghetto, um guarda de 7 em 7 metros.

Mas... a história tinha de ser recitada. «Tê-lo-ia ela sido, com maior futilidade, em alguma outra ocasião semelhante?», perguntava-se Alexander. E, no entanto, era preciso que a dissessem.

Um pequeno banco fora colocado na junção de dois corredores de Mila 18. Nele encontravam-se dois candelabros que Moritz Katz conseguira salvar. Outras coisas substituíam os alimentos simbólicos prescritos.

Alexander abriu caminho através da massa de seres humanos que se comprimiam na cela do rabi Solomon.

— Estamos prontos para começar o Seder — disse ele.

Alex ajudou o ancião a erguer-se. Solomon tornara-se quase completamente cego; não distinguia mais do que silhuetas confusas nem era capaz de ler. Mas não importava.

A sua voz era ainda clara e ele conhecia a Hagada de cor. Conduzido até ao banco, sentou-se sobre uma almofada, porque esta simbolizava o homem livre que repousa enquanto festeja. Das salas Auschwitz, Belzec, Cbelmno, Majdanek, Treblinka e Sobibor vieram os combatentes e as crianças juntar-se em torno do velho, sustendo a respiração para o escutarem: sionistas sinceros e sionistas sem muita devoção, crianças, comunistas, bundistas, ortodoxos e contrabandistas.

Podia ouvir-se arfar no silêncio. O ar era pútrido, o calor sufocante.

A taça de prata que se achava no centro do banco chamava-se «taça de Elias.» Quando o profeta que predissesse o renascimento de Israel bebesse da taça da Páscoa, a profecia realizar-se-ia. As velhas mãos de Solomon procuraram, tateando, a taça colocada no banco. Depois ergueram-na e agitaram-na. Estava vazia, pois não havia vinho.

— Talvez — disse ele — seja este o meio que nos dê a conhecer que o renascimento de Israel está próximo. Pode ser que Elias tenha vindo e bebesse...

Alguém começou a soluçar, e estes soluços fundiram-se com outros. Uma massa trémula de corpos. Outro soluço, e ainda outro.

— Um homem sábio avança num labirinto procurando as salas marcadas «verdade». Fragmentos do enigma são-nos dados pela nossa Tora e pelo Mishna, pelo Midrash e pelo Talmude. Mas como é estranho que os verdadeiros indícios nos cheguem numa época em que menos os esperávamos.

— Mãezinha... mãezinha — chorou uma criança.

Um dos presentes começou a murmurar uma oração ; depois outro, e mais outro.

A voz do ancião elevou-se de novo :

— Porque nos encontramos neste lugar? Que é que Deus tenta dizer-nos? Porque fui poupado quando os meus colegas estão mortos? Haverá uma mensagem para nós, os que nos encontramos aqui reunidos Alexander Brandel jamais ouvira o rabi Solomon pregar assim. Porquê? Toda a gente chorava. Toda a gente se lembrava de candelabros luzindo e de mesas ajoujadas ao peso das iguarias. Toda a gente se recordava de faces iluminadas por ternos sorrisos e cantigas de embalar. Uma irmã... um irmão... um amante... eis quem todos lembravam.

— Recordai-vos da história do nosso povo! — gritou o rabi. — Recordai-vos de Betar, de Masada, de Abel, de Jerusalém. Recordai-vos dos Macabeus, de Simon Bar Kochba, de Bar Giora e de Ben Eliezer! Povo algum da Terra se bateu mais duramente pela sua liberdade. Perdoai a um ancião por vos ter dito que não pegásseis em armas ; ele compreende agora que a mais fiel obediência a Deus consiste na rebelião contra a tirania!...

O Bunker estava galvanizado. Sim! Sim! Alex tremia.

Ele encontrara a grande chave que abre todas as portas da vida: a obediência a Deus consiste em combater o tirano!

A mão ossuda e descarnada ergueu a taça de Elias.

— Elias bebeu esta noite o nosso vinho. Israel está próximo! Salmodiou em seguida uma velha oração e o Bunker estremeceu sobre a vibração da sua voz.

Depois o silêncio desceu uma vez mais.

— Comecemos o Seder — disse ele. — Comecemos a nossa cerimónia de libertação.

O mais jovem combatente das Forças Unidas Judaicas, um estafeta de 11 anos chamado Benjamim, abriu a Hagada para formular as perguntas :

— Porque é esta noite diferente de todas as outras noites do ano?

E o rabi Solomon respondeu lhe com uma voz serena :

— Esta noite é diferente porque celebramos o momento mais importante da história do nosso povo. Nesta noite festejamos a sua marcha, em triunfo, da servidão para a liberdade.

Os combatentes do Bunker da Rua Franciskanska achavam-se fatigados e melancólicos. Wolf e alguns dos seus homens acabavam de enterrar a mina «tigela de kasha» a meio do portão da fábrica de escovas, voltando a tempo de se celebrar um Seder simbólico. Depois do Seder o jovem comandante de 20 anos anunciou que oferecia um grande festim a todos.

Quando capturara a fábrica de escovas, Wolf descobrira uma caixa de Schnapps no gabinete de Krebs, o encarregado que se suicidara. Wolf guardara-a para uma ocasião como esta. Entre os oitenta combatentes do Bunker poucos tinham já saboreado esta bebida, conhecendo somente de longe em longe o vinho e a vodka. Não tardou muito que se sentissem invadidos por uma doce, deliciosa sensação de calor. Wolf, sentado, de pernas cruzadas, no chão de terra batida da sala principal do abrigo, começou a entoar a canção festiva, acompanhando-se ao acordeão. Um pequeno grupo de comunistas adidos ao seu comando insistiram para que se entoassem cantos populares russos, saudando as vitórias do proletariado. Wolf teve de mostrar-se um chefe imparcial. Tocou para eles, e os comunistas esforçaram-se por provar que, se eram poucos em número, podiam cantar como muitos. Os sionistas responderam com canções dos pioneiros da Palestina, que diziam dos seus feitos no resgate do solo erodido. Tocaram e cantaram até enrouquecer; em seguida trautearam, nostálgicos, alguns cantos a meia voz.

O acordeão de Wolf, em muito mau estado, fazia o que podia.

A guarda foi rendida. Todos se encontravam em paz.

O telefone retiniu. Wolf retirou-se para o seu «gabinete» pessoal e levantou o auscultador.

— Aqui, Haifa. Fala o mestre de xadrez.

— Aqui, Atlas, em Jerusalém. A «tigela de kasha» está colocada?

— Sim, senhor.

Uma pausa.

— Mestre de xadrez, o anjo acaba de voltar de Canaã.

Os jovens azuis cercam as muralhas de Jericó. Esperamos que as valquírias cheguem pela alvorada: Mudai o alerta azul para alerta cinzento. Shalom.

— Shalom.

Wolf pendurou o auscultador. Os companheiros comprimiam-se no seu gabinete. Oitenta pares de olhos estavam pousados nele.

— Estafetas! O alerta cinzento substituiu o alerta azul.

A Polícia Azul Polaca cerca o ghetto. Contamos com os Alemães ao alvorecer.

Quando os agentes de ligação se dispersaram para irem advertir os Bunkers satélites, os combatentes, espantados, não desviavam os olhos do comandante. Wolf sacudiu os ombros, com um ar de indiferença, pegou no acordeão e começou a tocar.

Havenu shalom aleichem!

Havenu shalom aleichem!

Ve-nu vê-na Shalom aleichem!

Depois Wolf arrastou os seus combatentes para uma ora vibrante; todos batiam ritmicamente as palmas; as quatro últimas garrafas de Schnapps foram esvaziadas.

Quando o choque passou, voltaram à sua melancolia. Wolf pousou o acordeão.

— Acho melhor que durmamos um pouco, para estarmos bem despertos quando chegarem os nossos convidados.

O jovem deu uma volta pelo Bunker, verificou calmamente os últimos pormenores e distribuiu olhares e sorrisos de encorajamento. Numa parte do Bunker teve de se ajoelhar, pois era demasiado alto para ficar de pé aí.

Uns após outros, os combatentes adormeceram. Nada, a não ser velas nas saídas do Bunker. Reinava o silêncio...

Os que se conservavam ainda despertos travavam um combate pessoal, íntimo.

O comandante desfrutava de algumas pequenas compensações.

Wolf dispunha, no Bunker principal, de um cubículo privado, defendido por uma serapilheira. Esta minúscula divisão continha uma

mesa para o telefone, uma cadeira e uma cama de palha.

A espingarda de Rachel estava apoiada contra a parede.

Ela despreendeu os cabelos e deixou-os cair sobre os ombros.

Wolf ajoelhou-se sobre a palha e aconchegou-se à amada. Com a mão livre apagou a vela. Tinham aprendido a repousar tão apertados um contra o outro que, quando um deles falava, somente o outro o podia ouvir.

— Como estou orgulhosa de ti! — disse ela. — És tão corajoso!...

Wolf não respondeu. Sentia-se regelado. Colou-se ainda mais estreitamente ao corpo dela.

— Não te inquietes, Wolf. Nós sobreviveremos, estou certa. Todos têm muita confiança em ti... Viste como eles serenaram depois do primeiro pavor?

Mesmo no seu quarto, a intimidade era limitada. A qualquer instante, um mensageiro podia projetar a luz de uma pilha para o interior. Com precaução, ela desabotoou a blusa, para que ele pudesse pousar a cabeça nos seus seios, e envolveu-o nos braços para o apaziguar. Na sua qualidade de comandante, ele jamais manifestara o menor temor diante dos combatentes. Mas agora, a sós com ela, tinha frio, tremia, e era Rachel quem não sentia medo. De manhã Wolf teria de se levantar e conduzir os combatentes às suas posições, como se não tivesse sequer um cuidado neste mundo.

Os dedos de Rachel acariciaram os cabelos e o rosto de Wolf.

— Tenho medo — murmurou ele.

— Chiu!... Chiu!...



## CAPÍTULO XIV

5 horas. A primeira luz do dia. Não se ouvia ruído algum; as penas tombavam, em cascata, dos telhados.

Andrei arrastou-se para o seu posto de observação e examinou, com o binóculo de campanha, a intersecção das ruas.

As suas quatro companhias encontravam-se bem dissimuladas.

Metade dos combatentes não se achavam armados. Regra primordial: deviam apoderar-se das armas do inimigo ou de um companheiro caído. Sons distantes, produzidos para além do muro. Andrei retirou do casaco uma garrafa incendiária borscht e agitou-a para humedecer a mecha.

Ela devia servir de sinal para o abrir fogo se os Alemães avançassem pelo seu sector.

Andrei ouviu movimento por trás de si. Lançou um olhar por cima do ombro. Uma silhueta movia-se na sua direcção. Ajustou o binóculo. «Santo Deus! Que vem ele cá fazer?», perguntou a si próprio, ao reconhecer Alex, que, sobre as mãos e os joelhos, cachecol ao vento, se movia na sua direcção.

— Quem é que te permitiu sair do Bunker? — perguntou Andrei quando Alex se aproximou dele. — Já que me tornei um homem de violência, estava certo de que não me recusarias o prazer deste momento.

— Desce imediatamente!

— Andrei, suplico-te que me deixes ficar.

— Vai redigir o teu diário!

— Está em dia.

-Chiu... Eles aí vêm.

— Não ouço ruído algum.

— Bem, é demasiado tarde para que te faça descer. Fica a meu lado e mantém-te calado.

Andrei fez um sinal aos seus combatentes, depois concentrou-se para melhor captar os ruídos.

— Não os ouço — murmurou Alex.

— Chiu! Chiu!...

Clamp! Clamp! Clamp! Clamp!...

Andrei voltou-se para receber a resposta ao seu sinal.

Uma bandeira agitou-se numa janela da Rua Zamenhof.

— Eles descem a Rua Gensia, entre as fábricas. Espero que Wolf os deixe passar.

Clamp! Clamp! Clamp! Clamp!

Andrei fixou o binóculo na intersecção das Ruas Gensia e Zamenhof, onde ficava o edifício abandonado da Autoridade Civil Judaica. Os primeiros soldados surgiram: capacetes negros, uniformes negros. Stutze comandava-os. Eles deviam, neste momento, encontrar-se sob o ponto de mira das armas da companhia de Ana Grinspan. Ele fez um sinal por cima do telhado para que ninguém disparasse, na suposição de que os Alemães subissem a Rua Zamenhof para chegar ao centro do ghetto.

— Alto! — O comandante rompeu o silêncio.

— Punhais, prontos!...

As facas nazis foram desembainhadas.

— Marcha de parada!

Clamp! Clamp! Clamp! Clamp! Avançaram pela Rua Zamenhof, em passo de ganso.

— Olhem-me bem para estes arrogantes putos sífilíticos!

— disse Andrei entre dentes. — Todos em rebanho, encostados uns aos outros; uma verdadeira ninhada de ratos.

Mas vamos dispersá-los, eh, Alex?

Clamp! Clamp! Clamp! Clamp!

Andrei passou o binóculo a Alex; este elevou os óculos para a testa e fez incidir o binóculo sobre as primeiras vagas de uniformes negros que marchavam a toda a largura da Rua Zamenhof, fileira a fileira, depois de terem contornado a esquina da Rua Gensia. Alex sentia um nó no estômago.

Arrependeu-se de ter deixado o Bunker. Andrei, esse não se mostrava inquieto senão quanto à disciplina dos seus homens.

Até agora nenhum se mexera ou fizera um ruído.

As fileiras dos nazis alongavam-se por dezenas de metros ;

pareciam não ter fim.

— Cantem!

Um milhar de mãos peludas ergueram para o céu mil punhais.

Clamp! Clamp! Clamp! Clamp! Eles marchavam em passo de ganso.

Quando o sangue judeu escorrer dos nossos [punhais,  
Somente então a Pátria será livre.

Quando os cadáveres judeus estiverem podres e putrefatos,  
Glorificaremos a vitória de Hitler.

Clamp! Clamp! Clamp! Clamp!

As suas vozes e as suas botas ressoavam cada vez mais fortemente; os judeus começaram a sentir frio na espinha.

Quando o sangue judeu escorrer dos nossos punhais, nos sentiremos duplamente felizes.

Quando pilhas de crânios dos judeus subirem até ao céu.

Os bons alemães regozijar-se-ão!

— Alto!

O Corpo Reinhard deteve-se no cruzamento das Ruas Zamenhof e Mila. Sieghold Stutze reuniu os seus oficiais em volta de um mapa e, juntos, discutiram a primeira fase da operação. Eles achavam-se mesmo por baixo de Andrei e Alexander. O Corpo Reinhard estava sob o ponto de mira das quatro companhias judaicas, que aguardavam um sinal.

Andrei tirou uma caixa de fósforos do bolso. No momento em que ia acender a mecha da garrafa deteve-se.

— Sou um sentimental, Alex. Acredito na justiça histórica.

Já alguma vez acendeste a mecha de uma destas garrafas?

— Eu? Deus do Céu, não!

Encarrego-te de dares o sinal da insurreição — disse Andrei, colocando a garrafa nas mãos de Alex.

Alex olhou fixamente para ela.

-Bem... que devo fazer?

— Acender a mecha e lançar a garrafa lá para baixo, para a rua.

— Acender... e atirar...

— Sim, é muito simples. Tens de atingir um daqueles putos sifilíticos. Mas depressa, antes que eles dispersem.

Alex passou a língua pelos lábios secos. O desafio era bem tentador, a honra muito grande.

— Tentarei — disse ele, trémulo.

Colocou cuidadosamente a garrafa na superfície do telhado e acendeu um fósforo, mas o vento apagou-o. Riscou um segundo fósforo e tentou pôr a chama em contato com a mecha, mas fê-lo apressadamente e o vento apagou este fósforo também.

--Vamos, Alex! Aos homens de violência nunca deve faltar o sangue-frio.

Alex riscou um terceiro fósforo e, com a mão em concha, abrigou a chama do vento; porém, as suas mãos tremiam tanto que não conseguiu tocar a mecha.

Alex renunciou.

— A cada um o seu combate. Desisto.

— Tenta uma vez mais — disse Andrei.

Alex cerrou os dentes, tomado de decisão, e acendeu o fósforo. Como um paizinho gentil, Andrei segurou lhe o braço, pelo pulso, para o impedir de tremer; a chama tocou a mecha, que crepitou.

— Lança-a!

Alex arremessou-a por cima do rebordo do telhado como uma pedra que lhe queimasse os dedos; a garrafa desceu, em espiral, para a rua.

Uuhmmmmmmmmmm! Plum! Vizzzzzzzzzz!

A garrafa esmagou-se no capacete de um soldado e explodiu.

— Aaaaaahhhhh! — uivou a tocha humana.

Em redor dele, as fileiras romperam-se e os camaradas, atónitos, viram-no torcer-se, esbracejar e rolar pela rua, devorado pelas chamas.

— Aaaaaahhhhhh! Aaahhh! Aaaaaaahhhhhh!

Todos volveram simultaneamente os olhos para os telhados.

Blam! Blam! Blam! Blam!

Chamas azuis irromperam das espingardas e das pistolas invisíveis, atrás das janelas, dos portais, dos telhados.

Wizzzzchchch! Bum!

E as bombas incendiárias explodiram.

Os olhos de Sieghold Stutze dirigiram-se para um telhado enquanto as armas dos Judeus vomitavam fogo para o meio deles, cuspiendo três anos de cólera.

— Hans! — gritou Stutze! — Olha! Uma mulher a disparar. — Caiu de borco quando uma bala lhe rasgou o peito. Arrastou-se nos joelhos. A terra retumbava sob o estrépito ensurdecedor das granadas. As porcas e os parafusos dilaceravam o ventre de Stutze. Ele quis segurar as entranhas, que se derramavam na calçada. Uma bomba incendiária caiu a seus pés e envolveu-o em chamas; então, espojou-se no solo, uivou, sufocou e morreu. Tochas humanas, soldados crivados de balas ou retalhados pelas granadas: a insurreição transformara-se num morticínio.

O Oberführer Alfred Funk banhava-se deliciosamente numa grande banheira cheia de água tépida e aspirava o vapor perfumado que dela se elevava. Os primeiros compassos da abertura de Tannhäuser, de Wagner, escapavam-se da grafonola, na sala de estar. Entre as notas baixas de um crescendo, Funk ouviu os sons da fuzilaria no ghetto.

Ele cantarolava, acompanhando o silvo das balas: «Da dam dam dam...» A ordenança trouxe lhe, numa bandeja, o estojo de barbear e colocou-o no rebordo da banheira. Funk afiou a navalha e lançou um olhar de desdém à ordenança, que nunca a afiava convenientemente. Passou o polegar pelo fio e ficou satisfeito. «Dum de dum dum dum», cantarolava ele, ensaboando a cara. «Dum de dum dum dum dum dum.

De da da da da. — Mantém o espelho firme — disse, num tom seco.

— Ya, Herr Oberführer. «.

Horst von Epp apareceu no limiar da porta, de olhos «, vermelhos, com um roupão sobre o pijama. Funk fitou-o desdenhosamente e disse num ar de motejo :

— Que é que o tirou da cama a uma hora destas?

— Faria melhor se bebesse isto, Alfred — respondeu Horst, oferecendo lhe um copo de Schnapps.

Funk fez uma careta.

— Às seis horas da manhã? Nunca. Dum de dum. Da da da...

Esticou a pele de modo que a navalha pudesse cortar mais facilmente alguns pelos rebeldes do queixo. « Horst tirou o espelho das mãos da ordenança.

— Alfred, pouse a navalha. Pode cortar a garganta de— pois do que lhe vou dizer.

Funk dirigiu lhe um olhar sombrio.

— O Corpo Reinhard foi chacinado, e os seus homens lançados para fora do ghetto.

— Oh, não, Horst! Esta é a última tolice que lhe consinto!

Levantou a navalha para recomeçar a barbear-se.

Horst baixou lentamente a mão de Funk.

— Obtivemos muito êxito com a nossa intenção de os fazermos abrir fogo. Cem SS mortos. Número igual de feridos.

As nossas forças fugiram para o outro lado do muro.

Funk piscou, incrédulo, os olhos.

— Deve haver engano. No ghetto não há senão judeus.

— Preparei uma história para a imprensa, a fim de explicar que não eram judeus, mas quadrilhas de bandidos polacos, que descobrimos no ghetto, quando lá entrámos para o limpar desta canalha. O fogo não proveio dos judeus mas dos bandidos, etc., etc.

— Judeus? Os Judeus lançaram o Corpo Reinhard para fora do ghetto? Judeus?

— Judeus! — respondeu Von Epp.

Funk arremessou a bandeja para o chão, e, ao sair da banheira, escorregou, quase caindo. Correu para a sala de estar. Um oficial ensanguentado e trémulo apresentou-se.

— Untersturmführer Dolfuss! — disse ele, unindo os calcanhares diante do general nu e pingando água.

— Fala, maldito!

— Fomos apanhados sob um terrível fogo cruzado.

— Onde?!

Bastante perturbado, o tenente esforçou-se por procurar as Ruas Zamenhof e Mila no mapa desdobrado em cima da mesa, mas

os alfinetes coloridos embaraçaram-no. A ordenança colocou um lençol de banho sobre os ombros do amo.

— O que o bom do oficial está a tentar dizer lhe, Alfred... encontra-se aqui — disse Von Epp.

— Ora muito bem — rosnou Funk. — Eles querem experimentar o gosto do chicote. — Ergueu o auscultador do telefone. — Ligue-me ao estado-maior... Está?... Aqui, o Oberführer Funk. Envie imediatamente ao meu gabinete o comandante dos blindados.

Meio-dia.

Seis tanques Panzer médios irromperam pela Porta Swientojerska e contornaram o muro no seu caminho para a Rua Zamenhof e para o sector central. Os canhões e metralhadoras dos monstros achavam-se apontados para as casas.

Os motores dos carros produziam um barulho ensurdecedor e o seu peso fazia estremecer as ruas e as casas.

Os combatentes da companhia de Ana Grinspan, ao vê-los surgir, sentiram o sangue gelar de pavor. Que se podia fazer com as pistolas? Os Panzers desfilaram sob as suas armas ineficazes e meteram pela Rua Zamenhof.

As torres dos canhões oscilavam ameaçadoramente e visavam os andares superiores dos dois lados da rua. Os operadores dos canhões e das metralhadoras espreitavam pelas -fendas, examinando as janelas e os telhados, onde não viam sinal de vida. Ora onde se encontra este exército de judeus? Eles que atirem agora!

Enquanto os blindados rolavam para o seu sector, Andrei esforçava-se por refletir. Se as armas pesadas dos monstros obrigassem os combatentes a procurar cobertura ou se os seus homens se acobardassem, os Alemães não tardariam muito a dominar o ghetto. Mas como deter os tanques? Durante alguns instantes um pensamento angustiante atormentou-o. «Talvez sejamos cobardes. Talvez toda a nossa vontade de combater se tenha desfeito em fumo após o primeiro embate.» O carro que conduzia a formação surgiu no cruzamento da Rua Zamenhof e da Rua Kupiecka. No mesmo momento uma silhueta isolada avançou na

rua, tão célere, que os atiradores alemães não puderam apontar as armas na sua direção. E a silhueta humana correu direita ao primeiro carro.

Andrei observava o combatente a atacar, sozinho, o tanque. O boné do soldado judeu caiu lhe da cabeça e Andrei distinguiu uma longa cabeleira ruiva flamejante.

, «Mas é uma jovem!» Quando o carro se encontrava quase sobre ela, a jovem lançou uma granada-tubo para debaixo das lagartas. O tanque rolou sobre a granada e fê-la explodir.

Com um estrondo violento, a lagarta despedaçou-se, voando em estilhaços, o carro voltou-se sobre si mesmo, desamparado, e esmagou a jovem de ruivos e longos cabelos flamejantes. Os combatentes que observavam de ambos os lados da rua transformaram os Panzers em caixões de ferro, fazendo descer sobre eles uma saraivada de garrafas borscht. Os carros rolavam loucamente, atirando sobre inimigos invisíveis, tentando desembaraçar as suas carcaças couraçadas das ferroadas de fogo; porém, a chuva de garrafas redobrava de intensidade. Os monstros acabaram por ser invadidos pelas chamas, transformando-se em infernos.

Então, os combatentes aproximaram-se, rastejando, para melhor desferir os seus golpes. Um após outro os tampões dos Panzeres foram abertos pelos tripulantes que, sufocados cegos, queimados, saíram cambaleando para a rua, para serem dizimados sob um terrível fogo cruzado.

O crepúsculo.

Os cadáveres dos alemães foram despojados dos uniformes, armas e munições; depois os combatentes empilharam-nos no passeio, como antes acontecera com os cadáveres de judeus, ceifados pela crueldade brutal dos nazis.

Os carros fumegavam, desmantelados, silenciosos.

As ruas encontravam-se calmas, novamente.

Tolek Alterman foi o primeiro a sair da Mila 18 e gritou a plenos pulmões :

— Os Alemães partiram! Os Alemães partiram! Situação verde!

— Situação verde! — respondeu uma voz, como se um eco.



Sinais de mão... os agentes de ligação corriam como gamos de quarteirão em quarteirão.

— Atenção, Haifa. Os Alemães deixaram o ghetto.

Situação verde!

— Beersheba! Situação verde!

Gritos de alegria, aclamações, irrompiam pelos telhados.

Um combatente surgiu na rua; percorreu-a nos dois sentidos, proclamando o fim do alerta.

Eles irromperam então das casas; estreitavam-se nos braços, pulavam, davam cambalhotas, gritavam, vociferavam, choravam de alegria.

Alguns instantes depois dançava-se a hora no meio da rua; os civis, que se tinham conservado ocultos e quietos durante a batalha, emergiram dos seus abrigos uns após outros, estupefatos, e beijaram os combatentes.

Andrei e os outros comandantes mostraram-se tolerantes quanto a estas infracções à disciplina. Nada poderia conter a exultação dos que tinham esperado durante três anos este momento de triunfo.

Gabriela Rak, como, aliás, toda a Varsóvia, ouviu a voz de Alexander Brandel pela rádio.

«Compatriotas polacos. Hoje, 19 de Abril de 1943, desferimos um grande golpe para a conquista da liberdade.

sendo nós os primeiros a revoltar-nos contra a tirania nazi. Ao expulsarmos do ghetto os carneiros nazis, as Forças Unidas Judaicas passaram a ocupar esta noite a única parcela de território - polaco soberano. No passado pedimos-vos que vos juntásseis a nós; novamente formulamos igual pedido. Os Alemães estão a assassinar cidadãos polacos cada vez em número mais crescente nas câmaras de gás de Auschwitz. Eles tencionam reduzir a Polónia a um campo de escravos, exterminando mais de metade dos Polacos. Pouco importa o que nos tem separado até este dia — a luta pela sobrevivência é comum. Juntai-vos a nós! Ajudai-nos a destruir os tiranos!» Em Varsóvia a atmosfera estava bastante mais desanuviada.

Durante algum tempo a cidade perturbou-se com o estrépito da fuzilaria proveniente do ghetto, mas os jornais e a rádio explicaram bem depressa que quadrilhas de bandidos se tinham escondido no ghetto e que os Alemães haviam empreendido uma operação para os desalojar. Os nazis confessaram ter sofrido meia dúzia de baixas, entre mortos e feridos; contudo, não havia razão para que alguém se perturbasse. Quanto à emissão de um posto clandestino de rádio... bem, esta eterna mania dos Judeus de exagerarem tudo!... E realmente quem é que se importava com o que acontecia?

## CAPÍTULO XV

Esgotados, os combatentes das Forças Unidas dormiram um sono profundo povoado de deliciosos sonhos de vitória — da sua vitória, que se devera principalmente a esta jovem que se lançara sob um tanque no momento preciso, para galvanizar os soldados judeus; enfim, a batalha fora vencida e tinham ganho um dia. Amanhã ou depois de amanhã pedia-se lhes que imitassem a jovem de longos cabelos ruivos flamejantes; porém, nesta noite ninguém encarava essa probabilidade. A vitória é um bálsamo. Alexander Brandel, um homem de violência, celebrou-a por mais tempo e mais intensamente que os companheiros. Disse que tinha dois mil anos de derrotas de que se desferrar.

Enquanto o exército popular dormia, os comandantes trabalharam até tarde, durante a noite, em problemas mais práticos do que celebrações. Fizeram as contas do dia. Fora um belo dia, na verdade. O saldo era mais que positivo.

Dos vinte e dois grupos de combate somente seis tinham participado na operação. As balas perdidas haviam causado apenas perdas insignificantes. Os combatentes puderam recolher sessenta espingardas e revólveres de alemães mortos.

Tinham infligido uma severa derrota às tropas de escol de Hitler.

Contudo, a folha de balanço revelava um débito importante devido a um simples fato. Os combatentes tinham gasto mais munições do que as que puderam recolher. Não haveria muitas mais vitórias como a desse dia. Nesta guerra as receitas iriam diminuir. Um deles afirmou com muita sensatez que não tardariam a ser obrigados a acabar com o negócio. A radiodifusão da vitória do ghetto não conseguiu impressionar a população nem o exército do interior.

Uma dezena de jovens polacos tentaram infiltrar-se no ghetto para se juntarem aos Judeus; porém, foram abatidos no caminho.

Amanhã... outro dia. Os comandantes supunham que os Alemães se dirigiriam ao complexo industrial. Era lá que se encontrava a massa mais compacta de judeus e era a posição mais vulnerável e mais difícil de defender.

Simon deslocou duas companhias de Andrei para auxiliar Wolf na fábrica de escovas. Ana retirou a sua companhia do sector central e Tolek conduziu três grupos até à posição de Rodei, na fábrica de uniformes.

Discutiram até ao amanhecer. Simon e Andrei pediram a Wolf que retirasse a sua mina «tigela de kasha». Estavam persuadidos de que os Alemães não se aventurariam a penetrar, em filas cerradas, pelo portão da fábrica, depois da lição do primeiro dia. Porém, Wolf pensava o contrário.

Estava certo de que eles nada tinham aprendido nem se permitiriam jamais manifestar o menor respeito pela força combatente judaica. Wolf conseguiu prolongar suficientemente o debate para que não houvesse tempo de ir remover a mina.

A segunda manhã.

Andrei e Wolf achavam-se lado a lado junto de uma janela do 2.º andar da fábrica de escovas. O percussor que faria detonar a «tigela de kasha» achava-se nas mãos de Wolf. Ele não confiara essa tarefa a qualquer outro dos companheiros.

Metade dos combatentes de Wolf estavam agachados no interior dos edifícios principais da fábrica, atrás de barricadas colocadas ali para proteção dos trabalhadores. A posição era vulnerável, pois tinham de enfrentar um ataque frontal dos Alemães. A outra metade e, bem assim, duas companhias de Andrei estavam dispersas em círculo a toda a volta da fábrica, a fim de atingirem os Alemães pela retaguarda.

Tudo se jogava na hipótese de que os nazis fizessem uma tentativa para ocupar a fábrica.

Dez horas da manhã.

— Que é que os retarda? — perguntou Wolf.

— A confusão — respondeu Andrei. — Desta vez traçam os seus planos no exterior. Os Alemães não sabem improvisar muito bem. Têm de possuir planos já fixados.

Wolf acariciou o cabo do cursor.

— Nós os desmançaremos.

— É uma pena, mas penso que eles não entrarão pelo portão principal.

— Veremos.

Às 11 horas surgiram alguns agentes de ligação que lhes anunciaram que os Alemães tinham concentrado forças importantes nos Jardins Krasinski. Simon Eden não se enganara nas suas previsões. Os Alemães dispunham-se a assenhorear-se do sector nordeste do ghetto, onde se encontrava o complexo da fábrica de escovas.

Pelas 11 e um quarto os agentes de ligação observaram movimentos para além do muro, ao longo da Rua Bonifraterska e defronte da Rua Muranowska. Os Alemães cercaram todo o sector.

— Atenção, Jerusalém. Aqui, Haifa. Concentração de tropas para isolar a fábrica de escovas. Eles entrarão de um momento para o outro.

— Aqui, Jerusalém. Tenho à vossa disposição, se tiverem necessidade delas, duas companhias prontas a atingi-los pela retaguarda.

— Mantenha-as aí.

Os Alemães penetraram no ghetto por três locais: pelas duas Portas Swientojerska, defronte dos jardins, e pela Porta Przebieg, contígua à Praça Muranowski.

Dos jardins meteram rapidamente pela Rua Nalewki, ao longo de dois quarteirões, até à Praça Muranowski. O complexo estava assim completamente isolado, pois que pelo leste era limitado pelo muro do ghetto, que seguia pela Rua Bonifraterska.

— Eles têm um talento incontestável para cair em armadilhas — disse Andrei.

Os revisionistas encontravam-se nos telhados e por trás dos Alemães. Andrei enviou um estafeta a Ben Horin para lhe comunicar que não disparasse.

Agora, estendidos em linha de combate, os Alemães avançaram em direção do portão principal. Uma companhia descia a Rua Gensia, outra subia a Rua Walowa, a fim de convergirem Do

lado oposto ao portão os Alemães abrigaram-se junto dos edifícios. Um altifalante uivou :

— Juden! Raus! (Judeus! Para fora!) Decorreram cinco minutos. Ninguém tugia nem mugia no interior da fábrica. Baionetas caladas, prontos para o combate, os Alemães obliquaram como se quisessem evitar o portão.

— Vês — murmurou Andrei. — Eu bem te disse que eles não se arriscariam.

— Espera.

Com precaução, um destacamento dirigiu-se para o portão e entrou. Um pátio de 40 metros, completamente a descoberto, separava-os do edifício principal. Introduziram-se no pátio sem encontrarem um único obstáculo. Mas que alvos magníficos para os combatentes barricados no interior!...

Um segundo destacamento sucedeu ao primeiro e chegou ao pátio. Ao acaso, os Alemães atiraram uma descarga sobre o edifício principal, fazendo voar em estilhaços os vidros de algumas janelas e esboroando os tijolos. As balas ricochetearam.

Porém, os nazis não receberam resposta ao seu fogo. Desferiram uma segunda descarga. Uma terceira. Contudo, nada de resposta.

Um terceiro destacamento penetrou no pátio e apontou uma metralhadora sobre o edifício principal; os outros dois estenderam-se em linha, a fim de darem cobertura à força principal alemã.

— Que idiota eu sou! — disse Andrei, ao observar a entrada, em massa, de um batalhão alemão.

Os destacamentos de proteção fizeram um sinal, anunciando que o caminho estava livre.

Piam! Piam! Piam! Piam!

Os SS de Trawniki desembainharam os punhais e marcharam para o portão. A primeira fileira passou sobre a «(tigela de kasha)»... a segunda... a terceira...

Andrei humedeceu os lábios e contemplou com deleite o percursor.

— Agora... agora! — murmurou ele.

— Que entrem alguns mais... alguns mais — disse Wolf.

— Apenas... mais... mais... alguns...

A mão do jovem fez funcionar o percursor.

Varsóvia tremeu com o choque.

Sangue, músculos, nervos e gritos elevaram-se para o céu. Parafusos e porcas irromperam do chão como de um vulcão em cólera. Os pedaços desintegrados dos Alemães volveram ao solo. Os que agonizavam, os semivivos, gemiam e soltavam lamentos profundos e entrecortados; os que não tinham sido atingidos recuaram, os olhos cheios de espanto, possuídos de um terror sobrenatural.

Os três destacamentos que haviam penetrado no pátio foram submetidos a um terrível fogo de barragem que partia da fábrica: todavia, a explosão da mina tinha-os já posto em debandada.

Dos telhados, os revisionistas de Ben Horin Chayal, Jabotinski e Trumpeldor) vomitaram um fogo assassino, devastador, sobre a retaguarda dos nazis, alinhados ao longo da Rua Nalewki.

Era uma verdadeira desordem.

Possuídos de um voraz apetite de vingança, os combatentes das companhias de Andrei e de Wolf precipitaram-se para as ruas, perseguindo o inimigo, que fugia. Na confusão, os guardas alemães estacionados às portas do ghetto dispararam sobre os compatriotas em debandada. Outros soldados nazis tentaram saltar por cima do muro do ghetto, retalhando as mãos nas lascas de vidro, enredando-se no arame farpado.

A opinião de Wolf sobre a colocação da mina tivera uma confirmação retumbante.

## CAPITULO XVI

Entrada do diário.

O TERCEIRO DIA.

Hoje infligimos aos Alemães a sua mais humilhante derrota após o começo da nossa rebelião. Passo a descrevê-la.

Os sobreviventes do Corpo Reinhard, os ucranianos, os lituanos, os letões e os estonianos, que estavam reunidos no seu campo de parada por alturas do 101 da Rua Zelazna, começaram a marchar ao longo da Rua Lezno, aparentemente com o objetivo de entrarem pela Porta Tlomatskie.

Rodei previra que podia efetuar-se um movimento deste género contra a fábrica de uniformes. Os Alemães dirigiram-se para a passagem estreita do ((corredor polaco». Mas os combatentes de Rodei tinham deitado mão a vinte escadas. Quando os Alemães, marchando e cantando, meteram pelo corredor polaco», em princípio «protegido», os combatentes apoiaram sem perda de tempo as escadas contra a parede, treparam por elas e lançaram granadas-tubo para o meio dos nazis. O inimigo não chegou sequer a entrar no ghetto!

Para a tarde, os Alemães penetraram em grande número por quatro portas, atrás de metralhadoras pesadas e de morteiros. A nossa estratégia: deixá-los passar. A sua barragem de proteção devia levantar-se rapidamente depois da entrada das tropas. Então atacá-las-íamos pela retaguarda.

Quatro vezes seguidas as repelimos.

Dois eventos encorajadores. Os primeiros bombardeiros russos voaram sobre a cidade, numa incursão que esperamos seja efetuada sobre a Alemanha. Aclamámo-los com a mais profunda alegria.

Esta noite os Alemães admitiram, numa emissão radiofónica, que aos «bandidos polacos» se juntaram quadrilhas judaicas (pervertidos, sub-humanos, violadores de religiosas, etc.). Esta



confissão de que são constrangidos a bater-se contra os Judeus deverá produzir um choque salutar sobre o povo polaco.

#### O QUARTO DIA.

Os nossos amigos chegaram ao amanhecer. Desta vez não cantavam nem marchavam em formações cerradas. Dispersaram-se em pequenos grupos, providos de armas pesadas.

A artilharia, os morteiros e as metralhadoras obrigaram-nos a procurar cobertura; depois vimo-los entrarem lentamente. Deslocavam-se, agachados, ao longo das casas.

Nós já não os receamos, a sua presença não nos inspira temor algum. Pelo contrário, são eles que mostram medo.

Permitimos lhes que avançassem profundamente no ghetto e em seguida atacámo-los com fogo cruzado nas intersecções, lançámos lhes dos telhados bombas incendiárias e granadas, gritámos lhes em alemão para os desnortarmos, saltámos sobre eles da retaguarda.

Hoje os nazis concentraram os seus esforços sobre a fábrica de uniformes. Calculamos que utilizaram um milhar de soldados para a cercarem. As forças de Rodei acossaram-nos impiedosamente, mas eles conseguiram retirar de lá algumas centenas de operários. No seu desejo frenético de alcançarem uma vitória, fizeram ir pelos ares um hospital próximo da Prisão Pawiak. Mas há muito tempo que todos os doentes, salvo os estropiados, tinham sido evacuados.

#### A QUARTA NOITE.

Baterias de projetores instaladas em altos edifícios do outro lado do muro iluminaram grande parte do ghetto.

Os Alemães avançaram uma vez mais para desferir um ataque noturno contra a fábrica de uniformes. Simon e Andrei tinham admitido esta possibilidade (ataque noturno). Simon lançou a mais audaciosa de todas as nossas expedições.

Divididos em três grupos, os nossos combatentes estavam vestidos com uniformes alemães, de que nos apoderámos na fábrica ou que retirámos aos inimigos mortos em combate (com cinturões de couro, capacetes e mesmo decorações).

O grupo 1 era conduzido por Andrei, o grupo 2 por Simon e o grupo 3 por Tolek Alterman. Os nossos «alemães» saíram facilmente

do ghetto. O inimigo não nos reconheceu.

Apanhámo-los completamente desprevenidos. O grupo de Simon atacou os projetores e a artilharia, destruindo vinte projetores e cinco canhões. O grupo de Tolek fez uma incursão sobre o arsenal e o quartel das SS, capturando uma metralhadora, vinte espingardas e vários milhares de balas, de que desesperadamente necessitávamos.

O grupo 3, de Androwski, cindiu-se em duas partes.

A primeira unidade arremeteu sobre o mercado central e «confiscou três camiões carregados de provisões. A segunda lançou-se sobre o hospital da cidadela para se apoderar de medicamentos.

Sabemos que atingimos a linha extrema de maré alta.

Não poderemos usar mais os uniformes alemães para efetuar surtidas noturnas, pois o inimigo utilizará, sem dúvida, a partir de agora, uma senha para se prevenir contra futuras ocorrências deste género (testemunho suplementar do respeito que nos concede como força combatente). No entanto, podemos continuar a confundi-los, de dia, mercê de ataques de surpresa, vestidos com os seus uniformes.

#### O QUINTO DIA

Fizemos um inventário. O nosso stock de munições é muito, muito baixo. Schlosberg manufacturou quatro versões reduzidas da «tigela de kasha». Colocámo-las nas intersecções-chaves, esperando pelo melhor.

Simon convocou todos os comandantes e insistiu em que houvesse menos fogo concentrado sobre o inimigo e mais «improvisação individual». Tradução: mais atos de heroísmo individual.

Os nossos combatentes responderam hoje com incríveis atos de coragem. Um tanque foi pelos ares ao contato com uma mina plantada na Rua Nowolipki, mas um outro carro e uma viatura blindada foram interceptados literalmente de mãos nuas. Um combatente do comando de Rodei saltou sobre o tanque, abriu o tampão e arremessou uma granada para o interior! A viatura blindada foi detida por combatentes que se lançaram sobre ela de uma janela de um primeiro andar, com granadas nas mãos.

Os Alemães suspeitam que estamos com falta de munições.

Em vista disso, a sua pressão aumenta. Graças a Deus que não puderam substituir os projetores que destruimos.

Esta noite o ghetto esteve mergulhado na escuridão. Os nossos combatentes necessitam desesperadamente de repouso.

O SEXTO DIA

Atos de heroísmo incríveis continuam a produzir-se.

O comando de Wolf menciona o seguinte :

Dois combatentes sem armas saltaram com navalhas e facas sobre um destacamento alemão; mataram dois, três fugiram; apoderaram-se das armas.

Rachel Bronski foi surpreendida por vários alemães quando ia em auxílio de um combatente ferido. Retirou da saia uma granada e lançou-a contra eles.

No sector central, Andrei disse-me que os seus homens obrigam os Alemães a combater casa por casa, sala por sala.

Começamos por defender o rés-do-chão, depois fazemo-los correr em nossa perseguição, andar após andar, até ao telhado.

Nas escadas, bombardeamo-los com garrafas e granadas e continuamos a bater-nos até termos atingido o telhado.

Eles retiram depois. Não nos querem defrontar nos telhados.

“Do posto de comando de Rodei: Saul Sugarman, um velho militante bundista, gravemente ferido, recusou morrer até voltar de rastos ao seu Bunker a fim de entregar a espingarda ao irmão.

Simon ordenou que lançássemos ataques rápidos, seguidos de uma retirada também rápida, somente quando nos encontrássemos por trás dos Alemães. Não os atacar nunca de frente. Não possuímos munições para tal. Devemos ajustar as nossas posições de maneira a podermos bater em retirada e atrair o inimigo a becos sem saída, onde podemos utilizar as nossas bombas-garrafas com mais eficácia.

Os Alemães conseguiram descobrir alguns Bunkers de civis, que conduziram para fora do ghetto. Disseram-me que Boris Presser e a família foram levados hoje para a Umschlagplatz. Bem, que se poderá dizer? Já alguém pôs em dúvida a coragem dos Judeus? Suponho que todos nós temos lutado contra esta dúvida. Andrei confidenciou-me que, no primeiro dia, fora assaltado por ela quando

viu os tanques subir a Rua Zamenhof. Penso que estes seis últimos dias responderam definitivamente àquela pergunta.

O sacrifício tornou-se um lugar-comum. Nem um só combatente se rendeu ainda.

#### A SEXTA NOITE

Os projetores destruídos não foram até agora substituídos.

Os Alemães multiplicam as patrulhas noturnas para nos impedir de dormir. Nós aniquilamo-las.

Os nossos combatentes gritam na escuridão e os Alemães disparam cegamente ao ouvir as nossas vozes, revelando as suas posições e o seu pavor.

Comunicam-nos do sector ariano que Funk pediu voluntários para as patrulhas noturnas, não se apresentando ninguém!

Informam-nos também que o povo polaco se encontra muito impressionado com a nossa luta. Para o diabo com isso! Menos comoção e mais auxílio é o que necessitamos.

Enquanto escrevo estas linhas dou-me conta de que amanhã começará o sétimo dia da insurreição. Funk prometera uma operação de quatro dias à sua brigada Cabeça da Morte; esta promessa não foi cumprida. Toda a semana temos orado por que a nossa vontade se mantenha. Meu Deus! Alcançaremos auxílio?

#### O SÉTIMO DIA

Simon Eden falou aos comandantes antes da aurora.

Somos constrangidos a recorrer a uma estratégia ainda mais desesperada. É preciso que nos conservemos escondidos até que o alemão esteja tão próximo que lhe possamos sentir a respiração e contar lhe os cabelos da cabeça.

Atacá-lo a golpes de faca, saltar sobre ele de mãos nuas e estrangulá-lo até o matarmos. Disparar somente quando soubermos que não poderemos falhar. Não podemos dar-nos ao luxo de desperdiçar uma só bala. Nem devemos lançar erradamente uma só granada. De noite, mudaremos constantemente de posições, indo de Bunker em Bunker.

Por fim, uma nova redução nas rações. Água: um copo por dia por cada combatente.

Hoje os Alemães puderam, finalmente, limpar a fábrica de uniformes. O grupo de Rodei não possuía o poder de fogo suficiente para os conter. Conseguimos alojar a maior parte dos operários da fábrica de escovas em casas e Bunkers.

Os Bunkers estão a tornar-se insuportáveis. Mila 18 alberga 400 pessoas (capacidade, 220). Achamo-nos bem perto do nível de sufocação. O termómetro subiu hoje a 60°.

#### A SÉTIMA NOITE

Os Alemães estão fartos do ghetto de noite. A noite pertence-nos.

Nós somos os reis das trevas! Se não vêm até cá, é por pura cobardia e medo. Tal como colegiais, fazendo juramentos de valor, atingimos o nosso objetivo: ocupar o ghetto durante uma -semana. Israel renascida viveu sete dias sob o jogo do inimigo! Ridículo, não é? Temos uma falta aflitiva de munições. A água e os víveres vão-se esgotando.

Não conseguimos substituir um cartucho queimado, Não nos é possível substituir um combatente morto. Os nossos feridos morrem tranquilamente sem um queixume quanto ao pouco auxílio que lhes podemos dar. Sinto vergonha do meu cinismo do -passado. Nunca vi moral tão elevado.

Nunca tive tanto orgulho em ser judeu. De noite, falamos alto, sem inibições, como os homens livres. Cantamos e dançamos. Dizemos graças acerca da nossa fome e rimos do nosso medo. É estranho, bem estranho, como uma causa desesperada se pôde tornar na mais revivificante experiência que jamais vivi (perdoa-me, Sílvia.

*Alexander Brandel*

## CAPÍTULO XVII

Simon Eden estava desgostoso. Uma semana decorrera e o seu exército encontrava-se ainda intacto e com um ardor combativo indesmentível. Simon, que temera o fardo do comando, reagira, sem hesitação, diante de uma centena de crises. Quando o assaltava a dúvida, conduzia pessoalmente os seus homens em expedições sucessivas. Tornara-se o símbolo perfeito do chefe.

O fim da semana impusera um certo número de revisões.

Os seus combatentes não se podiam permitir o luxo de fogo concentrado, o que significava que os Alemães teriam a possibilidade de isolar e passar a pente fino sectores que cercavam sem muito esforço. Como não era já capaz de proteger os civis da zona sul, Rodei recebeu de Simon ordem para abandonar uma posição suicida e fazer recuar os seus homens para o sector central.

Simon ordenou também a Wolf que destruísse a linha telefónica entre Mila 18 e o Bunker da Rua Franciskanska, a despeito do fato de os agentes de ligação precisarem por vezes de horas para percorrer de dia algumas centenas de metros. Corria-se grande risco de os Alemães descobrirem a linha telefónica e de se servirem dela para darem com os Bunkers.

Nova ordem geral: todos os combatentes deviam explorar de noite os Bunkers descobertos pelos Alemães durante o dia e trazer os víveres e a água que pudessem aí encontrar.

Em favor de Simon existia o seguinte: primeiro, o seu controle noturno absoluto do ghetto; segundo, o fato de os Alemães terem renunciado aos tanques e às viaturas blindadas, e, terceiro, a personalidade de Andrei, seu adjunto, sempre na brecha e soldado de valor incomparável. Cada vez que via chegar Andrei, Simon reencontrava a calma.

Simon trabalhava pela noite dentro; aproveitava ao máximo a sua extraordinária faculdade de poder dormir pequenos sonos espaçados.

Rodei veio visitá-lo ao rés-do-chão de Mila 18, onde Simon se instalava durante a noite para escapar ao calor intolerável do Bunker.

Rodei informou-o de que todos os seus combatentes se tinham mudado e disperso no sector central.

— Bem, vai dormir um pouco — disse lhe Simon. São quatro horas da manhã.

— Queria falar-te também de outra coisa. Ouvei diversos rumores; parece que Samson Ben Horin e os seus revisionistas vão abandonar o ghetto!.

— É exato — respondeu Simon. — Vou conversar com ele agora.

— Deixa que te acompanhe.

— Porquê? Tu e Ben Horin não trocam uma saudação há cinco anos!

— Eles não têm o direito de partir! — rugiu Rodei.

Isto era o que Simon contara ouvir do feroso comunista.

Pouco importa o número de vezes em que um homem deve tomar uma decisão; ele nunca se encontra imunizado contra o choque de uma decisão nova. Esta era a mais difícil que Simon defrontara em toda a semana.

— Os revisionistas não têm obrigações para com o nosso comando — respondeu Simon mansamente.

— Mas têm um dever.

— Que dever, Rodei? Morrer gloriosamente? Eles bateram-se bem, até ao presente. Todos nós fizemos o que havíamos decidido fazer. Já não podemos proteger os civis...

Sabe-lo bem.

— Mas com cada dia que ganhemos o nosso monumento tomará altura. Um dia... dois dias...

Simon não sabia que responder.

— Penso há longo tempo, e bem penosamente, neste momento. Quando o dever não nos obriga a morrer, mas a viver, temos de atravessar uma linha. Cada homem tem a sua linha traçada num lugar diferente. Não posso interferir no que um homem deve escolher para si mesmo.

— Então, nesse caso, muito bem. Mas ao menos não os ajudeis aprovando a sua decisão. Simon, reflète! Vais criar um precedente perigoso. Outros podem também decidir partir.

— Sim... eu sei...

A reunião com Samson Ben Horin efetuou-se em Nalewki 37, numa sala iluminada por uma lanterna. Duas horas depois raiaria a aurora. Samson, que costumava tratar cuidadosamente da barba, tinha-a negligenciado nos últimos dias, e as suas feições cavadas mais acentuavam o cansaço que o prostrava.

— Trouxeste-me o plano dos esgotos?

Simon desdobrou-o sobre a mesa.

— Manténs ainda o teu projeto de tentares a fuga antes do alvorecer?

— Sim. Não devemos levar mais de uma hora a atingir o Vístula. Lá esperar-nos-á uma barca.

— Não quero intervir, mas vais conduzir a tua gente mesmo sob o coração de Varsóvia se seguides a conduta principal. É perigoso... Sugiro-te, muito francamente, que consideres a utilização de condutas mais pequenas... aqui.. ali... e ali... — acrescentou Simon, apontando no plano. Por este caminho sairás a alguns quilómetros a norte de Zoliborz.

— Não podemos modificar agora os nossos projetos.

Aguardam-nos.

— Retarda a vossa partida por um dia. Contata com a tua gente no exterior e traça uma via mais segura.

Samson tossiu, tartamudeou, depois levantou-se de um pulo. Tinha pensado numa via mais segura, mas que lhe ocasionaria uma demora de vinte e quatro horas.

— Correremos um grande risco se ficarmos — disse ele.

— Penso que não nos conseguimos aguentar mais um dia.

Simon dissimulou o choque produzido por estas palavras.

— Tens uma bússola?

— Tenho.

Ele desenhou o caminho com um lápis.

— É quase todo em linha reta. Atenção ao arame farpado aqui. O nível das águas não vos desfavorecerá muito.



Que os teus homens se deem as mãos, que falem baixo, cuidado com as luzes. Samson Ben Horin estudou o plano durante alguns instantes, depois dobrou-o e meteu-o no bolso. Simon levantou-se.

— Tenho de voltar ao meu Bunker — disse ele. — Dentro de dez minutos temos de nos reunir para tomarmos algumas deliberações. Os nossos amigos Alemães vão lançar para o combate um outro batalhão de artilharia.

— Obrigado por tudo, Simon. Escuta, quero que saibas uma coisa. O que... o que quero dizer é que... esta decisão de partir foi tomada pelo grupo... ” — Não te exijo explicação alguma.

— Não deves considerar o nosso procedimento como uma fuga.

— Ninguém te acusou.

— Simon, quando o ghetto foi instituído, tínhamos quinhentos camaradas em Varsóvia. Agora só nos restam cinquenta e dois. Quero que saibas ainda uma coisa: pessoal— mente, votei para que ficássemos, mas, na minha qualidade de chefe, sou obrigado a conduzi-los às florestas.

— Sempre pensei que as coisas se tivessem passado assim.

— Onze dos meus homens escolheram ficar aqui, ao vosso lado. Decidimos, também por votação, deixar-vos metade das nossas armas e oitenta por cento das nossas munições. Encontrá-las-ás no nosso Bunker.

Estendeu a mão. Simon apertou-a. Samson Ben Horin, um rebelde entre rebeldes, dirigiu-se com um passo vivo para o seu Bunker.

Decorridos dez minutos, quarenta e um dos cinquenta e dois revisionistas que restavam desceram para o esgoto sob a Rua Gensia. Passaram perto do Bunker de Wolf, na Rua Franciskanska, sob o complexo da fábrica de escovas, depois encontraram-se sob o muro. De 10 em 10 metros Samson acendia a sua pilha durante uma dezena de segundos. Uma cadeia, mão com mão, avançava em silêncio.

Em certo trecho a pilha iluminou o arame farpado ali colocado como armadilha.

Cinco homens começaram a cortar, muito lentamente, a barreira com alicates que traziam.

Samson consultou o relógio. Estavam a perder muito tempo! Amanheceria dentro de cinquenta minutos... — Despachem-se! — murmurou ele.

— É muito espesso!

— Despachem-se!

Eles praguejavam enquanto os seus utensílios rudimentares tentavam cortar o fio. Samson acendeu novamente a pilha. Não tinham ainda cortado senão um terço do rolo.

Ben Horin afastou os cinco homens e, com as mãos, tentou desfazer a ratoeira. Os fios rasgavam-lhe a carne. Mas continuou naquela tarefa até abrir uma pequena clareira. Os revisionistas introduziram-se através dela. O arame retalhou-lhes a carne e o vestuário, deixando-os ensanguentados e doloridos.

Por cima, um guarda da Polícia Azul que patrulhava a zona foi atraído à abertura por ruídos suspeitos. Ajoelhou-se e colou um ouvido contra o tampão; em seguida deu uma corrida à cidadela — apenas a algumas dezenas de metros de distância, onde estava acantonada a Wehrmacht.

— Há gente no Kanal, tenho a certeza. Ouviu-os gemer.

Os últimos revisionistas passaram a clareira aberta na rede de arame farpado. As suas pernas ensanguentadas eram banhadas pelas águas do esgoto. O tampão da conduta abriu-se completamente por trás deles. Uma luz extensa vasculhou o local. Vozes de alemães! Os revisionistas encostaram-se, rígidos, contra os tijolos viscosos, fora do alcance do foco luminoso.

— Vês? Alguns dos fios do arame foram cortados!

— Traz uma escada!

Samson estava estonteado. O conselho de Simon para que não atravessassem uma conduta principal perpassou — 'lhe pela mente. Apanhados numa sepultura negra e fétida.

Oh, Deus! Ele sentia os estremecimentos de pavor propagarem-se a toda a fila dos seus homens. Ficar? Combater quando os nazis viessem dar-lhes caça na conduta? Voltar rapidamente ao ghetto? Meter rumo ao rio?

— Vamos! Não podemos continuar aqui!...

Desceu em direção à Rua Franciskanska, tão depressa quanto podiam os seus pés, que patinhavam na vasa e no lodo. Samson bem queria acender a pilha, a fim de estudar o mapa e encontrar um pequeno canal de ligação, mas as circunstâncias não lhe permitiam deter-se. Duas grandes condutas convergiam. Era a Rua Freta. Uma intersecção importante.

— Encontramo-nos a meio caminho.

As águas do esgoto escoavam-se a uma cadência rápida.

Atrás deles ouviram ruídos produzidos pelos Alemães, que faziam descer uma escada, e viram rajadas de luz entrecruzadas que os procuravam.

— É preciso que mudemos de direção — disse Samson.

— Não.

— Sim! Subamos a Rua Freta.

— Não! Queremos chegar ao rio.

— Segui-me! Rua Freta!

— Samson! — bradou um dos últimos da fila. — Samson!

Gases asfixiantes!

Samson voltou para trás de si o clarão da pilha e viu nuvens de fumo que rolavam na direção deles.

Ali! Uma escada de ferro que conduzia para a rua.

Tossindo, gritando, os últimos da fila corriam! Samson trepou pela escada, colou os ombros contra o tampão e ergueu-o. Pôs a cabeça de fora, depois torceu-se para sair para a rua. Dois, três, quatro, cinco, seis, sete, escaparam-se depois dele.

Luzes ofuscantes!

Dispostas num arco de círculo, as metralhadoras alemãs vomitaram as balas vermelhas das suas fitas e abateram-nos.

Alguns safaram-se precipitadamente para a conduta, mas os gases asfixiantes não os deixaram. Depois, após alguns gritos provocados pela chegada de gás de quatro direções, tudo ficou silencioso.

A brecha que os Alemães tinham por tanto tempo esperado chegou precisamente pouco antes do alvorecer do oitavo dia com o

aniquilamento dos revisionistas, cuja tentativa para forçar um Kanal principal se revelou tão imprudente como previra Simon Eden.

No oitavo dia os Alemães irromperam uivantes pelo ghetto, inspirados pela vitória. Mas a trágica aventura dos revisionistas provocara entre os combatentes judeus reações imprevistas: ela fez lhes compreender que não havia possibilidade alguma de fuga, que tinham de bater-se até à morte no campo que lhes restava. Os Judeus transformaram-se numa fúria selvagem, lançaram-se contra os tanques alemães como granadas e tochas vivas. Açulados, com as munições esgotadas, batiam-se com pedras, cacetes, de mãos nuas.

Os Alemães progrediam no sector central, mas cada palmo de terra custava lhes caro. Os Judeus achavam-se por cima deles, por trás, por baixo; defendiam-se como loucos.

E, no oitavo dia, obrigaram os Alemães a retirar do ghetto.

A dissimulação calculada da nova insurreição desfez-se.

O rumor difundiu-se por toda a Polónia.

Os Judeus tinham-se revoltado no ghetto de Varsóvia!

Os Judeus resistiam a ataques sucessivos dos nazis há já uma semana!

Contos sobre a coragem fanática dos Judeus propagavam-se sem cessar. O mito da cobardia judaica deliu-se.

Berlim estava atónita.

«Os Judeus batem-se, derrotam os nossos corpos de escol? Era uma catástrofe, uma humilhação, que representava para a propaganda uma derrota tão vergonhosa como o fora a rendição em Stalingrado no plano militar.

No nono dia, Funk lançou o seu ataque mais furioso : atirou para a luta seis mil homens. No fim desse dia, os seus oficiais, ao serem recebidos, participaram lhe atabalhoadamente uma nova derrota.

— Herr Oberführer, eles batem-se como fantasmas!

— E vós como poltrões! — ripostou Funk. — Vós desonrais as SS, a Pátria. Vós desonrais o vosso Führer, Adolfo Hitler!

Funk lançou-os todos pela porta fora, exceto Hòrst von Epp. No fundo, detestava-o, mas tivera bastante necessidade dele nos

últimos dias. Von Epp era capaz de engendrar as mais magníficas desculpas.

Funk sentou-se à secretária para redigir o seu relatório.

Seiscentos judeus haviam sido conduzidos para fora do ghetto neste nono dia. Ao todo, apenas oito mil tinham sido arrebanhados, e, na sua maior parte, provinham da fábrica de uniformes. Encontravam-se escondidos ainda trinta mil e com o decorrer dos dias mais difícil se tornava localizá-los.

A este ritmo, seria necessária uma eternidade. A sua promessa de liquidar o ghetto obsidiava o; parecia uma piada, tal como a promessa de Goering, que declarara que bomba alguma cairia sobre a Alemanha. Observava nos olhos dos seus oficiais uma ténue sombra de desdém. Mas não, Berlim não ousaria substituí-lo, pois seria admitir que os Judeus tinham vencido as SS.

Horst meditava profundamente para decidir que mulher faria vir para o fim-de-semana. Alfred Funk começou a redigir o seu relatório diário, que era um balanço conciso no qual se vangloriava de um progresso que não obtivera, exagerava o poderio das forças inimigas e procurava criar um mito: um verdadeiro exército de bandidos polacos auxiliava os Judeus. Estilo rígido, árido, militar. Cópias para Kruger, general da Polícia em Cracóvia, para Globocnik, em Lublim, e para Himmler. Ultra confidencial.

Horst, que tinha na mente um turbilhão de ruivas e de louras, pegou no relatório e examinou-o.

— Já ouviu falar da burra de Balaão, Alfred?

— A burra de quê?

— A burra de Balaão, da Bíblia.

— Decerto que não.

— A burra de Balaão tenta amaldiçoar os filhos de Israel e acaba por os exaltar. Penso que os Americanos chamam a isto um elogio equívoco.

— Porque é que você há de falar sempre por enigmas?

— Olhe para estas frases do seu relatório. Alude ao «inimigo». Desde quando admitimos que os Judeus constituem um inimigo no plano militar? E aqui: «O desprezo dos Judeus pela morte e a sua

inquebrantável determinação de resistir...» Porque não recomenda que os condecuremos com a Cruz de Ferro?

Funk pegou no relatório e rasgou-o em dois.

— Redigi-lo-ei de novo.

— Disseram-me que se desenrola um verdadeiro pesadelo no ghetto — declarou Von Epp.

— Não compreendo isto de maneira alguma. A maior parte dos nossos soldados conduziram-se admiravelmente na frente leste... Não, não compreendo absolutamente nada do que se passa.

A mente de Horst estava ocupada com mulheres. Mas a Alfred Funk preocupava-o outra coisa.

— Temos de os desalojar dos telhados — disse ele. É preciso que os obriguemos a descer para a rua.

O telefone retiniu. Funk respondeu. Pôs-se lívido, pousou a mão sobre o bocal do aparelho e disse em voz baixa :

— Himmler telefona de Berlim.

Alfred Funk comunicou as últimas notícias, leu certas passagens, exaltou a devoção e a coragem dos Alemães, fez promessas, deu garantias. Depois calou-se e escutou, escutou durante bastante tempo. A cara pôs-se lre escarlate, depois cinzenta. Em seguida pousou muito lentamente o auscultador no suporte.

— A notícia desta insurreição espalhou-se por toda a Europa. Hitler tem estado furioso durante todo o dia.

Mecanicamente, Horst von Epp passou uma das mãos pelo pescoço.

— Malditos! Malditos! — gritou Funk, dirigindo-se para a janela, tomado de violento furor. — Malditos, imundos judeus!

O general voltou-se para Horst. O seu rosto era a máscara do mal. Von Epp ficou assustado.

— Que vai fazer, Alfred?

— Forçar estes animais imundos a descer dos telhados!

Arrasarei o ghetto.

## CAPÍTULO XVIII

— Bombardeiros Heinkel! — gritaram os combatentes nos telhados.

Os aviões alemães desceram em voo picado até 600 metros por cima da fábrica de escovas, depois diminuíram a velocidade. Toneladas de bombas negras escaparam-se dos seus ventres abertos, tendo as casas como objetivo. Fizeram atroar a atmosfera, sobrevoaram, dilacerando-os, os telhados, lançaram cargas nas ruas e afastaram-se.

Os incêndios irromperam; as chamas lambiam as superfícies arrasadas, procurando que devorar. De súbito, as madeiras das casas inflamaram-se e o fogo tragou as escadas que davam acesso aos telhados.

— O ghetto está a arder!

Os Heinkel voltaram ainda duas vezes mais. Os combatentes nada tinham com que ripostar, nada que pudesse distrair os bombardeiros dos seus «exercícios» sobre alvos humanos. Nuvens de fumo subiam em espiral para o céu.

As chamas lambiam os telhados, transformando-os em frigideiras.

Nas janelas, os vidros estalavam e saltavam em estilhaços para as ruas; chispas de fogo alaranjadas e rubras escapavam-se pelas janelas.

Um agente de ligação, chamuscado, precipitou-se no Bunker de Mila 18, estendendo as mãos enegrecidas. Um outro seguiu-se lhe com um palor de demência nos olhos vítreos. Depois um terceiro. Todos contavam a mesma história.

— Fomos obrigados a abandonar os telhados.

O ghetto ardia, e depressa, sem entrave, pois não havia sequer uma gota de água para impedir a propagação das chamas, a sua fúria destruidora. O fogo, qual besta faminta, consumia tudo o que atacava, procurando sempre, impiedosamente, novo pasto para as suas chamas.

As brigadas de bombeiros de Varsóvia cercaram o ghetto, de agulhetas prontas a entrar em ação. Ordem : conter o incêndio no perímetro do ghetto. Ocasionalmente, uma fagulha ultrapassava o muro e tombava no sector ariano; os pequenos fogos que deflagravam do outro lado do ghetto eram rapidamente extintos. Mas nem uma só gota de água foi lançada para o ghetto.

Ao fim do décimo dia da insurreição, todo o sector norte se encontrava em chamas.

Na décima noite novos batalhões de artilharia puseram mãos à obra. Lançaram, ao acaso, cinco mil obuses por cima do muro. Os destroços voavam na esteira das explosões.

As paredes que recusaram sucumbir ao incêndio foram demolidas pelos obuses.

Blam! Blam! Blam! Blam!, troavam os canhões alemães.

A terra tremia; os vidros das janelas estremeciam; os canos das peças vomitavam relâmpagos; ninguém dormia em Varsóvia.

Blam! Blam! Blam! Blam! Eles visavam todas as formas humanas que se recortavam entre os clarões. Blam! Blam!

Blam! Blam! Até nascer o dia.

Depois os Heinkel voltaram para fazer chover mais combustível naquele inferno; o fogo propagava-se de casa para casa, saltava por cima das intersecções, ganhava os quarteirões, uns após outros. A zona pobre de Stawki, superpovoada, consumia-se, o incêndio descia a Rua Zamenhof, subia a Rua Niska, percorria a Rua Mila, a Rua Nalewki, devorava o complexo da fábrica de escovas.

Enormes colunas espiraladas de fumo alongavam-se para o céu, transformando-se em extensas nuvens negras amareladas que ocultavam o Sol e faziam do dia noite. Um aguaceiro de fuligem espessa tombava sobre a cidade, cobria-se com flocos de cinzas. Toda a Varsóvia se tornou horrivelmente cinzenta.

Simon fez descer sucessivamente os grupos dos telhados.

O elemento essencial com que se defendiam ardia sob os seus pés. Os combatentes que os Alemães não tinham conseguido desalojar das suas posições sobranceiras eram agora acoçados pelas chamas incessantes, implacáveis.



A muralha de fogo que descia pela Rua Zamenhof circulou e engoliu o edifício da Administração Civil Judaica, percorreu a Rua Gensia (outrora uma grande artéria comercial de Varsóvia) e a Prisão Pawiak inflamou-se como uma tocha imensa.

Domingo de Páscoa!

Os órgãos ressonantes da catedral soltavam límpidos Acordes como tributo à ressurreição do Filho de Deus. No interior e à entrada de todas as igrejas de Varsóvia grande número de fiéis se ajoelhavam, se persignavam, oravam, recitavam ave-marias, mergulhavam os dedos na água benta.

Meninos do coro, de faces reluzentes, entoavam, em voz de falsete, cânticos à glória de Deus.

As chamas do ghetto aqueciam os devotos e faziam-nos transpirar abundantemente, porém, eles não se lamentavam, pois este era um dia de júbilo.

-Ave Maria, cheia de graça... Mãe de Deus.

Gabriela Rak ajoelhou-se na última fila do grande tabernáculo.

Chorara já todas as suas lágrimas, não lhe restando nenhuma mais para verter. Acessos de tosse rebentaram na catedral, pois um golpe de vento projetara até ao altar baforadas de fumo do ghetto.

Gabriela ergueu os olhos para o Cristo ensanguentado na Cruz. O arcebispo salmodiava rapidamente as preces em latim.

«Oh, meu Deus», murmurou Gabriela, «o meu ódio pelos que me rodeiam não conhece limites. Ajuda-me, meu Deus.

Ajuda-me a não os odiar... Ajuda-me a não os odiar...

Permite que o meu filho viva, suplico-te! É preciso que o meu filho viva, mas sinto medo por causa do meu ódio.

Oh, Jesus... como podes fazer isto ao teu próprio povo?...» Após a saída dos fiéis Gabriela continuou ajoelhada na catedral vazia.

Era um mau dia para um Domingo de Páscoa. Os jardins, o Vístula e todos os outros lugares onde se festejava habitualmente a Ressurreição e a chegada da Primavera não se podiam hoje visitar devido ao maldito incêndio do ghetto. A fuligem enegrecia o

vestuário e o tempo estava sombrio e húmido. Um dia tão maravilhoso que os habitantes de Varsóvia não podiam festejar.

«Oh, Jesus, Jesus, Jesus! Porque os fazes sofrer tanto?», gemia Gabriela. «Ajuda-me, ajuda-me! Ajuda-me a não odiar!» Em atenção a este dia santo, a brigada de bombeiros de Varsóvia lançou jactos de água por cima do muro do ghetto, a fim de que as chamas, que atingiam já o lado sul, não devorassem a Igreja dos Convertidos.

Noite de Páscoa.

O incêndio iluminava o céu, desde a Igreja dos Convertidos, a sul, até à Praça Muranowski, a norte; desde o cemitério, a oeste, até à fábrica de escovas, a leste. Todo o ghetto era um braseiro.

Horst von Epp achava-se, assombrado, diante da janela e observava. Por trás dele, uma jovem nua, pintada da cabeça aos pés, encontrava-se deitada indolentemente na cama. Ele estava embriagado como nunca. Deitou as mãos às cortinas para se equilibrar.

— O fogo é fascinante — declarou a jovem.

— Mas isto não é fogo. É o Inferno... É o Inferno tal e qual o quis o Diabo!

— Horst, sê gentil; fecha as cortinas e volta para a cama.

— Merda!...

Encheu um copo com as mãos trémulas; o álcool transbordou do copo e correu lhe ao longo do braço.

— Saúdo o nosso império milenário! Olha! Olha! Nós viveremos em fogos como aquele durante mil anos! Nós somos malditos!

Horst voltou-se e lançou à jovem um olhar de demente.

— Malditos! Danados!

As sombras das chamas entrecruzavam-se sobre a epiderme da jovem.

— Tu assustas-me — choramingou ela.

— Põe-te a andar, cadela!

Inferno! Inferno! Inferno!

Grossas vigas devoradas pelas chamas tombavam dos telhados para o soalho. Asfixiados, sufocados, cegos, os Judeus

precipitavam-se de rastos para as ruas e, tontos, como dementes, descreviam círculos constantes. Lançavam os filhos pelas janelas, depois seguiam-nos. Eram esmagados pelas paredes que ruíam e ficavam sepultados debaixo dos seus destroços.

Na décima terceira noite da insurreição a artilharia recomeçou a lançar obuses e celebrou a Páscoa à sua maneira.

Os Judeus morriam carbonizados; os seus cadáveres ardiam lentamente até se tornarem irreconhecíveis.

Os Judeus morriam tostados nos Bunkers; lufadas de vento e correntes de ar que desciam como um furacão transformavam-nos em túmulos.

Os Judeus morriam sufocados por nuvens de fumo que lhes rebentavam os pulmões.

Os Judeus saltavam dos seus esconderijos para as condutas e morriam escaldados nas águas em ebulição dos esgotos.

No décimo quinto dia o ghetto ardia.

No décimo sexto dia o ghetto ardia.

No décimo sétimo dia ardia ainda. Colunas de fumo continuavam a rolar para o céu; por vários quilómetros, em todas as direções, tudo era negridão. Esqueletos nus achavam-se de pé, em atitudes de desafio.

Os projetores volviam os focos para os fugitivos; os canhões atroavam; as paredes ainda de pé caíam.

Devido à sua extrema profundidade, o Bunker de Mila 18 evitara o contato direto com o fogo; mas o abrigo era cena de uma tragédia ininterrupta de atrozes agonias.

O calor atingira 65°. Completamente nus, os Judeus tombavam uns sobre os outros devido aos colapsos provocados pela exaustão. A sala Treblinka, que servia de hospital ao sector central, estava repleta de destroços humanos, gemendo, em carne viva. Muitos achavam-se tão queimados que não era possível reconhecê-los. Deborah Bronski e as outras enfermeiras não possuíam bálsamo para as suas feridas e dispunham somente de uma gota de água para lhes humedecer os lábios crestados. Dia e noite, homens e mulheres suplicavam que os matassem para escapar a tantas dores, a tanto sofrimento, mas era preciso poupar as balas, todas as balas.

Os cadáveres dos que morriam eram transportados através da sala Majdanek (a sala das crianças, contígua à conduta) para serem mergulhados nas águas de esgoto; era preciso arranjar espaço para mais agonizantes que desciam do Inferno, acima.

A voz enfraquecia lhe gradualmente, mas tanto de noite como de dia o rabi Solomon recitava, imerso no estupor, o salmo «Eli, Eli.» Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?

Pelo fogo e pela chama eles consomem a nossa raça.

Os nossos povos estão marcados com o estigma da vergonha.

E contudo ninguém se apartou de Ti, Nem de Ti, meu Deus, nem da tua Tora...

No décimo nono dia quase tudo o que podia arder tinha ardido. O fogo deixara de alastrar, abrandara. As vigas de ferro contorceram-se devido ao calor que tinham armazenado.

Era impossível caminhar sobre a calçada. As águas de esgoto, que tinham corrido ebulientes, começaram a refrescar.

E quando, no vigésimo dia, a crepitação das chamas decresceu, os Alemães voltaram para sondar a força do inimigo ; esperavam que a sua tarefa estivesse concluída.

Mas a maior parte dos combatentes viviam ainda e, a despeito do seu sofrimento, não pediam senão que lhes fosse permitido defrontar o inimigo uma vez mais. Rodei e dez homens do seu grupo procuravam, por trás de paredes em ruínas, Bunkers de combatentes, quando os Alemães entraram no ghetto.

Ele escondeu os seus homens por trás de um monte de cascalho calcinado quando viu uma patrulha avançar na sua direção pela Rua Lubecka.

Os Alemães caminhavam cautelosamente, ainda com terror; possuía-os a esperança de que todos os judeus tivessem perecido.

Um oficial designou o monte de cascalho ao soldado que transportava uma metralhadora e ordenou lhe que fosse verificar se não se encontrava ninguém por trás do monturo.

Rodei tinha de tomar uma decisão rápida. Os Alemães tinham vinte homens espalhados na rua. Os combatentes não possuíam uma arma para os atacar. Mas o soldado iria certamente descobri-los se continuasse a avançar. Rodei cerrou os lábios e tateou a pistola.

Os seus olhos fixaram— -se na arma do soldado alemão. Uma bela espingarda metralhadora!

E então reparou no cantil do soldado. Água!

O alemão estava já muito próximo do grupo de Rodei.

— Continuem a coberto — ordenou Rodei em voz baixa.

No mesmo instante, saltou do monte de cascalho.

— Um judeu! — gritou o soldado, surpreendido.

Estas foram as suas últimas palavras. A faca de Rodei retalhou-o. Depois apoderou-se da espingarda-metralhadora, assim como das munições que o alemão trazia, e desviou a patrulha do esconderijo dos seus combatentes.

— A ele!

Os Waffen SS dispararam.

Rodei refugiou-se na carcaça de um prédio. Metade das paredes tinham ruído; a escada estava patente até ao topo do edifício; o andar superior ardia ainda. Ele agachou-se e desferiu uma rajada para dispersar os perseguidores ;

depois começou a subir a escada a descoberto. Uma dezena de alemães precipitaram-se atrás dele; os outros ficaram na rua e começaram a atirar sobre a casa deserta.

Um andar. Dois. Rodei baixou-se e fez fogo sobre os seus perseguidores.

Os combatentes escondidos aproveitaram aquele momento para desaparecer.

Rodei chegou ao último andar. As salas ainda ardiam.

Recuou para um desvão. As chamas crepitavam em redor de si. Os Alemães subiram os degraus e obrigaram-no a sair da sua posição arremessando lhe uma granada, que lhe caiu aos pés. Recuou a cambalear; porém, a espingarda-metralhadora ripostava. E da sua boca jorrou um caudal de pragas. O fogo apanhara lhe a camisa e devorava lhe as costas. Uivando de dor, lançou-se sobre os seus perseguidores, disparando; eles começaram a descer a escada em retirada, atemorizados pelo furor do judeu.

Uma tocha humana cuspiu lhes do patamar da escada.

Não tendo mais munições para a espingarda-metralhadora, puxou da pistola e fez fogo.

Uma bala alemã atingiu-o. Depois, segunda, terceira.

Cambaleou e tombou em chamas do edifício e o seu corpo esmagou-se na calçada. Com os ossos furando lhe a pele, rastejou em direção dos Alemães, disparando a pistola.

No vigésimo dia os Alemães voltaram com detectores de som, soldados de engenharia e cães. Os combatentes, a quem a sede fazia perder a razão, atacaram-nos com uma ira demencial; mas a sorte da guerra pendia irrevogavelmente para o lado do inimigo.

Enquanto o ghetto ardia, o Oberführer Funk traçara um plano meticuloso de extermínio, quarteirão após quarteirão, do que restava do ghetto. Com uma eficiência bem militar, os Alemães instalavam barricadas em volta de um quarteirão, depois invadiam-no casa por casa, sala por sala.

Conseguiram descobrir os Bunkers uns após outros e encontrar gente escondida nos escombros. Uma vez que um Bunker era localizado, os soldados de engenharia faziam-no saltar com dinamite. Às explosões sucediam-se «regas» com lança-chamas e, por fim, os últimos «peritos» inundavam-no com gases asfixiantes.

Os tampões dos esgotos eram abertos em seguida e as condutas recebiam a sua dose de gases. Em breve as águas fétidas arrastavam os cadáveres enredados nas ratoeiras de arame farpado.

No vigésimo primeiro e no vigésimo segundo dia foram invadidos dezenas de Bunkers. Contudo, os arrogantes combatentes judeus prosseguiram nos seus ataques. Os Alemães detestavam enfrentar os combatentes, pois que estes os obrigavam a uma luta de morte.

No vigésimo terceiro dia, cento e cinquenta Bunkers tinham sido metodicamente localizados e limpos.

Os Alemães tentaram então uma nova tática.

Nas intersecções das ruas instalaram bidões de 20 litros de água potável, com pão fresco ao lado, na mira de atrair os sobreviventes famintos e sequiosos. Uma vez que uma criança era capturada, eles torturavam-na diante da mãe a fim de a obrigar a revelar a localização de um Bunker.

Os cães ferozes representavam também o seu papel nesta espécie de confissões e 15 000 judeus semimortos foram

descobertos e conduzidos para a Umschlagplatz no fim do vigésimo terceiro dia.

No vigésimo quarto dia os Alemães estavam certos de ter vencido a mais árdua das suas batalhas e que a resistência dos Judeus chegava ao fim. Durante a noite, Andrei Androwski, cuja missão era reorganizar as Forças Unidas no fim de cada dia, reuniu duzentos e sessenta homens, lançou mão a todo o stock de armas de fogo e esperou pelo inimigo. Dos escombros lançou-se sobre os Alemães com louca audácia e conseguiu pô-los fora do ghetto no decurso de uma série de emboscadas, capturando os bidões com água e os pães frescos, forçando a Porta Gensia e introduzindo-se no sector ariano; uma vez aí, ele e os camaradas apoderaram-se de um pequeno arsenal e arremessaram as armas por cima do muro aos combatentes que as esperavam.

Tinham-se apoderado de víveres, de munições e de água que lhes permitiam encarar uma nova surtida.

No decurso do dia, Sílvia Brandel foi morta quando tentava prestar assistência a um combatente ferido.

A decepção de Funk foi tão grande que, na sua cólera, sacou da pistola e abateu um dos seus oficiais.

— Patrulha alemã por cima!

Mila 18 mantinha-se num silêncio quase absoluto. Deborah Bronski acalmava as vinte crianças que restavam. Os combatentes mal respiravam. Os feridos oravam sem mexer os lábios, para não atraírem os Alemães com os seus gemidos.

Uma hora passou... Duas...

Os Alemães rondavam por cima deles, procurando, em vão, a entrada do quartel-general das Forças Unidas.

Na terceira hora o rabi Solomon começou a dizer as suas orações. Simon Eden quase o estrangulou para o reduzir ao silêncio.

Lá em cima os cães farejavam a Rua Mila nos dois sentidos; os detectores de som tentavam surpreender um grito, um acesso de tosse.

No fim da terceira hora a tensão tornou-se insuportável.

Ao calor acrescentava-se o silêncio. Uns após outros, os sepultados vivos tombavam para a frente, desfalecidos. Christopher

de Monti puxava quase brutalmente os cabelos de Deborah Bronski para evitar que ela adormecesse.

Depois alguém começou a chorar. — Simon, Andrei e Tolek Alterman fizeram calar a golpes de pistola os que choravam para impedir que rebentasse uma explosão de histeria coletiva.

Cinco horas... Seis...

Os que não tinham perdido a consciência desfaleceram quando os Alemães abandonaram a rua.

### Entrada do diário

Amanhã a nossa batalha entrará no seu vigésimo quinto dia. Desejo que a morte me leve. Não posso resistir mais.

Até hoje consegui suportar a tragédia; mas agora Sílvia está morta e Moses acha-se perto do fim. Que teve ele?

Que teve ele?

Os nossos rapazes e as nossas raparigas batem-se furiosamente.

O inimigo não nos pode reivindicar a posse do ghetto. Já não tenho senão um desejo: que Christopher de Monti possa sair do ghetto, pois ele é o único que sabe onde estão enterrados todos os arquivos do Clube dos Bons Amigos.

Nós não podemos correr por mais tempo o risco de o mantermos aqui. Depois da minha infância nunca mais orei numa sinagoga. Tomei até hoje uma posição de conveniência intitulado-me de agnóstico. Não tive de me submeter, portanto, à hipocrisia do dogma; mas, por outro lado, isso evitou que me expusesse a dizer que sou um ateu e que não acredito em Deus. Sim, uma verdadeira posição de conveniência. Agora peço a Deus que me prove a Sua existência.

Peço lhe que deixe sobreviver Christopher de Monti, a fim de que esta história não pereça.

*Alexander Brandel*



## CAPÍTULO XIX

Andrei fez rolar a língua nos dentes empastados da poeira e lançou um olhar para lá do monte de entulho. Diante dele, a Praça Muranowski estava iluminada com luzes em arco.

Parecia estar-se em pleno dia. «Esta vida noturna está a matar-me», pensou Andrei. Não via possibilidade de penetrar no Bunker pela entrada da Praça Muranowski. Havia pelo menos duas companhias de alemães na praça. Coçou a barba. «É preciso lembrar a Simon que me barbeie amanhã.

Diante do espelho tenho o ar de um verdadeiro bandido.

A propósito, ainda lhe devo uma barba.» Andrei acariciou a pistola-metralhadora Gaby e calculou os seus recursos. Possuía apenas um carregador de vinte balas e uma granada. «Pobre Gaby», pensou Andrei, «nem sequer te posso mais limpar! Não tenho óleo. As tuas pequenas e belas miras estão enferrujadas. Perdoa-me, Gaby, mas não podemos atacar sozinhos esta centena de marafonas.» «Bem, eles não se mexem, Gaby; penso que é melhor pormo-nos a andar, pois sinto-me cansado. Gostaria de poder lavar os dentes ainda uma vez antes de morrer.» Todas as noites, após o começo da insurreição, Andrei inspecionava as posições das Forças Unidas e comunicava lhes as ordens para o dia seguinte. Nos primeiros dias, quando os Alemães eram expulsos do ghetto, a tarefa não se mostrava difícil. Ele podia deslocar-se, ereto, sem ter necessidade de se agachar, acompanhado pelos agentes de ligação. Durante os incêndios essa missão constituía um pesadelo. As chamas saltavam, as paredes ruíam... e aqueles malditos obuses...

Presentemente as comunicações entre os Bunkers achavam-se praticamente interrompidas. Dois dias antes Simon encarregara-o de transmitir a seguinte ordem: cada grupo deve constituir-se uma formação autónoma, agir e improvisar no seu sector conforme as circunstâncias o exigirem.

A cada comandante era dada carta branca para organizar e conduzir ataques-surpresa e — o que era mais urgente procurar

viveres, munições e medicamentos para prosseguir a luta.

Todas as noites Andrei deixava Mila 18 a fim de reagrupar um exército cujos efetivos diminuía constantemente.

Os Alemães mostravam-se agora mais ousados. As suas patrulhas noturnas aumentavam. Andrei precisava de quase uma noite para encontrar os seus companheiros dispersos, embora a área a que se limitavam fosse cada vez mais pequena. Mal se dava um passo, as precauções redobravam. Os Alemães ocupavam a extremidade sul do ghetto, e Agora, que dominavam a Praça Muranowski, tinham um pé no sector norte. Em artérias como Zamenhof e Gensia eles tinham estabelecido posições permanentes, em redor das quais se movimentavam expeditamente.

Os combatentes reduziram o seu campo de ação. Dois Bunkers que continham metade dos seus efetivos constituía os limites extremos. De um lado, Mila 18; do outro, o abrigo da Rua Franciskanska, sob o comando de Wolf Brandel.

Entre estes dois Bunkers desdobrava-se uma rede complicada de uma dezena de abrigos subterrâneos mais pequenos, onde se achavam alojadas duzentas pessoas.

A companhia de Ana recuou para o abrigo da Rua Franciskanska. Tolek Alterman abandonou Mila 18 a fim de substituir Rodei e tomar o comando dos pequenos Bunkers da orla norte.

Esta noite Andrei conseguira renovar o contato entre eles.

Um mês chegava ao seu termo. Era um milagre; mais de metade dos combatentes das Forças Unidas encontravam-se vivos e armados. Tinham-se apropriado do suficiente para manter a rebelião ativa no segundo mês!

«Putos nojentos!», grunhiu Andrei ao aperceber-se de que os Alemães dominavam por completo a Praça Muranowski. E encarou a possibilidade de um ataque de surpresa contra este posto para a noite seguinte. Sentia-se, porém, muito cansado. Deixou o seu esconderijo e desceu, agachado, por trás de montões de entulho, a Rua Nalewki introduzindo-se por entre um puzzle de paredes ruídas. Mexia-se com a agilidade de um grande gato que brincava com as sombras. Movia-se célere, a fim de descobrir, entre as seis entradas

do Bunker de Mila 18, aquela que estaria ao abrigo dos olhares dos Alemães.

Na entrada da Praça Muranowski, nessa, nem podia pensar. A canalização de Nalewki 39 achava-se bem próxima do local onde os Alemães concentravam as suas atividades. Portanto, não se podia arriscar por aí também.

Dirigiu-se para a terceira entrada; o que fora o pátio das traseiras de uma casa da Rua Kupiecka possuía um túnel que conduzia a um abrigo antiaéreo. Andrei lançou um olhar para o abrigo. O caminho parecia desimpedido. Porém, subitamente, franziu as sobrancelhas.

Deu-se conta de que existia algo que contrariava os seus intentos.

Os olhos de Andrei eram capazes de devassar as trevas, como os de um gato, quando circulava de noite. Distinguiu capacetes alemães. Os nazis achavam-se emboscados num reduto qualquer para lá do pátio. Tinham os olhos postos na Rua Mila e achavam-se com as costas voltadas para Andrei.

Andrei fez os seus cálculos. Se corresse para o túnel de entrada do abrigo antiaéreo, provavelmente não reparariam em si. Mas devia, fosse qual fosse o preço, evitar o risco de permitir aos Alemães descobrir um acesso a Mila 18.

Tinha então de escolher entre a quarta entrada, na Rua Zamenhof, e os esgotos. Nenhuma destas soluções o atraía.

A Rua Zamenhof estaria repleta de alemães e as condutas eram perigosas. Decidiu ir olhar mais de perto os alemães que se achavam um pouco adiante.

De rastos, meteu pelo pátio e avançou em direção ao inimigo. Verificou que se tratava de um grupo de seis homens reunidos por trás de uma espécie de barricada, constituída por tijolos caídos, que dominava uma parte da Rua Mila.

Estudou a área em redor deles. À sua direita, uma casa parcialmente de pé. Andrei calculou que, se pudesse atingir a estrutura semi intacta, ficaria mesmo sobre eles; contudo, se continuasse a avançar para lá da posição em que presentemente se encontrava, os seus movimentos seriam notados.

Procurou um tijolo e lançou-o para a esquerda. A queda sobre o entulho provocou um certo ruído.

— Que barulho foi aquele?

Os Alemães voltaram uma metralhadora para o monte de destroços.

Rat-a-tat! Rat-a-tat!

Andrei lançou-se numa corrida desenfreada na direção oposta. Aterrou de barriga na casa meio em ruínas e começou a sua escalada; entretanto, os Alemães continuavam a ocupar-se do monte de entulho.

— Não dispares mais. Foi um tijolo que caiu — ordenou uma voz.

— Sim. Não estejas tão nervoso! — acrescentou outra.

Os Alemães desataram a rir.

Agora Andrei encontrava-se numa posição sobranceira.

Debruçou-se para contar os capacetes. Quatro... cinco, seis. «Bastardos! Marafonas!» Os nazis tinham instalado uma metralhadora a fim de manter parte da Rua Mila sob o alcance das suas balas. «Marafonas imundas!» Andrei lançou lhes um olhar de revés. Exército regular. Wehrmacht.

Eles tinham menos desejo de morrer heróis do que os SS. A posição onde se achavam era bem estúpida. Que imprudência terem-se instalado lá sem cobertura de flanco!...

«Ora, vou lhes ensinar o ofício de soldado. Tolice; eles não poderão aproveitar os benefícios da minha lição!

Olhem-me para estes idiotas: todos em monte como se se encontrassem numa reunião, na presença de Hitler. Que encantador!» Andrei despreendeu a granada do cinto, colocou o cabo entre os dentes e, com as mãos livres, meteu o carregador na metralhadora. «Agora, Gaby, não sejas desmancha-prazeres e cola-te bem a mim.» Calculou os seus gestos. «Tenho de os atingir o mais rapidamente possível. Infelizmente, a minha granada vai dar cabo da metralhadora deles. Vou lançá-la contra o gordo e, com a Gaby, encarregar-me-ei dos três da direita. Não te esqueças, Andrei... Primeiro apodera-te das pistolas e das espingardas. Em seguida tira lhes as cartucheiras, depois os cantis. Um, dois, três,

quatro: pistolas, espingardas, munições, água...» Voltou-se para contemplar o abrigo antiaéreo. Uma corrida de 25 metros. «Em meio minuto farás tudo. Vamos, então...» Retirou a espoleta à granada, colocou firme a pistola-metralhadora, contou... um... dois... três... e lançou a granada contra o soldado gordo, que se achava à esquerda.

Gritos de espanto. Um clarão. Homens com as mãos nas caras dilaceradas!

Andrei contou... um... dois... três... quatro, enquanto os estilhaços da granada concluía a obra. E saltou.

Bem direito, a 6 metros, lançou a sua fúria contra os Alemães, que se contorciam. A Gaby cuspiu uma chama azul sobre os três soldados que se encontravam à direita da metralhadora; estes não se mexeram mais. Mas a Gaby encravou-se antes que ele a pudesse voltar para os três restantes.

Um alemão gemia sob a metralhadora; um outro, ferido, saltou, uivando, para a Rua Mila -Judeus! Judeus! Socorro! Socorro!

O último soldado, que tinha sido projetado contra a parede, levantou-se penosamente. Andrei puxou o gatilho, mas nada. O soldado sacou da pistola. Andrei serviu-se da metralhadora como se fora um porrete. O inimigo perdera o capacete; assim, o golpe que recebeu atordoou-o de tal maneira que disparou a pistola ao acaso. Andrei vibrou lhe um soco violento na boca, quebrando lhe os queixos. Um bom pontapé no baixo ventre fez tombar o alemão sobre os joelhos. Para terminar, Andrei desferiu lhe, com a quina da mão, um golpe seco no pescoço e acabou-o.

O soldado ferido arrastou-se em direção da pistola.

A bota de Andrei apanhou-o pelo queixo e fê-lo imobilizar-se.

Passara meio minuto.

«Vamos, rápido! As pistolas, as espingardas, as munições, a água... Mas onde está aquela maldita espingarda?

Não a encontro.» Ruídos produzidos por botas fizeram-se ouvir nas duas extremidades da Rua Mila. Andrei tentou voltar a metralhadora para as visitas, mas a granada havia-a danificado.

Bem, não os podia acolher com a devida cortesia.

Saltou para fora dos destroços e correu para o abrigo antiaéreo. Daí a momentos entrava em Mila 18, pelo acesso secreto.

— Mas onde diabo tens tu estado? — interrogou-o Simon com um tom de voz onde se misturavam a cólera e o alívio.

Andrei encolheu os ombros.

— Não se circula por aqui com a rapidez que se deseja.

Então, Simon reparou nas armas, nas cartucheiras e nos cantis que Andrei trouxera consigo.

— Que se passou?

— Nada de interessante. Uma operação de rotina!

Andrei bebeu dois goles de água, retirou munições suficientes para encher três carregadores e entregou o resto a Simon, rosnando que bem precisava de um pouco de óleo para lubrificar a Schmeisser.

Depois de dar a Deborah boas notícias de Rachel, foi comunicar a Alex que Wolf se encontrava bem; em seguida subiu com Simon ao rés-do-chão e instalaram-se num pequeno compartimento onde, durante a noite, se sentiam em segurança; aí, fizeram um novo inventário das suas forças.

Ainda contavam com mais de trezentos combatentes, mas o círculo em volta dos Bunkers ia-se apertando cada vez mais. Possuíam víveres e água suficientes para se aguentarem ainda durante cinco ou seis dias. E munições? Se tivessem de fazer face a um ataque mais sério, esgotariam o seu stock. Que fazer quando não possuíssem já munições?

Cavarem mais profundamente no solo e esconderem-se?

Suicidarem-se? Não se pensava na eventualidade de uma rendição. De modo nenhum. Tentar a fuga ou baterem-se de mãos nuas.

— Moritz Katz talvez nos traga munições — disse Simon, insinuando uma réstia de esperança contra toda a esperança.

— Se ele nos trazer umas duzentas cargas, quero que faças uma incursão sobre a Porta Przebieg. Encontra-se lá uma cozinha de campanha e uma reserva de armas destinadas aos soldados da Praça Muranowski.

Andrei estendeu-se no soalho.

— A Porta Przebieg... Boa ideia. Mãe Santíssima, preciso de dormir um pouco. Amanhã tens de me barbear, Simon. A minha cara

está repelente... Acorda-me ao romper do dia.

Andrei teve a impressão de que mal fechara os olhos quando sentiu um golpe seco contra as solas das botas. Ele e a metralhadora acordaram no mesmo instante. Simon estava debruçado sobre ele. Andrei retirou o dedo do gatilho.

— Que... diabo... Simon!... Ainda não são horas de levantar!...

Depois esfregou vigorosamente os olhos e deu-se conta de que Alex se achava ao lado de Simon. Andrei levantou-se sobre um cotovelo.

— Que há?

— Moritz e dois contrabandistas foram capturados perto da entrada da Rua Kupiecka. Conduziram-nos vivos.

Andrei ficou bem desperto ao ouvir esta notícia.

— Acho melhor que comecemos a mudar os combatentes para os Bunkers de Tolek.

— Não! — respondeu Simon. — A Rua Mila é um formigueiro de alemães. É impossível deslocarmo-nos daqui.

Não temos mexido nem um dedo durante toda a noite.

Receio que haja a qualquer instante uma explosão de histeria coletiva.

— De Monti — disse Andrei.

— Tens razão — respondeu Alex. — Devemos fazer sair de cá imediatamente Christopher de Monti.

— Recebeste notícias do sector ariano? Alguma palavra de Gabriela?

— Não. Mas não podemos esperar mais. Os Alemães já estão com o faro sobre Mila 18. Queria que conduzisses Chris para o Bunker de Wolf. Tentaremos pôr-nos em contato com o sector ariano a fim de lá se descobrir com urgência um esconderijo para ele.

— Que horas são?

— Quase cinco.

— Não é seguro conduzi-lo daqui em pleno dia!

— Penso que não temos outra solução. Andrei...

Andrei aprovou com um movimento da cabeça.

— Leva-o lá e volta ao nosso Bunker.

Andrei estava já de pé.

Chris e Deborah encontravam-se à entrada do túnel que, pela sala Auschwitz, conduzia à Rua Nalewki. No interior do túnel, um pouco mais longe, Andrei fora verificar se não havia alemães perto da saída. Chris colocou a sua pistola na cintura, agitou em redor, por duas vezes, o foco da pilha eléctrica, ajoelhou-se e apertou os trapos que lhe envolviam os pés, a fim de fazer menos ruído ao caminhar.

Depois, não tendo mais nada que verificar, voltou-se para Deborah e procurou o seu rosto na semiobscuridade.

— É tão terrível, tão terrivelmente estranho — disse com voz trémula -, que esperemos um momento e o temamos.

Tememo-lo em cada minuto da vida, dia e noite. E agora, ei-lo, e em certo sentido, sinto-me quase contente... Quase mais vale suportar o suplício que viver na tensão da espera.

— Sempre acreditei... — disse Deborah, os dedos, palpando o rosto de Chris, para lhe afagar o contorno dos lábios e o queixo -...sempre acreditei que serias capaz deste momento.

— Oh, meu Deus, Deborah... Ajuda-me!... Ajuda-me!...

— Sempre acreditei que serias capaz de tomar a boa decisão. Chris... Chris... tu deves...

A frase acabou num suspiro profundo e dolorido.

— A cólera que sinto contra eles é quase tão grande como o amor que sinto por ti. Em cada dia e em cada noite decorei os lugares onde os arquivos estão enterrados.

Não conhecerei mais um instante de paz antes de os desenterrar, de os brandir à face do mundo para que o mundo os veja e os leia. Não terei um momento de repouso, Deborah...

É como um ferro em brasa que me cauterize a alma...

Sentiam-se muito próximos um do outro e, com grande doçura, enlaçaram-se.

— Obrigado por tudo — disse Chris.

— Obrigada pela vida... — murmurou ela.

Ouviram o ruído leve das botas de Andrei, também envolvidas em trapos, ao aproximar-se. Estreitaram-se desesperadamente.

Andrei aclarou a garganta.

Arfando, Deborah escapou-se dos braços de Chris e cravou os dentes na sua própria mão. Chris envolveu-a de novo nos braços,



mas ela tentou furtar-se lhe mais uma vez para não sucumbir.

— Temos de partir! — disse Andrei com voz firme.

Chris retinha-a ainda.

— Vai! — gritou ela. — Vai, suplico-te!

— Senhor! — gemeu Chris.

— Temos de partir! — repetiu Andrei.

Ele separou os braços de Chris do corpo de Deborah, que correu para a sala Auschwitz do Bunker. Chris quis segui-la, mas Andrei envolveu-o pela cintura e manteve-o apertado como num torno.

— Calma, Chris!

Chris sucumbiu; enterrou a cabeça no peito de Andrei.

— Calma... calma — disse Andrei, e conduziu o amigo para a saída do túnel.

Era quase dia lá fora. Depois de perscrutarem em redor do pátio de Nalewki 39 deram uma corrida a fim de procurarem abrigo. À volta deles, alguns focos de incêndio continuavam ainda a crepitar. Ouviram o fragor produzido por vários camiões que se reuniam na Praça Muranowski.

Com alguns gestos, Andrei fez compreender a Chris que deviam atingir, sem serem vistos, a intersecção das Ruas Nalewki e Gensia. As poucas paredes que ainda estavam de pé, buracos produzidos por obuses e grandes montes de entulho permitiram lhe chegar à intersecção.

Lá o perigo era maior. Tratava-se de um grande cruzamento, muito próximo dos escombros da fábrica de escovas.

O movimento era apreciável e certo número de patrulhas circulavam pelas redondezas. Atravessar a rua sem serem notados parecia impossível.

Andrei avançou alguns metros, agachado, e depois fez sinal a Chris para que o seguisse; tornou a avançar, de rastos, e fez novo aceno a Chris.

Percorreram assim 50 metros em duas horas.

Blam! Blam! Blam! Blam!

Estenderam-se de borco até passar uma companhia alemã. As botas dos soldados pareciam passar a centímetros do local onde se

encontravam abrigados. A algumas dezenas de metros mais ao norte, os Alemães tinham descoberto um Bunker de civis. Um rapazinho esquelético e duas pequenitas que não tinham mais de 6 anos saíram de rastros de um monte de tijolos e levantaram-se, com as mãos no ar. Ficaram a tremer de pavor diante das espingardas e das baionetas dos soldados, encantados com a sua descoberta. Um oficial ordenou às crianças que erguessem mais as mãos, para poder fotografar os seus «prisoneiros» em melhores condições.

Os cães rondavam o sector; os detectores de som continuavam as suas pesquisas.

Permanecer por terra? Sair dali? A Andrei não agradava a posição que ocupavam. O único abrigo que podiam encontrar ficava para lá da Rua Nalewki. Os Alemães avançavam em leque; não tardaria que estivessem sobre eles.

Andrei beliscou Chris e apontou para um buraco de obus a alguns metros de distância.

Andrei rastejou na sua direção com grandes precauções.

O fundo estava coberto de lascas de madeira, lama e detritos. Mergulhou nele com a cabeça para a frente e ficou 2 metros abaixo do nível da rua; Chris saltou e caiu ao lado do amigo. Cobriram-se com os pedaços de madeira calcinada e imobilizaram-se.

Decorreu uma hora. Os ruídos produzidos pelo inimigo que se agitava na rua não cessaram.

Grrrrrrr! Grrrrrrr!

Ouviram as patas e as unhas de um cão que esgaravatava a terra; o animal rosnava.

— Que vês tu, Schnitzel? — disse um soldado.

— Sentes judeus lá em baixo, Schnitzel, meu rapaz?

Eu não vejo nada!

O soldado soltou a trela do cão, que se deixou escorregar pelo buraco, ficando mesmo por cima de Chris e de Andrei.

O animal meteu o focinho entre os pedaços de madeira e farejou. Chris sentiu no rosto as narinas húmidas do cão, que abriu a goela e lhe roçou a garganta com os dentes.

— Schnitzel! Sobe, meu pequeno!

O cão afastou-se dos dois corpos enterrados. O soldado colocou-lhe novamente a trela, ajoelhou-se ante o buraco e examinou-o. Depois chamou outro soldado.

— Schnitzel fareja judeus ali em baixo. Vês alguma coisa?

— Não... Espera! Aquilo não parece a mão de um homem?

— Onde?

— Ali, na lama.

— Ah, sim! Distingo-a agora.

— Devem estar mortos.

— Bem, certifiquemo-nos. Recua. Vou lançar uma granada.

A granada rolou lentamente pelo buraco.

Andrei levantou a cabeça, pegou na granada num movimento rápido como um relâmpago e arremessou-a para fora.

Blam!

Os cães uivaram.

Mexe-te, Chris! Corre!

## CAPITULO XX

Os Alemães estavam em Mila 18; achavam-se mesmo por cima do Bunker e derrubavam tudo o que se lhes deparava, tentando encontrar a entrada do abrigo.

Na catacumba escura, os judeus escondidos ouviam ordens secas, o ressoar das botas, os golpes de machada.

Simon Eden deslizou do leito para o soalho. A cama rangia muito e podia ouvir-se em cima. Encostou as costas contra a parede suja e os seus olhos sombrios, olheirentos, fixaram-se no teto. Alex estava sentado com as costas apoiadas na parede oposta, dobrado em dois devido à tensão que o possuía, ao esgotamento e ao desgosto provocado pela morte da mulher.

Enfezado, pálido como um lírio, o pequeno Moses, que passara a maior parte da sua vida no silêncio, estava mudo, quedo.

Durante cinco horas o inimigo fez ronda a Mila 18.

No meio desta interminável agonia os judeus escondidos tentavam respirar sem ruído, reprimir as pulsações do coração, pois os detectores de som surpreendiam imediatamente o menor indício de vida. Alex levantou a cabeça apenas o suficiente para consultar o relógio. Ainda faltavam três horas para a noite cair.

Oh, Senhor!... E depois? Contudo, quando a noite caísse, encontrar-se-iam encerrados neste túmulo, no seu último túmulo... Quatrocentos pulmões arfavam para aspirar a sua magra ração de ar. Quatrocentos condenados... mudos, suados, seminus, semimortos.

Os sessenta combatentes que tinham sobrevivido possuíam ainda suficientes reservas de furor para lançar um último gesto de desafio.

Simon tentava raciocinar. Era difícil continuar assim por mais tempo. As condutas estavam cheias de cadáveres de gaseados. Do outro lado do muro nenhuma porta se abriria para os recolher. «Estamos acabados, definitivamente.

Porque não reunir os meus combatentes e lançar um último ataque? Mas que aconteceria às crianças e aos civis se subíssemos? Que lhes aconteceria?» De uma maneira ou de outra, o dia do julgamento final estava próximo. «Bem, Simon, tens de escolher!», disse para consigo. Permitir que fossem assados vivos nesta catacumba ou fazerem-se acompanhar na morte por mais alguns inimigos?

Por cima deles cessaram os ruídos. Nesse instante o coração de todos os que se encontravam no Bunker parou também. Esperaram... um minuto... dois... três...

— Eles partiram — murmurou Alex numa voz branda, imperceptível quase. — Partiram... Crês que Chris e Andrei conseguiram chegar ao abrigo de Wolf?

Simon não ouviu Alex; sentia no estômago uma amarga náusea provocada pela cólera. Logo que Andrei voltasse dividiriam as suas forças em dois grupos. Ele tomaria o comando de um e Andrei o comando de outro. Lançariam a sua última granada, disparariam a sua última bala num ataque suicida. Malditos Alemães! Bestas imundas! Bestas imundas!

Deborah Bronski surgiu na cela. Eles tinham aprendido a conversar e a compreender-se por meio de simples murmúrios.

— Poderei fazer subir as crianças esta noite? Há dois dias que estão deitadas imóveis, sem fazer um ruído, sem proferir uma palavra. Elas precisam de um pouco de ar... de um pouco de água...

Simon estava longe, desprendido, indiferente. Alex e Deborah tentaram falar-lhe, mas ele encontrava-se encerrado no seu universo um pouco fluido de logística, tentando organizar um ataque com facas contra canhões.

— Simon, não o faças! — suplicou Alex. — Não faças o que tens em mente.

— Pelo menos, morreremos com os olhos postos no Céu! — respondeu Simon.

O quartel-general de campanha do Oberführer Alfred Funk encontrava-se na cidadela, a poucas centenas de metros das portas do lado norte do ghetto. Há alguns dias que concentrava a sua obsessão doentia num plano destinado a fazer ir pelos ares o sector

central; no seu mapa estavam indicados os pontos onde tinham sido detectados os ruídos na Rua Mila. Os detectores revelavam a presença de alguns túneis, todos na proximidade do centro do bloco. Funk sabia que eles conduziam ao principal Bunker dos Judeus.

Duas entradas tinham sido localizadas. Uma, num abrigo antiaéreo na Rua Kupiecka; a outra, numa casa da Praça Muranowski. Mas não podia lançar ainda o assalto com que sonhava, pois era mais que certo haver ainda três ou quatro entradas; se o fizesse, os judeus podiam escapar-se ou esconder-se noutros subterrâneos.

Um grosso risco de lápis negro, gorduroso, circulava as casas situadas entre o 16 e o 22 da Rua Mila.

Funk dirigiu-se para a janela do 2.º andar e contemplou a sua obra. A maior parte do ghetto estava arrasada. Os soldados de engenharia dinamitavam sistematicamente todos os edifícios, uns após outros, a fim de fazer sair os judeus que se haviam escondido nas caves ou nos abrigos subterrâneos.

Nos últimos dias tinham-se verificado progressos apreciáveis. Depois do desencadeamento da ação final, mais de 20 000 judeus puderam ser conduzidos para a Umschlagplatz. 5000 eram dados como mortos. E quantos carbonizados ou gaseados? Seria impossível fornecer um número preciso, mas as cifras que se possuíam indicavam que a vitória sobre o exército invisível dos Judeus estava próxima. Contudo, Funk, não se podia arriscar a proclamá-la antes de ser descoberto o Bunker da Rua Mila.

O Oberführer desejava ardentemente que o abrigo fosse descoberto o mais cedo possível, pois a rebelião não tardaria a entrar no seu segundo mês, o que seria mau, muito mau. O exército do interior fora encorajado pela insurreição judaica: uma agitação nos países ocupados poderia ser considerada o resultado direto desta rebelião. Era preciso acabar com ela antes que se escoasse o primeiro mês.

Bateram à porta.

— Entre!...

Um jovem e ardente oficial das Waffen SS de Trawniki irrompeu pela sala e uniu os calcanhares; foi incapaz de conter a sua

grande alegria.

— Heil Hitler! — gritou o Untersturmführer Manfred Plank.

— Heil Hitler! — rosnou Funk.

— Herr Oberführer! Estamos certos de ter localizado uma outra entrada do grande Bunker dos Judeus!

— Ya?

— Jawohl!...

Funk mostrou o mapa ao oficial. O jovem Plank retirou o boné e colocou-o sobre o braço esquerdo; o seu dedo indicador pousou em Nalewki 39.

— Aqui descobrimos uma conduta, que segue nesta direção... Assim... À semelhança do túnel da Praça Muranowski e do túnel da Rua Kupiecka, ela converge sobre o mesmo ponto... aqui...

— Mila 18.

— Creio que descobrimos também a posição do Bunker na própria Mila 18. Um grande forno removível, colocado no rés-do-chão da casa, que ainda se mantém de pé, parece-nos extremamente suspeito. Mas não quisemos prosseguir a ação antes de termos recebido as suas ordens pessoais, Herr Oberführer.

Funk esfregou as mãos.

— Quatro possíveis entradas. Bom.

Alguns instantes mais tarde o Oberführer Alfred Funk reavivou o ânimo dos soldados alemães ao fazer a sua aparição no ghetto. Escortado por dois esquadrões de guardas nazis munidos de espingardas-metralhadoras, dirigiu-se com o exuberante Untersturmführer Plank para um local onde "outrora se erguera um edifício que agora não passava de um montão de escombros. Manfred Plank mostrou-lhe o ponto onde fora descoberta a conduta de escoamento.

— Descemos uma vintena de metros. Neste ponto a conduta torna-se um túnel e obliqua em direção de Mila 18.

Funk consultou o relógio. Dispunha ainda de duas horas e meia de luz do dia.

Um carro do Estado-Maior que se encontrava junto da Porta Przebieg conduziu-o velozmente, através da cidade ao edifício da Gestapo, situado na Rua Shucha. Gunther Sauer achava-se de

péssimo humor. O seu cão Fritzie tinha uma catarata e estava quase cego. Além disso, a mulher escrevera lhe queixando-se de novas restrições de manteiga e carne na Alemanha.

E agora este Funk. A gente dos SS era impossível. O que se aproveitava em Himmler era o seu amor pelos animais.

O pobre Himmler!... Ele não podia ver sofrer um cão.

Himmler confidenciara lhe tal fato num dia em que Sauer o conduziu a Treblinka para assistir a uma gaseagem.

Himmler detestava Goering, que se mostrava cruel para com os animais. ' Sauer fez a Fritzie uma carícia afetuosa na cabeça antes de erguer os olhos para Alfred Funk, a quem dirigiu a sua habitual expressão de avozinho.

— Quero ver os três judeus do Bunker. O Moritz Katz os outros. — Ah, sim!

— Localizámos três entradas do seu precioso Bunker, Colocados diante destes fatos, talvez falem.

Sauer abriu uma gaveta e deu uma guloseima ao cão.

— Não os poderá ver — disse.

— E porque não?

— Estão mortos. Tentei fazê-los falar. Entreguei-os aos cães a noite passada. Vamos, Fritzie... meu pequeno... meu pequeno...

— Simon, vem depressa! ' Éden dirigiu-se rapidamente para o corredor obscuro.

Alex afastou a cortina da cela do rabi Solomon. O último médico do ghetto debruçava-se, ajoelhado, sobre o corpo prostrado do ancião. O rabi não era mais do que um leve saco de ossos. Tinha os olhos abertos e dir-se-ia um Elias desafiando para combate os maus sacerdotes de Jezebel.

Os seus dedos ossudos estavam fechados sobre os rolos da Tora.

Simon ergueu o corpo e pousou-o no leito, fechou os olhos do rabi e lançou um olhar interrogativo ao médico.

— Não me pergunte de que morreu ele. De velhice, de falta de ar... os desgostos... quem sabe?

— Na noite passada o rabi disse-me que morreria hoje — declarou Alex.



— E que mais disse ele? — perguntou Simon com uma voz breve e seca. — Que combater os tiranos era honrar Deus?

— Não... de fato, disse-me que quisera, como o rei David, ter uma jovem que lhe aquecesse o leito.

Simon voltou-se e dirigiu-se para o corredor. Gritou :

— Combatentes, reuni-vos! Vamos subir para um ataque.

— Combatentes, reuni-vos!

— Combatentes, reuni-vos!

Um grito horrível irrompeu do arsenal, na sala Chelmno, seguido da explosão das munições armazenadas.

O corpo de Jules Schlosberg foi projetado no corredor.

— Os Alemães!

Simon precipitou-se por cima dos corpos dos civis, aturdidos, transtornados, e chegou à esquina do corredor. No Bunker reinava um pânico indescritível. Éden correu para a sala Belzec, onde estavam alojados mais de metade dos combatentes. Um clarão ofuscante esquadrinhava a entrada secreta do subterrâneo que conduzia à Rua Kupiecka.

— Os Alemães!

— Juden! Raus! — ordenou uma voz da outra extremidade do túnel.

Simon mergulhou no corredor e dirigiu-se para a sala Auschwitz. Do túnel que terminava na Praça Muranowski emergia um outro clarão.

Uma multidão de judeus, gritando, gemendo, derrubando tudo o que se opunha à sua passagem, destacou-se da coluna de formigas que se acotovelavam para avançar nos subterrâneos.

Simon e os combatentes utilizaram as coronhas das pistolas e os porretes para os fazer recuar e emudecer.

Simon foi projetado contra uma parede. Uma dezena deles forçou a porta da sala Auschwitz e meteu pelo túnel.

— Rendemo-nos! — gritavam.

Rat-a-tat! Uma metralhadora alemã ceifou-os.

Simon serviu-se das mãos e dos pés para chegar à sala Majdanek, onde uma dúzia de combatentes tinham já bloqueado a entrada a fim de evitar que as crianças fossem calcadas.

Simon confiou a sua pilha eléctrica a Deborah e derrubou os tijolos que conduziam à conduta. Depois introduziu a cabeça no esgoto e esquadrinhou aquela com o foco da pilha. Não deu pela presença de alemães, mas nuvens de gás flutuavam nos dois sentidos.

Auxiliados por Alex e por uma dezena de combatentes que constituíram uma cadeia, através do Kanal, em direcção a Mila 19, Simon e Deborah fizeram sair as crianças, uma por uma, e conduziram-nas para o velho Bunker do outro lado do Kanal. Algumas foram levadas pelas águas. Outras, dobradas em duas, sufocadas, cegas, deixaram-se envolver pelas nuvens de gás.

À porta da sala Majdanek, gente enlouquecida procurava forçar a barragem formada pelas baionetas dos combatentes, a fim de se confiar à ilusória segurança dos esgotos pestilentos e peçados de mortos.

— Contenham a respiração, meus filhos! Mergulhai a cabeça na água! Conservai os olhos fechados!

As metralhadoras alemãs postadas às entradas abatiam os civis que fugiam. Depois os gases asfixiantes e os jactos de chamas devoraram o pouco oxigénio que restava em Mila 18; o Bunker tornou-se uma imensa câmara de gás, onde sufocava uma mole gemebunda, enlouquecida e condenada.

## CAPÍTULO XXI

Chris e Andrei passaram, imóveis, o resto do dia no 1.º andar da carcaça de uma casa; daí assistiram à progressão metódica dos Alemães, que, metro a metro, desenterravam os destroços humanos dos seus abrigos. Os Alemães localizavam agora os Bunkers com mais rapidez. Seres que morriam de sede, obrigados a viver por muitos dias num silêncio absoluto, acabaram por sucumbir à tentação de tornar a ver a luz do dia.

Por vezes, ao crepúsculo, havia uma pausa: os Alemães retiravam as suas tropas do ghetto, para proceder, mercê dos obuses da artilharia, à demolição das paredes que ainda estavam de pé. ,.

Andrei aproveitou esta breve acalmia para a corrida final em direção do Bunker da Rua Franciskanska. Sempre gostara de visitar Wolf, pois o Bunker do jovem oferecia regularmente uma atmosfera de danças, cantos, gracejos.

Mas não esta noite.

Quando Chris e Andrei chegaram, Wolf, Rachel e Ana estavam sentados, os olhos vítreos, no soalho da sala grande. Andrei observou a cena. Não se encontravam presentes mais do que uma vintena de combatentes. Pareciam estar somente semiconscientes. Ninguém se mexeu ou proferiu uma palavra para acolher os recém-chegados. A entrada do Bunker não estava guardada.

A cabeça de Wolf pendia entre os joelhos levantados ;

Rachel achava-se deitada no soalho, ao lado dele, a cabeça pousada no ventre de Wolf. Ana ergueu os olhos por um momento, reconheceu vagamente Andrei e tombou prostrada.

— Que se passa? — perguntou Andrei.

Ninguém respondeu.

Andrei voltou-se para Ana. Afligia-o fitá-la presentemente.

A mulher alta, bela, de formas arredondadas, que fora Ana, já não existia. Estava gasta, era uma ruína.

— Ana! Que se passa?

Ana fungou e murmurou palavras incoerentes.

— A mãezinha... o paizinho... a mãezinha... o paizinho...

— choramingava uma jovem combatente. — Mãezinha, não tarda que me junte a ti.

Andrei voltou-se bruscamente; por toda a sala só via mortos-vivos.

Debruçou-se sobre Wolf, fincou-lhe as mãos nos ombros e pô-lo de pé. Wolf oscilou como uma boneca de trapos nas mãos de Andrei, que o sacudia. O jovem entreabriu os olhos.

— Um gambito de louco — murmurou ele. — Um gambito de louco... um gambito de louco.

As mãos de Andrei soltaram Wolf, que caiu por terra e rolou sobre o soalho. O jovem mexeu os lábios, sequiosos.

Rachel pegou no cantil e voltou-o. Nem uma gota. Wolf puxou Rachel para si, apoiou-se contra a parede e ergueu os olhos para Andrei.

— Que diabo veio fazer aqui? — disse ele. — O cantil está vazio. As munições acabaram-se.

Wolf deixou cair uma das mãos e pegou no acordeão, que estava a seu lado.

— Nem mesmo esta sucata funciona!

— Levanta-te, filho de uma cadela! — bramiu Andrei num tom de voz que fez estremecer o Bunker. — Levanta-te!

És um comandante dos combatentes judeus!

O choque produzido por este rugido restituiu a Wolf um pouco de vida. Ele ergueu-se penosamente e retesou-se diante de Andrei Androwski; depois titubeou e começou a oscilar para a frente, para trás, para a frente, para trás...

— Então, que se passa?

Wolf humedeceu os lábios.

— Os Alemães... aproximaram-se do Bunker... todos nos pusemos a pé. Vimo-nos obrigados a atirar... porque um imbecil abriu fogo, contrariamente às minhas instruções.

Passados dez minutos não nos restava uma bala... nem uma só... de modo que começámos a arremessar pedras.

Pedras, imagine, para sustentar o exército alemão! Pois, Andrei! Pedras! Pedras!...

Wolf interrompeu-se a fim de recobrar a respiração.

— Eles atacaram-nos com morteiros e com lança-chamas.

Eu vi-os, eu vi-os transformar os meus soldados em tochas... e arremessei pedras contra eles...

— Deixa-o, por amor de Deus! — implorou Christopher de Monti.

Porém, Andrei não desviou a vista de Wolf. E prosseguiu :

— É tudo isto o que resta?

Wolf piscou os olhos como um ébrio e mirou os seus homens.

— Na noite passada setenta e quatro combatentes ainda se encontravam no Bunker; ríamos todos, sentados no soalho, dizendo que precisávamos de um bom banho, que as vinte raparigas dificilmente podiam satisfazer todos os homens e que, se todos tivessem dinheiro, que fortuna elas fariam! Depois, entoámos canções sobre a Galileia, até o acordeão se desconjuntar por completo.

Eis o que restava: alguns espanta-pardais...

— Basta, Andrei! — gritou Ana. — Basta!

Andrei ergueu-a e deu-lhe um par de bofetões, cujo eco despertou os combatentes que ainda restavam no Bunker.

— De pé, todos, bastardos! — bramiu ele. — De pé, malditos!

Todos se levantaram penosamente, uns após outros.

— Agora, ouçam-me! Enquanto tiverem pulmões para respirar, é preciso que se batam. Vamos voltar a Mila 18; lá encontraremos armas.

A cólera de Andrei paralisara Christopher de Monti.

Sim, Andrei possuía o poder místico de conduzir este bando de espantalhos a mais um combate.

— Chiu... Alguém se aproxima. Silêncio.

Tolek penetrou, cambaleante, no Bunker. Os seus longos cabelos estavam empastados de imundície, de espessas camadas de lama. Parecia um macaco peludo e selvagem das primeiras eras. O seu vestuário achava-se em tiras e a cabeça ensanguentada em virtude de se ter aberto uma antiga ferida.

Fez um aceno a Andrei e indicou-lhe a cela do comandante.

Andrei e Tolek encontravam-se a sós no quarto de Wolf.

— Mila 18 foi capturada — anunciou Tolek.

— Tens a certeza?!

— Sim, absoluta.

Simon! Deborah! O rabi Solomon! Alex! Andrei cobriu o rosto com as mãos e mordeu tão fortemente o lábio que o fez verter sangue. Começou a tremer com tal violência que Tolek lhe lançou as mãos aos cabelos, arrepanhando-os brutalmente.

— Domina-te, Andrei! Domina-te!

Bruscamente, Andrei recobrou a presença de espírito.

— Quantos combatentes ainda te restam, Tolek?

perguntou ele mansamente.

— Cento e trinta e dois.

— Deve haver mais uns vinte ou trinta na extremidade sul — disse Andrei rapidamente.

A sua mente calculava, gizava plano sobre plano. Dê— dobrou sobre a mesa uma cópia do plano dos esgotos e traçou uma rota... ( — Vou voltar a Mila 18 — disse ele. — Tu ficas aqui.

Por volta das quatro horas já devo ter reunidos os teus combatentes e os sobreviventes que encontrar em redor de ' Mila 18. Procederemos a um ataque de diversão sobre o sector oeste do ghetto a fim de manter este Bunker longe das atenções dos Alemães. Assim podereis seguir para as condutas. Agora há apenas uma coisa que importa: salvar Christopher de Monti. — Acompanho-te a Mila 18 — disse Tolek. — Wolf conduzirá a gente dele pelos esgotos.

— Não temos tempo para discussões estéreis. És tu quem os conduz pelos esgotos!

Tolek cerrou os dentes e afirmou, com um movimento de cabeça, que obedecia.

— Às quatro horas, quando desencadearmos o nosso ataque, enviarás, pela rádio, uma mensagem destinada ao sector ariano, anunciando 'a tua saída pela porta da Rua Os olhos de Tolek estreitaram-se. '!

— Rua Prosta! Mas... até lá temos de percorrer sete ou oito quilómetros por pequenas canalizações! É impossível!

Ser-nos-ão precisas seis ou sete horas! , — Todos que tentem escapar-se pelas grandes condutas , não fazem senão uma loucura. Não conseguem iludir os Alemães. Estas pequenas condutas laterais são a única possibilidade.

— O Vístula está subindo. Temos de avançar de rastos nas pequenas condutas. Afogar-nos-emos.

Andrei deu uma palmada no ombro de Tolek.

— Tu consegui-lo-ás, Tolek. É sionismo vivo, sabes.

Tolek pegou no plano.

— Tentarei.

Andrei voltou à sala grande. Reuniu meia dezena de espingardas e de pistolas sem munições, atou-as e colocou-as às costas.

— Bem — disse ele -, às quatro horas, vocês partirão para os esgotos. Tolek e Wolf conduzir-vos-ão por uma nova via. Boa viagem. Até ao próximo ano em Jerusalém.

Wolf, Chris e Rachel estavam de pé, diante da escada que permitia a saída do Bunker da Rua Franciskanska ; bloqueavam a passagem a Andrei.

— Nós ouvimos a vossa conversa — disse Chris. — Mila 18 foi atacada. Voltamos contigo.

— Pois, pois — respondeu Andrei, num ar de gracejo.

— Não tentes impedir-nos! — ameaçou Chris.

Num só movimento, Andrei tirou a pistola a Chris, lançou Wolf por terra com um soco e afastou a sobrinha, que se estendera ao comprido diante dele.

— Tolek! — disse Andrei, arremessando lhe a pistola. Se um destes dois fizer um gesto, utiliza isto. Dou-te ordem para furares os miolos de Wolf, caso seja necessário.

Quanto a Chris, atira lhe a uma asa, mas não o maltrates muito, pois ele ser-te-á uma carga muito pesada se tiveres de o arrastar pelos esgotos.

Furioso, Chris quis saltar sobre Andrei; porém, Tolek meteu-se entre os dois homens e encostou o cano da pistola ao peito de Chris. Este, como não duvidasse de que Tolek obedeceria às ordens de Andrei, resmungou e recuou.

— Chris — disse lhe Andrei numa voz doce -, não te esqueças onde estão enterrados os arquivos. Não o esquecerás, não é verdade?

— Não o esquecerei — respondeu Chris com voz rouca.

— Não, não o esquecerei.

Andrei subiu dois degraus da escada.

— Tio Andrei! — gritou Rachel, que correu para ele e lhe colocou os braços em volta do peito. Chorava.

— É bom — disse Andrei — que mesmo num lugar destes ainda nos restem algumas lágrimas para verter e corações doloridos que sintam ainda amor. É bom que sejamos ainda seres humanos. Rachel... tu sairás deste maldito lugar e tornar-te-ás uma ótima mulher.

— Adeus, tio Andrei.

Lá fora, Andrei envolveu cuidadosamente os pés nos farrapos e começou a sua caminhada sobre o entulho, brincando ao gato e ao rato com os projetores, que cruzavam os seus clarões, lançando-se para o chão quando os obuses rebentavam diante dele. Não restava grande coisa para arder nem para demolir. Uma parede, por trás dele, vacilou e tombou fragorosamente, projetando à sua volta destroços que o atingiram. Andrei cambaleou, caiu, levantou-se e correu para o holocausto.

Numa hora chegou a Mila 18.

Os Alemães tinham partido. Como sempre, abandonavam um Bunker depois de o terem inundado de gases, balas, chamas; dois ou três dias mais tarde voltavam, mas faziam-se preceder pelos cães antes de ousarem eles próprios lá penetrar. Andrei desceu pela entrada principal do rés-do-chão.

Os gases asfixiantes tinham esgotado a sua fúria.

Encontrou-se no pequeno corredor ladeado de celas.

Diante de si, uma massa de cadáveres enlaçados. Passeou sobre eles a sua pilha eléctrica. Lançou um olhar para a cela do comandante. Estava vazia. Encontrou o rabi Solomon na sua cela, estendido, rígido, sobre o leito, com uma Tora nas mãos descarnadas.



Andrei caminhou sobre os cadáveres imóveis **no** corredor principal. A sala Chelmno, que contivera as reservas de munições, era uma cena de desolação, repleta de corpos calcinados que as explosões das bombas-garrafas tinham tornado irreconhecíveis.

Espera!

Tosse!

Débeis... débeis espasmos de tosse.

Na sala Majdanek, gargantas que sufocavam, arquejos...

Andrei correu por cima dos cadáveres.

— Simon! Deborah! Alex! — chamou a sua voz solitária na obscuridade.

Projeteu o foco da pilha sobre os cadáveres estendidos na sala Majdanek. Dois ou três respiravam ainda com o desespero do peixe fora da água.

— Simon!

Andrei voltou o corpo do seu comandante. Simon Eden estava morto. Depois o foco incidiu sobre o rosto sem vida de Alexander Brandel, que apertava o pequeno Moses contra o peito.

Voltou os cadáveres um por um. Combatentes que tinham tentado deter os civis. Crianças... crianças... crianças. A pilha iluminou os tijolos removidos da conduta.

— Deborah!

Andrei tombou sobre os joelhos junto do corpo da irmã, que se encontrava meio dentro, meio fora da sala; ela fora abatida ao passar uma criança através da conduta para o abrigo de Mila 19. Quando lhe tocou, sentiu o peito da irmã arfar. Ela vivia ainda.

— Deborah!

— Não... não...

— Deborah... estás viva!

— Não... não... olhes para mim. Estou cega.

— Oh, meu Deus! Deborah... minha irmã, minha irmã!

Ele ergueu-a nos braços, dirigiu-se para um canto, embalou-a como a uma criança e cobriu-lhe o rosto de beijos.

Ela tossiu, arquejante; sofria horrivelmente.

— Algumas crianças estão vivas em Mila 19 — murmurou ela, numa voz débil, muito débil.

— Chiu!... Não fales... não fales...

— Chris... Rachel... Wolf...

— Sim, minha querida... sim. Eles escaparam. Estão a salvo.

Ela emitiu um som de alívio e gemeu, pois a acidez do gás picava lhe os pulmões.

— Andrei... elas sofrem... as crianças sofrem. Mata-as... põe termo ao seu suplício...

— Deborah! Deborah! Deborah!

— É tão bom... que tu me... tenhas... nos teus braços...

Andrei... perdi a minha pílula... Dá-me uma... suplico-te... uma...

Andrei remexeu no bolso interior e retirou uma cápsula de cianeto, que pousou entre os lábios crestados da irmã.

— É tão bom... que tu me tenhas... nos teus... braços...

Senti tanto medo... de estar só... Andrei canta a cantiga da mãezinha... quando éramos... pequenos...

Qual é a melhor Sehora?

O meu pequeno... há de... aprender a Tora...

## CAPÍTULO XXII

Gabriela deu um salto no leito. Ficou ereta, rígida, o coração a pulsar com uma violência impiedosa. O sonho de uma corrente de ar fresco que atravessava o quarto era desprovido de qualquer fundamento real. A nitidez do pesadelo tinha-a banhado em suor. Vira Andrei, um fantasma que flutuava por cima dos escombros fumegantes do ghetto.

Ela voltou-se sobre a ilharga e olhou o mostrador luminoso do relógio da mesa de cabeceira: 3 horas e 45 minutos.

Com um gesto de autômato, pôs a funcionar o rádio, o que fazia sempre quando se achava desperta. Talvez recebesse hoje uma mensagem do emissor do ghetto... Há vinte e seis dias que não escutava nenhuma, desde que tinham ido buscar quatro crianças às condutas para as conduzir ao padre Kornelli. Vinte e seis dias de silêncio.

Vestiu um roupão e dirigiu-se para a varanda do 4.º andar, onde residia. O seu sonho de frescura era bem falso : fazia calor lá fora, a Primavera avançava para o fim. A Lua iluminava o ghetto. Contemplou-o durante longo tempo, como o contemplara por muitas horas, todos os dias. Alugara este novo apartamento porque, da sua janela, podia ver o ghetto.

O fogo da artilharia cessara. Quase nada restava de pé.

A luminosidade da Lua acariciava os montões de tijolos.

Bip... Bip... Bip...

Um som indistinto no rádio.

Precipitou-se a correr para o quarto.

Bip... Bip...

O sinal desvaneceu-se e tornou a surgir. Bip... Bip...

Bip...

Bruscamente, o silêncio.

Sentou-se; não ousava respirar; esperou que o posto tornasse a emitir; mas nada mais ouviu.

Quase simultaneamente, um súbito ruído de fuzilaria proveniente do ghetto rompeu a quietude. Pôs-se de pé, num pulo, e precipitou-se para a varanda, mas nada conseguiu distinguir. A fuzilaria redobrou de intensidade.

Gabriela fechou a porta que dava acesso à varanda, puxou as cortinas e acendeu a lâmpada que se encontrava ao lado do telefone. Imobilizou-se por um momento, na esperança de que o ghetto repetisse a sua emissão. Acendeu um cigarro, tirou nervosamente algumas baforadas, depois, num impulso irresistível, marcou um número.

Do outro lado da linha respondeu uma voz ensonada :

— Kamek? Aqui, Alena.

-Diga.

— Ouviu o emissor?

— Sim. Mas não compreendi.

— Nem eu — disse Gabriela. — Que faremos?

— Nada antes do fim do recolher. Venha a minha casa logo que nasça o dia.

O Oberführer Funk estava a cair de sono diante do seu relatório. Eram quase 4 horas da madrugada, mas queria acabá-lo e expedi-lo para Kruger, Globocnik e Himmler.

A insurreição durava há um mês, mas ele podia agora dar garantias sobre o fim das operações de maior envergadura.

O resto não seria mais que mera limpeza; apenas uma formalidade!

Faltava bem pouco para que pudesse, sem reservas, cantar vitória.

Bocejou; os seus olhos lacrimejavam. Após a assinatura no fundo do relatório. Uma última gota de Schnapps.

Depois, cama.

4 horas.

Funk desatou o roupão de seda.

Fuzilaria! Mas que diabo... Não era possível! Ordenara à artilharia que cessasse o fogo às 2.30 e às patrulhas que voltassem às suas posições fixas!

Tornou, rapidamente, a atar o roupão, dirigiu a mão para o telefone, depois deixou-a cair. Sacudiu-o um brusco arrepio de medo. Teriam os Judeus desencadeado um ataque?

Impossível! Não, tratava-se da descoberta de outro Bunker, eis tudo! «Não permitas que a tua imaginação se ponha a magicar novos aborrecimentos, Alfred! Calma! Calma, agora!» Depois de beber mais um trago, recostou-se novamente na cadeira.

O som da fuzilaria tornou-se mais violento. A mão de Funk tocou outra vez o telefone, para voltar a cair. Passou a língua pelos lábios secos, afundou-se na cadeira e esperou.

O relatório para Berlim, Lublim e Cracóvia estava pousado diante dos seus olhos.

De: Führer das SS e da Polícia, distrito de Varsóvia, operações especiais.

Referência n.º: 1 ab/ST/Gr — 1607 — Diário n.º 663/43 —

## **SECRETO.**

Objeto: Grande operação no ghetto.

Para: Reichsführer Der Schulzstaffel Himmler, Berlim.

SS Obtrgrunfilhrer, General da Polícia, Cracóvia.

Grunführer do Governo-Geral, SS, SD, Lublim.

Tenho a honra de comunicar a informação seguinte :

1. Até à data, um total de 34795 judeus e outros sub-humanos foram capturados para deportação. 7654 mortos na antiga zona residencial.

Cerca de 11000 mortos nos Bunkers, por asfixia, chamas, etc.

Conclusão :

Com exceção de uma resistência esporádica ainda oposta por alguns judeus e sub-humanos sobreviventes, cumprimos com êxito a nossa missão.

2. Balanço da redução do complexo residencial judaico :

a) 612 Bunkers destruídos ;

b) A chamada zona residencial judaica já não existe. Três edifícios continuam de pé: a Igreja dos Convertidos, uma parte da Prisão Pawiak e o imóvel da Autoridade Civil Judaica (antiga estação de correios, local conveniente para efetuarmos a execução dos que não desejamos transportar).

3. Despojos recolhidos até ao presente :

a) 7 espingardas polacas, 1 espingarda russa, 7 espingardas alemãs ;

b) 59 pistolas de diversos calibres ;

c) Várias centenas de granadas de mão, incluindo granadas polacas e de fabrico manual ;

d) Algumas centenas de garrafas incendiárias ;

e) Explosivos de fabrico caseiro e máquinas infernais com espoletas ;

f) Uma grande variedade de explosivos e de munições de todos os calibres. (Nos Bunkers destruídos não pudemos encontrar muitos despojos; tudo estava bastante danificado. As granadas de mão capturadas foram utilizadas por nós contra os bandidos.) Em seguida tenho a honra de mencionar :

1. 1200 uniformes alemães usados (dólmãs) e 600 pares de calças usadas. (Alguns uniformes tinham medalhas.) 2. Algumas centenas de capacetes sortidos.

3. 4 milhões de zlotys (de deportados). 14000 dólares, 9000 dólares-ouro ; um valor indeterminado de ouro, anéis, relógios e joias.

Tenho a honra de comunicar que, hoje, o principal Bunker dos bandidos judeus foi localizado num lugar conhecido como Mila 18 e sumariamente destruído com gás, chamas, dinamite e pelo fogo de armas ligeiras.

Os escombros da reserva residencial judaica fornecer-nos-ão vastas quantidades de sucatas e tijolos que podem ser utilizados em futuros projetos de construção Não quero deixar de citar os valentes soldados das Waffen SS e da Wehrmacht reunidos sob este comando. É a sua invulgar devoção em face do inimigo «invisível» que devemos esta vitória. Eles esquadrinharam os esgotos, infiltraram-se de rastos nos Bunkers, expondo-se constantemente ao fogo do inimigo. Estes camaradas não deviam ser esquecidos.

Em separado, recomendo as condecorações seguintes :

Cruz de Ferro, de 2.<sup>a</sup> classe: SS Hauptsturmführer Zisenis.

Cruz do Mérito de Guerra, de 2.a classe, com espadas: SS Untersturmführer Manfred Plank, SS Rottenführer Joseph Blesche.

É MINHA FIRME OPINIÃO QUE PODEREI ANUNCIAR-VOS OFICIALMENTE O EXTERMÍNIO FINAL DOS JUDEUS DE VARSÓVIA ANTES DE SETENTA E DUAS HORAS.

Heil Hitler!

Assinado :

SS OBERFÜHRER ALFRED FUNK Cópia certificada :

(Jesuite) SS Sturmbannführer Horst von Epp entrou na sala, mas não disse nada.

Os dois escutaram, escutaram, escutaram, durante perto de uma hora, antes que cessasse o fogo no ghetto.

5 horas.

O alvorecer do segundo mês da insurreição estava próximo.

Nem Alfred Funk nem Horst von Epp ousaram levantar o telefone.

Bateram à porta.

— Entre!

O Untersturmführer Manfred Plank, patenteando os efeitos da batalha, perfilou-se diante do general; nos olhos tinha uma expressão feroz.

— Heil Hitler! — exclamou ele com menos vigor do que habitualmente.

— Heil Hitler! — respondeu Alfred Funk. — Que se passou? — perguntou Horst von Epp.

Os dois tiveram a impressão de que o corpo esbelto do jovem ariano ia desfalecer.

— Fale! — ordenou Funk.

Os lábios de Plank tremeram.

— Dirijamo-nos para a nossa posição fixa na extremidade oeste da Rua Niska...

— Fale!

— Como... como fantasmas, eles saíram das ruínas e saltaram sobre nós! Eles não lutavam como seres humanos...

— Fale! — gritou Funk, pela terceira vez, ao oficial desorientado.

— Fomos obrigados a abandonar as nossas posições.

— Porco!

— Herr Oberführer! — gritou Manfred Pank. — Fui condecorado por duas vezes pela minha bravura na frente leste. Como resultado da minha atitude intrépida em combate, fui enviado para um campo de treinamento das Waffen SS. Asseguro lhe, senhor... Asseguro lhe que existem lá forças sobrenaturais.

— Saia — disse Funk sibilinamente.

Ele não ouviu o Untersturmführer unir os calcanhares ;  
Plank fez uma saída rápida.

O suor empastava de tal modo as mãos de Funk que não conseguiu segurar o copo. Pegou no relatório em que anunciava a vitória e lançou-o para o cesto dos papéis ;” depois de o fazer em mil bocados. Em seguida levantou os olhos para Horst, que estava completamente atónito.

— Mesmo das suas sepulturas...

— Esta noite, perdemos realmente a nossa batalha.

Apoiado sobre as mãos e os joelhos, os ombros raspando o topo do cano, Wolf Brandel meteu primeiro pela conduta que atravessava em diagonal a extremidade leste do ghetto, Rachel, que o seguia, agarrou-se lhe pelo artelho.

Tolek agarrou o artelho de Rachel, Chris o de Tolek. Ana o de Chris. Constituiu-se assim uma cadeia entre os vinte e três combatentes que abandonaram o Bunker depois de terem enviado o sinal pela rádio para o sector ariano.

Oito bips, uma pausa, seis novos bips. A mensagem foi repetida duas vezes. Traduzida em código, queria dizer :

«Vinte pessoas chegarão pelo tampão da Rua Prosta.» Dez segundos depois de Andrei lançar o ataque de diversão no sector oeste do ghetto, Wolf e Tolek começaram a arriscada viagem.

Os canos laterais, que comunicavam com as grandes condutas, tinham pouco mais de 1 metro de diâmetro, e para se avançar pelo interior era necessário rastejar laboriosamente sobre as mãos e os joelhos.

Um silêncio absoluto tinha sido ordenado pelos chefes.

Eles avançavam metro a metro, enquanto, por cima das suas cabeças, Andrei lançava o seu ataque contra a companhia das SS de Manfred Plank e semeava a confusão entre os Alemães a fim de os



distrair. Andrei escolhera cuidadosamente esta rota do desespero. Ninguém pensara jamais em vigiar as condutas laterais porque não se acreditava que um ser humano pudesse aventurar-se por aí.

Chegaram à Rua Nalewki. Nesse ponto a conduta secundária desembocava no grande Kanal. Wolf fez deter os companheiros e avançou, ladeando, no escuro, passeando as mãos pelas paredes, a fim de descobrir no outro lado o prolongamento da pequena conduta. Cadáveres flutuavam na água pútrida, levados pela corrente rápida, roçando Wolf de passagem. O jovem tropeçava neles. Em certa altura perdeu o equilíbrio e foi arrastado uma vintena de metros sob as águas imundas; emergiu, ergueu-se um pouco e recomeçou a tatear a fim de encontrar a conduta. Foi-lhe precisa uma hora para a descobrir.

Depois tornou a atravessar o Kanal e tomou Rachel pela mão. Mãos nas mãos, a cadeia humana percorreu o grande esgoto e, sobre as mãos e os joelhos, penetrou no prolongamento da conduta lateral.

Durante uma outra hora de suplícios, a cadeia avançou passo a passo. Os infelizes sofriam de lancinantes dores nas costas, os joelhos, em carne viva, sangravam; acabaram por ter de avançar de olhos fechados, devido à poeira que os cegava.

A conduta desembocou no Kanal da Rua Zamenhof.

Três horas torturantes tinham decorrido depois do começo da evasão.

De novo Wolf teve de atravessar sozinho a conduta e procurar, de memória, tateando, a outra conduta.

Passou uma hora.

Quando ele conduziu a cadeia para o outro lado do Kanal de Zamenhof, os fugitivos encontraram-se numa conduta lateral que carreava águas volumosas e que corriam com ímpeto. Para aí se lançaram sobre as mãos e os joelhos, sempre em direção ao sul. As águas afloravam lhes o queixo, salpicavam lhes os olhos, o nariz, os ouvidos, o cabelo.

Seis horas mais tarde passaram sob a Igreja dos Convertidos, depois sob a fábrica de uniformes, em escombros, depois sob os muros do «corredor polaco».

A todo o comprimento da cadeia os combatentes dê— faleciam, um após outro. Eles tinham de se deter para — ’— fazer recobrar, com alguns bofetões, a consciência dos dê— falecidos; depois a cadeia punha-se de novo a caminho.

O silêncio não teve de ser quebrado quando um deles se precipitou na água e submergiu. A cadeia voltou a cerrar-se. Restavam vinte e dois, em vez dos vinte e três que tinham partido.

Depois, outro desapareceu, e ainda outro.

Após terem rastejado durante oito horas, a conduta tornou-se mais ampla. Puderam então avançar de pé, ligeiramente inclinados. A altura das águas era de poucos centímetros. Wolf não permitiu que os companheiros aproveitassem esta pausa. Conduziu-os para a frente a fim de que pudessem beneficiar das facilidades que agora se lhes ofereciam.

Os mais resistentes punham de pé os mais fracos.

Dores... náusea... torpor... semi-demência... semi-vida... eles continuaram, sem se deter, através da imundície, até que, na sua nona hora de marcha, deixaram o ghetto e o «corredor polaco»; então procuraram o grande Kanal, a fim de descerem a Rua Zelazna.

Mas a certa altura, devido à escuridão, enganaram-se no caminho e viraram para norte. Assim, descreveram círculos, sempre patinando sem progredir. Wolf imobilizou-os, tentando orientar-se e descobrir o grande Kanal.

Sem bússola, sem luz, sem poder falar, utilizando simplesmente a memória confusa que guardava do plano, que estudara durante algumas horas, o jovem perdeu completamente a orientação. Inútil continuar a avançar. Mais três companheiros desfaleceram, sendo Ana um deles. Se não lhes permitisse repousar, todos sucumbiriam. Wolf recuou até junto de Tolek e, pela primeira vez em nove horas, falou.

— Descansar — disse ele.

Repouso... repouso... repouso. A palavra mágica repercutiu ao longo da linha.

Sentaram-se na conduta; as águas de esgoto turbilhonavam em redor deles; arquejavam; tinham fome e sede ; achavam-se esgotados; as suas mãos e os joelhos estavam ensanguentados.

Tolek e Chris sustinham a cabeça de Ana para evitar que ela tombasse nas águas.

Wolf avançou, só, de rastos, contando cuidadosamente cada passo, e acabou por atingir o grande Kanal. Aí, foi incapaz de se orientar, pois a canalização da Rua Twarda desembocava, em ângulo, na rede de esgotos. Não conseguia compreender. Encontravam-se a mais de 1500 metros de distância do tampão da Rua Prosta. Felizmente, o grande Kanal estava provido de parapeitos que lhes iam permitir recuperar forças.

Wolf recuou e conduziu os companheiros para a grande canalização da Rua Twarda; eles subiram para os parapeitos e deixaram-se tombar no solo.

Wolf, Tolek e Chris estavam num estado intermédio entre a consciência e a prostração; cada um tentava compreender a situação; punham-se as mesmas interrogações, sem necessidade de conversarem. Teria sido recebida a mensagem dirigida ao sector ariano? Esperá-los-ia alguém na Rua Prosta... admitindo que lá chegassem?

Na sua qualidade de comandante, Wolf tinha outras decisões a tomar. Tentou orientar-se. Supunha, com razão, que se encontravam sob o antigo pequeno ghetto, que agora era habitado, em grande parte, por polacos. Este sector, não o ignorava, era estreitamente vigiado pela polícia, em consequência de se achar próximo do ghetto. Por cima das suas cabeças ouviam os motores dos veículos e a marcha de soldados. «Estamos muito perto da Praça Grzybow», disse Wolf para consigo. Era um ponto de confluência que servia aos Alemães para penetrarem no ghetto pela extremidade sul.

A luz do dia filtrava-se pelos pequenos tampões do parapeito. Wolf lançou um olhar para os seus homens.

Encontravam-se numa dura batalha contra a exaustão. Um a um, os companheiros recobriram uma semiconsciência.

Se estivessem agora no ponto que imaginava, todos se achariam ao abrigo dos gases asfixiantes e dos detectores de som. As águas começavam a subir e esparrinhavam para o parapeito. Não

podiam fazer outra coisa agora senão esperar a noite... esperar a noite.

A casa de Kamek, em Brodno, ficava próximo da estação de caminho de ferro subterrâneo que se dirigia para as florestas de Machalin e para Lublim. Gabriela chegou pouco depois de ter sido levantado o recolher.

— Eles estão lá em baixo, nos esgotos — gritou ela.

Kamek era um homem que só dificilmente se perturbava.

Cruzou as mãos atrás das costas e juntou cuidadosamente as peças do puzzle.

— Onde se encontram eles? Não sabemos. Nem você nem eu compreendemos o significado da mensagem. Devem estar sob um dos quinze tampões.

Gabriela esfregou as têmporas e tentou pensar.

— Além disso — prosseguiu Kamek -, os nossos dois camiões desapareceram. Ontem à noite a Gestapo fez uma incursão sobre o nosso quartel-general; os nossos homens dispersaram-se.

— O exército do interior... Roman...

— Não podemos contar com eles. Algum pode bater com a língua nos dentes.

Gabriela sabia que ele tinha razão. Fez uma careta.

Kamek, outrora Ignacy Pownicki, fora um jornalista, partidário ardente da camarilha dos coronéis que governava o país e da classe reacionária dos aristocratas do período posterior à guerra. Os acontecimentos tinham modificado as suas opiniões. Os sentimentos de humanidade sobrelevaram o seu nacionalismo. Kamek era um dos raros que se revoltaram com as brutalidades perpetradas no ghetto e sentiam vergonha do comportamento do povo polaco. Não abraçava pessoalmente as filosofias dos esquerdistas, mas sentia-se de alma e coração ao lado deles, porque eram os únicos que davam apoio aos combatentes do ghetto. Kamek renunciara a sua identidade para se dedicar completamente ao trabalho clandestino da Guarda do Povo.

Era um homem frio e dava a impressão de que, por preguiça, se desinteressava das coisas urgentes.

— Eles estão algures, nos esgotos — murmurou Gabriela.

— Tenha calma, Gabriela! Você e eu somos os únicos que o sabem e que podem socorrê-los. Todos os chefes dos combatentes judeus conhecem a sua morada. Eles tentarão, certamente, contatar consigo. A melhor coisa que tem a fazer é ir para casa e esperar.

O cuco anunciou as horas.

— Ah, é o momento das notícias.

Kamek ligou o rádio e fechou os olhos a fim de refletir sobre o sentido exato das notícias, pois as informações verdadeiras dissimulavam-se sob uma torrente de palavras cheias de alusões misteriosas. Depois de Stalingrado, a guerra corria mal aos Alemães; a sua linguagem de sentido duplo não conseguia ocultar esse fato. Não foi comunicada notícia alguma sobre o ghetto, o que constituía um indício favorável, pois os Alemães gostavam muito de fazer alarde das suas vitórias. Kamek fechou o rádio.

Gabriela estava já de pé e dirigia-se para a porta.

— Mantenha-se calma! — repetiu ele.

A luz que se filtrava pelos tampões enfraquecia constantemente.

Wolf observou o seu desaparecimento gradual.

Não demoraria que caísse a noite. O jovem deslizou sobre o parapeito e dirigiu-se para o ponto onde jaziam os dezanove sobreviventes, entrelaçados como peixes capturados por uma rede. Dormindo breves sonos, durante o dia, tinham : recobrado algumas forças, recuperado uma pequena parte do vigor e do ardor perdidos no decurso da terrível jornada da noite anterior.

Wolf verificou com satisfação que poderiam pôr-se todos novamente a caminho. No momento em que a escuridão desceu ele começou a alertá-los. Pouco depois, a circulação por cima das suas cabeças diminuía e cessava. Longe, peças antiaéreas atiravam sobre os bombardeiros russos, ocupando as atenções dos Alemães na rua.

— Vamos — disse Wolf.

As águas corriam pela altura do peito. Wolf, primeiro, depois Tolek, e Chris a seguir, avançaram contra a corrente, dirigindo-se para o sul, numa direção que, sabiam, conduziria para longe do ghetto. Algumas das jovens mais baixas tiveram de se pôr nos bicos dos pés para que as águas não lhes atingissem a boca e os olhos.

Segurando-se pelas mãos, desceram o Kanal, na esperança de descobrir uma nova artéria lateral. Wolf contava os passos. Em três horas, segundo os seus cálculos, tinham ' percorrido pouco mais de duas centenas de metros. Havia sempre alguém que escorregava, que desfalecia ou que rompia o silêncio.

E depois os seus ouvidos captaram os ruídos de águas que se precipitavam mais adiante, no Kanal, isto é, noutro Kanal! Este ruído revigorou o ânimo da cadeia moribunda e fê-la realizar um novo esforço. Os dois esgotos confundiram-se ;

turbilhões, redemoinhos, agitavam furiosamente as águas.

Wolf ordenou uma paragem.

Rememorando o plano, tentou recordar-se do ponto onde duas grandes intersecções confluíam num tal ângulo. No ghetto não existia nada de semelhante. Um Kanal do tamanho daquele que se encontrava diante de si devia situar-se próximo do Bulevar de Jerusalém. Se assim era, achavam-se bem para lá do grande e do pequeno ghetto. Wolf resolveu explorar o local com o foco da sua pilha eléctrica; esta, porém, não funcionava. Chris tinha fósforos secos na sua bolsa de tabaco.

Um fósforo projetou uma luz frouxa, amarelada e triste, sobre os tijolos húmidos, viscosos, revelando também o esgotamento dos fugitivos.

Wolf compreendeu que era preciso acelerar, custasse o que custasse, a cadênciã desta corrida para a vida. Acendeu um segundo fósforo e aproximou-se da intersecção. Um terceiro fósforo permitiu lhe encontrar o que procurava: uma escada de ferro que conduzia para a rua.

— Que ninguém se mexa! — disse Wolf a Tolek e a Chris. — Vou subir lá acima para ver onde nos encontramos.

— Wolf!... Não!... — gritou Rachel.

— Não te inquietes. Há um ataque aéreo.

Ele subiu a escada e utilizou todas as suas forças para levantar o tampão, que cedeu apenas à quinta tentativa.

Abriu somente o suficiente para poder inspecionar as ruas vizinhas. Que sorte! Noite escura como breu. Blackout.

Ruas desertas.

— Ajudem-me a levantar o tampão.

Chris, Tolek e Wolf, arquejando, na escada estreita, acabaram por o levantar. Wolf lançou-se para fora e correu a abrigar-se junto de um edifício, contornou-o, voltou rapidamente e deixou cair, lentamente, o tampão. Ao descer a escada, esbarrou em Tolek. Chris ocupava-se em manter Ana e Rachel direitas, Rachel desfalecera novamente.

Ana achava-se no limite das suas forças.

— Encontramo-nos sobre a intersecção das Ruas Twarda e Zelazna.

— Quer dizer, estamos a duas centenas de metros da Rua Prosta.

Esperá-los-iam lá os guardas do povo? Tolek e Wolf concordavam que existia uma pequena possibilidade. Tinham decorrido vinte e quatro horas após terem transmitido a mensagem pela rádio e penetrado nos esgotos. Demais, em pleno dia, esta intersecção conhecia grande movimento.

Wolf decidiu fazer mais uma tentativa para se chegar à Rua Prosta. Ao mesmo tempo resolveu enviar Tolek ao apartamento de Gabriela.

— Tem cuidado e traz água.

Tolek e Wolf levantaram uma vez mais o tampão, colocando-o depois novamente no seu lugar.

Wolf tornou a descer e voltou para junto dos dezesseis companheiros.

— Encontramo-nos a três horas da Rua Prosta. Podemos lá chegar em pleno dia se todos derem o seu máximo de esforços. Tolek saiu para ir procurar água. Ele esperar-nos-á.

— Não! Não! — gritou uma jovem. — Nunca o conseguiremos! Não!

— Façam-na calar — grunhiu Wolf.

— Não! — gritou novamente a jovem, que começou a beber a água de esgoto no seu acesso de demência.

Wolf aproximou-se dela, riscou um fósforo, puxou-a pelos cabelos e levantou-lhe a cabeça da água contaminada.

A mulher perdera a razão. Em alguns segundos, o veneno dos gases asfixiantes atingiu lhe o estômago; ela retorceu-se duas ou três vezes e morreu.

Wolf deixou-a cair. Ela tombou nas águas que redemoinhavam e foi arrastada para o grande Kanal.

— Escutem-me bem todos! Nós sobreviveremos! Juro-vos que sobreviveremos! Ainda duas horas, e teremos água para beber! Lutem! Vivam! — suplicou ele.

Deram-se as mãos e avançaram para norte, no meio dos redemoinhos. Os turbilhões de água romperam a cadeia ; antes que a pudessem fechar, um combatente desfaleceu, mergulhou nas águas e desapareceu.

— Todos juntos! — gritou Wolf. — Deem-se as mãos!

Avancem! Dentro de um minuto estaremos para lá desta intersecção!

Completamente aturdidos, sem saber para onde se dirigiam, continuaram a avançar para norte. Cada passo era um suplício. Todos imploravam a um Deus desconhecido.

«Quero viver... quero viver... quero viver...» «Sobreviver... sobreviver... sobreviver...» «Que Deus me ajude a viver... a viver... a viver... a viver...»



## CAPÍTULO XXIII

Tolek Alterman movia-se pelas ruas de Varsóvia com a destreza de um gato de beco. Depois de ter circulado no ghetto durante vários anos, por último entre escombros, chamas e paredes que desabavam, esta expedição parecia lhe, em comparação, uma brincadeira de crianças.

Eram 4.30 da madrugada quando se deteve diante da porta de um apartamento do 4 da Rua Długa. Na placa lia-se: «Alena Borinski». Bateu à porta; um golpe seco. A porta entreabriu-se; bloqueava-a de noite uma corrente.

— Quem é? — perguntou Gabriela cautelosamente.

— Não grite quando me vir. Venho dos esgotos.

Gabriela retirou a corrente. Tolek entrou cambaleante e procurou desesperadamente a cozinha. Empurrou uma porta. Ei-la. Abriu uma torneira, colocou a cabeça sob a água e bebeu como um louco. Gabriela fechou a porta atrás de si e contemplou esta cena de demência: ele emitia pequenos grunhidos inarticulados à medida que a água lhe escorria pela garganta ressequida.

Uma silhueta cinzenta que parecia provir de outro planeta, irreconhecível como ser humano, colada à torneira.

Ele bebia com muita rapidez; vomitou na pia e colocou a boca novamente sob a água que corria; sentia dores tremendas no ventre. Por fim, a sua sede apaziguou-se, e ele estendeu-se por terra, desfeito em lágrimas, numa crise histérica.

Gabriela correu para o telefone.

— Kamek! Venha depressa a minha casa logo que seja levantado o recolher! Traga vestuário e tudo que tiver de comer.

— Eles já chegaram?

— Sim.

Gaby embebeu um trapo em álcool, limpou a fronte de Tolek e reconfortou-o.

— Lamento — murmurou ele. — Lamento...

— Conte-me tudo, por favor. Conte-me tudo.

— Vinte e dois ou vinte e três de nós partiram pelos esgotos...  
Recebeu a nossa mensagem?

— Sim, mas não a consegui decifrar. Meu Deus, teriam vocês passado vinte e quatro horas nos esgotos?

— Sim. Restam dezesseis, talvez dezessete. Alguns enlouqueceram, tanta sede sentiam. Beberam as águas... Eu bem lhes disse para não o fazerem... Outros submergiram.

— Onde estão agora?

— Tentam chegar à Rua Prosta.

É preciso que lhes levemos água.

— Nada poderemos fazer durante uma hora e meia; é preciso esperar pelo romper do dia, pelo fim do recolher.

Kamek estará aqui pouco depois.

Gabriela examinou mais atentamente a coisa que estava diante de si.

— A sua voz... Não o conheço?

— Tolek.

— Oh, meu pobre amigo! Não o consegui reconhecer.

— Penso que ninguém o conseguiria.

— Quais são os outros que se encontram lá em baixo?

— Christopher de Monti. Temos de o fazer sair.

Ela aprovou com um movimento de cabeça. Os seus olhos dilataram-se.

— E quem mais?

— Rachel... Wolf... Ana... " Ele interrompeu-se. A expressão de sofrimento que desceu bruscamente sobre o rosto de Gabriela era ao mesmo tempo uma pergunta muda e a resposta. Ergueu-se, dirigiu-se para a cadeira da cozinha e deixou-se cair sobre ela.

Mordeu um lábio. Não lhe restavam muitas mais lágrimas para verter; as últimas que guardara de reserva desceram lhe pelas faces. Andrei estava lá fora... no ghetto... conduzindo cargas de cavalaria... Andrei não sairia mais do ghetto. Ela foi ajoelhar-se ao lado de Tolek e ajudou-o a levantar-se.

— Venha — disse Gaby. — É preciso que se lave e que adquira um ar apresentável.

Gabriela encheu quatro sacos de provisões com pão, queijo e garrafas de água. Cada saco estava provido de um cordão atado à alça a fim de o poderem descer rapidamente no canal.

Kamek chegou, calmo, como era costume.

— Hoje é domingo — disse ele, como se monologasse.

— Domingo, é um sarilho. Não podemos conduzir um carro de feno nas ruas ao domingo. Tenho de arranjar um coberto e tentar a sorte.

Tolek saiu da casa de banho. Durante duas boas horas ensaboara-se e friccionara o corpo. Parecia de novo, se bem que vagamente, um homem. Colocou na cintura uma pequena alavanca destinada a levantar o tampão mais facilmente e pegou em dois dos sacos.

— Espero que eles tenham conseguido chegar ao tampão da Rua Prosta — disse Tolek. — Quando os deixei, estavam em muito mau estado.

Kamek ergueu-se.

— Depois de lhes ter passado esses sacos, espere no café que fica ao fundo da rua. Aguarde o meu caminhão.

— Despache-se com esse caminhão — disse lhe Gabriela.

— Eles encontram-se há trinta horas nos esgotos.

— Deixe o caso com o Kamek — disse Kamek.

— É dia — murmurou Wolf, espreitando pelo tampão.

— É dia e estamos na Rua Prosta. Hoje seremos salvos.

Soluços.

— Nosso Pai que estás no Céu...

— Oh, Deus misericordioso, salva-nos... salva-nos!

Christopher de Monti apoiou-se contra os tijolos. Segurava Ana com um braço e Rachel com o outro. As duas estavam quase inconscientes.

A cada segundo que passava, a morte aproximava-se.

Restavam doze.

— Ajuda-nos, Deus misericordioso!

— Hoje seremos salvos! — gritou Wolf. — Hoje seremos salvos!

Christopher de Monti escorregou, ergueu-se e ergueu as duas mulheres. O fogo da febre consumia-lhe os corpos.

Sombras sobre eles!

— Chiu... está alguém lá em cima... silêncio!

— Misericordioso... misericordioso...

— Chiu...

Aterrorizados, volveram os olhos para cima. Alguém erguia o tampão.

— Sou eu, Tolek! Eu, Tolek! Estão aí em baixo? Estão aí em baixo?

— Socorro... socorro...

— Tolek... ajuda-nos...

— Graças, senhor, eles estão vivos! Escutem-me: vamos fazer descer pão e água. Ficaremos por aqui perto até chegar o caminhão. Compreendem?

— Água... água...

— Água!

— Água!

— Água!

— Calma! — recomendou Tolek, descendo os sacos.

— Há sais num dos sacos.

Os sobreviventes, em lágrimas, soltaram gritos de júbilo quando abriram as garrafas. Beberam, refrescaram os órgãos desidratados. Comeram o pão e o queijo com grandes dentadas, com a selvajaria de animais esfaimados; depois, começaram de novo a chorar e a dizer preces.

Mesmo o calmo Kamek se sentia enervado. A sorte escapava-se-lhe das mãos. Dois proprietários de camiões cobertos tinham os veículos a reparar. Três outros não se encontravam na cidade; tinham ido ao campo buscar víveres.

Eram quase 11 horas.

Os sinos das igrejas repicavam. Os devotos iam para a missa ou regressavam dela.

Kamek dirigiu-se para o Solec, a casa de Zamoyski, o camionista dos gatunos. Não gostava de tratar com Zamoyski, um vigarista ignóbil. Kamek não tinha outra alternativa. Uma vez por

outra, em ocasiões desesperadas, os guardas do povo utilizavam o caminhão de Zamoyski... em troca de elevada quantia.

Quando Kamek entrou em casa de Zamoyski, este estava deitado, como acontecia todos os domingos, pois passara a noite numa tremenda orgia alcoólica.

— Num domingo?...

— Carregamento especial.

«Deve ser coisa grossa», pensou Zamoyski. «Posso conseguir uma boa maquia.» Resmungou com desdém :

— Ao domingo só os pagãos conduzem. Além disso...

Um maço de dólares americanos, verdes, surgiu nas mãos de Kamek, que o lançou para cima da mesa, a fim de acabar com a farsa.

— Espere ao menos que eu vista a camisa.

— Traga uma escada.

— Uma escada?

— Sim. As espingardas que vamos buscar estão num celeiro.

Meio-dia.

Gabriela e Tolek bebiam a sua quarta chávena de chá num café da Rua Prosta. Os sinos repicavam. Tolek tinha os nervos à flor da pele.

Depois da sua hora com Deus, os devotos passeavam com os seus belos atavios.

— Por que diabo se demora Kamek? — grunhiu Tolek.

— Eles estão naquele buraco há trinta e seis horas.

Gabriela acariciou-lhe a mão.

— Kamek não deixará de vir — disse ela.

Na conduta os víveres e a água tinham permitido que os doze sobreviventes recobrassem a consciência; sentiam-se capazes de mais um esforço para a conquista da vida, nem que demorasse algumas horas ainda o fim do seu suplício.

Ouviam os sinos repicar.

Várias crianças brincavam na rua, quase por cima das suas cabeças. As crianças formavam um círculo, lançavam uma bola, cantavam e batiam palmas.

Raz! Dwa! Trzy! Um! Dois! Três!

A bola foi lançada mais uma vez.

O rei romano tinha muitos filhos, Um deles tornou-se César.

Baixa-te no chão, eleva-te no ar, Raz! Dwa! Trzy! Um! Dois!

Três!

Sim, ele era, sim, ele era, O grande César.

O caminhão de Zamoyski subia o Bulevar de Jerusalém.

— Para onde? — perguntou ele.

— Rua Prosta.

Ele voltou na Rua Zelazna, depois meteu pela Rua Prosta.

— Pare diante do tampão do esgoto, a meio da rua, defronte do café.

A cara de Zamoyski iluminou-se com a descoberta.

— Que vem a ser tudo isto, Kamek? Não gosto deste negócio.

Espere um instante! Judeus, hem? Não quero envolver-me numa história de judeus!

Zamoyski sentiu qualquer coisa fria contra uma das faces. Era o cano da pistola de Kamek. , O caminhão parou defronte do tampão. Kamek encarava Zamoyski. Tolek e Gabriela precipitaram-se para fora do café. Tolek levantou o tampão, correu para a retaguarda do caminhão e retirou a escada. Gabriela fez sair de dentro da sua trincheira uma espingarda de caça de cano curto.

A luz da rua ofuscou por alguns instantes os olhos dos fugitivos do Kanal. Chris segurava um lado da escada, Wolf o outro. Fizeram subir os companheiros, quase os lançando para fora da abertura. Tolek pegava lhes e atirava-os para o bojo do caminhão.

Raz! Dwa! Trzy! Um! Dois! Três!

O rei romano...

As crianças interromperam a cantilena e ficaram de boca aberta diante dos objetos estranhos que emergiam do esgoto. A espingarda de Gabriela fê-los recuar.

Os passantes detiveram-se para contemplar a cena.

Os frequentadores do café vieram para o passeio; nem queriam acreditar no que os seus olhos viam.

Zamoyski gritava, praguejava.

— Estou perdido! Caí numa armadilha! Mãe Santíssima!

Estou pronto!

O último, Wolf Brandel, avançou a cambalear. Coxeava pesadamente. Foi arremessado, sem cerimónia, por cima dos outros, para o fundo do caminhão. Menos de dois minutos depois de Zamoyski ter parado defronte do tampão, o caminhão partia a toda a velocidade em direção da ponte de Brodno.

## CAPÍTULO XXIV

Entrada do diário

— Dezembro de 1943.

Sou eu, Christopher de Monti, quem redigirá o último capítulo do diário de Brandel e do Clube dos Bons Amigos.

Depois de ter passado alguns meses em esconderijos, cheguei à Suécia com Gabriela Rak, que espera um filho de um momento para o outro.

Aqui pouco se sabe sobre a insurreição, a despeito do fato de Arthur Zygielboim, ministro judeu do Governo polaco no exílio, em Londres, se ter suicidado em Junho último, como protesto contra a indiferença do mundo perante o genocídio do seu povo.

Que dizer do levantamento de Varsóvia? Como determinar os resultados de tal batalha? As baixas dos Judeus contam-se por dezenas de milhares, enquanto os Alemães perderam somente centenas.

Procuo, nos livros de história, descobrir um paralelo.

Nem no Álamo, nem nas Termópilas, se opuseram duas forças mais desiguais. Creio que dezenas e centenas de anos poderão passar, mas ninguém será capaz de deter a legenda que surgirá das cinzas do ghetto para cantar a epopeia da luta do homem pela liberdade e dignidade humanas. ' Este miserável exército, desprovido de qualquer arma valiosa, fez frente, durante quarenta e dois dias e quarenta e duas noites, ao mais formidável poderio militar que o mundo já conheceu. Isto parece-nos incrível quando nos lembramos de que várias nações sucumbiram ao fim de algumas horas diante do assalto alemão. A própria Polónia não conseguiu aguentar-se mais de um mês.

Quarenta e dois dias e quarenta e duas noites! No fim daquele período o Oberführer das SS Alfred Funk ordenou que a Grande



Sinagoga Tlomatskie fosse dinamitada e arrasada para simbolizar a destruição do judaísmo polaco.

Concederam-lhe a Cruz de Ferro de valentia.

Porém, Alfred Funk falhou, como todos os outros faraós tinham falhado.

O próximo ano verá o esmagamento da Alemanha nazi.

As cidades alemãs serão desmanteladas tijolo por tijolo e os seus habitantes perecerão nas chamas, da mesma maneira como os nazis destruíram o ghetto de Varsóvia.

Que acontecerá aos assassinos? Que sucederá a Horst von Epp e Frank Koenig? Sem dúvida, os seus pares morrerão de velhice, na cama, pois o mundo é indulgente e eles dirão que apenas executavam ordens. E o mundo dirá... esqueçamos o passado. O que lá vai, lá vai. Os próprios Alfred Funk talvez consigam escapar. Escutamos já a ginástica verbal do Governo polaco no exílio emitindo teorias apologéticas em proveito do seu povo, que cometeu a conspiração do silêncio.

Eu, Christopher de Monti, juro pela alma imortal do meu falecido amigo Andrei Androwski que não permitirei que o mundo esqueça. Voltarei à Polónia. Encontrarei os arquivos de Brandel e farei deles um estigma que cauterizará eternamente a consciência humana.

Wolf Brandel e Rachel Bronski, Tolek Alterman e Ana Grinspan combatem atualmente numa unidade de partisans judeus perto de Wyszkow, Stephan Bronski está vivo e de saúde na pequena casa de um lenhador chamado Gajnow, nas terras altas de Lublim. Um dia encontrar-nos-emos novamente.

Terminarei este último capítulo com as palavras do homem que escreveu a primeira entrada e a quem se devem os documentos históricos do Clube dos Bons Amigos.

Eis o que me disse Alexander Brandel no decurso da última noite que passámos juntos no Bunker de Mila 18 :

«-Se o ghetto de Varsóvia marcou o ponto mais baixo na história do povo judaico, marcou também o ponto onde ele se ergueu para atingir as alturas supremas. É estranho que depois de terem sido discutidas todas as filosofias, a decisão final de combater

fosse basicamente uma decisão religiosa. Rodei protestaria se me ouvisse; o rabi Solomon ofender-se-ia se eu lhe dissesse. Mas os que se bateram, quaisquer que tivessem sido as suas razões individuais, quando se ergueram em massa, obedeceram à aliança de Deus para se oporem à tirania. Mantivemo-nos fiéis às nossas antigas tradições a fim de defendermos as Leis». No fim de contas, éramos todos judeus.» E Alexander Brandel, sempre intrigado pelos desígnios de Deus e pelos não menos estranhos desígnios dos homens, sacudiu a cabeça, perplexo.

«— Não é curioso que o cúmulo da desumanidade do homem para com o homem produzisse também o cúmulo da nobreza do homem?» Alexander Brandel disse-me ainda outra coisa :

«— Morro um homem realizado. O meu filho viverá para ver Israel renascida. Eu sei-o. E, o que é mais, nós, os Judeus, vingámos a nossa honra como povo.»

Christopher De Monti

FIM

HG

Edição N.º 1090 , Este livro foi composto e impresso na Sociedade Astoria, Lda., para Publicações Europa-América, Lda., e concluiu-se em Maio de 1962

Contracapa

Leon Uris

No seu romance *Exodus*, que constituiu um êxito sem par, Leon Uris abordou alguns acontecimentos passados no ghetto de Varsóvia durante a ocupação alemã. Esses acontecimentos a tal ponto o interessaram que resolveu deslocar-se ao próprio local em que se desenrolaram para os conhecer mais a fundo.

Empreendida a viagem no Verão de 1959, entrevistou dezenas de sobreviventes e percorreu a zona em que se situara o antigo ghetto, incluindo uma cave do n.º 18 da Rua Mila, que foi o centro da resistência. O resultado desse inquérito pertinaz cá está: é *MILA 18*, um romance vigoroso e uma comovedora homenagem à memória de um heroico grupo de judeus cujo espírito não morrerá.